

AMAZÔNIA XXI

AMAZON 21

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

PRIMEIRO PRESIDENTE FUNDADOR |
FOUNDER AND FIRST PRESIDENT
Luiz Simões Lopes

PRESIDENTE | PRESIDENT
Carlos Ivan Simonsen Leal

VICE-PRESIDENTES | VICE-PRESIDENTS
Francisco Oswaldo Neves Dornelles
Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque

CONSELHO DIRETOR BOARD OF DIRECTORS

PRESIDENTE | PRESIDENT
Carlos Ivan Simonsen Leal

VICE-PRESIDENTES | VICE-PRESIDENTS
Francisco Oswaldo Neves Dornelles
Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque

VOGAIS | VOTING MEMBERS
Carlos Alberto Pires de Carvalho e
Albuquerque, Cristiano Buarque Franco Neto,
Ernane Galvêas, José Luiz Miranda, Lindolpho
de Carvalho Dias, Marcílio Marques Moreira,
Roberto Paulo Cezar de Andrade

SUPLENTES | DEPUTIES
Aldo Floris, Alexandre Koch Torres de Assis,
Antonio Monteiro de Castro Filho, Ary Oswaldo
Mattos Filho, Eduardo Baptista Vianna,
Gilberto Duarte Prado, José Ermírio de Moraes
Neto, Marcelo José Basílio de Souza Marinho,
Willy Otto Jordan Neto

CONSELHO CURADOR BOARD OF TRUSTEES

PRESIDENTE | PRESIDENT
Carlos Alberto Lenz Cesar Protasio

VICE-PRESIDENTE | VICE-PRESIDENT
João Alfredo Dias Lins (Klabin Irmãos & Cia)

VOGAIS | VOTING MEMBERS
Antonio Alberto Gouvêa Vieira, Carlos Alberto
Lenz Cesar Protasio, Carlos Eduardo de Freitas,
Cid Heraclito de Queiroz, Clovis José Daudt
Darrigue de Faro, Eduardo M. Krieger,
Estado da Bahia, Estado do Rio Grande do Sul,
Federação Brasileira de Bancos (Isaac Sidney
Menezes Ferreira), IRB – Brasil Resseguros S.A.
(Antônio Cássio dos Santos), Luiz Chor,
Luiz Ildefonso Simões Lopes, Marcelo Serfaty,
Marcio João de Andrade Fortes, Maria Tereza
Leme Fleury, Miguel Pachá, Pedro Henrique
Mariani Bittencourt, Sindicato das Empresas
de Seguros Privados, de Resseguros e de
Capitalização nos Estados do Rio de Janeiro e
do Espírito Santo (Ronaldo Mendonça Vilela),
Souza Cruz S/A (Jorge Iribarra)

SUPLENTES | DEPUTIES
Almirante Luiz Guilherme Sá de Gusmão,
Banco de Investimentos Crédit Suisse S.A.
(Solange Srour), Carlos Hamilton Vasconcelos
Araújo, General Joaquim Maia Brandão Júnior,
José Carlos Schmidt Murta Ribeiro, Leila Maria
Carrilo Cavalcante Ribeiro Mariano, Luiz Roberto
Nascimento Silva, Manoel Fernando Thompson
Motta Filho, Monteiro Aranha Participações S.A.
(Olavo Monteiro de Carvalho), Ricardo Gattass,
Rui Barreto, Sul América Companhia Nacional de
Seguros (Patrick de Larragoiti Lucas)

SEDE | HEADQUARTERS
Praia de Botafogo, 190
Rio de Janeiro – RJ
CEP 22250-900
Tel.: (21) 3799-5498
www.fgv.br

Instituição de caráter técnico-científico,
educativo e filantrópico, criada em 20 de
dezembro de 1944 como pessoa jurídica de
direito privado, tem por finalidade atuar, de
forma ampla, em todas as matérias de caráter
científico, com ênfase no campo das ciências
sociais: administração, direito e economia,
contribuindo para o desenvolvimento
econômico e social do país.

Institution of technical-scientific, educational
and philanthropic character, created on
December 20th, 1944, as a legal entity of
private law with the objective to act, broadly,
in all subjects of scientific character, with
emphasis on social sciences: administration,
law and economics, contributing for the
socioeconomical development of the country.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/FGV

Amazônia XXI = Amazon 21
Organizadores: Paulo Herkenhoff e Sílvia Finguerut.
Rio de Janeiro: FGV Conhecimento, 2021.
316 p.
ISBN 978-65-86289-16-9
Inclui bibliografia.

1. Desenvolvimento sustentável – Amazônia. 2. Política ambiental –
Amazônia. 3. Economia ambiental. 4. Mudanças climáticas.
I. Herkenhoff, Paulo. II. Finguerut, Sílvia. III. FGV Conhecimento.
IV. Título.

CDD – 338.9811

ELABORADA POR MARIA DO SOCORRO ALMEIDA – CRB-7/4254

Os textos são de responsabilidade
dos autores e não refletem,
necessariamente, a opinião da FGV.

The texts are of authors' responsibilities
and do not necessarily reflect the
opinion of FGV.

AMA
ZÔ
NIA
XXI

A M A Z O N 2 1

ORGANIZADORES / ORGANIZATION

PAULO HERKENHOFF

SILVIA FINGUERUT

SUMÁRIO

CONTENTS

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION	Carlos Ivan Simonsen Leal	7
	Cesar Cunha Campos	11
	Sidnei Gonzalez	15

O MEIO AMBIENTE NO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO THE ENVIRONMENT IN THE BRAZILIAN LEGAL SYSTEM

Marco Aurélio Bellizze	19
-------------------------------	----

NATUREZA AMAZÔNICA

AMAZON NATURE	Elton Leme	29
---------------	-------------------	----

A CULTURA VISUAL E A PRIMEIRA MODERNIDADE: DO ILUMINISMO À CABANAGEM VISUAL CULTURE AND EARLY MODERNITY: FROM THE ENLIGHTENMENT TO THE CABANAGEM

Orlando Maneschy	
Paulo Herkenhoff	51

INICIATIVA AMAZÔNIA 4.0

INITIATIVE AMAZON 4.0	Carlos Nobre	85
-----------------------	---------------------	----

A AMAZÔNIA NA ECONOMIA NATURAL DO CONHECIMENTO AMAZON IN THE NATURAL KNOWLEDGE ECONOMY

Maurício Antônio Lopes	
Julian David Hunt	95

FUNDO AMAZÔNIA—FINANCIAMENTO CLIMÁTICO, CONSERVAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA

AMAZON FUND: CLIMATE FINANCING FOR THE CONSERVATION
AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT OF THE AMAZON

Nabil Moura Kadri
Angela Albernaz Skaf
Daniel Rossi Soeiro 121

A IMPORTÂNCIA DA AMAZÔNIA PARA O BRASIL,
OS BRASILEIROS E O MUNDO

THE IMPORTANCE OF THE AMAZON FOR BRAZIL, BRAZILIANS, AND THE WORLD

Antonio Lavareda
Marcela Montenegro 143

AS ORGANIZAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E A AMAZÔNIA BRASILEIRA

SOCIO-ENVIRONMENTAL ORGANIZATIONS AND THE BRAZILIAN AMAZON

João Meirelles Filho 155

PARAGOMINAS, UM EXEMPLO DE GESTÃO SUSTENTÁVEL
NA AMAZÔNIA

PARAGOMINAS, AN EXAMPLE OF SUSTAINABLE MANAGEMENT IN AMAZON

Silvia Finguerut 187

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NA AMAZÔNIA

CHALLENGES OF INDIGENOUS EDUCATION IN THE AMAZON

Daniela de Fátima Ferraro Nunes
Vera Lúcia Jacob Chaves 193

A ARTE DA AMAZÔNIA NO SÉCULO XXI

AMAZONIAN ART IN THE 21ST CENTURY

Paulo Herkenhoff 213



APRESENTAÇÃO

Carlos Ivan Simonsen Leal

Presidente da Fundação Getúlio Vargas
President of Fundação Getúlio Vargas

Amazônia XXI é uma publicação sobre o desenvolvimento sustentável, o que significa falar da relação do homem e o meio ambiente. O movimento de preservação ambiental começa a se fortalecer na década de 1960, e, em 1972, é realizada a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo. Nesse evento, os países-membros declararam que “Chegamos a um ponto na História em que devemos moldar nossas ações em todo o mundo, com maior atenção para as consequências ambientais. Através da ignorância ou da indiferença, podemos causar danos maciços e irreversíveis ao meio ambiente, do qual nossa vida e bem-estar dependem. Por outro lado, através do maior conhecimento e de ações mais sábias, podemos conquistar uma vida melhor para nós e para a posteridade, com um meio ambiente em sintonia com as necessidades e esperanças humanas...” e “Defender e melhorar o meio ambiente para as atuais e futuras gerações se tornou uma meta fundamental para a humanidade”.¹

O Brasil esteve presente nesse evento e, desde então, vem apoiando iniciativas relevantes para o acompanhamento da preservação ambiental, bem como promovendo uma série de discussões internacionais a respeito. A segunda Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio-92) foi um marco para a preservação do ambiente. Também conhecida como Cúpula da Terra, deu origem à Agenda 21, à Convenção sobre Diversidade Biológica, e ao debate sobre as mudanças climáticas, o que culminaria no Protocolo de Kyoto, no qual foram definidas as metas de redução das emissões de gases de efeito estufa para os diversos países.

Em 2002, ocorreu em Joanesburgo a Rio+10, e, em 2012, o Rio de Janeiro sediaria novamente a

PRESENTATION

Amazônia 21 is a publication about sustainable development, and that means discuss the relationship between man and the environment. The preservation movement became a powerful force in the 1960s, and, in 1972, the first United Nations Conference on the Human Environment was held in Stockholm. At this event, the member countries declared “A point has been reached in history when we must shape our actions throughout the world with a more prudent care for their environmental consequence. Through ignorance or indifference we can do massive and irreversible harm to the earthly environment on which our life and well-being depend. Conversely, through fuller knowledge and wiser action, we can achieve for ourselves and our posterity a better life in an environment more in keeping with human needs and hopes.”¹

Brazil was present at this event, and since then has been supporting relevant initiatives to monitor environmental preservation, as well as promoting a series of international discussions on the subject. The second United Nations Conference on Environment and Development (Rio-92) was a milestone for environmental preservation, giving rise to the Earth Summit and Agenda 21, the Convention on Biological Diversity, and also gave rise to the debate on climate change, which would culminate in the Kyoto Protocol, where targets for reducing greenhouse gas emissions were set for the various countries.

In 2002, Rio+10 took place in Johannesburg, and in 2012 Rio de Janeiro would again host the United Nations Conference on Sustainable Development, Rio+20, with a full focus on man's relationship with the environment. Such evolution of the United Nations

Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, com foco total sobre as relações do homem com o meio ambiente. Essa evolução das Nações Unidas e o reconhecimento do Brasil como um país que dispõe de diversos biomas preservados e que convive como um pungente agro-negócio, representando cerca de 20% do PIB brasileiro e responsável por mais de 55% das exportações brasileiras, ressaltam, cada vez mais, a importância da preservação ambiental.

Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), “O Brasil foi um dos países que sempre se mostrou sensível a esta questão [mitigação das mudanças climáticas], valorizando ações no âmbito nacional e internacional que propiciassem a mitigação das negativas consequências, pois, entende que existem elementos suficientes para concretização de mudanças do clima oriunda das atividades humanas, o que leva a preocupações em torno da qualidade de vida de toda a população. [...] No caso específico da agricultura, o Brasil estruturou o [...] ‘Plano Setorial de Mitigação e de Adaptação às Mudanças Climáticas para a Consolidação de uma Economia de Baixa Emissão de Carbono na Agricultura’, que é um dos planos setoriais estabelecidos em conformidade com a Política Nacional sobre Mudança do Clima (PNMC) como parte da estratégia do Estado Brasileiro na mitigação da emissão de GEEs no combate ao aquecimento global”.

Entretanto, a Amazônia coloca um desafio de proporções continentais. A sua extensão ultrapassa 6,7 milhões de km², cuja maior parte – 60,1% – está em território brasileiro. Este livro, realizado conjuntamente por duas unidades da Fundação Getúlio Vargas, a FGV Europe e a FGV Conhecimento, objetiva oferecer alguns caminhos de reflexão sobre o desenvolvimento sustentável da Amazônia.

and the recognition of Brazil as a country that has several preserved biomes and that coexists with a poignant agribusiness, representing about 20% of the Brazilian GDP and responsible for more than 55% of Brazilian exports, emphasizes, more and more, the importance of environmental preservation.

According to the Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária [Brazilian Agricultural Research Corporation] (Embrapa), “Brazil was one of the countries that has always been sensitive to this issue [mitigation of climate change], valuing actions at the national and international scope that would propitiate the mitigation of negative consequences, as it understands that there are sufficient elements to bring about human-induced climate changes, which leads to concerns about the quality of life of the population as a whole. [...] In the specific case of agriculture, Brazil structured the [...] ‘Sectoral Plan for Mitigation and Adaptation to Climate Change for the Consolidation of a Low-Carbon Economy in Agriculture’, which is one of the sectorial plans established in accordance with the National Policy on Climate Change (PNMC) as part of Brazil’s strategy to mitigate GHG emissions in the fight against global warming.”

However, the Amazon poses a challenge of continental proportions. Its extension exceeds 6.7 million square kilometers, of which most of the biome – 60.1% – is in Brazilian territory. This book, produced jointly by two units of the FGV, FGV Europe and FGV Conhecimento, aims to offer some paths for reflection on the sustainable development of the Amazon.

1 Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

2 Disponível em: <<https://www.embrapa.br/tema-agricultura-de-baixo-carbono/sobre-o-tema>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

1 Available at: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Access on: Jul. 31, 2020.

2 Available at: <<https://www.embrapa.br/tema-agricultura-de-baixo-carbono/sobre-o-tema>>. Access on: Jun 9, 2021.





Cesar Cunha Campos

Diretor da FGV Europe
Director of FGV Europe

Desde 2016, a FGV Europe acompanha as grandes questões que impactam a presença do Brasil nos debates mundiais. Dentre os diversos temas, sem dúvida nenhuma, tudo o que se refere à Amazônia ganha enorme relevância.

As discussões no cenário externo são acaloradas, muitas das vezes distorcidas, envolvendo desconhecimento e interpretações equivocadas. Entretanto, revelam, também, realidades que merecem reflexões profundas por parte da sociedade brasileira, principalmente pela sua dimensão e pelo envolvimento de questões complexas nacionais, tais como soberania, populações, etnias, fauna, riquezas minerais, potencial farmacológico e, ainda, com relação à questão do equilíbrio ambiental do mundo contemporâneo.

O bioma Amazônia tem características de floresta tropical úmida, uma vasta área tropical natural; é quase do tamanho da bacia do rio Amazonas, com 6,7 milhões de km². A maior parte desse bioma – 60,1% – está em território brasileiro. Para se ter uma ideia de sua grandiosidade, se a Amazônia fosse um país, seria o sétimo maior do mundo, segundo a WWF Brasil. Apenas a área reconhecida como Patrimônio Mundial da Unesco soma 5,3 milhões de hectares, ou seja, maior que a extensão territorial da Suíça ou da Holanda.

Suas riquezas impressionam. A Amazônia abriga um número enorme de plantas e animais, e a maior parte dessas espécies sequer foi estudada pelos cientistas. Até agora, já se tem a classificação científica de pelo menos 40 mil espécies vegetais, 427 mamíferos, 1.294 aves, 378 répteis, 427 anfíbios e cerca de 3 mil peixes da região. No entanto, as menores formas de vida são as que apresentam os números mais impressionantes: os cientistas já descreveram entre 96 mil e 128 mil espécies de invertebrados, só na parte brasileira da Amazônia. Trata-se de um ambiente extremamente complexo e dinâmico.

Dentro dessa complexidade, o presente livro, *Amazônia XXI*, é uma iniciativa da FGV Europe e da

Since 2016, FGV Europe has been following the major issues that impact Brazil's presence in global debates. Among the various themes, without a doubt, everything that refers to the Amazon gains enormous relevance.

Discussions in the international scene are heated, often distorted, involving ignorance and misinterpretations. However, they also reveal realities that deserve deep reflection by the Brazilian society, mainly due to their dimension and the involvement of complex national issues, such as sovereignty, populations, ethnic groups, fauna, mineral wealth, pharmacological potential, and also in relation to the issue of environmental balance in the contemporary world.

The Amazon biome has characteristics of a tropical rainforest, a vast natural tropical area; it is almost the size of the Amazon River basin, with 6.7 million square kilometers. Most of this biome – 60.1% – is in Brazilian territory. To give us an idea of its grandiosity, if the Amazon were a country, it would be the seventh largest in the world, according to WWF Brazil. The area recognized as a Unesco World Heritage Site alone totals 5.3 million hectares, larger than the territorial extension of Switzerland or the Netherlands.

Its riches are impressive. The Amazon is home to an enormous number of plants and animals, and the largest part of these species has not even been studied by scientists. So far, there is already available scientific classification of at least 40,000 plant species, 427 mammals, 1,294 birds, 378 reptiles, 427 amphibians and about 3,000 fish in the region. However, the smallest forms of life are those with the most impressive numbers: scientists have already described between 96,000 and 128,000 species of invertebrates in the Brazilian part of the Amazon alone. It is an extremely complex and dynamic environment.

Within this complexity, this book *Amazônia XXI* [Amazon 21] is an initiative by FGV Europe and FGV Conhecimento, which seeks to shed light on the theme from aspects that allow reflection on the sustainability and preservation of the biome.

FGV Conhecimento, que busca jogar luz sobre o tema, a partir de aspectos que permitam a reflexão a respeito da sustentabilidade e a preservação do bioma.

Nesse contexto, o presente livro teve a contribuição de diversos autores.

O cientista Carlos Nobre traz os alertas que podem advir do desmatamento e das queimadas na Amazônia, a qual *“integra o sistema climático que sustenta a agricultura e o PIB, oferecendo boa parte da umidade: as chuvas, das quais depende o Brasil e a América do Sul. É um sistema que existe há milhões de anos e está ameaçado”*. O climatologista elaborou uma tese, a da Amazônia 4.0, propondo o desenvolvimento da bioeconomia no bioma, que é o objeto do texto do pesquisador e ex-presidente da Embrapa Maurício Lopes, demonstrando, por meio da Economia Natural do Conhecimento, o enorme potencial de diversos ativos naturais amazônicos.

O pesquisador e professor da FGV Elton Leme nos revela a biodiversidade e as inúmeras riquezas ainda a serem identificadas na Amazônia.

A equipe de meio ambiente do Banco de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, liderada pelo Dr. Nabil Moura Kadri, explica o funcionamento do Fundo Amazônia, criado em 2008 pelo Governo Federal. Esse Fundo recebe doações voluntárias de países e empresas, para aplicação não reembolsável em ações de prevenção, monitoramento e combate ao desmatamento e para a promoção da conservação e do uso sustentável da biodiversidade na Amazônia Legal.

João Meirelles Filho, criador do Instituto Peabiru, voltado para os processos de fortalecimento da organização social e da valorização da sociobiodiversidade, reuniu contribuições das principais organizações não governamentais do Pará, demonstrando o fundamental papel que essas instituições têm na promoção da sustentabilidade, na pesquisa, na saúde e na educação dos povos amazônicos.

As professoras Daniela de Fátima Ferraro Nunes, do Maranhão, e Vera Lúcia Jacob Chaves, do Pará, revelam que o vasto território amazônico é apenas um dos desafios da educação indígena, que necessita formar professores para atender povos que falam 274 diferentes línguas de 305 etnias distintas,

In this context, this book had the contribution of several authors.

Scientist Carlos Nobre brings up warnings that can arise from deforestation and fires in the Amazon, which *“is part of the climate system that sustains agriculture and the GDP, providing much of the moisture: the rainfall, on which Brazil and South America depend. It is a system that has been around for millions of years and has been threatened.”* The climatologist elaborated a thesis, named Amazônia 4.0, proposing the development of the bioeconomy in the biome, which is the object of the text by the researcher and former president of Embrapa, Maurício Lopes, demonstrating, by means of the Natural Economy of Knowledge, the enormous potential of several natural Amazonian assets.

The researcher and professor at FGV Elton Leme reveals us the biodiversity and the countless riches yet to be identified in the Amazon.

The environment team of the Economic and Social Development Bank – BNDES, led by Dr. Nabil Moura Kadri, explains how the Amazon Fund, created in 2008 by the Federal Government, works. This fund receives voluntary donations from countries and companies for non-reimbursable application in efforts towards prevention, monitoring and combating deforestation, and promoting the conservation and sustainable use of biodiversity in the Legal Amazon.

João Meirelles Filho, creator of the Instituto Peabiru, focused on the processes of strengthening social organization and valuing socio-biodiversity, gathered contributions from the main non-governmental organizations in Pará, demonstrating the fundamental role that these institutions play in promoting sustainability, in research, in the health and education of Amazonian peoples.

Professors Daniela de Fátima Ferraro Nunes, from Maranhão, and Vera Lúcia Jacob Chaves, from Pará, reveal that the vast Amazon territory is just one of the challenges of indigenous education, which needs to train teachers to serve people who speak 274 different languages, from 305 different ethnic groups, each with its own identity and facing difficulties in moving around the region.

An opinion poll led by political scientist Antonio Lavareda shows that two thirds of the Brazilian population are aware of the importance of preserving the environment and, in particular, the Amazon biome.

cada uma com sua própria identidade, além do enfrentamento a dificuldades de locomoção na região.

Uma pesquisa de opinião liderada pelo cientista político Antonio Lavareda evidencia que dois terços da população brasileira têm consciência da importância da preservação do meio ambiente e, em especial, do bioma Amazônia.

Os curadores e pesquisadores de arte Paulo Herkenhoff e Orlando Maneschy apresentam as inovações artísticas e os ciclos de modernidade que formaram a Amazônia atual, a partir das inovações na arquitetura e na arte da região, desde o século XVIII até o presente, além de apresentarem os artistas que estão construindo a visualidade amazônica contemporânea.

Além desses temas, o livro traz imagens impactantes de vários fotógrafos, destacando-se, dentre eles, Luiz Claudio Marigo e Rogério Assis, além das colaborações de diversos fotógrafos que trabalham junto às ONGs que atuam no bioma.

Com essa iniciativa, a Fundação Getulio Vargas espera contribuir para a ambientação de debates e reflexões acerca da Amazônia, especialmente no continente europeu, foco principal da atuação da FGV Europe.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os colaboradores deste livro, em especial a Silvia Finguerut, que tornaram este documento uma realidade.

Boa leitura!

The curators and art researchers Paulo Herkenhoff and Orlando Maneschy present the artistic innovations and the cycles of modernity that have formed the current Amazon, based on innovations in architecture and art in the region from the 18th century to the present, in addition to presenting the artists who are building contemporary Amazonian visuality.

In addition to these themes, the book brings striking images by various photographers – among them, Luiz Claudio Marigo and Rogério Assis, as well as the collaborations of several photographers who work with NGOs working in the biome.

The Fundação Getulio Vargas expects, with this initiative to contribute to the setting of debates and reflections about the Amazon, especially in the European continent, the main focus of FGV Europe's work.

Finally, I would like to thank all the contributors to this book, especially Silvia Finguerut, who made this document a reality.

Good reading!



Sidnei Gonzalez

Diretor da FGV Conhecimento
Director of FGV Conhecimento

O bioma Amazônia, uma vasta área tropical natural, é um ambiente extremamente complexo e dinâmico. A bacia hidrográfica da Amazônia é composta por uma variedade de paisagens e ecossistemas, que incluem não apenas as florestas tropicais úmidas, florestas inundadas, várzeas e savanas, mas também uma rede intrincada de rios, lagos e igarapés. Do ponto de vista geopolítico, a Amazônia Internacional ou a Pan-Amazônia abrange nove países: Brasil, Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. No âmbito nacional, a Amazônia Legal inclui os estados do Amazonas, Acre, Pará, Amapá, Mato Grosso, Maranhão, Tocantins, de Roraima, Rondônia e Goiás, e seus municípios responderam por 8,6 % do PIB brasileiro em 2016.

A Unesco, por meio do Centro de Preservação do Patrimônio Mundial (WHC—World Heritage Centre), reconheceu, como Patrimônio Mundial ou da Humanidade, no ano 2000, uma área da Amazônia — o Complexo de Áreas Protegidas na Amazônia Central — com extensão de 53.230 km². Os critérios que levaram a esse reconhecimento universal são a relevância da região para o processo de desenvolvimento ecológico do planeta e, logicamente, a biodiversidade.

Sua importância para o planeta, portanto, é incalculável. São 350 trilhões de árvores (cerca de 45 árvores para cada habitante do mundo), onde são estocadas ao menos 80 bilhões de toneladas de carbono. É fonte de matérias-primas alimentares, florestais, medicinais e minerais. Essa é a Amazônia que inspira o orgulho nacional, as artes e a ciência no Brasil, como se observará nos textos que integram esta publicação.

Dentre as inúmeras formas pelas quais o Brasil é conhecido e admirado, estão a alegria de seu povo pelo Carnaval, o futebol e a riqueza de sua natureza. Esse encantamento foi construído com base na preservação de suas tradições culturais e de suas festas, na habilidade e na leveza no esporte, e na preservação do meio ambiente. Esse *soft*

The Amazon biome, a vast natural tropical area, is an extremely complex and dynamic environment. The Amazon river basin is composed of a variety of landscapes and ecosystems, which include not only the humid tropical rainforests, flooded forests or wetlands, savannas, as well as an intricate network of rivers, lakes, and streams. From a geopolitical point of view, the International Amazon or Pan-Amazon comprises nine countries: Brazil, French Guyana, Suriname, Guyana, Venezuela, Colombia, Ecuador, Peru, and Bolivia. At the domestic level, the Legal Amazon includes the following states: Amazonas, Acre, Pará, Amapá, Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Maranhão, Goiás and Tocantins, and their municipalities accounted for 8.6% of Brazil's GDP in 2016.

Unesco, through the World Heritage Centre (WHC), recognized as World Heritage in the year 2000, an area in the Amazon—the Complex of Protected Areas in Central Amazon—with an extension of 53,230 square kilometers. The criteria that led to this universal recognition are the relevance of the region to the planet's ecological development process and, of course, its biodiversity.

Its importance for the planet, therefore, is incalculable. There are 350 trillion trees (about 45 trees for every inhabitant of the world), where at least 80 billion tons of carbon are stored. It is a source of food, forest, medicinal and mineral raw materials. This is the Amazon that inspires national pride, the arts, and science in Brazil, as will be seen in the texts that make up this publication.

Among the many ways in which Brazil is known and admired are the joy of its people through Carnaval, soccer, and the richness of its nature. This enchantment that seduces Brazilians and foreigners alike was built on the preservation of its cultural traditions and its festivals, the skill and lightness in sports, and the preservation of the environment. This soft power is essential for the country to continue to be the object of dreams and desires. The Amazon, whose

power é fundamental para que o país continue a ser objeto do sonho e do desejo. A Amazônia, cujo nome provém da lenda das mulheres caçadoras que montavam a cavalos e que fomentavam a imaginação dos primeiros colonizadores, é rica em tradições que revelam a magia amazônica e que reúnem todos os elementos do *soft power*: as tradições dos pescadores e do povo indígena, o sincretismo das diversas lendas as festas religiosas, como o Círio de Nazaré, que reúne milhões de pessoas, e o Festival de Parintins, a riqueza das lendas ligadas aos rios da região e, mais recentemente, as manifestações artísticas contemporâneas. Todos esses elementos são intrinsecamente relacionados à floresta e aos povos que ali vivem. Apesar de essa colossal área ser praticamente intocada e, em grande parte, inexplorada, nos últimos anos, a Amazônia vem sendo observada criticamente pela sociedade mundial. Trata-se, portanto, de uma ameaça a um dos principais elementos que constituem o *soft power* brasileiro. Em termos de preservação ambiental, a importância da Amazônia é comparável apenas, provavelmente, ao continente Ártico e à Antártica e, eventualmente, a algumas regiões da África.

O Brasil dispõe de um arcabouço institucional e legal que auxilia as iniciativas de preservação e de uso sustentável do bioma, que oferece um enorme potencial para a economia brasileira, para a exportação de produtos naturais e para o extrativismo sustentável sem ameaças aos povos da floresta. Assim nasceu a demanda para esta publicação, organizada pelos colaboradores da FGV Paulo Herkenhoff e Silvia Finguerut e que reúne um conjunto de pensadores, cientistas e especialistas para propor temas que permitam a reflexão sobre o futuro do bioma e do enorme potencial que ele tem para as futuras gerações do Brasil e do mundo.

Os textos revelam os desafios e as ameaças atuais, os aspectos institucionais, as propostas da bioeconomia, a atuação da sociedade civil no apoio à preservação e ao monitoramento do bioma, as questões mais urgentes dos povos indígenas e, finalmente, a riqueza da produção cultural e da arte na Amazônia. Agradeço aos diversos autores que colaboraram para esta edição, realizada quase que em sua totalidade durante a pandemia da Covid-19.

name comes from the legend of the hunting women who rode horses and fostered the imagination of the first colonizers of the region, is rich in traditions that reveal the magic of the Amazon and bring together all the elements of soft power: the traditions of the fishermen and the indigenous people, the syncretism of the various legends, the religious festivals, such as the Círio de Nazaré, which brings together millions of people, and the Parintins Festival, the richness of the legends connected to the rivers in the region, and, more recently, the contemporary artistic manifestations. All these elements are intrinsically related to the forest and the people who live there, as well as to the fruits of the forest.

Despite this colossal area being virtually untouched and largely unexplored, in recent years the Amazon has been critically observed by world society. It is, therefore, a threat to one of the main elements that constitute Brazilian soft power. In terms of environmental preservation, the importance of the Amazon is probably comparable only to the Arctic and Antarctic continents, and eventually to some regions of Africa.

Brazil has an institutional and legal framework that supports initiatives for the preservation and sustainable use of the biome, which offers enormous potential for the Brazilian economy, for the export of natural products and for sustainable extractivism without threats to forest peoples. Thus the demand for this publication was born, organized by FGV collaborators Paulo Herkenhoff and Silvia Finguerut, and which brings together a group of thinkers, scientists and specialists to propose themes that allow reflection on the future of the biome and the enormous potential it holds for future generations of Brazil and the world.

The texts reveal current challenges and threats, institutional aspects, the proposals of the bioeconomy, the role of civil society in supporting the preservation and monitoring of the biome, the most urgent issues facing indigenous peoples and, finally, the richness of cultural production and art in the Amazon. I thank the various authors who contributed to this edition, which took place almost entirely during the Covid-19 pandemic.





O MEIO AMBIENTE

NO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO

Marco Aurélio Bellizze¹

Ministro do Superior Tribunal de Justiça, Professor da FGV
e Coordenador Acadêmico da FGV Conhecimento
*Minister of the Superior Court of Justice, Professor at FGV
and Academic Coordinator of FGV Conhecimento*

A preocupação com o meio ambiente no Brasil antecede a Proclamação da República. A Coroa portuguesa, impressionada com a abundância do país, empreendeu algumas iniciativas para proteger e controlar a exploração dos nossos recursos naturais. De lá para cá, a legislação ambiental tomou forma no ordenamento jurídico brasileiro, com a inclusão de leis esparsas, em âmbito infraconstitucional, e positivada com destaque na Carta Magna de 1988. A nossa Constituição Cidadã introduziu, pela primeira vez na história dos textos constitucionais, um capítulo exclusivo sobre o meio ambiente quando expôs, no artigo 225, que *“todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”*. Ao longo do texto constitucional de 1988, existem vários artigos direta ou indiretamente ligados ao meio ambiente, que aprofundam questões ligadas às terras indígenas e aos indígenas propriamente ditos, bem como à gestão do uso das áreas de preservação ambiental.

Essa abordagem sobre o meio ambiente no ordenamento jurídico brasileiro reflete os avanços e cuidados com a questão no Brasil. É uma indicação de que os sistemas de preservação e o marco regulatório da legislação ambiental brasileira são contemporâneos e pertinentes para uma melhor gestão sustentável da Amazônia e dos demais biomas brasileiros.

Este texto busca apresentar alguns aspectos jurídicos de proteção do bioma da Amazônia e o seu uso econômico; ao final, serão apresentadas

THE ENVIRONMENT IN THE BRAZILIAN LEGAL SYSTEM

Concern for the environment in Brazil precedes the Proclamation of the Republic. The Portuguese Crown, impressed by the country's abundance, undertook some initiatives to protect and control the exploitation of our natural resources. Since then, the environmental legislation has taken shape in the Brazilian legal system, with the inclusion of sparse laws, in the infra-constitutional scope, positively highlighted in the Magna Carta of 1988.

Our Citizen Constitution introduced, for the first time in the history of constitutional texts, an exclusive chapter on the environment when it stated, in article 225, that “All have the right to an ecologically balanced environment, which is an asset of common use and essential to a healthy quality of life, and both the Government and the community shall have the duty to defend and preserve it for present and future generations.” Throughout the 1988 constitutional text, there are several articles directly or indirectly linked to the environment, which delve into issues related to indigenous lands and to the indigenous people themselves, as well as the management of the use of environmental preservation areas.

This approach to the environment in the Brazilian legal system reflects the advances and care taken with the issue in Brazil. It is an indication that the preservation systems and the regulatory framework of the Brazilian environmental legislation are contemporary and relevant for a better sustainable management of the Amazon and the other Brazilian biomes.

algumas reflexões e indagações sobre a sustentabilidade da Amazônia e seu futuro.

Retrospectiva histórica do meio ambiente nas Constituições brasileiras

As Constituições anteriores abordavam a questão ambiental de forma tímida, levando em consideração primordialmente aspectos econômicos quanto ao uso do meio ambiente. Maior referência da proteção ao meio ambiente veio com o advento da terceira Carta Magna, de 1934, na qual foi dada competência privativa à União para legislar acerca das riquezas do subsolo, da mineração, água, energia hidroelétrica, floresta, caça e pesca, e dos bens de domínio federal. Essa abordagem deriva, provavelmente, da visão desenvolvimentista do presidente Getulio Vargas. A partir do texto constitucional, foram criadas as primeiras áreas de proteção ambiental e os instrumentos para sua proteção, como os códigos Florestal, de Águas, de Caça e Pesca e de Proteção dos Animais, ampliados na Constituição de 1937 com a inclusão das paisagens, dos bens culturais e da prevenção de uso de agentes nocivos para plantas e rebanhos.

Já a Carta de 1946 explicita a defesa do patrimônio paisagístico, histórico e cultural, bem como viabiliza a criação do Plano de Valorização Econômica da Amazônia.² Essa iniciativa daria origem, em 1966, à Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), com a finalidade de promover o desenvolvimento da região amazônica, gerando incentivos fiscais e financeiros especiais para atrair investidores privados, nacionais e internacionais, atuando na Amazônia Legal e dando forma às diretrizes e aos instrumentos da Política de Desenvolvimento Nacional Integrada e do Plano de Desenvolvimento da Amazônia, além de criar, também, a Fundação Nacional do Índio (Funai) em 1967, vinculada ao Ministério da Justiça. A estratégia, além das questões econômicas, incluía o fortalecimento das fronteiras e a então chamada “integração da Amazônia” ao todo nacional. A Sudam teve sua atuação atualizada e tem o objetivo de promover o “desenvolvimento incluyente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva

This text seeks to present some legal aspects of the protection of the Amazon biome and its economic use; at the end, some reflections and questions about the sustainability of the Amazon and its future will be presented.

Historical Retrospective of the Environment in the Brazilian Constitutions

The previous Constitutions addressed the environmental issue in a timid way, considering primarily economic aspects regarding the use of the environment. A greater reference to environmental protection came with the advent of the third Magna Carta, of 1934, in which the Union was given the exclusive competence of legislating on subsoil riches, mining, water, hydroelectric power, forests, hunting and fishing, and federal domain assets. This approach probably derives from the developmentalist vision of President Getulio Vargas. From the constitutional text, the first environmental protection areas were created and the instruments for their protection, such as the Forestry, Water, Hunting, Fisheries and Animal Protection codes, were expanded in the 1937 Constitution with the inclusion of landscapes, cultural assets and the prevention of harmful agents to plants and livestock.

The 1946 Constitution, on the other hand, makes explicit the defense of the landscape, historical and cultural heritage, as well as enabling the creation of the Plan for the Economic Valorization of the Amazon.² This initiative would give rise, in 1966, to the Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia [Superintendent of the Amazon Development] (Sudam), with the purpose of promoting the development of the Amazon region, generating special fiscal and financial incentives to attract private investors, national and international, operating in the Legal Amazon and shaping the guidelines and instruments of the Integrated National Development Policy and the Amazon Development Plan, besides also creating the Fundação Nacional do Índio [National Indigenous Foundation] (Funai) in 1967, linked to the Ministry of Justice. The strategy, in addition to economic issues, included strengthening borders and the so-called “integration of the Amazon” into the national whole. Sudam had its activities updated and has the objective of promoting the “inclusive and sustainable





regional na economia nacional e internacional” nos nove estados da Amazônia Legal.³ A ênfase à regulamentação do meio ambiente fica mais evidente a partir da década de 1960, quando da inclusão de importantes legislações, como o Estatuto da Terra,⁴ o Código Florestal,⁵ a Lei de Proteção à Fauna,⁶ a Política Nacional de Saneamento Básico⁷ e a criação do Conselho Nacional de Controle da Poluição Ambiental.⁸ Apesar de a Constituição de 1967 ter mantido os padrões da Carta antecedente, inovou apenas quanto à competência legislativa da União sobre jazidas.

Ainda, a Carta de 1967, por meio da Emenda Constitucional nº 1, foi alterada ao receber a inclusão de um novo termo no texto constitucional, que não havia sido abordado em outros momentos: “ecológico”.

Antecedendo a Constituição de 1988, o Governo Federal aprovou a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA),⁹ que proporcionou à questão ambiental um importantíssimo progresso. A PNMA definiu o conceito de meio ambiente e teve por objetivo a

development of its area of activity and the competitive integration of the regional productive base in the national and international economy” in the nine states of the Legal Amazon³

The emphasis on environmental regulation became more evident in the 1960s, when important legislation was included, such as the Land Statute,⁴ the Forestry Code,⁵ the Wildlife Protection Law,⁶ the National Policy for Basic Sanitation,⁷ and the creation of the National Council for the Control of Environmental Pollution.⁸ Although the 1967 Constitution maintained the standards of the previous charter, it only innovated with regard to the Union’s legislative competence over natural deposits.

Also, the 1967 Constitution, through Constitutional Amendment no. 1, was altered by the inclusion of a new term in the constitutional text, which had not been addressed at other times: “ecological.”

Prior to the 1988 Constitution, the Federal Government approved the National Environmental Policy

regulamentação de atividades que envolvam o meio ambiente, a fim de preservar, melhorar e recuperar a qualidade ambiental.

A Constituinte de 1987-1988

A Assembleia Nacional Constituinte que resultou na atual Constituição de 1988 contou com forte participação da população brasileira, de forma que ficou conhecida como “Constituição Cidadã” e tornou-se símbolo da redemocratização do Brasil. Composta por Comissões Temáticas, Subcomissões Temáticas e uma Comissão de Sistematização, foram formuladas e apresentadas propostas ambientais pela Subcomissão da Saúde, Segurança e de Meio Ambiente. Outro importante debate foram as questões indígenas e que fizeram parte da Subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Pessoas com Deficiência e Minorias.

Nas reuniões, foram debatidos assuntos sobre dimensão ecológica, problemas ambientais da expansão urbana e poluição, natureza como patrimônio cultural, bem-estar dos animais usados por seres humanos, educação ambiental e estudos sobre impactos no meio ambiente, entre outros. Assim, os debates resultaram na inclusão de um capítulo próprio sobre meio ambiente na Carta Magna, e constitucionalizaram-se a proteção ambiental e os direitos indígenas, garantindo um meio ambiente de qualidade.

A Constituição Cidadã de 1988

Considerada um texto longo, a atual Carta Constitucional buscou atender a diversos anseios da sociedade. Com o objetivo de garantir o bem-estar e a justiça social, a proteção ao meio ambiente ganhou destaque na Constituição de 1988 ao ser consagrada como direito fundamental e ser essencial para a qualidade de vida, o que também gera um dever de preservação e cuidado. Ainda, a CRFB/1988 definiu os rumos que o país iria adotar, reconhecendo o meio ambiente como bem jurídico autônomo e como um sistema.

Diante de debates acirrados sobre o desmatamento da Amazônia, a Constituição contemplou, inclusive, que a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônios nacionais, bem como que

(PNMA),⁹ which provided the environmental issue with a very important step forward. The PNMA defined the concept of environment and aimed to regulate activities involving the environment, in order to preserve, improve and restore environmental quality.

The 1987-1988 Constituent Assembly

The National Constituent Assembly that resulted in the current 1988 Constitution had a strong participation of the Brazilian population, so that it became known as the “Citizen Constitution” and became a symbol of the redemocratization of Brazil. Comprised by Thematic Committees, Thematic Subcommittees and a Systematization Committee, environmental proposals were formulated and presented by the Health, Safety and Environment Subcommittee. Another important debate was on indigenous issues, which were part of the Subcommittee on Blacks, Indigenous Populations, Persons with Disabilities and Minorities.

At the meetings, discussions were held on the ecological dimension, the environmental problems of urban expansion and pollution, nature as a cultural heritage, the welfare of animals used by human beings, environmental education and studies about impacts on the environment, among others. Thus, the debates resulted in the inclusion of a proper chapter on the environment in the Magna Carta, and the constitutionalization of environmental protection and indigenous rights, and guaranteeing environmental quality.

The 1988 Citizen Constitution

Considered to be a long text, the current Constitutional Charter sought to meet society’s diverse desires. Aiming to ensure the well-being and social justice, the protection of the environment gained prominence in the 1988 Constitution when it was consecrated as a fundamental right and as essential to the quality of life, which also generates a duty of preservation and care. Also, the 1988 Constitution of the Federative Republic of Brazil defined the directions that the country would take, recognizing the environment as an autonomous legal good and as a system.

Faced with heated debates about the deforestation of the Amazon, the Constitution even contemplated that the Amazon Forest, the Atlantic Forest, the Serra

as suas áreas e os seus recursos naturais devem ser utilizados em condições que assegurem a preservação do ecossistema.

A proteção ambiental no Brasil e a visão mundial

A relevância do Brasil para o equilíbrio ambiental do planeta é inquestionável, e países do mundo inteiro voltam suas atenções para o meio ambiente brasileiro.

De acordo com o *Environmental Performance Reviews (EPRs) Brazil 2015 Highlights*, da OCDE, o Brasil possui uma legislação abrangente e avançada referente à gestão ambiental e ao uso sustentável da biodiversidade, bem como um novo Código Florestal¹⁰ que se compromete a aliar os propósitos de conservação da biodiversidade com o desenvolvimento agrícola.

No Brasil, o direito ambiental é considerado direito fundamental. Já na Alemanha, embora a temática seja abordada em sua Constituição, o meio ambiente não possui essa condição, sendo mais abordado na esfera do Direito Administrativo.

A legislação direcionada à estrita proteção ambiental e o seu empenho na preservação do meio ambiente conferiram ao Brasil posição de destaque mundial, com o texto constitucional mais avançado nessa esfera, inclusive entre nações mais desenvolvidas.

O ordenamento jurídico das questões indígenas

A Provisão Régia de 1680, ao cuidar das Sesmarias concedidas pela Coroa, ressalvou os direitos dos índios, a quem chamou de “primários e naturais senhores”, protegendo as terras ocupadas pelos indígenas. A Lei Pombalina de 1755 garante a posse das terras de forma pacífica pelos indígenas e seus herdeiros. Já a legislação imperial de 1850 reserva terras devolutas para colonização e aldeamento de indígenas, nos distritos onde existirem hordas selvagens.¹¹ Todas as cartas subsequentes reiteram a proteção aos índios e a suas terras. Em 1988, o tema é ampliado, reconhecendo “*sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens*”. O artigo 231 da Constituição brasileira afirma que não poderá haver nenhuma

do Mar, the Pantanal Mato-Grossense and the Coastal Zone are national heritage, and that their areas and natural resources should be used in conditions that ensure the preservation of the ecosystem.

Environmental protection in Brazil and the world view

Brazil's relevance for the planet's environmental balance is unquestionable, and countries all over the world turn their attention to the Brazilian environment.

According to the OECD's *Environmental Performance Reviews (EPRs) Brazil 2015 Highlights*, Brazil has a comprehensive and advanced legislation regarding environmental management and the sustainable use of biodiversity, as well as a new Forestry Code¹⁰ that is committed to allying the purposes of biodiversity conservation with agricultural development.

In Brazil, environmental law is considered a fundamental right. In Germany, on the other hand, although the issue is addressed in its Constitution, the environment does not have this condition, being more addressed in the sphere of Administrative Law.

Legislation aimed at strict environmental protection and its commitment to preserving the environment have given Brazil a prominent position worldwide, with the most advanced constitutional text in this sphere, even among more developed nations.

The legal framework on indigenous issues

The Royal Provision of 1680, when dealing with the Sesmarias granted by the Crown, safeguarded the rights of the Indians, whom it called “primary and natural lords”, protecting the lands occupied by the indigenous people. The Pombaline Law of 1755 guarantees peaceful possession of the land by the indigenous people and their heirs. On the other hand, the imperial legislation of 1850 sets apart restituted lands for colonization and Indian villages, in districts where there are wild hordes.¹¹ All subsequent charters reiterate the protection of Indians and their lands. In 1988, the theme is expanded, recognizing “*have their social organization, customs, languages, creeds and traditions recognized, as well as their original rights to the lands they traditionally occupy, it being incumbent upon the Union to demarcate them, protect and ensure respect for all of their property*”



limitação a esse direito, devendo o poder público federal demarcar e proteger todas as terras, reforçando as leis coloniais que garantiam a posse dos povos originários como senhores naturais de suas terras. Entretanto, esse direito é, eventualmente, objeto de questionamentos considerando as terras indígenas aquelas ocupadas apenas na data da promulgação da Constituição, anistiando invasões, grilagens e até ocupações do Poder Público, em períodos anteriores a 1988, e, ainda, mais recentemente, sobre a possibilidade de exploração do subsolo das terras indígenas.

Instrumentos de gestão do meio ambiente

A inclusão constitucional do meio ambiente, como garantia fundamental, foi um marco legal para gerar contorno aos inúmeros esforços realizados ao longo dos anos nas legislações infraconstitucionais e nas Constituições passadas. As diversas frentes legislativas ambientais, tanto no controle à exploração econômica do meio ambiente como na proteção e na sua definição, ensejaram, ainda, a criação de instrumentos de gestão do meio ambiente, tal como o Instituto

Article 231 of the Brazilian Constitution states that there can be no limitation to this right, and that the Federal Government must demarcate and protect all lands, reinforcing the colonial laws that guaranteed the native peoples' ownership as the natural lords of their lands. However, this right is eventually questioned, considering indigenous lands to be those occupied only on the date of the promulgation of the Constitution, amnestying invasions, land grabbing and even occupations by the government in periods prior to 1988, and yet, more recently, the possibility of exploiting the subsoil of indigenous lands.

Environmental Management Instruments

The constitutional inclusion of the environment as a fundamental guarantee was a legal landmark to give shape to the countless efforts made over the years in infra-constitutional legislation and in past Constitutions. The various environmental legislative fronts, both in controlling the economic exploitation of the environment and in protecting and defining it, also gave rise to the creation of environmental management

Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), que deu origem, em 1989, à criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). O novo instituto realizou uma série de iniciativas, o que consolidou a conscientização da população sobre as questões ambientais.

O incremento legislativo e a criação dos órgãos de gestão conferiram ao Brasil visibilidade internacional ao permitir que o país viesse a participar da primeira Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo (Suécia), em 1972, quando o conceito do meio ambiente sustentável seria validado por todos os países participantes. Com esse fortalecimento da sociedade civil brasileira, o marco regulatório da área ambiental passou a ser priorizado, e o Brasil sediaria a Rio-92, Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Vinte anos depois, também no Rio de Janeiro, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável.

Os demais instrumentos – e, em especial, o Código Florestal – tiveram revisões sucessivas em 1965, impondo-se as limitações ao direito de propriedade no que se refere ao uso e à exploração do solo, das florestas e das demais formas de vegetação, e introduzindo-se os conceitos de Reserva Legal e Áreas de Preservação Permanente. Legislações sucessivas impediam o desmatamento de mata nativa e ampliavam as áreas de proteção das matas ciliares, junto aos rios, alterações que levaram a criar embates entre proprietários rurais e os órgãos de preservação, ensejando um novo Código Florestal, amplamente discutido e aprovado em 2012.

Nos anos 2000, foi criado outro marco regulatório ambiental: a Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC),¹² dividindo as unidades de conservação em dois tipos: Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável, com gestão compartilhada entre os três entes federativos, coordenada pelo Ministério do Meio Ambiente. Os órgãos executores do SNUC têm a função de implementá-lo, subsidiar as propostas de criação e administrar as unidades de conservação federais, estaduais e municipais em suas respectivas esferas de atuação.

instruments, such as the Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal [Brazilian Institute of Forest Development] (IBDF), which gave rise, in 1989, to the creation of the Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis [Brazilian Institute of Environment Renewable Natural Resources] (Ibama). The new institute carried out a series of initiatives, which consolidated the population's awareness of environmental issues.

The increase in legislation and the creation of management bodies gave Brazil international visibility by allowing the country to participate in the first United Nations Conference on the Human Environment, held in Stockholm (Sweden), in 1972, when the concept of the environment sustainable development would be validated by all participating countries. With such a strengthening of the Brazilian civil society, the regulatory landmark for the environmental area was prioritized, and Brazil would host Rio-92, the United Nations Conference on Environment and Development. Twenty years later, also in Rio de Janeiro, the United Nations Conference on Sustainable Development was held.

The other instruments – and, in particular, the Forestry Code – underwent successive revisions in 1965, imposing limitations on the right to property with regard to the use and exploitation of soil, forests and other forms of vegetation, and introducing the concepts of Legal Reserve and Permanent Preservation Areas. Successive legislation prevented the deforestation of native forest and expanded the protection areas of riparian forests, along the rivers, changes that led to conflicts between rural landowners and preservation agencies, giving rise to a new Forestry Code, widely discussed and approved in 2012.

In the 2000s, another environmental regulatory landmark was created: the Law on the National System of Nature Conservation Units (SNUC),¹² dividing conservation units into two types: Integral Protection Units and Sustainable Use Units, with shared management between the three federative entities, coordinated by the Ministry of the Environment. The SNUC executing agencies have the function of implementing it, subsidizing the creation proposals and managing the federal, state and municipal conservation units in their respective spheres of action.

A evolução histórica constitucional do meio ambiente situa o leitor na relevância desse tema para a sociedade brasileira. Os sistemas de preservação e o marco regulatório da legislação ambiental brasileira foram construídos de maneira muito lúcida ao longo da história, bem como a proteção, fiscalização e criação permanente de políticas ambientais que são fundamentais para o desenvolvimento humano e vêm contribuindo para a gestão sustentável da Amazônia e dos demais biomas brasileiros.

A Constituição brasileira foi pioneira na temática ambiental, relacionando todos os aspectos da natureza e deixando de lado questões de dicotomia entre o uso econômico e a proteção, permitindo que, de forma equilibrada e sustentável, o meio ambiente seja preservado e, ao mesmo tempo, contribua para a economia do país e das populações. São temas que estão em permanente construção.

The historical constitutional evolution of the environment places the reader on the relevance of this theme for Brazilian society. The preservation systems and the regulatory landmark of the Brazilian environmental legislation have been built in a very lucid way throughout history, as well as the protection, inspection, and permanent creation of environmental policies that are fundamental for human development and have been contributing to the sustainable management of the Amazon and the other Brazilian biomes.

The Brazilian Constitution was a pioneer in the environmental theme, relating all aspects of nature and leaving aside issues of dichotomy between economic use and protection, allowing that, in a balanced and sustainable way, the environment is preserved and, at the same time, contributes to the economy of the country and its people. These are themes that are under permanent construction.

Notas

- 1 Marco Aurélio Bellizze Oliveira é magistrado, ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Formado em 1985, é professor da FGV e Coordenador Acadêmico do Centro de Estudos do Judiciário da FGV Conhecimento. De 1987 até 1990, foi advogado e procurador do Município do Rio de Janeiro. Em 1990 tornou-se magistrado e desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004. Em 2011 foi nomeado ministro do STJ.
- 2 Plano de Valorização Econômica da Amazônia – Lei nº 1.806/1953
- 3 Decreto nº 6.218/2007, revogado pelo Decreto nº 8.275/2014
- 4 Estatuto da Terra – Lei nº 4.504/1964
- 5 Código Florestal – Lei nº 4.771/1965
- 6 Lei de Proteção à Fauna – Lei nº 5.197/1967
- 7 Política Nacional de Saneamento Básico – Decreto-Lei nº 248/1967
- 8 Conselho Nacional de Controle da Poluição Ambiental – Decreto-Lei nº 303/1967
- 9 Política Nacional do Meio Ambiente – Lei nº 6.938/ 1981
- 10 Código Florestal – Lei nº 12.651/2012
- 11 Lei Imperial nº 601, de 18 de setembro de 1850, e seu regulamento.
- 12 Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – Lei nº 9.985/2000

Notes

- 1 Marco Aurélio Bellizze Oliveira is a magistrate, current minister of the Superior Court of Justice (STJ). Graduated in 1985, he is a professor at FGV and Academic Coordinator of the Center for Innovation, Administration and Judiciary Research at the FGV Conhecimento (CIAPJ/FGV). From 1987 until 1990, he was a lawyer and attorney for the Municipality of Rio de Janeiro. In 1990 he became a magistrate and judge of the Court of Justice of Rio de Janeiro in 2004. Since 2011, he has been appointed minister of the STJ.
- 2 Plan for the Economic Valorization of the Amazon – Law # 1,806/1953
- 3 Decree # 6,218/2007, repealed by Decree # 8,275/2014
- 4 Land Statute – Law # 4,504/1964
- 5 Forestry Code – Law # 4,771/1965
- 6 Wildlife Protection Law – Law # 5,197/1967
- 7 National Policy for Basic Sanitation – Decree-Law # 248/1967
- 8 National Council for the Control of Environmental Pollution – Decree-Law # 303/1967
- 9 National Environmental Policy – Law # 6,938/1981
- 10 Forestry Code – Law # 12,651/2012
- 11 Imperial Law # 601, of September 18, 1850, and its regulation
- 12 National System of Nature Conservation Units – Law # 9,985/2000



NATUREZA

AMAZÔNICA

Elton Leme¹

Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Professor da EBAPE/FGV, Coordenador-adjunto do CIAPJ/FGV, Pesquisador colaborador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e Pesquisador associado do Marie Selby Botanical Garden

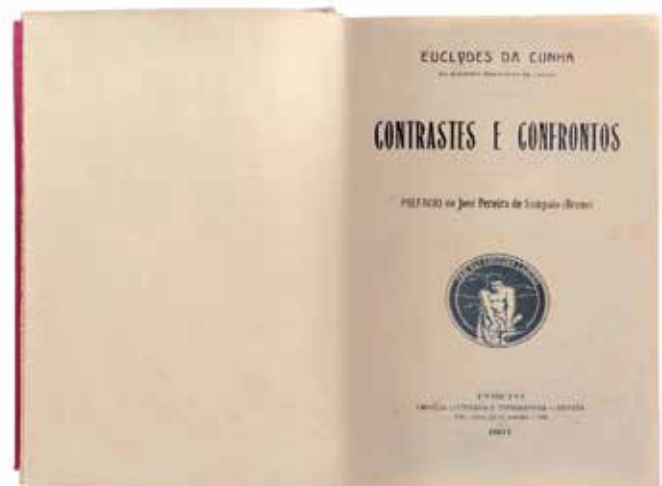
Appellate Judge at the Rio de Janeiro Court of Justice, Professor at EBAPE/FGV, Assistant Coordinator of the CIAPJ/FGV, Associated Researcher at the Rio de Janeiro Botanical Garden and Marie Selby Botanical Garden

Ainda no final do século XX, a ideia de “inferno verde”, cunhada pelo colonizador em virtude do intenso calor da infundável floresta (Friede, 2000), servia de *slogan* e estandarte “desenvolvimentista” para “vencer” e “subjugar” a Amazônia. Bem ilustra o sentimento que ainda hoje, atávico, permeia segmentos importantes da sociedade e explica muito do que vem acontecendo no Brasil nos dias atuais. Pouco ou nada diz respeito ao sentimento sertanista, exploratório, expressado nas bandeiras que, séculos atrás, penetraram no Madeira, Tapajós e Araguaia-Tocantins, estabelecendo ligações de luso-brasileiros com o vale do Amazonas e dali se espalhando por toda a hileia, já cobiçada por bucaneiros, mercadores, franceses, holandeses, ingleses e irlandeses (Gadelha, 2002). Expressa, em verdade, um sentimento antagônico, gerado pelo embate homem *versus* ambiente tropical, pelo aculturação de matriz homogeneizante europeia não afeita à multidiversidade dos trópicos e ao sem-fim florestal: conflito de final predizível, em que só pode haver um vencedor. É o “inferno verde” futurista do “paraíso perdido” de Euclides da Cunha (2000), que, ao descrever a experiência então por ele vivida, anteviu que “*no Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha de sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo*”.

A Amazônia, quase mitológica, desperta o imaginário coletivo mundial e aguçava um grande interesse econômico, social, político e científico. Isso decorre da imensidão de sua área, da riqueza de paisagens

AMAZONIAN NATURE

Still, at the end of the 20th century, the idea of “green hell”, coined by the colonizer due to the intense heat of the endless forest (Friede 2000), served as a “developmentalist” slogan and banner to “win” and “subjugate” the Amazon. It well illustrates the feeling that even today, atavistic, permeates important segments of society and explains much of what is happening in Brazil nowadays. Little or nothing concerns the sertanista’s exploratory feeling expressed in the Bandeiras that, centuries ago, penetrated Madeira, Tapajós and Araguaia-Tocantins rivers, establishing Luso-Brazilian connections with the Amazon valley and from there spreading throughout the hileia, already coveted by buccaneers, merchants, French, Dutch, English, and Irish (Gadelha 2002). It expresses an antagonistic feeling generated by the clash of man



< **Luiz Claudio Marigo** | Floresta amazônica de terra-firme com araras (*Ara Chloroptera*) Alta Floresta, Mato Grosso [Dry land Amazon rainforest with macaws (*Ara Chloroptera*) Alta Floresta, Mato Grosso], 2009

> **Euclides da Cunha** | *Contrastes e confrontos* [*Contrasts and Confrontations*] | Porto: Empresa Litteraria e Tipographica – Editora, 1907

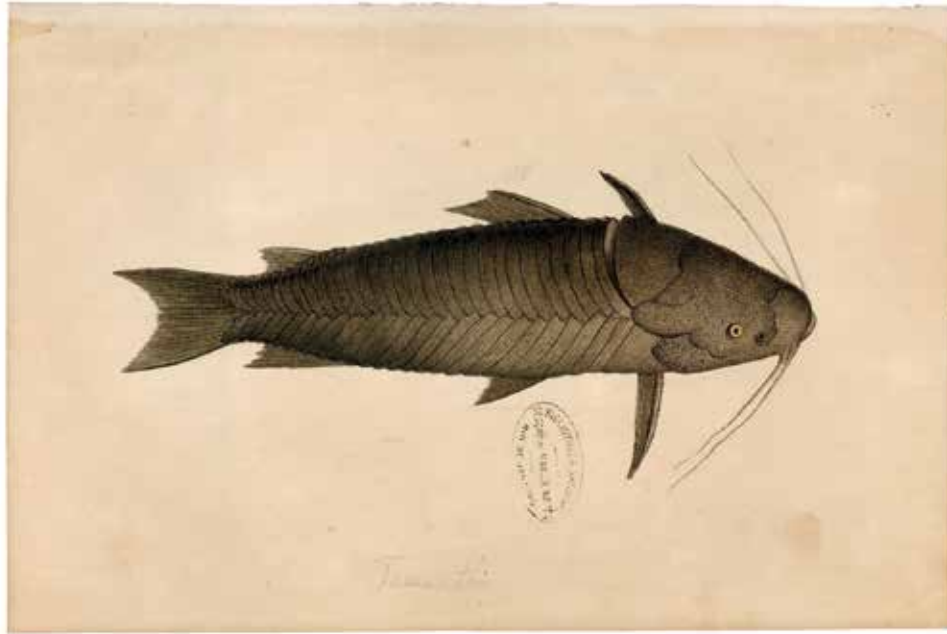
extraordinárias ou cotidianas, da variedade de ecossistemas terrestres e aquáticos, da superlativa diversidade biológica e também dos recém-desvendados serviços ambientais em favor da regulação e do equilíbrio do clima do planeta. Soma-se a isso o justificável imaginário popular diante do desconhecido, como uma das últimas fronteiras a serem transpostas pelo conhecimento humano, só comparável às profundezas dos mares.

Um dos aspectos mais relevantes da região Amazônica diz respeito à megadiversidade biológica que ostenta. São pelos menos 14 mil espécies de plantas superiores, das 33.161 espécies reportadas para o Brasil, sendo que, desse total, 6.772 são espécies de árvores (Cardoso, 2017; Ulloa *et al.*, 2017). Seus rios abrigam 2.266 espécies de peixes, o que corresponde a 15% das espécies do mundo, sendo que, apenas para a bacia do Madeira, há 1.373 espécies catalogadas (Amazon Fish Project, 2020). Das mais de 600 espécies de primatas existentes no mundo, 20% são encontradas na Amazônia (Oliveira, 2012). Dentre as quase 11 mil espécies de aves conhecidas no mundo (BirdLife International, 2018), vivem na região amazônica 566 espécies (Oliveira *et al.*, 2017), número este que só tende a crescer à medida que a ciência passa a explorar novas áreas (ver Pivetta, 2013) ou aprofunda as pesquisas mesmo em áreas já bem exploradas, como exemplifica uma nova espécie de bromélia recém-descoberta no entorno da grande Manaus (Leme *et al.*, 2020). Ilustram o conhecimento ainda fragmentário da biodiversidade amazônica as mais de 1.200 espécies novas de plantas e vertebrados descobertas para o bioma, entre 1999 e 2009, ou as 441 espécies apresentadas à ciência, de 2010 a 2013, e, ainda, as 381 espécies novas de plantas, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos catalogadas entre os anos de 2014 e 2015 (Valsecchi *et al.*, 2017). A reconhecida existência de “espécies crípticas”, ou seja, que se confundem umas com as outras na sua roupagem externa e que, por isso, exigem metodologia e observação mais sofisticadas para sua diferenciação, multiplica ainda mais a possibilidade de novos achados científicos (ver Boubli & Hrbek, 2012). Essa magnífica diversidade

versus tropical environment, the acculturation of a homogenizing European matrix that is not appropriate to the multitude of the tropics and the endless forest: a conflict with a predictable ending, in which there can only be one winner. It is the futuristic “green hell” of the “lost paradise” of Euclides da Cunha (2000), who, when describing the experience he had at his time, foresaw that “in Amazonas, today this cruel antilogy is happening today: over the bountiful land, growing in the laughing fullness of its life, a dying society is wretchedly agitating.”

The almost mythological Amazon awakens the global collective imagination and accentuates a great economic, social, political, and scientific interest. This stems from the immensity of its area, the richness of extraordinary or everyday landscapes, the variety of terrestrial and aquatic ecosystems, the superlative biological diversity, and also the recently unveiled environmental services in favor of regulating and balancing the planet’s climate. Added to this is the justifiable popular imagination in the face of the unknown, as one of the last frontiers to be transposed by human knowledge, comparable only to the depths of the seas.

One of the most relevant aspects of the Amazon region pertains to the biological megadiversity it displays. There are at least 14 thousand species of higher plants, out of 33,161 species reported in Brazil, of which 6,772 are tree species. (Cardoso, 2017; Ulloa *et al.*, 2017). Its rivers are home to 2,266 species of fish, which corresponds to 15% of the world’s species, with 1,373 cataloged species in the Madeira basin alone (Amazon Fish Project, 2020). Of the more than 600 species of primates in the world, 20% are found in the Amazon (Oliveira, 2012). Among the almost 11 thousand bird species known in the world (BirdLife International, 2018), 566 species live in the Amazon region (Oliveira *et al.*, 2017), a number that only tends to grow as science begins to explore new areas (see Pivetta, 2013) or deepens research even in areas that have already been well explored, as exemplified by a new species of bromeliad recently discovered around the greater Manaus (Leme *et al.*, 2020). Illustrating the still fragmentary knowledge of Amazonian biodiversity are the more than 1,200 new species of plants and vertebrates discovered in the biome between 1999



de espécies se repete em muitos outros grupos de organismos, quer sejam microscópicos, quer sejam vistosos e de grande porte. É a combinação única de fatores bióticos e abióticos que está na base dessa riqueza, e as águas e seu ciclo desempenham um papel de destaque, com o inegável protagonismo do majestoso Rio Amazonas.

As primeiras águas do Rio Amazonas nascem nos campos de gelo de Yarupa, nos Andes peruanos, e percorrem 6.577 quilômetros até chegarem ao Oceano Atlântico, onde ganham liberdade. Ainda no Peru, com a junção dos rios Ucayali e Marañon, o rio recebe o nome de Amazonas. Ao entrar no Brasil, passa a ser chamado de Solimões e somente após a confluência com o Rio Negro é que volta a ser denominado Rio Amazonas, o maior do mundo em extensão e volume d'água, despejando no Oceano Atlântico cerca de 200 mil metros cúbicos do líquido por segundo, o que representa 18% de toda a água doce livre do planeta (Molinier et al., 1994; Neves, 2019). Na maior parte do percurso, sua superfície está poucos metros acima do nível do mar, cortando imensa planície onde se instalou um mosaico vegetacional dominado pela mais extensa floresta tropical do planeta: a Floresta Amazônica. Como um verdadeiro mar de árvores – estima-se que ali vivam aproximadamente 390 bilhões de vegetais lenhosos (Steege et al., 2013) –,

and 2009, or the 441 species presented to science from 2010 to 2013, as well as the 381 new species of plants, fish, amphibians, reptiles, birds, and mammals cataloged between 2014 and 2015 (Valsecchi et al., 2017). The recognized existence of “cryptic species”, that is, that are confused with each other in their external clothing and, therefore, require more sophisticated methodology and observation for their differentiation, multiplies, even more, the possibility of new scientific findings (see Boubli & Hrbek, 2012). This magnificent diversity of species is repeated in many other groups of organisms, whether microscopic or eye-catching and large. It is the unique combination of biotic and abiotic factors that underlie this wealth, and the waters and their cycle play a prominent role, with the majestic Amazon River's undeniable protagonism.

The first waters of the Amazon River are born in the ice fields of Yarupa, in the Peruvian Andes, and traverse 6,577 kilometers until they reach the Atlantic Ocean, where they gain freedom. Still in Peru, with the junction of the Ucayali and Marañon rivers, the river is named Amazon. Upon entering Brazil, it is called Solimões, and only after the confluence with the Negro River is it renamed the Amazon River, the largest in the world in length and water volume, pouring about 200 thousand cubic meters of liquid per second into



ela ocupa área superior a 6 milhões de quilômetros quadrados, dos quais a maior parte se encontra em território brasileiro, abrangendo todos os estados da Região Norte e estendendo-se até o Maranhão, Tocantins e Mato Grosso (Joly, 1970; Ayres, 1995).

A formação da paisagem da Amazônia, tal como a conhecemos, é relativamente recente, remontando há pouco mais de 23 milhões de anos. A paleogeografia foi amplamente alterada por fenômenos ocorridos nos períodos Terciário e Quaternário, destacando-se as alterações do nível do mar, o regime pluviométrico e a deposição de sedimentos. No Terciário, durante o Mioceno, com a intensificação do soerguimento da cadeia andina de montanhas, interrompeu-se a ligação atlântica com o Pacífico, formando-se um gigantesco lago fechado. A intensificação do soerguimento da Cordilheira dos Andes, associada a fenômenos tectônicos, alterou o curso, entre outros, do Rio Orinoco e conectou o Amazonas ao Atlântico, moldando substancialmente a paisagem regional (Hoorn et al., 1995; Sacek, 2014; Wesselingh et al., 2010). O rompimento da saída para o Atlântico ocorreu do Plioceno ao Pleistoceno, provocando o escoamento das águas para o oceano. A depressão foi vagarosamente recebendo sedimentos dos Andes, formando a planície da bacia Amazônica e permitindo a instalação e o desenvolvimento da imensa floresta tropical (Rizzini, 1979; Sacek, 2014).

O regime climático, com acentuada pluviosidade que alimenta impressionante hidrografia, é responsável pela riqueza biótica da Amazônia. Considerando a medição em milímetros, as chuvas alcançam a média anual de 2.300, mas podem atingir a casa dos 3.500 milímetros na fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela, bem como na foz do Amazonas, ou até mesmo chegar a 6 mil nas proximidades dos Andes, ou cair para 1.600 milímetros anuais em algumas áreas adjacentes aos cerrados do Brasil Central, onde a vegetação é mais aberta (Fisch et al., 1998; Limberger & Silva, 2016; Molinier et al., 1994).

Quanto à hidrografia, toda a Planície Amazônica é entrecortada por uma miríade de cursos d'água. A região é caracterizada pela grande diversidade de ambientes aquáticos numa mesma bacia hidrográ-

the Atlantic Ocean, which represents 18% of all free fresh water on the planet (Molinier et al., 1994; Neves, 2019). In most of the route, its surface is a few meters above sea level, cutting across an immense plain where a vegetation mosaic dominated by the most extensive tropical forest on the planet: the Amazon Forest. Like a real sea of trees – it is estimated that approximately 390 billion woody vegetables live there (Steege et al., 2013) –, it occupies an area of more than 6 million square kilometers, most of which is in Brazilian territory, covering all states in the northern region and extending to Maranhão, Tocantins and Mato Grosso (Joly, 1970; Ayres, 1995).

The formation of the Amazonian landscape, as we know it, is relatively recent, dating back to just over 23 million years ago. Paleogeography has been largely altered by phenomena that occurred in the Tertiary and Quaternary periods, with emphasis on changes in sea level, rainfall, and sediment deposition. In the Tertiary, during the Miocene, with the intensification of uplift of the Andean mountain range, the Atlantic connection with the Pacific was disrupted, forming a gigantic closed lake. The intensification of the uplift of the Andes, associated with tectonic phenomena, altered the course of the Orinoco River, among others, and connected the Amazon to the Atlantic, substantially shaping the regional landscape (Hoorn et al., 1995; Sacek, 2014; Wesselingh et al., 2010). The disruption of the exit to the Atlantic occurred from the Pliocene to the Pleistocene, causing the flow of waters to the ocean. The depression slowly received sediments from the Andes, forming the plain of the Amazon basin and allowing the installation and development of the immense tropical forest (Rizzini, 1979; Sacek, 2014).

The climate regime, with accentuated rainfall that feeds impressive hydrography, is responsible for the biotic richness of the Amazon. The rains reach an annual average of 2,300 millimeters, but they can reach 3,500 mm/year on the border of Brazil with Colombia and Venezuela, as well as at the mouth of the Amazon River, or even reach 6 thousand mm/year nearby the Andes, or drop to 1,600 mm annually in some areas adjacent to the Cerrado in Central Brazil, where vegetation is more open (Fisch et al., 1998; Limberger & Silva, 2016; Molinier et al., 1994).

fica, o que é ditado pela combinação entre dimensão de área de drenagem, o relevo, o solo, o clima e os tipos de vegetação nas margens de rios (Silva et al., 2013) e nos igarapés, que são rios amazônicos menores. Inúmeros rios serpenteiam ao norte e ao sul do Rio Amazonas, que possui percurso quase paralelo à Linha do Equador, sendo a principal artéria fluvial da região. Esses rios desempenham importante papel na distribuição geográfica de espécies da fauna, como são exemplos os pássaros (Oliveira et al., 2017) e os primatas (Fordham et al., 2020), conectando ou isolando a população. São as verdadeiras “estradas” da Amazônia e podem ser divididos – abstraídos os tipos intermediários – de acordo com a composição química, a cor e a origem das águas, a saber: rios de água preta ou transparente, de água clara ou limpa e de água branca (Sioli, 1951).

Os rios de água preta, como o Rio Negro e seu afluente, o Rio Cururu, originam-se nas planícies terciárias e apresentam águas de cor marrom e transparente – assemelhadas à coloração do mate –, decorrente da ausência de sedimentos e da concentração elevada de húmus dissolvido, que provoca sua acidez, fazendo com que a região se apresente quase livre de mosquitos.

Diretamente relacionados à floresta de igapó que é formada no fundo dos vales pelo transbordamento dessas águas e é a grande fornecedora de húmus, esses rios de água preta transportam quantidade reduzida de nutrientes. Ao contrário dos rios de água branca, que aportam constantemente sedimentos na formação vertical de suas várzeas, os rios de água preta não carregam sedimentos ao moldarem, no domínio da floresta de igapó, o terreno inundável marginal, atuando mais por meio do processo de erosão do terreno e pelo carregamento de areia de seu leito (Sioli, 1951).

Por sua vez, os rios de água clara, como o Xingu e o Tapajós, correm sobre leitos do Período Cretáceo, relacionados aos escudos da Guiana e Brasileiro. São pobres em nutrientes em suspensão, assumindo coloração verde-azulada. Descem dos maciços do Brasil Central e das Guianas, que são regiões geológicas mais antigas e estáveis, em que os processos



As for hydrography, the entire Amazon Plain is cut by a myriad of watercourses. The region is characterized by the great diversity of aquatic environments in the same river basin, which is dictated by the combination of drainage area size, relief, soil, climate, and the types of vegetation on the riverbanks (Silva et al., 2013) and streams, which are smaller Amazon rivers. Numerous rivers meander north and south of the Amazon River, which runs almost parallel to the Equator, being the main fluvial artery in the region. These rivers play an important role in the geographic distribution of fauna species, such as birds (Oliveira et al., 2017) and primates (Fordham et al., 2020), connecting or isolating the population. They are the true “roads” of the Amazon and can be divided – abstracting the intermediate types – according to the chemical composition, the color, and the origin of the waters, namely: rivers of black or transparent water, clear or clean water, and white water (Sioli, 1951).

de decomposição e geotectônicos são de pequena monta. Esses rios atravessam a região florestal amazônica num leito firmemente definido e limitado por rochas mais ou menos duras (Sioli, 1951).

Por fim, os rios de água branca ou turva – barrenta, amarelada e alcalina – transportam sedimentos de origem andina ou pré-andina, como o Solimões e o Amazonas. Esses rios são considerados juvenis em razão da intensidade dos processos geológicos ainda presentes em suas cabeceiras. A imensa planície, entremeada por lagos, canais e ilhas, forma, com o Rio Amazonas, o ecossistema de várzea (Prance, 1980), que constitui terreno novo, de origem recente, gerado pela deposição de sedimentos. Embora tenha em comum com o igapó a inundação per idica, sua várzea   bem distinta. Naquele, caracterizado pelo solo podre e erodido pela água, verifica-se um estado mais avançado na evolu o do ambiente e do envelhecimento do rio, enquanto, na várzea, formada pelo aporte per idico de sedimentos que lhe garante elevada fertilidade, constata-se um estágio ainda juvenil da evolu o do rio (Sioli, 1951).

Na região das várzeas, o regime pluviométrico, associado   hidrografia alimentada pelo degelo dos Andes, contribui para a ocorrência de inunda es per dicas, que invadem amplas áreas marginais alimentadas pelos sedimentos. Os rios levam vários meses para voltar a seu nível normal. Em determinadas áreas, as águas podem subir até 20 metros, condicionando a vida em todas as suas manifesta es (Ayres, 1995). Ocorre, em algum desses rios de água branca, o fen meno das “terras c idas”, que consiste na quebra de trechos de barrancos marginais, lavados e erodidos por baixo pela a o da correnteza do rio, que desmoronam repentinamente, acompanhada de grande estrondo, arrastando consigo toda a vegeta o ali instalada, o que pode gerar um “efeito domin ” e ocorrer continuamente por quilômetros (Sioli, 1951).

A expressão “Floresta Amazônica” abrange vários tipos de vegeta o, sendo a maioria de porte florestal, conhecida como Hiléia Amazônica. O termo *Hylea* ou *Hylaea* foi utilizado pela primeira vez por Humboldt & Bonpland (1820), para abranger a maior parcela da bacia hidrográfica do Amazonas, da parte mais alta da bacia hidrográfica do Rio Orinoco, na

The black water rivers, such as the Negro River and its affluent Cururu River, originate in the Tertiary plains and have brown and transparent waters – similar to *mate* tea color –, due to the absence of sediments and the high concentration of dissolved humus, which causes its acidity, making the region almost free of mosquitoes.

Directly related to the *igapó* forest that is formed at the bottom of the valleys by the overflow of these waters and is the major supplier of humus, these rivers of black water carry reduced amounts of nutrients. Unlike white water rivers, which constantly carry sediment in the vertical formation of their floodplains, black water rivers do not carry sediment when they mold the bordering floodable terrain in the *igapó* forest, acting more through the erosion process of the terrain and by carrying sand from its bed (Sioli, 1951).

In turn, clear water rivers, such as the Xingu and the Tapajós, flow over beds from the Cretaceous period, related to the shields of Guyana and Brazil. They are poor in suspended nutrients, assuming a bluish-green color. They descend from the massifs of Central Brazil and the Guianas, which are the oldest and most stable geological regions, where the processes of decomposition and geotectonics are of little importance. These rivers cross the Amazonian forest region on a bed firmly defined and limited by more or less hard rocks (Sioli, 1951).

Finally, the white or cloudy water rivers – muddy, yellowish, and alkaline – carry sediments of Andean or pre-Andean origin, such as the Solimões and the Amazon. These rivers are considered juvenile due to the intensity of the geological processes still present in their headwaters. The immense plain, interspersed with lakes, channels, and islands, forms, with the Amazon River, the floodplain ecosystem (Prance, 1980), which constitutes new land, of recent origin, originated by the deposition of sediments. Even though it has in common with the *igapó* periodic flooding, the floodplain is quite distinct. In that one, characterized by rotten soil and eroded by water, there is a more advanced stage in the evolution of the environment and the aging of the river, while in the floodplain, formed by the periodic contribution of sediments that ensures high fertility, there is a still juvenile stage in the evolution of the river (Sioli, 1951).







Venezuela, da Colômbia oriental, das Guianas, da porção leste do Equador e do Peru, bem como os estados brasileiros do Amazonas, Pará e Acre, além da porção inferior do bacia hidrográfica do Tocantins até o rio Turiaçu, no Maranhão, em altitudes que raramente excedem 300 metros, tendo, como limites naturais, a Cordilheira dos Andes e o Oceano Atlântico (Cruls, 1955; Ducke & Black, 1954).

O tipo mais impressionante quanto à fisionomia é a floresta de terra firme, seguindo-se a floresta de várzea, a floresta de igapó, as campinaranas e as campinas, entre outros. A floresta de terra firme recobre áreas planas ou onduladas, com altitudes entre 60 e 250 metros, não sujeitas a inundações. Ocupa a maior parte da bacia amazônica – 80% a 90% de sua área –, sendo constituída por árvores perenifólias, que podem atingir de 65 a 70 metros de altura, sendo a mais alta até hoje descoberta, no vale do rio Jari, um anjelim vermelho (*Dinizia excelsa*) com 88,5 m de altura, equivalente a um prédio de 24 andares, com estimativa de idade de 400 a 600 anos (Langlois, 2019). O diâmetro de algumas árvores, como a sumaúma e o pequi, pode alcançar mais de três metros (Ferri, 1980; Rizzini & Coimbra Filho, 1988; Ayres, 1995).

In the floodplains region, the pluviometric regime, associated with the hydrography fed by the melting of the Andes, contributes to the occurrence of periodic floods, which sweep large bordering areas fed by sediments. It takes several months for the rivers to return to their normal level. In certain areas, waters can rise to 20 meters, conditioning life in all its manifestations (Ayres, 1995). The phenomenon of “fallen land” occurs in some of these white water rivers, which consists of the breaking up of stretches of bordering ravines, washed and eroded underneath by the action of the river current, which collapse suddenly, accompanied by a great bang, dragging all the vegetation there installed, which can generate a “domino effect” and occur continuously for kilometers (Sioli, 1951).

The expression “Amazon Forest” covers various types of vegetation, most of which are forest-sized, known as the Amazonian Hileia. The term *Hylea* or *Hylaea* was first used by Humboldt & Bonpland (1820) to cover the largest portion of the Amazon basin, the highest portion of the Orinoco River basin, in Venezuela, eastern Colombia, the Guianas, the eastern portion of Ecuador and Peru, as well as the Brazilian states of Amazonas, Pará, and Acre, in addition to the lower portion of the Tocantins basin to the Turiaçu River in Maranhão,

As matas de várzea e seus vários gradientes recobrem os terrenos mais baixos e sujeitos às inundações provocadas por rios de águas brancas, como o Amazonas e o Madeira. Trata-se de ambiente de grande relevância econômica, pela fertilidade de seus solos alimentados pelos sedimentos desses rios de águas barrentas, levados que são por inundações que podem avançar muitos quilômetros terra adentro (Prance, 1980). Lembra o referido autor que já houve muito equívoco na literatura quanto à terminologia correta empregada para designar florestas amazônicas sujeitas à inundações permanentes ou temporárias, utilizando-se imprecisamente o tempo de inundações para distinguir as várzeas dos igapós. Entretanto, como já visto acima, as várzeas estão associadas ao transbordamento dos rios de água branca, ricos em sedimentos, enquanto os igapós são áreas de florestas inundadas pelos rios de água preta ou clara, livres de sedimentos (Prance, 1980; Sioli, 1951). Em ambos os casos, as inundações podem ser permanentes ou periódicas.

O porte da vegetação de várzea varia conforme a proximidade do rio e o tempo durante o qual a mata permanece inundada, podendo abrigar árvores de até 40 metros de altura. Aproximando-se da foz do Amazonas, essas matas sofrem influência da água salgada (Ayres, 1995).

Na região de influência dos rios de águas pretas e claras, existem áreas onde a drenagem é insuficiente, razão pela qual apresentam-se inundadas permanentemente ou por longos períodos. Ali se desenvolvem as já referidas matas de igapó – denominado igapó estacional quando a inundações é periódica –, apresentando árvores baixas, com cerca de 20 metros de altura, e esparsas, plenamente adaptadas a suportar a submersão de seus troncos. O igapó geralmente apresenta solo arenoso, com condições não raro semelhantes às dos ambientes xeromórficos, abrigando, por isso, uma vegetação mais pobre do que a mata de várzea. Pode ser entremeado por praias de areias brancas, vistas especialmente nos períodos de seca. As árvores desse ambiente, com muitas ramificações, sustentam os maiores contingentes de epífitas (plantas que vivem sobre outros vegetais sem prejudicá-los) das terras baixas da

at altitudes that rarely exceed 300 meters, having as natural limits the Andes Mountain Range and the Atlantic Ocean (Cruls, 1955, Ducke & Black, 1954).

The most impressive type in terms of physiognomy is the dryland forest, followed by the floodplain forest, the *igapó* forest, the *campinaranas*, *campinas*, among others. The dryland forest covers flat or undulating areas, with altitudes between 60 and 250 meters, not subject to flooding. It occupies most of the Amazon basin – 80% to 90% of its area – and is made up of evergreen trees, which can reach 65 to 70 meters in height, the tallest to date being a red *angelim* (*Dinizia excelsa*) 88.5 meters high, equivalent to a 24-story building, found in the Jari River valley, and estimated to be 400 to 600 years old (Langlois, 2019). The diameter of some trees, such as the kapok and the *pequi*, can reach more than three meters (Ferri, 1980; Rizzini & Coimbra Filho, 1988; Ayres, 1995).

The floodplain forests and their various gradients cover the lower lands and are subject to flooding caused by white water rivers, such as the Amazon and Madeira. It is an environment of great economic relevance due to the fertility of its soils fed by the sediments of these muddy rivers, carried away by floods that can advance many kilometers inland. (Prance, 1980). The aforementioned author reminds us that there was already a lot of misunderstanding in the literature as to the correct terminology used to designate Amazonian forests subject to permanent or temporary flooding, using the flooding time imprecisely to distinguish the floodplains from the *igapós*. However, as already seen above, the floodplains are associated with the overflow of white water rivers, rich in sediments, while the *igapós* are areas of forest flooded by black or clear water rivers, free of sediments (Prance, 1980; Sioli, 1951). In both cases, floods can be permanent or periodic.

The size of the floodplain vegetation varies according to the proximity of the river and the time during which the forest remains flooded, being able to shelter trees up to 40 meters high. Approaching the mouth of the Amazon, these forests suffer the influence of saltwater (Ayres, 1995).

In the region of influence of black and clear water rivers, there are areas where drainage is insufficient, which is why they are flooded permanently or

Amazônia, incluindo piperáceas, cactáceas, gesneriáceas, aráceas e muitas bromeliáceas.

Algumas áreas, ao norte do Rio Amazonas e na bacia do Rio Negro, apresentam clareiras na vegetação, parecendo “ilhas” no meio do “oceano” florestal amazônico. São as campinas e campinaranas, que representam 7% da Amazônia Legal brasileira, caracterizadas por enclaves arenosos, com solos oligotróficos e mais ácidos, parcialmente desnudos ou com vegetação aberta, herbácea à arbórea, com acentuada esclerofilia, que interrompem a homogeneidade da floresta e contrastam com a cobertura florestal típica da região (Guimarães & Bueno, 2016), surpreendendo pela riqueza de bromélias e orquídeas, entre outros grupos de plantas. A vegetação de campinas, com vegetação herbácea à arbustiva, e arvoretas com até cinco metros de altura, também é denominada “caatinga”, mas essa terminologia deve ser evitada, estabelecendo distinção com o complexo vegetacional do nordeste do Brasil. As campinas não devem ser confundidas com as campinaranas, que significam falsas campinas e apresentam uma fisionomia mais florestal, embora aberta, com escassez de cipós e lianas, com árvores de porte maior, de 10 a 30 metros, agrupadas esparsa e continuamente (Anderson et al., 1975; Guimarães & Bueno, 2016; Lisboa, 1975).

A composição e a estrutura das campinas – isoladas umas das outras pela matriz florestal – variam de acordo com as condições ecológicas peculiares a cada área (Lisboa, 1976). São mais pobres do que as matas vizinhas, quanto ao número de espécies lenhosas, podendo ocorrer alguns endemismos. Dentre as herbáceas, destaca-se a presença de espécies do gênero *Ananas* (*A. ananassoides*, *A. nanus*, *A. paraguayensis*), os abacaxis selvagens, que têm na Amazônia a maior diversidade genética e de espécies, inclusive ainda desconhecidas para a ciência.

De modo geral, as campinas abrigam arbustos e arvoretas tortuosos, com abundantes ramificações e cascas espessas, agrupados em pequenas manchas, permitindo a existência de “avenidas” de areias brancas – à semelhança das restingas do sudeste brasileiro. O solo arenoso, nas partes abertas, pode se apresentar desnudo ou recoberto por

for long periods. There, the aforementioned *igapó* forests – called the seasonal *igapó* when the flood is periodic – develop, with low trees, about 20 meters high, and sparse, fully adapted to withstand the submersion of their trunks. The *igapó* generally has sandy soil, with conditions not infrequently similar to xeromorphic environments, sheltering, therefore, poorer vegetation than the floodplain forest. It can be interspersed with white sandy beaches, especially seen in periods of drought. The trees of such an environment, with many branches, hold the largest contingents of epiphytes (plants that live on other plants without harming them) from the lowlands of the Amazon, including piperaceae, cactaceae, gesneriaceae, araceae, and many bromeliads.

Some areas, north of the Amazon River and in the Negro River basin, show clearings in the vegetation, looking like “islands” in the middle of the Amazon Forest “ocean”. They are the *campinas* and *campinaranas*, which represent 7% of the Brazilian Legal Amazon, characterized by sandy enclaves, with oligotrophic and more acid soils, partially naked or with open vegetation, herbaceous to arboreal, with accentuated sclerophilia, which interrupt the homogeneity of the forest and contrast with the typical forest cover of the region (Guimarães & Bueno, 2016), surprising by the richness of bromeliads and orchids, among other groups of plants. The *campinas* vegetation, with herbaceous vegetation and shrubs and trees up to five meters high, is also called “caatinga”, but this terminology should be avoided, making a distinction with the vegetation complex of Northeast Brazil. The *campinas* should not be confused with the *campinaranas*, which mean false campinas and have a more forested appearance, although open, with a scarcity of vines and *lianas*, with larger trees, from 10 to 30 meters, grouped sparsely and continuously (Anderson et al., 1975; Guimarães & Bueno, 2016; Lisboa, 1975).

The composition and structure of the *campinas* – isolated from each other by the forest matrix – vary according to the ecological conditions peculiar to each area (Lisboa, 1976). They are poorer than the neighboring forests in terms of the number of woody species, and some endemism may occur. Among the herbaceous plants, the presence of species of the genus *Ananas* (*A. ananassoides*, *A. nanus*, *A. paraguayensis*)





grande quantidade de líquens pioneiros. Nos locais protegidos pela cobertura arbóreo-arbustiva, o chão acumula boa camada de serapilheira, que parece resistir à decomposição (Anderson et al., 1975). O ambiente é bem iluminado e, aliado à elevada pluviosidade local, possibilita a presença de comunidades epifíticas mais ricas do que as da floresta à sua volta.

Assim como foi observado em cerca de 500 espécies de orquídeas encontradas na região amazônica e também comuns nas campinas (Braga, 1987), as bromeliáceas ali existentes apresentam elevado grau de afinidade com a flora do Escudo das Guianas, o que sugere uma possível ligação entre essas flores, em épocas pretéritas, quando houve favorecimento da expansão das vegetações abertas.

No âmbito amazônico, ainda merece destaque o Planalto das Guianas e regiões fronteiriças, com flora autóctone, repleta de comunidades relíquias e que estimularam a imaginação de Arthur Conan Doyle, em seu livro *O mundo perdido*. Abrange áreas como o Pico da Neblina – 3.014 metros de altitude na fronteira com a Venezuela (Pádua & Coimbra Filho, 1979). O relevo é composto por um mosaico de unidades litológicas decorrentes de eventos geológicos distintos e com cronologia própria, havendo predominância de formações areníticas e quartzíticas (Huber, 1995a). Essas formações podem assumir forma tabular e são vistas como blocos compactos, que recebem o nome de mesas e também são conhecidos como tepuis, mais comuns no território venezuelano (Varadarajan, 1987). No topo desses tepuis, encontram-se ecossistemas isolados repletos de endemismos e espécies ancestrais.

Dois importantes tepuis inteiramente brasileiros são a Serra do Tepequém, situada numa região de vegetação transicional entre a savana e a floresta, a 200 quilômetros de Boa Vista, em Roraima (Barbosa, 1992), e também a Serra do Aracá, no Amazonas, abrangida por um parque estadual. Expedições científicas recentes à Serra do Aracá descortinaram espécies novas de bromélias e de eriocauláceas (Barbosa-Silva et al., 2018), indicando o grande potencial de pesquisa dessas áreas.

Apesar do seu gigantesco território, o equilíbrio do ambiente amazônico é delicado e sutil. O regime

stands out, the wild pineapples, which have the greatest genetic and species diversity in the Amazon, still unknown to science.

In general, the *campinas* are home to tortuous shrubs and trees, with abundant branches and thick barks, grouped in small patches, allowing the existence of “avenues” of white sand – similar to the sandbanks of Southeastern Brazil. The sandy soil, in the open areas, can be bare or covered by a large number of pioneer lichens. In places protected by the arboreal/arbustive coverage, the ground accumulates a good layer of burlap, which seems to resist decomposition (Anderson et al., 1975). The environment is well lit and, coupled with the high local rainfall, enables the presence of epiphytic communities richer than those in the surrounding forest.

As it was observed in about 500 species of orchids found in the Amazon region and also common in the *campinas* (Braga, 1987), the bromeliads there present a high degree of affinity with the flora of the Guiana Shield, which suggests a possible link between these floras in times past, when the expansion of open vegetation was promoted.

In the Amazon context, the Guyana Plateau and border regions, with native flora, full of relic communities, which have stimulated Arthur Conan Doyle's imagination, in his book *The Lost World*, still deserves to be highlighted. It covers areas such as Pico da Neblina – 3,014 meters high on the border with Venezuela (Pádua & Coimbra Filho, 1979). The relief is composed of a mosaic of lithological units resulting from distinct geological events with their own chronology and with a predominance of sandstone and quartzite formations (Huber, 1995a). These formations may take on a tabular form and are seen as compact blocks, which are called tables and are also known as *tepuis*, more common in Venezuelan territory (Varadarajan, 1987). At the top of these *tepuis*, there are isolated ecosystems full of endemism and ancestral species.

Two important entirely Brazilian *tepuis* are the Serra do Tepequém, located in a region of transitional vegetation between the savannah and the forest, 200 kilometers from Boa Vista, in Roraima (Barbosa, 1992), and also Serra do Aracá, in Amazonas, protected by a state park. Recent scientific expeditions to Serra do

de chuvas de sua principal bacia está diretamente ligado à temperatura da superfície das águas dos oceanos Atlântico e Pacífico (Limberger & Silva, 2016). Funcionaria a Floresta Amazônica como uma “ponte hidrometeorológica” entre os dois oceanos, com resultados climáticos cruzados então mediados pela floresta (Nobre, 2014). Os rios dependem fundamentalmente da vegetação, especialmente a marginal. As matas ou florestas ciliares, de galeria ou ripárias, como são conhecidas, quaisquer que sejam elas, são de grande relevância para o equilíbrio ecológico, hidrológico e geomorfológico das bacias, sub-bacias e microbacias sob sua influência, sendo peças-chave na dinâmica de fluxos de energias e materiais (Lima, 2010). A vegetação ripária exerce função de regulação de temperatura e luminosidade do meio aquático, além de filtrante, controlando o aporte de nutrientes, sedimentos e agrotóxicos para os cursos d’água. Interfere no escoamento superficial das águas, na perda de solo pela erosão, na estabilidade de taludes e no controle de enchentes, conferindo proteção estrutural aos habitats que cria e garantindo a integridade biótica e abiótica, a qualidade e o fluxo hídrico, bem como a diversidade biológica e paisagística (Krupek & Felski, 2006; Lima, 2010).

Onde quer que se situem, nas margens ou mais afastadas dos rios, as florestas mantêm úmido o ar em movimento, conduzindo as chuvas continente adentro, de modo a transferir, por aporte da evapotranspiração – soma da evaporação da água do solo com a transpiração dos vegetais –, grande volume de água para a atmosfera, elemento-chave no ciclo hidrológico. A Floresta Amazônica não só produz a umidade de que precisa, mas exporta o excedente na forma de vapor d’água, formando verdadeiros “rios aéreos”, que vão formar chuvas em locais muito distantes dali, em outras regiões do continente (Nobre, 2014). O referido autor destaca, ainda, que, ao atenuar a violência atmosférica, o dossel da floresta modera os ventos na baixa atmosfera, dissipando sua energia e prevenindo fenômenos climáticos mais severos, como furacões e equivalentes.

Novos modelos projetam para 2050 que a combinação do desflorestamento na Amazônia com a mudança climática poderá causar uma perda de 58%

Aracá discovered new species of bromeliads and erio-caulaceae (Barbosa-Silva et al., 2018), indicating the great research potential of these areas.

Despite its gigantic territory, the balance of the Amazonian environment is delicate and subtle. The rainfall regime of its main basin is directly linked to the surface temperature of the Atlantic and Pacific Oceans waters (Limberger & Silva, 2016). The Amazon Forest would function as a “hydrometeorological bridge” between the two oceans, with crossed climatic results mediated by the forest (Nobre 2014). Rivers depend fundamentally on vegetation, especially bordering vegetation. The forests or riparian forests, as they are known, whatever they may be, are of great relevance to the ecological, hydrological, and geomorphological balance of the basins, sub-basins, and micro-basins under their influence, being key pieces in the dynamics of energy and material flows (Lima, 2010). The riparian vegetation has the function of regulating the temperature and luminosity of the aquatic environment, besides filtering, controlling the contribution of nutrients, sediments, and pesticides to the watercourses. It interferes with water runoff, soil loss due to erosion, slope stability and flood control, providing structural protection to the habitats it creates and ensuring biotic and abiotic integrity, water quality and flow, as well as biological and landscape diversity (Krupek & Felski, 2006; Lima, 2010).

Wherever they are located, on the banks or further away from the rivers, the forests keep the moving air humid, driving the continent rains inside, to transfer, by the contribution of evapotranspiration – the sum of water evaporation from the soil and the respiration of vegetables – a large volume of water to the atmosphere, a key element in the hydrological cycle. The Amazon Forest not only produces the humidity it needs but exports the surplus in the form of water vapor, forming true “aerial rivers,” which will form rains in places very far from there, in other regions of the continent (Nobre, 2014). The aforementioned author also highlights that by attenuating atmospheric violence, the forest canopy moderates winds in the low atmosphere, dissipating their energy and preventing more severe climatic phenomena, such as hurricanes and others.



da riqueza de espécies de árvores ali existentes, ameaçando de extinção 53% das espécies de plantas e animais da região (Müller, 2020). Projeta-se como consequência do desmatamento o aumento de 2,5°C da temperatura média de superfície e uma diminuição da evapotranspiração de 30%, causando a redução em 25% das chuvas, que pode aumentar em até 42% se contabilizadas as condições internas dos oceanos, como salinidade e correntes (Nobre, 2014). Essas são apenas algumas das múltiplas e complexas consequências que poderão advir do processo de destruição do ecossistema florestal amazônico e de tudo a ele associado.

Não devemos esquecer que vivemos em uma era geológica sob grave influência humana, o chamado Antropoceno, em que o planeta passa por mudança global do clima, gerada pelo homem. O fenômeno está diretamente relacionado a processos que

New models project for 2050 that the combination of deforestation in the Amazon and climate change could cause a loss of 58% of the wealth of tree species there, threatening to extinguish 53% of the plant and animal species in the region (Müller, 2020). As a consequence of deforestation, an increase of 2.5°C in the average surface temperature and a 30% decrease in evapotranspiration are projected, causing a 25% reduction in rainfall, which can increase by up to 42% if internal ocean conditions, such as salinity and currents, are taken into account (Nobre, 2014). These are just some of the multiple and complex consequences that may result from the process of destruction of the Amazon Forest ecosystem and everything associated with it.

We must not forget that we live in a geological era under serious human influence, the so-called Anthropocene, in which the planet undergoes global

desencadeiam gradativas – mas profundas – alterações no ambiente em que vivemos. Os chamados eventos da natureza, ou “acts of God”, são intensificados e, com mais frequência, assumem proporções catastróficas, perdas de vidas humanas e com prejuízos materiais, e também da própria biodiversidade.

No âmbito do clima global, mas também no universo regional amazônico, projeta-se o chamado “ponto de não retorno”, a partir do qual o fenômeno degenerativo ambiental não mais poderá ser mitigado e ganhará vida própria, num verdadeiro efeito dominó climático-ambiental. Esse é o caso da chamada hipótese de uma amazônia semiárida – *Amazon Forest dieback hypothesis* –, que projeta que a alteração climática associada à destruição ambiental sistemática levará a uma abrupta mudança, em larga escala, com a morte das florestas e a savanização da região, que se tornará mais seca, pobre e com escassez de recursos naturais, ocasionando elevadíssimos custos ambientais e humanos (Lapola et al., 2018).

Não conhecemos muito, mas o que conhecemos da Amazônia, com tantas evidências científicas, basta para agir. O nível de informação acumulado é mais do que suficiente para prevenir e precaver, exigindo mitigação e adaptação, que são obrigações assumidas por muitos países do mundo diante do Pacto Climático, nascido em 1992, no Rio de Janeiro. Pensando na Amazônia, Euclides da Cunha acertou na batalha, mas errou nas suas consequências. Para ele, no início do século passado, era “*a guerra de mil anos contra o desconhecido. O triunfo virá ao fim de trabalhos incalculáveis, em futuro remotíssimo, ao arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa, onde hoje se nos esvaem os olhos deslumbrados e vazios*”. Os véus, ainda que parcialmente arrancados, permitem-nos ter, nos dias atuais, à luz da ciência, uma aproximada dimensão da gravidade do problema climático-ambiental. Se os trabalhos incalculáveis conduzirão ao triunfo? Melhor dirá o futuro próximo. Sabemos nas décadas que virão, bem como se os que virão terão a oportunidade de conhecer a Amazônia tal como a vivenciaram nossos antepassados, ou como nós mesmos, hoje, ainda com olhos deslumbrados, a conhecemos.

man-made climate change. The phenomenon is directly related to processes that trigger gradual – but profound – changes in the environment in which we live. The so-called events of nature, or “acts of God,” are intensified and, more often, assume catastrophic proportions, with loss of human life and profound material damage, and also of biodiversity itself.

Within the global climate, but also within the Amazonian regional universe, the so-called “point of no return” is projected, from which the degenerative environmental phenomenon can no longer be mitigated and will take on a life of its own, in a true climatic-environmental domino effect. This is the case of the so-called hypothesis of a semi-arid Amazon – Amazon Forest dieback hypothesis –, which projects that climate change associated with systematic environmental destruction will lead to an abrupt change, on a large scale, with the death of forests and the savanization of the region, which would become drier, poorer and with a scarcity of natural resources, causing very high environmental and human costs (Lapola et al., 2018).

We don’t know much, but what we know of the Amazon, with so much scientific evidence, is enough to take action. The level of accumulated information is more than enough to prevent and avert, requiring mitigation and adaptation, which are obligations assumed by many countries worldwide in the light of the Climate Pact born in 1992 in Rio de Janeiro. Thinking about the Amazon, Euclides da Cunha got the battle right but missed its consequences. For him, at the beginning of the last century, it was “*the thousand-year war against the unknown. The triumph will come at the end of incalculable works, in a very remote future, as the last veils of the wonderful whereabouts are torn away, where today our eyes vanish dazzled and empty*”. The veils, even if partially removed, allow us nowadays, in the light of science, to have an approximate dimension of the gravity of the climate-environmental problem. Will the incalculable toils lead to triumph? The near future will tell us better. In the decades to come, we will know whether those who will come will have the opportunity of knowing the Amazon as our ancestors had experienced it, as we ourselves, today, still with dazzled eyes, know it.

Nota

1 Elton M. C. Leme é desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, professor da Escola de Administração Pública e de Empresas (EBAPE), da Fundação Getúlio Vargas, coordenador-adjunto do Centro de Inovação, Administração e Pesquisa do Judiciário da FGV (CIAPJ/FGV), especialista em Direito Ambiental pela Universidade de Louvain-la-Neuve, doutorando em Direito Público pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, pesquisador colaborador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e pesquisador associado do Marie Selby Botanical Garden.

Referências bibliográficas

- Species in the database. In: *Amazon Fish Project*. Disponível em: <<https://www.amazon-fish.com/datavisualization/species-richness-at-the-sub-basin-grain>>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- ANDERSON, A. B.; PRANCE, G. T.; ALBUQUERQUE, B. W. P. Estudos sobre a vegetação das campinas amazônicas-III, a vegetação lenhosa da campina da Reserva Biológica INPA-SUFRAMA (Manaus-Caracará, km 62). In: *Acta Amazônica* 5 (3), 1975: 225-246.
- AYRES, J. M. *As matas de várzea do Mamirauá: médio Rio Solimões*. Brasília: Ed. CNPq & Soc. Civil Mamiraurá, 1995.
- BARBOSA-SILVA, R. G. et al. Up on the table mountains in Brazil: new Bromeliaceae and Eriocaulaceae (Poales) from the Pantepui in the Guayana Shield. In: *Plant Ecology and Evolution*, 151 (1), 2018: 130-141.
- BirdLife International. In: *State of the world's birds: taking the pulse of the planet*. Cambridge, UK: BirdLife International, 2018. 77 pp. Disponível em: <https://www.birdlife.org/sites/default/files/attachments/BL_ReportENG_V11_spreads.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- BOUBLI, J. P.; HRBEK, T. Introdução à biodiversidade amazônica. In: MARCON, J. L. et al. *Biodiversidade Amazônica: caracterização, ecologia e conservação*. Manaus: Ed. Universidade Federal do Amazonas, 2012. pp. 11-16.
- BRAGA, P. I. S. Orquídeas. In: *Ciência Hoje* 5 (28), 1987: 44-51.
- Cardoso, D. et al.. Amazon plant diversity revealed by a taxonomically verified species list. In: *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 114 (40), 2017: 10695-10700.
- CRULS, G. *Hiléia Amazônica*. São Paulo: São Paulo Editora, 1955. 337 pp.
- CUNHA, E. Um paraíso perdido – reunião de ensaios amazônicos. In: *Coleção Brasil 500 anos*. Brasília: Senado Federal, 2000. 368 pp.
- DUCKE, A.; BLACK, G. A. Notas sobre a fitogeografia da Amazônia brasileira. In: *Boletim Técnico do Instituto Agrônomo do Norte* 29, 1954: 2-63.
- FERRI, M. G. *Vegetação brasileira*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.
- FISCH, G.; MARENGO, J. A.; NOBRE, C. A. Uma revisão geral sobre o clima da Amazônia. In: *Acta Amazônica* 28 (2), 1998: 101-126.
- FORDHAM, G., SHANEE, S.; PECK, M. Effect of river size on Amazonian primate community structure: a biogeographical analysis using updated taxonomic assessments. In: *American Journal of Primatology* 82 (7), 2020: e.23136.
- FRIEDE, R. *Floresta amazônica: ainda um inferno verde ou agora um paraíso ameaçado?* Rio de Janeiro: jus.com.br, 2000. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/84826/floresta-amazonica-ainda-um-inferno-verde-ou-agora-um-paraíso-ameaçado>>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- GADELHA, R. M. A. F. Conquista e ocupação da Amazônia: fronteira norte do Brasil. In: *Estudos Avançados* 16 (45), 2002: 63-80. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200005>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- GUIMARÃES, F. S.; BUENO, G. T. As campinas e campinaranas amazônicas. In: *Cadernos de Geografia* 26 (45), 2016: 113-133.
- HOORN, C. et al. Andean tectonics as a cause for changing drainage patterns in Miocene northern South America. In: *Geology* 23 (3), 1995: 237-240.
- HUBER, O. Geographical and physical features. In: STEYERMARK, J. A.; BERRY, P. E.; HORST, B. K. *Flora of the Venezuelan Guayana*. Oregon: Timber Press, 1995. pp. 1-61.
- HUBER, O. History of botanical exploration. In: STEYERMARK, J. A.; BERRY, P. E.; HORST, B. K. *Flora of the Venezuelan Guayana*. Oregon: Timber Press, 1995b. pp. 63-91.
- HUMBOLDT, A. von; BONPLAND, A. *Reise in die Aequinoctial-Gegenden des neuen Continents in den Jahren 1799-1804*. Stuttgart und Tübingen: J.G. Cotta'schen Buchhandlung, 1820.
- JOLY, A. B. *Conheça a vegetação brasileira*. São Paulo: Ed. Univ. São Paulo, 1970.
- KRYPEK, R. A.; FELSKI, G. Avaliação da cobertura ripária de rios e riachos da bacia hidrográfica do Rio das Pedras, região centro-Éri sul do Estado do Paraná. In: *Revista Ciências Exatas e Naturais* 8 (2), 2006: 179-188.
- LANGLIOS, J. Researchers discover the tallest known tree in the Amazon. In: *Smithsonian Magazine*. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/science-nature/researchers-discover-tallest-known-tree-amazon-180973227/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- LEME, E. M. C. et al. A new species of *Werauhia* (Bromeliaceae: Tillandsioideae) from the Brazilian "Hylaea". In: *Phytotaxa* 471 (1), 2020: 29-37.
- LIMA, D. A. de S. *Influência da mata ciliar na qualidade da água na bacia do Ribeirão do Lajeado – TO*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. 93 pp.
- LIMBERGER, L.; SILVA, M. E. S. Precipitação na bacia amazônica e sua associação à variabilidade da temperatura da superfície dos oceanos Pacífico e Atlântico: uma revisão. In: *Geosp – Espaço e Tempo* 20 (3), 2016: 657-675.
- LISBOA, P. L. Estudos sobre a vegetação das campinas amazônicas – II, observações gerais e revisão bibliográfica sobre as campinas amazônicas de areias brancas. In: *Acta Amazonica* 5 (3), 1975: 211-223.
- LISBOA, P. L. Estudos sobre a vegetação das campinas amazônicas – V, briocologia de uma campina amazônica. In: *Acta Amazonica* 6 (2), 1976: 171-191.
- MOLINIER, M. et al. Hidrologia da bacia do rio Amazonas. In: *Ciência e Tecnologia*, 1994: 31-36. Disponível em: <https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_6/b_fdi_35-36/41720.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- MÜLLER, C. *Brazil and the Amazon Rainforest – Deforestation, biodiversity and cooperation with EU and international forums*. Luxemburgo: Parlamento Europeu, 2020. 34 pp. Disponível em: <[https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/IDAN/2020/648792/IPOL_IDA\(2020\)648792_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/IDAN/2020/648792/IPOL_IDA(2020)648792_EN.pdf)>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- NEVES, E. G. O rio Amazonas: fonte de diversidade. In: *Revista del Museo de La Plata* 4 (2), 2019: 385-400.
- NOBRE, A. D. *O futuro climático da Amazônia – relatório de avaliação científica*. São Paulo: Edição ARA, 2014. CCST-INPE e INPA.

OLIVEIRA, M. M. Apresentação. In: *Protocolo para coleta de dados sobre primatas em unidades de conservação da Amazônia*. Brasília: ICMBio, 2012.

OLIVEIRA, U.; VASCONCELOS, M. F.; SANTOS, A. J. Biogeography of Amazon birds: rivers limit species composition, but not areas of endemism. In: *Scientific Reports* 7 (2992), 2017: 1-11.

PÁDUA, M. T. J.; COIMBRA-FILHO, A. F. *Os parques nacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio ed., 1979.

PIVETTA, M. New birds of Amazonia – fifteen species are described in the largest Brazilian ornithological discovery of the past 140 years. In: *Pesquisa FAPESP* 4, 2013: 6-11. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/en/read-the-international-issue-october-2013/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PRANCE, G. T. A terminologia dos tipos de Floresta amazônicas sujeitas a inundações. In: *Acta Amazonica* 10 (3), 1980: 495-504.

REITZ, R. Há poucas bromélias na Amazônia. In: *Sellowia* 17 (17), 1965: 29-35.

RIZZINI, C. T. *Tratado de fitogeografia do Brasil, aspectos sociológicos e florísticos*. São Paulo: Ed. Univ. São Paulo, 1979.

RIZZINI, C. T.; COIMBRA-FILHO, A. F. *Ecossistemas brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Index, 1988.

SACEK, V. Drainage reversal of the Amazon River due to the coupling of surface and lithospheric processes. In: *Earth and Planetary Science Letters* 401, 2014: 301-312. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/journal/earth-and-planetary-science-letters/vol/401/suppl/C>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

SILVA, M. do S. R. et al. Classificação dos rios da Amazônia: uma estratégia para preservação desses recursos. In: *Holos Environment* 13 (2), 2013: 163-174, 2013. Disponível em: <<https://www.cea-unesp.org.br/holos/issue/view/947>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

SIOLI, H. Alguns resultados e problemas da limnologia amazônica. In: *Boletim Técnico do Instituto Agrônomo do Norte* 24, 1951: 3-44.

STEEGE, H. ter et al. Hyperdominance in the Amazonian tree flora. In: *Science* 342, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1126/science.1243092>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

ULLOA, C. U. et al. An integrated assessment of the vascular plant species of the Americas. In: *Science* 358, 2017: 1614-1617. Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/358/6359>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

VALSECCHI, J. et al. *Atualização e composição da lista – Novas espécies de vertebrados e plantas na Amazônia 2014-2015*. Iniciativa Amazônia Viva da Rede WWF (OLIVEIRA, D.; CHARITY, S.), WWF-Brasil (DANTAS, J. E.; GUTIÉRREZ, M.). Brasília/Amazonas: WWF e Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2017. Disponível em: <<https://www.mamiraua.org.br/documentos/c9e6986e908b8631f40cf9f27e6e4312.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

VARADARAJAN, G. S. Exploration for Pitcairnioideae in South America. In: *Journal of the Bromeliad Society* 37 (1), 1987: 16-24.

WESSELINGH, F. P. et al. On the origin of Amazonian landscapes and biodiversity: a synthesis. pp. 421-431. In: HOORN, C.; WESSELINGH, F. P. (eds.). *Amazonia: landscape and species evolution – a look into the past*. USA: Wiley-Blackwell, 2010. 433 pp.

Notes

1 Elton M.C. Leme is an Appellate Judge at the Rio de Janeiro Court of Justice, Professor at the School of Public and Business Administration (EBAPE) at Fundação Getúlio Vargas, Assistant Coordinator of the Center for Innovation, Administration and Judiciary Research at the FGV (CIAPJ/FGV), Specialist in Environmental Law from the University of Louvain-la-Neuve, Doctorate in Public Law from the Faculty of Law of the University of Coimbra, Associated Researcher at the Rio de Janeiro Botanical Garden and at the Marie Selby Botanical Garden.

Bibliographic References

Species in the database. In: *Amazon Fish Project*. Available at: <<https://www.amazon-fish.com/datavisualization/species-richness-at-the-sub-basin-grain>>. Access on: Nov. 30, 2020.

ANDERSON, A. B.; PRANCE, G. T.; ALBUQUERQUE, B. W. P. Estudos sobre a vegetação das campinas amazônicas-III, a vegetação lenhosa da campina da Reserva Biológica INPA-SUFRAMA (Manaus-Caracará, km 62). In: *Acta Amazonica* 5 (3), 1975: 225-246.

AYRES, J. M. *As matas de várzea do Mamirauá: médio Rio Solimões*. Brasília: Ed. CNPq & Soc. Civil Mamirauá, 1995.

BARBOSA-SILVA, R. G. et al. Up on the table mountains in Brazil: new Bromeliaceae and Eriocaulaceae (Poales) from the Pantepui in the Guayana Shield. In: *Plant Ecology and Evolution*, 151 (1), 2018: 130-141.

BirdLife International. In: *State of the world's birds: taking the pulse of the planet*. Cambridge, UK: BirdLife International, 2018. 77 pp. Available at: <https://www.birdlife.org/sites/default/files/attachments/BL_ReportENG_V11_spreads.pdf>. Access on: Nov. 30, 2020.

BOUBLI, J. P.; HRBEK, T. Introdução à biodiversidade amazônica. In: MARCON, J. L. et al. *Biodiversidade Amazônica: caracterização, ecologia e conservação*. Manaus: Ed. Universidade Federal do Amazonas, 2012. pp. 11-16.

BRAGA, P. I. S. Orquídeas. In: *Ciência Hoje* 5 (28), 1987: 44-51.

Cardoso, D. et al.. Amazon plant diversity revealed by a taxonomically verified species list. In: *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 114 (40), 2017: 10.695-10700.

CRULS, G. *Hileia Amazônica*. São Paulo: São Paulo Editora, 1955. 337 pp.

CUNHA, E. Um paraíso perdido – reunião de ensaios amazônicos. In: *Coleção Brasil 500 anos*. Brasília: Senado Federal, 2000. 368 pp.

DUCKE, A.; BLACK, G. A. Notas sobre a fitogeografia da Amazônia brasileira. In: *Boletim Técnico do Instituto Agrônomo do Norte* 29, 1954: 2-63.

FERRI, M. G. *Vegetação brasileira*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.

FISCH, G.; MARENGO, J. A.; NOBRE, C. A. Uma revisão geral sobre o clima da Amazônia. In: *Acta Amazonica* 28 (2), 1998: 101-126.

FORDHAM, G., SHANE, S.; PECK, M. Effect of river size on Amazonian primate community structure: a biogeographical analysis using updated taxonomic assessments. In: *American Journal of Primatology* 82 (7), 2020: e.23136.

FRIEDE, R. *Floresta amazônica: ainda um inferno verde ou agora um paraíso ameaçado?* Rio de Janeiro: jus.com.br, 2000. Available at: <<https://jus.com.br/artigos/84826/floresta-amazonica-ainda-um-inferno-verde-ou-agora-um-paraíso-ameaçado>>. Access on: Nov. 30, 2020.

GADELHA, R. M. A. F. Conquista e ocupação da Amazônia: fronteira norte do Brasil. In: *Estudos Avançados* 16 (45), 2002: 63-80. Available at:

- <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200005>. Access on: Dec. 16, 2020.
- GUIMARÃES, F. S.; BUENO, G. T. As campinas e campinaranas amazônicas. In: *Cadernos de Geografia* 26 (45), 2016: 113-133.
- HOORN, C. et al. Andean tectonics as a cause for changing drainage patterns in Miocene northern South America. In: *Geology* 23 (3), 1995: 237-240.
- HUBER, O. Geographical and physical features. In: STEYERMARK, J. A.; BERRY, P. E.; HORST, B. K. *Flora of the Venezuelan Guayana*. Oregon: Timber Press, 1995. pp. 1-61.
- HUBER, O. History of botanical exploration. In: STEYERMARK, J. A.; BERRY, P. E.; HORST, B. K. *Flora of the Venezuelan Guayana*. Oregon: Timber Press, 1995b. pp. 63-91.
- HUMBOLDT, A. von; BONPLAND, A. *Reise in die Aequinoctial-Gegenden des neuen Continents in den Jahren 1799-1804*. Stuttgart und Tübingen: J.G. Cotta'schen Buchhandlung, 1820.
- JOLY, A. B. *Conheça a vegetação brasileira*. São Paulo: Ed. Univ. São Paulo, 1970.
- KRYPEK, R. A.; FELSKI, G. Avaliação da cobertura ripária de rios e riachos da bacia hidrográfica do Rio das Pedras, região centro-sul do Estado do Paraná. In: *Revista Ciências Exatas e Naturais* 8 (2), 2006: 179-188.
- LANGLIOS, J. Researchers discover the tallest known tree in the Amazon. In: *Smithsonian Magazine*. Available at: <<https://www.smithsonianmag.com/science-nature/researchers-discover-tallest-known-tree-amazon-180973227/>>. Access on: Nov. 30, 2020.
- LEME, E. M. C. et al. A new species of *Werauhia* (Bromeliaceae: Tillandsioideae) from the Brazilian "Hylaea". In: *Phytotaxa* 471 (1), 2020: 29-37.
- LIMA, D. A. de S. *Influência da mata ciliar na qualidade da água na bacia do Ribeirão do Lajeado – TO*. Master Thesis. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. 93 pp.
- LIMBERGER, L.; SILVA, M. E. S. Precipitação na bacia amazônica e sua associação à variabilidade da temperatura da superfície dos oceanos Pacífico e Atlântico: uma revisão. In: *Geosp – Espaço e Tempo* 20 (3), 2016: 657-675.
- LISBOA, P. L. Estudos sobre a vegetação das campinas amazônicas – II, observações gerais e revisão bibliográfica sobre as campinas amazônicas de areias brancas. In: *Acta Amazonica* 5 (3), 1975: 211-223.
- LISBOA, P. L. Estudos sobre a vegetação das campinas amazônicas – V, bioecologia de uma campina amazônica. In: *Acta Amazonica* 6 (2), 1976: 171-191.
- MOLINIER, M. et al. Hidrologia da bacia do rio Amazonas. In: *Ciência e Tecnologia*, 1994: 31-36. Available at: <https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_6/b_fdi_35-36/41720.pdf>. Access on: Dec. 16, 2020.
- MÜLLER, C. *Brazil and the Amazon Rainforest – Deforestation, biodiversity and cooperation with EU and international forums*. Luxemburgo: Parlamento Europeu, 2020. 34 pp. Available at: <[https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/IDAN/2020/648792/IPOL_IDA\(2020\)648792_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/IDAN/2020/648792/IPOL_IDA(2020)648792_EN.pdf)>. Access on: Dec. 16, 2020.
- NEVES, E. G. O rio Amazonas: fonte de diversidade. In: *Revista del Museo de La Plata* 4 (2), 2019: 385-400.
- NOBRE, A. D. *O futuro climático da Amazônia – relatório de avaliação científica*. São Paulo: Edição ARA, 2014. CCST-INPE e INPA.
- OLIVEIRA, M. M. Apresentação. In: *Protocolo para coleta de dados sobre primatas em unidades de conservação da Amazônia*. Brasília: ICMBio, 2012.
- OLIVEIRA, U.; VASCONCELOS, M. F.; SANTOS, A. J. Biogeography of Amazon birds: rivers limit species composition, but not areas of endemism. In: *Scientific Reports* 7 (2992), 2017: 1-11.
- PÁDUA, M. T. J.; COIMBRA-FILHO, A. F. *Os parques nacionais do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio ed., 1979.
- PIVETTA, M. New birds of Amazonia – fifteen species are described in the largest Brazilian ornithological discovery of the past 140 years. In: *Pesquisa FAPESP* 4, 2013: 6-11. Available at: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/en/read-the-international-issue-october-2013/>>. Access on: Nov. 30, 2020.
- PRANCE, G. T. A terminologia dos tipos de Florestas amazônicas sujeitas a inundações. In: *Acta Amazonica* 10 (3), 1980: 495-504.
- REITZ, R. Há poucas bromélias na Amazônia. In: *Sellowia* 17 (17), 1965: 29-35.
- RIZZINI, C. T. *Tratado de fitogeografia do Brasil, aspectos sociológicos e florísticos*. São Paulo: Ed. Univ. São Paulo, 1979.
- RIZZINI, C. T.; COIMBRA-FILHO, A. F. *Ecossistemas brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Index, 1988.
- SACEK, V. Drainage reversal of the Amazon River due to the coupling of surface and lithospheric processes. In: *Earth and Planetary Science Letters* 401, 2014: 301-312. Available at: <<https://www.sciencedirect.com/journal/earth-and-planetary-science-letters/vol/401/suppl/C>>. Access on: Dec. 16, 2020.
- SILVA, M. do S. R. et al. Classificação dos rios da Amazônia: uma estratégia para preservação desses recursos. In: *Holos Environment* 13 (2), 2013: 163-174, 2013. Available at: <<https://www.cea-unesp.org.br/holos/issue/view/947>>. Access on: Dec. 16, 2020.
- SIOLI, H. Alguns resultados e problemas da limnologia amazônica. In: *Boletim Técnico do Instituto Agrônomo do Norte* 24, 1951: 3-44.
- STEEGE, H. ter et al. Hyperdominance in the Amazonian tree flora. In: *Science* 342, 2013. Available at: <<http://dx.doi.org/10.1126/science.1243092>>. Access on: Nov. 30, 2020.
- ULLOA, C. U. et al. An integrated assessment of the vascular plant species of the Americas. In: *Science* 358, 2017: 1.614-1617. Available at: <<https://science.sciencemag.org/content/358/6359>>. Access on: Dec. 16, 2020.
- VALSECCHI, J. et al. *Atualização e composição da lista – Novas espécies de vertebrados e plantas na Amazônia 2014-2015*. Iniciativa Amazônia Viva da Rede WWF (OLIVEIRA, D.; CHARITY, S.), WWF-Brasil (DANTAS, J. E.; GUTIÉRREZ, M.). Brasília/Amazonas: WWF e Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2017. Available at: <<https://www.mamiraua.org.br/documentos/c9e6986e908b8631f40cf9f27e6e4312.pdf>>. Access on: Nov. 30, 2020.
- VARADARAJAN, G. S. Exploration for Pitcairnioideae in South America. In: *Journal of the Bromeliad Society* 37 (1), 1987: 16-24.
- WESSELINGH, F. P. et al. On the origin of Amazonian landscapes and biodiversity: a synthesis. pp. 421-431. In: HOORN, C.; WESSELINGH, F. P. (eds.). *Amazonia: landscape and species evolution – a look into the past*. USA: Wiley-Blackwell, 2010. 433 pp.



A CULTURA VISUAL

E A PRIMEIRA MODERNIDADE: DO ILUMINISMO À CABANAGEM

Paulo Herkenhoff¹

CONSULTOR DA FGV

Orlando Maneschy²

UFPA

Os presentes estudos são uma tentativa preliminar, entre outras, de narrativa histórica da arte que abarque a Amazônia brasileira. Não é do escopo desta coletânea, editada pela Fundação Getúlio Vargas, elaborar um tratado exaustivo do assunto ou envolver, por exemplo, arte (Lothar Baumgarten e Juan Downey entre os lanomâmis na área da Venezuela), cultura visual (dos Saramankas, afrodescendentes na Guiana), exploradores (Walter Raleigh no Orinoco), viajantes (José Celestino Mutis) e teorias (*Kosmos* do polímata Alexander von Humboldt) relativos a outros países compreendidos no bioma amazônico. Essas tarefas necessárias tomarão anos e muitos pesquisadores que não de introduzir novos aspectos, corrigir e completar os capítulos presentes neste livro. A missão do texto é corroborar uma existência de história, estimulando outras pesquisas, no momento em que a Amazônia se torna foco de preocupação da humanidade com a entropia do meio ambiente no período do Antropoceno. É despidendo afirmar que a Amazônia, seus rios e as sociedades originárias desbordam as fronteiras políticas entre os países.

Do século das luzes amazônicas à Cabanagem

A Amazônia experimentou alguns ciclos de desenvolvimento político-econômico, períodos de inquietação social, bem como ciclos alternados de florescimento e de estagnação cultural. O que se propõe

VISUAL CULTURE AND EARLY MODERNITY: FROM THE ENLIGHTENMENT TO THE CABANAGEM

The present studies are a preliminary attempt, among others, for an art historical narrative embracing the Brazilian Amazon. It is not the scope of this collection, edited by Fundação Getúlio Vargas, to elaborate an exhaustive treatise on the subject or to involve, for example, art (Lothar Baumgarten and Juan Downey among the lanomâmis in the area of Venezuela), visual culture (of the Saramankas, Afro-descendants in Guyana), explorers (Walter Raleigh in the Orinoco), travelers (José Celestino Mutis) and theories (*Kosmos* of the polymath Alexander von Humboldt) related to other countries encompassed in the Amazon biome. These necessary tasks will take years and many researchers that will introduce new aspects, correct and complete the chapters in this book. The mission of the text is to corroborate an existence of history, stimulating other researches at a time when the Amazon becomes the focus of humanity's concern with the entropy of the environment in the Anthropocene Era. It is despicable to say that Amazon, its rivers, and original societies surpass the political borders between countries.

From the century of the Amazonian Enlightenment to the Cabanagem

The Amazon has experienced some cycles of political and economic development, periods of social unrest,



neste livro é construir um esboço da história das artes visuais da Amazônia, dividida em cinco ciclos. O primeiro se concentra no período impactado pelos tratados de revisão territorial de Tordesilhas entre Portugal e Espanha³ e se estende até a eclosão da Cabanagem, em 1835.⁴ O segundo corresponde ao Ciclo da Borracha, que trouxe um florescimento econômico e cultural à região. O terceiro ciclo é de refreamento, sob a contingência da derrocada da produção de borracha da Amazônia, em 1912, e vai até o final da Segunda Guerra. A esse “travamento” da produção cultural na região, a modernidade cultural produzida no “sul do Brasil” projeta o mito de origem na Amazônia, inclusive com a participação de paraenses e amazonenses no Rio de Janeiro e São Paulo, no que tratamos como o moderno e o modernismo. O quarto ciclo está dominado por novos processos, sobretudo em Belém e Manaus. O último ciclo corresponde à estética da visualidade amazônica e seus desdobramentos, desvios ou rupturas, grosso modo, ocorridos no século XXI.

A exaltação do feito fundador de Pedro Teixeira no tema da máquina pictórica *Conquista do Amazonas*, de Antonio Parreiras, foi celebrado pelo governador Augusto Montenegro: “*O thema é uma das expedições de exploração e conquista, em que se expandia o gênio aventureiro, que tanto caracterisava*

as well as alternating cycles of flourishing and cultural stagnation. What is proposed in this book is to construct an outline of the history of visual arts in the Amazon, divided into five cycles. The first focuses on the period impacted by the Tordesillas territorial review treaties between Portugal and Spain³ and extends until the outbreak of the Cabanagem in 1835.⁴ The second is related to the Rubber Cycle, which brought an economic and cultural flourishing to the region. The third cycle is that of restraint, under the contingency of the collapse of rubber production in the Amazon, in 1912, and goes until the end of World War II. To this “blockage” of cultural production in the region, the cultural modernity produced in “the South of Brazil” projects the myth of origin in Amazonia, including even the participation of people from Pará and Amazon in Rio de Janeiro and São Paulo, which we refer to as modernity and modernism. The fourth cycle is dominated by new processes, especially in Belém and Manaus. The last cycle corresponds to the aesthetics of the Amazonian visuality and its developments, deviations, or disruptions, roughly speaking, occurring in the 21st century.

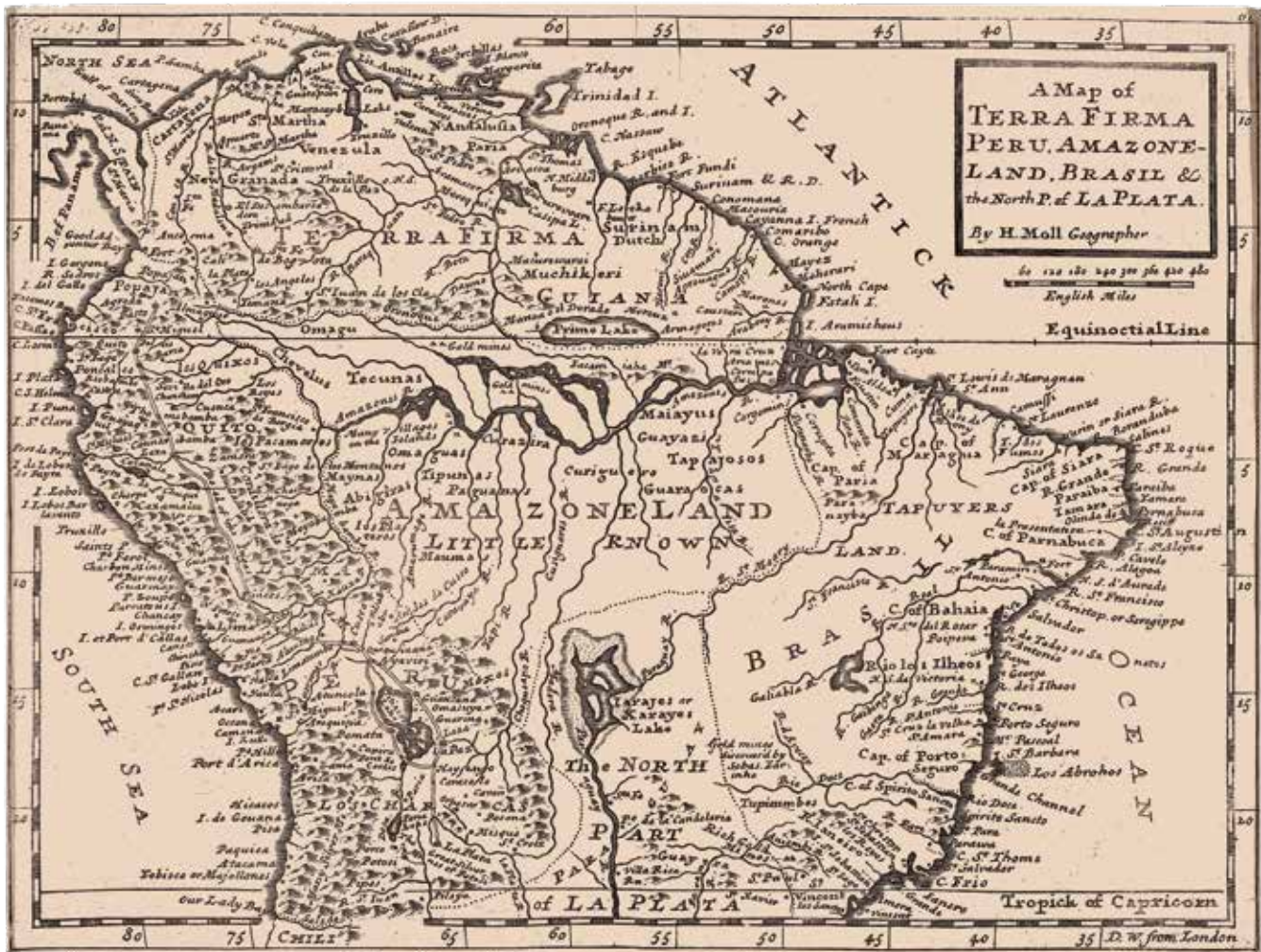
Pedro Teixeira’s founding feat exaltation in the theme of the pictorial machine *Conquista do Amazonas*, by Antonio Parreiras, was celebrated by Governor Augusto Montenegro: “*The theme is one of the expeditions of exploration and conquest, in which the*

a raça lusitana desses famosos tempos”.⁵ Em análise do lugar da arte no Pará em afluência, que atraía pintores brasileiros, como Benedito Calixto e Antonio Parreiras e estrangeiros, Aldrin Moura de Figueiredo afirmou que a Amazônia passou “[...] necessariamente a ser uma espécie de *epicentro* intelectual do país”⁶ [grifo nosso]. O professor da Universidade Federal do Pará não é categórico, posto que não ignorava a exuberância das encomendas na então Capital Federal para ornar os edifícios da Avenida Central, inaugurada em 1909, atual Avenida Rio Branco, nos prédios do Teatro Municipal (com seu teto e pano de boca monumental, pintados por Eliseu Visconti, painéis nas antessalas, por Rodolfo Amoedo e estatuária de Henrique Bernardelli), na Biblioteca Nacional, na inauguração da nova sede da Escola Nacional de Belas Artes e em outros edifícios públicos que demandavam cuidados para transformar a cidade oitocentista, capaz de dar conta também das necessidades da vida diplomática do nascente século XX. De toda forma, Manaus não acompanhou, na mesma intensidade, o mecenato oficial de Belém com as artes. Para além do ufanismo generalizado com uma pintura de história positivista, *Conquista do Amazonas* pode ser lida, sob a perspectiva benjaminiana da nova história dos vencidos, como o elogio do invasor, o início do processo multissecular de desvalorização das populações indígenas da região.

Em 1639, o jesuíta espanhol Cristóbal de Acuña compôs a expedição de Pedro Teixeira, que fundou o Forte Presépio, núcleo matricial da cidade de Belém. O grupo de exploradores subiu o Rio Amazonas até Quito e voltou a Belém numa viagem que levou dois anos (1637-1639). Dessa viagem, resultou, em 1641, o relato de Acuña *Nuevo descubrimiento del gran Río de las Amazonas*, o incunábulo da Amazônia, pois foi o primeiro livro impresso sobre a região. Foi o primeiro *corpus* de paisagens documentais das margens do Amazonas; uma cartografia antecedente aos mapas do Tratado de Madri. Acuña observou a diversidade das culturas indígenas, abordou as possibilidades agrícolas da região, refletiu sobre o sistema colonial, foi cauteloso sobre as lendas europeias sobre a Amazônia, como o Lago Dourado.

*adventurous genius that so characterized the Lusitanian race of those famous times, expanded”.*⁵ In an analysis of the affluent place of art in Pará, which attracted Brazilian painters (such as Benedito Calixto and Antonio Parreiras) and foreigners, Aldrin Moura de Figueiredo stated that the Amazon became “[...] necessarily a kind of the intellectual *epicenter* of the country”⁶ [emphasis added]. The professor at the Universidade Federal do Pará is not categorical, given that he was not unaware the exuberance of commissions in the then Federal Capital to adorn the buildings on Central Avenue, inaugurated in 1909, currently Avenida Rio Branco, in the building of the Teatro Municipal (with its roof and monumental backdrop painted by Eliseu Visconti, panels in the antechambers, by Rodolfo Amoedo and statuary by Henrique Bernardelli, at the Biblioteca Nacional, at the inauguration of the new headquarters of the Escola Nacional de Belas Artes and in other public buildings that required attention to transform the 19th century city, capable also of coping with the needs of the diplomatic life of the nascent 20th century. In any case, Manaus did not follow, to the same intensity, Belém’s official patronage of the arts. In addition to the widespread pride in a painting of positivist history, *Conquista do Amazonas* can be read, under the Benjaminian perspective of the new history of the vanquished, as the praise of the invader, the beginning of the centuries-old process of devaluation of the indigenous populations of the region.

In 1639, the Spanish Jesuit Cristóbal de Acuña took part in the expedition of Pedro Teixeira, who founded the Forte Presépio, the core of the city of Belém. The group of explorers went up the Amazon River to Quito and returned to Belém on a trip that took two years (1637-1639). This trip resulted in Acuña’s account *Nuevo descubrimiento del gran Río de las Amazonas*, the Amazon incunabulum, for it was the first printed book about the region. It was the first *corpus* of documentary landscapes of the banks of the Amazon; a cartography that precedes the Madrid Treaty maps. Acuña observed the diversity of indigenous cultures, addressed the agricultural possibilities of the region, reflected on the colonial system, was cautious about European legends about the Amazon such as the Dourado Lake. Finally, he predicted that Belém would become “the owner of the river, who has in hand the



Por fim, vaticinou que Belém viria a ser “o dono do rio, com quem tem a mão a chave de tudo”.⁷ O cientista francês La Condamine desceria o rio Amazonas dos Andes a Belém, em 1743, para realizar a medição e a determinação exata do grau do arco de meridiano nas proximidades da linha do Equador.⁸ Naturalista, ele foi o primeiro europeu a falar da plasticidade da matéria conhecida de algumas sociedades indígenas, a origem da borracha, e publicou a imagem de uma seringueira.

A expansão da conquista colonial nos territórios da Amazônia, no século XVII, tem um curioso processo de nomeação dos vilarejos implantados. Muitos recebem o nome de cidades portuguesas, como Bragança, fundada em 1613; Belém e Vigia, em 1616; Santarém, em 1661; Óbidos, em 1668; e, no Amazonas, Barcelos foi fundada em 1728.⁹ A grande

key to everything”.⁷ The French scientist La Condamine would descend the Amazon River from the Andes to Belém, in 1743, to perform the measurement and the exact determination of the meridian arc degree in the vicinity of the Equator.⁸ A naturalist, he was the first European to talk about the plasticity of the material known to some indigenous societies, the origin of rubber, and he published the image of a rubber-tree.

The expansion of colonial conquest in the territories of the Amazon in the 17th century has a curious naming process for the implanted villages. Many were named after Portuguese cities, such as Bragança, founded in 1613; Belém and Vigia, in 1616; Santarém, in 1661; Óbidos, in 1668; and, in Amazonas, Barcelos was founded in 1728.⁹ The big canvas *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará* (1908), by Theodoro Braga, was solemnly exhibited at the

H. Moll | A Map of Terra Firma Peru, Amazoneland, Brasil & North of P. of La Plata, século XVIII
 [A Map of Terra Firma Peru, Amazoneland, Brasil & North of P. of La Plata, 18th century]
 Gravador anônimo [Anonymous printmaker] (D. W., Londres) | Gravura [Engraving]

tela *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará* (1908), de Theodoro Braga, foi exposta solenemente no Teatro da Paz, um constructo da origem. Manaus, criada em 1669, tem seu nome originado da tribo Manaós, e muitas cidades e localidades receberam nomes indígenas, costume que persiste até hoje, com cidades como Cametá, Marituba, Parintins, Guajará e outras. A nomenclatura lusa de vilas fez surgir então o imaginário de que Portugal, imprensado contra o Atlântico pela Espanha no oeste da Europa, teria planejado a transposição do país, de sua população e da organização do Estado para a Amazônia, corroborada com a separação, determinada pela Metrópole, entre a região e o Brasil, no século XVIII.

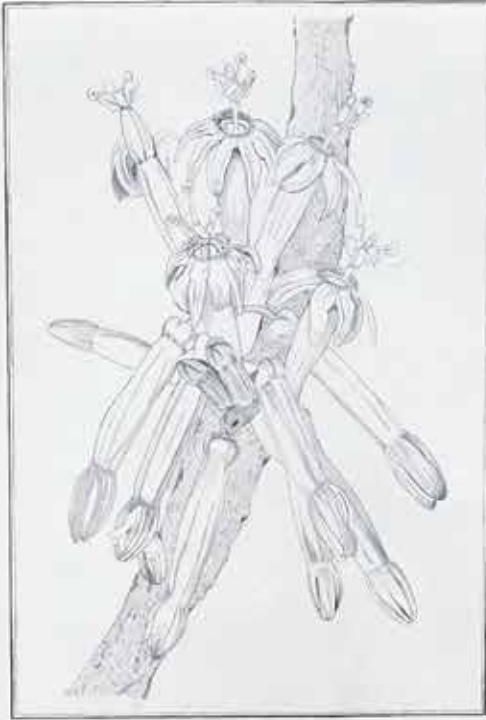
A história tem mais sentido quando confere espessura crítica ao presente. A arte da historicidade do Pará tem um ponto de inflexão com Adriana Varejão, quando visita a exposição *Alexandre Rodrigues Ferreira, a Amazônia Redescoberta no Século XVIII*, na Biblioteca Nacional, em 1992.¹⁰ Desde então, a artista pintou inúmeros quadros baseados em elementos dos desenhos legados pela expedição de Rodrigues Ferreira. Mais recentemente, fez a série de autorretratos intitulada *Polvo Portraits (Amazônia)*, em 2014, com seu rosto tomado por padrões de pintura corporal indígena extraídos dos desenhos do espólio desse viajante. Por meio da fotografia, Luiz Braga registrou tapetes com cenas árabes no bairro do Comércio, em Belém, para evocar sua origem libanesa. Em *Palomo* (2009), Berna Reale se veste de policial militar, monta um cavalo, pintado de vermelho sanguíneo, e atravessa o centro vazio de Belém. Na história da violência no mundo de Reale, o crioulo Palomo teria sido usado no massacre dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, em 1996. Depois de uma série de análises do racismo no relato de crimes nos jornais do Pará, a obra de Éder Oliveira dá um salto com a grande pintura *Estudo para retrato de Cacique Guaimiaba (Cabelo de Velha)*, de 2019, que trata da conquista da Amazônia e da produção social do ribeirinho, tantas vezes um *Homo sacer* na selva ou na periferia das grandes cidades. Um desenho na tela é um fragmento, cita a pintura

Teatro da Paz, a construct of its origin. Manaus, established in 1669, got its name from the Manaós tribe, and many cities and villages got indigenous names, a custom that persists today, with cities like Cametá, Marituba, Parintins, Guajará, and others. The Portuguese nomenclature of villages gave rise to the imaginary that Portugal, sandwiched against the Atlantic by Spain in Western Europe, would have planned the transposition of the country, its population and the organization of the State to the Amazon, corroborated by the split, set by the metropolis, between the region and Brazil in the 18th century.

History makes more sense when giving critical thickness to the present. The art of historicity in Pará has a turning-point in Adriana Varejão, when she visits the exhibition *Alexandre Rodrigues Ferreira, a Amazônia Redescoberta no Século XVIII*, at the Biblioteca Nacional, in 1992.¹⁰ Since then, the artist has painted numerous pictures based on elements of the drawings left by Rodrigues Ferreira's expedition.



Charles Marie de La Condamine | Memória sobre uma resina elástica recentemente descoberta em Caiena pelo sr. Fresneau [*Memory about aelastic resin recently discovered in Cayenne by Mr. Fresneau*], 1751 Paris, Mémoires de l'Academie Royale des Sciences | Gravador [*Printmaker*] J. Ingram



Ya pihi irakema



do Pará, de Theodoro Braga. Éder é esse *Guaimiaba*, o cacique tupinambá representado por Parreiras em *Conquista do Amazonas*, receptivo e depois assassinado pelos homens de Pedro Teixeira, antes da escravização indígena, no processo de colonização que foi denominado a “hospitalidade traída”.¹¹ A partir de Codina e Freire, Parreiras e Braga, com Adriana Varejão (e. g., *Em Segredo*, 2003) e Éder Oliveira, aflora, em perspectiva historiográfica de Aby Warburg, a permanência ou sobrevivência das imagens, a *Nachleben* amazoniana.

O projeto de modernidade de Portugal em suas colônias da América implicou a realização de uma ciência objetiva, numa moralidade universal e em esboços de arte autônomos em relação ao Estado e à religião, seguindo sua lógica própria – como na acepção de Weber e Habermas.¹² Esse movimento tem uma chave na Amazônia, com a criação do estado do Grão-Pará, e Rio Negro (1772) tornou-se uma unidade administrativa com o Marquês de Pombal, Secretário de Estado.

Uma primeira presença intelectual, fortuita e passageira, foi a do missionário jesuíta Antonio Vieira, na Amazônia. Em 1653, em São Luís, realiza o *Sermão*

More recently, she made the series of self-portraits entitled *Polvo Portraits (Amazônia)*, in 2014, with her face taken by patterns of indigenous body painting extracted from the drawings of Rodrigues Ferreira’s collection. Through photography, Luiz Braga inscribed carpets with Arab scenes in the Comércio neighborhood, in Belém, to evoke his Lebanese origin. In *Palomo* (2009), Berna Reale dresses as a military policeman, rides a blood-red painted horse, and crosses Belém’s empty center. In the history of violence in the world of Reale, the creole Palomo would have been used in the massacre of the landless in Eldorado dos Carajás, in 1996. Following a series of analyzes of racism in the reporting of crimes in the newspapers of Pará, the work of Éder Oliveira takes a leap forward with the great canvas *Estudo para retrato de Cacique Guaimiaba (Cabelo de Velha)*, from 2019, which deals with the conquest of the Amazon and the social production of the riverside inhabitants, so often a *Homo sacer* in the jungle or on the periphery of big cities. Theodoro Braga’s painting *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará* quotes that a drawing on the canvas is a fragment. Éder is this *Guaimiaba*, the Tupinambá cacique represented by

Adriana Varejão

< *Em segredo* [*In secret*], 2003 | Óleo sobre tela e escultura em resina [*Oil on canvas and resin sculpture*],

310 × 150 cm (tela [*canvas*]) / 220 × 150 × 90 cm (instalação [*installation*])

> *Polvo Portraits (Amazônia)*, 2014 | Óleo sobre tela [*Oil on canvas*], 52 × 45,5 cm (cada uma [*each one*])

da *Primeira Domingo da Quaresma*, pela libertação de indígenas escravizados, sendo liderança no estado do Maranhão e Grão-Pará¹³ até 1661, onde pregou sermões memoráveis. Nascido em Lisboa, foi para a Bahia em 1618. Como missionário jesuíta, Vieira defendeu os judeus, os indígenas, a abolição da escravidão e outras causas políticas em sua trajetória entre o Brasil e Portugal. No século XVII, Vieira prega o *Sermão do Espírito Santo*, às vésperas da partida de missionários para a Amazônia, usando a visão de São Pedro ao ouvir três vezes “*Surge, Petre, occide et manduca*” (“Eia, Pedro, matai e comei”). Pensou serem animais proibidos pela Lei, mas concluiu: “Mas se aqueles animais significavam as nações dos gentios, e estas nações queria Deus que São Pedro as ensinasse e convertesse, como lhe manda que as mate e as coma? Por isso mesmo, porque o modo de converter feras em homens é matando-as e comendo-as, e não há coisa mais parecida ao ensinar e doutrinar, que o matar e comer”.¹⁴ Esse *Sermão do Espírito Santo* é uma matriz da cultura antropofágica característica do desejo de autonomia cultural do Brasil. Antonio Vieira foi a primeira grande figura intelectual a bordejar a desconhecida Amazônia. Outro jesuíta, o padre João Daniel, legou o *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas* (1757-1776), um breviário da etnologia amazônica, que Henryk Siewierski denominou “enciclopédia de 782 páginas em manuscrito” e “tesouro maior” descoberto na própria Amazônia. Siewierski enumera o conhecimento da geografia, fauna, flora, dos minerais, povos da Amazônia, as missões, a economia (da agricultura à indústria), a organização social, o imaginário mitológico. Arremata Siewierski:¹⁵

“Fazem parte também do tesouro da Amazônia os mitos e lendas ali encontrados, entre eles as histórias sobre os homens-peixes que vivem nos rios e saem à noite para espantar os pescadores, sobre a Pedra Maravilhosa, que tem em si todas as pedras preciosas, sobre o lago que transforma em pedra cada um que ousasse nele entrar. O autor (o padre João Daniel) não se distancia criticamente a essas crenças, mas parece ele próprio colocar-se entre os que acreditam.”

Parreiras in *Conquista do Amazonas*, welcoming and later murdered by Pedro Teixeira's men, before indigenous slavery, in the colonization process that was called “betrayed hospitality”.¹¹ From Codina e Freire, Parreiras and Braga, with Adriana Varejão (e.g., *Em Segredo*, 2003) and Éder Oliveira, the permanence or survival of the images emerges, in the historiographical perspective by Aby Warburg, the Amazonian *Nachleben*.

Portugal's modernity project in its American colonies implied the implementation of objective science, universal morality, and autonomous art sketches concerning the State and to religion, following its own logic – as in the understanding of Weber and Habermas.¹² Such movement has a key in the Amazon, with the establishment of the state of Grão-Pará, and Rio Negro (1772) became an administrative unit with the Marquis of Pombal, Secretary of State.

A first intellectual presence, fortuitous and fleeting, was that of the Jesuit missionary Antonio Vieira in the Amazon. In 1653, in São Luís, he delivered the *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* [Sermon of Lent's first Sunday], for the liberation of enslaved indigenous people, being in a leading position in the state of Maranhão and Grão-Pará¹³ until 1661, where he preached memorable sermons. Born in Lisbon, he went to Bahia in 1618. As a Jesuit missionary, Vieira defended the Jews, the Indians, the abolition of slavery, and other political causes in his trajectory between Brazil and Portugal. In the 17th century, Vieira preached the *Sermão do Espírito Santo* [Sermon of the Holy Saint] on the eve of the departure of missionaries for the Amazon, using the vision of Saint Peter, after hearing three times “*Surge, Petre, occide et manduca*” (“Hey, Peter, kill and eat”). He thought they were animals prohibited by the law, but inferred: “But if those animals meant the nations of the Gentiles, and God wanted for St. Peter to teach and convert these nations, how does he command him to kill and eat them? For this very reason, because the way to convert beasts into men is to kill and eat them, there is nothing more similar to teaching and indoctrinating than killing and eating”.¹⁴ Such Sermon of the Holy Spirit is a matrix of anthropophagic culture characteristic of Brazil's desire for cultural autonomy. Antonio Vieira was the first great intellectual figure to

A “flexibilidade evangelizadora dos jesuítas”, sua oposição à escravidão dos indígenas e sua expulsão de Portugal e do Brasil no período pombalino são algumas questões ainda tratadas por esse estudioso.

Portugal compreendeu que seu projeto colonial na América, diante da vastidão territorial do Brasil, complexidade geográfica e de outros fatores, estaria mais bem defendido sob uma divisão que desconectasse o Norte, a partir do Piauí e do Maranhão, do resto de suas possessões sul-americanas. Uma carta régia de 13 de junho de 1621 instituiu o Estado do Maranhão e Grão-Pará, independente do Estado do Brasil, sendo diretamente subordinado a Lisboa e com capital em São Luís. Um fator meteorológico afetava a navegação, pois era mais fácil viajar de Belém para Portugal do que para o Sul, por conta de regime de ventos poucos favoráveis à conexão dentro do Brasil. Sendo assim, o Norte passou por uma série de divisões, subdivisões e denominações, e de estatutos políticos e econômicos ao longo do século XVIII, sempre sob objetivos de desenvolvimento mercantilista. Entre as atividades comerciais admitidas pela Coroa portuguesa no contexto, estava o sequestro de indivíduos escravizados na África, depois que a escravização dos indígenas foi proibida. O governo da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (confirmada em 1755, poucos meses antes do terremoto de Lisboa) foi confiado pelo Marquês de Pombal a seu meio-irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que atuou no período de 1751 a 1758. A incumbência de Mendonça Furtado incluía converter, de fato, a administração do Grão-Pará numa companhia geral de comércio, secularizar a administração das aldeias e consolidar a liberdade dos indígenas, com a consequente limitação do poder temporal dos religiosos, sobretudo dos jesuítas, sobre essas populações originárias. A expulsão dos jesuítas do reino português afetou também as colônias. Incidentalmente, Mendonça Furtado assume, em 1752, o papel de chefe plenipotenciário da missão demarcatória do Tratado de Madri. O fato é que, em Madri, graças aos missionários que se estenderam à catequese, em desobediência ao Tratado de Tordesilhas – e não a qualquer bandeirante –, a Amazônia se torna reconhecidamente território

approach the unknown Amazon. Another Jesuit, Father João Daniel, bequeathed the *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas* (1757-1776), a breviary of Amazonian ethnology, which Henryk Siewierski called “a 782-page manuscript encyclopedia” and “greater treasure” discovered in the Amazon itself. Siewierski lists the knowledge of geography, fauna, flora, minerals, peoples of the Amazon, the missions, the economy (from agriculture to industry), social organization, the mythological imaginary. Siewierski concludes:¹⁵

“The myths and legends found there are also part of the Amazon treasure, among them the stories about the fish-men who live in the rivers and go out at night to scare the fishermen, about the Wonderful Stone, which has all the precious stones in it, about the lake that turns into stone everyone who dared to go into it. The author (Father João Daniel) does not distance himself critically from such beliefs, but rather seems to place himself among the believers”

The “evangelizing flexibility of the Jesuits”, their opposition to the slavery of the indigenous people, and their expulsion from Portugal and Brazil in the Pombaline period are some of the issues still addressed by this scholar.

Portugal understood that its colonial project in America, given Brazil’s territorial vastness, geographical complexity, and other factors, would be better defended under a division that disconnected the North, from Piauí and Maranhão, from the rest of its South American possessions. A royal charter of June 13, 1621, established the State of Maranhão and Grão-Pará, independent from the State of Brazil, being directly subjected to Lisbon and with its capital in São Luís. A meteorological factor affected navigation, as it was easier to travel from Belém to Portugal than to the South, due to the regime of winds not so favorable to connection within Brazil. Thus, the North went through a series of divisions, subdivisions, and denominations, political and economic statutes throughout the 18th century, always aiming at mercantilist development. Among the commercial activities admitted by the Portuguese Crown in the context was the capture of individuals enslaved in Africa, after the enslavement of

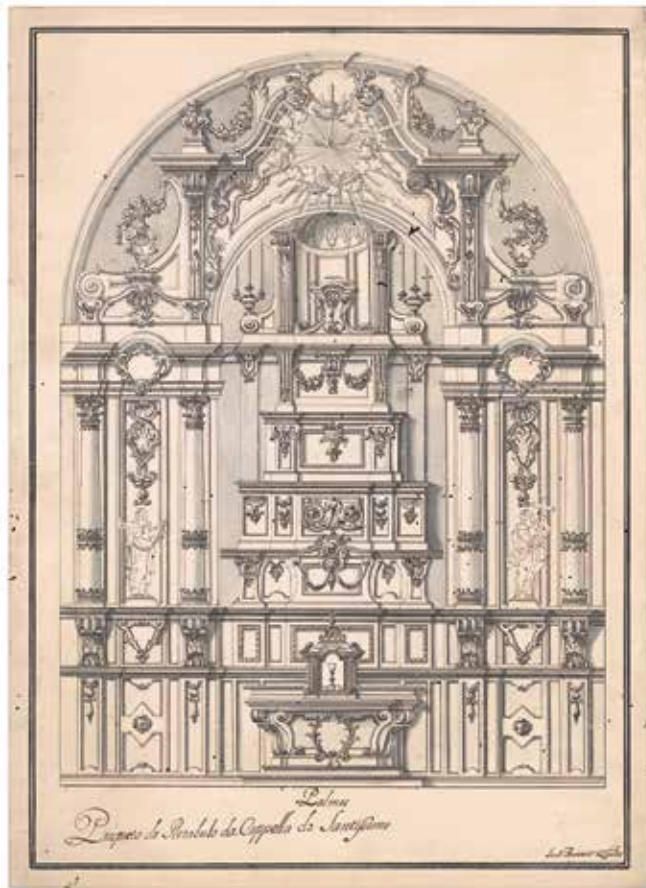
brasileiro. Se Portugal teve ganhos territoriais, como na Região Norte, a partir do princípio jurídico do “*uti possidetis, ita possidatis*” (“quem possui de fato, deve possuir de direito”), muitas questões de limites permaneceram irresolutas ou trouxeram queixas. Na década de 1770, Portugal e Espanha estão prontos para novas tratativas diplomáticas, que resultaram no Tratado de Santo Ildefonso, firmado em 1777.

O colégio jesuíta de Santo Alexandre e a anexa igreja de São Francisco Xavier (hoje de Santo Alexandre), em Belém, são dois monumentos fundamentais para a história da arte na Amazônia, porque imbricam maneirismo e indianismo. O colégio, iniciado pouco depois de 1653, abriu oficinas de encadernação, pintura e escultura, dirigidas pelo missionário tirolês João Xavier Traer, a quem são atribuídos os púlpitos daquela igreja. Os vestígios dos ensinamentos de escultura aos indígenas, por Traer, estão nos anjos tocheiros, e a decoração geométrica em relevo da fachada externa maneirista de Santo Alexandre deixa transparecer ter sido elaborada por mãos indígenas. Em 2019, a líder indígena Ana Terra Yawalapiti, da aldeia Tuatuari, no Alto Xingu, realiza conferência de abertura no IX Fórum de Pesquisa em Artes, da Universidade Federal do Pará, na nave central da Igreja de Santo Alexandre. Yawalapiti fala sobre a Casa das Mulheres e os novos modos de ser na cultura e na arte de seu povo. Sua conferência na igreja erguida por seus semelhantes sugere uma reparação ética, pois sua voz é a de seus antepassados, que empregaram esforço e arte naquele templo. A escola jesuíta em Belém já tinha 2 mil livros no final do século XVII. Para se ter noção das dimensões dessa biblioteca, vale lembrar que a Biblioteca do Congresso, em Washington, possuía 3 mil títulos em 1814, enquanto a biblioteca do colégio jesuíta de Salvador, capital do Estado do Brasil, dito vice-reino do Brasil, possuía 15 mil volumes em meados do século XVIII.¹⁶

A comissão portuguesa demarcatória das fronteiras depois do Tratado de Madri (1750) com a Espanha, por Dom João V, incluiu o arquiteto e naturalista amador bolonhês Giuseppe Antonio Landi (1713-1791), que se fixou em Belém em 1753, trazido como desenhador. O cartógrafo Joam André Schwebel deixou o *Prospecto de la aldea Guaicurú, no rio*

the indigenous people was forbidden. The administration of the Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (approved in 1755, a few months before the Lisbon earthquake) was entrusted by the Marquis of Pombal to his half-brother Francisco Xavier de Mendonça Furtado, who served in the period from 1751 to 1758. Mendonça Furtado's mandate included transforming, in effect, the administration of Grão-Pará into a general trading company, secularizing the administration of the villages and consolidating the freedom of the indigenous people, with the consequent limitation of the temporal power of the church, especially the Jesuits, over these original populations. The expulsion of the Jesuits from the Portuguese kingdom also affected the colonies. Incidentally, in 1752, Mendonça Furtado takes over the role of the plenipotentiary head of the demarcating mission of the Treaty of Madrid. The fact is that, in Madrid, thanks to the missionaries who extended the catechesis, disobeying the Treaty of Tordesillas – and not to any Bandeirante¹⁶ –, the Amazon becomes recognizably a Brazilian territory. If Portugal has had territorial gains as in the North, based on the legal principle of “*uti possidetis, ita possidatis*” (“may you continue to possess such as you do possess”), many questions of limits have remained unsolved or have given rise to complaints. In the 1770s, Portugal and Spain were ready for new diplomatic negotiations, which resulted in the Treaty of Santo Ildefonso, signed in 1777.

The Jesuit school of Santo Alexandre and the enclosed church of São Francisco Xavier (today of Santo Alexandre), in Belém, are two fundamental monuments for the history of art in the Amazon, because they entangled mannerism and “Indianism”. The school, established shortly after 1653, opened book-binding, painting, and sculpture workshops (run by the Tyrolean missionary João Xavier Traer, to whom the pulpits of that church are attributed). The traces of sculpture teachings to the Indians by Traer are in the torch angels, and the geometric decoration in relief of the external Mannerist façade of Santo Alexandre shows that it was made by indigenous hands. In 2019, indigenous leader Ana Terra Yawalapiti, from the village Tuatuari, in the Upper Xingu, delivers the opening conference at the IX Fórum de Pesquisa em Artes, at



do mesmo, administrada pelos padres da Companhia [de Jesus] (1756), entre outros, a serviço da consolidação do território brasileiro conforme os acordos de Madri.¹⁷ Em contrapartida, o botânico sueco Pehr Löfling, discípulo de Carolus Linnaeus, compôs a comissão espanhola de Iturriaga. Entre os principais projetos arquitetônicos remanescentes de Landi, um ex-aluno da Academia Clementino, em Bolonha, estão, em Belém, o Palácio dos Governadores (atual Museu do Estado do Pará), a Catedral Metropolitana, as igrejas de Nossa Senhora do Carmo, de Santana e de Nossa Senhora das Mercês, a Capela do Senhor dos Passos (também chamada de Capela Pombo), em estilo tardo-barroco, e outras mais, além da reforma de um palácio particular, de que resultou o Hospital Real Militar, atual sede do museu Casa das Onze Janelas.

Os riscos para Belém permitem avaliar a arquitetura de Landi como introdutora do neoclássico no Brasil ou, ao menos, de um estilo protoneoclássico,¹⁸

the Universidade Federal do Pará, in the central nave of Santo Alexandre Church. Yawalapiti talks about the House of the Women and the new ways of being in the culture and art of her people. Her conference in the church erected by her people suggests an ethical reparation, for her voice is that of her ancestors, who used their effort and art in that temple. The Jesuit school in Belém already had 2,000 books at the end of the 17th century. To get an idea of the dimensions of this library, it is worth remembering that the Library of Congress, in Washington, had volumes in 3 thousand titles in 1814, while the library of the Jesuit College of Salvador, capital of the State of Brazil, alluded as the vice-kingdom of Brazil, had 15 thousand volumes in the middle of the 18th century.¹⁷

The Portuguese boundary demarcation commission following the Treaty of Madrid (1750) with Spain, by Dom João V, included the Bolognese architect and amateur naturalist Giuseppe Antonio Landi (1713-1791), who settled in Belém in 1753, brought as a draughtsman. The cartographer Joam André Schwebel bequeathed the *Prospecto de la aldea Guaicurú, no rio do mesmo, administrada pelos padres da Companhia [de Jesus] (1756)*, among others, in the service of the consolidation of the Brazilian territory under the Madrid agreements.¹⁸ In turn, the Swedish botanist Pehr Löfling, a disciple of Carolus Linnaeus, took part in the Iturriaga Spanish commission. Among the main remaining architectural projects of Landi, a former student of the Academia Clementino, in Bologna, are, in Belém, the Governor's Palace (current Museu do Estado do Pará), the Metropolitan Cathedral, the churches of Nossa Senhora do Carmo, Santana and Nossa Senhora das Mercês, the Chapel of Senhor dos Passos (also called Capela Pombo), in late Baroque style, and other more, in addition to the renovation of a private palace, which resulted in the Hospital Real Militar, the current headquarters of the museum Casa das Onze Janelas.

The risks for Belém allow us to assess Landi's architecture as an introducer of the neoclassical in Brazil or, at least, of a proto-neoclassical style,¹⁹ encroaching upon the remaining Baroque. In the south of Brazil, the Baroque/Rococo entered the 19th century (e. g., Aleijadinho), while, in the Amazon, modernity was clearly foreshadowed by Landi. His projects preceded

intrometido no barroco remanescente. No sul do Brasil, o barroco/rococó adentrou o século XIX (e.g., o Aleijadinho), enquanto, na Amazônia, a modernidade claramente já se prenunciava com Landi. Seus projetos antecederam os raros edifícios com traços denotativos do neoclassicismo em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. O barroco, com a sua retórica edificante e persuasiva, surgiu da Contrarreforma e atuou como instrumento da catequese na América;¹⁹ o estilo esteve no centro de outras tensões em Ouro Preto, na Bahia ou no Rio de Janeiro, como as disputas de prestígio entre irmandades religiosas. O neoclássico viria opor-se a essa instrumentalização religiosa e política, e, ainda segundo Winckelmann, restaura a noção do clássico: “o único caminho que nos resta para chegarmos a ser grandes, e inimitáveis se possível, é o da imitação dos Antigos”.²⁰ A arte neoclássica, diz Argan, quer ser moderna em sua autonomia, empenhada na problemática de seu tempo.²¹ Projeto e método, simplicidade, simetria e rigor teórico caracterizariam o neoclássico. O caráter austero de Landi, na sua mistura introdutória de elementos do estilo neoclássico no universo arquitetônico do Pará, respondia ao estado por demanda de modernidade no processo de urbanização da cidade, para assumir suas novas funções políticas no regime colonial. Giuseppe Antonio Landi continuava em Belém, quando Portugal e Espanha celebraram o novo Tratado de Santo Ildefonso para rever os limites assentados em Madri. Das necessidades de demarcação das fronteiras e da vontade de conhecer o potencial econômico da Amazônia, resultou uma nova comissão enviada à região, que promoveu um dos grandes encontros intelectuais brasileiros, entre Giuseppe Antonio Landi e Alexandre Rodrigues Ferreira.

Entre 1783 e 1792, o baiano Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) percorreu 39 mil quilômetros por Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, reunindo milhares de espécimes minerais, vegetais, animais e artefatos indígenas, escreveu centenas de códices sobre a natureza e a cultura dos povos indígenas e fez produzir centenas de imagens científicas e antropológicas. Ferreira foi membro das primeiras turmas da Universidade de Coimbra impactadas pelas reformas iluministas do marquês de Pombal, de

the rare buildings with traces of neoclassicism in Minas Gerais and Rio de Janeiro. The Baroque, with its uplifting and persuasive rhetoric, emerged from the Counter-Reformation and acted as an instrument of catechesis in America;²⁰ the style was at the center of other tensions in Ouro Preto, Bahia or Rio de Janeiro, such as the prestige disputes between religious brotherhoods. The neoclassical would come to oppose this religious and political instrumentalization, and, still according to Winckelmann, restores the notion of the classic: “The only way left for us to become great, and inimitable if possible, is emulating the Ancients”.²¹ Neoclassical art, says Argan, wants to be modern in its autonomy, committed to the problematic of its time.²² Project and method, simplicity, symmetry, and theoretical rigor would characterize the neoclassical. Landi’s austere character, in his introductory mix of elements of the neoclassical style in the architectural universe of Pará, answered to the state’s demand for modernity in the city’s urbanization process, to assume its new political functions under the colonial regime. Giuseppe Antonio Landi was still in Belém when Portugal and Spain celebrated the new Treaty of Saint Ildefonso to review the limits set in Madrid. From the need to demarcate borders and the desire to know the economic potential of the Amazon, a new commission was sent to the region, promoting one of the greatest intellectual meetings in Brazil, between Giuseppe Antonio Landi and Alexandre Rodrigues Ferreira.

Between 1783 and 1792, the Bahian Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) traveled 39,000 kilometers through Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso, and Cuiabá, gathering thousands of mineral, vegetable, animal specimens, and indigenous artifacts, wrote hundreds of codices about the nature and culture of indigenous peoples and has produced hundreds of scientific and anthropological images. Ferreira was a member of the first classes of the Universidade de Coimbra impacted by the 1772 illuminist reforms of the Marquis of Pombal. He attended the at the Faculty of Natural Philosophy, where he studied experimental physics, chemistry, natural history (zoology, botany, and mineralogy), logic, ethics, and metaphysics. He obtained his doctorate in 1779. He was sent to monitor the border settlements in the framework of the 1777 Treaty

1772. Cursou a faculdade de Filosofia Natural, onde estudou física experimental, química, história natural (zoologia, botânica e mineralogia), lógica, ética e metafísica. Obteve o grau de doutor em 1779. Foi enviado para acompanhar o assentamento das fronteiras no bojo do Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, numa expedição organizada pelo naturalista italiano Domenico Vandelli, que se correspondia com Carolus Linnaeus desde 1761. Por fim, cabe acentuar que, em última análise, as ciências naturais setecentistas na Amazônia estavam orientadas pelo *Systema Naturæ* (1735), desenvolvido pelo botânico, zoólogo e médico sueco Carolus Linnaeus (1707-1778), que é o patrono da taxonomia moderna, mediante uma nomenclatura binominal e sob rigorosa classificação científica. O *Systema Naturæ* foi a grande tentativa de sistematização totalizadora do mundo natural de seu tempo e resultou na formação da base da classificação biológica moderna. A história natural deu seu grande salto epistemológico para o Iluminismo com a taxonomia dos elementos da natureza. Na ciência do Ocidente, a monumental *Histoire naturelle*, de Buffon, editada em 49 tomos, ao longo de sua vida a partir de 1749, foi a contrapartida para *Systema Naturæ*, mas com mais detalhes, que lidavam com conceitos como “degeneração” para indicar circunstâncias evolutivas, distinto da ideia de “variedade” de Linnaeus. No contexto da Revolução Francesa, a obra do sueco foi apreciada por Jean Jacques Rousseau e pela biologia republicana, enquanto Buffon era visto como um símbolo do *Ancien Régime*.²² Na expedição portuguesa da qual Alexandre Rodrigues Ferreira participou, foram incluídos engenheiros, astrônomos, “jardineiros” e “riscadores” encarregados dos desenhos científicos. Nas *Instruções* de Ferreira, definia-se, por exemplo, que a pesca deveria ser acompanhada por um desenho dos peixes coletados. É possível que ele tenha recorrido à décima edição de *Systema Naturæ* (1758), que é o ponto de partida da nomenclatura zoológica, ou uma ainda mais atualizada. Rodrigues Ferreira produziu um mapeamento estratégico, que envolvia o conhecimento da geografia, do clima e das populações nativas. A botânica tem uma função prática de caráter econômico: estudar a adaptação

of Saint Ildefonso, on an expedition organized by the Italian naturalist Domenico Vandelli, who had been exchanging letters with Carolus Linnaeus since 1761. Finally, it should be stressed that, in the final analysis, the 18th century natural sciences in the Amazon were guided by the *Systema Naturæ* (1735), developed by the Swedish botanist, zoologist and physician Carolus Linnaeus (1707-1778), which is the patron of modern taxonomy, through a binomial nomenclature and under strict scientific classification. The *Systema Naturæ* was a great attempt to systematize the natural world of his time and resulted in the formation of the basis of modern biological classification. Natural history took its great epistemological leap towards the Enlightenment with the taxonomy of the elements of nature. In Western science, the monumental *Histoire naturelle*, by Buffon, published in 49 volumes during his life from 1749 on, was the counterpart for *Systema Naturæ*, but in more detail, which dealt with concepts such as “degeneration” indicating evolutionary circumstances, different from Linnaeus’ idea of “variety”. In the context of the French Revolution, the work of the Swede was appreciated by Jean Jacques Rousseau and republican biology, while Buffon was seen as a symbol of the *Ancien Régime*.²³ In the Portuguese expedition in which Alexandre Rodrigues Ferreira took part, engineers, astronomers, “gardeners” and “scribers” in charge of scientific drawings were included. In Ferreira’s *Instruções*, it was defined, for example, that fishing should be accompanied by a drawing of the fishes collected. It is possible that he may have recurred to the tenth edition of *Systema Naturæ* (1758), which is the starting point of the zoological nomenclature, or to an even more updated one. Rodrigues Ferreira has produced a strategic mapping, which involved the knowledge of geography, climate, and native populations. Botany has a practical economic function: to study the adaptation of certain plants to cultivation in the Amazon – for example, their usefulness in the pharmacopeia. Despite the political and economic interests of the undertaking, Rodrigues Ferreira carried out the largest Portuguese scientific expedition to the Amazon, even if preceded by Friar Cristóvão de Lisboa, in the 17th century, and by Landi. Rodrigues Ferreira, despite his difficulties, sought to



de certas plantas ao cultivo na Amazônia – a sua utilidade na farmacopeia, por exemplo. Em que pesem os interesses políticos e econômicos da empreitada, Rodrigues Ferreira realizou a maior expedição científica portuguesa à Amazônia, mesmo se precedido pelo frei Cristóvão de Lisboa, no século XVII, e por Landi. Rodrigues Ferreira, malgrado suas dificuldades, buscou seguir o *Systema Naturæ*, de Carolus Linnaeus – é fato que Rodrigues Ferreira viajava com um exemplar dessa obra. Até o século XIX, nenhum viajante europeu teve um contato tão amplo com a Amazônia quanto ele, nem deixou uma obra tão vasta quanto sua *Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*.

Pouco se sabe sobre os debuxadores²³ Joaquim José Codina e José Joaquim Freire, autores das centenas de aquarelas e desenhos documentais na expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira (p. 66-67). Esses riscos, com os espécimes coletados e as anotações, são fragmentos do universo amazônico,

follow the *Systema Naturæ*, by Carolus Linnaeus – it is a fact that Rodrigues Ferreira traveled with a copy of this work. Until the 19th century, no European traveler had as extensive contact with the Amazon as he did, nor has left a work as vast as his *Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*.

Little is known about the *debuxadores* [sketchers] Joaquim José Codina and José Joaquim Freire, authors of hundreds of watercolors and documentary drawings in the Alexandre Rodrigues Ferreira expedition (p. 66-67). These sketches, with the collected specimens and the notes, are fragments of the Amazon universe, isolated by European science. Mosses and worms, trees and quadrupeds, minerals, geographic accidents, Indians and their artifacts, cities, everything is now destined to receive a name or a place in the knowledge system. It was necessary to identify, measure, and record accurately. Giving a name to everything and to the land had already been a first gesture of

isolados pela ciência europeia. Musgos e vermes, árvores e quadrúpedes, minerais, acidentes geográficos, os indígenas e seus artefatos, as cidades, tudo agora é destinado a receber um nome ou um lugar no sistema de conhecimento. Era necessário identificar, medir e registrar com exatidão. Dar um nome a tudo e à terra já fora um dos primeiros gestos de Colombo em 1492, como ato de conquista. Nos desenhos de flora, Codina é, por vezes, mais amaneirado, com minucioso acabamento dos detalhes. Freire tende a um tratamento mais simples, muitas vezes satisfazendo-se em detalhar apenas duas ou três folhas de um galho; as demais são anotadas na forma, na dimensão e nas variações de cor. Freire evidenciava que seus desenhos eram uma anotação visual imediata, sem descuido das informações essenciais do conhecimento; dispensava o supérfluo, em possível economia de tempo. Possivelmente realizadas em campo, as primeiras anotações visuais imediatas de Codina e Freire eram ligeiras – depois, provavelmente no acampamento, seriam ultimadas conforme as normas técnicas para o desenho científico analítico, como *Sterculiaceae* (*Sterculia chincha*). Tais desenhos, extremamente bem acabados, são

Columbus in 1492, as an act of conquest. In the drawings of flora, Codina is sometimes more refined, with meticulous finishing of the details. Freire tends to a simpler treatment, often contenting himself with detailing only two or three leaves on a branch; the rest are noted in shape, size, and color variations. Freire showed that his drawings were an immediate visual annotation, without neglecting the essential information of knowledge; he disregarded the superfluous, in a possible economy of time. Possibly carried out in the field, the first immediate visual annotations by Codina and Freire were fast – then, probably at the campsite, they would be finalized according to technical standards for analytical scientific drawing, such as *Sterculiaceae* (*Sterculia chincha*). Such drawings, extremely well finished, are preparatory for their realization in black, which, in turn, served as the basis for the engravings that would compose the edition of Alexandre Rodrigues Ferreira's works. In them, there is the anti-baroque stylization of the line of scientific scribes, a style of depicting plants and animals is imposed (e. g., the Guaipussá monkey eating a banana, like a person), as a domestication of nature adapted to the prevailing European graphic taste. In many cases, animals and Indians are set in a rocky landscape, with European vegetation, even with Mannerist traces. By comparison, Codina and Freire are less refined and less fantastical artists, when compared to the baroque of the contorted solid forms of the intrepid pioneer Maria Sybilla Meryan, from her trip to Suriname in 1699, which led to the publication of *Metamorphosis Insectorum Surinamensium* (1705), an edition that preceded Ferreira and Mutis' travels by eight decades.²⁴ Alongside Rodrigues Ferreira's *Viagem Filosófica*, Spain sent José Celestino Mutis's expedition (1783-1781) to South America, which resulted in the *Flora de la Real Expedición Botánica del Nuevo Reino de Granada*, related to the Colombian part of the Amazon. However, these two editorial projects of the Enlightenment by followers of Linnaeus were not printed. Mutis managed to impose a certain stylistic pattern on the many botanical designers (such as Pablo Antonio Garcia, Francisco Javier Matiz, Vicente Sánchez, Antonio Barrionuevo and others), such as to locate the plant on the central





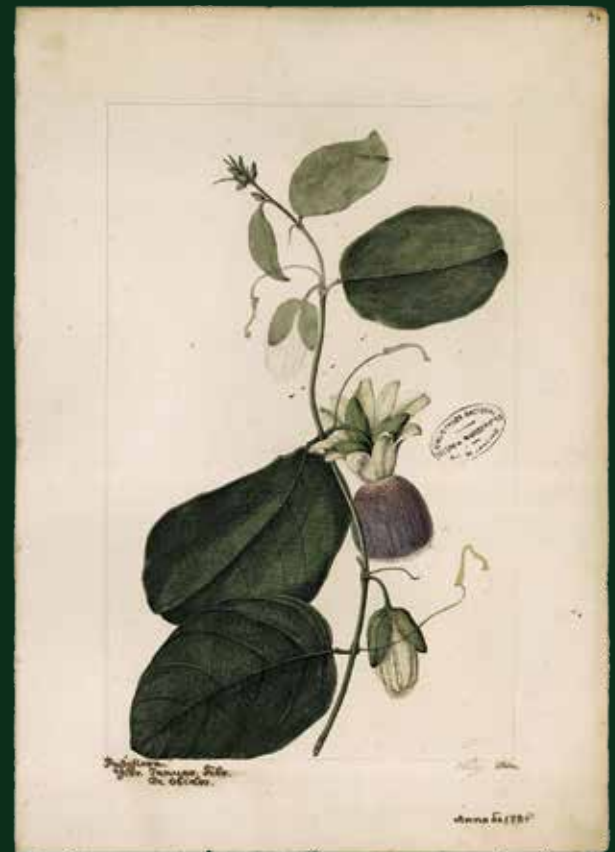
José Joaquim Freire | *Orchidea*



Joaquim José Codina | *Alamanda cathartica*



Joaquim José Codina | *Hibiscus*



José Joaquim Freire | *Passiflora laurifolia*



José Joaquim Freire | *Spathiphyllum*



José Joaquim Freire | *Bocagea del Alphonsea*



Joaquim José Codina | *Nauclea*



José Joaquim Freire | *Nawcleopsis*



preparatórios para sua realização em preto, que, por sua vez, servia de base para as gravuras que compo-riam a edição das obras de Alexandre Rodrigues Fer-reira. Nelas, ocorre a estilização antibarroca do traço dos riscadores científicos, impõe-se um estilo de re-presentar plantas e animais (e. g., o macaco Guai-pussá comendo uma banana, como uma pessoa), como uma domesticação da natureza adaptada ao gosto gráfico europeu vigente. Em muitos casos, animais e indígenas são ambientados em paisa-gem rochosa, com vegetação europeia, até com vestígios maneiristas. Comparativamente, Codina e Freire são artistas de estilo menos apurado e me-nos fantasistas, se compararmos ao barroco das for-mas sólidas contorcidas da intrépida pioneira Maria Sybilla Meryan, de sua viagem ao Suriname em 1699, que levou à publicação de *Metamorphosis Insectorum Surinamensium* (1705), edição que pre-cedia em oito décadas as viagens de Ferreira e Mu-tis.²⁴ Paralelamente à *Viagem Filosófica* de Rodrigues Ferreira, a Espanha enviou a expedição de José Celestino Mutis (1783-1781) à América do Sul, da qual resultou a *Flora de la Real Expedición Botánica del Nuevo Reino de Granada*, correspondente à parte colombiana da Amazônia. Esses dois projetos edi-toriais iluministas, de seguidores de Linnaeus, no entanto, não foram impressos. Mutis logrou impor

axis around which baroque movements were distrib-uted, sometimes expanded in space for *horror vacui*. In Rio de Janeiro, a contemporary of Figueiredo and Mutis, friar José Mariano da Conceição Vellozo, pro-duced drawings that balanced harmonies and symme-tries in the setting-up of the figure of plants on the support in his *Flora Fluminense* (1790).²⁵

Alexandre Rodrigues Ferreira's immense Amazon legacy is spread between Portugal, Brazil, and France, formed by thousands of animal and vegetable speci-mens collected, pieces from indigenous cultures, hun-dreds of codices, and over a thousand watercolors and drawings. He did not leave out visual records of the ur-ban material culture of Pará and the riverside culture, such as boats, musical instruments of the enslaved (*Viola que tocam os pretos*) and the indigenous (*Cam-beba*), as well as vernacular constructions (*Prospecto de uma maloca*, by J. J. Freire). Also, his sketchers docu-mented individuals from indigenous peoples with their body painting, religious ornaments, customs – such as the use of hallucinogens (e. g. *Índia mura inalando o paricá*) –, weapons, artifacts and utensils, and, finally, panoramic views of cities like Belém and Cameté, riv-ers (*Do rio Vaupés*, by Codina), falls, maps and plants (*Prospecto da Cidade de S. Maria do Grão-Pará*, 1784, and *Plano geral da cidade do Pará*, 1791, by Freire), among others. At the Biblioteca Nacional, in Rio de

certo padrão estilístico aos muitos desenhistas botânicos (como Pablo Antonio Garcia, Francisco Javier Matiz, Vicente Sánchez, Antonio Barrionuevo e outros), como situar a planta no eixo central em torno do qual se distribuíam movimentos barroquistas, por vezes expandidos no espaço por *horror vacui*. No Rio de Janeiro, um contemporâneo de Figueiredo e Mutis, o frei José Mariano da Conceição Vellozo fez produzir desenhos que equilibravam harmonias e simetrias na implantação da figura das plantas no suporte em sua *Flora Fluminense* (1790).²⁵

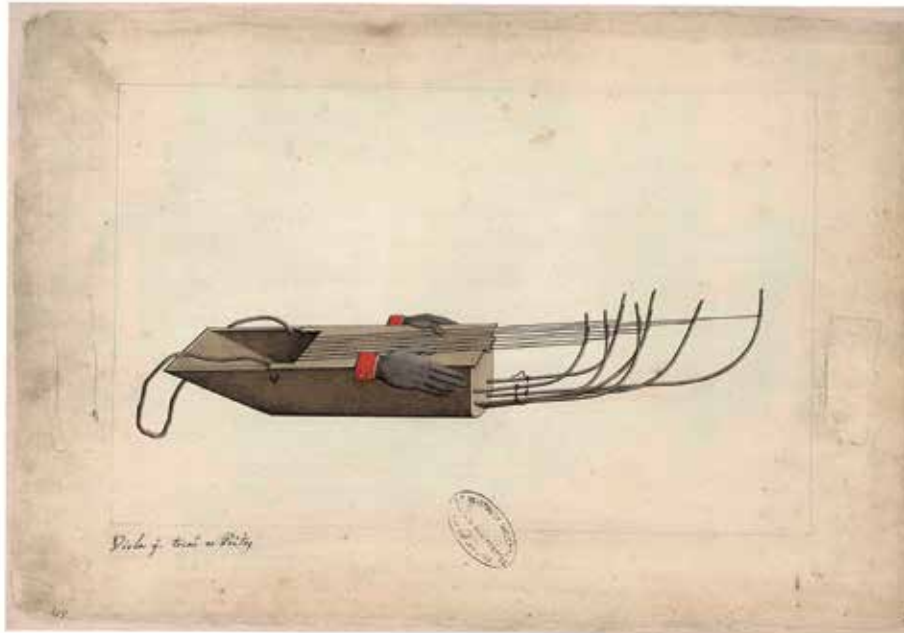
O imenso legado amazônico de Alexandre Rodrigues Ferreira está distribuído entre Portugal, Brasil e França, formado por milhares de espécimes animais e vegetais coletados, peças das culturas indígenas, centenas de códices e mais de mil aquarelas e desenhos. Não lhe escaparam registros visuais da cultura material urbana do Pará e ribeirinha, como barcos, instrumentos musicais dos escravizados (*Viola que tocam os pretos*) e dos indígenas (*Cambeba*), bem como construções vernaculares (*Prospecto de uma maloca*, por J.J. Freire). Ademais, seus desenhistas documentaram indivíduos dos povos indígenas com sua pintura corporal, ornamentos religiosos, costumes – como o uso de alucinógenos (e.g. *Índia mura inalando o paricá*) –, armamentos, artefatos e utensílios, e, por fim, vistas panorâmicas de cidades como Belém e Cametá, rios (*Do rio Vaupés*, por Codina), saltos, mapas e plantas (*Prospecto da Cidade de S. Maria do Grão-Pará*, 1784, e *Plano geral da cidade do Pará*, 1791, por Freire), entre outros. Na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, encontram-se também muitos desenhos arquitetônicos e científicos de Landi. Adriana Varejão incluiu inúmeros elementos do desenho de Freire e de Codina em quadros nos quais se representa como artista agenciadora da história em dimensão de trocas globais, numa miscigenação transcontinental e como emblemas da complexa formação social da sociedade brasileira.

Giuseppe Antonio Landi, em razão do Tratado de Santo Ildefonso, e Alexandre Rodrigues Ferreira, no bojo do Tratado de Madri, encontraram-se em Belém. A ciência de Alexandre Rodrigues Ferreira e a arquitetura de Giuseppe Landi são os grandes índices

Janeiro, there are also many architectural and scientific drawings by Landi. Adriana Varejão included innumerable elements of Freire and Codina's drawing in paintings in which she represents herself as an artist acting in the history of global exchanges, in transcontinental amalgamation, and as emblems of the complex social formation of Brazilian society.

Giuseppe Antonio Landi, on behalf of the Santo Ildefonso Treaty, and Alexandre Rodrigues Ferreira, in the framework of the Madrid Treaty, met in Belém. Alexandre Rodrigues Ferreira's science and Giuseppe Landi's architecture are the great indicators of the possible Enlightenment that Portugal introduces into the Amazon through Belém, at the mouth of the Amazon River. It was the hallmark of a privileged meeting of the first modernity in Brazil. It is known that the two knew and respected each other.²⁶ At that time,





do Iluminismo possível que Portugal introduz na Amazônia através de Belém, na foz do rio Amazonas. Foi o marco de um encontro privilegiado da primeira modernidade no Brasil. Sabe-se que os dois se conheciam e nutriam respeito um pelo outro.²⁶ Nessa época, ideias políticas iluministas moviam movimentos de independência no Vice-Reino do Brasil. A modernidade na Amazônia setecentista resulta de mudanças no estado do conhecimento em Portugal na época. O humanismo clássico fora descaracterizado pela Contrarreforma em Portugal e foi substituído pelo culto à forma, em detrimento do saber prático e da ciência. O despotismo iluminado de Pombal e as ideias de Luís Verney reconhecem que “a ciência passava a ser o patrimônio dos modernos”, analisa Vicente Barreto.²⁷

Alexandre Rodrigues Ferreira está no grupo de brasileiros que comporiam a nossa primeira geração de intelectuais e cientistas com formação na Universidade de Coimbra, renovada com a reforma iluminista – agrega o citado Vicente Barreto –, como Tomás Antônio Gonzaga, José Bonifácio de Andrada, Hipólito da Costa, Arruda Câmara, Conceição Veloso e outros no sudeste do Brasil. Malgrado a insuficiência teórica da Inconfidência Mineira,²⁸ seus membros liam tratados de geometria e história natural, obras de Milton, Condillac, Bossuet, Descartes, Vatel, Montesquieu, Racine, Voltaire e Mably, como

Enlightenment political ideas drove independence movements in the Vice Kingdom of Brazil. Modernity in the 18th-century Amazon resulted from changes in the state of knowledge in Portugal at the time. Classical humanism was deprived of its character by the Counter-Reformation in Portugal and was replaced by the cult of form, to the detriment of practical knowledge and science. Pombal’s enlightened despotism and Luís Verney’s ideas acknowledge that “science became the heritage of the moderns”; Vicente Barreto evaluates.²⁷

Alexandre Rodrigues Ferreira is in the group of Brazilians who would make up our first generation of intellectuals and scientists trained at the Universidade de Coimbra, renewed with the Enlightenment reform – adds the aforementioned Vicente Barreto –, such as Tomás Antônio Gonzaga, José Bonifácio de Andrada, Hipólito da Costa, Arruda Câmara, Conceição Veloso and others in Southeast Brazil. Despite the theoretical insufficiency of Inconfidência Mineira,²⁸ its members read treatises on geometry and natural history, works by Milton, Condillac, Bossuet, Descartes, Vatel, Montesquieu, Racine, Voltaire, and Mably, as Barreto still demonstrates. These “French ideas”, enlightened and liberal, are still enunciated in the Conjuração Carioca and the Conjuração Baiana²⁹ in 1798, the latter being the most radical in its ideals of equality. In a way, this desire for emancipation

ainda demonstra Barreto. Essas “ideias francesas”, iluministas e liberais ainda se enunciam na Conjuração Carioca e na Conjuração Baiana²⁹ de 1798, sendo esta a mais radical nos seus ideais de igualdade. Esse desejo de emancipação, de certo modo, teria uma ressonância no Pará no século seguinte, com a insurreição da Cabanagem.

Aqui trazido à guisa de exemplos, entre outros viajantes no último quartel do século XVIII, está o português Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio em 1774-1775. Embora publicado apenas em 1856, o tomo VI da *Coleção de notícias para a história e geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos domínios portugueses, ou lhes são vizinhas*, destacam-se as seções escritas por Sampaio. Nº 1: “Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro” e nº 2: “Appendix ao diário de viagem, que em visita, e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro, fez o ouvidor e intendente geral da mesma”.³⁰ Na mesma época, a Grã-Bretanha publicou alguns títulos ilustrados sobre a Amazônia no século XVIII, entre eles *Animals of Maragnan, an Island on the Coast of Brazil in South America*, de John Hamilton Moore, e *Narrative, of a Five Years' Expedition, against the revolted Negroes of Surinam*, por John Gabriel Stedman, e ilustrado por gravuras nada menos que de William Blake, o pintor iluminista, metafísico, filosófico e imaginoso que se esforça para representar uma região que se pode chamar de “A Amazônia de Blake”, com cenas buliçosas de macacos (dos tipos *quato e saccawinke*); uma cena à moda de uma *Alegoria dos Continentes*, com a Europa apoiada pela América (uma indígena inventada) e África nas Guianas, representadas à maneira do paradigma das *Três graças*, um registro que não se tem da Amazônia brasileira do Setecentos; e imagens de punições excruciantes de escravos “recalcitrantes”.³¹ O zoólogo Johann Baptist von Spix (1781-1826) e o naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) foram convidados para a Missão Artística Austro-Alemã de 1817, promovida pela então Princesa Leopoldina, futura imperatriz do Brasil. Percorreram detalhadamente as províncias de São Paulo e Minas Gerais e atingiram o rio Japurá,



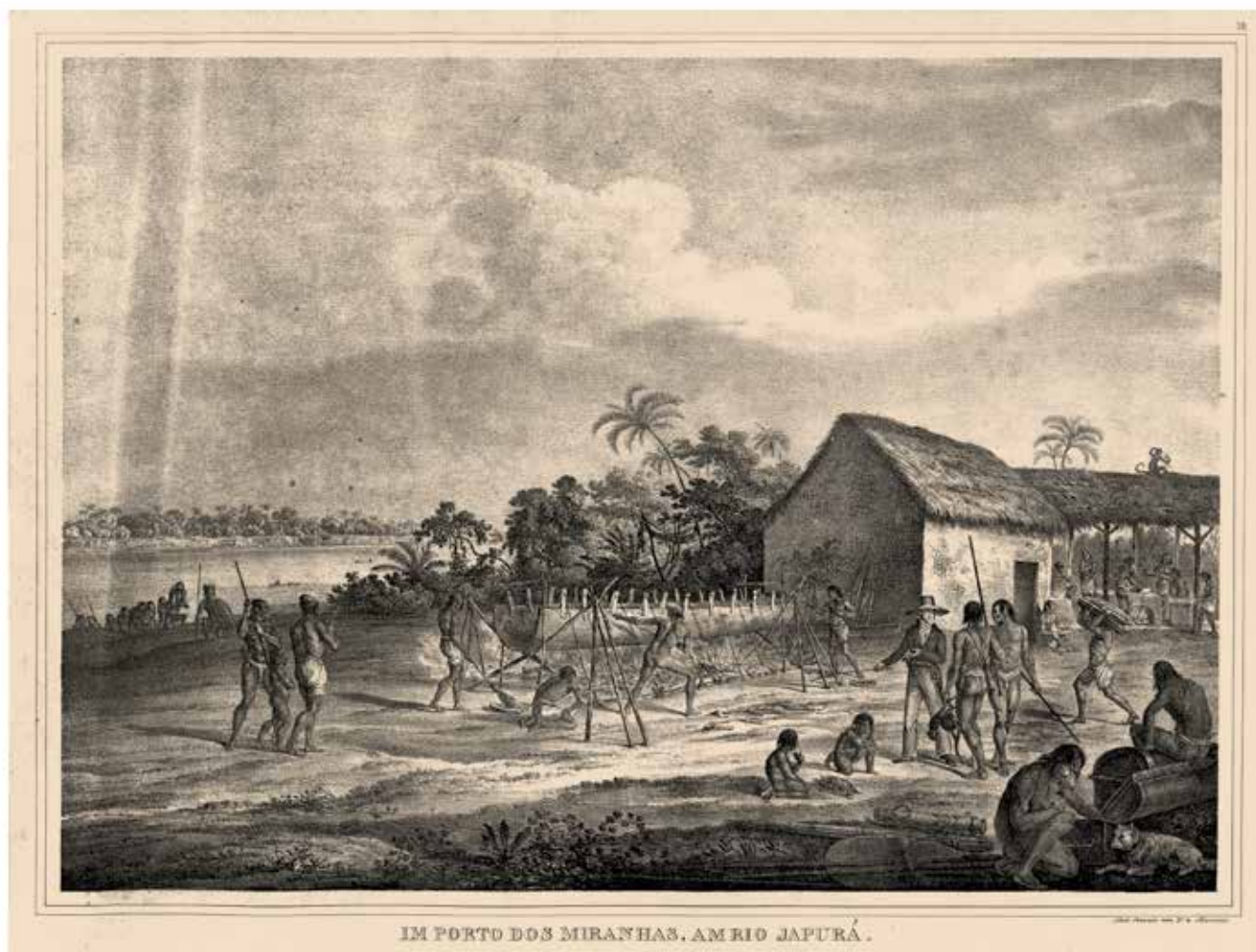
would have a resonance in Pará in the following century, with the Cabanagem insurrection.

Here brought by way of example, among other travelers in the last quarter of the 18th century, is the Portuguese Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio in 1774-1775. Although published only in 1856, book VI of the *Coleção de notícias para a história e geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos domínios portugueses, ou lhes são vizinhas*, the sections written by Sampaio stand out. No. 1: “Itinerary of the trip from the city of Pará to the last colonies of the Portuguese domains in the Amazon and Negro rivers” and No. 2: “Appendix to the travel diary, which on the visit, and inspection of the villages of the captaincy of S. José do Rio Negro, appointed its general mediator and intendant”.³⁰ At the same time, Great Britain published some illustrated titles about the Amazon in the 18th century, among them *Animals of Maragnan, an Island on the Coast of Brazil in South America*, by John Hamilton Moore, and *Narrative, of a Five Years' Expedition*,

José Joaquim Freire | Prospecto de uma das vinte e duas malocas, de que constava a aldeia do gentio Curutús, séc. XVIII

[Prospectus of one of the twenty-two malocas, which were part the indigenous village of the Curutús, 18th century]

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper], 35 × 24 cm | Acervo [Collection] Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



um afluente do Solimões. No segundo volume da *Reise in Brasilien (Viagem ao Brasil)*, há gravuras relativas à Amazônia como a paisagem de uma aldeia indígena *No porto dos Miranhas, no rio Japurá* e os retratos dos dois jovens indígenas levados por Spix e Martius para Munique: uma menina Miranha (Isabel) e um adolescente Juri, grupo descrito como canibal.³² Lá, os corpos vivos dos dois indivíduos foram expostos à curiosidade pública. Martius e Spix descrevem sua própria violência simbólica, pois os dois adolescentes provinham de grupos inimigos: “Juri é filho do cacique de uma nação do Juri, e da tribo Juri Comas, no rio Purees, que corre para o Japurá, o qual nós salvamos do cativo pelos Miranhas, e o levamos para Munique. Miranha é uma menina da tribo dos Miranhas, uma nação belicosa e numerosa na parte alta do rio Japurá, na capitania do

against the revolted Negroes of Surinam, by John Gabriel Stedman, and illustrated with engravings by no less than William Blake, the metaphysical, philosophical and imaginative painter of the Enlightenment, striving to depict a region that can be called “Blake’s Amazon”; with bustling scenes of monkeys (of the types *quato and saccawinke*); a scene in the style of *Alegoria dos Continentes*, with Europe supported by America (an invented indigenous) and Africa in Guyana, represented in the manner of the *Três graças*’s paradigm, a record unlike any from the Brazilian Amazon of the 17th century; and images of excruciating punishments of “recalcitrant” slaves.³¹

Zoologist Johann Baptist von Spix (1781-1826) and naturalist Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) were invited to the Austro-German artistic mission of 1817, promoted by the then Princess

No porto dos Miranhas, no rio Japurá, do *Atlas zur Reise in Brasilien*, de Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius [At Miranhas port, in Japurá river, from the *Atlas zur Reise in Brasilien*, by Johann Baptist von Spix and Carl Friedrich Philipp von Martius], 1823-1831

Rio Negro”.³³ Os jovens Miranha e Juri não sobreviveram um ano. A placa mortuária em bronze na tumba de Isabel e Juri, de autoria do escultor Johann Baptiste Stiglmaier, talvez seja a primeira obra neoclássica desenhada na Europa tendo por objeto dois indivíduos de população indígena amazônica, apresentados de maneira idealizada.

Cabanagem

No período que antecede à Cabanagem, surgiram importantes títulos relativos à Amazônia, como o do francês Ferdinand Denis, o mais ambicioso autor, que superou a descrição do vale do Amazonas, para transformar a Amazônia em “lugar”, isto é, em espaço com história, como já afirmaram. Em 1822, ele lançou *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*,³⁴ com ilustrações de seu companheiro de visita Hippolyte Taunay, com raízes no erudito grupo de artistas da Missão Francesa de 1816. Em 1825, Ferdinand Denis lançou em Paris, pelos editores Lecointe e Durey, um condensado de seu livro, denominado *Résumé de l'histoire du Brésil suivi du résumé de l'histoire de la Guyanne*, título que lançava a ideia de Amazônia. As ilustrações de Taunay denotam certo desenho neoclássico na representação da Amazônia.

No curso da Guerra da Independência (1822-1825), houve lutas ferrenhas na Bahia e no Pará, muito além da farsa do “grito do Ipiranga”, que resultou da ação autorizada entre pai e filho, entre o príncipe Dom Pedro no Brasil e seu pai, o rei português Dom João VI. Em outubro de 1823, uma revolta se espalhou por cidades do baixo Amazonas até Manaus e Autazes, opondo-se à adesão da Província à independência do Brasil e reivindicando a formação de um governo popular, republicano e abolicionista – com esse ideário, a Cabanagem fecha a primeira modernidade na Amazônia, ao adotar princípios políticos libertários da Revolução Francesa (1789) e ao antecipar a Confederação do Equador, em Pernambuco (1824), também republicana e separatista. Nos antecedentes da escalada histórica de embates e atos de resistência, ocorreu o episódio em que um grupo de 256 amotinados foi jogado aos porões

Leopoldina, the future empress of Brazil. They went through the provinces of São Paulo and Minas Gerais in detail and reached the Japurá River, a tributary of the Solimões. In the second volume of the *Reise in Brasilien (Journey to Brazil)*, there are engravings related to the Amazon such as the landscape of an indigenous village “In the port of Miranhas, on the Japurá river” and the portraits of the two young indigenous individuals taken by Spix and Martius to Munich: a Miranha girl (Isabel) and a teenager Juri, a group described as cannibal.³² There, the living bodies of the two individuals were exposed to public curiosity. Martius and Spix describe their symbolic violence, as the two teenagers came from enemy groups: “Juri is the son of the chief of a nation of Juri, and the Juri Comas tribe, on the Purees River, which flows to Japurá, whom we have saved from captivity by the Miranhas, and took to Munich. Miranha is a girl from the Miranhas tribe, a warlike and numerous nation in the upper part of the Japurá River, in the captaincy of the Rio Negro”³³ The young Miranha and Juri did not survive a year. The bronze death plaque on the tomb of Isabel and Juri, by the sculptor Johann Baptiste Stiglmaier, is perhaps the first neoclassical work designed in Europe having as object two individuals from an indigenous Amazonian population, presented in an idealized way.

Cabanagem

In the period before the Cabanagem, important titles related to the Amazon came up, as with that of the French Ferdinand Denis, the most ambitious author, who went beyond the description of the Amazon valley, to transform the Amazon into a “place”, that is, into a space with history, as already stated. In 1822, he published *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*,³⁴ with illustrations by his visiting companion Hippolyte Taunay, with roots in the erudite group of artists from the French Mission of 1816. In 1825, Ferdinand Denis published in Paris, by the editors Lecointe e Durey, an abridged version of his book entitled *Résumé de l'histoire du Brésil suivi du résumé de l'histoire de la Guyanne*, a title that presented the idea of Amazonia. Taunay’s illustrations show a certain neoclassical drawing in the representation of the Amazon.



do brigue *Palhaço* e levado ao meio da baía dos Guajará, ao largo de Belém. Sem ar, todos morreram sufocados com cal. Não há registros visuais de época. Romeu Mariz Filho pintou, em 1936, a tela *Tragédia do brigue palhaço*, uma sofrível pintura marcada pelo *ethos* da impossibilidade de esquecer as violências da história. A memória da chacina é reconstruída na videoinstalação *Mar Dulce Barroco* (2009), de Armando Queiroz, como *aggiornamento* da história, ao justapor imagens das águas batidas do rio Guamá, o qual abraça a península da Cidade Velha de Belém, a quebrar contra as muralhas do porto, turbulência, e essas águas remetem a outras águas, presentes no Museu do Ipiranga, em repouso, encapsuladas em esferas, provenientes de diversos pontos do país, organizadas como troféus da conquista de territórios indígenas – a que preço? Em sucessão, no vídeo correlato 252, feirantes do mercado do Ver-o-Peso se apresentam, cada um, com o nome de um morto no *Palhaço*. Queiroz revê a história oficial da Amazônia e revela as invisibilidades sociais do presente. De seu inconsciente político aflora a equação: a eliminação histórica corresponde ao presente de exclusão.

Motivada por inúmeros fatores sociais, a Província do Grão-Pará³⁵ experimentou a eclosão da Cabanagem em 1835. Os regentes de Pedro II não davam atenção a esta região do Brasil. Distinta de outras revoltas do período regencial do Brasil Império, essa insurgência foi única na história do país. O levante

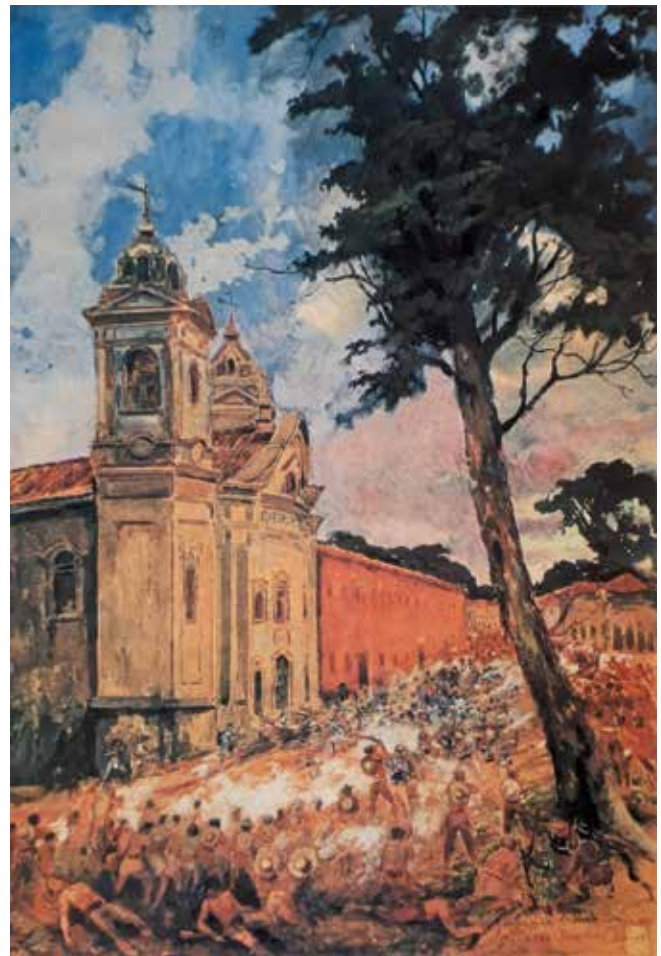
During the War of Independence (1822-1825), there were fierce struggles in Bahia and Pará, far beyond the farce of the “cry of the Ipiranga”, resulted from the authorized action between father and son, between the prince Dom Pedro in Brazil and his father, the Portuguese king Dom João VI. In October 1823, a revolt spread through cities in the lower Amazon to Manaus and Autazes, opposing the Province’s adhesion to Brazil’s independence and demanding the formation of a popular, republican and abolitionist government – with this idea, the Cabanagem closes the first modernity in the Amazon, by adopting the libertarian political principles of the French Revolution (1789) and anticipating the Confederação do Equador in Pernambuco (1824), also republican and separatist. In the background of the historic escalation of the clashes and acts of resistance, there was the episode in which a group of 256 mutineers was thrown into the basements of the *Palhaço* brig and taken to the middle of Guajará Bay, off the coast of Belém. With no air, all died suffocated with lime. There are no visual records of the time, but Romeu Mariz Filho painted, in 1936, the canvas *Tragédia do brigue palhaço*, a distressing painting characterized by the *ethos* of the impossibility of forgetting the violence of history. The memory of the slaughter is reconstructed in the video installation *Mar Dulce Barroco* (2009), by Armando Queiroz, as an *aggiornamento* of history by juxtaposing images of the beaten waters of the Guamá River, which embraces the peninsula of the Old City of Belém, breaking against the walls of the port, turbulence, and these waters refer to other waters, present at the Museu Paulista, at rest, encapsulated in spheres, from different parts of the country, organized as trophies for the conquest of indigenous territories – at what price? In succession, in the related video 252, market vendors in the Ver-o-Peso market each present themselves with the name of a dead man in the *Palhaço*. Queiroz revises the official history of the Amazon and reveals the social invisibilities of the present. The equation emerges from its political unconscious: the historical elimination corresponds to the present of exclusion.

Motivated by countless social factors, the Province of Grão-Pará³⁵ experienced the outbreak of Cabanagem in 1835. Pedro II’s regents paid no attention

abarcou um território amplo, incitado por um sentimento comum de insatisfação e até mesmo de identidade. A Cabanagem trazia a memória violenta do morticínio no brigue *Palhaço*. Agregou sujeitos de diversas culturas, dentre eles indígenas desterritorializados, ribeirinhos ligados a atividades extrativistas, negros escravizados e, ainda, gente de outras camadas sociais, alguns prelados e intelectuais inspirados na Revolução Francesa. A diversidade cultural do ambiente belenense foi enriquecida em 1810 com a chegada dos primeiros imigrantes judeus sefarditas da Amazônia, provenientes do Marrocos. Ao longo da história, muitos deles se casaram com mulheres indígenas. Bem antes da diáspora para a Amazônia brasileira, uma colônia de judeus, também sefarditas, estabelecera-se, em 1636, no Suriname, a *Jodensavanne*. Em 1824, organizou-se a *Eshel Abraham*, a primeira sinagoga do Pará, o mais antigo templo judeu no Brasil em funcionamento contínuo. Muitos desses *Yehudei Amazonya* (judeus da Amazônia) trabalhavam como comerciantes em batelões. Espalharam-se por outras cidades ao longo do Amazonas, como Santarém, Alenquer, Óbidos, Manaus e, mesmo, Iquitos, no Peru.³⁶

O pleito dos cabanos era por melhores condições de vida e pela expulsão dos portugueses, vistos como privilegiados responsáveis pela exploração colonial vigente. Os cabanos depuseram diversos governantes nomeados para gerir a província em sucessivos atos e embates, como resposta ao cenário opressor. “Indígenas, negros de origem africana e mestiços perceberam lutas e problemas em comum. Esta identidade se assentava no ódio ao mandonismo branco e português e na luta por direitos e liberdades,” aponta Magda Ricci.³⁷ Dessa participação popular na luta por emancipação sobrevivem os nomes de escravos ativistas, quase todos relegados ao apagamento da história oficial, como Diamante e Patriota. Os revoltosos ocuparam o Palácio do Governo e o quartel, assassinaram o presidente da província, destituíram os representantes do poder imperial e indicaram seus substitutos na organização de um governo cabano para o Grão-Pará. Os líderes brancos e um conjunto de populares, tapuias e negros consolidaram-se como forças

to this region of Brazil. Unlike other revolts during the regency period of the Brazilian Empire, this insurgency was unique in the country’s history. The uprising spanned a wide territory, spurred by a common feeling of dissatisfaction and even identity. The Cabanagem brought the violent memory of the slaughter in the brig *Palhaço*. It brought together subjects from different cultures, among them deterritorialized indigenous people, riverside people linked to extractive activities, enslaved blacks and, also, people from other social strata, some prelates and intellectuals inspired by the French Revolution. The cultural diversity of the Belém environment was enriched in 1810 with the arrival of the first Sephardic Jewish immigrants in the Amazon, coming from Morocco. Throughout history, many of them have married indigenous women. Long before the Diaspora for the Brazilian Amazon, a colony of Jews, also Sephardic, had established itself,





para a instauração do governo cabano. A despeito de a população indígena e negra deter importância decisiva nos protestos emancipatórios, argumenta Luís Balkár Sá Peixoto Pinheiro, eles “ficaram silenciados por uma historiografia que sequer os conseguia enxergar como componentes da sociedade regional”.³⁸ A Cabanagem foi complexa, extensa, suscitou leituras ambíguas e contraditórias ao longo da história. Foi percebida como a revolta de “celerados” conforme o Barão de Guajará, Domingos Antonio Raiol, que organizou uma farta documentação em 1865,³⁹ no primeiro registro amplo da Cabanagem, 30 anos após o movimento. Jorge Hurley compôs a visão nativista que em os cabanos figuram como heróis do Estado Nacional Brasileiro.⁴⁰ Pesquisadores recentes apontam o imbricado conjunto de ações e anseios que moveram a multiplicidade de atores do movimento. O italiano Alfredo Norfini imigrou para a Argentina em 1893 e depois para o Brasil e viajou incessantemente em busca da paisagem colonial mineira de Ouro Preto ou Sabará, do lago Titicaca, na Bolívia, de cenas do Rio, de São Paulo e do Nordeste. Em Belém, Norfini

in 1636, in Suriname, the *Jodensavanne*. In 1824, *Eshel Abraham* was organized, the first synagogue in Pará, the oldest Jewish temple in Brazil in continuous operation. Many of these *Yehudei Amazonya* (Jews from the Amazon) worked as barge merchants. They spread throughout other cities along the Amazon, such as Santarém, Alenquer, Óbidos, Manaus, and even Iquitos, in Peru.³⁶

The claim of the *Cabanos* was for better living conditions and the expulsion of the Portuguese, seen as privileged responsible for the current colonial exploitation. The *Cabanos* deposed several appointed rulers to run the province in successive acts and clashes, in response to the oppressive scenario. “Indigenous people, blacks of African origin and mestizos perceived struggles and problems in common. This identity was based on the hatred of white and Portuguese bossy and the fight for rights and freedoms,” points out Magda Ricci.³⁷ From this popular participation in the struggle for emancipation, the names of activist slaves survive, almost all relegated to the erasure from official history, such as Diamante and Patriota. The insurgents occupied the Government Palace and the barracks, assassinated the President

constrói a memória visual dissipada no tempo e deturpada pela historiografia da burguesia da borracha na distorção ética do cabano. Foi assim que pintou *Assalto dos cabanos ao trem* (1940) – a multidão toma o depósito militar de armas e munições –, enquanto *O cabano paraense* (1940) é erguido à condição idealizada e heroica do insurreto, semelhante ao mito dos bandeirantes em São Paulo. Mais de um século depois, Norfini atende à necessidade e ao desejo iconológico de memória cabana na formação identitária do Pará.

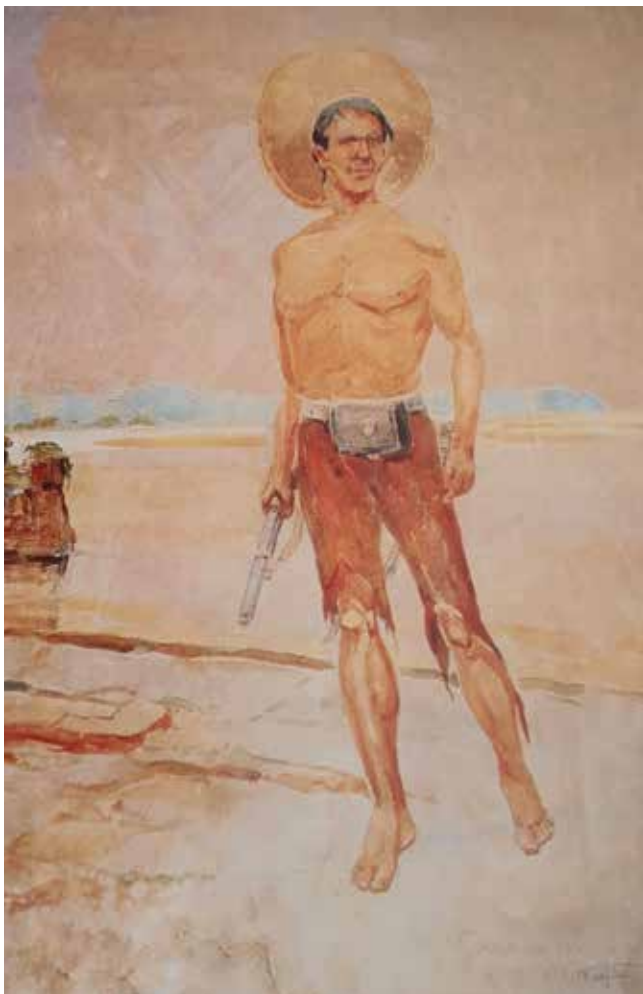
Levante, revolta, utopia – a Cabanagem retomou o centro de Belém em 2009 com o projeto *site specific Tempo Cabano*, de Armando Queiroz, que incorpora a arquitetura do poder. A moeda cunhada pelos cabanos serve de repouso para um amendoim do vendedor menino, em alusão à infância roubada pelo trabalho infantil. Emanam ecos históricos da escadaria do Palácio Antônio Lemos, obra do auge da economia da borracha e sede da prefeitura de Belém – o desejo de justiça e ruptura que moveu oprimidos num processo de ressurgência da Cabanagem em 2019, na pintura de Éder Oliveira e de Rafael Matheus Moreira, que atualizam os sujeitos invisíveis na exclusão social hodierna. Suntuosidade e miséria, delicadeza estética e violência simbólica articulam entre arquitetura, fotografia e pintura para o jogo de representações da história do presente. A artista Val Sampaio é neta da Vó Tônia, raptada em criança de sua aldeia, cujo nome não se lembrava. Levada para Manaus, ali foi sequestrada novamente e trazida para Belém, onde se casou com Elias, neto de portugueses. A artista diz que a ausência de Vó Tônia “está em mim. A pintura corporal feita no acampamento de mulheres indígenas em Brasília trouxe de volta minha vó/mãe índia, sua ausência, sua pele”.⁴¹ Tal pintura indígena à tinta de jenipapo – *Eu* (2019) – é o agenciamento enunciador no próprio corpo de Val Sampaio (ou na carne do mundo, expressão de Maurice Merleau-Ponty) de que o sujeito “apreendeu” sua identidade atávica. A artista compreende a pintura como uma porta aberta para sua alma indígena, para seus ancestrais. Na impossibilidade de saber a tribo da avó, une-se de forma indissociável ao outro que poderia vir a ser seu “parente” e ativa

of the province, removed the representatives of the imperial power, and appointed their substitutes in the organization of a Cabano government for Grão-Pará. The white leaders and a group of popular, tapuias and blacks consolidated themselves as forces for the establishment of the Cabano government. Although the indigenous and black population plays a decisive role in emancipatory protests, Luís Balkár Sá Peixoto Piniheiro argues, they “were silenced by historiography that could not even see them as components of regional society”.³⁸ The *Cabanagem* was complex, extensive, and gave rise to ambiguous and contradictory readings throughout history. It was perceived as the revolt of “perverted” according to the Baron of Guajará, Domingos Antonio Raiol, who organized abundant documentation in 1865,³⁹ in Cabanagem’s first comprehensive record, 30 years after the movement. Jorge Hurley composed the nativist vision in which figures the *Cabanos* as heroes of the Brazilian National State.⁴⁰ Recent researchers point out the interwoven set of actions and desires that moved the multiplicity of actors in the movement. The Italian Alfredo Norfini migrated to Argentina in 1893 and later to Brazil, and traveled incessantly in search of the colonial mining landscape of Ouro Preto or Sabará, of Lake Titicaca, in Bolivia, of scenes from Rio, São Paulo, and the Northeast. In Belém, Norfini builds the visual memory dissipated in time and distorted by the historiography of the rubber bourgeoisie in the ethical distortion of the *Cabano*. That was how *Assalto dos cabanos ao trem* (1940) depicted that – the crowd takes over the military deposit of arms and ammunition –, while *O cabano paraense* (1940) is raised to the idealized and heroic condition of the insurgent, similar to the myth of the Bandeirantes in São Paulo. More than a century later, Norfini meets the need and the iconological desire for the *Cabano* memory in the identity formation of Pará.

Rise, revolt, utopia – the Cabanagem returned to the center of Belém in 2009 with the *site-specific* project *Tempo Cabano*, by Armando Queiroz, which incorporates the architecture of power. The coin minted by the *Cabanos* serves as a peanut rest for the boy vendor, alluding to the childhood stolen by child labor. Historical echoes emerge from the staircase of the Antônio Lemos Palace, the work of the heyday of the rubber economy

a memória de um corpo coletivo, como sinaliza Ailton Krenak ao abordar a experiência e o sonho, “nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração”.⁴² A perspectiva de Rafael Matheus Moreira, Éder Oliveira e Val Sampaio é a emergência da fantasmática da origem ou o retorno do oprimido de um inconsciente político amazônico atravessado pela memória cabana das “multiplicidades selvagens”,⁴³ termo de Deleuze e Guattari.

Embora a importante viagem – processo da ciência iluminista – de Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland à Amazônia, narrada em *Reise in die Aequinoctial-Gegenden des Neuen Continents*, tenha ocorrido entre junho de 1799 e dezembro de 1800, sua abordagem será objeto de um futuro texto nosso sobre o Ciclo da Borracha, como também o exame da *Flora Brasiliensis*, de Carl Friedrich Philipp



Alfredo Norfini | Cabano paraense [Para's cabano], 1940 | Aquarela sobre papel [Watercolor on paper], 97,3 × 69 cm
Acervo [Collection] Museu de Arte de Belém – MABE/FUMBEL/PMB

and the headquarters of Belém City Hall – the desire for justice and rupture that moved the oppressed in a process of the resurgence of the Cabanagem in 2019, in the painting by Éder Oliveira and Rafael Matheus Moreira, which update the invisible subjects of today's social exclusion. Sumptuousness and misery, aesthetic delicacy, and symbolic violence combine architecture, photography, and painting to a game of representations of the history of the present. The artist Val Sampaio is the granddaughter of grandma Tônia, kidnapped as a child from her village, whose name she did not remember. Taken to Manaus, there she was kidnapped again and brought to Belém, where she married Elias, grandson of a Portuguese. The artist says that the absence of Grandma Tônia “is in me. The body painting done at the indigenous women's campsite in Brasília brought back my indigenous grandma/mother, her absence, her skin”.⁴¹ Such an indigenous painting with the genipap ink – *Eu* (2019) – is the enunciation agency in Val Sampaio's own body (or in the flesh of the world, an expression by Maurice Merleau-Ponty) in which the subject “apprehended” his atavistic identity. The artist understands painting as an open door to her indigenous soul, to her ancestors. In the impossibility of determining her grandmother's tribe, she unites inseparably with the other who could become her “relative” and activates the memory of a collective body, as Ailton Krenak points out when addressing the experience and dream, “in which one can look for songs, healing, inspiration”.⁴² The perspective of Rafael Matheus Moreira, Éder Oliveira, and Val Sampaio is the emergence of the phantasmatic of the origin or the return of the oppressed from an Amazonian political unconscious crossed by the Cabano memory of “wild multiplicities”,⁴³ a term by Deleuze and Guattari.

Although Alexander von Humboldt and Aimé Bonpland's important journey – the process of Enlightenment science – to the Amazon, narrated in *Reise in die Aequinoctial-Gegenden des Neuen Continents*, took place between June 1799 and December 1800, its approach will be the object of our forthcoming text on the “Rubber cycle”, as well as the examination of *Flora Brasiliensis*, by Carl Friedrich

von Martius. Bonpland chegou a viajar ao longo do Rio Negro, inclusive pela parte brasileira. É que ambos foram edições que se estenderam para além do período aqui finalizado com a Cabanagem.

No período que vai da Cabanagem ao Ciclo da Borracha, surgiram muitas publicações de viajantes estrangeiros pela Amazônia, como o britânico Henry Lister Maw⁴⁴ e os americanos William Herndon e Lardner Gibbon, que exploraram a região a serviço da Marinha dos Estados Unidos,⁴⁵ entre outras. Mais significativa foi a expedição do cônsul russo no Rio de Janeiro, o barão von Langsdorff, que, entre 1825 e 1829, navegou, por via fluvial, do Tietê ao Amazonas, de Porto Feliz (SP) a Belém, atravessando as províncias de São Paulo e de Mato Grosso até o Grão-Pará. Seus desenhistas foram Aimé-Adrien Taunay e Hercules Florence, um dos inventores da fotografia algumas décadas depois. A Amazônia ainda esperava por um grande desenhista, embora Taunay e Florence tivessem realizado aquarelas menos submissas ao desenho de registro iconológico. Só o Ciclo da Borracha reunia condições econômicas atraentes para pintores desde a segunda metade do século XIX.

Philipp von Martius. Bonpland got to travel along the Rio Negro, including the Brazilian side. Both were editions that went beyond the period that ended with Cabanagem focused here.

In the period spanning from Cabanagem to the rubber cycle, there were many publications by foreign travelers in the Amazon, such as the British Henry Lister Maw⁴² and the Americans William Herndon and Lardner Gibbon, who explored the region in the service of the United States Navy,⁴³ among others. More significant was the expedition of the Russian consul in Rio de Janeiro, Baron von Langsdorff, who, between 1825 and 1829, sailed, by inland waterway, from Tietê to Amazonas, from Porto Feliz (SP) to Belém, crossing the provinces of São Paulo and Mato Grosso to Grão-Pará. His sketchers were Aimé-Adrien Taunay and Hercules Florence, one of the inventors of photography a few decades later. The Amazon was still waiting for a great artist, although Taunay and Florence had produced watercolors less submissive to the drawing of iconological register. Only the rubber cycle offered attractive economic conditions for painters since the second half of the 19th century.

Notas

- 1** Paulo Herkenhoff (1949) é crítico e historiador da arte. Consultor da Fundação Getúlio Vargas/FGV Conhecimento e professor catedrático da Universidade São Paulo. Foi diretor cultural do Museu de Arte do Rio, diretor do Museu Nacional de Belas Artes (2003-2006). curador adjunto do Museu de Arte Moderna de Nova York (1999-2002), curador da XXIV Bienal de São Paulo (1998) dedicada à Antropofagia e ao canibalismo social.
- 2** Orlando Maneschky (1968) é artista, professor-pesquisador e curador. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Realizou estágio pós-doutoral na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. É professor na Universidade Federal do Pará. É curador da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. É coordenador do grupo de pesquisa Bordas Diluídas (UFPA/CNPq). Recebeu prêmios e bolsas de instituições como Funarte, CNPq e Capes.
- 3** Tratado celebrado em 1494 entre Portugal e Espanha, então Castela, para dividir as terras “descobertas e por descobrir” por ambas as Coroas fora da Europa. [Nota do Editor]
- 4** Cabanagem foi uma revolta popular daqueles que viviam em “cabanas”— indígenas e pobres —, contra o poder do Império, e que matou cerca de 30 a 40% da população da província do Grão-Pará, de cerca de 100 mil habitantes. [Nota do editor]
- 5** In *Álbum do Estado do Pará, mandado organizar por S. Ex. o Sr. Dr. Augusto Montenegro, governador do Estado. Oito annos do governo (1901 a 1909)*. Paris: Chaponet, 1908. pp. 283-284, apud CASTRO, Raimundo Nonato de. *O quadro Conquista do Amazonas de Antonio Parreiras e a ideia de nação*. Rio de Janeiro, v. V, n. 4, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/ap_rnc.htm>.
- 6** FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929*. Campinas, UNICAMP/IFCH, 2001, p. 3. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280985>>. Acesso em: 22 jun. 2020. Em que pese essa pequena discordância, reconhecemos o professor Aldrin Moura de Figueiredo como um historiador seminal na história da arte da Amazônia.
- 7** ACUÑA, Cristóbal de. *Nuevo descubrimiento del gran Río de las Amazonas*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1641. Ver HERKENHOFF, Paulo. *Biblioteca Nacional, a história de uma coleção*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1996. p. 70.
- 8** LA CONDAMINE, M. de. *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale [...] en descendant la rivière des Amazones*. Paris: Chez la Veuve Pissot, 1745. Este ensaio se detém apenas sobre a ciência na colônia brasileira, deixando de lado o estudo pioneiro de Pehr Löfling (1729-1756) na região da Venezuela, Maria Sibylla Merian no Suriname e José Celestino Bruno Mutis na Colômbia. Stig Ryden considerou Löfling o primeiro naturalista moderno da América do Sul (in *Pedro Löfling en Venezuela*. Madri Insula, 1957).
- 9** No século XVII, a toponímia das cidades paraenses era extraída de nomes de cidades e vilas de Portugal, enquanto outro grande número lá e no Amazonas era originário de línguas indígenas.
- 10** HERKENHOFF, Paulo. *Alexandre Rodrigues Ferreira, a Amazônia Redescoberta no Século XVIII*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1992. O presente artigo corrige e completa informações neste catálogo da exposição homônima.
- 11** Ver o colóquio “Hospitalidade entre ética, política & estética”, na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em 2019.
- 12** HABERMAS, Jürgen. *Modernidade versus Pós-Modernidade*. São Paulo: Arte em Revista, ago. 1983. n. 7, pp. 86-91.
- 13** O estado do Maranhão, criado em 1621 e depois denominado Maranhão e Grão-Pará, era a unidade administrativa portuguesa durante o período de 1651 a 1772, e englobava os atuais estados do Maranhão, Piauí, Pará, Amazonas, Amapá e Roraima. [Nota do Editor]
- 14** VIEIRA, Pe. Antonio. “Sermão do Espírito Santo”. In: ALVES, Gonçalo (org.) *Sermões*. Lisboa: Lello, 1950. V. V, p. 430.
- 15** SIEWIERSKI, Henryk. *Expulsão da Amazônia e a sua reconquista no Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas do Pe. João Daniel*. 2008. Disponível em: <[https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/expulsao-](https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/expulsao-amazonia-sua-reconquista-tesouro-descoberto-maximo/h_siewierski.pdf)
- amazonia-sua-reconquista-tesouro-descoberto-maximo/h_siewierski.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2020.
- 16** HERKENHOFF, Paulo. *Biblioteca Nacional, a história de uma coleção*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1996. p. 6.
- 17** SCHWEBEL, Johann Andre. *Coleção das Propectos das Aldeias, Lugares Mais Notáveis que se acham em o Mapa que tiraram os engenheiros da expedição principiando da cidade do Pará até a Aldeia Mariua no Rio Negro [...] Francisco Xavier de Mendonça Furtado*. 1756. Ver OBERACKER JR, Carlos H. *Dois cartógrafos alemães a serviço do Brasil no século XVIII: Johann Andreas Schwebel e Fillipe Sturm*. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131263/127654>>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- 18** MEIRA FILHO, op. cit.; BARATA, Mario. “Século XIX. Transição e início do século XX”. In: ZANINI, Walter (coord.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Walthier Moreira Salles e Fundação Djalma Guimarães, 1983. v.1, pp.377-451. O bolonhês cooperou mais tarde com Alexandre Rodrigues Ferreira, tendo-lhe oferecido desenhos de vistas de Belém e suas edificações e de zoologia.
- 19** Interpretação que tem como ponto de partida: ARGAN, Giulio Carlo. *L'Europe des capitales 1600-1700*. Paris: Éditions d'Art Albert Skira, s.d, passim.
- 20** WINCKELMAN, J. J. *Reflexiones sobre la imitación del arte griego en la pintura y la escultura*. Trad. Vicente Jarque. Barcelona: Ed. Península Ver op. cit. nota iciones, 1987, passim.
- 21** Op. cit. nota 12 supra, p. 51. Ver ainda: ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*, capítulo “Neoclassicismo histórico”. Trad. Federico Carotti e Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, passim.
- 22** Ver SLOAN, Phillip. “Evolutionary Thought Before Darwin”. In: ZALTA, Edward N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2019 Edition). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/evolution-before-darwin/>>. Acesso em: 9 jul. 2020. Este ensaio de Sloan serviu de base às comparações entre Lineu e Buffon neste artigo.
- 23** “Debuxar”: riscar com estilete sobre uma tábua de buxo, um tipo de madeira. [Nota do editor]

- 24** Ver HERKENHOFF, Paulo. In: *Invenções da mulher moderna, para além de Anita e Tarsila*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2017. pp. 102-103.
- 25** A respeito: ver HERKENHOFF, Paulo. *Biblioteca Nacional, a história de uma coleção*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1996. p 199. Concluída em 1790, a obra de Vellozo só foi publicada em 1825.
- 26** Uma evidência dessa amizade está no fato de que as plantas, o levantamento de fachadas e os desenhos de animais de autoria de Landi, que se encontram no Fundo Alexandre Rodrigues Ferreira, no acervo da Biblioteca Nacional, tenham sido oferecidos a este pelo bolonhês.
- 27** BARRETTO, Vicente, *A ideologia liberal no processo da independência do Brasil (1789-1824)*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1973, passim.
- 28** Conspiração de um grupo voltado para a separação da província de Minas Gerais da Coroa Portuguesa. [Nota do editor]
- 29** A Conjuração Carioca foi um processo de repressão da Coroa Portuguesa a um grupo de intelectuais que se organizavam como uma sociedade literária. A Conjuração Baiana, ou Revolta dos Alfaiates, foi um movimento que buscou a libertação dos portugueses e se rebelar contra a falta de alimentos. [Nota do editor]
- 30** Impresso pela Typographia da Academia em Lisboa em 1856.
- 31** Publicados em Londres respectivamente pelo próprio Moore, por volta de 1785, e por J. Johnson. & T. Payne, em 1793.
- 32** Ver COSTA, Maria de Fátima. *Os 'meninos índios' que Spix e Martius levaram a Munique*. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/artelogie/3774>>. Acesso em: 6 jul. 2020.
- 33** SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. *Travels in Brazil, in the years 1817-1820*. Trad. H. E. Lloyd. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1824. v. II, seção Description of the plates, n/n. Juri é o filho do cacique do povo dos Juri, da tribo Juri Comas, do Rio Purus, que flui para o Japura, que libertamos do cativo entre os Miranhas e levamos conosco a Munique. Miranha é uma garota da tribo canibal dos Miranhas, um povo bélico e numeroso da parte superior do Rio Japura, na capitania de Rio Negro, nas fronteiras da província espanhola de Popayan. [Nota do editor]
- 34** DENIS, Ferdinand. *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*. Paris: Neneu, 1822. Seis volumes, com ilustrações de Hippolyte Taunay.
- 35** A então Província do Grão-Pará abrangia os atuais estados do Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia.
- 36** Ver LINS, Wagner Bentes. *A mão e a luva: Judeus Marroquinos em Israel e na Amazônia: similaridades e diferenças na construção das identidades étnicas*. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-02082010-191511/publico/2010_Wagner_Lins.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020. Entre os artistas de origem judia na Amazônia estão o escritor Marcio Souza, os artistas plásticos Abraão Bemery e Guy Veloso, o engenheiro-arquiteto Judah Levy, entre outros. Na década de 1980, o fotógrafo Sergio Zahlis produziu um ensaio sobre a presença de judeus ao longo do rio Amazonas, de Belém a Manaus. Ver HERKENHOFF, Paulo (curador); MAIORANA, Roberta (coord.). "Judeus da Amazônia". In: *catálogo 26ª Arte Pará*. Belém: Fundação Romulo Maiorana, 2007.
- 37** RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. In: *Revista Tempo*. Niterói: UFF, 2007. v. 11, n. 22. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000100002>. Acesso em: 7 jan. 2020.
- 38** PINHEIRO, Luís Balkár Sá Peixoto. A revolta popular revisitada: apontamentos para uma história e historiografia da Cabanagem. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. São Paulo: PUC-SP, 1999. v. 19. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10877/8066>>. Acesso em: 15 fev. 2020.
- 39** RAIOL, Domingos Antonio. *Motins Políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970. 2. ed.
- 40** HURLEY, Jorge. *A Cabanagem*. Belém: Clássica, 1936.
- 41** Texto de autoria da artista que acompanha a obra *Eu*, 2019; exibido na exposição *Deslendario Amazônico – 80 anos de Paes Loureiro no Projeto Arte Pará 2019*, da Fundação Rômulo Maiorana, na curadoria Keyla Sobral e Orlando Maneschy.
- 42** KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.52.
- 43** DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Capitalisme et schizophrénie 2: Mille plateaux*: (1980). Paris: Les éditions de minuit, 1980. p. 51.
- 44** MAW, Henry Lister. *Journal of a passage from the Pacific to the Atlantic: crossing the Andes in the Northern provinces of Peru and descending the river Marañon or Amazon*. Londres: F. B. Wright, 1829.
- 45** HERNDON, William Lewis (vol. 1); GIBBON, Lardner A. (vol. 2). *Exploration of the Valley of the Amazon, made under direction of the Navy Department*. Washington: Robert Armstrong, Public Printer, 1853. Herndon partiu de Lima em 21 de maio de 1851 e chegou a Belém em 11 de abril de 1852.

Notes

- 1** Paulo Herkenhoff is an art critic and historian. Consultant at Fundação Getúlio Vargas/FGV Conhecimento and full professor at the University of São Paulo. He was cultural director of the Rio Art Museum (2013-2018), director of the National Museum of Fine Arts (2003-2006), associated curator of the New York Museum of Modern Art (1999-2002), curator of the XXIV São Paulo Biennale (1998) dedicated to Anthropophagy and social cannibalism.
- 2** Orlando Maneschky is an artist, professor-researcher and curator. PhD in Communication and Semiotics at PUC-SP. He held a post-doctoral internship at the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon. He is a professor at the Federal University of Pará - UFPA. He is the curator of the Amazonina Art Collection at UFPA. He is the coordinator of the Bordas Diluídas Research Group (UFPA / CNPq). He has received awards and scholarships from institutions such as Funarte, CNPq and Capes.
- 3** Treaty signed in 1494 between Portugal and Spain, then Castilla, to divide the lands "discovered and to be discovered" by both Crowns outside Europe [Editor's note]
- 4** The Cabanagem was a popular revolt of people living in "huts [cabanas, in Portuguese]" – Indians and poor – against the power of the Empire that killed about 30 to 40% of the population of approximately 100 thousand inhabitants of the province of the Grão-Pará. [Editor's note]
- 5** In *Álbum do Estado do Pará, mandado organizar por S. Ex. o Snr. Dr. Augusto Montenegro, governador do Estado. Oito annos do governo (1901 a 1909)*. Paris: Chaponet, 1908. pp. 283-284, apud CASTRO, Raimundo Nonato de. *O quadro Conquista do Amazonas de Antonio Parreiras e a ideia de nação*. Rio de Janeiro, v. V, n. 4, Oct./Dec. 2010. Available at: <http://www.dezenovevinte.net/obras/ap_rnc.htm>.
- 6** FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929*. Campinas, UNICAMP/IFCH, 2001, p. 3. Available at: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280985>>. Access on: June 22, 2020. Despite such small disagreement, we recognize Professor Aldrin Moura de Figueiredo as a seminal art historian of Amazon art history.
- 7** ACUÑA, Cristóbal de. *Nuevo descubrimiento del gran Río de las Amazonas*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1641. See HERKENHOFF, Paulo. *Biblioteca Nacional, a história de uma coleção*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1996. p. 70.
- 8** LA CONDAMINE, M. de. *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale [...] en descendant la rivière des Amazones*. Paris: Chez la Veuve Pissot, 1745. This essay focuses only on science in the Brazilian colony, leaving aside the pioneering study by Pehr Löfling (1729-1756) in the region of Venezuela, Maria Sibylla Merian in Suriname and José Celestino Bruno Mutis in Colombia. Stig Ryden has considered Löfling the first modern naturalist in South America (in *Pedro Löfling en Venezuela*. Madrid Insula, 1957).
- 9** In the 17th century, the toponymy of the cities in Pará was extracted from the names of cities and villages in Portugal, while another large number there and in the Amazon came from indigenous languages.
- 10** HERKENHOFF, Paulo. *Alexandre Rodrigues Ferreira, a Amazônia Redescoberta no Século XVIII*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1992. This article corrects and completes information in the catalog of the homonymous exhibition.
- 11** See the colloquium "Hospitalidade entre ética, política & estética", at Fundação Casa de Rui Barbosa, in Rio de Janeiro, in 2019.
- 12** HABERMAS, Jürgen. *Modernidade versus Pós-Modernidade*. São Paulo: Arte em Revista, Aug. 1983. n. 7, pp. 86-91.
- 13** The state of Maranhão, established in 1621 and later called Maranhão and Grão-Pará, was the Portuguese administrative unit during the period from 1651 to 1772 and encompassed the current states of Maranhão, Piauí, Pará, Amazonas, Amapá and Roraima. [Editor's note]
- 14** VIEIRA, Pe. Antonio. "Sermão do Espírito Santo". In: ALVES, Gonçalo (org.) *Sermões*. Lisbon: Lello, 1950. V. V, p. 430.
- 15** SIEWIERSKI, Henryk. *Expulsão da Amazônia e a sua reconquista no Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas do Pe. João Daniel*. 2008. Available at: <https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/expulsao-amazonia-sua-reconquista-tesouro-descoberto-maximo/h_siewierski.pdf>. Access on: Jul. 09, 2020.
- 16** Bandeirantes are those explorers searching mostly for gold and silver [Editor's note]
- 17** HERKENHOFF, Paulo. *Biblioteca Nacional, a história de uma coleção*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1996. p. 6.
- 18** SCHWEBEL, Johann Andre. *Coleção das Propectos das Aldeias, Lugares Mais Notáveis que se acham em o Mapa que tiraram os engenheiros da expedição principiando da cidade do Pará até a Aldeia Mariua no Rio Negro [...] Francisco Xavier de Mendonça Furtado*. 1756. See OBERACKER JR, Carlos H. *Dois cartógrafos alemães a serviço do Brasil no século XVII: Johann Andreas Schwebel e Filipe Sturm*. Available at: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131263/127654>>. Access on: Jul. 17, 2020.
- 19** MEIRA FILHO, op. cit.; BARATA, Mario. "Século XIX. Transição e início do século XX". In: ZANINI, Walter (coord.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Walther Moreira Salles e Fundação Djalma Guimarães, 1983. v.1, pp.377-451. The Bolognese later cooperated with Alexandre Rodrigues Ferreira, having offered him drawings of views of Belém and its buildings and zoology.
- 20** An interpretation that has as a starting point: ARGAN, Giulio Carlo. *L'Europe des capitales 1600-1700*. Paris: Éditions d'Art Albert Skira, s.d, passim.
- 21** WINCKELMAN, J. J. *Reflexiones sobre la imitación del arte griego en la pintura y la escultura*. Transl. Vicente Jarque. Barcelona: Ed. Península, 1987, passim.
- 22** Op. cit. nota 12 supra, p. 51. See also: ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*, chapter "Neoclassicismo histórico". Transl. Federico Carotti & Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, passim.
- 23** See SLOAN, Phillip. "Evolutionary Thought Before Darwin". In: ZALTA, Edward N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2019 Edition). Available at: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/evolution-before-darwin/>>. Access on: Jul. 09, 2020. This essay by Sloan was the basis for comparisons between Lineu and Buffon in this article.
- 24** See HERKENHOFF, Paulo. In: *Invenções da mulher moderna, para além de Anita e Tarsila*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2017. pp. 102-103.

- 25** About: see HERKENHOFF, Paulo. *Biblioteca Nacional, a história de uma coleção*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1996. p 199. Finished in 1790, Vellozo's work was not published until 1825.
- 26** An evidence of such friendship is the fact that the blueprints, the survey of façades and the drawings of animals by Landi, which are in the Fundo Alexandre Rodrigues Ferreira, in the collection of Biblioteca Nacional, were offered to him by the Bolognese.
- 27** BARRETTO, Vicente, *A ideologia liberal no processo da independência do Brasil (1789-1824)*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1973, passim.
- 28** The conspiracy of a group aimed at separating the province of Minas Gerais from the Portuguese Crown. [Editor's note]
- 29** The Conjuração Carioca was a process of repression from the Portuguese Crown to a group of intellectuals who organized themselves as a literary society. The Conjuração Baiana, or Revolta dos Alfaiates, was a movement that sought the liberation from the Portuguese and to rebel against the lack of food. [Editor's note]
- 30** Printed by the Typographia da Academia in Lisbon in 1856.
- 31** Published in London respectively by Moore himself, around 1785, and by J. Johnson. & T. Payne, in 1793.
- 32** See COSTA, Maria de Fátima. *Os 'meninos índios' que Spix e Martius levaram a Munique*. Available at: <<https://journals.openedition.org/artelogie/3774>>. Access on: Jul. 6, 2020.
- 33** SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. *Travels in Brazil, in the years 1817-1820*. Transl. H. E. Lloyd. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1824. v. II, section Description of the plates, n/n. Juri is the son of the chief of the Juri people, from the Juri Comas tribe, from the Purees River, which flows to Japura, whom we have released from captivity among the Miranhas and taken with us to Munich. Miranha is a girl from the cannibal tribe of Miranhas, a warlike and numerous people from the upper part of the Japura River, in the captaincy of Rio Negro, on the borders of the Spanish province of Popayan. [Editor's note]
- 34** DENIS, Ferdinand. *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*. Paris: Neneu, 1822. Six volumes, with illustrations by Hippolyte Taunay.
- 35** The then Province of Grão-Pará encompassed the current states of Pará, Amazonas, Amapá, Roraima and Rondônia.
- 36** See LINS, Wagner Bentes. *A mão e a luva: Judeus Marroquinos em Israel e na Amazônia; similaridades e diferenças na construção das identidades étnicas*. Available at: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-02082010-191511/publico/2010_Wagner_Lins.pdf>. Access on: Jun 18, 2020. Among the artists of Jewish origin in the Amazon are writer Marcio Souza, plastic artists Abrahão Bemery and Guy Veloso, engineer-architect Judah Levy, among others. In the 1980s, photographer Sergio Zalis produced an essay on the presence of Jews along the Amazon River, from Belém to Manaus. See HERKENHOFF, Paulo (curator); MAIORANA, Roberta (coord.). "Judeus da Amazônia". In: *catálogo 26ª Arte Pará*. Belém: Fundação Romulo Maiorana, 2007.
- 37** RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. In: *Revista Tempo*. Niterói: UFF, 2007. v. 11, n. 22. Available at: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000100002>. Access on: Jan. 7, 2020.
- 38** PINHEIRO, Luís Balkár Sá Peixoto. A Revolta popular revisitada: apontamentos para uma história e historiografia da Cabanagem. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. São Paulo: PUC-SP, 1999. v. 19. Available at: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10877/8066>>. Access on: Feb. 15, 2020.
- 39** RAIOL, Domingos Antonio. *Motins Políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970. 2. ed.
- 40** HURLEY, Jorge. *A Cabanagem*. Belém: Clássica, 1936.
- 41** Text by the artist that go with the work *Eu*, 2019; exhibited in the exhibition *Deslendarío Amazônico – 80 Years of Paes Loureiro* in the Projeto Arte Pará 2019, of the Fundação Romulo Maiorana, curated by Keyla Sobral and Orlando Maneschky.
- 42** KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.52.
- 43** DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Capitalisme et schizophrénie 2: Mille plateaux*: (1980). Paris: Les éditions de minuit, 1980. p. 51.
- 44** MAW, Henry Lister. *Journal of a passage from the Pacific to the Atlantic: crossing the Andes in the Northern provinces of Peru and descending the river Marañon or Amazon*. London: F. B. Wright, 1829.
- 45** HERNDON, William Lewis (vol. 1); GIBBON, Lardner A. (vol. 2). *Exploration of the Valley of the Amazon, made under direction of the Navy Department*. Washington: Robert Armstrong, Public Printer, 1853. Herndon left Lima on May 21, 1851 and arrived in Belém on April 11, 1852.



INICIATIVA AMAZÔNIA 4.0¹

Carlos Nobre²

INPA, IPCC

Mudanças climáticas na Amazônia

As mudanças climáticas afetam a Floresta Amazônica de várias maneiras. Em primeiro lugar, o aumento da temperatura – que, em toda a Amazônia, já atingiu cerca de 1,5°C – impacta o balanço hídrico, aumentando a evaporação de água e contribuindo para o estresse hídrico ao qual a vegetação está submetida durante a estação seca. Há também uma associação direta entre o aumento da frequência de fenômenos extremos, como secas e inundações, e o aquecimento global. Observamos extremos de secas em 2005, 2010 e 2015-2016 – uma frequência muito maior do que era normal observar: secas de grande intensidade a cada 15, 20 anos. Também observamos chuvas intensas em 2009, 2012 e 2014, esta última causando uma seca histórica na bacia do Rio Madeira. De modo geral, o aquecimento global aumenta a severidade tanto das secas como do excesso de chuvas que causam inundações por mecanismos físicos conhecidos. Por um lado, como mencionado acima, a evaporação da água à superfície cresce com a subida da temperatura, aumentando o impacto hidrológico de uma seca de origem meteorológica. Por outro, a baixa atmosfera mais aquecida tem capacidade de reter mais vapor d'água, fator-chave para alimentar chuvas intensas e/ou prolongadas.

Ao contrário dos incêndios em biomas de latitudes médias na Califórnia ou Austrália, onde o fogo quase sempre se inicia com uma descarga elétrica, um raio que parte de nuvens e atinge a vegetação

INITIATIVE AMAZON 4.0

Climate change in Amazon

Climate change affects the Amazon Forest in several ways. Firstly, the rising of temperature – which in the entire Amazon has already reached around 1.5°C – affects the water balance, increasing hydric evaporation and contributing to the water stress to which vegetation is subjected during the dry season. There is also a direct association between the increased frequency of extreme phenomena, such as droughts and floods, and global warming. We observed extremes of droughts in 2005, 2010, and 2015-2016 – a frequency much greater than what was normal to observe: droughts of great intensity every 15 to 20 years. We also observed heavy rains in 2009, 2012 and 2014, that last one caused a historic drought in the Madeira River basin. In general, global warming increases the severity both of droughts and excessive rainfall causing floods through known physical mechanisms. On the one hand, as mentioned above, the evaporation of water from the surface increases with rising temperatures, enhancing the hydrological impact of a meteorological origin drought. On the other hand, the warmer lower atmosphere has the capacity to retain more water vapour, a key factor in feeding intense and/or prolonged rainfall.

Unlike fires in mid-latitude biomes in California or Australia, where fire almost always starts with an electrical discharge, a lightning bolt that leaves clouds and strikes vegetation during the summer months, in the

durante os meses de verão, na Amazônia praticamente todos os focos de calor são de origem humana. Usar fogo ainda é uma tradição da agricultura tropical para limpar o terreno para uma renovação do pasto ou para o plantio anual de grãos. Sem o cuidado devido, esses focos se espalham para as florestas contíguas e adentram muitas dezenas de metros, fragmentando-as ainda mais. Entretanto, as queimadas com maior impacto ambiental são aquelas para fazer desaparecer a floresta derrubada, a fim de abrir novas áreas para pastagens e agricultura. Derruba-se quase sempre de forma ilegal a mata, deixa-se que ela seque por dois a três meses – tipicamente durante a estação seca, pois as árvores recém-derrubadas ainda armazenam muita água e não são totalmente consumidas pelo fogo se for tentado queimá-las imediatamente – e então ateia-se fogo. Um hectare de floresta derrubada significa uma emissão total de 500 a 700 toneladas de gás carbônico para a atmosfera, contribuindo para o aquecimento global. Anualmente, o desmatamento das florestas tropicais contribui com cerca de 12% a 15% das emissões globais de gases de efeito estufa, sendo comum que o desmatamento da Floresta Amazônica contribua com o maior percentual dessas emissões. Além dos gases de efeito estufa, essas queimadas geram uma grande quantidade de poluição transportada nas nuvens de fumaça repletas de gases e material particulado, que muito mal fazem à saúde humana, afetando milhões de pessoas na Amazônia – e mesmo fora dela, em áreas sob o corredor das plumas de fumaça, que podem atingir o centro e até o centro-sul da América do Sul.

Na Califórnia, as queimadas das florestas de latitudes médias, normalmente mais secas, representam uma emissão menor de gases de efeito estufa, pois não derivam de expansão das fronteiras agrícolas, como na Amazônia. Isto é, após as queimadas, as florestas voltam lentamente a se regenerar. Ondas de calor, devido ao aquecimento global e a ventos intensos, fazem com que o fogo se propague rapidamente. Obviamente, isso tem um impacto local impressionante, causando dezenas de mortes e imenso prejuízo econômico. A Austrália viveu o pior caso de queimadas de suas florestas secas,

Amazon virtually all fires are of human origin. The use of fire to clear the land for pasture renovation or the annual grain planting is still a tropical agriculture tradition. Without due care, these fires spread to the contiguous forests, penetrating many tens of meters, and fragmenting them further. However, the fires with the greatest environmental impact are those intended to make disappear the forest that has been cut down, to open new areas for the fires with the greatest environmental impact are those intended to make disappear the forest that has been cut down, to open new areas for pastureland and agriculture. The forest is almost always illegally cleared, allowed to dry for two to three months – typically during the dry season, as the newly felled trees still store a lot of water and are not fully consumed by fire if they are burnt right away – and then get the fire started. One hectare of the felled forest means a total emission of 500 to 700 tons of carbon dioxide into the atmosphere, contributing to global warming. Annually, deforestation in tropical forests contributes about 12% to 15% of global greenhouse gas emissions, and it is common for deforestation in the Amazon Forest to contribute to the highest percentage of such emissions. In addition to greenhouse gases, these fires generate a large amount of pollution carried in clouds of smoke filled with gases and particulate material, which are very harmful to human health, affecting millions of people in the Amazon – and even outside, living in areas under the plumes of a smoke corridor, which can reach the center and even the south-center of South America.

In California the fires of mid-latitude forests, usually drier, represents a lower emission of greenhouse gases, as they do not result from the expansion of agricultural frontiers, as in the Amazon. That is, after the fires, the forests start slowly regenerating themselves. Heat waves due to global warming and intense winds cause the fire to spread rapidly. This has an impressive local impact, causing dozens of deaths and immense economic damage. Australia experienced the worst case of fires of its dry forests during the summer from late 2019 until about February 2020. During this period, there was a climatic combination that greatly accelerated the fires: the greatest drought and the greatest heat wave were recorded since there have



durante o verão do final de 2019 até meados de fevereiro de 2020. Nesse período, houve uma combinação climática que em muito acelerou o processo: registraram-se a maior seca e a maior onda de calor desde que existem registros meteorológicos em mais de 100 anos. Essa combinação de fatores que aumentam a intensidade das queimadas, associada a ventos intensos que as espalham rapidamente, fez aquele país viver a pior estação de queimadas de sua história, com o desaparecimento de 100 mil quilômetros quadrados de florestas secas e possivelmente a morte de mais de 500 bilhões de animais. Igualmente às florestas secas da Califórnia, o recrescimento da floresta nas áreas queimadas reduzirá lentamente o impacto no aumento das emissões de gases de efeito estufa. Da mesma forma, os incêndios dessas florestas secas de latitudes médias injetam grandes quantidades de poluentes, afetando a saúde de dezenas de milhões de habitantes, além de provocar muitas mortes de pessoas que acabam ficando encurraladas em suas residências pela rápida velocidade com que o fogo se espalha.

Mudanças climáticas e aquíferos amazônicos

O aumento do nível do mar afeta diretamente aquíferos somente nas zonas costeiras, causando injeção de água salina e tornando suas águas impróprias para consumo humano. Não se trata dos grandes aquíferos da Amazônia. O que pode afetar aquíferos na Amazônia é uma projetada diminuição das chuvas, devido ao aquecimento global, e o aumento da evaporação causado pela elevação da temperatura. A soma desses fatores resultaria numa menor infiltração de água para realimentar os aquíferos, porém esse é um processo que afetaria a quantidade total de água destes aquíferos na escala de muitas décadas ou até de séculos.

Amazônia 4.0

O conceito da iniciativa Amazônia 4.0 tem a ver com o fato de que as modernas tecnologias da Quarta Revolução Industrial—junção de tecnologias digitais, biotecnologias e ciência dos materiais—são acessíveis, amigáveis, duráveis e quase sempre baratas.



been meteorological records for more than 100 years. Such a combination of factors increasing the intensity of fires, associated with intense winds that spread them quickly, made that country live the worst burning season in its history, with the disappearance of 100 thousand square kilometers of dry forests and possibly the death of more than 500 billion animals. Such as California's dry forests, the forest regrowth in the burnt areas will slowly reduce the impact of increased greenhouse gas emissions. Likewise, the fires of these dry forests of mid-latitudes inject large amounts of pollutants, affecting the health of tens of millions of inhabitants, in addition to causing many deaths of people who end up being trapped in their homes by the rapid speed with which the fire spreads.

Climate change and Amazon aquifers

The increase in sea level directly affects aquifers only in coastal areas, causing injection of saline water and

Isso significa que podemos pensar em uma massiva bioindustrialização na Amazônia, a criação de uma inovadora bioeconomia de floresta em pé, uma economia verde da biodiversidade, acessando os imensos recursos biológicos da mais biodiversa floresta do planeta.

Agronegócio e bioeconomia

Quase 90% de todo o desmatamento da Floresta Amazônica é diretamente associado à expansão da fronteira agropecuária, principalmente pastagens para o gado. A produtividade da pecuária é baixa de modo geral no Brasil – cerca de 1,4 cabeça de gado por hectare – e igualmente na Amazônia. O vetor da expansão sobre a floresta é menor que qualquer necessidade de atendimento da demanda de mercados, sendo diretamente associado a uma cultura de posse de terras, haja vista que até 40% do desmatamento ocorrido em 2019 foi invasão de terras públicas e que uma área desmatada em uma propriedade privada tem maior valor do que a manutenção da floresta em pé. Durante os anos de 2005 a 2014, em que houve redução de desmatamentos da ordem de 75%, a produção agropecuária da Amazônia dobrou. Isso demonstra que a demanda de mercado praticamente nada tem a ver com o aumento do desmatamento.

Há clara comprovação – por exemplo, nos dados do IBGE da pesquisa de produção agropecuária de 2017 – de que produtos da floresta em pé, como açaí, castanha e cacau, apresentam rentabilidade muito superior àquela da pecuária e mesmo da soja, e beneficiam um número muito maior de pessoas na Amazônia. Em sistemas agroflorestais, o valor da produção de açaí em um hectare vale entre cinco e dez vezes aquele da pecuária e de duas a quatro vezes o da soja. No estado do Pará, maior produtor de açaí, tal produção já beneficia 350 mil pessoas, e muitas dessas famílias já vêm atingindo a classe C. No entanto, ainda há muito pouca agregação de valor aos produtos da floresta, isto é, trata-se de comercialização de produtos primários. Quase toda agregação via industrialização é feita fora da Amazônia. A iniciativa Amazônia 4.0 procura demonstrar a viabilidade de construir uma nova bioeconomia via bioindus-

making them unfit for human consumption. It is not about the large aquifers in the Amazon. What can affect aquifers in the Amazon is a projected decrease in rainfall due to global warming and increased evaporation due to increased temperatures. The sum of these factors would result in less water infiltration to feed the aquifers, but this is a process that would affect the total amount of water in these aquifers for many decades or even centuries.

Amazon 4.0

The concept of the Amazon 4.0 initiative has to do with the fact that the modern technologies of the Fourth Industrial Revolution – the combination of digital technologies, biotechnologies, and materials science – are accessible, friendly, durable, and almost always cheap. This means that we can think of massive bioindustrialization in the Amazon, the creation of an innovative standing forest bioeconomy, a green economy of biodiversity, accessing the immense biological resources of the most biodiverse forest on the planet.

Agribusiness and bioeconomy

Almost 90% of all deforestation in the Amazon Forest is directly associated with the expansion of the agricultural frontier, mainly pastures for cattle. Livestock productivity is generally low in Brazil – around 1.4 head of cattle per hectare – and also in the Amazon. The vector of expansion over the forest is smaller than any need of meeting market demand, and is directly associated with a culture of land ownership, since up to 40% of the deforestation occurred in 2019 was invasion of public lands and that a deforested area on private property has greater value than the maintenance of the standing forest. During the years 2005 to 2014, when there was a reduction in deforestation of around 75%, agricultural production in the Amazon doubled. This demonstrates that market demand has practically nothing to do with the increase in deforestation.

There is clear evidence – for example, in the IBGE data from the 2017 agricultural production survey – that products from standing forests, such as açaí, Brazil nuts, and cocoa, have much higher profitability than livestock and even soybeans, and benefit a much larger number of people in the Amazon.

rialização dos imensos recursos da biodiversidade da floresta em pé, com geração de empregos industriais, de forma descentralizada, tanto nas pequenas comunidades como nos centros urbanos.

Biodiversidade e bioindústria

A Amazônia brasileira já perdeu cerca de 800 mil km² de suas florestas, correspondendo a aproximadamente 20% da extensão total. Cerca de 80% da área desmatada anualmente vai para a agropecuária de baixa produtividade. Depois de anos, a pastagem se degrada, é frequentemente abandonada e novos desmatamentos são feitos. Como foi mencionado, já há suficiente evidência baseada em dados reais de que produtos da floresta em pé já apresentam maior valor econômico do que pecuária e grãos, como soja. Com a criação de bioindústrias para agregar valor a muitas centenas de produtos da floresta, essa economia verde tem o potencial de ser muito mais poderosa, abrangente e socialmente justa, mantendo a floresta em pé, com sua imensa biodiversidade.

O subsolo da Amazônia

A mineração ilegal em terras indígenas tem sido historicamente um fator que coloca em risco a própria existência de tais comunidades, principalmente em função da transmissão de doenças contagiosas disseminadas em populações com menor resistência a tais enfermidades. Além disso, afronta diretamente a vontade da quase totalidade das comunidades indígenas, que não desejam tal exploração, pois sabem que serão fortemente afetadas pelo lado negativo e nada de positivo lhes restará. Democráticamente, há que se respeitar os direitos humanos dessas comunidades. A exploração de ouro de forma ilegal tem, historicamente e até os dias de hoje, trazido um sério problema de contaminação por mercúrio das águas de inúmeros rios que cruzam territórios indígenas e são fonte de alimentação essencial para muitos povos desses territórios. Já há inúmeros registros de indígenas contaminados por mercúrio, um seríssimo risco à saúde humana e também ao equilíbrio ecológico da fauna aquática.

In agroforestry systems, the value of *açaí* production in one hectare is worth between five and ten times that of livestock and two to four times that of soybean. In the state of Pará, the largest producer of *açaí*, this production already benefits 350 thousand people, and many of these families have already reached class C. However, there is still very little added value to the forest products, that is, it is the marketing of primary products. Almost all aggregation through industrialization is done outside the Amazon. The Amazon 4.0 initiative seeks to demonstrate the feasibility of building a new bioeconomy through the bioindustrialization of the immense biodiversity resources of the standing forest, with the generation of industrial jobs on a decentralized basis, from small communities to urban centers.

Biodiversity and bioindustry

The Brazilian Amazon has already lost about 800 thousand square kilometers of its forests, which corresponds to approximately 20% of its total extension. Approximately 80% of the annually deforested area goes to low productivity agriculture. After years, the pasture degrades, is often abandoned and new clearings are carried out. As already mentioned, there is already enough evidence based on real data that standing forest products have greater economic value than livestock and grains like soybean. With the creation of bio-industries to add value to hundreds of forest products, this green economy has the potential to be much more powerful, comprehensive, and socially just, keeping the forest standing with its immense biodiversity.

The amazon subsoil

Illegal mining on indigenous lands has historically been a factor that puts the very existence of such communities at risk, mainly due to the transmission of contagious diseases spread in populations with less resistance to such diseases. Besides, it directly goes against the will of almost all indigenous communities, who do not want such exploitation, as they know that they will be strongly affected by its downside and nothing positive will be left. Democratically, the human rights of these communities must be respected.

A Petrobras procura seguir as normas ambientais de restauração das florestas derrubadas para a construção do gasoduto Urucu-Coari-Manaus. Entretanto, a pergunta mais relevante é sobre a necessidade de explorar recursos fósseis, em função da crise climática. Para atingirmos as metas do Acordo de Paris, temos que zerar a queima de combustíveis fósseis até, no máximo, 2050. Teremos que obrigatoriamente deixar enterrada a quase totalidade dos combustíveis fósseis para sempre. Temos que rapidamente implementar a transição para energias renováveis. As necessidades atuais (e mesmo as futuras) de energia da Amazônia, para implementar uma nova bioeconomia de floresta em pé, podem ser plenamente atendidas por energias limpas e renováveis, principalmente a energia solar. O custo da energia proveniente de painéis solares já é mais barato do que aquela vinda dos combustíveis fósseis. Há que se pensar num modelo de transição que igualmente gere muitos empregos e permita uma requalificação dos empregos da indústria fóssil.

Illegal gold mining has historically and to this day brought a serious problem of mercury contamination of the waters of innumerable rivers that cross indigenous territories and are an essential source of food for many people in those territories. There are already numerous records of indigenous people contaminated by mercury, a very serious risk to human health, and also to the ecological balance of aquatic fauna.

Petrobras seeks to follow environmental standards for restoring forests felled for the construction of the gas pipeline Urucu-Coari-Manaus. However, the most relevant question is about the need to explore fossil resources, due to the climate crisis. To achieve the goals of the Paris Agreement, we must zero in on the combustion of fossil fuels by 2050 at the latest. We will have to leave almost all fossil fuels buried forever. We must quickly implement the transition to renewable energy. The current (and even future) energy needs of the Amazon to implement a new standing forest bioeconomy can be fully met by clean and renewable energy, mainly solar. The cost of energy from solar panels is



Beto Felício | Projeto de pesquisa florestal da Vale para estudo de espécies nativas e exóticas que melhor se adaptassem ao reflorestamento as áreas degradadas pela mineração [Vale forest research project to study native and exotic species that best adapted to reforestation in mining degraded areas], 1992



Políticas públicas e desenvolvimento

A preservação da Amazônia requer firme e eficiente implementação de políticas públicas que respeitem o marco legal e que ataquem frontalmente o crime ambiental, rampante e crescente na região. Os agentes do Ibama têm histórico de relevante experiência e efetividade de combater o crime ambiental, somado aos esforços de inteligência da Polícia Federal de atuar contra os financiadores do crime organizado, que destrói a floresta e ameaça seus povos. As ONGs, principalmente aquelas que atuam na própria Amazônia e junto aos povos da floresta, devem continuar a desempenhar o papel de dar voz aos mais vulneráveis, bem como de protegê-los.

A iniciativa Amazônia 4.0 (www.amazoniaquatropontozero.org.br) parte do princípio de que é essencial capacitar os povos da floresta para agregar valor aos produtos dela. Planeja-se uma série de exercícios de capacitação para várias cadeias produtivas, começando com as cadeias de valor de cupuaçu-cacau,

already cheaper than that from fossil fuels. It is necessary to think about a transition model that also generates many jobs and allows for requalification of jobs in the fossil industry.

Public policies and development

Preserving the Amazon requires a strong and efficient implementation of public policies that respect the legal framework and that attack head-on, rampant, and growing environmental crime in the region. Ibama agents have a history of relevant experience and effectiveness in combating environmental crime, in addition to the Federal Police's intelligence efforts to act against the organized crime sponsors that destroy the forest and threaten its people. NGOs, especially those that work in the Amazon, and with the people of the forest, must continue to play the role of giving voice to the most vulnerable, as well as protecting them.

The Amazon 4.0 initiative (www.amazoniaquatropontozero.org.br) is based on the principle that it is

castanha do Brasil, óleos *gourmet*. Pelo lado de altas tecnologias, há também a capacitação de populações para realizarem sequenciamento de genoma de espécies de plantas, animais e até mesmo de micro-organismos, algo que adquire relevância com a emergência da Covid-19. Essa iniciativa tem um componente chamado de Laboratórios Criativos da Amazônia. Trata-se de laboratórios de campo que irão propiciar treinamentos das próprias comunidades; são como minifábricas com tecnologias modernas para cadeias produtivas de produtos da floresta. Os primeiros exercícios de capacitação estão programados para 2021, para a cadeia de valor de cupuaçu e cacau, resultando em produtos de alto valor agregado, como chocolates e cupulates finos (chocolate de cupuaçu).

Amazônia como patrimônio do mundo

A população brasileira e a mundial devem adotar procedimentos rigorosos de consumo responsável e consciente. Por exemplo, se exigirmos certificados de origem da carne ou da madeira provenientes da Amazônia, de que não se originaram de áreas desmatadas ilegalmente, o vetor de destruição da floresta iria se reduzir em muito. Do mundo financeiro, deve haver incentivo para, por um lado, financiar a restauração florestal de áreas imensas desmatadas, fator-chave para reduzir o risco da crise climática – já que florestas em crescimento retiram grandes quantidades de gás carbônico da atmosfera –, e, por outro lado, igualmente financiar a implantação em escala da nova bioeconomia de floresta em pé.

Notas

1 Texto elaborado sob forma de entrevista.

2 **Carlos Afonso Nobre** é meteorologista, cientista sênior do INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, diretor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas, presidente do Conselho Diretor e vice-presidente do Comitê Científico do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas, secretário-executivo da Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais, chefe do Comitê Científico do International Geosphere Biosphere Programme, Alto Conselheiro Científico do Panel on Global Sustainability da ONU e membro do Conselho Científico da Secretaria-Geral da ONU. Foi um dos autores principais do Quarto Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, pelo que recebeu, junto com toda a equipe envolvida, o Prêmio Nobel da Paz em 2007.

essential to empower the people of the forest to add value to their products. A series of capacity building exercises are planned for various production chains, starting with value chains of the cupuaçu-cocoa, Brazil nut, and gourmet oil. On the high technology side, there is also the training of populations to perform genome sequencing of plants, animals, and even micro-organism species, something that has acquired relevance since the emergence of Covid-19. This initiative has a component called Amazon Creative Laboratories. These are field laboratories that will provide training for the communities; they are like mini-factories with modern technologies for the forest products' productive chains. The first capacity building exercises are scheduled for 2021, for the cupuaçu and cocoa value chain, producing high added value products such as fine chocolates and cupulates (cupuaçu chocolate).

Amazon as a world heritage

Brazilian and world populations must adopt strict procedures for responsible and conscious consumption. For instance, if we demand certificates of origin for meat or wood from the Amazon, that they did not come from illegally deforested areas, the forest destruction vector would be greatly reduced. On the one hand, there must be an incentive from the financial world to finance the forest restoration of immense deforested areas, a key factor in reducing the risk of the climate crisis – since growing forests remove large amounts of carbon dioxide from the atmosphere – and, on the other hand, also to finance the new standing forest bioeconomy deployment on scale.

Notes

1 Interview form prepared text.

2 **Carlos Afonso Nobre** is a meteorologist, senior scientist at INPA – National Institute for Research in the Amazon, director of the National Institute of Science and Technology for Climate Change, president of the Board of Directors and vice president of the Scientific Committee of the Brazilian Panel on Climate Change, executive secretary of Brazilian Network for Research on Global Climate Change, head of the Scientific Committee of the International Geosphere Biosphere Programme, Senior Scientific Advisor to the UN Panel on Global Sustainability and member of the Scientific Council of the UN General Secretariat. He was one of the lead authors of the Fourth Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change, for which he received, along with all the team involved, the Nobel Peace Prize in 2007.



A AMAZÔNIA

NA ECONOMIA NATURAL DO CONHECIMENTO

Maurício Antônio Lopes¹

EMBRAPA

Julian David Hunt²

IIASA/AUSTRIA

Há um movimento em curso para mudar a linha do tempo geológico da Terra: de Holoceno, o período iniciado há cerca de 12.000 anos, para Antropoceno (Crutzen, 2002; Stephen et al., 2007; Lewis and Maslin, 2015). A justificativa é que as mudanças profundas pelas quais o planeta tem passado já nos propeliram a um novo tempo, marcado pelas ações dos seres humanos. Definir uma nova era geológica de nossa própria autoria para caracterizar o curtíssimo período em que estamos por aqui pode parecer um tanto absurdo e arrogante, considerando que as eras geológicas até agora descritas perduraram por períodos extremamente longos. Os dinossauros, por exemplo, reinaram absolutos no planeta durante 140 milhões de anos (Apaldetti et al., 2018), milhares de vezes o tempo da história humana até agora registrada.

No entanto, nenhum outro ser vivo alcançou a capacidade humana de subverter a escala geológica até então operando no planeta (Crutzen, 2002). Em curto espaço de tempo, os humanos se tornaram capazes de extrair e usar, de forma massiva, recursos fósseis e minerais; promoveram profundas alterações nos oceanos e nas paisagens terrestres, com a expansão da agricultura e o avanço incessante das cidades (Rockstrom et al., 2009; Sperling et al., 2020). As rodovias, ferrovias e rotas marítimas e aéreas cortam o planeta em todas as direções e acentuam a ação humana em todos os lugares (Khanna, 2016). Só o concreto (um símbolo do Antropoceno) consumido nos últimos 20 anos corresponde à metade

AMAZON IN THE NATURAL KNOWLEDGE ECONOMY

There is a movement underway to change the Earth's geological timeline: from Holocene, the period that began about 12,000 years ago, to Anthropocene (Crutzen, 2002; Stephen et al., 2007; Lewis & Maslin, 2015). The justification is that the profound changes that the planet has been undergoing have propelled us to a new time, marked by the actions of human beings. Defining a new geological era of our own making to characterize the very brief period we have been living here may seem a bit absurd and arrogant, considering that the geological eras described so far have lasted for extremely long periods. Dinosaurs, for example, reigned absolute on the planet for 140 million years (Apaldetti et al., 2018), thousands of times the recorded period of human history so far.



< **Paulo Santos / Acervo H** | Agricultores trabalham com a produção de cacau na Transamazônica, Anapu, Pará [Farmers working at cocoa production at the Transamazon road, Anapu, PA], 2005

> **Carlos dos Reis Carvalho** | Cacau, 1859-1861 | Aquarela sobre papel [Watercolor on paper] | Coleção [Collection] Fundação Biblioteca Nacional



de todo o concreto até hoje produzido (Waters e Zalasiewicz, 2018). Portanto, mais que um significado cientificamente fundado na noção de tempo geológico, a proposição de uma “era recente do homem” tem forte simbolismo e nos alerta para os perigos da ação humana sobre o sistema terrestre.

No Antropoceno, os ambientes naturais e os seus significados para o funcionamento do planeta e para o bem-estar dos seres vivos ganham, inevitavelmente, atenção renovada (Rockstrom et al., 2009; Dods, 2019; Subramanian, 2019). Isso representa uma oportunidade para o Brasil, país que tem poucos competidores no quesito “riquezas naturais”. Ao debatermos o Brasil no Antropoceno, é importante revisitar a tese defendida no estudo *Brasil, Economia Natural do Conhecimento*, realizado pela instituição britânica Demos, em parceria com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos – CGEE (Bound, 2008; CGEE, 2008). O estudo concluiu que o Brasil, em função da sua imensa riqueza natural e do seu robusto sistema de inovação, pode se tornar capaz de desafiar a lógica dominante, segundo a qual as economias baseadas em recursos naturais e aquelas baseadas em conhecimento ocupam extremos opostos do eixo de desenvolvimento econômico.

Há muito se acredita que a capacidade inovadora do Brasil pode alcançar novos patamares, com a aplicação da ciência e da engenhosidade de seu povo aos seus exuberantes recursos naturais,

However, no other living creature has reached the human capacity to subvert the geological scale hitherto operating on the planet (Crutzen, 2002). In a short span of time, humans have become able of extracting and using, on a massive scale, fossil and mineral resources; of promoting profound changes in the oceans and terrestrial landscapes, with the expansion of agriculture and the unceasing advance of cities (Rockstrom et al., 2009; Sperling et al., 2020). Roads, railways, and sea and air routes cut the planet in all directions and they highlight human action everywhere (Khanna, 2016). Only the concrete (a symbol of the Anthropocene) consumed in the last 20 years corresponds to half of all the concrete produced to date (Waters and Zalasiewicz, 2018). Thus, more than a meaning scientifically grounded on the notion of geological time, the proposition of a “recent era of man” has strong symbolism and alerts us to the dangers of human activity on the earth system.

In the Anthropocene, natural environments and their meanings for the functioning of the planet and the well-being of living creatures inevitably gain renewed attention (Rockstrom et al., 2009; Dods, 2019; Subramanian, 2019). This represents an opportunity for Brazil, a country that has few competitors in terms of “natural riches”. When discussing Brazil in the Anthropocene, it is important to revisit the thesis defended in the study *Brasil, Economia Natural do Conhecimento*, carried out by the British institution Demos, in partnership with the Centro de Gestão e Estudos Estratégicos – CGEE

representados por seis grandes biomas continentais: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa (IBGE, 2004), ambientes que compõem uma das maiores reservas de recursos naturais do planeta, com ampla biodiversidade, áreas para produção agrícola, pecuária e florestal, inúmeras bacias hidrográficas e uma rica diversidade edafoclimática – riqueza que aponta inúmeras possibilidades neste momento em que o conceito de sustentabilidade alcançou o topo da agenda de prioridades da sociedade. Ao se pensar o futuro dos biomas brasileiros, é imperativo que sejam levadas em conta suas singularidades ambientais e sociais, pois elas determinam inúmeras vocações e potencialidades, mas também limitações e fragilidades (Vilela et al., 2019).

A Amazônia é parte singular desse conjunto e ocupa um lugar especial no imaginário brasileiro e mundial (Clement e Junqueira, 2010). No imaginário brasileiro, a Amazônia é lugar de animais, plantas e pessoas que compõem a biodiversidade e sociodiversidade. No imaginário mundial, a Amazônia é patrimônio da humanidade por causa de sua biodiversidade e das florestas que estocam carbono e reciclam água, ajudando a estabilizar o clima do planeta (ABC, 2008; Strand et al., 2018; Rockstrom et al., 2020). Para as populações da Amazônia, que vivem em aglomerações urbanas, a região é cada vez mais quente, com estiagens e enchentes gradativamente mais extremas, e preocupantes indicadores de desenvolvimento humano e impacto ambiental (Bueno et al., 2019).

Espaço gigantesco, que ocupa aproximadamente 6,1 milhões de quilômetros quadrados nas terras baixas do norte da América do Sul, o bioma Amazônia se estende por nove países: Brasil, que engloba cerca de 60% do bioma; Peru, com aproximadamente 13%; Colômbia, com cerca de 10% e Bolívia, Equador, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname, que, juntos, detêm cerca de 17%. No Brasil, são 4,2 milhões de quilômetros quadrados que compõem metade do território nacional, abrigando 25 milhões de brasileiros que vivem em nove estados, os quais, juntos, integram a denominada Amazônia Legal – Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins (IBGE, 2004; Bueno et al., 2019).

(Bound, 2008; CGEE, 2008). The study concluded that Brazil, due to its immense natural riches and its robust innovation system, may be able to challenge the dominant logic, according to which economies based on natural resources and those based on knowledge occupy opposite ends of the world economic development axis.

It has long been believed that Brazil's innovative capacity can reach new heights by applying the science and ingenuity of its people to its exuberant natural resources, represented by six major continental biomes: Amazon, Cerrado, Caatinga, Atlantic Forest, Pantanal and Pampa (IBGE, 2004), environments that make up one of the largest reserves of natural resources on the planet, with wide biodiversity, areas for agricultural, livestock and forest production, numerous hydrographic basins, and a rich edaphoclimatic diversity – a wealth that points



Pela sua dimensão, complexidade e visibilidade, a Amazônia é, de longe, o melhor estudo de caso para inserção do Brasil na economia natural do conhecimento (Nobre e Nobre, 2019) – primeiro porque precisamos estar mais preparados para argumentar, de forma inteligente e assertiva, com aqueles que insistem que o Brasil deve se responsabilizar sozinho, e de graça, por uma enorme fatia da proteção ambiental do planeta; segundo porque já vemos emergir no mundo uma nova economia de base biológica em segmentos vitais como a agricultura, a saúde e as indústrias química, de materiais e de energia (Silva et al., 2018; Embrapa, 2018; Ipea, 2017), e a biodiversidade, a maior riqueza da Amazônia, é matéria-prima essencial para o futuro dessa nova economia de base renovável e reciclável, também conhecida como *Bioeconomia* (El-Chichakli et al., 2016; Bugge et al., 2016; Ipea, 2017).

Compreendendo as nossas muitas “Amazônias”

“Brasil, país continental”. Esta frase, sempre repetida por nós, traz um misto de orgulho e perplexidade diante da dimensão, diversidade e complexidade do imenso território brasileiro. Além da diversidade étnica de mais de 210 milhões de habitantes, o Brasil é feito de múltiplos recortes: além dos seus seis biomas, são 5 regiões, 27 estados, dezenas de metrópoles e 5.570 municípios que se espalham pela imensidão de 8.514.876 quilômetros quadrados. O nosso país é isto: grande, complexo, plural; e as maneiras como dividimos e caracterizamos o nosso território nunca bastam. Biomas e outros recortes geográficos são úteis, ajudando-nos a transformar espaços complexos em partes mais compreensíveis e manejáveis. Ainda assim, essas divisões são limitantes para o planejamento de um país continental, inserido em contextos cada vez mais dinâmicos e desafiadores (Lopes, 2014; Vilela et al., 2019).

Divisões sedimentadas no imaginário dos brasileiros, como Região Norte, Amazônia Legal, Semiárido e outras, ocultam muitas realidades complexas e dificultam o entendimento da diversidade, das interações, dos desafios e das possibilidades nesses espaços imensos. Aplicada ao planejamento e à gestão, tal simplificação inibe compreensão e intervenções

to many possibilities at this time, when the concept of sustainability has reached the top of society’s agenda of priorities. When thinking about the future of Brazilian biomes, it is imperative that their environmental and social singularities are taken into account, as they determine numerous vocations and potentialities, but also limitations and weaknesses (Vilela et al., 2019).

Amazon is a unique part of this set and it occupies a special place in the Brazilian and global imaginary (Clement and Junqueira, 2010). In the Brazilian imaginary, Amazon is the place of animals, plants, and people that make up biodiversity and sociodiversity. In the global imaginary, the Amazon is a world heritage site because of its biodiversity and forests that store carbon and recycle water, helping to stabilize the planet’s climate (ABC, 2008; Strand et al., 2018; Rockstrom et al., 2020). For the populations of the Amazon, who live in urban agglomerations, the region is getting warmer, with gradually more extreme droughts and floods, and worrying indicators of human development and environmental impact (Bueno et al., 2019).

A huge space that occupies approximately 6.1 million square kilometers in the lowlands of northern South America, the Amazon biome spans over nine countries: Brazil, which comprises about 60% of the biome; Peru, with approximately 13%; Colombia, with around 10% and Bolivia, Ecuador, Venezuela, Guyana, French Guiana, and Suriname, together holding around 17%. In Brazil, there are 4.2 million square kilometers that make up half of the national territory, housing 25 million Brazilians living in nine states, which together make up the so-called Legal Amazon – Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima and Tocantins (IBGE, 2004; Bueno et al., 2019).

Due to its size, complexity and visibility, the Amazon is by far the best case study for inserting Brazil into the natural knowledge economy (Nobre and Nobre, 2019) – first, because we need to be more prepared to argue, intelligently and assertively, with those who insist that Brazil must take the sole responsibility, and for free, for a huge slice of the planet’s environmental protection; second because we have already seen a new bio-based economy emerging in the world in vital segments such as agriculture, healthcare, and the chemical, materials and energy industries (Silva et al., 2018; Embrapa,



mais sofisticadas, necessárias para se promover o desenvolvimento sustentável. A difícil e necessária discussão que levou à aprovação do novo Código Florestal Brasileiro (Brasil, 2012; Soares-Filho et al., 2014) revelou um grande passivo de entendimento sobre a complexidade do nosso território (Arima et al., 2014) e evidenciou imensa dificuldade em alinhar domínios formais, representados por biomas, regiões, estados e municípios, com funcionalidades contidas em seus componentes, como relevo, geologia, hidrologia, clima, solos, florestas, agricultura, pecuária e agroindústrias (Lopes, 2014; Embrapa, 2014; Alencar 2015).

A Amazônia é frequentemente descrita como espaço homogêneo de floresta tropical, um extremo de caracterização simplista, que impregnou o imaginário de todos. O Nordeste brasileiro, em função da visibilidade e dos desafios do Semiárido, padece do mesmo mal. No entanto, a Amazônia e o Nordeste

(2018; Ipea, 2017), and biodiversity, the greatest wealth of the Amazon, is an essential raw material for the future of this new economy with a renewable and recyclable base, also known as Bioeconomy (El-Chichakli et al., 2016; Bugge et al., 2016; Ipea, 2017).

Understanding Our Many “Amazons”

“Brazil, a continental country”. This sentence, always repeated by us, brings a mixture of pride and perplexity in the face of the dimension, diversity, and complexity of the immense Brazilian territory. In addition to the ethnic diversity of more than 210 million inhabitants, Brazil is made up of multiple sections: besides its six biomes, there are five regions, 27 states, dozens of metropolises, and 5,570 municipalities spread over the vastness of its 8,514,876 square kilometers. This is our country: large, complex, plural; and the ways we divide and characterize our territory are never enough. Biomes and other geographical areas are useful,



são sínteses que englobam muitas realidades, de complexos quadros naturais, agrários, agrícolas e demográficos. O desenvolvimento sustentável de ambos demanda planejamento e intervenções que reconheçam tal complexidade (CGEE, 2009; Lopes, 2014, 2017; Miranda, 2017; Embrapa, 2019b).

É por isso que os artefatos que usamos para descrever e caracterizar a Amazônia nunca fazem justiça à extensão, complexidade e ao potencial dessa metade de um Brasil que é continental (Clement e Junqueira, 2010). São mais de 15 mil anos de antropização, atestados por sítios arqueológicos (geoglifos, florestas de bambus, terras pretas, etc.). Em seguida, veio o povoamento europeu até a incorporação política definitiva da Amazônia ao território nacional, com o Tratado de Madri, em 1750 (Cortesão, 1950). No desenvolvimento da região, sucederam-se diversos movimentos migratórios (nordestinos, japoneses, árabes, sulistas etc.), ligados a ciclos econômicos da região e do país (Embrapa, 2019a).

helping us turning complex spaces into more understandable and manageable parts. Even so, these divisions limit the planning of a continental country, inserted in increasingly dynamic and challenging contexts (Lopes, 2014; Vilela et al., 2019).

Divisions settled in the imaginary of the Brazilians, such as the Northern Region, Legal Amazon, Semi-arid, and others, hide many complex realities and make it difficult to understand the diversity, interactions, challenges, and possibilities in these immense spaces. Applied to plan and management, such simplification inhibits understanding and more sophisticated interventions, necessary to promote a sustainable development. The difficult and necessary discussion that led to the approval of the new Brazilian Forest Code (Brazil, 2012; Soares-Filho et al., 2014), revealed a great lack of understanding about the complexity of our territory (Arima et al., 2014) and revealed immense difficulty in aligning formal domains, represented by biomes, regions, states, and municipalities, with the functionalities contained in

Caracterizações simplistas de sistemas complexos decorrem, muitas vezes, da falta de base sólida de conhecimentos (Lopes, 2014). No que tange à Amazônia, já acumulamos um grande acervo de dados, distribuídos em diferentes universidades, órgãos de pesquisa e agências de governo (Campos, 2009; CGEE 2009). Contudo, ainda carecemos de sistemas de inteligência estratégica capazes de reunir e ordenar esses dados, gerando informações e conhecimentos que orientem o planejamento da muitas Amazônias que esses dados revelam. Sistematizar o conhecimento disponível e gerar mais conhecimento nas muitas áreas e temas nos quais perduram *gaps* é condição *sine qua non* para que nos afastemos de visões simplórias de uma Amazônia monolítica, um ecossistema homogêneo de florestas e rios, cultura e modo de vida elusivos, que muitos consideram pouco representativos na rica diversidade étnica e cultural do Brasil.

Muitos desconhecem que há cerrado na Amazônia e que, apesar de onipresentes, as florestas e os rios têm nuances que só as populações locais conhecem, como os seus mais de 220 povos indígenas, que falam 180 línguas. Incrível mesmo é a reserva de biodiversidade, com 427 espécies de mamíferos; 1,3 mil de aves; 427 de anfíbios; e 371 de répteis, além de mais de três mil espécies de peixes e 40 mil espécies de plantas, sem falar na riqueza microbológica, que é, essencialmente, desconhecida (Vilela et al., 2019; Bueno et al., 2019). Se reconhecidas e tratadas de forma inteligente, as riquezas naturais e culturais da Amazônia brasileira poderão alavancar a economia, a nossa imagem e atratividade, além de contribuir para a disseminação de progresso de forma mais justa por todo o nosso imenso território (CGEE, 2009).

Obviamente não alcançaremos esse objetivo ignorando ou dilapidando esse patrimônio ou tentando protegê-lo com cercas de arame farpado. Conhecer e manejar essa riqueza, de forma arguta e pragmática, é um imperativo para conquistarmos um futuro melhor para a Amazônia e para o Brasil. Recuperar e fortalecer a imagem do Brasil como gestor eficiente e inteligente da Amazônia certamente beneficiará nossa economia como um todo. No entanto,

their components, such as relief, geology, hydrology, climate, soils, forests, agriculture, livestock and agro industry (Lopes, 2014; Embrapa, 2014; Alencar 2015).

The Amazon is often described as a homogeneous area of tropical forest, an extreme of simplistic characterization, which impregnated everyone's imaginary. The Brazilian Northeast, due to the visibility and challenges of the Semi-Arid, has similar problems. However, the Amazon and the Northeast are syntheses that encompass many realities of complex natural, agrarian, agricultural and demographic frameworks. The sustainable development of both requires planning and interventions that recognize such complexity (CGEE, 2009; Lopes, 2014, 2017; Miranda, 2017; Embrapa, 2019b).

That is why the ways we use to describe and characterize the Amazon never do justice to the extent, complexity, and potential of the Amazon (Clement and Junqueira, 2010). There are more than 13 thousand years of anthropization, attested by archaeological sites (geoglyphs, bamboo forests, black lands, etc.) (Roosevelt, 2013). Then came the European settlement until the definitive political incorporation of the Amazon into the national territory, with the Treaty of Madrid, in 1750 (Cortês, 1950). In the development of the region, several migratory movements (North-eastern, Japanese, Arabs, Southerners, etc.) occurred, linked to economic cycles in the region and the country (Embrapa, 2019a).

Simplistic characterizations of complex systems often are the result of the lack of a solid knowledge base (Lopes, 2014). Concerning the Amazon, we have already accumulated a large collection of data, distributed in different universities, research bodies, and government agencies (Campos, 2009; CGEE 2009). However, we still lack strategic intelligence systems capable of gathering and ordering these data, generating information and knowledge that guide the planning of the many Amazons that these data reveal. Systematizing the available knowledge and generating more knowledge in the many areas and themes in which gaps remain is a *sine qua non* condition for us to move away from simplistic visions of a monolithic Amazon, a homogeneous ecosystem of forests and rivers, elusive culture and way of life, which many consider as unrepresentative in Brazil's rich ethnic and cultural diversity.

os maiores beneficiados por um novo paradigma de desenvolvimento, a economia da floresta em pé, preservada e produtiva, serão os estados amazônicos e seus habitantes (Nobre e Nobre, 2019).

É preciso reconhecer que, na Amazônia, vivem pessoas com desejos e aspirações de progresso, e que a defesa da floresta, dos rios e da riqueza natural decorrerá de sua utilização inovadora, e não do seu isolamento produtivo (Becker, 2008). É nessa lógica que se torna possível um novo modelo, que utilize a riqueza natural como base para uma robusta economia, sustentada no conhecimento dos elementos das florestas e das águas e na qualificação e na valoração dos serviços ambientais produzidos pela natureza e por uma população motivada a preservá-los e a fortalecê-los.

A Amazônia na economia natural do conhecimento

Verdadeiras revoluções estão acontecendo na biologia, que nos permitem ampliar a compreensão de mecanismos complexos em plantas, animais e microrganismos. Por causa disso, as indústrias farmacêutica, química, de alimentos, da saúde, da energia e da informação estão se integrando de forma nunca antes imaginada (Jordan et al., 2007; Braungart and McDonough, 2012; Ghisellini et al., 2016). As fronteiras entre negócios tradicionalmente distintos já desaparecem, criando uma grande convergência na direção do que promete ser a maior indústria do planeta – a bioindústria (USA, 2012; El-Chichakli et al., 2016).

A natureza diferenciada dessa vertente tecnológica, que se sustenta em processos amplamente disseminados na natureza e um tanto genéricos do ponto de vista de aplicação, abre a possibilidade para um modelo de mercado de tecnologias mais inclusivo e diversificado, em lugar do mercado de inovação até então conhecido, em que a tecnologia é concentrada em pequeno número de países, com domínio de limitado número de processos e produtos. Como a população cresce em número e em capacidade de consumo, também cresce o desejo de que a economia utilize mais recursos de base biológica, recicláveis e renováveis, logo mais sustentáveis – e essa é a base da emergente Bioeconomia (Lopes, 2017; El-Chichakli et al., 2016; Bugge et al., 2016).



Many are unaware that there are Cerrado in the Amazon and that, although ubiquitous, the forests and rivers have nuances that only local people know, such as more than 220 indigenous peoples, who speak 180 languages. Incredible is the biodiversity reserve, with 427 species of mammals; 1.3 thousand birds; 427 amphibians; and 371 reptiles, in addition to more than three thousand species of fish and 40 thousand species of plants, not to mention the microbiological wealth, which is essentially unknown (Vilela et al., 2019; Bueno et al., 2019). If recognized and dealt with intelligently, the natural and cultural wealth of the Brazilian Amazon can leverage the economy, our image, and attractiveness, in addition to contributing to the dissemination of progress in a more just way across our immense territory (CGEE, 2009).

It is obvious that we will not achieve this goal by ignoring or squandering that heritage or trying to protect it with barbed wire fences. Knowing and managing



A Agenda 2030 e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) incluem grande número de metas interdependentes, focadas no fortalecimento de uma economia de base biológica, e organizações científicas. Empresas e governos estão, cada vez mais, concentrando-se na busca de inovação e de conhecimento que substanciem essa reconversão econômica (Lopes, 2017; TWI 2050, 2018; Sperling et al., 2020). Isso faz com que o Brasil tenha uma janela de oportunidade para participar de maneira significativa desse desafio, garantindo espaço competitivo para inovadores produtos e processos de base biológica, em segmentos vitais como a agricultura, a saúde, e as indústrias química, de materiais e de energia (Embrapa, 2014; Embrapa, 2018).

A bioeconomia abre, também, espaços para avançarmos no entendimento e na gestão dos serviços ambientais e ecossistêmicos que os recursos

this wealth, shrewdly and pragmatically, is imperative to conquer a better future for the Amazon and Brazil. Recovering and strengthening Brazil's image as an efficient and intelligent manager of Amazon will certainly benefit our economy as a whole. However, the greatest beneficiaries of a new development paradigm, the economy of the preserved, productive, and standing forest will be the Amazonian states and their inhabitants (Nobre and Nobre, 2019).

It is necessary to recognize that, in the Amazon, people live with desires and aspirations for progress, and that the defense of the forest, rivers and natural resources will result from their innovative use, and not from their productive isolation (Becker, 2008). It is in this logic that a new model becomes possible, which uses natural wealth as the basis for a robust economy sustained in the knowledge of the elements of the forests and waters and in the qualification and valuation of environmental services produced by nature and by a population motivated to preserve and strengthen them.

The Amazon in the Natural Knowledge Economy

The concept of "natural knowledge economy" describes the Brazilian potential to develop by generating knowledge based on its natural resources, scarce in various parts of the planet (Bound, 2008; CGEE, 2008). A concept supported by the real revolutions that are happening in biology, which allow us to broaden the understanding of complex mechanisms in plants, animals, and microorganisms. Because of this, the pharmaceutical, chemical, food, health, energy, and information industries are integrating into ways never imagined before. (Jordan et al., 2007; Braungart & McDonough, 2012; Ghisellini et al., 2016). The boundaries between traditionally different businesses have already disappeared, creating a great convergence in the direction of what promises to be the largest industry on the planet – the bioindustry (USA, 2012; El-Chichakli et al., 2016).

The differentiated nature of this technological aspect, which is based on processes that are widely disseminated in nature and somewhat generic from the application point of view, opens the possibility for a more inclusive and diversified technology market model, instead of the innovation market hitherto

naturais proveem à sociedade (Strand, 2018). Viabilizar a qualificação, a quantificação e o pagamento por serviços ambientais é tarefa árdua, mas cada vez mais necessária, para que a utilidade e o valor dos recursos naturais não sejam ignorados ou subvalorizados e para que os esforços daqueles que contribuem para a sua manutenção e o seu fortalecimento sejam reconhecidos pela sociedade.

É na economia do conhecimento da natureza que uma nova e contemporânea agenda de desenvolvimento para a Amazônia poderá se materializar, oferecendo o melhor caminho para inserção do Brasil na emergente bioeconomia. O fato é que a Amazônia encerra um infinito de oportunidades de encontrar funcionalidades para atender às mais diversas necessidades humanas no século XXI. Cabe a nós, brasileiros, tornarmos-nos os protagonistas da busca e da transformação de todo esse conhecimento em inovações (Nobre e Nobre, 2019). A biodiversidade, a maior riqueza da Amazônia, é matéria-prima essencial, mas não o único componente a se considerar para a construção desse caminho, como se discute a seguir.

O Estado Empreendedor na economia natural do conhecimento

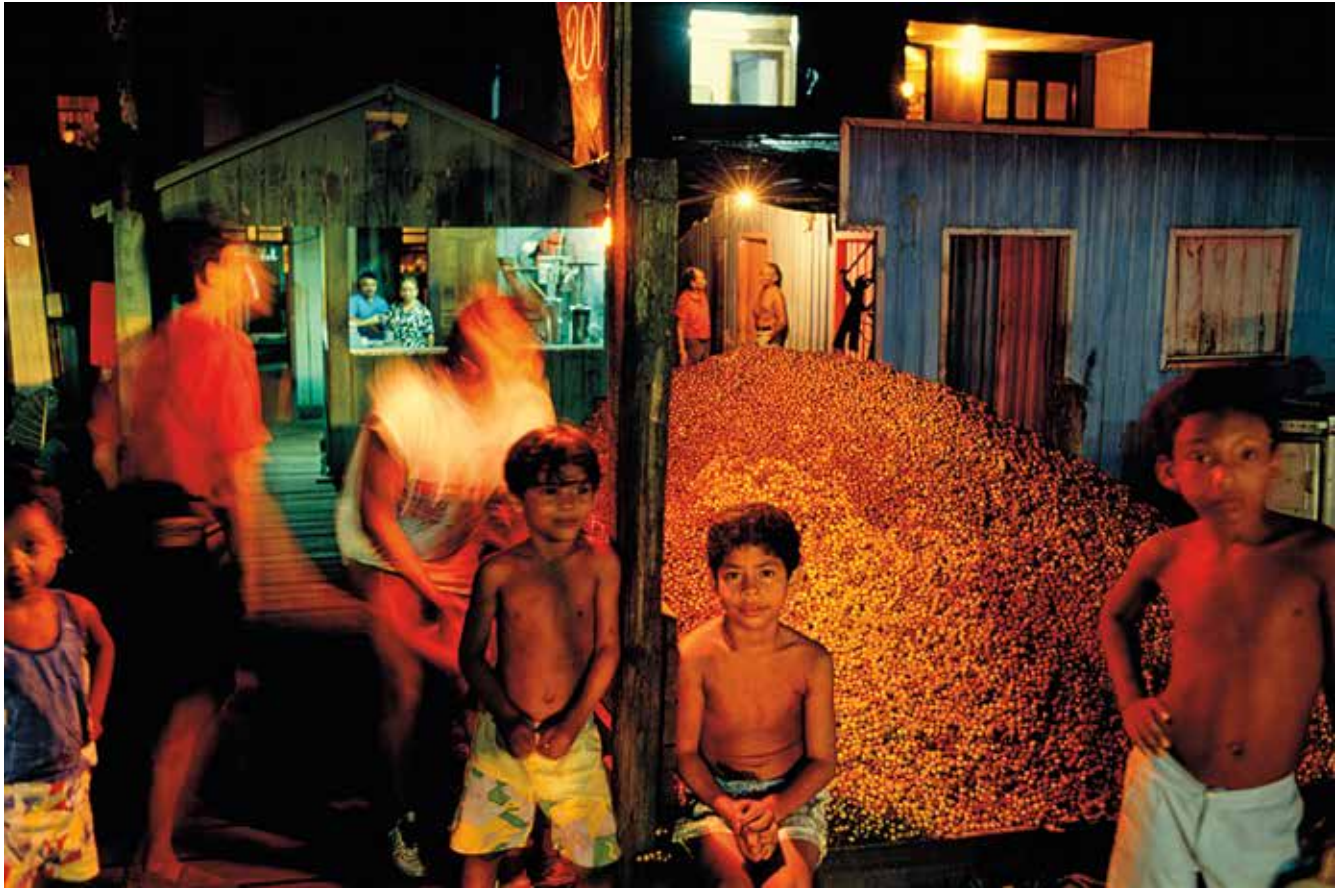
Está cada vez mais claro que governos precisam desempenhar papéis mais proativos nos processos de inovação que estão na base da produção de riquezas e do progresso das nações (Mazzucato, 2013). A superação de grandes desafios ou a construção de grandes avanços são, muitas vezes, inibidas pelo mito de que o Estado é sempre um paquiderme burocrático, ineficiente e sem mobilidade, que deveria se concentrar apenas em corrigir as falhas de mercado, deixando a inovação e a criação de riqueza para o setor privado. Um olhar mais atento aos processos e às inovações que estão mudando o mundo demonstra que avanços como a Internet, os *smartphones*, os automóveis autônomos e as energias renováveis são nascidos de financiamentos estatais. Foi exatamente a relação virtuosa entre Estado e setor privado que permitiu ao Brasil alcançar a segurança alimentar e se tornar grande exportador de alimentos em apenas quatro décadas (Lopes, 2019). Não fosse o investimento público em

known, in which technology is concentrated in a small number of countries, with a limited number of processes and products. As the population grows in number and consumption capacity, so does the desire for the economy to use more bio-based, recyclable and renewable, thus more sustainable, resources – this is the basis of the emerging Bioeconomy (Lopes, 2017; El-Chichakli et al., 2016; Bugge et al., 2016).

The 2030 Agenda and the 17 Sustainable Development Goals (SDGs) include a large number of interdependent goals, focused on strengthening a bio-based economy, and scientific organizations, companies, and governments are increasingly focusing on the search for innovation and knowledge that substantiate this economic reconversion (Lopes, 2017; IIASA, 2018; Sperling et al., 2020). This gives Brazil a window of opportunity to participate significantly in this challenge, guaranteeing a competitive space for innovative bio-based products and processes, in vital segments such as agriculture, healthcare, and the chemical, materials, and energy industries (Embrapa, 2014; Embrapa, 2018).

The bioeconomy also opens spaces for us to advance in the understanding and management of the environmental and ecosystem services that natural resources provide to society (Strand, 2018). Enabling qualification, quantification and payment for environmental services is an arduous task, but an increasingly necessary one, so that the usefulness and value of natural resources are not ignored or undervalued and the efforts of those who contribute to their maintenance and their strengthening are recognized by society (Lopes, 2019c).

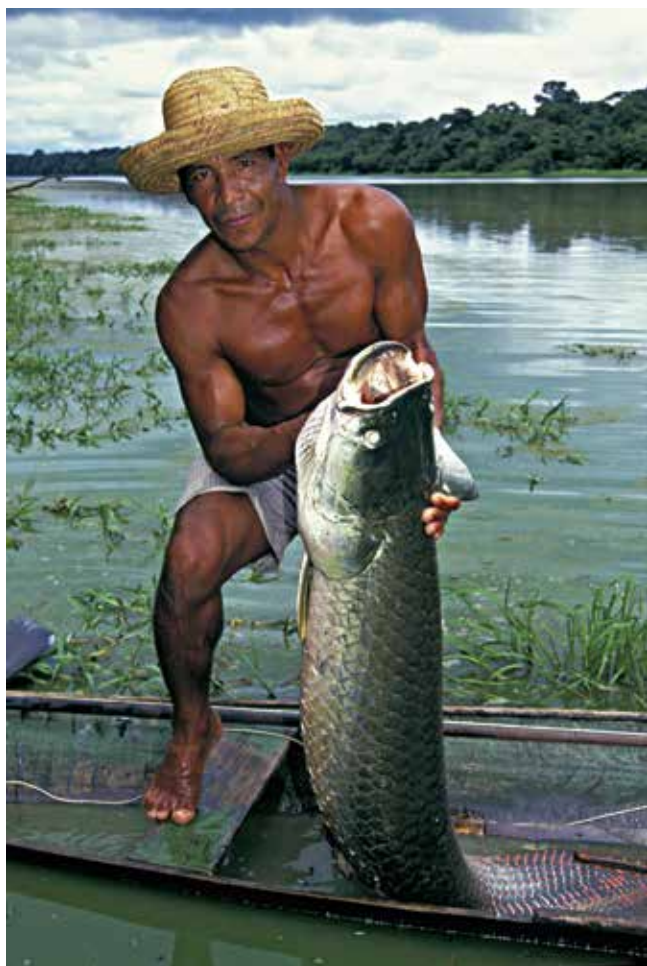
It is in the nature knowledge economy that a new and contemporary development agenda for the Amazon may materialize, offering the best path for Brazil's insertion in the emerging bioeconomy. The fact is that Amazon has an infinite number of opportunities to find functionalities to meet the most diverse human needs in the 21st century. It is up to us, Brazilians, to become the protagonists of the search and the transformation of all this knowledge into innovations (Nobre and Nobre, 2019). Biodiversity, the greatest wealth in the Amazon, is an essential raw material, but not the only component to be considered for the construction of this path, as discussed below.



pesquisa agropecuária de alto risco, pouco atrativa ao investimento privado, o Brasil dificilmente disporia hoje da agricultura tropical mais avançada do mundo – experiência que, infelizmente, não se registra em muitos outros setores industriais brasileiros, que pouco se integraram às cadeias de valor globais. A Amazônia brasileira depende exatamente da reedição do modelo de Estado Empreendedor que tão bem posicionou o país no alcance da segurança alimentar, da exploração de petróleo em águas profundas e da indústria aeronáutica de ponta, entre outras iniciativas; um Estado Empreendedor, cujas lideranças percebiam que planejamento a longo prazo e capacidade de lidar com a extrema incerteza subjacente aos processos de inovação e à crescente complexidade, que marcam o nosso tempo, demandam envolvimento, atenção e financiamento por parte dele. Só um Estado Empreendedor pode estimular novos investimentos e produzir estímulos, diversidade e equilíbrio no ambiente privado, para

The Entrepreneurial State in the Natural Knowledge Economy

It is increasingly clear that governments need to play a more proactive role in the innovation processes that underlie wealth production and the progress of nations (Mazzucato, 2013). The overcoming of great challenges or the construction of great advances is often inhibited by the myth that the State is always a bureaucratic, inefficient, and without mobility pachyderm that should only focus on correcting market failures, leaving innovation and the creation of wealth for the private sector. A closer look at the processes and innovations that are changing the world shows that advances such as the Internet, smartphones, autonomous automobiles, and renewable energies are born from state funding. It was precisely the virtuous relationship between the State and the private sector that allowed Brazil to achieve food security and become a major food exporter in just four decades (Lopes, 2019 a, b). Were it not for public



que o Brasil se lance de forma resoluta e robusta na construção de um modelo diferenciado de desenvolvimento para a Amazônia.

Ciência e bioinovação para reconversão econômica na Amazônia brasileira

Mais que em qualquer outro momento da sua história, o Brasil precisa reeditar uma estratégia de Estado Empreendedor capaz de cuidar, com grande atenção, da ciência e da inovação para a Amazônia. O Estado Brasileiro precisa construir uma agenda estratégica capaz de mobilizar as principais universidades e institutos de pesquisa brasileiros para a constituição de um robusto “hub” de pesquisa e inovação focado no conhecimento da natureza e na reconversão econômica da região que cobre a metade do território nacional. Iniciativas ousadas, como o Projeto “Amazônia 4.0: Definindo uma Terceira Via para

investment in high-risk agricultural research, unattractive to private investment, Brazil would hardly have the most advanced tropical agriculture in the world today – an experience that unfortunately is not registered in many other Brazilian industrial sectors, which have barely integrated into the global value chains. The Brazilian Amazon depends exactly on the reissue of the Entrepreneurial State model that has so well-positioned the country in terms of food security, oil exploration in deep waters, the cutting edge aviation industry, among others; an Entrepreneurial State whose leaderships perceive that long-term planning and the ability to deal with the extreme uncertainty underlying the innovation processes and the growing complexity that mark our time require its involvement, attention, and financing. Only an Entrepreneurial State can stimulate new investments and produce stimuli, diversity, and balance in the private environment so that Brazil can move resolutely and robustly into the construction of a different model of development for the Amazon.

Science and Bio-innovation for the Economic Reconversion in the Brazilian Amazon

More than at any other time in its history, Brazil needs to reissue an Entrepreneurial State strategy capable of taking care, with great attention, of science and innovation for the Amazon. The Brazilian State needs to build a strategic agenda capable of mobilizing the main Brazilian universities and research institutes for the construction of a strong research and innovation hub focused on the knowledge of nature and the economic reconversion of the region that covers half of its national territory. Bold initiatives, such as the Project “Amazônia 4.0: Defining a Third Way for the Amazon” (Nobre and Nobre, 2019) need to be recognized and supported. Many research centers in the world, interested in ecosystems in the tropical belt of the globe, would certainly be interested in participating in such a platform. There are countless possibilities for the consolidation of this science and innovation hub capable of expanding the understanding of environmental and ecosystem services, which has global implications, and exploring the production of differentiated foods, flavors, and aromas, tropical wood technology, the possibilities of biomass and biorefineries, the cosmetic, chemical and pharmaceutical industries, in

a Amazônia” (Nobre e Nobre, 2019), precisam ser reconhecidas e apoiadas. Muitos centros de pesquisa do mundo, interessados nos ecossistemas do cinturão tropical do globo, certamente se interessariam em participar de tal plataforma. São inúmeras as possibilidades para a consolidação desse “*hub*” de ciência e inovação, capaz de ampliar a compreensão dos serviços ambientais e ecossistêmicos, o que tem implicações globais, e explorar a produção de alimentos, sabores e aromas diferenciados, a tecnologia de madeira tropical, as possibilidades da biomassa e de biorrefinarias, a indústria de cosméticos, química e farmacêutica, além das inúmeras possibilidades da biomimética e da biologia avançada. A ciência brasileira cresceu com o apoio e o investimento da sociedade, que fortaleceu instituições e competências que contribuíram imensamente para o desenvolvimento de uma metade do Brasil. É chegada a hora de a ciência e de os cientistas brasileiros se unirem para promover a reconversão econômica e o desenvolvimento da outra metade do Brasil chamada “Amazônia”.

Imagem e marketing renovados para a Amazônia brasileira

Percepções das pessoas sobre uma nação vêm, em grande medida, do comportamento dos seus governos, das suas instituições e da sociedade, sendo referendadas a partir de sua própria experiência, como consumidores, investidores ou visitantes, além de experiências comunicadas a elas por outros. Marcas consolidadas e *marketing* fortalecem essas percepções positivas e geram consequências importantes para a imagem e o sucesso dessas nações. A ciência por trás das marcas e do *marketing* está em franca evolução, na busca por fortalecer vínculos e conexões emocionais de governos, empresas e negócios com uma sociedade cada vez mais informada e exigente. Marcas consolidadas podem produzir orgulho e suporte na população, que defende e promove a imagem dos seus produtos nacionais (Lopes, 2018). Imaginemos o que seria possível construir a partir da marca brasileira mais conhecida em todo o mundo – a Amazônia: um ecossistema único na Terra, capaz de produzir alimentos e insumos diferenciados, além de serviços ambientais e ecossistêmicos percebidos por

addition to the countless possibilities of biomimetics and advanced biology (Lopes, 2019a). Brazilian science grew with the support and investment of society, which strengthened institutions and skills that contributed immensely to the development of half of Brazil. The time has come for Brazilian science and scientists to come together for promoting economic reconversion and the development of the other half of Brazil called “the Amazon”.

Renewed Image and Marketing for the Brazilian Amazon

People’s perceptions of a nation come largely from the behavior of their governments, their institutions, and society, being endorsed from their own experience as consumers, investors, or visitors, in addition to experiences delivered to them by others. Consolidated



todos como vitais para o futuro do planeta (Nobre e Nobre, 2019). Inserir a Amazônia na emergente bioeconomia criará uma oportunidade única para o Brasil ampliar a sua capacidade em *branding* e *marketing*, para agregar valor e fortalecer a imagem da Amazônia para os brasileiros e para o mundo.

Alimentos e matérias-primas diferenciados da Amazônia

Com um sistema dedicado de ciência e bioinovação, bem como ênfase em *branding* e imagem, a riqueza amazônica poderia ser muitas vezes multiplicada a partir de alimentos e insumos diferenciados, como açaí, guaraná, cupuaçu, castanhas, mel, essências, óleos, cafés, borracha, pescados, etc., além de inúmeros outros processos e produtos de uso farmacêutico, cosmético e industrial que a ciência, aliada aos conhecimentos tradicionais dos povos da floresta, pode trazer à realidade, com resultados e impactos econômicos e socioambientais significativos (Nobre e Nobre, 2019). Um exemplo

brands and marketing strengthen these positive perceptions and have important consequences for the image and success of these nations. The science behind brands and marketing is rapidly evolving, in the quest to strengthen emotional bonds and connections of governments, companies, and businesses with an increasingly informed and demanding society. Consolidated brands can produce pride and support in the population, who defend and promote the image of their national products (Lopes, 2018). Imagine what it would be possible to build from the most well-known Brazilian brand in the world – the Amazon: a unique ecosystem on Earth, capable of producing differentiated foods and inputs, in addition to environmental and ecosystem services perceived by everyone as vital for the future of the planet (Nobre and Nobre, 2019). Inserting the Amazon in the emerging bioeconomy will create a unique opportunity for Brazil to expand its capacity in branding and marketing, to add value and to strengthen of the Amazon to Brazilians and the world.





sempre lembrado é a produção de açaí (D'arace et al., 2019), a singular fruta brasileira que ganhou o mundo e que já bate, muitas vezes, a rentabilidade de lavouras, como a soja, ou de criações, como bovinos. De produto consumido apenas na Amazônia, existe, hoje, uma cadeia global baseada na exploração sustentável de açaí, que alcança centenas de milhões de dólares, com potencial de se multiplicar muitas vezes no futuro, criando oportunidade única de se integrar ciência, mercados sofisticados e rentáveis e o fortalecimento da cultura e das tradições das comunidades e dos povos da floresta. A Embrapa já desenvolve sistemas de produção (Silva, 2019) e produz variedades de açaí selecionadas para complementar a produção dos açaís nativos, gerando frutos com maior rendimento de polpa, palmeiras aptas à produção precoce, eliminando entressafas e reduzindo a sazonalidade de produção típica do açaí (Embrapa, 2019c). Esse é um exemplo de como a ciência pode contribuir para dinamizar a economia do conhecimento da natureza, criando a oportunidade de recuperação de áreas degradadas, ampliando e fortalecendo negócios baseados na floresta.

Intensificação sustentável da produção em áreas antropizadas da Amazônia

Nas últimas duas ou três décadas, o debate nacional em torno da Amazônia se dividiu entre duas visões opostas, com tentativas insuficientes de conciliação entre elas. De um lado, o caminho de isolar completamente grandes extensões de selva para fins de conservação; de outro, a defesa de um modelo de

Differentiated Food and Raw Materials from the Amazon

With a dedicated science and bio-innovation system, as well as an emphasis on branding and image, the Amazon wealth could often be multiplied from different foods and inputs, such as *açaí*, *guaraná*, *cupuaçu*, chestnuts, honey, essences, oils, coffees, rubber, fish, etc., in addition to countless other processes and products for pharmaceutical, cosmetic and industrial use that science, combined with the traditional knowledge of the forest peoples, can bring to reality, with significant economic and socio-environmental results and impacts (Nobre and Nobre, 2019). An always remembered example is the production of *açaí* (D'arace et al., 2019), the unique Brazilian fruit that has won the world and which already beats the profitability of crops, such as soybeans, or of livestock, such as cattle. From a product consumed only in the Amazon, there is now a global chain based on the sustainable exploitation of *açaí*, which reaches hundreds of millions of dollars, with the potential to multiply many times in the future, creating a unique opportunity to integrate science, sophisticated and profitable markets and strengthening the culture and traditions of forest communities and peoples. Embrapa already develops production systems (Silva, 2019) and produces varieties of *açaí* selected to complement the production of native *açaí*, generating fruits with higher pulp yield, palms suitable for early production, eliminating off-season and reducing the seasonality of the regular production of *açaí*. (Embrapa, 2019c). This is an example of how science can contribute to boosting the nature knowledge economy, creating the opportunity to recover degraded areas, expanding and strengthening businesses based on the forest.

Sustainable Intensification of Production in Anthropized Areas of the Amazon

In the last two or three decades, the national debate over the Amazon has been divided between two opposing views, with insufficient attempts to reconcile them. On the one hand, the path to completely isolate large expanses of the jungle for conservation purposes; on the other, the defense of a “supposedly sustainable” development model, which would include agriculture/

desenvolvimento “supostamente sustentável”, que incluiria agricultura/pecuária e mineração. A realidade está mostrando que nenhuma dessas vias, ou mesmo a hipótese de uma convergência entre elas, está trazendo resultados satisfatórios (Nobre e Nobre, 2019). Portanto, reforçar o modelo de conservação e, ao mesmo tempo, aumentar a eficiência da produção de *commodities*, por meio de sistemas integrados lavoura-pecuária-floresta (Balbino et al., 2011), é uma possibilidade a ser explorada, muito embora ainda não se garanta, assim, o desenvolvimento sustentável da Amazônia no médio e no longo prazos. A partir de 2008, o Inpe e a Embrapa produziram mapeamentos sucessivos das áreas antropizadas da Amazônia Legal como forma de ampliar o conhecimento sobre as mudanças e a dinâmica no uso da terra na região (Inpe, 2017; Terraclass, 2016). Esse esforço demonstrou que, até 2012, 63% das áreas desmatadas tornaram-se pastagens; 19%, vegetação secundária; e 2%, agricultura (513 quilômetros quadrados). Por serem tão significativas na Amazônia, as pastagens, em especial pastagens degradadas, são o componente que mais cede espaço para a agricultura, ou, quando abandonadas, para a vegetação secundária, com retorno de floresta em muitas áreas (Almeida et al., 2016). Portanto, é necessário construir um “rito de passagem” para um modelo de uso da terra, focado em recuperação das áreas de pastagens degradadas, com sofisticação da produção agropecuária, via intensificação ou integração da produção animal com lavouras e florestas plantadas (Lopes, 2017; Lopes e Martha Jr., 2014). Tais práticas elevam a produtividade da terra, protegem o solo e coíbem a ampliação sem limites e insustentável das áreas agrícolas sobre a floresta nativa (Garcia et al., 2017; Strassburg et al., 2014; Cohn, 2014). Por essa via, nós seremos capazes de mostrar ao mundo atividades produtivas nas áreas já modificadas da Amazônia, em perfeita harmonia com a bioeconomia, com produção limpa de baixa emissão de carbono (Embrapa, 2014, 2018). A intensificação sustentável poderá nos habilitar a criar roteiros para mostrar ao mundo um agronegócio inovador e sustentável, que integra lavouras,



livestock, and mining. The reality is showing that none of these paths, or even the hypothesis of convergence between them, is bringing satisfactory results (Nobre and Nobre, 2019). Thus, reinforcing the conservation model and, at the same time, increasing the efficiency of the production of commodities, through integrated crop-livestock-forest systems (Balbino et al., 2011), is a possibility to be explored, although the sustainable development of the Amazon is not yet guaranteed in the medium and long terms. From 2008, Inpe and Embrapa produced successive mappings of the anthropized areas of the Legal Amazon as a way to increase knowledge about the changes and dynamics in land use in the region (Inpe, 2017; Terraclass, 2016). This effort demonstrated that, by 2012, 63% of the deforested areas had become pastures; 19%, secondary vegetation; and 2%, agriculture (513 square kilometers). Because they are so significant in the Amazon, pastures, especially degraded pastures, are the component that gives the most space to agriculture, or, when abandoned, to secondary vegetation, with the forest returning in many areas (Almeida et al., 2016). Therefore, it is necessary to build a “rite of passage” for a land-use model, focused on the recovery of degraded pasture areas, with the sophistication of agricultural production, via intensification or integration of animal production with crops and planted forests (Lopes, 2017; Lopes and Martha Jr., 2014). Such practices increase the productivity of the land, protect the soil and prevent the limitless and unsustainable expansion of agricultural areas over the native forest (Garcia et al., 2017; Strassburg et al., 2014; Cohn, 2014). This way, we will be able to show the world productive activities in the already modified areas of the Amazon, in perfect harmony with the bioeconomy, with

pecuária e florestas em um mesmo ambiente, 365 dias por ano, produzindo, nos trópicos, carne com a marca “carbono neutro”; um conceito já desenvolvido e validado pela Embrapa (Lopes, 2019c; Alves et al., 2015).

O turismo como gerador de renda e riqueza na Amazônia

O turismo ganha grande destaque no mundo em função do apelo que a natureza exerce sobre uma sociedade cada vez mais urbanizada, mas preocupada com o meio ambiente e a sustentabilidade. Em muitas partes do planeta, é evidente o impacto que a integração entre natureza, cultura, gastronomia e turismo promove nas economias locais, viabilizando imensa gama de novos negócios, emprego e renda, além da preservação das tradições, dos costumes locais e da paisagem. Formado pela integração das raças europeias, indígenas e negra, o Brasil é um “ferredouro cultural” que fascina o mundo por aspectos como a música, a religião, o folclore, as festividades populares e a diversidade culinária; e a Amazônia, com paisagens e ambientes únicos em sua extensa superfície de terra contínua, imensa riqueza hidrográfica e a mais rica biodiversidade terrestre do planeta (Bueno et al., 2019; CGEE 2008), é espaço privilegiado para o desenvolvimento de possante indústria turística. Como atividade baseada em recurso natural, cultural ou em ambos, o turismo é indústria de imenso impacto potencial para o mundo rural brasileiro. Além disso, a culinária e os alimentos típicos da Amazônia, como *açaí*, *tucupi*, *tacacá*, *jambu* e tantos outros petiscos tipicamente brasileiros, poderão se integrar, cada vez mais, ao turismo, respondendo à busca por sabores e aromas típicos, por experiências sensoriais únicas e memoráveis, pela autenticidade dos produtores artesanais e das práticas e hábitos tradicionais. Um grande desafio à frente será organizar o rico leque de saberes, sabores e aromas que marcam a culinária e ajudam a definir a identidade da Amazônia, podendo conformar, no futuro, produtos turísticos para difundir para o mundo a cultura alimentar brasileira e suas possibilidades gastronômicas, com geração de renda e riqueza (Lopes, 2017b).

a low carbon clean production (Embrapa, 2014, 2018). Sustainable intensification may enable us to create itineraries to show the world an innovative and sustainable agribusiness, which integrates crops, livestock, and forests in the same environment, 365 days a year, producing, in the tropics, meat with the “carbon neutral” brand, a concept already developed and validated by Embrapa (Lopes, 2019 a, b; Alves et al., 2015).

Tourism as a Generator of Income and Wealth in the Amazon

Tourism earns great prominence in the world due to the appeal that nature exerts on an increasingly urbanized society that is concerned with the environment and sustainability. In many parts of the planet, the impact that the integration of nature, culture, gastronomy, and tourism has on local economies is evident, enabling a huge range of new businesses, jobs, and income, in addition to preserving local traditions, customs, and the landscape. Formed by the integration of the European, indigenous and black races, Brazil is a “cultural melting pot” that fascinates the world with aspects such as music, religion, folklore, popular festivities, and culinary diversity; and the Amazon, with unique landscapes and environments on its extensive continuous land surface, immense hydrographic wealth and the richest terrestrial biodiversity on the planet (Bueno et al., 2019; CGEE 2008), is a privileged space for the development of a powerful tourist industry. As an activity based on natural or cultural resources or both, tourism is an industry with an immense potential impact on the Brazilian rural world. Furthermore, typical Amazonian cuisine and foods, such as *açaí*, *tucupi*, *tacacá*, *jambu*, and many other typical Brazilian snacks, will be able to integrate more and more into tourism, responding to the search for typical flavors and aromas, through unique and remarkable sensory experiences, due to the authenticity of artisanal producers and traditional practices and habits. A great challenge ahead will be to organize the rich range of knowledge, flavors, and aromas that mark the cuisine and help to define the identity of the Amazon, being able, in the future, to shape tourist products to spread the Brazilian food culture and its gastronomic possibilities to the world, generating income and wealth (Lopes, 2017b).

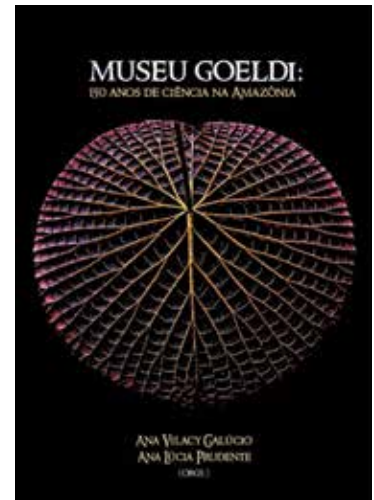
Descrever, qualificar e valorar os serviços ambientais e ecossistêmicos da Amazônia

Além de alimentos, água e matérias-primas, a Amazônia é também provedora de serviços, como regulação do clima e dos ciclos hidrológicos, oferta de diversidade biológica, fixação de carbono, polinização, reciclagem dos resíduos, dentre muitos outros (Strand et al., 2018), funções que ganham ainda maior relevância neste momento, em que alterações climáticas e perda de diversidade biológica limitam a resiliência dos ecossistemas e a capacidade humana de responder a ameaças à segurança alimentar, à saúde das populações, ao comércio e à paz entre as nações (TWI2050 Report). À primeira vista, monetizar ou atribuir valor econômico a tais serviços e recompensar aqueles que contribuem para a sua manutenção pode levar a distorções nas relações dos sistemas econômicos com a natureza. Por outro lado, talvez essa seja a única maneira de incluí-los de forma permanente nos processos de tomada de

Describing, Qualifying, and Valuing Environmental and Ecosystem Services in the Amazon

In addition to food, water, and raw materials, the Amazon is also a provider of services such as regulation of climate and hydrological cycles, provision of biological diversity, carbon sequestration, pollination, waste recycling, among many others (Strand et al., 2018). Functions that gain even greater relevance at this time when climate change and loss of biological diversity limit ecosystem resilience and human capacity to respond to threats to food security, population health, trade, and peace among nations (TWI 2050). The Brazilian Amazon Forest is extremely important for its environmental and ecosystem services, but the estimates of its economic relevance remain scarce. The estimates of these values are essential for planning conservation strategies that adequately combine the protection and the sustainable use of the forest. The estimates of spatially explicit economic values for a range of ecosystem services provided by the Brazilian Amazon rainforest have





decisão da sociedade, de modo a evitar sua diminuição ou perda, o que produziria impactos desastrosos para todos. Já sabemos que viabilizar a qualificação, a quantificação e o pagamento por serviços ambientais de uma região tão vasta é tarefa árdua, mas cada vez mais necessária, para que a utilidade e o valor dos recursos naturais da Amazônia não sigam sendo ignorados ou subvalorizados, e para que os esforços daqueles que contribuem para a sua manutenção e seu fortalecimento sejam reconhecidos pela sociedade.

Mobilidade e logística promotores da economia do conhecimento na Amazônia

A Amazônia é um mosaico de ambientes muito desafiadores, o que faz com que mobilidade e logística se transformem em desafios hercúleos na região. As águas sobem e descem anualmente, inundando, corroendo ou enterrando na lama as estradas que, onde existem, são também fatores de enorme impacto ambiental, com derrubada da vegetação, alteração em cursos d'água e perturbação da vida selvagem, além de promotoras da expansão do desmatamento, de atividades ilegais e de práticas insustentáveis. Já se sabe que o desmatamento da Amazônia ocorre em torno da rede de estradas, e não a partir das hidrovias existentes (Nepstad et al. 1999; Houghton et al., 2000; Lapola

already been carried out, including food production (Brazil nuts), the supply of raw materials (rubber and wood), mitigation of greenhouse gases (CO₂ emissions), among others (Strand et al., 2018), but many challenges still need to be overcome, considering the complexity of these services, the need to define widely accepted metrics and the effort involved in generating data and necessary information. Advances in this field are even more relevant at this time when climate change and loss of biological diversity limit the resilience of ecosystems and the human capacity to respond to threats to food security, the health of populations, and trade and peace between nations (IIASA, 2018). At first glance, monetizing or attributing economic value to such services and rewarding those who contribute to their maintenance can lead to distortions in the relations of economic systems with nature. However, on the other hand, perhaps this is the only way to permanently include them in society's decision-making processes, to avoid their decrease or loss, which would have disastrous impacts for everyone. We already know that enabling qualification, quantification, and payment for environmental services in such a huge region is an arduous task, but an increasingly necessary one, so that the usefulness and value of natural resources of the Amazon do not continue to be ignored or undervalued and the efforts of those who contribute to their maintenance and their strengthening are recognized by society (Lopes, 2019c).

Emilio Augusto Goeldi | *As aves do Brasil* [*The Birds of Brazil*] | Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Clássica de Alves & C., 1894

Nelson Sanjad | *A coruja de Minerva – O Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)* | [*Minerva's Owl – The Museum of Pará between the Empire and the Republic (1866-1907)*] | Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010

Ana Vilacy Galúcio, Ana Lúcia Prudente (orgs) | *Museu Goeldi: 150 anos de ciência na Amazônia* [*Goeldi Museum: 150 years of Science in Amazon*] Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019

et al., 2013). Maior atenção ao transporte hidroviário é um imperativo para a viabilização de um modo diferenciado de desenvolvimento na região, a exemplo do que aconteceu em muitos outros lugares (Rohács & Simongáti, 2007; Planco, 2007; Sun et al., 2013; Feng et al., 2019). É chegada a hora de se pensar seriamente na utilização da riqueza hidrográfica do bioma amazônico para o desenvolvimento de uma infraestrutura de transporte e logística favorável a um modelo diferenciado de desenvolvimento, baseado no conhecimento natural e na bioeconomia. Estudos recentes (Hunt et al., 2020) demonstram ser factível construir uma grande Hidrovia da América Latina, conectando as bacias hidrográficas do Prata, Amazonas e Orinoco, ligando o Uruguai, a Argentina, o Paraguai, o Brasil, a Bolívia, o Peru, a Colômbia e a Venezuela. É um projeto visionário, capaz de promover a integração latino-americana, reduzir as emissões de CO₂ do setor de transporte de múltiplos países, incentivando a emergência de um modelo de desenvolvimento diferenciado numa das mais importantes regiões do planeta.

Crowdsourcing para engajamento da sociedade no desenvolvimento da Amazônia

Em coerência com o ritmo alucinante de transformações na sociedade moderna, já vemos emergirem modelos inovadores de engajamento da sociedade nos processos de mudança e desenvolvimento das nações. A evolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) já permite o compartilhamento de informações via *web*, a qualquer momento e em qualquer lugar (Khanna, 2016). A facilidade de se acessar informações de múltiplos lugares e pessoas deu origem a um novo modo de cooperação, baseado em *crowdsourcing*, que é uma forma genial de combinar esforços de uma legião de voluntários motivados por um interesse comum: cada um contribui um pouco, e a soma gera um resultado maior (Howe, 1986). Estima-se que seis bilhões de *smartphones* estarão em circulação no mundo até o final de 2020, equipados com câmeras, microfones, acelerômetros, medidores de pressão e inúmeros outros artefatos operando com aplicativos de

Mobility and Logistics Promoting the Knowledge Economy in the Amazon

The Amazon is a mosaic of very challenging environments, which turns mobility and logistics into daunting challenges across the region. The waters that rise and fall annually, flooding, corroding or burying the roads, where they exist, are also factors of huge environmental impact, with the destruction of the vegetation, changes in watercourses and the disturbance of wildlife, in addition to promoting the expansion of deforestation, illegal activities and unsustainable practices. It is already known that deforestation in the Amazon occurs around the road network, and not from existing waterways (Nepstad et al. 1999; Houghton et al., 2000; Lapola et al., 2013). Greater attention to waterway transport is imperative for enabling a different way of development in the region, as has happened in many other places (Rohács & Simongáti, 2007; Planco, 2007; Sun et al., 2013; Feng et al., 2019). The time has come to seriously think about the use of the hydrographic wealth of the Amazon Biome for the development of a transport and logistics infrastructure favorable to a differentiated model of development, based on natural knowledge and the bioeconomy. Recent studies (Hunt et al., 2020) show that it is feasible to build a large Waterway in Latin America, connecting the river basins of the Prata, Amazonas, and the Orinoco, connecting Uruguay, Argentina, Paraguay, Brazil, Bolivia, Peru, Colombia, and Venezuela. It is a visionary project, capable of promoting Latin American integration, reducing CO₂ emissions from the transport sector of multiple countries, encouraging the emergence of a differentiated development model in one of the most important regions on the planet.

Crowdsourcing for Society Engagement in the Development of the Amazon

In line with the hectic pace of change in modern society, we already see innovative models of engagement of society emerging in the processes of the change and development of nations. The evolution of Information and Communication Technologies (ICT) already allows the sharing of information via the Web, anytime, and anywhere (Khanna, 2016). The ease of accessing information from multiple places and people has given rise to a new way of cooperation, based on crowdsourcing, which is a great way of combining the efforts of a legion

fácil utilização, permitindo que legiões de cidadãos colem e compartilhem dados de toda ordem (Fritz et al., 2019). Apesar das limitações ainda existentes na Amazônia em relação à conectividade, é essencial que se busquem meios de fortalecer a relação da ciência com as comunidades, e destas com os processos de formulação e melhoria de políticas públicas. Não há mais dúvidas de que a parceria entre pesquisadores e cidadãos é essencial para ampliar o engajamento da sociedade no mundo da ciência, bem como para fortalecer decisões baseadas em rigor científico. À medida que as limitações de conectividade forem superadas, o maior engajamento dos cidadãos no processo de desenvolvimento da Amazônia será fundamental para a superação da carência de dados e informações confiáveis, o que infelizmente alimenta o enorme desconhecimento da realidade da região e, pior, faz proliferar a desinformação, podendo colocar o futuro da região em risco.

Conclusões

O desenvolvimento do Brasil será cada vez mais impactado por nossa capacidade de transformar seu manancial natural em respostas aos riscos à frente e em mais progresso para a sociedade. Se manejada de forma inteligente, a nossa singular base de recursos naturais poderá alavancar a economia, a nossa imagem, e a atratividade e a disseminação de progresso de forma mais justa por todo o nosso imenso território.

Entre todos os países tropicais, o Brasil dispõe das melhores condições para incorporar essa agenda, com sucesso, agregando uma marca positiva e diferenciada à imagem dos seus setores mais estratégicos – agricultura, bioindústrias e meio ambiente. Demonstrar coragem e capacidade de abraçar um desafio tão arrojado irá solidificar uma marca de contemporaneidade e uma imagem fortalecida do Brasil para os brasileiros e para um mundo sedento por avanços mais ousados na direção da sustentabilidade. Pensar a Amazônia segundo essa lógica e inserir essa metade do Brasil na economia natural do conhecimento é um desafio que deve mobilizar as nossas lideranças, os nossos formuladores de políticas e toda a sociedade brasileira.

of volunteers motivated by a common interest: each one contributes a little, and the sum generates a greater result (Howe, 1986). It is estimated that six billion smartphones will be in circulation around the world by the end of 2020, equipped with cameras, microphones, accelerometers, pressure gauges and countless other devices operating with easy-to-use applications, allowing legions of citizens to collect and share data of every kind (Fritz et al., 2019). Despite the limitations that still exist in the Amazon in terms of connectivity, it is essential to seek ways to strengthen the relationship between science and the communities, and the latter with the processes of formulating and improving public policies. There is no longer any doubt that the partnership between researchers and citizens is essential to increase the engagement of society in the world of science, as well as to strengthen decisions based on scientific accuracy. As connectivity limitations are overcome, the greater engagement of citizens in the development process of the Amazon will be fundamental for overcoming the lack of reliable data and information, which unfortunately fuels the enormous ignorance of the reality of the region and, worse, causes the proliferation of disinformation, putting the future of the region at risk.

Conclusions

Brazil's development will be increasingly impacted by its ability to transform its natural source into responses to the risks ahead and further progress for society. If managed intelligently, our unique natural resource base will be able to leverage the economy, image, attractiveness of the country, and the dissemination of progress in a more just way across our immense territory.

Among all tropical countries, Brazil has the best conditions to successfully incorporate this agenda, adding a positive and differentiated brand to the image of its most strategic sectors – agriculture, bio-industries, and the environment. Demonstrating courage and the ability to embrace such a bold challenge will solidify a contemporary brand and a strengthened image of Brazil for Brazilians and a world thirsty for bolder advances towards sustainability. Thinking the Amazon according to this logic and inserting this half of Brazil in the natural knowledge economy is a challenge that must mobilize our leaders, our policymakers, and the whole Brazilian society.

Notas

1 Maurício Antônio Lopes foi Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, de 2012 a 2018. É graduado em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa (1983), Mestre em Genética pela Universidade de Purdue (1989), Doutor em Biologia Molecular de Plantas pela Universidade do Arizona (1993). Em 2015, foi eleito membro da Academia Brasileira de Agricultura. Em 2018, recebeu o título de “Doutor em Agricultura Honoris Causa” pela Universidade Purdue, West Lafayette, IN – EUA. Atualmente é membro do Grupo Assessor ao Diretor Geral da FAO, em Roma, do Conselho de Promoção da Bioeconomia, em Berlim, Alemanha e pesquisador da Embrapa Agroenergia, contribuindo para a integração da agricultura à emergente Bioeconomia.

2 Julian Hunt é pesquisador de pós-doutorado no Grupo de Pesquisa de Sistemas de Serviços Sustentáveis (S3) do Programa de Energia, Clima e Meio Ambiente da IIASA. Além disso, Hunt também é professor visitante no programa de pós-graduação em Engenharia Mecânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ele também trabalhou na Divisão de Energia e Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Unido).

Referências bibliográficas

ABC – Academia Brasileira de Ciências. *Amazônia: desafio brasileiro do século XXI*. São Paulo: Fundação Conrado Wessel, 2008. 32 p. ISBN 978-85-85761-28-8. ALENCAR, G. V. de. *Novo Código Florestal Brasileiro*. Vitória: Ed. do Autor, 2015. 1. ed. 313 p. il. ISBN 978-85-917569-6-4. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/AppData/Local/Temp/LIVRO_NA_INTEGRA_Novo_Codigo_Florestal_B.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

ALMEIDA, C. A. et al. *High spatial resolution land use and land cover mapping of the Brazilian Legal Amazon in 2008 using Landsat-5/TM and MODIS data*. Acta Amazônica, 2016, v. 46, pp. 291-302.

ALVES, F. V.; ALMEIDA, R. G. de; LAURA, V. A. *Carne carbono neutro: um novo conceito para carne sustentável produzida nos trópicos*. Brasília: Embrapa, 2015. APALDETTI, C. et al. *An early trend towards gigantism in Triassic sauropodomorph dinosaurs*. Nat Ecol Evol 2, 2018, 1227–1232.

ARIMA E. et al. *Public policies can reduce tropical deforestation: lessons and challenges from Brazil*. Land Use Policy, 2014. 41 465–73.

BALBINO, L. C.; BARCELLOS, A. O.; STONE, L. F. (Eds.). *Marco referencial integração lavoura-pecuária-floresta*. Brasília: Embrapa, 2011a. 132 p.

BECKER, B. K. *Articulando o complexo urbano e o complexo verde na Amazônia*. Brasília: CGEE, 2008.

BOUND, K. *Brazil – the natural knowledge economy*. Londres: Demos Institute, 2008.

BRASIL. *Código Florestal Brasileiro* (Lei nº 12.651/2012). 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm>. Acesso em: 23 abr. 2020.

BRAUNGART, M.; McDONOUGH, W. *Cradle to cradle: remaking the way we make things*. Nova York: North Point Press, 2002. BUENO, C. R. et al. *Bioma Amazônia: oportunidades e desafios de pesquisa para produção de alimentos e outros produtos*. In: VILELA, E. F.; CALLEGARO, G. M.; FERNANDES, G. W. *Biomass e agricultura: oportunidades e desafios*. Rio de Janeiro: Vertente Edições, 2019. 304 p.

BUGGE, M. M.; HANSEN, T.; KLITKOU, A. *What is the bioeconomy? A review of the literature*. Sustainability, 2016. 8(7), 691.

CAMPOS, L. *Base de Dados na Amazônia – MCT/INPA*. Rio de Janeiro: Workshop GLOBIO 3, 2009. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/02_apresentao_mesa_redonda_laurindo_campos_25_mar_2009.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

CGEE. *Brasil: a economia natural do conhecimento*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2008. ISBN 978-85-60755-11-0.

CGEE. *Um projeto para a Amazônia no século 21: desafios e contribuições*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2009. ISBN 978-85-60755-13-4.

CLEMENT, C. R.; JUNQUEIRA, A. B. *Between a Pristine Myth and an Impoverished Future*. BIOTROPICA, 2019. 42(5), 534–536.

COHN, A. et al. *Cattle ranching intensification in Brazil can reduce global greenhouse gas emissions by sparing land from deforestation*. Proc. Natl Acad. Sci. USA, 2014. 111 7236–41.

CORTESÃO, J. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Parte I, Tomo I (1695-1735). Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950. 560 p.

CRUTZEN, P. J. *Geology of mankind: the anthropocene*. Nature, 2002, v. 415, n. 23.

D'ARACE, L. M. B. et al. *Produção de açaí na região norte do Brasil*. Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais, 2019, v. 10, n. 5, pp. 15-21. DODDS, W. *Global Environment in the Anthropocene*. In: CHAM, Springer. *The World's Worst Problems*. Springer, Cham. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-30410-2_7>.

EL-CHICHAKLI, B. et al. *Five cornerstones of a global bioeconomy*. Nature, 2016, 14:535(7611):221–3.

EMBRAPA. *Visão 2014-2034: o futuro do desenvolvimento tecnológico da agricultura brasileira*. Brasília: Embrapa, 2014. 194 p.

EMBRAPA. *Visão: o futuro da agricultura brasileira*. Brasília: Embrapa, 2018. 220 p.

EMBRAPA. *Sistema de Inteligência Territorial Estratégica do Bioma Amazônia*. Campinas: Embrapa Territorial, 2019a. Disponível em: <https://www.cnpm.embrapa.br/projetos/siteamazonia/index.html>. Acesso em: 22 abr. 2020.

EMBRAPA. *O Sistema de Inteligência Territorial Estratégica da Macrologística Agropecuária Brasileira*. 2019. Disponível em: <https://www.embrapa.br/en/macrologistica>. Acesso em: 26 abr. 2020.

EMBRAPA. *Nova cultivar de açaizeiro vai manter fornecimento do fruto o ano todo*. Brasília: Embrapa, 2019c. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/48210103/nova-cultivar-de-acaizeiro-vai-manter-fornecimento-do-fruto-o-ano-todo>. Acesso em: 27 abr. 2020.

FRITZ, S. et al. *Citizen science and the United Nations Sustainable Development Goals*. Nature Sustainability 2, 2019, 922-930. DOI: 10.1038/s41893-019-0390-3.

GARCIA, E. et al. *Costs, Benefits and Challenges of Sustainable Livestock Intensification in a Major Deforestation Frontier in the Brazilian Amazon*. Sustainability 9, 2017, 158.

- GHISELLINI, P.; CIALANI, C.; ULGIATI, S. *A review on circular economy: The expected transition to a balanced interplay of environmental and economic systems*. Journal of Cleaner Production, 2016, 114, 1-32.
- HUNT, J. D. et al. *The role of waterways in preserving the Amazon rainforest*. Nature Communications (Submitted), 2020.
- HOWE, J. *The Rise of Crowdsourcing*. Wired Magazine. Disponível em: <http://www.wired.com/wired/archive/14.06/crowds_pr.html>. Acesso em: 27 abr. 2020.
- IBGE. *Mapa de biomas e de vegetação*. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/15842-biomas.html?&t=o-que-e>>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- INPE. *Projetos e Pesquisas – TerraClass*. 2017. Disponível em: <http://www.inpe.br/cra/projetos_pesquisas/dados_terraclass.php>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- IPEA. *Brasil 2035: cenários para o desenvolvimento*. Brasília: IPEA, 2017. 320 p.
- JORDAN, N. et al. *Sustainable development of the agricultural bio-economy*. Science, 2007, 316(5831), 1570-1571.
- KHANNA, Parag. *Connectography: Mapping the Future of Global Civilization*. New York: Random House, 2016. 1. ed. ISBN 0812988558.
- LEWIS, S.; MASLIN, M. *Defining the Anthropocene*. Nature, 2015. 519, 171–180.
- LOPES, M. A.; MARTHA JUNIOR, G. B. *Technology as a major driver for Brazilian agriculture*. Analyse Financière, 2014. v. 50, pp. 60-62.
- LOPES, M. A. *Planejando os nossos Brasis*. Correio Braziliense, 13 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2384198/artigo---planejando-os-nossos-brasis>>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- LOPES, M. A. *Escolhas Estratégicas para o Agronegócio Brasileiro*. Revista de Política Agrícola, 2017. v. 26, pp. 151-154.
- LOPES, M. A. *O turismo rural como gerador de renda e riqueza no campo*. Correio Braziliense, 08 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/19430061/artigo---o-turismo-rural-como-gerador-de-renda-e-riqueza-no-campo>>. Acesso em: 27 abr. 2020.
- LOPES, M. A. *Marcas e narrativas renovadas para o Brasil*. Correio Braziliense, 09 dez. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top/?q=Mauricio%20Lopes%20Marcas%20e%20narrativas%20renovadas%20para%20o%20Brasil&pa=SEARCH_BOX>. Acesso em: 27 abr. 2020. LOPES, M. A. A Cultura de Inovação da Embrapa. In: REIS NETO, Almiro dos (Ed.). *Cultura Organizacional de Resultados: Casos Brasileiros*. Ed. Qualitymark, 2019a. pp. 30-55.
- LOPES, M. A. *A new approach to agriculture is emerging in the world's tropical belt*. IIASA Options Magazine, 2019b. p. 24. Disponível em: <<https://www.iiasa.ac.at/web/home/resources/publications/options/s19-agriculture-world-tropical-belt.html>>. Acesso em: 04 maio 2020.
- LOPES, M. A. A Cultura de Inovação da Embrapa. In: REIS NETO, Almiro dos (Ed.). *Cultura Organizacional de Resultados: Casos Brasileiros*. Ed. Qualitymark, 2019c. pp. 30-55.
- MAZZUCATO, M. *The Entrepreneurial State: Debunking the Public Vs. Private Myth in Risk and Innovation*. Londres: Anthem Press, 2013.
- MIRANDA, E. E. *Inteligência Territorial*. Agroanalysis, 2017. v. 37, n. 12, pp. 23-24.
- NOBRE, I.; NOBRE, C. *Projeto "Amazônia 4.0": Definindo uma Terceira Via para a Amazônia*. Revista Futuribles, 2019. N. 2. pp. 7-20. Disponível em: <http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Futuribles2/Futuribles2_ProjetoAmaz%C3%B4nia4.0.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.
- ROCKSTRÖM, J. et al. *Planet-proofing the global food system*. Nat Food 1, 3–5, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s43016-019-0010-4>>. Acesso em: 04 maio 2020.
- ROCKSTRÖM, J. et al. *A safe operating space for humanity*. Nature, 2009. 461, 472-5.
- SILVA, M. F. O.; PEREIRA, F. S.; MARTINS, J. V. B. *A Bioeconomia Brasileira em Números*. BNDES Setorial 47, mar. 2018. pp. 277-332.
- SILVA, R. *Embrapa disponibiliza Sistema de Produção do Açaizeiro para Amazônia Ocidental*. Brasília: Embrapa, 2019.
- SOARES-FILHO, B. et al. *Cracking Brazil's forest code*. Science, 2014. 344 363–4.
- SPERLING, F. et al. *Systems-based Approaches for Development Co-operation to Meet Diverse Needs and Aspirations in an Interdependent World*. In: HYNES, William; LEES, Martin; MÜLLER, Jan Marco (Eds.). *Systemic Thinking for Policy Making: The Potential of Systems Analysis for Addressing Global Policy Challenges in the 21st Century*. Paris: OECD Publishing, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.1787/4bc6099-en>>.
- STEFFEN, W.; CRUTZEN, P. J.; McNEILL, J. R. *The Anthropocene: Are humans now overwhelming the great forces of nature?* Ambio, 2007. v. 36, pp. 614–621.
- STRAND, J. et al. *Spatially explicit valuation of the Brazilian Amazon Forest's Ecosystem Services*. Nature Sustainability, 2018. 1, 657–664.
- STRASSBURG, B. et al. *When enough should be enough: improving the use of current agricultural lands could meet production demands and spare natural habitats in Brazil*. Glob. Environ. Change, 2014. 28 84–97.
- SUBRAMANIAN, M. *Humans versus Earth*. Nature, 2019. 572, 168–170. DOI: 10.1038/d41586-019-02381-2.
- TERRACLASS. *Dinâmica do uso e cobertura da terra no período de 2004 a 2014: Dez anos nas áreas desflorestadas da Amazônia Legal Brasileira*. MCTI/MMA/MAPA/INPE/CRA, 2016.
- INTERNATIONAL INSTITUTE FOR APPLIED SYSTEMS ANALYSIS (IIASA). *The World in 2050 (TWI2050) – Transformations to Achieve the Sustainable Development Goals*. Report prepared by The World in 2050 initiative: IIASA Report.. Laxenburg, 2018. Disponível em: <<http://twi2050.org>>. Acesso em: 4 maio 2020.
- USA. *US National Bioeconomy Blueprint*. Washington: The White House, 2012.
- VILELA, E. F.; CALLEGARO, G. M.; FERNANDES, G. W. *Biomas e agricultura: oportunidades e desafios*. Rio de Janeiro: Vertente Edições, 2019. 304 p.
- WATERS, C. N., ZALASIEWICZ, J. Concrete: the most abundant novel rock type of the Anthropocene. In: DELLASALA, D. A.; GOLDSTEIN, M. I. (Eds.). *The Encyclopedia of the Anthropocene*. 1. Oxford: Elsevier, 2018. pp. 75–85.

Notes

1 Maurício Antônio Lopes was President of the Brazilian Agricultural Research Agency – Embrapa, from 2012 to 2018. He graduated in Agronomy from the Federal University of Viçosa-UFV (1983), Master in Genetics from Purdue University (1989), Doctor in Molecular Biology of Plants by the University of Arizona (1993), In 2015, he was elected a member of the Brazilian Academy of Agriculture. In 2018, he received the title of "Honoris Causa Doctor of Agriculture" from Purdue University, West Lafayette, IN – EUA. He is currently a member of the Advisory Group to the Director General of FAO in Rome, the Council for the Promotion of Bioeconomy in Berlin, Germany and a researcher at Embrapa Agroenergy, contributing to the integration of agriculture into the emerging Bioeconomy.

2 Julian Hunt is a postdoctoral research scholar in the Sustainable Service Systems Research Group of the IIASA Energy, Climate, and Environment Program. In addition, Hunt is also a visiting professor in the postgraduate program in mechanical engineering at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). He also worked at the Energy and Climate Change Branch of the United Nations Industrial Development Organization (Unido).

Bibliographic references

ABC – Academia Brasileira de Ciências. *Amazônia: desafio brasileiro do século XXI*. São Paulo: Fundação Conrado Wessel, 2008. 32 p. ISBN 978-85-85761-28-8.

ALENCAR, G. V. de. *Novo Código Florestal Brasileiro*. Vitória: Ed. do Autor, 2015. 1. ed. 313 p. il. ISBN 978-85-917569-6-4. Available at: <file:///C:/Users/PC/AppData/Local/Temp/LIVRO_NA_INTEGRA_Novo_Codigo_Florestal_B.pdf>. Access on: Apr 24, 2020.

ALMEIDA, C. A. et al. *High spatial resolution land use and land cover mapping of the Brazilian Legal Amazon in 2008 using Landsat-5/TM and MODIS data*. Acta Amazônica, 2016, v. 46, pp. 291-302.

ALVES, F. V.; ALMEIDA, R. G. de; LAURA, V. A. *Carne carbono neutro: um novo conceito para carne sustentável produzida nos trópicos*. Brasília: Embrapa, 2015.

APALDETTI, C. et al. *An early trend towards gigantism in Triassic sauropodomorph dinosaurs*. Nature Ecology and Evolution, v. 2, pp. 1227-1232. 2018. Available at: <https://doi.org/10.1038/s41559-018-0599-y>. Access on: May 13, 2019.

ARIMA, E. Y., BARRETO, P., ARAÚJO, E., & SOARES-FILHO, B. 2014. *Public policies can reduce tropical deforestation: lessons and challenges from Brazil*. Land Use Policy, v. 41, pp. 465-473.

BALBINO, L. C.; BARCELLOS, A. O.; STONE, L. F. (Eds.). *Marco referencial integração lavoura-pecuária-floresta*. Brasília: Embrapa, 2011a. 132 p.

BECKER, B. K. *Articulando o complexo urbano e o complexo verde na Amazônia*. Brasília: CGEE, 2008.

BOUND, K. *Brazil – the natural knowledge economy*. London: Demos Institute, 2008.

BRAZIL. *Código Florestal Brasileiro* (Lei nº 12.651/2012). 2012. Available at: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12651.htm>. Access on: Apr 23, 2020.

BRAUNGART, M.; McDONOUGH, W. *Cradle to cradle: remaking the way we make things*. New York: North Point Press, 2002.

BUENO, C. R. et al. *Bioma Amazônia: oportunidades e desafios de pesquisa para produção de alimentos e outros produtos*. In: VILELA, E. F.; CALLEGARO, G. M.; FERNANDES, G. W. *Biomas e agricultura: oportunidades e desafios*. Rio de Janeiro: Vertente Edições, 2019. 304 p.

BUGGE, M. M.; HANSEN, T.; KLITKOU, A. *What is the bioeconomy? A review of the literature*. Sustainability, 2020. v. 8, n. 7, pp. 691-723. 2016. Available at: <https://doi.org/10.3390/su8070691>. Access on: May 14, 2020.

CAMPOS, L. *Base de Dados na Amazônia – MCT/INPA*. Rio de Janeiro: Workshop GLOBIO 3, 2009. Available at: <https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/02_apresentao_mesa_redonda_laurindo_campos_25_mar_2009.pdf>. Access on: Apr 23, 2020.

CGEE. *Brasil: a economia natural do conhecimento*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2008. ISBN 978-85-60755-11-0.

CGEE. *Um projeto para a Amazônia no século 21: desafios e contribuições*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2009. ISBN 978-85-60755-13-4.

CLEMENT, C. R.; JUNQUEIRA, A. B. *Between a Pristine Myth and an Impoverished Future*. BIOTROPICA, 2010. v. 42, n. 5, pp. 534-536.

COHN, A., MOSNIER, A., HAVLÍK, P., VALIN, H., HERRERO, M., SCHMID, E., O'HARE, M., & OBERSTEINER, M. *Cattle ranching intensification in Brazil can reduce global greenhouse gas*

emissions by sparing land from deforestation. Proceedings of the National Academy of Sciences USA, 2014. v. 111, n. 20, pp. 7236-7241. Available at: <https://doi.org/10.1073/pnas.1307163111>. Access on: May 14, 2020.

CORTESÃO, J. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Parte I, Tomo I (1695-1735). Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950. 560 p.

CRUTZEN, P. J. *Geology of mankind: the Anthropocene*. Nature, 2002, v. 415, n. 23.

D'ARACE, L. M. B. et al. *Produção de açaí na região norte do Brasil*. Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais, 2019, v. 10, n. 5, pp. 15-21.

DODDS, W. *Global Environment in the Anthropocene*. In: DODDS, W. (Ed.) *The World's Worst Problems*. Springer Nature Switzerland AG, 2019. pp. 63-78. Available at: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-30410-2_7>. Access on: May 14, 2020.

EL-CHICHAKLI, B., VON BRAUN, J., LANG, C. & BARBEN, D. *Five cornerstones of a global bioeconomy*. Nature, 2016. v. 535, pp. 221-223.

EMBRAPA. *Visão 2014-2034: o futuro do desenvolvimento tecnológico da agricultura brasileira*. Brasília: Embrapa, 2014. 194 p.

EMBRAPA. *Visão: o futuro da agricultura brasileira*. Brasília: Embrapa, 2018. 220 p.

EMBRAPA. *Sistema de Inteligência Territorial Estratégica do Bioma Amazônia*. Campinas: Embrapa Territorial, 2019a. Available at: <https://www.cnpem.br/projetos/siteamazonia/index.html>. Access on: Apr 22, 2020.

EMBRAPA. *O Sistema de Inteligência Territorial Estratégica da Macrologística Agropecuária Brasileira*. 2019b. Available at: <https://www.embrapa.br/en/macrologistica>. Access on: Apr 26, 2020.

EMBRAPA. *Nova cultivar de açaizeiro vai manter fornecimento do fruto o ano todo*. Brasília: Embrapa, 2019c. Available at: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/48210103/nova-cultivar-de-acaizeiro-vai-manter-fornecimento-do-fruto-o-ano-todo>. Access on: Apr 27, 2020.

FRITZ, S. et al. *Citizen science and the United Nations Sustainable Development Goals*. Nature Sustainability, 2019. v. 2, pp. 922-930. 2019. Available at: <https://doi.org/10.1038/s41893-019-0390-3>. Access on: May 14, 2020.

GARCIA, E. et al. *Costs, Benefits, and Challenges of Sustainable Livestock Intensification in a Major Deforestation Frontier in the Brazilian Amazon*. Sustainability, 2017. v. 9, n. 1, pp. 158-175. Available at: <https://doi.org/10.3390/su9010158>. Access on: May 14, 2020.

- GHISELLINI, P.; CIALANI, C.; ULGIATI, S. A review on circular economy: The expected transition to a balanced interplay of environmental and economic systems. *Journal of Cleaner Production*. Science Direct, 2016. v. 114, pp. 1-32.
- HOWE, J. *The Rise of Crowdsourcing*. Wired Magazine. Available at: <http://www.wired.com/wired/archive/14.06/crowds_pr.html>. Access on: Apr 27, 2020.
- HUNT, J.D. et al. *The role of waterways in preserving the Amazon rainforest*. *Nature Communications* (Submitted), 2020.
- IBGE. *Mapa de biomas e de vegetação*. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Available at: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/15842-biomas.html?&t=o-que-e>>. Access on: Apr 22, 2020.
- INPE. *Projetos e Pesquisas – TerraClass*. 2017. Available at: <http://www.inpe.br/cra/projetos_pesquisas/dados_terraclass.php>. Access on: Apr 22, 2020.
- IPEA. *Brasil 2035: cenários para o desenvolvimento*. Brasília: IPEA, 2017. 320 p.
- JORDAN, N. G. et al. *Sustainable development of the agricultural bio-economy*. *Science*, Jun 15, 2007. v. 316, n. 5831, pp. 1570-1571. Available at: <<https://doi.org/10.1126/science.1141700>>. Access on: May 14, 2020.
- KHANNA, Parag. *Connectography: Mapping the Future of Global Civilization*. New York: Random House, 2016. 1. ed. ISBN 0812988558.
- LEWIS, S.; MASLIN, M. *Defining the Anthropocene*. *Nature*, 2015. v. 519, pp. 171-180.
- LOPES, M. A.; MARTHA JUNIOR, G. B. *Technology as a major driver for Brazilian agriculture*. *Analyse Financière*, 2014. v. 50, pp. 60-62.
- LOPES, M. A. *Planejando os nossos Brasis*. *Correio Braziliense*, Dec 13, 2014. Available at: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2384198/artigo---planejando-os-nossos-brasis>>. Access on: Apr 23, 2020.
- LOPES, M. A. *Escolhas Estratégicas para o Agronegócio Brasileiro*. *Revista de Política Agrícola*, 2017. v. 26, pp. 151-154.
- LOPES, M. A. *O turismo rural como gerador de renda e riqueza no campo*. *Correio Braziliense*, 08 Jan. 2017. Available at: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/19430061/artigo--o-turismo-rural-como-gerador-de-renda-e-riqueza-no-campo>>. Access on: Apr 27, 2020.
- LOPES, M. A. *Marcas e narrativas renovadas para o Brasil*. *Correio Braziliense*, Dec 09, 2018. Available at: <https://www.facebook.com/search/top?q=Mauricio%20Lopes%20Marcas%20e%20narrativas%20renovadas%20para%20o%20Brasil&epa=SEARCH_BOX>. Access on: Apr 27, 2020.
- LOPES, M. A. *A Cultura de Inovação da Embrapa*. In: REIS NETO, Almiro dos (Ed.). *Cultura Organizacional de Resultados: Casos Brasileiros*. Ed. Qualitymark, 2019a. pp. 30-55.
- LOPES, M. A. *A new approach to agriculture is emerging in the world's tropical belt*. *IIASA Options Magazine*, 2019b. p. 24. Available at: <<https://www.iiasa.ac.at/web/home/resources/publications/options/s19-agriculture-world-tropical-belt.html>>. Access on: May 4, 2020.
- LOPES, M.A. *Amazônia na economia natural do conhecimento*. *Correio Braziliense*, Set 15, 2019c. Available at: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/46567045/artigo---a-amazonia-na-economia-natural-do-conhecimento>>. Access on: May 7, 2020.
- MAZZUCATO, M. *The Entrepreneurial State: Debunking the Public Vs. Private Myth in Risk and Innovation*. London: Anthem Press, 2013.
- MIRANDA, E. E. *Inteligência Territorial*. *Agroanalysis*, 2017. v. 37, n. 12, pp. 23-24.
- NOBRE, I.; NOBRE, C. *Projeto "Amazônia 4.0": Definindo uma Terceira Via para a Amazônia*. *Revista Futuribles*, 2019. n. 2, pp. 7-20. Available at: <http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Futuribles2/Futuribles2_ProjetoAmaz%C3%B4nia4.0.pdf>. Access on: Apr 27, 2020.
- ROCKSTRÖM, J. et al. *Planet-proofing the global food system*. *Nature Food*, Jan. 2020. v. 1, pp. 3-5. Available at: <<https://doi.org/10.1038/s43016-019-0010-4>>. Access on: May 4, 2020.
- ROCKSTRÖM, J. et al. *A safe operating space for humanity*. *Nature*, 2009. 461, pp. 472-475. Available at: <<https://doi.org/10.1038/461472a>>. Access on: May 14, 2020.
- ROOSEVELT, A. C. *The Amazon and the Anthropocene: 13,000 years of human influence in a tropical rainforest*. *Anthropocene*, Dec 2013. v. 4, pp. 69-87.
- SILVA, M. F. O.; PEREIRA, F. S.; MARTINS, J. V. B. *A Bioeconomia Brasileira em Números*. BNDES Setorial, 2018. n. 47. pp. 277-332.
- SILVA, R. *Embrapa disponibiliza Sistema de Produção do Açaizeiro para Amazônia Ocidental*. Brasília: Embrapa, 2019.
- SOARES-FILHO, B. et al. *Cracking Brazil's forest code*. *Science*, 2014. v. 344, n. 6182, pp. 363-364. Available at: <<https://doi.org/10.1126/science.1246663>>. Access on: May 14, 2020.
- SPERLING, F. et al. *Systems-based Approaches for Development Co-operation to Meet Diverse Needs and Aspirations in an Interdependent World*. In: HYNES, William; LEES, Martin; MÜLLER, Jan Marco (Eds.). *Systemic Thinking for Policy Making: The Potential of Systems Analysis for Addressing Global Policy Challenges in the 21st Century*. Paris: OECD Publishing, 2020. Available at: <<https://doi.org/10.1787/4bcb6099-en>>. Access on: May 14, 2020.
- STEFFEN, W.; CRUTZEN, P. J.; McNEILL, J. R. *The Anthropocene: Are humans now overwhelming the great forces of nature?* *Ambio*, 2007. v. 36, pp. 614-621.
- STRAND, J. et al. *Spatially explicit valuation of the Brazilian Amazon Forest's Ecosystem Services*. *Nature Sustainability*, 2018. v. 1, n. 11, pp. 657-664. Available at: <<https://doi.org/10.1038/s41893-018-0175-0>>. Access on: May 14, 2020.
- STRASSBURG, B. et al. *When enough should be enough: improving the use of current agricultural lands could meet production demands and spare natural habitats in Brazil*. *Global Environmental Change*, 2014. Volume 28, pp. 84-97.
- SUBRAMANIAN, M. *Humans versus Earth: the quest to define the Anthropocene*. *Nature*, 2019. v. 572, pp. 168-170. Available at: <<https://10.1038/d41586-019-02381-2>>. Access on: May 14, 2020.
- TERRACLASS. *Dinâmica do uso e cobertura da terra no período de 2004 a 2014: Dez anos nas áreas desflorestadas da Amazônia Legal Brasileira*. INPE/Embrapa, 2016. Folder. Available at: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/152807/1/TerraClass.pdf>>. Access on: May 7, 2020.
- IIASA – INTERNATIONAL INSTITUTE FOR APPLIED SYSTEMS ANALYSIS. *The World in 2050 (TWI2050) – Transformations to Achieve the Sustainable Development Goals*. Report prepared by The World in 2050 initiative: IIASA Report. Laxenburg, 2018. Available at: <<http://twi2050.org>>. Access on: May 4, 2020.
- USA. *US National Bioeconomy Blueprint*. Washington: The White House, 2012.
- VILELA, E. F.; CALLEGARO, G. M.; FERNANDES, G. W. *Biomas e agricultura: oportunidades e desafios*. Rio de Janeiro: Vertente Edições, 2019. 304 p.
- WATERS, C. N., ZALASIEWICZ, J. Concrete: the most abundant novel rock type of the Anthropocene. In: DELLASALA, D. A.; GOLDSTEIN, M. I. (Eds.). *The Encyclopedia of the Anthropocene*. Volume 1. Oxford: Elsevier, 2018. v. 1, pp. 75-85.



FUNDO AMAZÔNIA

FINANCIAMENTO CLIMÁTICO, CONSERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA

Nabil Moura Kadri¹

BNDES

Angela Albernaz Skaf¹

BNDES

Daniel Rossi Soeiro¹

BNDES

O Fundo Amazônia é uma iniciativa pioneira de instrumento de REDD+, sigla para Redução de Emissões Provenientes do Desmatamento e da Degradação Florestal.² Foi proposto pelo Brasil em 2007, na Ilha de Bali, Indonésia, durante a 13^a Conferência das Partes da Convenção da ONU sobre Mudança Climática (COP13/UNFCCC), e foi formalmente criado em 2008, por meio do Decreto Presidencial 6.527, que dispõe sobre o estabelecimento do Fundo Amazônia pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

O Fundo recebe doações voluntárias de países e empresas para aplicação não reembolsável em ações de prevenção, monitoramento e combate ao desmatamento, e para a promoção da conservação e do uso sustentável da biodiversidade na Amazônia Legal. Além disso, até 20% dos recursos do Fundo podem ser destinados ao desenvolvimento de sistemas de monitoramento e controle do desmatamento no restante do Brasil e em outros países com florestas tropicais. Com o estabelecimento, em 2015, da Estratégia Nacional para REDD+ (ENREDD+), o Fundo Amazônia também passou a ser considerado formalmente elegível para acesso a pagamentos por resultados oriundos de REDD+ alcançados pelo Brasil e reconhecidos pela UNFCCC.

AMAZON FUND: CLIMATE FINANCE FOR THE CONSERVATION AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT OF THE AMAZON

The Amazon Fund is a pioneering initiative of a REDD+ instrument, which stands for Reducing Emissions from Deforestation and Forest Degradation.² It was proposed by Brazil in 2007, on the island of Bali, Indonesia, during the 13th Conference of the Parties to the UN Convention on Climate Change (COP13/UNFCCC), and was formally created in 2008, through Presidential Decree 6,527, which provides for the establishment of the Amazon Fund by the Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

The Fund receives voluntary donations from countries and companies for non-reimbursable application in actions to prevent, monitor, and combat deforestation, and to promote the conservation and sustainable use of biodiversity in the Legal Amazon. Furthermore, up to 20% of the Fund's resources can be used to develop systems for monitoring and controlling deforestation in the rest of Brazil and other countries with tropical forests. With the establishment, in 2015, of the National Strategy for REDD+ (ENREDD+), the Amazon Fund was also formally eligible for access to payments for results from REDD+ achieved by Brazil and recognized by the UNFCCC.

Luiz Claudio Marigo | Piranheira (*Piranhea trifoliata*) na restinga baixa, durante a cheia, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Amazonas [*Piranhea trifoliata* in the low restinga, during the flood, at the Sustainable Development Reserve Mamirauá, Amazonas], 2006

Durante o período de agosto de 2008 a junho de 2019, o Fundo Amazônia contou com uma governança participativa representada por dois comitês. O Comitê Orientador do Fundo Amazônia (Cofa) era a instância responsável pela definição de diretrizes, focos de atuação e acompanhamento dos resultados obtidos pelo Fundo. O Fundo Amazônia contava também com um Comitê Técnico (CTFA) composto por especialistas renomados, com a atribuição de validar a redução das emissões de carbono oriundas de desmatamento da Amazônia, calculada pelo Ministério do Meio Ambiente – MMA.³

Até o fim de 2019, o Fundo Amazônia recebeu aproximadamente R\$ 3,4 bilhões em doações, sendo 93,8% provenientes do governo da Noruega, 5,7% do governo da Alemanha, por meio do KfW Entwicklungsbank, e 0,5% da Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras). O Fundo também conta com uma cooperação técnica com a Cooperação Alemã para o Desenvolvimento Sustentável, representada pela Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH.

Em relação à destinação dos recursos captados, o Fundo Amazônia possui uma carteira de 103 projetos apoiados, dos quais 27 encontram-se concluídos. Os recursos financeiros alocados aos projetos apoiados somam cerca de R\$ 1,86 bilhão, sendo que, desse valor, 63% já foram desembolsados (valores de dezembro de 2019).

Os projetos apoiados pelo Fundo implementam ações que vão desde o monitoramento do desmatamento por satélites até a estruturação de cadeias de produtos da sociobiodiversidade amazônica em terras indígenas, bem como projetos de desenvolvimento científico e tecnológico, regularização fundiária e ambiental, consolidação de áreas protegidas e fiscalização e repressão de crimes ambientais.

O Fundo Amazônia apoia projetos em todos os estados da Amazônia Legal e em cinco estados brasileiros fora da Amazônia Legal (conforme finalidades expressas no Decreto de criação do Fundo), para a implementação do Cadastro Ambiental Rural (CAR). Também conta com um projeto internacional, que abrange oito países da Amazônia regional, para o monitoramento da cobertura florestal por satélites.

Há projetos que atuam em nível regional com órgãos federais, como o Instituto Nacional de Pesquisas

During the period from August 2008 to June 2019, the Amazon Fund had participatory governance represented by two committees. The Guidance Committee of the Amazon Fund (Cofa, in Portuguese) was the body responsible for defining guidelines, the focus of action, and monitoring the results obtained by the Fund. The Amazon Fund also had a Technical Committee (CTFA, in Portuguese) composed of renowned specialists, with the task of validating the reduction in carbon emissions from deforestation in the Amazon, calculated by the Ministry of Environment – MMA.³

By the end of 2019, the Amazon Fund had received approximately 3.4 billion BRL in donations, 93.8% from the Norwegian government, 5.7% from the German government, through KfW Entwicklungsbank, and 0.5 % of Petróleo Brasileiro SA (Petrobras). The Fund also has technical cooperation with the German Cooperation for Sustainable Development, represented by Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH.

Regarding the destination of the funds raised, the Amazon Fund has a portfolio of 103 supported projects, of which 27 have been completed. The financial resources allocated to the supported projects amount to approximately 1.86 billion BRL, of which 63% have already been spent (values for December 2019).

The projects supported by the Fund put in place actions that range from monitoring deforestation by satellites to structuring Amazonian socio-biodiversity product chains in indigenous lands, as well as scientific and technological development projects, land and environmental regularization, consolidation of protected areas, and the inspection and repression of environmental crimes.

The Amazon Fund supports projects in all the states of the Legal Amazon and five Brazilian states outside the Legal Amazon (according to the purposes expressed in the Decree creating the Fund) for the implementation of the Rural Environmental Registry (CAR). It also encompasses an international project that covers eight countries in the regional Amazon for the forest cover satellite surveillance.

There are projects that operate at the regional level with federal agencies, such as the Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), the Serviço Florestal



Espaciais (Inpe), o Serviço Florestal Brasileiro (SFB) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama); em nível estadual, com os Corpos de Bombeiros e Órgãos Estaduais de Meio Ambiente (Oema); e, em nível local, com cooperativas, associações e organizações do terceiro setor.

A transparência é, desde o início das operações do Fundo, um dos pilares de sua atuação, possibilitando que todas as partes interessadas acompanhem as atividades desenvolvidas e, principalmente, a destinação dos recursos. Para isso, o BNDES, gestor do Fundo, mantém na internet um *website* atualizado sobre o Fundo Amazônia, com versão em inglês, e um leiaute moderno e amigável, incluindo um mapa interativo de atuação do Fundo, espaço para divulgação de publicações e audiovisual produzido pelos projetos, além de um sistema multicritério de busca de projetos. São disponibilizadas informações atualizadas sobre a governança do Fundo, as doações recebidas, os projetos apoiados e o monitoramento e a avaliação de resultados. O atendimento direto ao público é feito por intermédio da seção “Fale Conosco” (*e-mail*), por telefone ou por meio da seção de “Perguntas Mais Frequentes”.

Breve histórico

Apesar de os números do desmatamento na Amazônia ainda serem expressivos, os resultados alcançados pelo Brasil na redução em 65% do desmatamento, desde 2004, continuam tendo relevância mundial como ação mitigadora das mudanças climáticas. Desde 2012, quando o Prodes marcou 4.571 quilômetros quadrados, menor nível desde que o desmatamento da Amazônia Legal começou a ser monitorado, em 1988, a taxa anual tem oscilado de forma ascendente, até atingir 9.762 quilômetros quadrados em 2019.

Na década de 1990, algumas iniciativas de combate ao desmatamento e fortalecimento da temática socioambiental foram criadas pelo governo brasileiro em parceria com a comunidade internacional. Um dos destaques foi o Programa Piloto Internacional para Conservação das Florestas Tropicais Brasileiras (PPG-7), lançado na Eco-92, Conferência das Nações

Brasileiro (SFB) and the Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama); at the state level, with the fire brigades and State Environmental Agencies (Oema, in Portuguese); and, at the local level, with cooperatives, associations and third sector organizations.

Since the beginning of the Fund's operations, transparency has been one of the pillars of its operations, allowing all interested parties to monitor the activities carried out, and mostly, the allocation of resources. To this end, BNDES, the Fund's manager, keeps an updated website on the Amazon Fund on the Internet, with an English version, and a modern and friendly layout, including an interactive map of the Fund's performance, a space for the dissemination of publications and audiovisual produced in the projects, in addition to a multicriteria system for searching for projects. Up-to-date information on the Fund's governance, donations received, supported projects and the monitoring and evaluation of results are made available. Direct service to the public is done through the “Contact Us” section (email), by phone or through the “Frequently Asked Questions” section.

Brief history

Even though the numbers of deforestation in the Amazon are still significant, the results achieved by Brazil in reducing 65% of deforestation since 2004 continue to be of global relevance as an action to mitigate climate change. Since 2012, when Prodes scored 4,571 square kilometers, the lowest level since deforestation in the Legal Amazon began to be monitored in 1988, the annual rate has fluctuated upwards, until reaching 9,762 square kilometers in 2019.

In the 1990s, some initiatives to combat deforestation and strengthen the socio-environmental theme were created by the Brazilian government in partnership with the international community. One of the highlights was the International Pilot Program to Conserve the Brazilian Rainforests (PPG-7), launched at the United Nations Conference on Environment and Development held in Rio de Janeiro in 1992 which combined efforts and resources from G7 countries, the civil society, the Brazilian government, the World Bank and international NGOs.⁴

Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro em 1992, que uniu esforços e recursos vindos dos países do G7, da sociedade civil, do governo brasileiro, do Banco Mundial e de ONGs internacionais.⁴ Em seus 17 anos de duração, o PPG7 investiu US\$ 463,1 milhões na implementação de projetos na Amazônia e na Mata Atlântica, em cinco temas estratégicos: apoio à produção sustentável e manejo dos recursos naturais; estratégias de criação e ampliação de áreas protegidas e terras indígenas; fortalecimento dos órgãos estaduais de meio ambiente, com a descentralização da gestão ambiental e territorial; apoio à pesquisa científica e tecnológica; e, ainda, produção e disseminação de conhecimentos na área ambiental.

Em 2004, foi criado o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal (PPCDAm), com os objetivos de reduzir o desmatamento e de criar condições para se estabelecer um modelo de desenvolvimento sustentável na Amazônia (MMA, 2016, s.d.). O PPCDAm foi uma resposta governamental às crescentes taxas de desmatamento na Amazônia no início dos anos 2000. A partir de um arranjo institucional com diversos órgãos governamentais, foram obtidos resultados significativos em relação à queda do desmatamento, alcançando uma redução de 84% no período de 2004 a 2012. O PPCDAm estrutura-se em quatro eixos de atuação: fomento a atividades produtivas sustentáveis; monitoramento e controle ambiental; ordenamento fundiário e territorial; e instrumentos normativos e econômicos. Sua quarta fase de planejamento abrange o período de 2016 a 2020.

Esse histórico de políticas públicas inovadoras, parceria com a sociedade civil e cooperação internacional, propiciou o ambiente necessário para a construção do Fundo Amazônia, instrumento criado para a captação de recursos no âmbito do sistema de pagamento por resultados de REDD+ a serem aplicados em projetos voltados para o combate ao desmatamento e para o desenvolvimento sustentável.

Governança do Fundo Amazônia

O decreto presidencial que autorizou a criação do Fundo Amazônia em 1º de agosto de 2008 definiu

In its 17-year duration, PPG7 invested US\$ 463.1 million in the implementation of projects in the Amazon and the Atlantic Forest, in five strategic themes: support for sustainable production and the management of natural resources; strategies for creating and expanding protected areas and indigenous lands; the strengthening of state environmental agencies, with the decentralization of environmental and territorial management; support for scientific and technological research; and the production and dissemination of knowledge in the environmental area.

In 2004, the Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal (PPCDAm – Plan of Action for Prevention and Deforestation Control in Legal Amazon) was created, with the objectives of reducing deforestation and creating conditions to establish a sustainable development model in the Amazon (MMA, 2016, undated). The PPCDAm was a government response to the increasing rates of deforestation in the Amazon in the early 2000s. From an institutional arrangement with several government agencies, significant results were obtained concerning the decrease in deforestation, reaching a reduction of 84% in the period from 2004 to 2012. The PPCDAm is structured around four lines of action: fostering sustainable productive activities; environmental monitoring and control; land and territorial ordering; and normative and economic instruments. Its fourth planning stage covers the period from 2016 to 2020.

This history of innovative public policies, partnership with civil society and international cooperation provided the necessary environment for the construction of the Amazon Fund, an instrument created to raise funds under the REDD+ results payment system, to be applied in projects aimed at the fighting against deforestation and in favor of sustainable development.

Amazon Fund Governance

The presidential decree that authorized the creation of the Amazon Fund on August 1, 2008 defined its form of governance, its main objectives, and the way it operates.⁵ BNDES was responsible for the management of the Fund and Cofa (headed by the Ministry of the Environment) was responsible for the

seu formato de governança, seus principais objetivos e sua forma de atuação.⁵ Coube ao BNDES a gestão do Fundo e ao Cofa (presidido pelo Ministério do Meio Ambiente), a definição de critérios para aplicação dos recursos, observadas as diretrizes do PPCDAm e da ENREDD+ (BNDES, 2019).⁶

Também foi criado o Comitê Técnico (CTFA) com a atribuição de atestar as reduções nas emissões de carbono oriundas de desmatamento, calculadas pelo MMA. Para tanto, o CTFA avaliava a metodologia de cálculo da área desmatada e a quantidade de carbono por hectare utilizada no cálculo das emissões.⁷ O CTFA reunia-se ordinariamente uma vez por ano e era formado por especialistas de notório saber técnico-científico, designados pelo MMA depois de consultar o Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas.

Com base nos números validados pelo CTFA, o BNDES ficava autorizado a captar doações e a emitir diplomas de reconhecimento à contribuição dos doadores ao Fundo. Entretanto, a publicação do Decreto nº 10.144/2019, de 28 de novembro de 2019, revogou o artigo 2º do Decreto nº 6.527/2008, que autorizava “o BNDES a proceder às captações de doações e emitir diploma reconhecendo a contribuição dos doadores ao Fundo Amazônia”. Dessa forma, no momento em que este texto foi escrito, não se encontrava disciplinada a possibilidade de o BNDES captar novas doações para o Fundo Amazônia, com a devida emissão de diplomas.

A gestão do Fundo Amazônia é exclusivamente de competência do BNDES, que, dentre outras atribuições, é responsável pela aplicação de recursos, pelo acompanhamento e monitoramento dos projetos apoiados, bem como pela prestação de contas e comunicação dos resultados obtidos de forma contínua e transparente.

Anualmente, o Fundo passa por dois processos de auditoria externa independente. O primeiro processo refere-se à auditoria contábil (*financial audit*), que ocorre no âmbito da auditoria externa dos demonstrativos financeiros do próprio BNDES, uma vez que o Fundo, de natureza contábil e sem personalidade jurídica, tem suas contas alocadas nos registros contábeis dessa instituição. O segundo processo trata da auditoria de cumprimento (*compliance*



definition of criteria for the application of resources, observing the PPCDAm and ENREDD+ guidelines (BNDES, 2019).⁶

The Technical Committee (CTFA) was also created with the task of attesting to the reductions in carbon emissions from deforestation, calculated by the MMA. For this purpose, the CTFA evaluated the methodology for calculating the deforested area and the amount of carbon per hectare used in calculating emissions.⁷ CTFA met ordinarily once a year and consisted of specialists of notorious technical and scientific knowledge, appointed by the MMA after consulting the Brazilian Forum on Climate Change.

audit). Essa auditoria tem como objetivo a aplicação de procedimentos de asseguarção limitada quanto ao cumprimento, pelo BNDES, das exigências constantes no Decreto de criação do Fundo Amazônia no que tange às ações apoiáveis, das diretrizes e dos critérios estabelecidos pelo Cofa e, quando aplicável, das diretrizes contidas no PPCDAm e na ENREDD+.

Monitoramento e avaliação de resultados

O Fundo Amazônia utiliza a ferramenta do quadro lógico (ou matriz lógica ou de resultados) para o monitoramento e a avaliação de seus resultados. No quadro lógico, inserem-se as orientações estratégicas sobre a aplicação dos recursos do Fundo, explicitando-se os efeitos diretos e indiretos esperados dos projetos e o objetivo geral do Fundo Amazônia, bem como os respectivos indicadores de efetividade que buscam mensurar os impactos alcançados, além de identificar riscos externos que estão fora de sua governabilidade.

Conforme mostra a Figura 1, na próxima página, o objetivo geral do fundo foi definido como “redução do desmatamento com desenvolvimento sustentável na Amazônia Legal”; e as componentes (eixos) que guiam a atuação do Fundo são:

1. Produção sustentável: “atividades que mantêm a floresta em pé têm atratividade econômica”
2. Monitoramento e controle: “ações governamentais asseguram a adequação de atividades antrópicas à legislação ambiental”.
3. Ordenamento territorial: “área da Amazônia Legal está ordenada territorialmente”.
4. Ciência, inovação e instrumentos econômicos: “instrumentos econômicos e atividades de ciência, tecnologia e inovação contribuem para a recuperação, a conservação e o uso sustentável da biodiversidade”.

Para compreender o progresso ao longo do tempo do seu objetivo geral e das suas componentes, o Fundo Amazônia identifica e monitora alguns indicadores regionais ou sistêmicos que se relacionam com as políticas públicas para as quais visa contribuir por meio dos projetos que apoia. Alguns exemplos de indicadores são: taxa de desmatamento

Based on the numbers validated by the CTFA, BNDES was authorized to raise donations and issue diplomas acknowledging donors’ contributions to the Fund. However, the publication of Decree No. 10,144/2019, of November 28, 2019, revoked Article 2 of Decree No. 6,527/2008, which authorized “BNDES to raise donations and issue a diploma acknowledging the contribution of donors to the Amazon Fund”. Thus, at the time this text was written, the possibility of BNDES raising new donations to the Amazon Fund, with the proper issuance of diplomas, is no longer regulated.

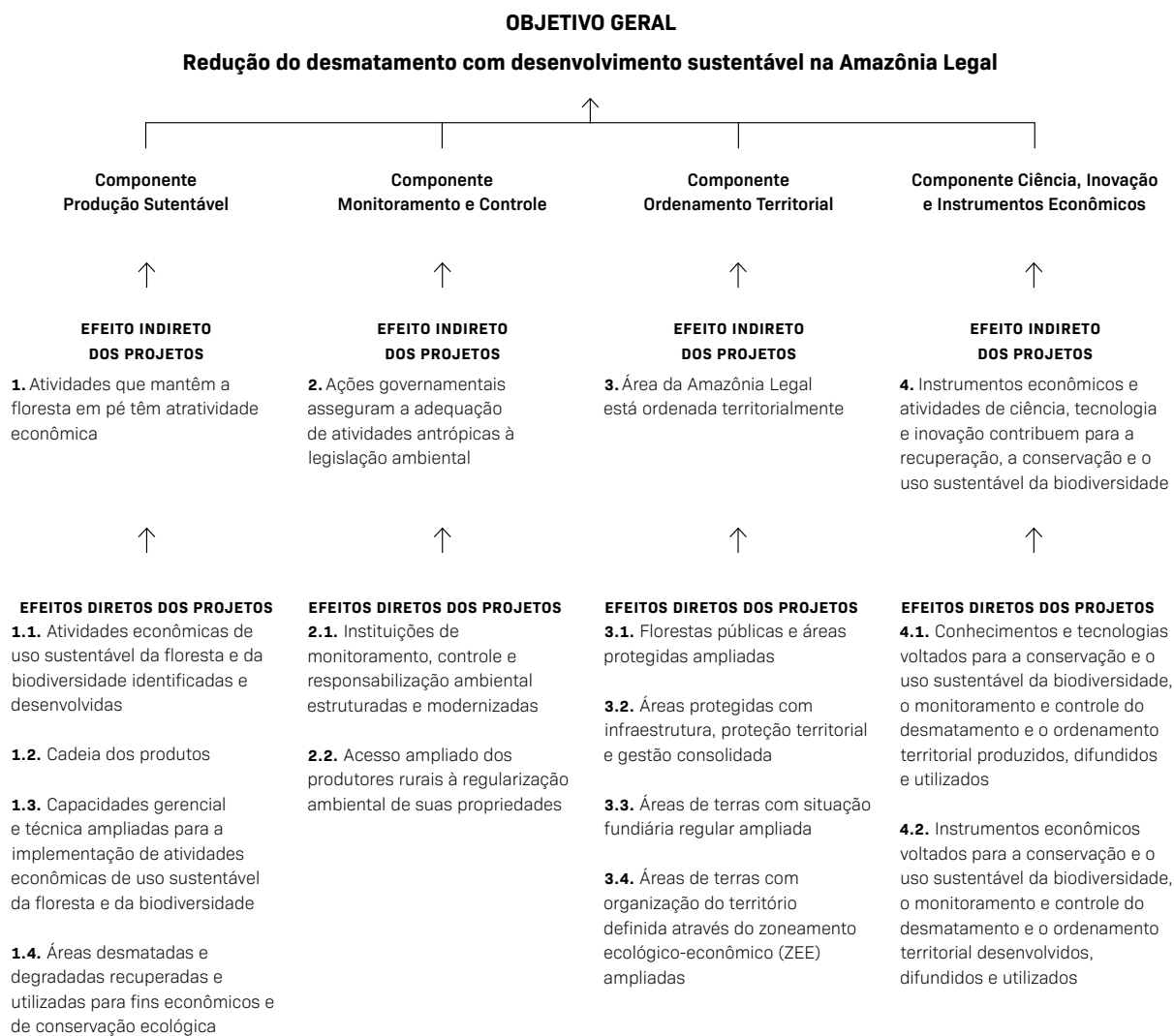
The management of the Amazon Fund is exclusively the responsibility of BNDES, which, among other duties, is responsible for investing resources, for accompanying and monitoring supported projects, as well as for rendering accounts and communicating the results obtained continuously and transparently.

The Fund undergoes two independent external audit processes annually. The first process refers to the accounting audit (*financial audit*), which takes place within the scope of the external audit of BNDES’s own financial statements, since due to the accounting nature of the Fund, with no legal personality, it has its accounts allocated in the accounting records of BNDES. The second process deals with compliance auditing (*compliance audit*). This audit aims to apply limited assurance procedures regarding the fulfillment, by BNDES, of the requirements contained in the Decree of creation of the Amazon Fund about supportive actions, of the guidelines and criteria established by Cofa and, when applicable, of the guidelines contained in the PPCDAm and ENREDD+.

Results monitoring and evaluation

The Amazon Fund uses the logical framework tool (or logical or results matrix) for monitoring and evaluating its results. The strategic guidelines on the application of the Fund’s resources are inserted in the logical framework, specifying the direct and indirect effects expected from the projects and the general objective of the Amazon Fund, as well as the respective effectiveness indicators that seek to measure its achieved impacts, in addition to identifying external risks that are outside its governance.

FIGURA 1: QUADRO LÓGICO DO FUNDO AMAZÔNIA



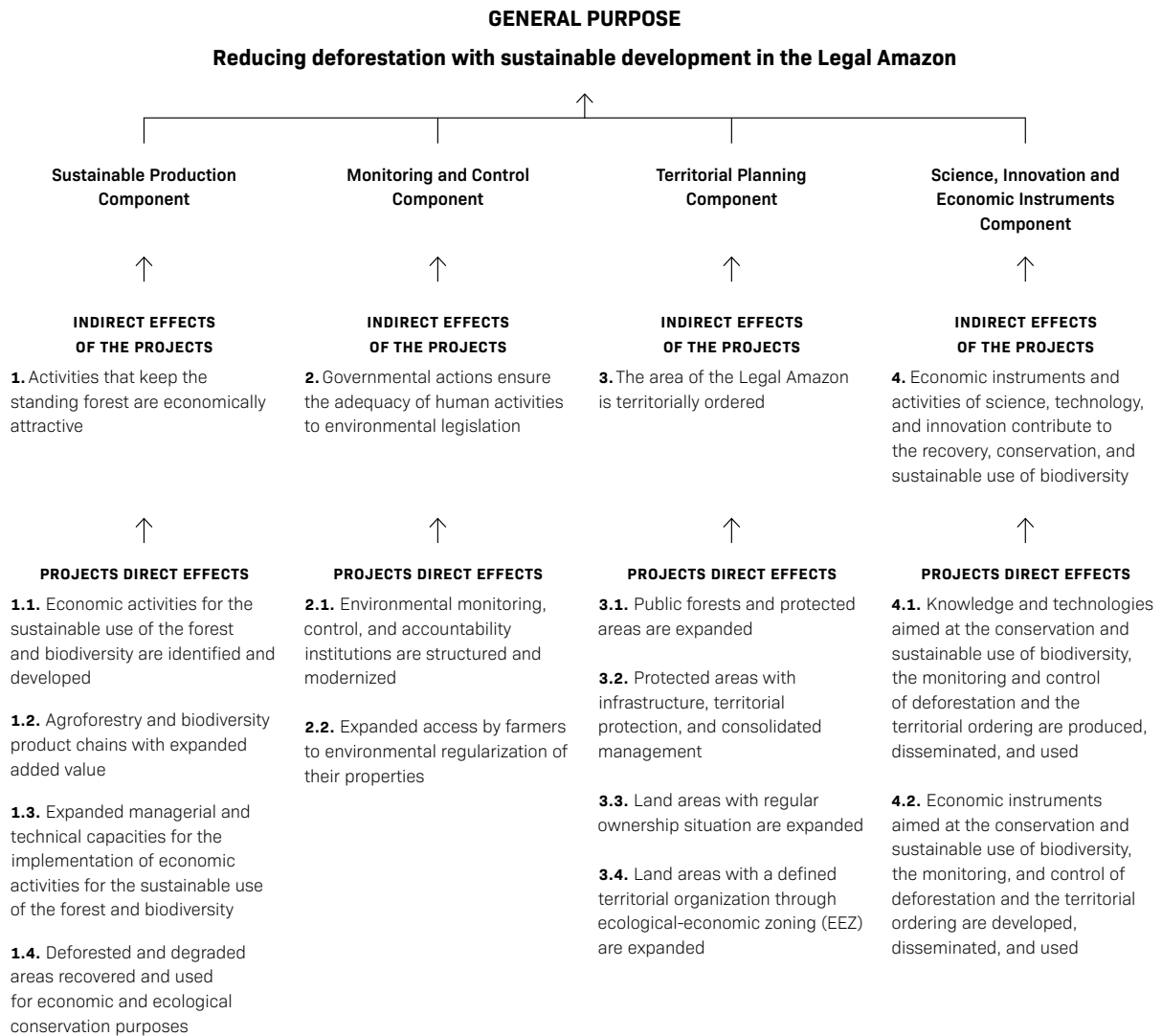
anual na Amazônia Legal, crescimento da participação do PIB da Amazônia em relação ao PIB brasileiro e receita gerada por uma cesta de produtos do extrativismo monitorados pela série estatística “Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – PEVs”, produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Anualmente, o Relatório de Atividades do Fundo Amazônia traz informações sobre o monitoramento dos indicadores regionais relacionados à ação do Fundo Amazônia e uma revisão dos riscos que possam

As shown in Figure 1, (next page) the general objective of the Fund was defined as “the reduction of deforestation with sustainable development in the Legal Amazon”, and the components (axes) that guide the Fund’s performance are:

1. Sustainable Production: “activities that keep the standing forest are economically attractive”.
2. Monitoring and Control: “governmental actions ensure the adequacy of human activities to environmental legislation”.

FIGURE 1: LOGICAL FRAMEWORK OF THE AMAZON FUND



influenciar negativamente a execução dos projetos ou a manutenção dos resultados alcançados pelo Fundo.⁸ Em um nível hierárquico abaixo, é construído, para cada projeto, um quadro de resultados específico, em diálogo com as instituições executoras e de forma integrada com os objetivos definidos no Quadro Lógico do Fundo Amazônia. Cabe mencionar que há uma gama de indicadores comuns aos projetos, que permitem sua consolidação e proporcionam uma visão agregada dos produtos e serviços entregues e de sua efetividade.

3. Territorial Planning: “the area of the Legal Amazon is territorially ordered”.
4. Science, Innovation, and Economic Instruments: “economic instruments and activities of science, technology and innovation contribute to the recovery, conservation and sustainable use of biodiversity”.

To understand the progress over time of its general objective and its components, the Amazon Fund identifies and monitors some regional or systemic indicators that relate to the public policies to which it aims to

A efetividade dos projetos apoiados pelo Fundo Amazônia

Desde o início de suas atividades, o Fundo Amazônia adotou a prática de avaliar os resultados dos projetos apoiados, em caráter adicional à prestação de contas dos projetos e ao acompanhamento físico e financeiro adotado usualmente pelo BNDES. Esse processo compreende algumas etapas. Durante a análise dos projetos, é pactuado com as instituições executoras o quadro de resultados do projeto, com a estruturação de sua lógica de intervenção e a definição dos indicadores, de eficácia (entregas dos projetos – produtos e serviços) e de efetividade (impactos), a serem monitorados.

Durante a execução dos projetos, são acompanhadas suas atividades e monitorados esses indicadores, podendo ocorrer ajustes conforme a necessidade. Ao final de cada projeto apoiado pelo Fundo, é feita uma avaliação de resultados pela equipe do BNDES, que aborda a evolução do projeto e seus indicadores, o comportamento de aspectos institucionais e administrativos, os riscos e as lições aprendidas e a sustentabilidade de longo prazo dos resultados obtidos.

São feitas avaliações de efetividade *ex-post* por avaliadores externos independentes, que representam o estado da arte em termos de processos de monitoramento e avaliação de resultados. Até dezembro de 2019, haviam sido encerrados 27 projetos que tiveram suas avaliações publicadas no *website* do Fundo Amazônia, sendo que foram realizadas 11 avaliações de efetividade independentes, que igualmente se encontram publicadas em seção específica do *website* do Fundo, dedicada à temática de monitoramento e avaliação.

De forma geral, as avaliações de efetividade têm demonstrado uma contribuição positiva dos projetos apoiados para a redução do desmatamento em nível local ou regional. Seis projetos concluídos foram avaliados individualmente e cinco projetos foram avaliados conjuntamente por recorte temático (projetos de desenvolvimento científico e tecnológico).⁹ Como exemplos, descrevem-se a seguir os principais resultados e impactos de dois projetos concluídos.

O projeto Sementes do Portal, proposto pelo Instituto Ouro Verde (IOV) e executado entre 2010 e 2013,

contribuir através dos projetos que apoia. Alguns exemplos de indicadores são: taxa anual de desmatamento na Amazônia Legal, crescimento na participação do PIB da Amazônia no PIB brasileiro e receita gerada por um conjunto de produtos extrativos monitorados pela série estatística “Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – PEVs”, criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O Relatório de Atividades do Fundo Amazônia fornece informações anuais sobre o monitoramento de indicadores regionais relacionados à atuação do Fundo Amazônia e uma revisão de riscos que podem influenciar negativamente a execução dos projetos ou a manutenção dos resultados alcançados pelo Fundo.⁸

Um framework de resultados específico é desenvolvido para cada projeto, em um nível hierárquico inferior, em diálogo com as instituições executoras e de maneira integrada com os objetivos definidos no Framework Lógico do Fundo Amazônia. Vale mencionar que há uma gama de indicadores comuns aos projetos, que permitem sua consolidação e fornecem uma visão agregada dos produtos e serviços entregues e sua efetividade.

The effectiveness of projects supported by the Amazon Fund

Desde o início de suas atividades, o Fundo Amazônia adotou a prática de avaliar os resultados dos projetos apoiados, além da prestação de contas dos projetos, com o acompanhamento físico e financeiro adotado usualmente pelo BNDES. Esse processo compreende algumas etapas. Durante a análise dos projetos, é pactuado com as instituições executoras o quadro de resultados do projeto, com a estruturação de sua lógica de intervenção e a definição dos indicadores, de eficácia (entregas dos projetos – produtos e serviços) e de efetividade (impactos), a serem monitorados.

Durante a execução dos projetos, suas atividades e indicadores são monitorados, e ajustes podem ser feitos conforme necessário. Ao final de cada projeto apoiado pelo Fundo, é feita uma avaliação de resultados pela equipe do BNDES, que aborda a evolução do projeto e seus indicadores, o comportamento de aspectos institucionais e administrativos, os riscos e as lições aprendidas e a sustentabilidade de longo prazo dos resultados obtidos.

Avaliações de efetividade *ex-post* são realizadas por avaliadores externos independentes, que representam o estado da arte em termos de processos de monitoramento e avaliação de resultados.



teve por objetivo promover a recuperação ambiental de áreas degradadas e a revalorização da agricultura familiar em sete municípios do Território Portal da Amazônia,¹⁰ por meio da difusão de sistemas agroflorestais, que combinam o uso sustentável da floresta com a geração de renda. O projeto também promoveu a sensibilização da população local sobre melhorias na qualidade dos solos, a valorização da floresta em pé e a capacitação para o planejamento e manejo de sistemas agroflorestais, além da coleta de sementes, totalizando mais de 2.500 pessoas capacitadas ao longo do projeto.

O projeto ampliou a rede de sementes nativas (coleta, beneficiamento e armazenagem) e fortaleceu o associativismo das comunidades locais – dentre elas, um grupo de mulheres produtoras familiares frente a um cenário de avanço da agropecuária no município de Apicás/MT (*impacto social*. ANACHE et al., 2016). Com base nos dados geográficos, verificou-se que havia, em 2016, ano da avaliação, 415

state of the art in terms of monitoring processes and evaluating results. By December 2019, 27 projects had been concluded and their evaluations were published on the Amazon Fund website, and 11 independent effectiveness evaluations were carried out, which are also published in a specific section of the Fund's website, dedicated to monitoring and evaluation.

In general, effectiveness assessments have shown a positive contribution from supported projects to reduce deforestation at the local or regional level. Six completed projects were evaluated individually and five projects were evaluated jointly by thematic approach (scientific and technological development projects).⁹ As examples, the main results and impacts of the two completed projects are described below.

The Sementes do Portal project, proposed by the Instituto Ouro Verde (IOV) and carried out between 2010 and 2013, aimed at promoting the environmental recovery of degraded areas and the revaluation of family farming in seven municipalities in the Portal



hectares em processo de recuperação, principalmente áreas de preservação permanente (APP). Além disso, o projeto contribuiu para o aumento de estoques de carbono, por meio do plantio de 1.246 hectares de florestas e de sistemas agroflorestais (SAFs), disseminando valores de boa convivência dos pequenos proprietários rurais com suas áreas florestais e sua produção agrícola, gerando, também, oportunidades para a ampliação da segurança alimentar. Segundo os avaliadores independentes, apesar de inicial,

“esta análise apontou um incremento de 139% de cobertura florestal e um decréscimo das áreas de solo exposto de -47,23% nas áreas de atuação do projeto. (...) Dessas áreas em recuperação, 52% das unidades produtivas estavam envolvidas com o seu uso prolífico, o que foi observado como sendo um fator favorável ao êxito do plantio. A coleta de produtos motiva práticas de manejo, como adubo verde, capina e roçada” (ANACHE et al. 2016).

da Amazônia Territory,¹⁰ through the dissemination agroforestry systems, which combine the sustainable use of the forest with income generation. The project also promoted the awareness of the local population about improvements in soil quality, the valorization of the standing forest, and training for the planning and management of agroforestry systems, in addition to seed collection, totaling more than 2,500 trained people throughout the project.

The project expanded the network of native seeds (collection, processing, and storage) and strengthened the associativism of local communities—among them, a group of family women producers in the face of a scenario of advancing agriculture in the city of Apiacás/MT (*social impact*. ANACHE et al., 2016). Based on geographic data, it was found that in 2016, the year of the assessment, there were 415 hectares under-recovery, mostly areas of permanent preservation (APP, in Portuguese). Furthermore, the project contributed to the increase of carbon stocks, through

Observou-se, também, uma queda de 78,3% das taxas de desmatamento nos municípios abrangidos pelo projeto, de 548 quilômetros quadrados nos quatro anos anteriores ao projeto para 118,7 quilômetros quadrados no período de sua implementação.

Outro projeto apoiado pelo Fundo Amazônia, o Programa Bolsa Floresta (PBF), da Fundação Amazonas Sustentável (FAS), tem por objetivo promover a contenção do desmatamento, com a melhoria da qualidade de vida das populações tradicionais residentes nas unidades de conservação (UCs) estaduais do estado do Amazonas. O projeto apoiou a implantação de 2.424 projetos de pequeno porte de geração de renda,¹¹ atuando em uma área superior a 10 milhões de hectares (aproximadamente a extensão territorial de Portugal).

O projeto desenvolveu atividades produtivas sustentáveis com vistas a aumentar a atratividade da floresta em pé, por meio do fortalecimento das cadeias produtivas de pirarucu, açaí, castanha-do-brasil, cacau, óleos vegetais, madeira manejada, assim como promoveu o artesanato e o turismo de base comunitária, dinamizando a economia local e incrementando a renda *per capita*.

Conforme mostra o gráfico da próxima página, o uso de recursos florestais na composição da renda familiar passou de 10%, em 2011, para cerca de 20%, em 2018 (BRITO et al., 2018). Em contraponto, a agricultura diminuiu sua participação na composição da renda ao longo do tempo, embora ainda represente uma importante fonte de renda para a unidade familiar: em torno de 40%. Os avaliadores independentes observaram também um aumento de 165% na renda média mensal das famílias beneficiárias, que saltou de R\$ 408 para R\$ 1.078, no período de 2010 a 2015.

O projeto ainda buscou fortalecer as comunidades locais, como protetores das florestas e gestores dos recursos naturais. Verificou-se um aumento de 75% no número de associações locais com sua documentação jurídica em dia e formalmente organizadas, apontando para o empoderamento dessas instituições, responsáveis pela gestão participativa dos territórios junto aos órgãos governamentais. Com relação à dinâmica do desmatamento,

the planting of 1,246 hectares of forests and agroforestry systems (SAFs, in Portuguese), disseminating values of good coexistence of small rural owners with their forest areas and their agricultural production, generating opportunities for expanding food security. According to independent evaluators, although preliminary,

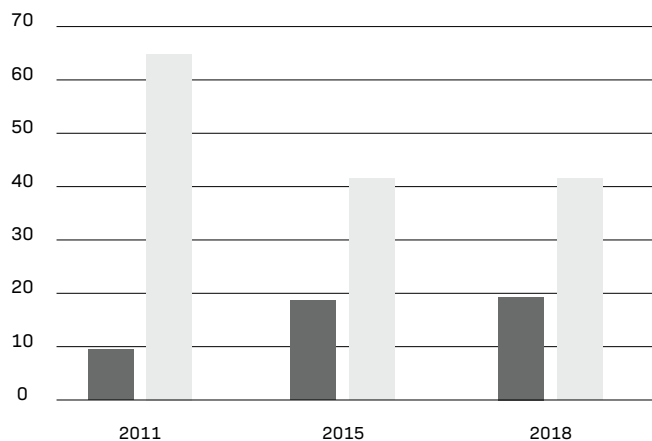
“this analysis showed an increase of 139% in forest cover and a decrease of exposed soil areas of -47.23% in the areas where the project operates. (...) Of these recovering areas, 52% of the productive units were involved with their prolific use, which was observed to be a factor favorable to the success of the planting. The collection of products motivates management practices, such as green manure, weeding, and mowing ”(ANACHE et al. 2016).

There was also a drop of 78.3% in deforestation rates in the municipalities covered by the project, from 548 square kilometers in the four years preceding the project to 118.7 square kilometers in the period of its implementation.

Another project supported by the Amazon Fund, the Programa Bolsa Floresta (PBF), from the Fundação Amazonas Sustentável (FAS), aims to promote the containment of deforestation by improving the quality of life of traditional populations living in state conservation units (UCs, in Portuguese) of the state of Amazonas. The project supported the implementation of 2,424 small income-generating projects,¹¹ operating in an area of more than 10 million hectares (approximately the territorial extension of Portugal).

The project developed sustainable productive activities to increase the attractiveness of the standing forest, by strengthening the productive chains of pirarucu, açaí, brazil nuts, cocoa, vegetable oils, managed wood, as well as promoting handicrafts and community-based tourism, boosting the local economy and increasing *per capita* income.

As shown in graph on the next page, the use of forest resources in the composition of household income went from 10% in 2011 to about 20% in 2018 (BRITO et al., 2018). In contrast, agriculture has reduced its share of income composition over time,



Relação entre uso de produtos florestais e produção agrícola na renda familiar. Porcentagem do uso dos produtos florestais e da produção agrícola na composição de renda das famílias.
 Fonte: Action (2011, 2015); PQA (2018).

Relationship between the use of forest products and agricultural production in household income. Percentage of use of forest products and agricultural production in the composition of household income.
 Source: Action (2011, 2015); PQA (2018).

■ % uso de recursos florestais na composição da renda
 % of use of forest resources in the composition of income

■ % da agricultura na composição da renda
 % of agriculture in the composition of income

observou-se uma redução das taxas de desmatamento nas UCs estaduais abrangidas pelo projeto, passando de 12% ao ano, em 2010, para 3,5%, em 2014 (BRITO et al., 2018).

Avaliação de meio termo da efetividade do Fundo Amazônia

Em 2019, foi concluída a avaliação de meio termo da efetividade do Fundo Amazônia, compreendendo o período de 2008 a 2018. Essa avaliação foi realizada por uma equipe de consultores independentes, com a coordenação técnica da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), da Organização das Nações Unidas (ONU). Foram elaborados dois estudos complementares, um dedicado à análise da distribuição de benefícios das ações apoiadas pelo Fundo Amazônia, e o outro sobre o impacto dos projetos de implantação do Cadastro Ambiental Rural (CAR). Importante destacar o papel da cooperação técnica com a Alemanha, por meio da GIZ, no desenvolvimento dessa e de outras atividades de monitoramento e avaliação do Fundo.

Essa avaliação fez recomendações de aperfeiçoamentos e concluiu que existem evidências claras de que o Fundo Amazônia tem contribuído para reduzir o desmatamento na região. Tanto a avaliação quanto os seus estudos complementares podem ser consultados no *website* do Fundo Amazônia. A seguir, são apresentados alguns destaques do relatório.

Achados e conclusões sobre governança e efetividade do Fundo Amazônia:

although it still represents an important source of income for the family unit: around 40%. Independent evaluators also observed an increase of 165% in the average monthly income of beneficiary families, which jumped from 408 BRL to 1,078 BRL, in the period from 2010 to 2015.

The project also sought to strengthen local communities, as protectors of forests and managers of natural resources. There was a 75% increase in the number of local associations with their legal documentation up to date and formally organized, pointing to the empowerment of these institutions, responsible for the participatory management of territories with government agencies. Regarding the dynamics of deforestation, there was a reduction in deforestation rates in the state UCs covered by the project, from 12% per year in 2010 to 3.5% in 2014 (BRITO et al., 2018).

Mid-term assessment of the effectiveness of the Amazon Fund

In 2019, the mid-term assessment of the Amazon Fund's effectiveness was completed, covering the period from 2008 to 2018. This evaluation was carried out by a team of independent consultants, with the technical coordination of the Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), of the United Nations (UN). Two complementary studies were prepared, one about the analysis of the benefit distribution of the actions supported by the Amazon Fund and the other on the impact of the projects for implementing the Rural Environmental Registry (CAR,

I. A implementação do Fundo ao longo de dez anos foi um caminho de aprendizagem, de construção de confiança entre distintos atores e de aprimoramento contínuo das estratégias de operacionalização do apoio a projetos;

II. A alta qualificação dos funcionários do BNDES, a solidez das práticas operacionais e a transparência na utilização dos recursos consolidaram, ao longo dos dez anos, um modelo de gestão que pode ser replicado em outros países;

III. O trabalho com as organizações do terceiro setor permitiu não só aumentar a capilaridade do Fundo Amazônia, como também aumentar a presença do Estado em áreas remotas;

IV. Embora existam evidências claras de que o Fundo Amazônia tem contribuído para reduzir o desmatamento na Amazônia, é um grande desafio estimar quantitativamente essa contribuição;

V. A conclusão é de que o Fundo não alterou as tendências do desmatamento dos últimos anos, mas, sem a implementação do Fundo Amazônia, o desmatamento teria sido maior;

VI. A maior parte dos projetos avaliados no eixo de produção sustentável mostra reduções do desmatamento nas áreas de implementação;

VII. Merece destaque o processo de aprendizagem do Fundo na construção de parcerias que pudessem viabilizar o apoio às demandas das comunidades indígenas e, ao mesmo tempo, promover a proteção das florestas nas terras indígenas;

VIII. Os projetos com os Corpos de Bombeiros tiveram impactos positivos na prevenção e no combate a incêndios, bem como contribuíram para a articulação interestadual das corporações estaduais de bombeiros;

IX. Uma grande dificuldade é a falta de informação sobre os impactos econômicos e sociais dos projetos apoiados pelo Fundo Amazônia, especialmente aqueles ligados a atividades produtivas sustentáveis;

X. Nos projetos que foram encerrados e avaliados com informação dos impactos econômicos, observam-se

in Portuguese). It is important to highlight the role of the technical cooperation with Germany, through GIZ, in the development of this and other monitoring and evaluation activities of the Fund.

This assessment made recommendations for improvements and concluded that there is clear evidence that the Amazon Fund has contributed to reducing deforestation in the region. Both the assessment and its complementary studies can be consulted on the Amazon Fund website. Below are some highlights of the report.

Findings and conclusions on the Amazon Fund governance and effectiveness:

I. The Fund implementation over ten years was a journey of learning, of building trust between different actors, and of continuous improvement of the strategies for operationalizing project support;

II. The high qualification of BNDES employees, the soundness of operational practices and the transparency in the use of resources consolidated, over the ten years, a management model that can be replicated in other countries;

III. Working with third sector organizations has increased the capillarity of the Amazon Fund, as well as increasing the State's presence in remote areas;

IV. Although there is clear evidence that the Amazon Fund has contributed to reducing deforestation in the Amazon, it is a great challenge to estimate this contribution quantitatively;

V. The conclusion is that the Fund has not changed deforestation trends in recent years, but without the implementation of the Amazon Fund, deforestation would have been greater;

VI. Most of the projects evaluated on the sustainable production axis show reductions in deforestation in the areas of implementation;

VII. It is worth highlighting the Fund's learning process in building partnerships that could support the demands of indigenous communities and, at the same time, promote the protection of forests in indigenous lands;

VIII. The projects with the Fire Departments had positive impacts in preventing and fighting fires, as well as



melhoria da qualidade de vida, aumento de renda (embora às vezes de pouca magnitude), cumprimento das salvaguardas de Cancun e fortalecimento da perspectiva de gênero;

XI. O apoio do Fundo Amazônia ao CAR demonstra que o desmatamento é percentualmente menor nas áreas com CAR do que nas áreas não cadastradas;

XII. As análises realizadas demonstraram que os projetos de CAR apoiados contribuíram para evitar o desmatamento de 8.571 quilômetros quadrados nos biomas Amazônia e Cerrado, no período de 2014 a 2018. A título de comparação, esse valor de desmatamento evitado é superior ao desmatamento ocorrido na Amazônia Legal em 2018;

XIII. A estruturação das secretarias estaduais de meio ambiente com infraestrutura física e tecnológica, sistemas de análise geoespacial e bancos de dados com informações ambientais georreferenciadas contribuiu diretamente para o aumento da capacidade de controle e monitoramento dos estados. O CAR é utilizado no licenciamento ambiental em todos os estados, e a maioria também o utiliza na fiscalização e responsabilização de proprietários rurais por ilícitos ambientais;

XIV. No componente de ciência, inovação e instrumentos econômicos, o monitoramento do desmatamento e as análises complementares têm se fortalecido. Nesse aspecto, são importantes o apoio do Fundo Amazônia ao monitoramento em outros biomas, para que se tenha um panorama completo do desmatamento no Brasil, e o apoio ao Serviço Florestal Brasileiro (SFB) para o Inventário Florestal Nacional;

XV. Também há experiências interessantes de pagamento por serviços ambientais como instrumento econômico para a conservação de florestas, especialmente aquelas destinadas à proteção de nascentes.

No que tange aos resultados não esperados, os avaliadores mencionam:

XVI. Ao longo desses dez anos, as entidades do Terceiro Setor aprenderam a trabalhar dentro das exigências do BNDES. Os critérios de análise e seleção

contribuindo to the interstate articulation of the state fire brigades;

IX. A great difficulty is the lack of information on the economic and social impacts of projects supported by the Amazon Fund, especially those linked to sustainable productive activities;

X. In the projects that were concluded and evaluated with the information on economic impacts, there is an improvement in the quality of life, an increase in income (although sometimes of little magnitude), compliance with the safeguards of Cancun and the strengthening of the gender perspective;

XI. The Amazon Fund's support for the CAR demonstrates that the deforestation percentage is lower in areas with CAR than in non-registered areas;

XII. The analyzes carried out showed that CAR supported projects contributed to avoiding the deforestation of 8,571 square kilometers in the Amazon and Cerrado biomes in the period from 2014 to 2018. As a comparison, this amount of avoided deforestation is higher than the deforestation that occurred in the Legal Amazon in 2018;

XIII. The structuring of the state environmental departments with physical and technological infrastructure, geospatial analysis systems, and databases with georeferenced environmental information contributed directly to the increase in the states' control and monitoring capacity. CAR is used for environmental licensing in all states, and most also use it to inspect and hold rural landowners accountable for environmental offenses;

XIV. In the science, innovation, and economic instruments component, deforestation monitoring and complementary analyzes have been strengthened. In this regard, it is important to have Amazon Fund's support for monitoring in other biomes, to have a complete overview of deforestation in Brazil, and for the Serviço Florestal Brasileiro (SFB) for the National Forest Inventory;

XV. There are also interesting experiences of paying for environmental services as an economic tool for the conservation of forests, especially those aimed at protecting springs.

de projetos do BNDES contribuíram para as entidades se profissionalizarem em termos de administração financeira e gestão de projetos, o que as ajudou a acessar outras fontes de recursos mais exigentes, como, por exemplo, os fundos internacionais. Alguns entrevistados mencionaram que acessar recursos do Fundo serviu como um “carimbo” que atestava a boa governança da entidade;

XVII. Embora já existissem espaços de coordenação e colaboração entre os estados, a participação no Comitê Orientador do Fundo Amazônia (Cofa) também permitiu fortalecer a cooperação e a troca de experiências, e potencializou a articulação da gestão ambiental entre os estados;

XVIII. A aproximação entre um grande banco de desenvolvimento e atores públicos e privados dedicados à sustentabilidade na Amazônia Legal é percebida como um impacto indireto positivo do Fundo Amazônia, ao trazer dois mundos relativamente desconectados para um trabalho conjunto; e

XIX. O Fundo tornou-se uma referência global para fundos de clima, biodiversidade e pagamentos por resultados. A experiência com o Fundo Amazônia ajudou a Noruega e sua iniciativa NICFI (em inglês, Norway’s International Climate and Forest Initiative) a estabelecer outros fundos e atividades em diversos outros países. Essas outras cooperações não alcançaram a escala do Fundo Amazônia, devido à ausência de instituições com o tamanho e a capacidade do BNDES. Além disso, o esforço da NICFI para incluir as florestas na agenda das negociações climáticas globais resultou na inserção desse tema como parte do acordo de Paris de 2015.

Conclusão

Após 11 anos de existência, o Fundo Amazônia se consolidou como um importante e inovador mecanismo de financiamento climático para conservação florestal com desenvolvimento sustentável na Amazônia. A contribuição do Fundo a políticas públicas de controle e combate ao desmatamento e de ordenamento territorial, como o PPCDAm e a ENREDD+, orienta a

Regarding unexpected results, the evaluators mention:

XVI. Over these ten years, third sector entities have learned to work within BNDES requirements. BNDES project analysis and selection criteria contributed to the entities becoming more professional in terms of financial administration and project management, which helped them to access other more demanding sources of financing, such as international funds. Some respondents mentioned that accessing Fund resources served as a “stamp” that attested to the entity’s good governance;

XVII. Although there were already spaces for coordination and collaboration between the states, participation in the Amazon Fund Guidance Committee (Cofa) also allowed for strengthening cooperation and the exchange of experiences, and enhanced the articulation of environmental management between the states;

XVIII. The collaboration between a large development bank and public and private actors dedicated to sustainability in the Legal Amazon is perceived as a positive indirect impact of the Amazon Fund, by bringing two relatively disconnected worlds to work together; and

XIX. The Fund has become a global benchmark for climate, biodiversity, and pay for result funds. The experience with the Amazon Fund helped Norway and its NICFI initiative (Norway’s International Climate and Forest Initiative) to establish other funds and activities in several other countries. These other cooperations did not reach the scale of the Amazon Fund, due to the absence of institutions with the size and capacity of BNDES. Also, NICFI’s effort to include forests on the agenda of global climate negotiations has resulted in the inclusion of this theme as part of the 2015 Paris agreement.

Conclusion

After 11 years of existence, the Amazon Fund has consolidated itself as an important and innovative climate financing mechanism for forest conservation with sustainable development in the Amazon. The

aplicação dos recursos em prol da redução do desmatamento e da construção de um novo modelo econômico na Amazônia, que valorize a floresta em pé.

A transparência das atividades do Fundo é um dos pilares de seu funcionamento. Com a publicação de relatórios anuais – importante instrumento de prestação de contas – e com a divulgação de uma ampla gama de informações no *website* do Fundo, o BNDES põe à disposição dos doadores e da sociedade um extenso banco de dados, transmitindo seus conhecimentos e as lições aprendidas.

Pautado pela sua governança participativa, o Fundo Amazônia mostrou-se capaz, ao longo dos anos, de estabelecer o diálogo e o consenso entre seus diferentes *stakeholders*: representantes dos estados da Amazônia Legal, integrantes de ministérios do governo federal, representantes da academia e da sociedade civil. Também demonstrou ser possível estabelecer uma relação de parceria e confiança que transcende os limites geopolíticos ao contar com doações estrangeiras que compõem a quase totalidade dos recursos investidos nos projetos apoiados.

O Fundo Amazônia tornou-se, assim, uma referência nacional e internacional para outros países e estados que tenham como ambição criar seus próprios mecanismos financeiros climáticos em prol da conservação florestal. A replicabilidade dessas iniciativas depende, em grande parte, da aplicação de alguns princípios adotados pelo Fundo Amazônia, dentre os quais destacam-se a credibilidade, a transparência de suas ações, o monitoramento e a efetividade das ações apoiadas.

Fund's contribution to public policies for controlling and combating deforestation and for spatial planning, such as the PPCDAM and ENREDD+, guides the application of resources in favor of reducing deforestation and building a new economic model in the Amazon, which values the standing forest.

The transparency of the Fund's activities is one of the pillars of its operation. With the publication of annual reports – an important accountability tool – and with the dissemination of a wide range of information on the Fund's website, BNDES makes an extensive database available to donors and society, transmitting its knowledge and learned lessons.

Based on its participatory governance, the Amazon Fund has been able, over the years, to establish dialogue and consensus among its different stakeholders: representatives of the states of the Legal Amazon, members of Federal Government ministries, representatives of academia and civil society. It also demonstrated that it is possible to establish a partnership and trust relationship that transcends geopolitical limits, by relying on foreign donations that make up almost all the resources invested in the supported projects.

The Amazon Fund has thus become a national and international reference for other countries and states whose ambition is to create their own climate financial mechanisms in favor of forest conservation. The replicability of these initiatives depends, in large part, on the application of some principles adopted by the Amazon Fund, among which stand out its credibility, the transparency of its actions, the monitoring and the effectiveness of the supported actions.

Referências bibliográficas

ANACHE, Bernardo; DEUS, Leandro Andrei Beser de. Amazônia: Análise do desmatamento à luz do planejamento regional a partir da década de 1950. In: BRITTO, Fabio Giusti Azevedo de; GIANNELLA, Letícia de Carvalho; SEABRA, Rogério dos Santos (Org.). *Análise ambiental e gestão do território: contribuições teórico-metodológicas*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

_____, MAIA, Heliandro Torres, EGER, Helmut, Weiss, Joseph, WALKER, Robert. *Avaliação de efetividade do projeto Sementes do Portal*. Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), 2016.

BRASIL. *Decreto 6.5207/2008 sobre a criação do Fundo Amazônia*. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6527.htm>.

BRASIL. *Decreto 9.759/2019 sobre a extinção e o estabelecimento de diretrizes, regras e limitações para colegiados da administração pública federal*. 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9759.htm>.

BRITO, Alef; FERREIRA, Gabriel de Lima; BUDI, Janina; RODEKIRCHEN, Magdalena; SÁ, Paula de. *Avaliação de efetividade do projeto Bolsa Floresta*. Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), 2018.

BRASIL. *Decreto 6.5207/2008 sobre a criação do Fundo Amazônia*. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6527.htm>.

_____. *Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal*. Ministério do Meio Ambiente (MMA) 2016. S.d. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/informma/item/616-preven%C3%A7%C3%A3o-e-controle-do-desmatamento-na-amaz%C3%B4nia>>.

BNDES. *Quadro Lógico do Fundo Amazônia*. Fundo Amazônia, 2017. Disponível em: <http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/FA_Quadro_Logico_2017.pdf>.

BNDES. *Relatório Anual do Fundo Amazônia (RAFA) 2018*. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), 2019. Disponível em: <http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/rafa/RAFA_2018_port.pdf>.

CEPAL. *Relatório de Avaliação de Meio Termo de Efetividade do Fundo Amazônia*. 2019. Disponível em: <<http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/Relatorio-Avaliacao-Meio-Termo-Fundo-Amazonia.pdf>>.

GIZ (2019a). *Relatório do Estudo de Distribuição de Benefícios do Fundo Amazônia*. Disponível em: <<http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/Relatorio-Distribuicao-de-Beneficios.pdf>>.

GIZ (2019b). *Relatório do Estudo temático de projetos de apoio do Fundo Amazônia ao Cadastro Ambiental Rural (CAR)*. Disponível em: <<http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/Relatorio-de-Estudo-CAR.pdf>>.

Notas

- 1 Chefe de departamento, gerente e técnico do BNDES. O presente artigo é de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do BNDES.
- 2 REDD+ é um instrumento desenvolvido no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC, na sigla em inglês) para recompensar financeiramente países em desenvolvimento por seus resultados relacionados a atividades de: (i) redução das emissões provenientes de desmatamento; (ii) redução das emissões provenientes de degradação florestal; (iii) conservação dos estoques de carbono florestal; (iv) manejo sustentável de florestas; e (v) aumento dos estoques de carbono florestal.
- 3 O Decreto nº 9.759, de 11 de abril de 2019, promoveu a extinção de diversos colegiados da administração pública federal, inclusive o COFA e o CTFA. Até a data da submissão desse

estudo de caso, ainda não foi definida qual será a nova governança do Fundo Amazônia.

4 <https://www.worldbank.org/pt/news/feature/2012/07/19/ppg7-maior-programa-ambiental-brasil>.

5 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6527.htm.

6 O Decreto nº 9.759, de 11 de abril de 2019, promoveu a extinção de diversos colegiados da administração pública federal, inclusive o Cofa e o CTFA. Até a data da conclusão desse artigo ainda não havia sido definida qual será a nova governança do Fundo Amazônia.

7 Com base “na diferença entre a taxa de desmatamento média histórica e a área desmatada efetivamente aferida no ano em avaliação, multiplicando-se esse resultado pela quantidade de carbono presente na biomassa, em toneladas de carbono por hectare” (BNDES, 2019).

8 Disponível em: <<http://www.fundoamazonia.gov.br/pt/biblioteca/fundo-amazonia/relatorios-anuais/>>.

9 Relatório Final de Avaliação de Efetividade *ex-post* dos projetos Biodiversidade, Compostos Bioativos da Amazônia, Florestas de Mangue, Ilhas de Belém e Incubadora de Políticas Públicas da Amazônia (UFPA/FADESP): <<http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/relatorio-efetividade-projetos/Relatorio-Final-de-Avaliacao-Projetos-CTIs.pdf>>.

10 Sete municípios que compõem a região conhecida como Portal da Amazônia, no extremo norte de Mato Grosso: Apicás, Alta Floresta, Carlinda, Nova Guarita, Nova Canaã do Norte, Terra Nova do Norte e Matupá.

11 O conceito de projeto, nesse caso, compreende, por exemplo, a simples aquisição de um equipamento para uma atividade produtiva que tenha sido planejada comunitariamente.

Bibliographic References

ANACHE, Bernardo; DEUS, Leandro Andrei Beser de. *Amazônia: Análise do desmatamento à luz do planejamento regional a partir da década de 1950.*

In: BRITTO, Fabio Giusti Azevedo de; GIANNELLA, Letícia de Carvalho; SEABRA, Rogério dos Santos (Org.). *Análise ambiental e gestão do território: contribuições teórico-metodológicas.* Rio de Janeiro: IBGE, 2018. 340 p.

_____, MAIA, Heliandro Torres, EGER, Helmut, Weiss, Joseph, WALKER, Robert. *Avaliação de efetividade do projeto Sementes do Portal.* Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), 2016.

BRAZIL. *Decree 6,527/2008 on the creation of the Amazon Fund.* 2008. Available at: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6527.htm>.

BRAZIL. *Decree 9,759/2019 on the extinction and the establishment of guidelines, rules, and limitations for federal public administration boards.* 2019. Available at: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9759.htm>.

BRITO, Alef; FERREIRA, Gabriel de Lima; BUDI, Janina; RODEKIRCHEN, Magdalena; SÁ, Paula de. *Avaliação de efetividade do projeto Bolsa Floresta.* Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), 2018.

BRAZIL. *Decree 6,527/2008 on the creation of the Amazon Fund.* 2008. Available at: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6527.htm>.

_____. *Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal.* Ministério do Meio Ambiente (MMA) 2016. S.d. Available at: <<https://www.mma.gov.br/informma/item/616-preven%C3%A7%C3%A3o-e-controle-do-desmatamento-na-amaz%C3%B4nia>>.

BNDES. *Quadro Lógico do Fundo Amazônia.* Fundo Amazônia, 2017. Available at: <http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/FA_Quadro_Logico_2017.pdf>.

BNDES. *Relatório Anual do Fundo Amazônia (RAFA) 2018.* Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), 2019. Available at: <http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/rafa/RAFA_2018_port.pdf>.

CEPAL. *Relatório de Avaliação de Meio Termo de Efetividade do Fundo Amazônia.* 2019. Available at: <<http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/Relatorio-Avaliacao-Meio-Termo-Fundo-Amazonia.pdf>>.

GIZ (2019a). *Relatório do Estudo de Distribuição de Benefícios do Fundo Amazônia.* Available at: <<http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/Relatorio-Distribuicao-de-Beneficios.pdf>>.

GIZ (2019b). *Relatório do Estudo temático de projetos de apoio do Fundo Amazônia ao Cadastro Ambiental Rural (CAR).* Available at: <<http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/Relatorio-de-Estudo-CAR.pdf>>.

Notes

1 Head of department, manager and technician at BNDES. This article is the sole responsibility of its authors, and does not necessarily reflect BNDES opinion.

2 REDD+ is an instrument developed under the United Nations Framework Convention on Climate Change (UNFCCC) to financially reward developing countries for their results related to activities of: (i) reducing emissions from deforestation; (ii) reduction of emissions from forest degradation; (iii) conservation of forest carbon stocks; (iv) sustainable management of forests; and (v) increase in forest carbon stocks.

3 Decree No. 9,759, of April 11, 2019, promoted the extinction of several boards of the federal public administration, including COFA and CTFA. As of the date of submission of this case study, the new governance of the Amazon Fund has not yet been defined.

4 <https://www.worldbank.org/pt/news/feature/2012/07/19/ppg7-maior-programa-ambiental-brasil>.

5 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6527.htm.

6 The Decree No. 9,759, of April 11, 2019, promoted the extinction of several boards of the federal public administration, including Cofa and CTFA. As of the date of completion of this article, the new governance of the Amazon Fund has not yet been defined.

7 Based on “the difference between the historical average deforestation rate and the deforested area actually measured in the year under assessment, multiplying this result by the amount of carbon present in the biomass, in tons of carbon per hectare” (BNDES, 2019).

8 Available at: <<http://www.fundoamazonia.gov.br/pt/biblioteca/fundo-amazonia/relatorios-anuais/>>.

9 Final *ex-post* Effectiveness Assessment Report for Biodiversity, Bioactive Compounds in the Amazon, Mangrove Forests, Belém Islands and Amazon Public Policy Incubator projects (UFPA/FADESP): <<http://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/monitoramento-avaliacao/relatorio-efetividade-projetos/Relatorio-Final-de-Avaliacao-Projetos-CTIs.pdf>>.

10 Seven municipalities that make up the region known as Portal da Amazônia, in the extreme north of Mato Grosso: Apicás, Alta Floresta, Carlinda, Nova Guarita, Nova Canaã do Norte, Terra Nova do Norte, and Matupá.

11 The project concept, in this case, includes, for example, the simple acquisition of equipment for a productive activity that has been planned in community.



A IMPORTÂNCIA DA AMAZÔNIA

PARA O BRASIL, OS BRASILEIROS E O MUNDO

Antonio Lavareda¹

IPESPE

Marcela Montenegro²

IPESPE

Eldorado, inferno verde, pulmão do mundo, maior reserva de biodiversidade do planeta. O imaginário relativo à Amazônia evoluiu ao longo do tempo. É dinâmico, diversificado e, de algum modo, sempre desconcertante. A maior floresta tropical da Terra conquistou status de celebridade mundial. O que nela se passa não interessa apenas ao Brasil e aos demais países pelos quais ela se estende, mas reverbera com intensidade em outros continentes.

Se a ciência já desmontou o mito da Amazônia como grande provedora de oxigênio para a humanidade, mostrou-nos, por outro lado, que esse gigantesco ecossistema – com 5,5 milhões de km² – é, ao mesmo tempo, frágil e fundamental para o equilíbrio do regime de chuvas da América do Sul e para a minimização das mudanças climáticas no planeta.

Pesquisas de opinião realizadas há pouco tempo nos Estados Unidos e na Europa – referidas ao longo desta análise – comprovam que a percepção sobre a importância da preservação ambiental vem crescendo de modo significativo, ocupando lugar cada vez mais central na agenda pública do Ocidente.

O Observatório Febraban sobre a Amazônia,³ estudo realizado pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe) e no qual se baseia este artigo, mapeou os avanços da consciência da sociedade brasileira a respeito da Amazônia, porque ela, em última instância, é a principal *stakeholder* da preservação da floresta. Trata-se de uma investigação de percepções, atitudes e valores dos

THE IMPORTANCE OF THE AMAZON FOR BRAZIL, BRAZILIANS, AND THE WORLD

Eldorado, green hell, the world's lungs, the largest biodiversity reserve on the planet. The imagination related to Amazon has evolved. It is dynamic, diverse, and, in some ways, always disconcerting. The largest rainforest on Earth has achieved worldwide celebrity status. What is happening in it is not only of interest to Brazil and the other countries through which the Amazon extends itself, but it reverberates with intensity in other continents.

If science has already dismantled the myth of the Amazon as a major oxygen provider for humanity, it has shown us, on the other hand, that this gigantic ecosystem – with 5.5 million square kilometers – is, at the same time, both fragile and fundamental for the balance of the South American rainfall regime and to minimize climate change on the planet.

Opinion surveys carried out recently in the United States and Europe – mentioned throughout this analysis – ascertain that the perception of the importance of environmental preservation has been growing significantly, occupying an increasingly central place in the Western public agenda.

The Observatório Febraban sobre a Amazônia, a study on which this article is based, carried out by the Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe), mapped the advances of Brazilian society's awareness of the Amazon since that is ultimately the

brasileiros sobre a Amazônia, que incluiu, também, uma amostra específica da população da Amazônia Legal (área definida em 1966, abrangendo todos os estados da região Norte, mais Mato Grosso e parte do Maranhão, correspondendo a 60% da floresta),⁴ permitindo a comparação das tendências de opinião nacionais e locais.

Nesse cotejo, foram identificadas muitas semelhanças e algumas diferenças que merecem ser destacadas. Há convergência sobretudo nas atitudes e nos valores em relação à preservação da Amazônia e sua importância para o país e para a vida pessoal. Também são assemelhados os resultados concernentes à soberania nacional e aos interesses internacionais. Já as diferenças ocorrem em temas sobre os quais a população local tem mais conhecimento e experiência.

Como se verá adiante, os resultados, em geral, evidenciam que os brasileiros atribuem grande importância à preservação do meio ambiente; olham com muito zelo a Amazônia; têm elevada consciência sobre a importância desse ecossistema para o país, a sociedade e sua própria vida. Essa régua coloca como pauta prioritária a proteção da floresta e o desenvolvimento sustentável da sua região.

Consciência ambiental: brasileiros em compasso com o mundo

Ao longo das últimas décadas do século XX e dos primeiros anos do século XXI, a agenda ambiental ganhou espaço no debate público, além de legitimidade e relevância nos meios de comunicação no Brasil e no mundo:

Historicamente, os media exerceram papel expressivo na divulgação da agenda ambiental, um fenômeno que adquiriu projeção internacional. Inicialmente, a ecologia era tratada de forma episódica e fragmentada, mas, com o passar do tempo, tornou-se um supertema, ao romper a lógica de assunto eventual da agenda mediática para tornar-se problemática com abordagem continuada e recorrente. Atualmente, as pautas sobre ambiente cobrem assuntos diretamente relacionados ao cotidiano do cidadão, como a coleta seletiva de lixo, o desperdício de água, a redução do consumo

main stakeholder in forest preservation. This is an investigation of the perceptions, attitudes, and values of Brazilians about the Amazon, which also included a specific sample of the population of the Legal Amazon (an area defined in 1966, covering all states in the North region, plus Mato Grosso and part of Maranhão, corresponding to 60% of the forest), allowing the analysis of national and local opinion trends.

In this comparison, many similarities and some differences were identified that deserve to be highlighted. There is convergence, above all, in attitudes and values concerning the preservation of the Amazon and its importance for the country and personal life. The results concerning national sovereignty and international interests are also similar. Yet, differences occur in topics on which the local population has more knowledge and experience.

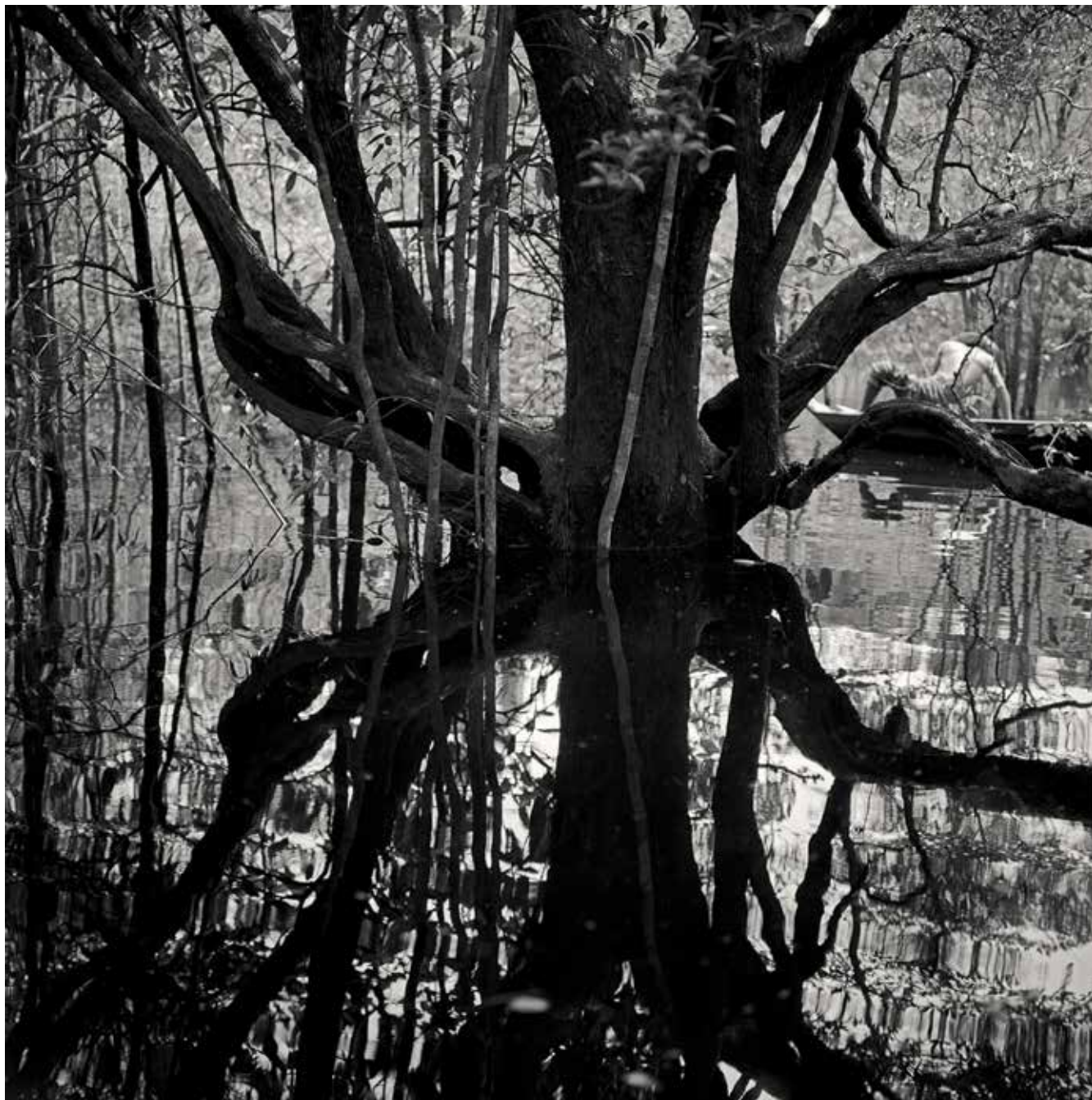
All in all, the results are encouraging. As we will see below, they show that Brazilians, attach great importance to environment preservation; they look with great concern at the Amazon; they are highly aware of the importance of this ecosystem for their country, society, and their own lives. This ruler sets as a primary agenda the protection of the forest and the sustainable development of the region.

Environmental awareness: Brazilians in step with the world

Throughout the last decades of the 20th century and the first years of the 21st century, the environmental agenda has gained space in public debate, legitimacy, and relevance in the media in Brazil and worldwide:

Historically, the media have played an expressive role in the dissemination of the environmental agenda, a phenomenon that has acquired international projection. Initially, ecology was treated in an episodic and fragmented manner, but over time it became a super-theme, breaking the logic of the eventual subject of the media agenda to become problematic with a continuous and recurrent approach. Nowadays, environmental agendas cover issues related to citizens' daily lives, such as selective garbage collection, water waste, reduction of household electricity consumption, use of fossil fuels in cars, etc. It is the social insertion of the environmental agenda into everyday social relations. (BARROS, 2013, p. 2)





de energia elétrica nos domicílios, o uso de combustíveis fósseis nos automóveis etc. É a inserção social da agenda ambiental nas relações sociais do cotidiano. (BARROS, 2013, p. 2)

A agenda ambiental não é recente, mas nunca foi tão atual. O ano de 1988 foi um marco no despertar da consciência ambiental mundial, com o Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática das Nações Unidas (IPCC) disseminando a discussão sobre “efeito estufa” e “mudanças climáticas”, temas que ganharam grande destaque na mídia internacional. Uma década depois, em 1997, a assinatura do protocolo de Kyoto insere definitivamente a questão ambiental na agenda de prioridades dos países e traz um alerta dramático: o clima do planeta estava se aquecendo mais rapidamente do que o imaginado, e, se medidas impactantes não fossem tomadas, as mudanças climáticas comprometeriam a biodiversidade, destruiriam ecossistemas e derreteriam as geleiras, levando os oceanos a inundarem vastas áreas litorâneas, enquanto a desertificação de grandes extensões de terra tornaria impossível a vida humana em boa parte do planeta.

Com muitas controvérsias e após mais um ciclo de 10 anos, chega-se a 2021 com dados promissores no que diz respeito à consciência ambiental. Em pesquisa recente do Pew Research Center, 64% dos americanos afirmaram que proteger o meio ambiente deve ser uma prioridade para o Governo Federal e o Congresso – em 2009, esse percentual era de 42%. O Gallup registrou o índice de 69% de interesse dos americanos pela questão ambiental em março de 2020. Do mesmo modo, levantamento do Eurobarômetro do mês de dezembro de 2020, em 28 países, indica que proteger o meio ambiente é importante para 94% dos cidadãos europeus, enquanto outros 91% consideram as alterações climáticas um problema grave na União Europeia.

Tais discussões reverberaram também no Brasil. Em levantamento sobre as percepções acerca do meio ambiente, o Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP) já indicava uma crescente preocupação dos brasileiros com a questão entre 1990 e 2010. Por outro lado, a preservação do meio ambiente ainda não era percebida como uma prioridade

The environmental agenda is not new, but it has never been more relevant. 1988 was a milestone in the awakening of global environmental awareness, with the United Nations Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) disseminating the discussion on “greenhouse effect” and “climate change”, themes that have gained great prominence in the international media. A decade later in 1997, the signing of the Kyoto protocol definitively puts the environmental issue on the countries' priority agenda and brings a dramatic warning: the planet's climate was warming faster than imagined, and if no impacting measures were taken, climate change would compromise biodiversity, destroy ecosystems, melt glaciers, causing oceans to flood vast coastal areas, while the desertification of large tracts of land would make human life impossible in much of the planet.

With many controversies and after another 10-year cycle, we are reaching 2021 with promising data regarding environmental awareness. In a recent survey by the Pew Research Center, 64% of Americans said that protecting the environment should be a priority for the Federal Government and Congress – in 2009, that percentage was 42%. Gallup recorded a 69% rate of interest by Americans in environmental issues in March 2020. Similarly, in December 2020 Eurobarometer survey of 28 countries indicates that protecting the environment is important to 94% of European citizens, while another 91% consider climate change a serious problem in the European Union.

Such discussions reverberate here as well. In a survey on perceptions about the environment, the Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP) already indicated a growing concern of Brazilians with the issue between 1990 and 2010. On the other hand, environmental preservation was not yet perceived as a priority in government policies. The same evolutionary study pointed to an increase in “the willingness of Brazilians to contribute to the protection of the environment, especially through actions in their daily lives” (CESOP, 2012, p. 538).

In line with these trends, the *Observatório Febraban sobre a Amazônia* revealed that Brazilians currently attach great importance to environmental preservation. The first aspect to be highlighted is the high interest in this topic, reaching 74% of the interviewees, who claim to have much or some interest in ecology and environment. Among those with higher education, this percentage reaches 85%.



nas políticas governamentais. O mesmo estudo evolutivo apontou um aumento da “disposição dos brasileiros de contribuir com a proteção ao meio ambiente, sobretudo através de ações em seu cotidiano” (CESOP, 2012, p. 538).

Em linha com essas tendências, o Observatório Febraban sobre a Amazônia revelou que os brasileiros atribuem, atualmente, grande importância à preservação do meio ambiente. O primeiro aspecto a ser destacado é o elevado interesse por essa temática, chegando a 74% dos entrevistados, que afirmam ter muito ou algum interesse por ecologia e meio ambiente. Entre os de escolaridade superior, esse percentual chega a 85%.

Amazônia hoje: consciência e preocupação

Se a preocupação com o meio ambiente em geral já se mostrou elevada, com relação à Amazônia é quase unânime. Os dados registram que, mesmo conhecendo a Amazônia a distância, os brasileiros têm nítida consciência sobre a importância desse ecossistema para o país, a sociedade e sua própria vida.

Amazon today: awareness and concern

If the concern with the environment, in general, has already shown itself to be high, concerning the Amazon it is almost unanimous. The data record that, even knowing the Amazon from a distance, Brazilians are aware of the importance of this ecosystem for the country, society, and their own life.

Nearly 90% of those interviewed say they are concerned about the preservation of the Amazon, with 55% “very concerned” and 33% “concerned.” The Atlantic Forest comes in distant second place, with 11% of mentions. Among young people, the concern is 94% and the risk perception for the Amazon reaches 68%.

The perception of the relevance of this region is impressive, both for the country and for individuals and their families. Urged to attribute importance on a scale of 0 to 10, 77% of those interviewed considered the Amazon “very important” for Brazil and 72%, for their life and that of their family. The general average was 9.5 for the country and 9.4 for the individual level. In the aforementioned Eurobarometer/2019 survey, 78% of European Union citizens have agreed

Chega perto dos 90% o percentual de entrevistados que se dizem preocupados com a preservação da Amazônia, com 55% de “muito preocupados” e 33% de “preocupados”. A Mata Atlântica vem em distante segundo lugar, com 11% de menções. Entre os jovens, a preocupação é de 94% e a percepção de risco para a Amazônia chega a 68%.

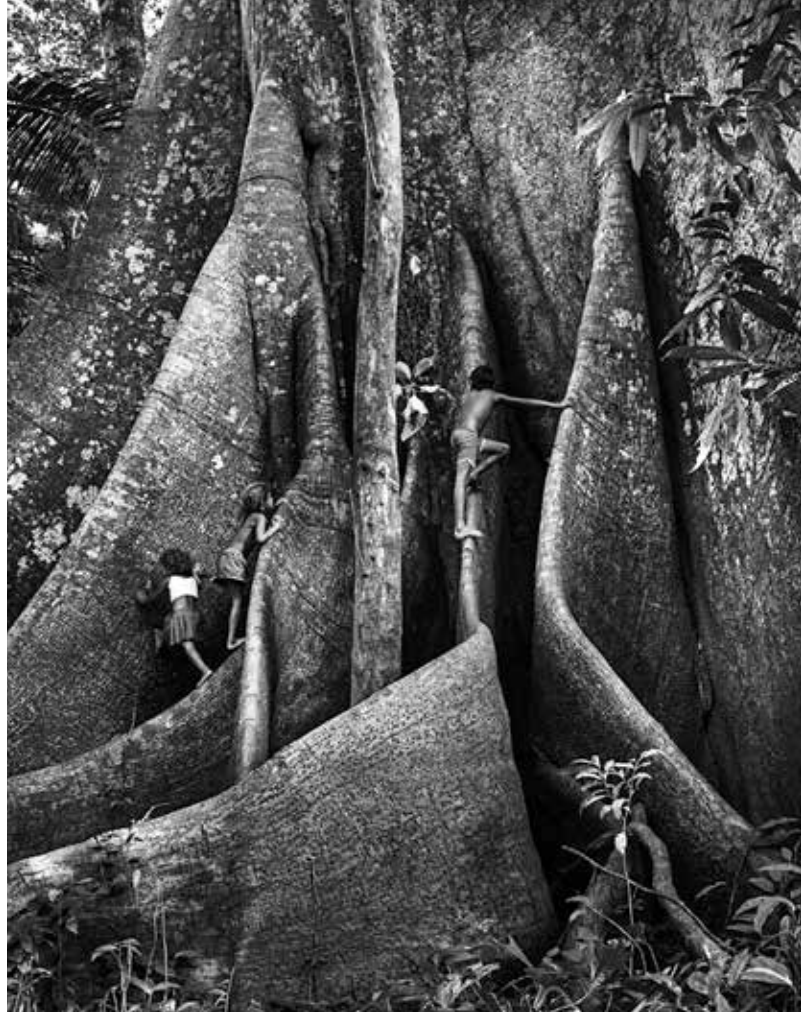
Impressiona a percepção de relevância dessa região, tanto para o país como para as pessoas individualmente e suas famílias. Instados a atribuir a importância numa escala de 0 a 10, 77% dos entrevistados consideraram a Amazônia “muito importante” para o Brasil e 72%, para a sua vida e a de sua família. A média geral é de 9,5 de importância para o país e 9,4 no plano individual. No referido levantamento do Eurobarômetro/2019, 78% dos cidadãos europeus concordam que as questões do meio ambiente têm efeito direto na sua vida cotidiana e na sua saúde.

Na mesma linha, é quase absoluta a concordância com a ideia de que “preservar a Amazônia é essencial para a identidade nacional”, compartilhada por 94% dos entrevistados. Para efeito de comparação, em pesquisa Ibope⁵ de agosto de 2020, esse percentual de concordância (concorda totalmente + concorda em parte) é exatamente igual, considerando o bioma como uma das maiores riquezas do Brasil e estratégico para o equilíbrio climático.

Combate ao desmatamento ilegal no topo da agenda

Conforme percepção nacional, a população daquela região enfrenta seus maiores problemas em três áreas: na preservação da floresta (22%), na saúde (17%) e na atenção aos indígenas (16%). Outras questões, embora frequentem o noticiário nacional, parecem ter menor relevância aos olhos da opinião pública, como a regularização fundiária (6%) e a segurança do transporte fluvial (2%).

Nesse cenário, o desmatamento é visto como uma das principais problemáticas associadas à Amazônia: 77% consideram que se agravou nos últimos anos, número que chega a 81% entre as mulheres, 80% entre os jovens e 81% daqueles com renda entre dois e cinco salários mínimos. Ainda que sejam igualmente elevados, os índices de opinião sobre o aumento do desmatamento chegam a 71% entre a



that environmental issues have a direct effect on their daily lives and health.

In the same vein, there is an almost unanimous agreement with the idea that “preserving the Amazon is essential for national identity” (94%). For the sake of comparison, in an Ibope⁵ survey of August ,2020, this percentage of agreement (totally agree plus partially agree) is the same, considering Amazon as one of the greatest wealth of Brazil and strategic for the climate balance.

Combating illegal deforestation at the top of the agenda

According to the national perception, the population of that region faces its biggest problems in three areas: forest preservation (22%); health (17%); and the lack of attention to indigenous people (16%). Other issues, although they appear on the national news, seem to have less relevance in the eyes of public opinion, such as land tenure regularization (6%) and river transport safety (2%).

In this scenario, deforestation is seen as one of the main problems associated with the Amazon: 77%

população da Amazônia Legal, seis pontos percentuais abaixo do *score* registrado no país como um todo. Segundo a pesquisa, a percepção é a de que o desmatamento ameaça a biodiversidade e impacta nas mudanças climáticas.

A preocupação com os indígenas é acompanhada pelo reconhecimento, por parte de 58% dos entrevistados, de que têm pouco ou nenhum conhecimento sobre a vida e a situação dos povos indígenas, enquanto 35% afirmam ter conhecimento médio.

Preservação sustentável = desenvolvimento sustentável

Conjugar o desenvolvimento e a preservação da floresta deve ser o objetivo maior dos governos (60%) – percentual que cresce para 71% entre os jovens e 70% no nível superior. A preservação ambiental é a opção principal e exclusiva de apenas um terço dos brasileiros pesquisados.

O comparativo entre os dois universos pesquisados evidencia que a visão da população brasileira sobre a Amazônia tem viés ligeiramente mais preservacionista. Nota-se que a tendência majoritária, em ambos, é de apoio maciço à preservação. O percentual dos habitantes locais que desejam a conciliação entre desenvolvimento e preservação ambiental é maior do que na população nacional (68%).

Por fim, cumpre destacar a expressiva diferença de percepção quanto ao desenvolvimento da região: 39% da população local avalia que, nos últimos anos, os estados da região se desenvolveram, contra 24% que têm visão contrária (na nacional, os números são 26% e 30%, respectivamente).

Já sobre o isolamento geográfico, 74% da amostra nacional e 72% da local acham que a Amazônia é “meio isolada” das demais regiões do país. Quanto à identidade regional, os maranhenses se identificam mais como Nordeste (84%) do que com a Amazônia (14%), assim como os mato-grossenses, com o Centro-Oeste (70% versus 19% com a Amazônia). Mesmo entre os nortistas, 55% se identificam mais com a região Norte e 38%, com a Amazônia.

A realidade mostra que preservação pode encarecer algumas atividades econômicas. Contudo, quase dois terços dos brasileiros (64%) asseguram que estariam dispostos a pagar mais caro por

believe that it has worsened in recent years, a number that reaches 81% among women, 80% among young people, and 81% of those with income between two and five minimum wages. Although it is equally high, the opinion on the increase in deforestation among the population of the Legal Amazon reaches 71%, six percentage points below the score registered in the country as a whole. The perception is that deforestation threatens biodiversity and impacts climate change.

The concern for indigenous people is accompanied by the recognition by 58% of respondents that they have little or no knowledge about the life and situation of indigenous peoples, while 35% claim to have average knowledge.

Sustainable preservation = sustainable development

Combining development and forest preservation should be the main objective of governments (60%) – a percentage that grows to 71% among young people and 70% at higher education. Environmental preservation is the main and exclusive option of one-third of the Brazilians surveyed.

The comparison between the two universes surveyed – local population and Brazilians in general – shows that the Brazilian population's view of the Amazon has a slightly more preservationist bias. It should be noted that the majority trend, in both, is massive support for preservation. The percentage of local inhabitants who wish to conciliate development and environmental preservation is higher than in the national population (68%).

Finally, the significant difference in perception regarding the development of the region should be highlighted: 39% of the local population evaluates that, in the last years, the states of the region have developed, against 24% that have the opposite vision (in the national, the numbers are 26% and 30%, respectively).

As for the geographical isolation, 74% of the national sample and 72% of the local sample think that the Amazon is “half isolated” from other regions of the country, while 21% and 25%, respectively, consider it “well integrated.” As for regional identity, Maranhão people identify themselves more as Northeastern (84%) than with the Amazon inhabitants (14%), as those from Mato Grosso, with the Midwest (70% versus 19% with the Amazon). Even among northerners,



produtos sustentáveis: 82% dos jovens declaram essa disposição. Isso significa que, pelo menos em tese, as pessoas desejam dar sua própria contribuição para que a preservação do meio ambiente seja prioridade.

Amazônia pela tela da TV

A imagem da Amazônia junto aos brasileiros é rica, forte, carregada de valores e de emoções, porém formada a distância. 86% dos entrevistados das outras regiões nunca viajaram para os estados da Amazônia, e 89% não tiveram oportunidade de conhecer presencialmente a floresta. Como era de se esperar, o conhecimento da floresta é consideravelmente mais elevado entre os moradores da região do que no restante do país (52% > 11%). No entanto, ainda assim, quase metade dos moradores da região (48%) nunca a visitou.

A ausência de um contato próximo e real com a Amazônia alinha-se à percepção preponderante de isolamento da região, segundo a qual apenas 21% considerem-na bem integrada ao país. A opinião sobre o isolamento cresce conforme se eleva o nível de escolaridade, chegando a 81% no nível superior.

55% identify more with the North Region and 38% with the Amazon.

The reality shows that preservation may impact some economic activities. However, almost two-thirds of Brazilians (64%) say they would be willing to pay more for sustainable products. 82% of young people declare this disposition. That is, at least in the thesis, people want to make their contribution so that the preservation of the environment is a priority.

The Amazon through TV screen

The image of the Amazon among Brazilians is rich, strong, and full of values and emotions; however, formed at a distance. 86% of the interviewees from other regions never traveled to the Amazon states, and a similar percentage, 89%, did not have the opportunity to get to know the forest in person. As expected, knowledge of the forest is considerably higher among the region's inhabitants than in the rest of the country (52% > 11%). However, even so, almost half of the region's residents (48%) never visited it.

The absence of close and real contact with the Amazon is in line with the prevailing perception of isolation in the region, with only 21% considering it well



Nesse contexto de distanciamento em relação à Amazônia, constata-se o papel fundamental exercido pela televisão como fonte de referências sobre a região. Nada menos que 61% das pessoas usam a TV como principal meio de informação sobre a grande floresta. A Internet vem em segunda posição, com 18% – sendo *sites/blogs* (10%) e redes sociais (8%) –, seguida por jornais, com (11%), todos muito longe de disputar um lugar de relevância.

A partir de tais fontes, 69% declaram-se informados, em maior ou menor medida, sobre a Amazônia. Segundo a maioria (57%), as notícias mais recentes a que tiveram acesso são negativas e, para apenas 15%, são positivas; 23% avaliam como nem positivas, nem negativas.

Por fim, conhecer a Floresta Amazônica é objeto de desejo dos brasileiros. Oito em cada dez pessoas (81%) querem essa oportunidade. Quase 100% dos jovens têm essa vontade.

integrated with the country. The opinion on isolation grows as the level of schooling rises, reaching 81% at higher education.

In this context of distancing from the Amazon, the central role played by television is seen as a source of references about the region. No less than 61% of people use TV as their main means of information about the great forest. The Internet is in the second position, with 18% – being websites/blogs (10%) and social networks (8%) – and newspapers, with (11%), all far from disputing a place of relevance.

From these sources, 69% declare themselves informed, to a greater or lesser extent, about the Amazon. According to the majority (57%), the most recent news they have had access to is negative and for only 15% it is positive; 23% evaluate it as neither positive nor negative.

Finally, getting to know the Amazon Forest is an object of desire for Brazilians. Eight out of ten people (81%) want such an opportunity. Almost 100% of young people have such a desire.

Referências bibliográficas

- BARROS, Antonio Teixeira de. *A visibilidade ambiental em perspectiva sociológica: estudo comparado Brasil-Portugal*. Porto Alegre: Sociologias, ago. 2013. v. 15, n. 33, pp. 318-345.
- CESOP/OPINIÃO PÚBLICA. Encarte Tendências. Campinas, nov. 2012. v. 18, n. 2, pp. 537-550.
- EUROPEAN COMMISSION. *Eurobarometer: Protecting the environment and climate*. Press release. mar. 2020. Disponível em: <https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP_20_331>. Acesso em: 9 out. 2020.
- GALLUP. Environmental Conditions, Leadership Ratings, & Global Warming. Gallup Poll Social Series: Environment. March 2-13, 2020. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/308876/environmentalratings-global-warming-concern-flat-2020.aspx>>. Acesso em: 9 out. 2020.
- GALLUP. *Brasileiros menos satisfeitos com o meio ambiente na Amazônia*. World. Aug. 2019.

Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/266183/brazilians-least-satisfied-amazon-environment.aspx>>. Acesso em: 9 out. 2020.

PEW RESEARCH CENTER. *Os americanos consideram a disseminação de doenças como a principal ameaça internacional, junto com o terrorismo, as armas nucleares e os ataques cibernéticos*. abr. 2020. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/global/2020/04/13/americans-see-spread-of-disease-as-top-international-threat-along-with-terrorism-nuclear-weapons-cyberattacks/>>. Acesso em: 9 out. 2020.

Notas

- 1 Antonio Lavareda é sociólogo e PhD em Ciência Política. Presidente do Conselho Científico do Ipespe.
- 2 Marcela Montenegro é comunicóloga com MBA em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas. Diretora-executiva do Ipespe.

3 O Observatório Febraban sobre a Amazônia foi realizado pelo Ipespe entre 11 e 19 de agosto de 2020, com amostra nacional de 1.200 entrevistados, representativa da população adulta brasileira de 18 anos e mais, de todas as regiões do país, com cotas de sexo, idade e localidade e controle de instrução. Além da amostra nacional, foi realizada uma amostra complementar de 300 entrevistados – totalizando 456 entrevistados –, representativa da população da Amazônia Legal (que abrange todas as UFs da região Norte, o Mato Grosso e parte do Maranhão).

4 IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonialegal.html>>. Acesso em: 23 out. 2020.

5 Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, atual Ipec.

Bibliographic References

- BARROS, Antonio Teixeira de. *A visibilidade ambiental em perspectiva sociológica: estudo comparado Brasil-Portugal*. Porto Alegre: Sociologias, Aug. 2013. v. 15, n. 33, pp. 318-345.
- CESOP/OPINIÃO PÚBLICA. Encarte Tendências. Campinas, Nov. 2012. v. 18, n. 2, pp. 537-550.
- EUROPEAN COMMISSION. *Eurobarometer: Protecting the environment and climate*. Press release. Mar. 2020. Available at: <https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP_20_331>. Access on: Oct 09, 2020.
- GALLUP. Environmental Conditions, Leadership Ratings, & Global Warming. Gallup Poll Social Series: Environment. March 2-13, 2020. Available at: <https://news.gallup.com/poll/308876/environmentalratings-global-warming-concern-flat-2020.aspx>>. Access on: Oct 09, 2020.
- GALLUP. *Brasileiros menos satisfeitos com o meio ambiente na Amazônia*. World. Aug. 2019. Available at: <<https://news.gallup.com/poll/266183/brazilians-least-satisfied-amazon-environment.aspx>>. Access on: Oct 09, 2020.

environment.aspx>. Access on: Oct 09, 2020.

PEW RESEARCH CENTER. *Os americanos consideram a disseminação de doenças como a principal ameaça internacional, junto com o terrorismo, as armas nucleares e os ataques cibernéticos*. Apr. 2020. Available at: <<https://www.pewresearch.org/global/2020/04/13/americans-see-spread-of-disease-as-top-international-threat-along-with-terrorism-nuclear-weapons-cyberattacks/>>. Access on: Oct 09, 2020.

Notes

- 1 Sociologist and PhD in political science. Chairman of the Ipespe Scientific Council. *
- 2 Communicologist with MBA in marketing from Fundação Getúlio Vargas. Ipespe executive director.
- 3 The Observatório Febraban sobre a Amazônia was conducted by Ipespe

between August 11 and 19, 2020, with a national sample of 1,200 respondents, representative of the Brazilian adult population aged 18 and over, from all regions of the country, with quotas of sex, age and location and instruction control. In addition to the national sample, a complementary sample of 300 respondents – totaling 456 respondents – was made, representing the population of the Legal Amazon (which covers all the states in the Northern Region, plus Mato Grosso and part of Maranhão).

4 IBGE. Available at: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonialegal.html>>. Access on: Oct 23, 2020.

5 Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, current Ipec.



AS ORGANIZAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E A AMAZÔNIA BRASILEIRA

João Meirelles Filho¹

INSTITUTO PEABIRU

As organizações socioambientais

Ao receber o convite para este artigo, imediatamente me veio à mente que seria preciso ouvir os meus colegas de outras organizações. Esse é um princípio caríssimo ao terceiro setor: buscar compreender a visão de outras organizações e públicos. Enviei mensagens a cerca de trinta entidades atuantes na Amazônia Brasileira, que, como militante, acompanho há mais de três décadas.

A forja da abreviação “ONG” a partir de “organização não governamental”, sendo esses termos derivados de *non-governmental organization* (NGO), na língua inglesa, indica uma tentativa de rotular as organizações da sociedade civil pela sua negação. Essa semântica mais desqualifica que habilita, haja vista que somos organizações da sociedade civil sem fins lucrativos (OSCs), e muitas se qualificaram como de interesse público (Oscip).

Este artigo dedica-se apenas às organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, independentes, sem peias político-partidárias, sindicais ou religiosas, apartadas de grupos econômicos e com pautas eminentemente socioambientais, ora denominadas *Socioambientais*. Esse termo bem se explica na apresentação do Instituto Socioambiental (ISA), uma das maiores e mais atuantes entidades – o que o move é “propor soluções de forma integrada a questões sociais e ambientais com foco central na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos” (ISA, *website*).

SOCIO-ENVIRONMENTAL ORGANIZATIONS AND THE BRAZILIAN AMAZON

The Socio-Environmental Organizations

Upon receiving the invitation for writing this article, it immediately came to my mind that I would need to listen to my colleagues from other organizations. This is a principle dear to the third sector: seeking to understand the vision of other organizations and audiences. I have sent messages to about thirty entities operating in the Brazilian Amazon, which, as an activist, I have been following for more than three decades.

The forging of the abbreviation “NGO” from “non-governmental organization”, in English, indicates an attempt to label civil society organizations for what they are not. This semantics disqualifies more than enables them, given that we are non-profit civil society organizations (OSCs, in Portuguese), and many have qualified as of public interest (Oscip, in Portuguese).

This article deals only with non-profit, independent civil society organizations, with no political party, union or religion, apart from economic groups and with prominently socio-environmental agendas, hereafter called Socio-environmental. This term is well explained in the presentation by the Instituto Socioambiental (ISA), one of the largest and most active entities – what moves it is “offering solutions that are integrated to social and environmental issues with a central focus on the defense of social, collective and diffuse goods and rights related to the environment, cultural heritage, and human and peoples’ rights” (ISA website).

Consideram-se apenas entidades profissionais formais, com histórico de trabalho publicamente reconhecido, com base técnico-científica comprovada, corpo técnico permanente, alta capacidade de gestão, transparentes e auditadas. Ainda que imprescindíveis, não se incluem aqui aquelas com base de atuação em assistência social, educação, saúde, cultura e segurança.

Causas e públicos

A razão para a criação das *Socioambientais* reside na ausência do poder público no enfrentamento das principais agendas socioambientais da Amazônia. Há um profundo desinteresse da sociedade brasileira e da elite local pela maior parte dessas temáticas. No maior bioma tropical do planeta, com tal biocomplexidade e sociodiversidade, e em que as distâncias e a falta de infraestrutura são maiores, uma maior presença do Estado seria crucial.

Mesmo que originadas por fatores agregadores, as *Socioambientais* se constituíram para, sobretudo, atender às agendas locais e se consolidaram na medida em que foram capazes de responder a essas causas públicas e genuínas de forma transparente. Seu maior patrimônio é a sua probidade, o seu nome. As *Socioambientais*, com poucos recursos, buscam demonstrar à iniciativa privada e ao poder público formas de enfrentamento de questões graves, como o acesso à água de qualidade. É a essa temática que o Saúde e Alegria,² em seus 30 anos, vem se dedicando na região do Baixo Tapajós e Médio Amazonas, prestando assistência regular a 15 mil ribeirinhos, realizando cerca de 20 mil procedimentos de saúde e 200 atividades de educação e prevenção por ano, em parceria com universidades, Forças Armadas e entidades governamentais. No mesmo caminho, o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) atuou em assentamentos do Incra, beneficiando mais de 12,5 mil pessoas, em Mojuí dos Campos, PA.

Movidos pela urgência de facilitar e melhorar o contato com grupos indígenas isolados, ex-funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai) e pesquisadores fundaram a Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé (Kanindé), em Rondônia. A questão indígena foi a base das primeiras OSCs da Amazônia,

Only formal professional entities are considered, with a publicly recognized work history, with proven technical-scientific basis, permanent technical staff, high management capacity, transparent and audited. Even though they are essential, those based on social assistance, education, health, culture and security are not included here.

Causes and target groups

The reason for the creation of Socio-environmental organizations lies in the absence of public power in confronting the main socio-environmental agendas in the Amazon. There is a profound disinterest in Brazilian society and the local elite in most of these themes. In the largest tropical biome on the planet, with such biocomplexity and socio-diversity, and in which the distances and the lack of infrastructure are greater, a more comprehensive presence of the State would be crucial.

Even if originated by aggregating factors, Socio-environmental organizations were constituted, above all, to meet the local agendas, and consolidated themselves to the extent that they were able to respond to these public and genuine causes in a transparent manner. Their greatest asset is their probity, and their name. The Socio-environmental organizations, with their limited resources, seek to show to the private sector and to the public authorities' ways of tackling serious issues, such as access to quality water. It is to this theme that Saúde e Alegria,² in its 30 years, has been dedicating itself in the region of the lower Tapajós and Middle Amazonas, providing regular assistance to 15 thousand riverside dwellers, carrying out about 20 thousand health procedures and 200 education and prevention activities per year, in partnership with universities, the armed forces and government entities. In the same way, the Amazon Environmental Research Institute (Ipam, in Portuguese) worked in settlements of the National Institute of Colonization and Agrarian Reform (Incra, in Portuguese), benefiting more than 12,500 people, in Mojuí dos Campos, PA.

Driven by the urgency to facilitate contact with isolated indigenous groups, former employees of the Fundação Nacional do Índio (Funai) and researchers founded the Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé (Kanindé), in Rondônia. The indigenous issue

milитantes históricos da causa dos povos originários, como a pioneira Operação Anchieta (Opan, 1969); a Comissão Pró-Índio, 1978; o Centro de Trabalho Indigenista (CTI, 1979); o ISA (1994) e o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé, 2002). A questão quilombola, por sua vez, está entre as temáticas de entidades como CPI, Equipe de Conservação da Amazônia (Ecam), ISA e Instituto Peabiru (Peabiru).

Abrangendo públicos mais amplos, especialmente povos e comunidades tradicionais³ e agricultores familiares, em pautas que incluem formação e capacitação, fortalecimento institucional, gestão territorial e ambiental, manejo de recursos naturais e tecnologias sociais, estão Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) e Peabiru, no Pará; Instituto de Conservação e Desenvolvimento da Amazônia (Idesam), Fundação Vitória Amazônica (FVA) e Fundação Amazônia Sustentável (FAS), no Amazonas; entre unidades de conservação de uso sustentável, as Reservas Extrativistas (Resex) e Reservas de Desenvolvimento Sustentável, a Ação Ecológica Guaporé (Ecoporé), a FVA, a FAS, o Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê), a Rare Brasil (Rare) e a Associação SOS Amazônia.

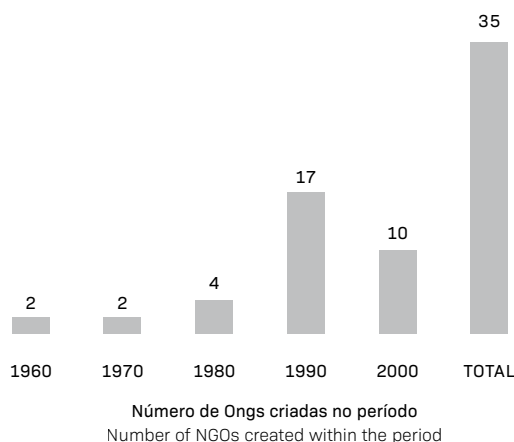
Com agenda conservacionista, destacam-se o Ipê e entidades de origem internacional: Conservação Internacional (CI), The Nature Conservancy do Brasil (TNC), WWF-Brasil, além daquelas com um território específico, como a Fundação Cristalino, na proteção das matas de Alta Floresta, MT.

Em sua origem, o IFT dedicou-se à capacitação em manejo florestal no Pará, atividade que a iniciativa privada, seja de forma associativa ou não, deveria assumir. O Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora), além do pioneirismo na certificação agrícola e florestal, apoia a produção sustentável de agricultores familiares. Agricultores familiares são prioridade para o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), o Instituto Ouro Verde e o Peabiru. TNC e Imaflora têm se destacado no apoio à cadeia do cacau em regiões de forte atividade pecuária. O Ipam e o Idesam buscam conciliar a questão de baixo carbono com a agricultura familiar sustentável.

Década de fundação das organizações

The decade of the establishment of organizations

		Número de ONGs criadas no período Number of NGOs created within the period	Percentual Percentage
1960	FASE OPAN	2	6%
1970	CTI Pro-Índio	2	6%
1980	WRI Saúde e Alegria Ecoporé SOS Amazônia	4	13%
1990	CI – Brasil FVA Imazon ISPN ICV IPÊ Kanindé IFT ISA Imaflora IPAM WWF – Brasil TNC – Brasil Instituto Ouro verde Instituto Peabiru Rio Terra Cristalino	17	55%
2000	Ecologica IEB ECAM IEPÉ Idesam FAS Sitawi Agenda Pública Rare Brasil Centro de Empreendedorismo	10	32%
TOTAL		35	



Dada a relevância da Amazônia, as *Socioambientais* têm forte participação em agendas nacionais e internacionais dedicadas à biodiversidade, aos povos tradicionais e às mudanças climáticas. Além das internacionais, como o World Resource Institute do Brasil (WRI), estão FAS, Idesam, Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) e Ipam. Líderes em produção científica e reconhecidos internacionalmente, destacam-se Imazon, Ipam e Ipê, com uma produção que se equipara à de centros de pesquisa públicos. Nessa frente, o Imazon desempenha papel relevante no monitoramento de desmatamento, com boletins regulares para o poder público e a imprensa.

A pecuária bovina é tema endereçado pelo Idesam, Imazon e Ipam. O Instituto Centro da Vida (ICV) foi ainda mais longe: em parceria com a Embrapa, a prefeitura de Alta Floresta e outros, lançou o programa Pecuária Integrada de Baixo Carbono. Associados do ICV criaram, inclusive, uma empresa para atuar como investidor na melhoria do negócio de fazendeiros parceiros, captando 11 milhões de euros em fundos de investimentos internacionais. No entanto, a pecuária, como motor de devastação e não apenas da Amazônia, exige ações mais consistentes, uma vez que persiste a cultura de que pasto é progresso, ambiente natural é atraso.

Diversas *Socioambientais* atuam em questões relacionadas aos impactos de grandes empreendimentos, como IEB, ISA e Peabiru. Entre os maiores desafios está construir, de forma participativa com os atores locais, alternativas em escala para superar as atividades de alto impacto socioambiental, como a pecuária extensiva, a monocultura da soja e o garimpo.

A sociedade local tem demonstrado alta resistência em aceitar que as *Socioambientais* enfrentem questões sociais endêmicas, como os impactos do garimpo, a exploração ilegal de madeira e, mais recentemente, o trabalho precário e o trabalho infantil na cadeia produtiva do açaí.⁴ Há forte temor acerca de perda de poder e acesso a recursos.

A maior parte das *Socioambientais* termina por se envolver em questões fundiárias relacionadas a populações tradicionais, como é o caso da Fase,

was the basis of the first OSCs in the Amazon, historical activists of the cause of the indigenous peoples, such as the pioneer Operação Anchieta (Opan) (1969), Comissão Pró-Índio (1978), Centro de Trabalho Indigenista (CTI) (1979), ISA (1994), and the Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé) (2002). The *quilombola* issue, in turn, is among the themes of entities such as CPI, Equipe de Conservação da Amazônia (Ecam), ISA, and Instituto Peabiru (Peabiru).

Covering wider public, especially traditional peoples and communities³ and family farmers, on agendas that include training and capacity building, institutional strengthening, territorial and environmental management, management of natural resources and social technologies, are the Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), and Peabiru, in Pará; Instituto de Conservação e Desenvolvimento da Amazônia (Idesam), Fundação Vitória Amazônica (FVA), and Fundação Amazônia Sustentável (FAS), in Amazonas; among conservation units of sustainable use, the Extractive Reserves (Resex, in Portuguese) and Sustainable Development Reserves are the Ação Ecológica Guaporé (Ecoporé), FVA, FAS, Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê), Rare Brasil (Rare), and the Associação SOS Amazônia.

With a conservationist agenda, Ipê and entities of international origin stand out, such as Conservation International (CI), The Nature Conservancy of Brazil (TNC), WWF-Brazil, and those with a specific territory, such as the Fundação Cristalino, in the protection of forests in Alta Floresta, MT.

In its origin, the IFT dedicated itself to forest management training in Pará, an activity that the private initiative, whether associatively or not, should undertake. The Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora), in addition to pioneering agricultural and forest certification, supports the sustainable production of family farmers. Family farmers are a priority for the Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPAN), Instituto Ouro Verde, and the Peabiru. TNC and Imaflora have stood out in supporting the cocoa chain in regions with strong livestock activity. Ipam and Idesam seek to reconcile the issue of low carbon with sustainable family farming.



desde a sua criação, em 1961. Questões de gênero e as agendas relacionadas à juventude estão presentes na FAS e no IEB, entre outros.

No eixo de economia e finanças, a Sitawi Finanças do Bem (Sitawi) vem se destacando ao desenvolver mecanismos financeiros inovadores, envolvendo uma nova geração de financiadores e OSCs, como o Instituto Conexões Sustentáveis (Conexsus). Idesam e Centro de Empreendedorismo da Amazônia também participam do ecossistema de inovação, atuando no universo da aceleração de negócios, fortalecendo *start-ups*.

No tema de pagamento por serviços ambientais, destaca-se o Bolsa Floresta, da FAS, que já atendeu mais de 35 mil famílias em diversas áreas protegidas do Amazonas. O monitoramento do desenvolvimento é uma agenda das *Socioambientais* da Amazônia, como visto na adaptação do Índice de Progresso Social para a região (IPS – Amazônia), realizado pelo Imazon.

Given the relevance of the Amazon, Socio-environmental organizations have a strong participation in national and international agendas dedicated to biodiversity, traditional peoples and climate change. In addition to international organizations, such as the World Resource Institute of Brazil (WRI), there are FAS, Idesam, Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), and Ipam. Leaders in scientific production, internationally recognized, stand out Imazon, Ipam and Ipê, with a production that is equivalent to that of public research centers. On this front, Imazon plays an important role in monitoring deforestation, with regular reports to the government and the press.

Extensive cattle ranching is a topic addressed by Idesam, Imazon and Ipam. The Instituto Centro da Vida (ICV) went even further: in partnership with Embrapa, the municipality of Alta Floresta and others, it launched the Integrated Low Carbon Livestock program. ICV associates have even created a company to act as an investor in improving the business of partner farmers, raising € 11 million in international investment funds. However, cattle ranching, as an engine of devastation, not only in the Amazon, requires more consistent actions, since the culture that preaches that pasture means progress and natural environment means backwardness, and poverty, still remain.

Several Socio-environmental organizations work on issues related to the impacts of large enterprises, such as IEB, ISA and Peabiru. Among the biggest challenges is to build, in a participatory way with local actors, alternatives on a scale to overcome activities of high socio-environmental impact, such as extensive livestock, soybean monoculture and mining.

Local society has shown high resistance to accept that Socio-environmental organizations face endemic social issues, such as the impacts of mining, illegal logging and, more recently, precarious work and child labor in the açai production chain.⁴ There is a strong fear of losing power and access to resources.

Most Socio-environmental organizations end up getting involved in land issues related to traditional populations, as has been the case with Fase since its creation in 1961. Gender issues and youth-related agendas are present in the FAS and IEB, among others.

Quais e quantas são as organizações socioambientais na Amazônia?

É preciso desfazer o mito de que existem “milhares de ONGs na Amazônia”. Trata-se de *fake news* criada para favorecer milícias, grilagem e contraventores. Atuando na agenda socioambiental, há pouco mais que as 35 organizações ora estudadas.⁵ É preciso diferenciar essas entidades de associações locais, movimentos sociais, como associações de base comunitária, indígenas, quilombolas, ou representantes de diferentes grupos e povos tradicionais (como pescadores, quebradeiras de coco, seringueiros) ou agricultores familiares etc.

Apesar de as *Socioambientais* surgirem no seio urbano, e a maioria em capitais, somente três têm sede em cidades menores (Ouro Verde, em Alta Floresta, MT; Projeto Saúde e Alegria, em Santarém, PA; e Ipê, em Nazaré Paulista, SP). Criadas por mulheres e homens de formação superior ou técnica, altamente politizados, em geral pesquisadores e militantes das causas, foram formalizadas por meio de suas organizações. São ativistas que dedicam suas vidas à causa.

Muitos afirmam que a Amazônia é dominada por entidades internacionais. Entre as 35 entidades atuantes, há somente cinco de origem internacional, que foram estabelecidas por suas matrizes para atuar como entidades brasileiras (CI, TNC, Rare, WWF e WRI), e a maioria foi formalizada no Brasil na década de 1990.

Filhas da democracia

Das 35 instituições, cerca de 20 surgiram no contexto de redemocratização do Brasil, a partir do fim do regime militar, em 1985. Anteriores a essa data, somente as entidades dedicadas a movimentos sociais, como a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), e à questão indígena Opan, CTI e Pró-Índio. Para as novas instituições, pós-1985, foi significativa a influência de organizações congêneres norte-americanas (TNC e CI) e europeias (WWF), especialmente para a criação de entidades como FVA, Ipam e Imazon.

Entre as mais recentes, há somente três entidades com dez anos ou menos: Agenda Pública,

In the area of economics and finance, Sitawi Finanças do Bem (Sitawi) has been standing out by developing innovative financial mechanisms, involving a new generation of financiers and OSCs, such as the Instituto Conexões Sustentáveis (Conexsus). Idesam and the Centro de Empreendedorismo da Amazônia also participate in the innovation ecosystem, acting in the universe of business acceleration, strengthening *startups*.

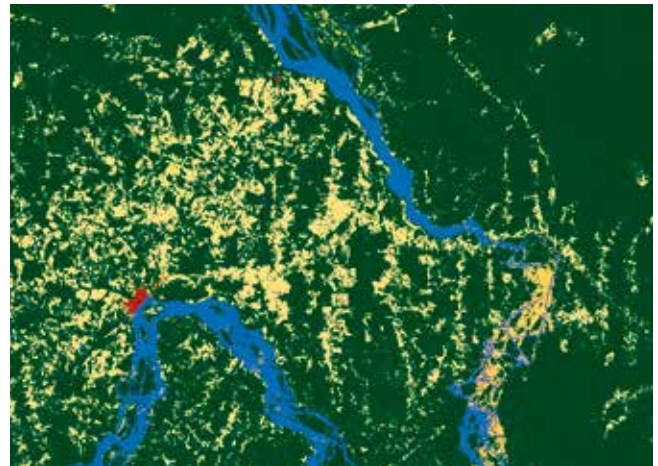
In the area of payment for environmental services, there is Bolsa Floresta, from FAS, which has served more than 35 thousand families in several protected areas of the Amazon. Development monitoring is an agenda of Socio-environmental organizations in the Amazon, as seen in the adaptation of the Social Progress Index for the region (IPS – Amazônia), carried out by Imazon.

What and how many are the socio-environmental organizations in the Amazon?

It is necessary to dispel the myth that there are “thousands of NGOs in the Amazon”. These are fake news designed to favor militias, squatting and crooks. Acting on the socio-environmental agenda there is little more than the 35 organizations studied here.⁵ It is necessary to differentiate these entities from local associations, social movements, such as community-based associations, indigenous peoples, *quilombolas*, or representatives of different groups and traditional peoples (such as fishermen, coconut breakers, rubber tappers) or family farmers, etc.

Although Socio-environmental organizations arise in the urban context, and the majority in capitals, only three are based in smaller cities (Ouro Verde in Alta Floresta, MT; Projeto Saúde e Alegria in Santarém, PA; and Ipê in Nazaré Paulista, SP). Created by women and men of higher or technical education, highly politicized, generally researchers and activists of the causes, they were formalized through the establishment of their organizations. They are activists who dedicate their lives to the cause.

Many people claim that the Amazon is dominated by international entities. Among the 35 active entities, there are only five of international origin, which were established by their headquarters to act as Brazilian entities (CI, TNC, Rare, WWF and WRI), and most were legalized in Brazil in the 1990s.



■ Floresta | Rainforest

■ Pastagem | Pasture

■ Água | Water

■ Infraestrutura urbana | Urban infrastructure

Centro de Empreendedorismo e Rare Brasil, o que pode levar a uma leitura errônea de que as *Socioambientais* são suficientes para atender aos desafios amazônicos.

Territórios e articulação com o poder público

Dentre as organizações, somente o Imaflora se apresenta dedicado a todo o Brasil. Imazon e Peabiru atuam em toda a Amazônia, e a maioria concentra-se em um ou mais estados. Para as entidades internacionais, o recorte é por bioma (bioma Amazônia), e não pela geografia política.

Algumas poucas organizações definem mais precisamente seu território: Ipê, em 116 áreas protegidas

Daughters of Democracy

Of the 35 institutions, about 20 emerged in the context of redemocratization in Brazil, after the end of the military regime in 1985. Prior to that date, only the entities dedicated to social movements, such as the Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), and to the indigenous issue (Opan, CTI, and Pró-Índio). For the new post-1985 institutions, the influence of North American (TNC and CI) and European (WWF) counterparts was significant, especially for the creation of entities such as FVA, Ipam and Imazon.

Among the most recent, there are only three entities with ten years or less (Agenda Pública, Centro de Empreendedorismo, and Rare Brasil), which can

Organizações socioambientais na Amazônia | Socio-Environmental Organizations in the Brazilian Amazon

Nome da organização e estados onde atuam | Organization and states where it act

Agenda Pública – AP, AM, PA
 Centro de Empreendedorismo – PA
 Conservação Internacional Brasil – PA, MA, TO, PI e BA
 Centro de Trabalho Indigenista – CTI – Amazônia Legal
 Equipe de Conservação da Amazônia – ECAM – PA, TO, AP, RO, AC, MT, MA
 Ação Ecológica Guaporé – Ecoporé – RO
 Fundação Amazônia Sustentável – FAS – AM
 FASE – ES, BA, PE, RJ, PA, MS
 Cristalino – AM, MS
 Fundação Vitória Amazônica – FVA – AM
 ICV – MT
 Instituto de Conservação e Desenvolvimento da Amazônia – Idesam – AM, PA, TO, AP, RO
 IEB – AM, PA
 Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – IEPÉ – AP, PA, RR, AM, SP
 IFT – PA
 Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola – Imaflo – Todo o Brasil, contabilizado como Amazônia Legal (já que não estamos considerando os demais estados) [All country – here considered the area in Legal Amazon]
 Imazon – Amazônia Legal
 Ecologica – TO
 Instituto Peabiru – Amazônia Legal
 Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia – IPAM – Amazônia Legal
 Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ – AM, SP, BA, MS, DF
 Instituto Socioambiental – ISA – DF, RR, AM, MT, SP, PA
 Instituto Sociedade População e Natureza – ISPN – TO
 Kanindé – RO, AM
 OPAN – Operação Anchieta – MT, AM
 Ouro Verde – MT
 Pro-Índio (CPI-SP) – PA, SP
 RARE Brasil – PA
 Rio Terra – Centro de Estudos da Cultura e do Meio Ambiente da Amazônia – RO
 Saúde e Alegria – PA
 Sitawi – SP, RJ, AM
 SOS Amazônia – AC, AM
 The Nature Conservancy – TNC – AM, PA
 WRI Brasil – SP, RS
 WWF Brasil – Amazônia Legal



AC – Acre
 AM – Amazonas
 PA – Pará
 AP – Amapá
 RO – Rondônia
 RR – Roraima
 MT – Mato Grosso
 MS – Mato Grosso do Sul
 SP – São Paulo
 RJ – Rio de Janeiro
 TO – Tocantins
 DF – Brasília/Distrito Federal
 RS – Rio Grande do Sul
 BA – Bahia
 ES – Espírito Santo
 PE – Pernambuco
 MA – Maranhão
 PI – Piauí

e seis estados da Amazônia Legal; Saúde e Alegria, oeste do Pará, especialmente o Tapajós; FVA, no Baixo Rio Negro; e a CPI, em Oriximiná e Óbidos, no Pará. Rondônia possui três organizações com sede no estado: Ecoporé, Kanindé e o Centro de Estudos Rioterra (Rioterra). Acre e Tocantins, respectivamente, contam com uma organização cada, a SOS Amazônia e o Instituto Ecologica. Amapá, Roraima e Maranhão não possuem organizações entre as aqui apresentadas.

Se considerados os territórios de atuação, há projetos em todos os estados, especialmente no Pará e no Amazonas. Isso pouco significa, pois o Pará é maior que a Colômbia, e a maior parte de seu território não conta com suficiente incidência das

lead to an erroneous reading that the Socio-environmental organizations are sufficient to meet the Amazonian challenges.

Territories and articulation with the public power

Among the organizations, only Imaflo is dedicated to all of Brazil. Imazon and Peabiru operate throughout the Amazon, and most are concentrated in one or more states. For international entities, the cut is by biome (Amazon biome), and not by political geography.

A few organizations define their territory more precisely: Ipê, in 116 protected areas and six states in the Legal Amazon; Saúde e Alegria, West of Pará, especially the Tapajós; FVA, in the Lower Rio Negro; and CPI, in Oriximiná and Óbidos (PA). Rondônia has three organi-

Socioambientais. Mesmo territórios aparentemente apoiados por *Socioambientais*, como o oeste do Pará, onde estão Agenda Pública, Ecam, IEB, Imazon e Saúde e Alegria, estão longe de ter as suas agendas satisfatoriamente tratadas. O mesmo ocorre no Marajó, território maior que o estado de Pernambuco, que, apesar da presença da Fase, IEB e Peabiru, segue como uma das regiões mais excluídas do Brasil.

Outro mito a ser desfeito é o de que as *Socioambientais* atuam de forma desarticulada com o poder público, e mesmo contra esse. Todas as *Socioambientais* aqui representadas possuem diferentes alianças com o poder público, especialmente quando se trata de questões técnico-científicas, de conservação ambiental e proteção a povos originários. Entretanto, como organismos independentes, estão atentos às ações do poder público e não se intimidam em cobrá-los.

Aliás, a confirmação da relevância das *Socioambientais* relaciona-se à incorporação de suas propostas técnico-científicas como políticas públicas, depois de implementadas e avaliadas. Esse foi o caso do barco-hospital, aprendizado de décadas do Saúde e Alegria, hoje política pública nacional, beneficiando milhares de ribeirinhos na Amazônia.

Na maioria das vezes, as *Socioambientais* atuam como facilitadoras de processos, fortalecendo a capacidade dos diferentes públicos de exigir seus próprios direitos, de se posicionar em suas cadeias de valor, ou contribuindo com indivíduos e grupos para garantir seus meios de vida, sua cultura e seu território.

A Agenda Pública surgiu para fortalecer a gestão do poder público. O Centro de Empreendedorismo tem trabalhado na aquisição de alimentos para a merenda escolar, e o Imazon, para fortalecer secretarias de meio ambiente de municípios no Pará. A maioria das atividades técnico-científicas é executada em colaboração com instituições públicas de pesquisa, ensino e extensão rural, empresas privadas e organismos multilaterais. A maioria mantém cooperação com as universidades de suas regiões e entidades de pesquisa, como a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpa). CI e o

zations based in the state: Ecoporé, Kanindé, and the Centro de Estudos Rioterra (Rioterra). Acre and Tocantins, respectively, have an organization, SOS Amazônia and Instituto Ecológica. Amapá, Roraima and Maranhão do not have organizations among those presented here.

If their territories of operation are taken into account, there are projects in all states, especially in Pará and Amazonas. That means little, as Pará is larger than Colombia, and most of its territory does not have sufficient incidence of Socio-environmental organizations. Even territories apparently supported by Socio-environmental organizations, such as Western Pará, where the Agenda Pública, Ecam, IEB, Imazon, and Saúde e Alegria are located, are far from having their agendas satisfactorily addressed. The same happens in Marajó island, a territory larger than the state of Pernambuco, which, despite the presence of Fase, IEB and Peabiru, remains one of the most excluded regions in Brazil.

Another myth to be dispelled is that Socio-environmental organizations act in a disjointed way with the public power, and even against it. All the Socio-environmental organizations represented here have different alliances with the public power, especially when it comes to technical-scientific issues, environmental conservation and the protection of indigenous peoples. However, as independent bodies, they are attentive to the actions of the public power and are not shy about charging it.

In fact, the confirmation of the relevance of the Socio-environmental organizations is related to the incorporation of their technical-scientific proposals as public policies, after being implemented and evaluated. This was the case with the hospital boat, a learning experience of decades for Saúde e Alegria, nowadays a national public policy, benefiting thousands of riverside dwellers in the Amazon.

Most of the time, Socio-environmental organizations act as process facilitators, strengthening the capacity of different audiences to demand their own rights, to position themselves in their value chains, or to contribute with individuals and groups to guarantee their livelihoods, culture and territory.

The Agenda Pública emerged to strengthen public administration management. The Centro de Empreendedorismo has been working on the acquisition of food for school meals and the Imazon, to strengthen

Museu Paraense Emílio Goeldi (Museu Goeldi) realizaram diversas colaborações, e o Museu Goeldi, com o Peabiru, classificou um novo tipo de paisagem na Amazônia: a Floresta Amazônica Atlântica.

As Socioambientais e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Mesmo sem questionar a sua relevância, nem todas as *Socioambientais* utilizam regularmente ODS entre seus parâmetros. As 14 instituições que informaram os ODS apresentam como prioritários (acima de 70% relevantes): ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável), ODS 12 (Consumo e Produção Responsável), ODS 13 (Ação Contra Mudança Global do Clima) e ODS 15 (Proteger Ecossistemas Terrestres), conforme a tabela na página seguinte.

Outros ODS relacionados ao social, ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico) e ODS 10 (Redução das Desigualdades), são bem considerados. Quanto ao ODS 2, de forma ampla e em suas metas, muitas *Socioambientais* atuam principalmente na Meta 2.5, que visa, até 2030, garantir sistemas sustentáveis de produção de alimentos, que ajudem a manter os ecossistemas e fortaleçam a capacidade de adaptação às mudanças climáticas, entre outras questões.

Como a maioria das *Socioambientais* atua conforme agendas locais construídas coletivamente, é de se esperar que muitos ODS se apresentem como prioritários, especialmente num cenário de carência histórica de serviços públicos como o da Amazônia. Assim, não se deve esperar que a maioria das organizações aponte de um a três ODS. Pelo contrário: a maioria indica atender a pelo menos quatro indicadores. Ecoporé, FVA, Peabiru, Ipê e Sitawi atendem a mais de sete ODS, e, alguns, como a FVA, só não observam três deles (7, 9 e 17).

Empresas preocupadas com a agenda socioambiental pautam, cada vez mais, as suas metas e a sua relação com a sociedade civil utilizando os ODS como indicadores. Esse é o caso da Agropalma, em ação conjunta com o Peabiru, visando ao desenvolvimento da Vila dos Palmares, Tailândia, PA; da Natura, especialmente nos ODS 4, 13 e 15; e da Hydro, em parceria com OSCs, no nordeste do Pará (ODS 4, 8 e 16).

environmental departments in municipalities in Pará. Most technical-scientific activities are carried out in collaboration with public research, teaching and rural extension institutions, private companies and multi-lateral organizations. Most maintain cooperation with universities in their regions and research entities, such as the Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa) and the Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpa). CI and Museu Paraense Emílio Goeldi (Museu Goeldi) made several partnerships, and Museu Goeldi, together with Peabiru, classified a new type of landscape in the Amazon: the Atlantic Amazon Forest.

Socio-environmental Organizations and the Sustainable Development Goals (SDGs)

Even without questioning their relevance, not all Socio-environmental organizations regularly use SDGs among their parameters. The 14 institutions that reported the SDGs present as priorities (above 70% relevant): SDG 2 (Zero Hunger and Sustainable Agriculture), SDG 12 (Responsible Consumption and Production), SDG 13 (Action Against Global Climate Change), and SDG 15 (Protecting Terrestrial Ecosystems), according to the table on next page.

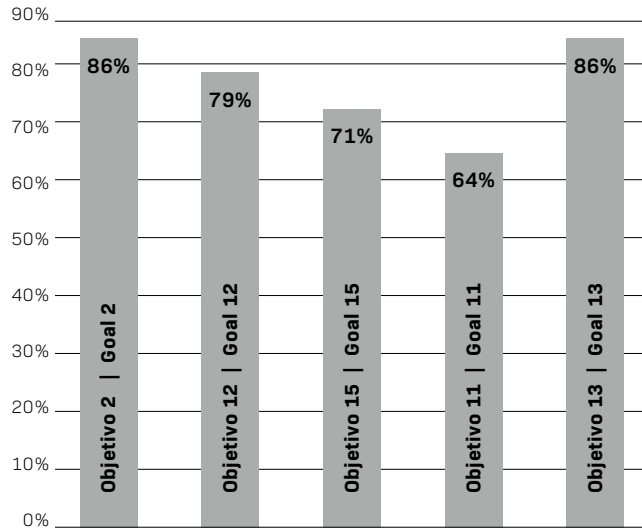
Two others related to the social, SDG 8 (Decent Work and Economic Growth) and SDG 10 (Reducing Inequalities), are well considered. As for SDG 2, broadly and in terms of its goals, many Socio-environmental organizations act mainly on Goal 2.5, which aims, by 2030, to ensure sustainable food production systems that help maintain ecosystems and strengthen the ability to adapt to climate change, among other issues.

As the majority of Socio-environmental organizations act according to local agendas built collectively, it is to be expected that many SDGs present themselves as priorities, especially in a scenario of “permanent blackout of public services”, such as that of the Amazon. Thus, one should not expect that most organizations point out one to three SDGs. On the contrary: most indicate that they meet at least four indicators. Ecoporé, FVA, Peabiru, Ipê, and Sitawi serve more than seven SDGs, and some, like the FVA, only fail to observe three of them (7, 9 and 17).

Companies concerned with the socio-environmental agenda are increasingly guiding their goals and their

Principais ODS atendidos pelas organizações

Main SDGs followed by the 14 organizations



Objetivo 2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável

Objetivo 12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis

Objetivo 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade

Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis

Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos

Goal 2. End hunger, achieve food security and improve nutrition and promote sustainable agriculture

Goal 12. Ensuring sustainable production and consumption patterns

Goal 15. Protecting, recovering and promoting the sustainable use of terrestrial ecosystems, managing forests sustainably, combating desertification, stopping and reversing land degradation and stopping biodiversity loss

Goal 11. Making cities and human settlements inclusive, safe, resilient and sustainable

Goal 13. Take urgent measures to combat climate change and its impacts

relationship with civil society using the SDGs as indicators. This is the case of Agropalma, in a joint action with Peabiru, aiming at the development of Vila dos Palmares, Tailândia, PA; Natura, especially in SDGs 4, 13, and 15; and Hydro, in partnership with OSCs, in Northeast Pará (SDGs 4, 8, and 16).

Among the Socio-environmental organizations, only Agenda Pública selected SDGs 8 and 16. In SDG 8, the aim is to encourage the economic diversification of territories; and the ODSLab has been created to bring together governments, civil society and companies with a focus on finding paths towards the 2030 Agenda and the 17 SDGs. Only SDG 9 (Industry, Innovation and Infrastructure) has not been mentioned by any of the entities.

Alliances between Socio-environmental organizations

Historically, Socio-environmental organizations have always formed networks, partnerships, coalitions and alliances, and even entities, to address different themes and territories. Some of them go beyond the Brazilian Amazon. Origens Brasil, coordinated by Imaflores and ISA, also involves Ecam, FAS, FVA, Imazon, and local organizations.

Since 2007, eight Amazonian organizations from six countries have formed the Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (RAISG), to monitor and to alert governments and society about the main challenges: Fundación Amigos de la Naturaleza (FAN) (Bolivia), Imazon and ISA (Brazil), Fundación Gaia Amazonas (Gaia) (Colombia), Fundación EcoCiencia (Ecuador), Instituto del Bien Común (IBC) (Peru) and Asociación Provita e Grupo de Trabajo Ambiental de la Amazonía (Wataniba – Venezuela).

Aliança pela Restauração na Amazônia pursues the Brazilian commitment at the COP in Paris. This alliance includes public agencies and companies. Socio-environmental organizations include CI, Ecoporé, Imazon, Peabiru and others.

Funding and impact ventures

Another myth to dispel: Socio-environmental organizations rely on public resources. Sometimes, some participate in public notices and even win them, but most depend on different natures of funding sources. If, until the 1990s, several entities had greater support from

Entre as *Socioambientais*, somente a Agenda Pública selecionou os ODS 8 e 16. No ODS 8, visa-se incentivar a diversificação econômica de territórios; e criou-se o ODSLab para aproximar governos, sociedade civil e empresas com foco na busca por caminhos rumo à Agenda 2030 e aos 17 ODS. Somente o ODS 9 (Indústria, Inovação e Infraestrutura) não foi mencionado por qualquer das entidades.

As alianças entre as *Socioambientais*

Historicamente, as *Socioambientais* sempre formaram redes, consórcios, coalizões e alianças, e até mesmo entidades, para tratar de diferentes temáticas e territórios. Algumas delas extrapolam a Amazônia Brasileira. O Origens Brasil, coordenado pelo Imaflora e ISA, envolve também Ecam, FAS, FVA, Imazon e organizações locais.

Desde 2007, oito organizações amazônicas de seis países formaram a Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (RAISG), para monitorar e alertar os governos e a sociedade sobre os principais desafios: Fundación Amigos de la Naturaleza (FAN, Bolívia), Imazon e ISA (Brasil), Fundación Gaia Amazonas (Gaia, Colômbia), Fundación EcoCiencia (Equador), Instituto del Bien

international cooperation, this has changed in recent decades. Socio-environmental organizations had to diversify their sources of funds (public and private companies' public notices, agreements with direct administration bodies, services and donations from private companies and their institutes and foundations, etc.). Many multilateral and bilateral funders argue that Brazil is no longer a priority, as it presents better indicators than poor countries. However, the Amazon remains closer to the most excluded countries. According to the HDI, Marajó would rank 165 out of 200 countries, as the poorest countries in Africa.

In the 1990s and 2000s, organizations such as Ashoka Empreendedores Sociais, Fundación Avina, and recently, Fundação Schwab supported leaders of Socio-environmental organizations as entrepreneurs in this field, strengthening their institutions, as in the case of FVA, Idesam, Imaflora, Imazon, Ipê, Peabiru and Saúde e Alegria.

Due to their high degree of demand, the selection of funders, such as the Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES – Amazon Fund), Programa Petrobras Socioambiental, Climate and Land Use Alliance (Clua) and international cooperation programs (United Nations – UN agencies, Inter-American



Fabio Pena | O barco-hospital *Abaré*, do Projeto Saúde e Alegria, é uma Unidade Básica de Saúde Fluvial (UBSF), e também um hospital-escola, com atividades de ensino, pesquisa e extensão do Instituto de Saúde Coletiva (ISCO) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
[The boat-hospital *Abaré*, belongs to Saúde e Alegria, is a Fluvial Basic Health Unit and also a teaching-hospital, with teaching, research and extension activities of the Health Institute (ISCO) of the Federal University of Pará (UFOPA)]

Común (IBC, Peru), Asociación Provita (Venezuela) e Grupo de Trabajo Ambiental de la Amazonía (Wataniba, Venezuela).

A Aliança pela Restauração na Amazônia perse- gue o compromisso brasileiro na COP de Paris. Essa aliança inclui órgãos públicos e empresas. Entre as *Socioambientais* estão CI, Ecoporé, Imazon, Pea- biru e outras.

O financiamento e os empreendimentos de impacto

Outro mito a desfazer: as *Socioambientais* dependem de recursos públicos. Eventualmente, algumas parti- cipam de editais públicos e até os vencem, porém a maioria depende de diferentes naturezas de fontes de financiamento. Se, até os anos 1990, diversas entida- des contavam com maior apoio da cooperação inter- nacional, isso se modificou nas últimas décadas. As *Socioambientais* tiveram que diversificar suas fontes de recursos (editais de empresas públicas e privadas, convênios com órgãos da administração direta, servi- ços e doações de empresas privadas e seus institutos e fundações etc.). Muitos financiadores multilaterais e bilaterais argumentam que o Brasil deixou de ser prioridade, pois apresenta indicadores melhores que países pobres. No entanto, a Amazônia segue mais próxima dos países mais excluídos. Pelo IDH, a ilha de Marajó estaria na posição 165, de 200 países, como os mais pobres países da África.

Nas décadas de 1990 e 2000, organizações como a Ashoka Empreendedores Sociais, a Fundación Avina e, recentemente, a Fundação Schwab apoia- ram líderes das *Socioambientais* como empreende- dores nesse campo, fortalecendo suas instituições, como no caso da FVA, do Idesam, Imaflores, Imazon, Ipê, Peabiru e Saúde e Alegria.

Por seu alto grau de exigência, a própria seleção de financiadores, como o Banco Nacional de De- senvolvimento Econômico e Social (BNDES—Fundo Amazônia), Programa Petrobras Socioambiental, Cli- mate and Land Use Alliance (Clua) e programas de cooperação internacional (Agências da Organização das Nações Unidas (ONU), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e outros, já denota a qua- lidade das *Socioambientais*. Por sua vez, as *Socioambientais* internacionais têm amplo respaldo

Development Bank – IDB and others), already denotes the quality of Socio-environmental organizations. In turn, international Socio-environmental organizations have ample technical and financial support from their headquarters, with greater capacity to raise funds abroad, as is the case with CI, TNC, Rare, WRI and WWF.

Partnerships with companies, their institutes and foundations are increasingly relevant; however, many business entities still follow typical business metrics, expecting results in the short term. It should be not- ed that local companies, with exceptions, such as the Grupo Bemol, Rede Amazônica and Grupo Equatorial (Celpa), do not fund Socio-environmental organiza- tions. For Marcello Brito, president of the Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), “where partner- ships between companies and NGOs were made in a serious and effective way, there is a faster and more solid development model than in most companies that prefer to remain away from part of their stakeholders”.

Creating business, providing services or selling products are strategies increasingly present in the life of Socio-environmental organizations. Imaflores has been providing certification services since its es- tablishment. Isa was a pioneer in placing non-timber forest products on the shelves, benefiting hundreds of traditional communities. Peabiru created a company, Peabiru Produtos da Floresta, to market the honey from stingless bees. They have been working for years in search of resources from carbon credits, either by avoided deforestation or by forest restoration, but this market is not yet sufficiently regulated.

Socio-environmental organizations have been pio- neering in supporting initiatives to accelerate high-im- pact business. The initiatives of Idesam (Plataforma Parceiros pela Amazônia) stand out, with support from the United States Agency for International Devel- opment (Usaid), Instituto Humanize, Fundo Vale, Con- exsus and others, and the Centro de Empreendedoris- mo da Amazônia (Amazônia UP).

Issues to be discussed

As the journalist Dal Marcondes, from Envolverde, points out, “it is a privilege for governance bodies in Brazil and in the Amazon to have a large number of highly qualified organizations that help to provide

técnico e financeiro de suas matrizes, com maior capacidade de captar no exterior, como é o caso da CI, TNC, Rare, do WRI e WWF.

Parcerias com empresas, seus institutos e fundações são cada vez mais relevantes; no entanto, muitas entidades do setor empresarial ainda seguem métricas típicas dos negócios, esperando resultados no curto prazo. Note-se que empresas locais, com exceções, como o Grupo Bemol, a Rede Amazônica e o Grupo Equatorial (Celpa), não financiam as *Socioambientais*. Para Marcello Brito, presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), “onde parcerias entre empresas e ONGs foram feitas de forma séria e efetiva, observa-se um modelo de desenvolvimento mais rápido e mais sólido que na maioria das empresas que preferem se manter longe de parte dos seus *stakeholders*”.

Criar negócios, prestar serviços ou vender produtos são estratégias cada vez mais presentes na vida das *Socioambientais*. O Imafloresta presta serviços de certificação desde seu nascedouro. O Isa foi pioneiro em colocar nas prateleiras produtos florestais não madeireiros, beneficiando centenas de comunidades tradicionais. O Peabiru criou uma empresa, a Peabiru Produtos da Floresta, para comercializar o mel de abelhas sem ferrão. Trabalha-se há anos na busca de recursos a partir de créditos de carbono, seja pelo desmatamento evitado, seja pela restauração florestal, porém esse mercado ainda não está suficientemente regulado.

As *Socioambientais* vêm atuando de forma pioneira no apoio a iniciativas de aceleração de negócios de impacto. Destacam-se as iniciativas do Idesam (Plataforma Parceiros pela Amazônia), com apoio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), o Instituto Humanize, o Fundo Vale, a Conexsus e outros, e do Centro de Empreendedorismo da Amazônia (Amazônia UP).

Questões a discutir

Como pontua o jornalista Dal Marcondes, da *Envolverde*, “é um privilégio para as instâncias de governança no Brasil e na Amazônia contar com um grande número de organizações altamente qualificadas que ajudam a dar capilaridade a políticas públicas

public policy capillarity in the region. The Amazon is primarily responsible for Brazil’s global role. What remains of Brazil without the Amazon is shaped as a less important country, with no economic, scientific, cultural or political prominence.

I hope that this article raises several issues to be discussed. In particular, I would like to highlight six issues:

Communication skills – Even with such a small group of organizations, they have been able to transmit their messages to different audiences. Socio-environmental organizations are regularly consulted by the press, academia and different audiences, and, increasingly, by the modern business sector.

Frontline – Socio-environmental organizations work in partnership with social groups in territories where public authorities are rarely able to act, as in the case of Iepé, ISA and Kanindé. Public agencies with transparent and technical agendas recognize this performance and benefit from these works, which point the way to simple, cheap and efficient public policies.

The agenda expands – in recent decades, the agendas of Socio-environmental organizations have only grown and become more challenging. The difficulties in land regularization, with the exclusion of traditional groups from decisions and the appreciation of agribusiness commodities to the detriment of the use of the region’s biological heritage and issues such as disorderly urban growth, migration, violence and countless misdemeanors - require more, and increasingly stronger, organizations.

SDGs as a tool for intersectoral dialogue – governments, companies and organized civil society should use the SDGs for a common base of indicators, aiming to overcome the paternalistic vision. The role of Socio-environmental organizations can be to contribute to the dissemination of the SDGs, making them an instrument for demanding basic rights.

Reprioritize public investment – Socio-environmental, organizations, with scarce resources, small teams,

na região. A Amazônia é o principal responsável pelo protagonismo global do Brasil. O que resta do Brasil sem a Amazônia se configura como um país de importância menor, sem destaque econômico, científico ou protagonismo cultural ou político.

Espero que este artigo suscite as diversas questões a debater. Em particular, gostaria de ressaltar seis questões:

Capacidade de comunicação – mesmo com um grupo tão diminuto de organizações, estas vêm logrando transmitir as suas mensagens aos diferentes públicos. As *Socioambientais* são consultadas regularmente pela imprensa, academia, pelos diferentes públicos, e, crescentemente, pelo setor empresarial moderno.

Linha de frente – as *Socioambientais* atuam em parceria com grupos sociais em territórios onde raramente o poder público consegue agir, como no caso do Iepé, ISA e Kanindé. Os órgãos públicos com agendas transparentes e técnicas reconhecem essa atuação e beneficiam-se desses trabalhos, que apontam caminhos para políticas públicas simples, baratas e eficientes.

A agenda se amplia – nas últimas décadas, as agendas das *Socioambientais* só cresceram e se tornaram mais desafiadoras. As dificuldades na regularização fundiária, com a exclusão de grupos tradicionais na tomada de decisão e a valorização de *commodities* do agronegócio em detrimento do uso do patrimônio biológico da região e, ainda, de questões como crescimento urbano desordenado, migração, violência e inúmeras contravenções exigem mais organizações, e cada vez mais fortes.

ODS como ferramenta para diálogo intersetorial – governos, empresas e sociedade civil organizada devem utilizar os ODS para uma base comum de indicadores, visando superar a visão assistencialista. O papel das *Socioambientais* pode ser o de contribuir para disseminar os ODS, tornando-os instrumento para exigir os direitos básicos.



Repriorizar o investimento público – as *Socioambientais*, com poucos recursos, equipes diminutas, e sofrendo alta pressão de setores obscurantistas da sociedade, entregam resultados em grande escala. Isso deveria levar a um debate objetivo de como repositonar os recursos e a efetiva atenção do poder público perante as agendas básicas da Amazônia.

Mais Socioambientais – uma sociedade mais justa e democrática exigiria muito mais que três dezenas de *Socioambientais*. Se desejamos que a Amazônia se liberte da concentração de renda e poder, destruição e violência, será preciso estimular, como cogumelos, a constituição de milhares de organizações socioambientais, fundações comunitárias, associações de base e movimentos sociais de múltiplas naturezas.

O que está ao alcance das *Socioambientais* é realizar uma “acupuntura social”, ou seja, contribuir para o despertar das sociedades. Em essência, as *Socioambientais* trabalham para que a sociedade exija seus direitos de forma legítima e consciente, superando as políticas assistencialistas, clientelistas e paternalistas dominantes na política local e em boa parte do meio empresarial.

and under high pressure from obscurantist sectors of society, deliver results on a large scale. This should lead to an objective debate on how to reposition resources and the effective attention of the public authorities to the basic agendas of the Amazon.

More Socio-environmental organizations – a more just and democratic society would require much more than three dozen Socio-environmental organizations. If we want the Amazon to be freed from the concentration of income and power, destruction and violence, it will be necessary to stimulate the formation of thousands of socio-environmental organizations, community foundations, grassroots associations and social movements of multiple natures.

What is within the reach of Socio-environmental organizations is to carry out a “social acupuncture”, that is, to contribute to the awakening of societies. In essence, Socio-environmental organizations work to ensure that society demands its rights in a legitimate and conscious manner, overcoming the welfare, clientelist and paternalistic policies dominant in local politics and in a good part of the business environment.

Notas

1 Iniciei como vice-presidente (voluntário) na Fundação SOS Mata Atlântica, em 1985, onde trabalhei por seis anos. Nos anos 1990, dediquei-me ao Instituto de Ecoturismo do Brasil, por quatro anos e, nos últimos 21 anos, ao Instituto Peabiru. Sou escritor, com 18 livros publicados, sendo nove deles sobre a Amazônia, além de dezenas de artigos e ensaios.

2 A lista completa de organizações mencionadas, com suas sedes, os estados em que atuam, a data de fundação e seus sites se encontra no final do artigo.

3 Compreende pescadores, quebradeiras de coco, castanheiros, seringueiros, entre outros grupos autodenominados.

4 O trabalho infantil envolve mais de 100 mil famílias, como apontado em estudo realizado pelo Instituto Peabiru em parceria com a

organização pública federal Fundação Jorge Duprat e Figueiredo (Fundacentro) e financiado pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT-8).

5 Entre outras entidades, estão: Amigos da Terra Amazônia (SP), Instituto Juruá (AM), Instituto Pró-Natura (RJ), Instituto Vitória Régia (PA), Rádio Margarida (PA), Sociedade Mamirauá (PA), além de entidades nacionais que atuam na região, como a Mapbiomas, Renctas (DF), e internacionais, como Greenpeace (Associação Civil Greenpeace, AM), Act Brasil (recém-criada no Brasil) e Wildlife Conservation Society. Não foram considerados financiadores, mesmo sendo organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, como a Conexsus (PA) e o Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), (RJ), entre outras.

Agradecimentos, fontes de consulta e bibliografia selecionada

Agradeço a Mariana Faro, da equipe do Instituto Peabiru, no apoio à mobilização das demais organizações socioambientais e na preparação de gráficos e tabelas. Este artigo só foi possível graças às dezenas de contribuições de colegas das Socioambientais, de Dal Marcondes e Marcello Brito.

Alianças mencionadas: Programa Origens Brasil <https://origensbrasil.org.br/organizacoes.php>; Aliança Pela Restauração na Amazônia – (<https://aliancaamazonia.org.br/>); Raisg – www.amazoniasocioambiental.org. Outras informações: Plataforma Agenda 2030, dirigida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, <http://www.agenda2030.org.br/>

Notes

1 I started as a vice president (volunteer) at Fundação SOS Mata Atlântica in 1985, where I worked for six years. In the 1990s, I dedicated myself to the Instituto de Ecoturismo do Brasil for four years and, in the last 21 years, to the Instituto Peabiru. I am a writer, with 18 published books, nine of them on the Amazon, in addition to dozens of articles and essays.

2 The complete list of organizations mentioned, with their headquarters, the states in which they operate, their date of foundation and their websites can be found at the end of this article.

3 It includes fishermen, coconut breakers, chestnut harvesters, rubber tappers, among other self-styled groups.

4 Child labor involves more than 100 thousand families, as pointed out in a study carried out by the Peabiru Institute in partnership with the federal public

organization Fundação Jorge Duprat e Figueiredo (Fundacentro), and funded by the Regional Labor Court (TRT-8).

5 Other entities include: Amigos da Terra Amazônia (SP), Instituto Juruá (AM), Instituto Pró-Natura (RJ), Instituto Vitória Régia (PA), Rádio Margarida (PA), Sociedade Mamirauá (PA), in addition to national entities operating in the region, such as Mapbiomas, Renctas (DF), or international, such as Greenpeace (Associação Civil Greenpeace, AM), Act Brasil (established recently in Brazil), and Wildlife Conservation Society. Funders were not taken into account, even though they are non-profit civil society organizations, such as Conexsus (PA) and the Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio) (RJ), among others.

Acknowledgments, sources of consultation and selected bibliography

I would like to thank Mariana Faro, from the Instituto Peabiru team, for supporting the mobilization of other socio-environmental organizations and for preparing graphs and tables. This article was only possible thanks to the dozens of contributions from colleagues from the Socio-environmental organizations, from Dal Marcondes and Marcello Brito.

Mentioned alliances: Programa Origens Brasil (<https://origensbrasil.org.br/organizacoes.php>); Aliança Pela Restauração na Amazônia (<https://aliancaamazonia.org.br/>); Raisg (www.amazoniasocioambiental.org). Other information: Agenda 2030 Platform, run by the Institute for Applied Economic Research (IPEA, in Portuguese), <http://www.agenda2030.org.br/>

Organizações Socioambientais que atuam na Amazônia

Agenda Pública (agendapublica.org.br) completou 12 anos de existência em 2021 e está presente em municípios da Amazônia desde 2015. O propósito da organização é tornar os serviços públicos brasileiros mais simples, inteligentes e humanos, atuando nas áreas de gestão pública, transparência e desenvolvimento econômico.

Atualmente, a Agenda Pública é responsável pelo Eixo Gestão Pública no Programa Territórios Sustentáveis, financiado pela MRN e Usaid, com atuação nos municípios de Oriximiná, Terra Santa e Faro (Oeste do PA), há 5 anos. Também participa do Consórcio Pró Educação, no gerenciamento do Programa de Melhoria da Qualidade da Educação, financiado pelo BID e executado em parceria com a Secretaria de Educação do Pará (Seduc).

A organização já atuou em Bacarena e Itaituba (PA) com o Programa de Fortalecimento do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente, voltado à melhoria da qualidade do serviço público ofertado a famílias vítimas de violência, bem como em Canaã dos Carajás (PA), Manaus (AM) e Macapá (AP), facilitando espaços de co-criação de soluções para problemas públicos relacionados à transparência, saneamento básico e desenvolvimento econômico. A relação com a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) permeia todas as atividades, projetos e programas desenvolvidos pela Agenda Pública. Nesse sentido, por exemplo, o ODSLab é uma iniciativa inovadora para aproximar governos, sociedade civil e empresas para juntos proporem soluções para problemas complexos que afetam o cotidiano dos cidadãos. Seu foco está em buscar caminhos rumo à Agenda 2030 e aos 17 ODS. Os programas da Agenda Pública utilizam, principalmente, o ODS 16 em seu desenho, visando contribuir no desenvolvimento de instituições eficazes, responsáveis e transparentes. Por fim, o Programa de Dinamismo Econômico orienta seu desenho para o ODS 8, no sentido de incentivar principalmente a diversificação econômica de territórios.

Estados onde opera: AP, AM, PA

Territórios principais: oeste do Pará

Públicos prioritários: secretarias, prefeituras, gestores públicos

ODS: 8, 16

Centro de Empreendedorismo (centroamazonia.org.br)

Estado onde opera: PA

Públicos prioritários: empreendedores de impacto, negócios comunitários

Áreas de atuação: atua na formação e capacitação de empreendedores, programas de pré-aceleração, formulação de políticas, negócios sustentáveis

Conservação Internacional (CI-Brasil) (conservation.org/brasil) é uma organização ambiental com 30 anos de trabalho no Brasil. Sua atividade envolve ciência, políticas públicas e parcerias para proteger os elementos da natureza dos quais precisamos para produzir alimentos, água e nossos meios de subsistência, para garantir um planeta saudável e próspero para todos. A CI-Brasil busca integrar a valorização, a proteção e a gestão sustentável do capital natural ao desenvolvimento social e econômico. Acredita no poder do diálogo com líderes globais assim como o contato com comunidades locais, que, aliado à implementação de estratégias inovadoras, tem o potencial de gerar as mudanças necessárias para alcançar as grandes transformações por um mundo mais saudável e sustentável.

Socio-Environmental Organizations acting in the Amazon region

Agenda Pública (agendapublica.org.br) completed 12 years of existence in 2021, and has been present in municipalities in the Amazon since 2015. The organization's goal is to make Brazilian public services simpler, smarter and more human, acting in public management, transparency, basic sanitation and economic development.

Currently, Agenda Pública has been responsible for the Public Management Axis in the Sustainable Territories Program, funded by MRN and USAID, operating in the municipalities of Oriximiná, Terra Santa and Faro (West of PA), for 5 years. It also participates in the Pro-Education Consortium, in the management of the Education Quality Improvement Program, financed by the IDB and carried out in partnership with the Pará Department of Education (SEDUC).

The organization has already worked in Bacarena and Itaituba (PA) with the Program to Strengthen the System for Guaranteeing the Rights of Children and Adolescents, aimed at improving the quality of public service offered to families victims of violence, as well as in Canaã dos Carajás (PA), Manaus (AM) and Macapá (AP) facilitating spaces for co-creating solutions to public problems related to transparency, basic sanitation and economic development.

The relationship with Agenda 2030 and the Sustainable Development Goals (SDGs) permeates all activities, projects and programs developed by the Agenda Pública. In this sense, for example, ODSLab is an innovative initiative to bring governments, civil society and companies together to propose solutions to complex problems that affect the daily lives of citizens. Its focus is on finding ways towards the 2030 Agenda and the 17 SDGs.

Agenda Publica's programs mainly use SDG 16 in their design, aiming at contributing to the development of effective, accountable and transparent institutions. Finally, the Economic Dynamism Program guides its design towards SDG 8, in order to encourage mainly the economic diversification of territories.

States where it operates (UF): AP, AM, PA

Main territories: West of Pará

Target groups: departments, municipalities, public managers

SDG: 8, 16

Centro de Empreendedorismo (centroamazonia.org.br)

State where it operates (UF): PA

Target groups: impact entrepreneurs, community businesses

Areas of activity: The Center prioritizes training and qualification of entrepreneurs, pre-acceleration programs, formulation of public policies and sustainable business

Conservation International (CI-Brazil) (conservation.org/brasil) is an environmental organization with 30 years of work in Brazil. Our approach involves science, public policies and partnerships to protect the elements of nature that we need to produce food, water and our livelihoods, to ensure a healthy and prosperous planet for everyone. CI-Brazil seeks to integrate the valuation, protection and sustainable management of natural capital with social and economic development. We believe in the power of dialogue with global leaders as well as contact with local communities, which, together with the implementation of innovative strategies, has the potential to generate the changes necessary to achieve major transformations for a healthier and more sustainable world.

A estratégia de atuação da organização é baseada em quatro áreas temáticas: natureza pelo clima, conservação dos oceanos, paisagens sustentáveis terrestres e marinhas e finanças e inovação para a ciência. Os esforços estão direcionados para proteger e restaurar a Amazônia, no combate às mudanças climáticas e na promoção do bem-estar humano. No âmbito da paisagem, a CI-Brasil promove modelos escaláveis de sustentabilidade baseados na proteção da natureza como um serviço ao ser humano. Concentrar a atenção para esforços conjuntos e aumentar significativamente a conservação dos oceanos também são cruciais para a estabilização climática e a vida na Terra. A CI-Brasil também busca inovações científicas e financeiras para ampliar nosso conhecimento sobre a natureza, seus benefícios e gerar segurança financeira a longo prazo para conservação. Trabalha criando parcerias, em territórios prioritários, como na Região dos Abrolhos (Mata Atlântica e Oceano), com a cadeia da pesca sustentável, turismo sustentável e áreas protegidas, na região do Matopiba (estados do MA, TO, PI e BA – Cerrado), promovendo a sustentabilidade de cadeias de *commodities*, e na Amazônia, nossa prioridade global, onde trabalha com cadeias produtivas sustentáveis na região da bacia do Tapajós e executando o projeto Paisagens sustentáveis da Amazônia, um dos maiores projetos de conservação e restauração na Amazônia.

Estados onde opera: PA, MA, TO, PI, BA

Territórios principais: Escudo das Guianas, Tapajós, Centro de Endemismo Belém, BR-319, Três Fronteiras, Costa Equatorial, Matopiba, Bacia do Paraguaçu, Abrolhos Terra e Mar e Mega Rio

CTI (trabalhoindigenista.org.br)

Área onde opera: Amazônia Legal

Áreas de atuação: apoiar a proteção dos povos indígenas isolados e de recente contato, de forma a assegurar os limites físicos e as riquezas naturais das áreas com a presença dessas populações, de modo a contribuir para a redução do desmatamento na Amazônia

Ecarn (ecarn.org.br) é uma organização que atua, desde 2002, pela integração entre o desenvolvimento socioeconômico e o equilíbrio ambiental. Sua missão é promover ações inovadoras motivadas pelo interesse da sociedade, agregadas às novas tecnologias e alinhadas à conservação do meio ambiente.

A partir do respeito à cultura local e ao espaço de fala, a Ecarn trabalha na capacitação das pessoas, para que tenham instrumentos de proteção e conservação do meio ambiente e adquiram mais conhecimento sobre a sua região. Com isso, a Ecarn visa contribuir com o desenvolvimento social e econômico da sociedade, de forma justa e orientado para as tendências de economia verde.

Atualmente, a Ecarn possui projetos com diferentes setores da economia, nacional e internacional, que fazem parte de suas duas principais iniciativas: Ecarn Projetos Sociais e Ecarn Negócios Sociais.

Estados onde opera: PA, TO, AP, RO, AC, MT, MA

Territórios principais: Calha Norte (PA)

Públicos prioritários: comunidades tradicionais, extrativistas e quilombolas

Ação Ecológica Guaporé – Ecopore (ecopore.org.br) é uma organização privada sem fins lucrativos, criada em junho de 1988, no município de Rolim de Moura, interior do estado de Rondônia, e qualificada como Oscip desde 2015. Atua na legitimação de ações desenvolvidas contra a exploração predatória de madeiras, no combate ao desmatamento ilegal, à invasão de áreas protegidas, bem como pro-

The organization's operating strategy is based on four thematic areas: nature for the climate, conservation of oceans, sustainable terrestrial and marine landscapes and finance and innovation for science. Efforts are aimed at protecting and restoring the Amazon, combating climate change and promoting human well-being. Within the landscape, CI-Brazil promotes scalable sustainability models based on the protection of nature as a service to human beings. Focusing attention on joint efforts and significantly increasing ocean conservation are also crucial to climate stabilization and life on Earth. CI-Brazil also seeks scientific and financial innovations to expand our knowledge of nature, its benefits and generate long-term financial security for conservation. We work with our partners, in priority territories such as the Abrolhos Region (Atlantic Forest and Ocean) with the sustainable fishing chain, sustainable tourism and protected areas, in the Matopiba region (States of MA, TO, PI and BA – Cerrado) promoting the sustainability of commodity chains, and in the Amazon, our global priority, where we are working with sustainable production chains in the Tapajós basin region and executing the Sustainable Landscapes of the Amazon project, one of the largest conservation and restoration projects in the Amazon.

States where it operates (UF): PA, MA, TO, PI, BA

Main territories: Guiana Shield, Tapajós, Belém Endemism Center, BR-319, Três Fronteiras, Equatorial coast, Matopiba, Paraguaçu basin, Abrolhos and Mega Rio

CTI (trabalhoindigenista.org.br)

Area where it operates (UF): Legal Amazon

Areas of activity: to support the protection of isolated and recently contacted indigenous peoples, ensuring the physical limits and the natural wealth of areas with the presence of these populations, to contribute for the reduction of deforestation in the Amazon

Ecarn (ecarn.org.br) is an organization that has been working since 2002 for the integration between socioeconomic development and environmental balance. Its mission is to promote innovative actions motivated by the interest of society, added to new technologies and aligned with the conservation of the environment.

Based on respect for the local culture and the space of speech, Ecarn works to train people, so that they have instruments for the protection and conservation of the environment and acquire more knowledge about their region. With this, Ecarn aims to contribute to the social and economic development of society, in a fair manner and oriented towards green economy trends.

Currently, Ecarn has projects with different sectors of the economy, national and international, which are part of its two main initiatives: Ecarn Social Projects and Ecarn Social Business.

States where it operates (UF): PA, TO, AP, RO, AC, MT, MA

Main territories: Calha Norte (PA)

Target groups: traditional, extractivist and *quilombola* communities

To legitimize actions developed against the predatory exploitation of wood, combating illegal deforestation, invasion of protected areas, as well as promoting the valorization of riparian forests and legal reserve in rural properties, **Ação Ecológica Guaporé – Ecopore** (ecopore.org.br) was created in June 1988, in the municipality of Rolim de Moura, in the state of Rondônia, a private non-profit

move a valorização de matas ciliares e reserva legal em propriedades rurais. A partir do crescimento da demanda de atividades e da ampliação da abrangência territorial para outras regiões do estado, até então restrita à região do Vale do rio Guaporé, a Ecoporé estabeleceu sua matriz em Porto Velho/RO a partir de 2000.

No decorrer dessa trajetória, uma série de projetos (mais de 30 nos estados de Rondônia, Acre e Amazonas) foram desenvolvidos no intuito de promover a conservação ambiental, o uso sustentável dos recursos naturais, a recuperação de agroecossistemas, as políticas públicas e pesquisas, envolvendo dezenas de entidades públicas, privadas (tanto nacionais quanto estrangeiras), povos e comunidades tradicionais e indígenas da Amazônia e agricultores familiares, tanto como parceiros quanto como beneficiários de tais ações.

Atualmente o planejamento institucional é desenvolvido com base em quatro programas:

- a) Administração e governança: tem o objetivo de realizar a gestão administrativa, atuando de forma a organizar e a melhorar as práticas de gestão, conforme normas legais, diretrizes estatutárias e orientações de financiadores e outros apoiadores, e representação política da instituição, a partir da articulação em redes, participação em espaços de controle social (A Ecoporé se faz presente em 20 conselhos, grupos de trabalho e fóruns), e demais formas de incidência no espaço da política ambiental;
- b) Natureza e comunidades: o objetivo é promover a conservação da natureza e a valorização de pessoas que desenvolvem ações diretas de uso sustentável dos recursos naturais, especialmente em unidades de conservação e territórios indígenas.
- c) Floresta e agricultura: tem por objetivo o desenvolvimento de ações relativas à recomposição florestal e o desenvolvimento da agricultura sustentável. É dentro desta lógica que se insere o projeto Viveiro Cidadão e demais ações relativas a este tema.
- d) Pesquisa, educação e comunicação: tem como objetivo aproximar a sociedade das questões socioambientais por meio da comunicação e mídia, retroalimentada pelas informações técnicas/científicas produzidas pelos demais programas, bem como pela realização de ações educativas.

Estados onde opera: RO

Territórios principais: Estado de Rondônia

Públicos prioritários: comunidades tradicionais ribeirinhas e extrativistas, povos indígenas e agricultores familiares

ODS: 2, 3, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 15

Fundação Amazonas Sustentável (FAS) (fas-amazonia.org) é uma organização não governamental (ONG) brasileira sem fins lucrativos, sem vínculos político-partidários, que tem por missão promover o desenvolvimento sustentável, a conservação ambiental e a melhoria da qualidade de vida das comunidades ribeirinhas do estado do Amazonas. Suas principais iniciativas são implementadas com foco no desenvolvimento sustentável de comunidades ribeirinhas por meio dos Programas Bolsa Floresta (PBF), Educação e Saúde (PES), Soluções Inovadoras (PSI) e Gestão e Transparência (PGT), complementados pelo apoio à geração de renda e ao empreendedorismo, empoderamento e à infraestrutura comunitária.

Estado onde opera: AM

FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (fase.org.br)

Estados onde opera: ES, BA, PE, RJ, PA, MS

Áreas de atuação: direito à cidade, justiça ambiental, soberania alimentar, direitos das mulheres.

organization, qualified as Oscip since 2015. Based on the growth in the demand for activities and the expansion of territorial coverage to other regions of the state, hitherto restricted to the Guaporé River Valley region, Ecoporé established its headquarters in Porto Velho/RO from 2000.

In the course of this trajectory, a series of projects (more than 30 in the states of Rondônia, Acre and Amazonas) were developed to promote environmental conservation, the sustainable use of natural resources, the recovery of Agro ecosystems, public policies and research, involving dozens of public, and private entities (both national and foreign), traditional and indigenous peoples and communities of the Amazon, and family farmers, both as partners and as beneficiaries of such actions.

Institutional planning is currently developed based upon four programs:

- a) Administration and governance: which has the objective of carrying out administrative management, acting to organize and improve management practices, according to legal norms, statutory guidelines and guidelines of funders and other supporters and the political representation of the institution, based on the articulation in networks, participation in social control spaces (Ecoporé is present in 20 councils, working groups and forums), and other forms of impact in the environmental policy space;
- b) Nature and communities: which aims at promoting nature conservation and valuing people who develop direct actions for the sustainable use of natural resources, especially in conservation units and indigenous territories.
- c) Forest and agriculture: aiming at developing actions related to forest restoration and the development of sustainable agriculture, it is within this logic that the Viveiro Cidadão project and other actions related to this theme are inserted.
- d) Research, education and communication: aims to bring society closer to socio-environmental issues through communication and media, fed back by the technical/scientific information produced by other programs, as well as by carrying out educational actions.

States where it operates (UF): RO

Main territories: State of Rondônia

Target groups: traditional riverside and extractivist communities, indigenous peoples and family farmers

SDG: 2, 3, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 15

Fundação Amazonas Sustentável (FAS) (fas-amazonia.org) is a non-profit Brazilian non-governmental organization (NGO), with no political party links, whose mission is to promote sustainable involvement, environmental conservation and the improvement of the quality of life of riverside communities in the state of Amazonas. Its main initiatives are implemented with a focus on the riverside communities sustainable development through the Bolsa Floresta (PBF), Education & Healthcare (PES), Innovative Solutions (PSI) and Management & Transparency (PGT) programs, complemented by support for income generation and entrepreneurship, empowerment and community infrastructure.

State where it operates (UF): AM

FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (fase.org.br)

States where it operates (UF): ES, BA, PE, RJ, PA, MS

Areas of activity: right to the city, environmental justice, food sovereignty, women's rights.

Cristalino (fundacaocristalino.org.br)

Estados onde opera: AM, MS

Áreas de atuação: proteção de áreas naturais, comunicação social, educação para conservação, pesquisa científica e incentivo à economia verde.

Fundação Vitória Amazônica (FVA) (fva.org.br) é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que atua há 30 anos com inovação socioambiental em diferentes escalas na Amazônia. A FVA desenvolveu diversas ações pioneiras no Amazonas, como a primeira campanha para a proteção do Sauim-de-Coleira (*Saguinus bicolor*), entre 1991 e 1992, que mobilizou a sociedade na luta pela preservação dessa espécie nativa de Manaus. Com a expressividade do projeto, a FVA participou da criação do Parque Municipal do Mindu, uma das primeiras áreas protegidas da região. Dentre as maiores contribuições da FVA, estão o suporte à criação e implementação de diversas Unidades de Conservação (UCs), planejamentos estratégicos para a conservação da biodiversidade no Rio Negro, a ampliação dos conhecimentos científicos sobre a Amazônia, o fortalecimento das instâncias de participação das comunidades na gestão territorial, a geração de renda através da valorização de produtos da sociobiodiversidade, o desenvolvimento de metodologias e conteúdos educativos customizados para o contexto regional, o monitoramento de uso de recursos naturais, o apoio ao planejamento urbano da Região Metropolitana de Manaus etc.

Hoje, a FVA desenvolve projetos nas áreas de pesquisa, organização social, educação, desenvolvimento socioeconômico e de políticas públicas, com foco na solução de problemas locais e regionais a partir de iniciativas sustentáveis, voltadas para a construção de um modelo alternativo de desenvolvimento na região amazônica, atuando no fortalecimento das cadeias de valor do artesanato e das fibras naturais, dos produtos florestais não madeireiros (PFNM), pesca, agricultura tradicional e turismo ecológico. Muito mais do que aprender e ensinar, a FVA tem comprovado a importância e viabilidade de uma relação mais harmônica entre as pessoas e a natureza. A FVA desenvolve soluções inovadoras que aliam conhecimento tradicional e técnico-científico para a promoção de alternativas adequadas ao desenvolvimento socioeconômico regional sustentável, reconhecendo a necessidade de construção participativa de conhecimentos e processos multiatores e multidisciplinares. Ao longo de sua história, a FVA estabeleceu uma forte relação de confiança com os moradores do Rio Negro, desenvolvendo uma experiência única de pesquisa participativa, baseada no entendimento das demandas e perspectivas dessas comunidades.

Estados onde opera: AM

Territórios principais: Baixo Rio Negro (AM), Região Metropolitana de Manaus (AM)

Públicos prioritários: Organizações comunitárias de base

ODS: 1, 2, 4, 5, 6,8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16

Instituto Centro de Vida – ICV (icv.org.br) é uma organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) fundada em 1991 em Mato Grosso, Brasil, e que trabalha com a missão de construir soluções compartilhadas para a sustentabilidade, visando conciliar a produção agropecuária e florestal com a conservação e recuperação dos ecossistemas naturais e de seus serviços. Nossas ações atingem tanto níveis internacionais, nacionais e estaduais nos temas da transparência, da governança ambiental e das políticas públicas, quanto em nível municipal por meio de experiências práticas. Buscamos dis-

Cristalino (fundacaocristalino.org.br)

States where it operates (UF): AM, MS

Areas of activity: protection of natural areas, social communication, conservation education, scientific research and incentives for the green economy

Fundação Vitória Amazônica (FVA) (fva.org.br) is a non-profit civil society organization that has been operating for 30 years with socio-environmental innovation at different scales in the Amazon. FVA has developed several pioneering actions in Amazonas, such as the first campaign for the protection of the monkey Sauim-de-Coleira (*Saguinus bicolor*), between 1991 and 1992, which mobilized the society in the struggle to preserve this native species of Manaus. With the expressiveness of the project, FVA participated in the creation of the Mindu Municipal Park, one of the first protected areas in the region. Among the greatest contributions of the FVA are support for the creation and implementation of several Conservation Units, strategic plans for the conservation of biodiversity in the Rio Negro, the expansion of scientific knowledge about the Amazon, the strengthening of instances of community participation in territorial management, and the generation of income through the valorization of sociobiodiversity products, the development of methodologies and educational content customized for the regional context, the monitoring of the use of natural resources, support for urban planning in the Metropolitan Region of Manaus, etc.

Today, FVA develops projects in the areas of research, social organization, education, socioeconomic development and public policies, with a focus on solving local and regional problems based on sustainable initiatives, aimed at building an alternative model of development in the Amazon region, acting in the strengthening of the value chains of handicrafts and natural fibers, non-timber forestproducts (NTFPs), fishing, traditional agriculture and ecological tourism. Much more than learning and teaching, FVA has proven the importance and viability of a more harmonious relationship between people and nature. FVA develops innovative solutions that combine traditional and technical-scientific knowledge to promote suitable alternatives to sustainable regional socioeconomic development, recognizing the need for participatory construction of knowledge and multi-actor and multidisciplinary processes. Throughout its history, the FVA has established a strong relationship of trust with the residents of the Rio Negro, developing a unique experience of participatory research based on an understanding of the demands and perspectives of these communities.

States where it operates (UF): AM

Main territories: Banks of the Rio Negro (AM), Metropolitan Region of Manaus (AM)

Target groups: Community-based organizations

SDG: 1, 2, 4, 5, 6,8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16

Instituto Centro de Vida – ICV (icv.org.br) is a civil society organization of public interest (Oscip, in Portuguese) founded in 1991 in Mato Grosso, Brazil, which works with the mission of building shared solutions for sustainability aiming to reconcile agricultural and forestry production with the conservation and recovery of natural ecosystems and their services. Our actions reach both international, national and state levels in the areas of transparency, environmental governance and public policies, and at the municipal level through practical experiences. We seek to disseminate these innovations in order to expand

seminar essas inovações para dar amplitude e influenciar outros atores para além dos territórios em que atuamos. Fazemos isso com base em estudos e análises, bem como em experiências de campo, sempre buscando a participação efetiva dos atores nesse processo. Para isso, construímos parcerias com diversos setores com os quais nos relacionamos, como governos, organizações, redes, coletivos, empresas e mídias. Nossas ações se dão em 4 eixos: 1) negócios sociais, construção de arranjos para a viabilidade socioambiental da agricultura familiar; 2) transparência ambiental, produção e acesso a dados-chave sobre florestas e políticas ambientais; 3) direitos socioambientais, construção da capacidade coletiva para impactar políticas públicas; e 4) incentivos econômicos, estímulo à redução do desmatamento por meio de ações públicas e privadas.

Estados onde opera: MT

Territórios principais: Alta Floresta (MT)

Públicos prioritários: organizações de base, associações indígenas, coletivos e movimentos sociais

Idesam (idesam.org), em 15 anos de trabalho pela Amazônia, a cada vez mais se consolida como uma das Ongs mais relevantes e de maior impacto, destacando-se no Brasil e internacionalmente pela sua atuação junto a produtores rurais, comunidades tradicionais, ribeirinhas e indígenas. Ao longo desse período, seu trabalho já alcançou mais de 3,4 mil famílias, distribuídas em 10 municípios da região amazônica, em estados como Amazonas, Pará, Tocantins, Amapá e Rondônia.

Os projetos desenvolvidos incentivam a busca por soluções criativas para os desafios sociais e ambientais que impactam principalmente os povos mais vulneráveis da floresta. Por isso, o Idesam sabe da importância e investe continuamente em atividades de campo, assistência técnica, pesquisas e estudos científicos, além de compartilhar os resultados de todo esse trabalho com a sociedade civil através de seus canais de comunicação.

A equipe coloca em prática projetos e programas que já mostram resultados concretos ao planeta, seja na mitigação das mudanças climáticas, no manejo e nas tecnologias florestais e/ou produção rural sustentável. Esses eixos de atuação estão intimamente vinculados aos objetivos definidos pela ONU para o desenvolvimento sustentável, a exemplo do combate às alterações climáticas (13), consumo e produção sustentáveis (12) e, ainda, redução das desigualdades (10) e emprego digno e crescimento econômico (8).

Em 2020, a atuação do Idesam seguiu por um processo de amadurecimento e expansão, no apoio a negócios inovadores e *startups* de impacto socioambiental positivo, um passo a mais no longo caminho para o futuro da Amazônia: o de uma nova economia de baixo carbono, baseada na valorização dos habitantes da floresta e no uso sustentável dos recursos naturais.

Estados onde opera: AM, PA, TO, AP, RO

Territórios principais: sul do Amazonas

Públicos prioritários: produtores rurais, comunidades tradicionais, ribeirinhas e indígenas.

ODS: 8, 10, 12, 13

Instituto Internacional de Educação do Brasil – IIEB (iieb.org.br)

Estados onde opera: AM, PA

Áreas de atuação: formação e capacitação, fortalecimento institucional, gestão territorial, ambiental e manejo de recursos naturais, gestão financeira.

and influence other actors beyond the territories in which we operate. We do this based on studies and analyzes, as well as on field experiences, always looking for the effective participation of the actors in this process. For this, we build partnerships with various sectors with which we relate, such as governments, organizations, networks, collectives, companies and media. Our actions are in 4 axes: 1) social business, construction of arrangements for the socio-environmental viability of family farming; 2) environmental transparency, production and access to key data on forests and environmental policies; 3) social and environmental rights, building collective capacity to impact public policies; and 4) economic incentives, encouraging the reduction of deforestation through public and private actions.

States where it operates (UF): MT

Main territories: Alta Floresta (MT)

Target groups: grassroots organizations, indigenous associations, collectives, and social movements

Idesam (idesam.org), in 15 years of hard work in the Amazon, is increasingly consolidating itself as one of the most relevant and impacting non-governmental organizations, standing out in Brazil and internationally for its work with rural producers, traditional, riverside and indigenous communities. Over this period, our work has reached more than 3,400 families, distributed in 10 municipalities in the Amazon region, in states such as Amazonas, Pará, Tocantins, Amapá and Rondônia.

The projects we develop encourage the search for creative solutions to social and environmental challenges, which mainly impact the most vulnerable people in the forest. That is why Idesam is aware of the importance and continuously invests in field activities, technical assistance, research and scientific studies, in addition to sharing the results of all this work with civil society through its communication channels.

Our team puts into practice projects and programs that already show concrete results to the planet, whether in mitigating climate change, forest management and technologies and/or sustainable rural production. These lines of action are closely linked to the objectives defined by the UN for sustainable development, such as combating climate change (13), sustainable consumption and production (12) and reducing inequalities (10) and decent employment and economic growth (8).

In 2020, our operations continue to mature and expand, supporting innovative businesses and startups with a positive socioenvironmental impact, one more step on the long road that we believe to be the future of the Amazon: that of a new low carbon economy, based on valuing forest inhabitants and sustainable use of natural resources.

States where it operates (UF): AM, PA, TO, AP, RO

Main territories: South of Amazonas

Target groups: Rural producers, traditional, riverside and indigenous communities.

SDG: 8, 10, 12, 13

Instituto Internacional de Educação do Brasil – IIEB (iieb.org.br)

States where it operates (UF): AM, PA

Areas of activity: training and capacity building, institutional strengthening, territorial and environmental management and the management of natural resources, financial management.

Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (institutoiepe.org.br) é uma entidade da sociedade civil sem fins lucrativos, criada em 2002 e sediada em São Paulo (com escritórios regionais em Santarém, Macapá e Oipoque), que desenvolve ações em parceria com 15 povos que vivem em 10 Terras Indígenas (TIs) distribuídas entre o Amapá e o norte do Pará, chegando ao extremo leste do Amazonas e ao sul de Roraima. Tem como missão contribuir para o fortalecimento cultural, político e para o desenvolvimento sustentável dessas comunidades, visando ao fortalecimento de suas formas de gestão comunitária e coletiva, para que seus direitos sejam respeitados. Três áreas de atuação são prioritárias para o Instituto: 1) fortalecimento político indígena: presta assessoria para o fortalecimento de 12 organizações indígenas representativas das TIs onde atua; 2) gestão territorial e ambiental: apoia o fortalecimento da gestão territorial e ambiental desses territórios por meio da elaboração e implementação de seus planos de gestão territorial e ambiental; 3) educação e valorização cultural: trabalha na formação de pesquisadores indígenas e na sistematização e divulgação de conhecimentos indígenas.

Estados onde atua: AP, PA, RR, AM, SP

Territórios principais: Terras Indígenas (TIs) distribuídas entre o Amapá e o Norte do Pará, até o extremo leste do Amazonas e sul de Roraima

Públicos prioritários: Povos indígenas.

ODS: 2, 3, 4, 5, 12, 13, 16, 17

Instituto Floresta Tropical – IFT (ift.org.br)

Estado onde opera: PA

Áreas de atuação: capacitação e treinamento em manejo florestal

Imaflora – Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (imaflora.org) é uma organização brasileira sem fins lucrativos, que tem por missão incentivar e promover mudanças nos setores florestal e agrícola, visando à conservação e ao uso sustentável dos recursos naturais e a geração de benefícios sociais. Foi fundado em 1995, acreditando que instrumentos econômicos seriam fundamentais para promover conservação ambiental e desenvolvimento social nos setores florestal e agrícola. O Imaflora tem atuado para promover sustentabilidade e se tornou uma das principais referências na sociedade civil brasileira em termos de promoção de boas práticas de produção florestal e agrícola, de mecanismos financeiros do desenvolvimento sustentável e de diálogos multissetoriais para enfrentar problemas coletivos.

Onde atua: todo o Brasil

Públicos prioritários: Empreendimentos nos setores florestais e agrícolas, populações tradicionais, assentados e poder público.

ODS: 2, 8, 12, 13, 15

Imazon (imazon.org.br)

Onde opera: Amazônia Legal

Áreas de atuação: promover conservação e desenvolvimento sustentável na Amazônia.

Ecológica (ecologica.org.br)

Estado onde opera: TO

Áreas de atuação: redução dos efeitos das mudanças climáticas por meio de pesquisa científica, conservação do meio ambiente e apoio ao desenvolvimento sustentável de comunidades.

Iepé – Indigenous Research and Training Institute (institutoiepe.org.br) is a non-profit civil society entity created in 2002 and headquartered in São Paulo (and with regional offices in Santarém, Macapá and Oipoque), which develops actions in partnership with 15 peoples who live in 10 Indigenous Lands (ILs) distributed between Amapá and Northern Pará, reaching the Eastern end of Amazonas and Southern Roraima. Its mission is to contribute to the cultural and political enhancement and sustainable development of these communities, with a view to strengthening their forms of community and collective management, so that their rights are respected. Three areas are a priority for the institute: 1. indigenous political strengthening: provides advice to strengthen 12 indigenous organizations representing the ILs where it operates; 2. territorial and environmental management: it supports the strengthening of the territorial and environmental management of these territories through the preparation and implementation of their territorial and environmental management plans; 3. education and cultural valorization: works in the training of indigenous researchers and in the systematization and dissemination of indigenous knowledge.

States where it operates (UF): AP, PA, RR, AM, SP

Main territories: Indigenous Lands (ILs) distributed between Amapá and Northern Pará, to the eastern end of Amazonas and southern Roraima

Target groups: Indigenous peoples.

SDG: 2, 3, 4, 5, 12, 13, 16, 17

Instituto Floresta Tropical – IFT (ift.org.br)

State where it operates: PA

Areas of activity: capacity building and training in forest management

Imaflora – Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (imaflora.org) is a Brazilian non-profit organization whose mission is to encourage and promote changes in the forest and agricultural sectors, aiming at the conservation and sustainable use of natural resources and the generation of social benefits. It was established in 1995, believing that economic instruments would be fundamental to promote environmental conservation and social development in the forest and agricultural sectors. Imaflora has acted to promote sustainability and has become one of the main references in Brazilian civil society in terms of promoting good forestry and agricultural production practices, financial mechanisms for sustainable development and multisectoral dialogues to face collective problems.

Where it operates: all Brazil

Target groups: ventures in the forestry and agricultural sectors, traditional populations, settlers and public power.

SDG: 2, 8, 12, 13, 15

Imazon (imazon.org.br)

Where it operates: Legal Amazon

Areas of activity: conservation and sustainable development promotion in the Amazon.

Ecológica (ecologica.org.br)

State where it operates (UF): TO

Areas of activity: to act reducing the effects of climate change through scientific research, conservation of the environment and support for the sustainable development of communities.

Instituto Peabiru (peabiru.org.br) é uma organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) brasileira, com 21 anos de trabalhos facilitando processos de fortalecimento de organizações sociais e de valorização da sociobiodiversidade. Com sede em Belém, bioma Amazônia e ênfase para o Marajó, nordeste paraense e a região metropolitana de Belém (PA), atua em quatro eixos: 1) conservação da biodiversidade: é pioneiro na organização e formalização da cadeia de valor das abelhas sem ferrão; com o Museu Goeldi, descobriu um novo ecossistema – a Floresta Amazônica Atlântica, no litoral paraense; dedica-se à valorização dos manguezais, à conservação de áreas privadas e à revitalização do Parque Zoológico do Museu Goeldi, em Belém; 2) cadeias de valor amazônicas: assistência técnica a agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais, para fortalecimento das cadeias de valor da sociobiodiversidade (mel de abelhas sem ferrão, mandioca, açaí e pesca), incluindo a comercialização em parceria com a empresa Peabiru Produtos da Floresta; 3) proteção social: na garantia de direitos básicos de crianças, jovens e mulheres, em especial através da implementação do Selo Unicef, em mais de setecentos municípios nos nove estados da Amazônia Legal; e na melhoria das condições de trabalho no açaí; 4) engajamento socioambiental do setor privado: em parceria com empresas e associações empresariais, com destaque à participação na Plataforma Parceiros pela Amazônia (PPA); e colabora com o diálogo e projetos socioambientais de empresas de diferentes setores e suas comunidades vizinhas.

Onde opera: Amazônia Legal

Territórios principais: Marajó e nordeste paraense

Públicos prioritários: agricultores familiares, Jovens, Mulheres e crianças.

Áreas de atuação: conservação da biodiversidade, agricultura familiar, cadeias de valor amazônicas, proteção social, engajamento socioambiental do setor privado.

ODS: 2, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) (ipam.org.br) é uma organização de pesquisa científica, independente, não governamental, apartidária e sem fins lucrativos que, desde 1995, trabalha pelo desenvolvimento sustentável da Amazônia. Nosso propósito é consolidar, até 2035, um modelo de desenvolvimento tropical da Amazônia, que promova uma prosperidade econômica da região que não dependa do desmatamento ou da degradação socioambiental e que seja capaz de gerar igualdade social. Com cerca de cem colaboradores, distribuídos em nove escritórios, e cerca de mil artigos científicos publicados nas mais renomadas revistas científicas do mundo, o Ipam atua em três eixos estratégicos: (1) agricultura familiar sustentável e de baixo carbono, que visa fomentar o aumento da produção e da renda no campo sem necessidade de novos desmatamentos; (2) proteção e governança de territórios naturais, onde o Ipam procura dar base científica à proteção e expansão das unidades de conservação e terras indígenas, valorizando-as através dos serviços ambientais que prestam à sociedade brasileira e às populações locais; (3) agropecuária de baixo carbono, que busca aumentar a produção de larga escala na ausência de desmatamento, através da valorização de ativos florestais e da implementação de padrões de produção e consumo livres de desmatamento. Para alcançar seus objetivos, o Ipam aplica uma abordagem de trabalho, dividida

Instituto Peabiru (peabiru.org.br) is a Brazilian civil society organization of public interest (Oscip) with 21 years of work facilitating processes for strengthening social organizations and valuing sociobiodiversity. With headquarters in Belém, Amazon biome and emphasis on Marajó, Northeast Pará, and the Metropolitan Region of Belém (PA), it operates in four areas: 1. conservation of biodiversity: is a pioneer in the organization and formalization of the value chain of stingless bees; with the Goeldi Museum it has discovered a new ecosystem – the Atlantic Amazon Forest, on the coast of Pará; it is dedicated to the enhancement of mangroves, the conservation of private areas and the revitalization of the Zoobotanic Park of the Goeldi Museum, in Belém; 2) Amazonian value chains: technical assistance to family farmers, traditional peoples and communities, to strengthen socio-biodiversity value chains (stingless bees honey, cassava, açaí and fisheries), including marketing in partnership with the Peabiru Produtos da Floresta company; 3) social protection: guaranteeing the basic rights of children, youth and women, especially through the implementation of the Unicef Seal, in more than seven hundred municipalities in the nine states of the legal Amazon; and improving the açaí working conditions; 4) social and environmental engagement of the private sector: in partnership with companies and business associations, with emphasis on the participation in the Partners for the Amazon Platform (PPA, in Portuguese); and it collaborates with the social and environmental dialogue and projects of companies from different sectors and their neighboring communities.

Where it operates: Legal Amazon

Main territories: Marajó, Northeastern Pará

Target groups: family farmers, youth, women and children

Areas of activity: biodiversity conservation, family farming, Amazonian value chains, social protection, the socio-environmental engagement of the private sector.

SDG: 2, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) (ipam.org.br) is an independent, non-governmental, non-party, non-profit, scientific research organization that has been working for the sustainable development of the Amazon since 1995. Our purpose is to consolidate, by 2035, a model of tropical development in the Amazon that promotes economic prosperity in the region that does not depend on deforestation or socio-environmental degradation and that is capable of generating social equality. With around one hundred employees, distributed in nine offices, and around one thousand scientific articles published in the most renowned scientific journals in the world, IPAM operates in three strategic areas: (1) sustainable and low carbon family farming, which aims to promote increased production and income in the countryside without the need for new deforestation; (2) protection and governance of natural territories, where IPAM seeks to provide a scientific basis for the protection and expansion of conservation units and indigenous lands, valuing them through the environmental services they provide to Brazilian society and local populations; (3) low carbon agriculture that seeks to increase large-scale production in the absence of deforestation, through the valuation of forest assets and the implementation of deforestation-free production and consumption patterns. To achieve its objectives, IPAM applies a work approach, divided into three pillars:

em três pilares: (i) estudos científicos, com os quais se aprofunda o conhecimento técnico sobre um tema relacionado aos eixos estratégicos; (ii) experimentação em campo, onde, a partir das informações científicas obtidas, testamos a viabilidade de soluções através de modelos em campo e projetos piloto e (iii) escalabilidade, onde buscamos amplificar as soluções por meio da melhoria de políticas públicas socioambientais e econômicas ou para a tomada de decisões pelo poder público. Em resumo, o IPAM está profundamente imbuído em promover ciência, educação e inovação para uma Amazônia ambientalmente saudável, economicamente próspera e socialmente justa.

Onde opera: Amazônia Legal (ênfase para PA, RR, MA, AC, MT, AP, AM)

Territórios principais: áreas protegidas em diferentes estados e assentamentos rurais

Públicos prioritários: agricultores familiares, povos indígenas, grandes e médios agricultores e governos estaduais.

IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas (ipe.org.br) atua há 20 anos na Amazônia com pesquisa, educação e negócios sustentáveis para a conservação da biodiversidade brasileira. Nossa estratégia para o bioma amazônico é a busca de modelos inovadores de soluções integradas para apoio à gestão de áreas protegidas. Atuamos no fortalecimento das instituições responsáveis ou envolvidas com a gestão nas áreas protegidas; na disseminação e valorização das boas práticas de gestão; na articulação em rede com diversos atores que atuam e residem nesses territórios, na construção de ações efetivas; no fortalecimento institucional de associações indígenas, extrativistas e organizações da sociedade civil locais; no monitoramento da biodiversidade; no fomento às cadeias de valor dos produtos da floresta; e na construção coletiva e compartilhada dos conhecimentos. Hoje trabalhamos em 116 áreas protegidas em seis estados da Amazônia Legal, com o objetivo de torná-las polos de irradiação de um desenvolvimento sustentável que respeite a proteção da sociobiodiversidade. Acreditamos que as áreas protegidas são a base para o presente e garantem o futuro da Amazônia, promovendo os ativos naturais do Brasil e a sabedoria ancestral dos povos da floresta.

Estados onde opera: AM, SP, BA, MS, DF

Territórios principais: 116 áreas protegidas em seis estados da Amazônia legal

Públicos prioritários: Associações indígenas, extrativistas e organizações da sociedade civil locais.

ODS: 1, 2, 6, 11, 12, 13, 15

Instituto Socioambiental – ISA (socioambiental.org)

Estados onde opera: DF, RR, AM, MT, SP, PA

Territórios principais: Xingu, Vale do Ribeira, Rio Negro

Públicos prioritários: Povos indígenas

Áreas de atuação: propor soluções de forma integrada a questões sociais e ambientais com foco central na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos.

Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN (ispn.org.br)

Estado onde opera: TO

(i) scientific studies, with which technical knowledge is deepened on a theme related to the strategic axes; (ii) field experimentation, where, based on the scientific information obtained, we test the feasibility of solutions through field models and pilot projects, and (iii) scalability, where we seek to amplify solutions through the improvement of socio-environmental and economic public policies or for decision-making by the government. In sum, IPAM is deeply involved in promoting science, education and innovation for an environmentally healthy, economically prosperous and socially just Amazon.

Where it operates (UF): Legal Amazon (emphasis on PA, RR, MA, AC, MT, AP, AM)

Main territories: protected areas in different states and rural settlements

Target groups: family farmers, indigenous peoples, and large and medium farmers; state governments.

IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas (ipe.org.br) has been operating for 20 years in the Amazon with research, education and sustainable business for the conservation of Brazilian biodiversity. Our strategy for the Amazon biome is the search for innovative models of integrated solutions to support the management of protected areas. We work to strengthen the institutions responsible for or involved in the management of protected areas; disseminating and valuing good management practices; in networking with various actors who work and reside in these territories in the construction of effective actions; in the institutional strengthening of indigenous associations, extractivists and local civil society organizations; monitoring biodiversity; in promoting the value chains of forest products; and, in the collective and shared construction of knowledge. Today we work in 116 protected areas in six states in the legal Amazon, with the aim of making them poles of irradiation for sustainable development that respects the protection of socio-biodiversity. We believe that protected areas are the basis for the present and guarantee the future of the Amazon, promoting Brazil's natural assets and the ancestral wisdom of the peoples of the forest.

States where it operates (UF): AM, SP, BA, MS, DF

Main territories: 116 protected areas in six states of the Legal Amazon

Target groups: indigenous associations, extractivists and local civil society organizations

SDG: 1, 2, 6, 11, 12, 13, 15

Instituto Socioambiental – ISA (socioambiental.org)

States where it operates: DF, RR, AM, MT, SP, PA

Main territories: Xingu, Vale do Ribeira, Rio Negro

Target groups: Indigenous peoples

Areas of activity: proposing integrated solutions to social and environmental issues with a central focus on the defense of social and collective and diffuse goods and rights related to the environment, cultural heritage, human and peoples' rights.

Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN (ispn.org.br)

State where it operates: TO

Associação de Defesa Etoambiental Kanindé (kaninde.org.br) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – Os-cip, sem fins lucrativos, fundada em 1992, que vem se destacando como uma entidade referência em trabalhos desenvolvidos nas terras indígenas e em políticas públicas voltadas às questões ambientais. Atua no estado de Rondônia, noroeste do Mato Grosso e sul do Amazonas – em uma área de intervenção de aproximadamente 10 milhões de hectares, beneficiando aproximadamente 4 mil indígenas. Seu corpo técnico e pessoas associadas é formado de profissionais de diversas áreas: direito, biologia, agronomia, engenharia florestal, gestão ambiental, história, geografia, cartografia, antropologia, saúde, informática, jornalismo, marketing, fotografia e indigenismo, além de mateiros, guias, voluntários e estudantes colaboradores. Em 2005, 2006 e 2007, a Kanindé ganhou o segundo lugar no Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente, na categoria ONG; em 2007, ganhou o primeiro lugar no Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente, na categoria Ciência e Tecnologia; e em 2011, ganhou o Prêmio de Tecnologia Social, dado pela Fundação Banco do Brasil, com a metodologia de Diagnóstico Etoambiental Participativo em Terras Indígenas, criada e utilizada pela Kanindé para a elaboração de Planos de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas.

A Kanindé desenvolve diversas atividades em terras indígenas e unidades de conservação, sendo as mais importantes: diagnósticos participativos, planos de gestão, vigilância e fiscalização, apoio à produção, manejo da floresta, reflorestamento, uso de GPS e drones, biomonitoramento, piscicultura, agricultura sustentável, monitoramento da paisagem, e fortalecimento de organizações indígenas, entre outras. Suas atividades transversais incluem a capacitação de indígenas e não-indígenas em legislação, o acompanhamento de políticas públicas e a participação em conselhos públicos, em representação das organizações da sociedade civil locais e nacionais.

A Kanindé elaborou uma série de metodologias participativas em direta colaboração com os respectivos povos indígenas: (1) o Diagnóstico Etoambiental Participativo promove o diálogo entre as ciências sociais, as exatas, as biológicas e a ciência indígena para gerar uma ampla gama de dados empíricos sobre a TI; (2) o Etozoneamento aplica os conhecimentos cartográficos e os dados gerados pelo Diagnóstico Etoambiental Participativo para identificar e especificar tipos de uso em distintos setores geográficos da TI; e (3) o Plano de Gestão Territorial e Ambiental, elaborado e validado pelos próprios povos indígenas, orienta a utilização sustentável das terras indígenas a longo prazo.

Estados onde opera: RO, AM

Territórios principais: Rondônia, noroeste do Mato Grosso e sul do Amazonas

Públicos prioritários: Povos indígenas

ODS: 2, 4, 5,9, 10,11,12, 13, 15, 16

OPAN – Operação Anchieta (amazonianativa.org.br)

Estados onde opera: MT, AM

Áreas de atuação: atua pelo fortalecimento do protagonismo indígena no cenário regional, valorizando sua cultura e seus modos de organização social através da qualificação das práticas de gestão de seus territórios e recursos naturais, com autonomia e de forma sustentável.

Associação de Defesa Etoambiental Kanindé (kaninde.org.br) is a non-profit Civil Society Organization of Public Interest – Os-cip, founded in 1992, which has stood out as a reference entity in works developed in indigenous lands and in public policies focused on environmental issues. It operates in the states of Rondônia, Northwest of Mato Grosso and South of Amazonas – in an intervention area of approximately 10 million hectares, benefiting approximately 4,000 indigenous people. Its technical staff and associated people is made up of professionals from different areas: law, biology, agronomy, forestry, environmental management, history, geography, cartography, anthropology, healthcare, computer science, journalism, marketing, photography and indigenism, in addition to bushmen, guides, volunteers and collaborating students. In 2005, 2006 and 2007, Kanindé got the second place in the Chico Mendes Environment Award in the NGO category; in 2007 it got the first place in the Chico Mendes Environment Award in the Science and Technology category; and in 2011 it got the Social Technology Award given by the Fundação Banco do Brasil with the methodology of Participatory Ethno-Environmental Diagnosis in Indigenous Lands, created and used by Kanindé for the elaboration of Territorial and Environmental Management Plans for Indigenous Lands.

Kanindé develops several activities in indigenous lands and conservation units, of which we mention the most important ones: participatory diagnoses, management plans; surveillance and inspection; production support; forest management; reforestation, use of GPS and drones, biomonitoring, fish farming, sustainable agriculture, landscape monitoring; strengthening indigenous organizations; among others. Its cross-cutting activities include training indigenous and non-indigenous people in legislation, monitoring public policies and participating in public councils representing local and national civil society organizations.

Kanindé developed a series of participatory methodologies in direct collaboration with the respective indigenous peoples: (1) The Participatory Ethno-Environmental Diagnosis promotes dialogue between the social sciences, the exact sciences, biological and indigenous sciences to generate a wide range of empirical data on IT; (2) Ethno zoning uses the cartographic knowledge and data generated by the Participatory Ethno-Environmental Diagnosis to identify and specify types of use in different geographical sectors of IT; and (3) The Territorial and Environmental Management Plan, prepared and validated by the indigenous peoples themselves, guides the sustainable use of Indigenous Lands in the long term.

States where it operates (UF): RO, AM

Main territories: Rondônia, northwest of Mato Grosso and south of Amazonas

Target groups: Indigenous peoples

SDG: 2, 4, 5,9, 10,11,12, 13, 15, 16

OPAN – Operação Anchieta (amazonianativa.org.br)

States where it operates: MT, AM

Areas of activity: acts by strengthening indigenous protagonism in the regional scenario, valuing their culture, their modes of social organization through the qualification of the management practices of their territories and natural resources, with autonomy and in a sustainable way.

Instituto Ouro Verde (ouoverde.org.br) é uma organização não governamental fundada em 1999 que possui como foco de atuação a participação social como base para o desenvolvimento sustentável. **Públicos prioritários:** agricultores e suas representações, através de parcerias com entidades públicas e privadas **Territórios principais:** MT e região Centro Oeste

Comissão Pró-Índio de São Paulo (cpisp.org.br) foi fundada em 1978. Atualmente seu trabalho local se dá junto às comunidades quilombolas e ribeirinhas no Pará (Oriximiná e Óbidos) e a comunidades indígenas em São Paulo (Peruíbe).

No Baixo Amazonas (Oriximiná e Óbidos), é parceira dos quilombolas desde 1989. Entre os resultados dessa atuação, está a titulação de nove territórios quilombolas. Além de prestar assessoria às organizações locais, a CPI-SP contribui com os processos de articulação entre quilombolas, ribeirinhos e indígenas.

Em São Paulo, atua junto aos índios da TI Piaçaguera apoiando iniciativas para contribuir com a promoção da soberania alimentar e a adoção de hábitos alimentares saudáveis e culturalmente adequados.

No âmbito nacional, desde 2004, a CPI-SP realiza monitoramento nacional dos processos de titulação de terras quilombolas, da legislação e jurisprudência referentes aos direitos quilombolas, disponibilizando as informações em seu site.

Estados onde opera: PA, SP

Territórios principais: Oriximiná, Óbidos (PA), e Perúibe (SP)

Públicos prioritários: Comunidades quilombolas e ribeirinhas. Povos indígenas.

ODS: 1, 2, 5, 10, 15

Associação Rare do Brasil (rare.org) é uma organização não-governamental sem fins lucrativos brasileira com seis anos de atuação na gestão da pesca de pequena escala ao longo do setor costeiro e marinho brasileiro. A organização vem implementando o programa Pesca para Sempre, em diferentes países do mundo, e, no Brasil, trabalhou em 15 Áreas Marinhas Protegidas em 7 estados costeiros. Hoje, com sedes nas cidades de São Paulo e Belém, a Rare Brasil foca os esforços do programa no estado do Pará. Priorizando a cooperação através da rede de parceiros para promoção da gestão participativa dos territórios pesqueiros, a Rare vem atuando em colaboração com agências governamentais federais, como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), além das Secretarias Estaduais no Pará, a Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas e Povos e Comunidades Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinhos (Confrem), lideranças, associações de pescadores, universidades e outras organizações da sociedade civil. A gestão baseada na comunidade para a pesca costeira é fomentada pelo programa Pesca para Sempre por meio da integração dos elementos: 1) engajamento da comunidade para adoção de comportamentos sustentáveis; 2) fortalecimento de conselhos gestores eficientes das Unidades de Conservação; 3) acesso gerenciado das áreas e dos recursos pesqueiros; 4) estabelecimento de rede de Áreas de Conservação e Recuperação de Estoques (Acres); 5) uso de dados para tomada de decisão; 6) inclusão financeira e acesso a mercados para os produtos pesqueiros; 7) política e governança da pesca

Ouro Verde (ouoverde.org.br) is a non-governmental organization founded in 1999, that focuses on social participation as a basis for sustainable development.

Target groups: farmers and their representations, through partnerships with public and private entities

Main territories: MT and Midwest region

Comissão Pró-Índio de São Paulo (cpisp.org.br) was established in 1978. Currently, its local work takes place with *quilombola* and riverside communities in Pará (Oriximiná and Óbidos) and with indigenous communities in São Paulo (Peruíbe).

In the Lower Amazon (Oriximiná and Óbidos) it has been a partner of the *quilombolas* since 1989. Among the results of this action, we mention the titling of nine *quilombola* territories. In addition to providing advice to local organizations, CPI-SP contributes to the processes of articulation between the *quilombolas*, riverside dwellers and indigenous peoples.

In São Paulo, it works with IT Piaçaguera Indians, supporting initiatives to contribute to the promotion of food sovereignty and the adoption of healthy and culturally appropriate eating habits.

At the national level, since 2004, CPI-SP has carried out national monitoring of *quilombo* land titling processes, of the legislation and jurisprudence regarding *quilombola* rights made available on our website.

States where it operates (UF): PA, SP

Main territories: Oriximiná, Óbidos (PA), and Perúibe (SP)

Target groups: Quilombola and riverside communities. Indigenous peoples.

SDG: 1, 2, 5, 10, 15

Associação Rare do Brasil (rare.org) is a Brazilian non-governmental non-profit organization with six years of experience in managing small-scale fisheries throughout the Brazilian marine and coastal sector. The organization has been implementing the Fishing Forever program in different countries throughout the world, and in Brazil it has worked in 15 Marine Protected Areas in 7 coastal states. Today with headquarters in the cities of São Paulo and Belém, Rare Brasil focuses the program's efforts in the state of Pará. Prioritizing cooperation through the network of partners to promote participatory management of fishing territories, Rare has been working in collaboration with Federal Government agencies, such as the Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); in addition to the State Secretariats in Pará; the National Commission for Strengthening Extractive Reserves and Traditional Coastal and Marine Extractive People and Communities (Confrem, in Portuguese), leaders, fishermen's associations; universities; and other civil society organizations. Community-based management for coastal fishing is promoted by the Fishing Forever program through the integration of the following: 1) community engagement for the adoption of sustainable behaviors; 2) strengthening of efficient management councils for Conservation Units; 3) managed access to fisheries areas and resources; 4) establishment of a network of Conservation and Stock Recovery Areas (Acres); 5) use of data for decision making; 6) financial inclusion and access to markets for fishery products; 7) fisheries policy and governance in Brazil; and 8) investment promotion

no Brasil; e 8) promoção de investimentos para sustentar o modelo. A Rare inspira mudanças para que as pessoas e a natureza prosperem.
Estado onde opera: PA

Rio Terra – Centro de Estudos da Cultura e do Meio Ambiente da Amazônia (rioterra.org.br)

Estado onde opera: RO

Áreas de atuação: formação de uma sociedade crítica, consciente do seu contexto socioeconômico e ambiental, capaz de propor um modelo de desenvolvimento para a região amazônica, que alie conservação e sustentabilidade à melhoria da qualidade de vida das populações locais.

Projeto Saúde e Alegria (PSA) (saudeealegria.org.br) é uma instituição civil sem fins lucrativos que atua desde 1987 na Amazônia brasileira, na região oeste do estado do Pará, promovendo e apoiando processos participativos de desenvolvimento comunitário integrado e sustentável, visando melhorar a qualidade de vida e o exercício da cidadania. Por meio de estratégias de educação comunitária e ambiental, do uso da arte, do lúdico e da comunicação popular, baseia o conceito Saúde e Alegria de atuação com as comunidades da Amazônia.

Em seu histórico, construiu e apoia um modelo de atenção básica de saúde adaptado às comunidades da Amazônia, simbolizado no barco-hospital Abaré, que se tornou política pública federal através do SUS, e presta assistência regular a 15 mil ribeirinhos, realizando cerca de 20 mil procedimentos e de 200 atividades de educação e prevenção por ano.

Implanta tecnologias adaptadas de saneamento e acesso à água (sanitários, sistemas de captação, abastecimento e tratamento de água), com autogestão e participação comunitária. Já beneficiou mais de 12,5 mil pessoas com acesso à água de qualidade e vem ganhando escala via políticas públicas.

Destaca-se também o Floresta Ativa Tapajós, plataforma de oportunidades socioeconômicas voltadas ao manejo sustentável da floresta, contribuindo com a redução do desmatamento ao mesmo tempo que promove segurança alimentar, elevação da renda e inclusão social. Mais de 300 mil mudas de espécies frutíferas e florestais já foram produzidas, 250 hectares plantados para restauração florestal e 260 famílias foram beneficiadas com suas atividades.

Estado onde opera: PA

Territórios principais: Oeste do Estado do Pará, Tapajós

Públicos prioritários: Comunidades ribeirinhas

ODS: 1, 2, 3, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 17

SITAWI Finanças do Bem (sitawi.net) é uma Organização Social de Interesse Público (Oscip) que atua há mais de 10 anos mobilizando capital para impacto socioambiental positivo. Como o próprio nome diz, a SITAWI privilegia uma abordagem transversal, que discute e qualifica o papel do capital no atendimento de objetivos sociais e ambientais, sem especializar-se numa temática vertical, como saúde, educação ou meio-ambiente. Essa abordagem pensa o capital em seus diversos formatos, desde filantropia até investimento de impacto e investimento responsável, passando por *blended finance*

to support the model. Rare inspires change for the people and the nature to thrive.

State where it operates (UF): PA

Rio Terra – Centro de Estudos da Cultura e do Meio Ambiente da Amazônia (rioterra.org.br)

State where it operates: RO

Areas of activity: formation of a critical society, aware of its socio-economic and environmental context, capable of proposing a development model for the Amazon region that combines conservation and sustainability with improving the quality of life of local populations.

Projeto Saúde e Alegria (PSA) (saudeealegria.org.br) is a non-profit civil institution that has been operating since 1987 in the Brazilian Amazon, in the western region of the State of Pará, promoting and supporting the participatory processes of integrated and sustainable community development aimed at improving the quality of life and the exercise of citizenship. Through community and environmental education strategies, the use of art, leisure and popular communication is the basis for the concept of actions of Health and Joy with communities in the Amazon.

In its history, it has built and has supported a model of primary healthcare adapted to the communities of the Amazon, symbolized by the Abaré hospital boat, which became federal public policy through SUS, and provides regular assistance to 15 thousand riverside dwellers, carrying out about 20 thousand procedures and 200 education and prevention activities per year.

It implements adapted technologies for sanitation and access to water (toilets, water collection, supply and treatment systems), with self-management and community participation. It has already benefited more than 12,500 people with access to quality water and has been gaining scale through public policies.

Also noteworthy is Floresta Ativa Tapajós, a platform of socio-economic opportunities aimed at sustainable forest management, contributing to the reduction of deforestation while promoting food security, increased income and social inclusion. More than 300 thousand seedlings of fruit and forest species have already been produced and 250 hectares have been planted for forest restoration and 260 families have benefited from their activities.

State where it operates (UF): PA

Main territories: West of the State of Pará, Tapajós

Target groups: riverside communities

SDG: 1, 2, 3, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 17

SITAWI Finanças do Bem (sitawi.net) is a Social Organization of Public Interest (Oscip, in Portuguese) that has been operating for over 10 years, mobilizing capital for a positive socioenvironmental impact. As its name says, SITAWI favors a transversal approach, which discusses and qualifies the role of capital in meeting social and environmental objectives, without specializing in a vertical theme such as healthcare, education or the environment. This approach takes the capital in its various formats, from philanthropy to impact and responsible investments, including blended financing and collective loans, and by

e empréstimos coletivos, sendo que até o início de 2020, a SITAWI já mobilizou 45 milhões de reais para mais de 100 organizações e negócios de impacto no Brasil. A SITAWI coordena um projeto territorial no Médio Juruá (com apoio filantrópico da Usaid, Coca-Cola e Natura) que visa aumentar o Índice de Progresso Social da região (IPS, metodologia que mede de forma holística e robusta a performance social e ambiental de nações e territórios, independentemente do desenvolvimento econômico. Foi criado com o apoio de estudiosos e especialistas mundiais em políticas públicas, incluindo o economista americano Michael Porter, professor da Harvard Business School). Por exemplo, o IPS da região ribeirinha de Carauari passou de 50 para 58 entre 2017 e 2019 (1). Como parte de sua atuação, a SITAWI se tornou o Investidor de Impacto mais ativo do Brasil, tendo feito mais de 50 transações até 2019. Investimentos de Impacto são aqueles investimentos que buscam um impacto social e/ou ambiental positivo juntamente com retorno financeiro. Dada essa característica, tendem a ser mais escaláveis do que iniciativas filantrópicas. Essa expertise levou a uma publicação *Investimento de Impacto na Amazônia: Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*, que apresenta um *framework* para pensar (2). Em paralelo, a SITAWI desenvolveu uma plataforma para empréstimos coletivos de pessoas físicas (a partir de R\$ 1 mil) para negócios de impacto selecionados pela SITAWI. As pessoas se tornam co-financiadoras dos negócios originados, aliados e acompanhados pela SITAWI. Em março 2020, a plataforma realizou uma rodada focada na região Amazônica, com cinco negócios buscando cerca de R\$ 3,2 milhões em financiamento, dos quais aproximadamente 30% foram disponibilizados para pessoas físicas que buscam aliar seus investimentos a seus valores.

Estado onde opera: SP, RJ, AM

Públicos prioritários: empresas e instituições financeiras, organizações e negócios de impacto com ou sem fins lucrativos

ODS: 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17

SOS Amazônia (sosamazonia.org.br) é uma organização não governamental com a missão de promover a conservação da biodiversidade e o crescimento da consciência ambiental na Amazônia.

Estados onde opera: AC, AM

The Nature Conservancy (TNC) (tnc.org.br) atua no Brasil desde 1988 com a missão proteger as terras e águas das quais a vida depende. Partindo de uma visão amparada pela ciência e que integra conservação dos recursos naturais ao desenvolvimento social e econômico, a TNC articula atores dos setores público e privado e comunidades locais para desenvolver e implementar políticas públicas e soluções de mercado inovadoras e eficazes.

Na Amazônia, que continua enfrentando pressões para expandir a fronteira agrícola e flexibilizar o uso de seus abundantes recursos naturais, a TNC desenvolve soluções para frear o desmatamento, proteger e fomentar o uso sustentável dos recursos naturais. Em parceria com a Coiab, promoveu a capacitação de jovens lideranças indígenas e contribuiu para a criação da Política Nacional de Gestão Territorial Indígena, fortalecendo o papel desses povos na conservação da floresta. Junto com comunidades locais e empresas, a TNC articula iniciativas de geração de renda por meio de práticas sustentáveis para pequenos agricultores, criadores de gado e comunidades

the beginning of 2020, SITAWI has already mobilized 45 million BRL for more than 100 organizations and impact business in Brazil. SITAWI coordinates a territorial project in the Middle Juruá (with philanthropic support from USAID, Coca-Cola and Natura) that aims to increase the region's Social Progress Index (SPI, a methodology that holistically and robustly measures the social and environmental performance of nations and territories, regardless of their economic development. Created with the support of scholars and world experts in public policy, including the American economist Michael Porter, professor at Harvard Business School) – for example, the SPI of the riverside region of Carauari went from 50 to 58 between 2017 and 2019 (1). As part of its operations, SITAWI became the most active Impact Investor in Brazil, having made more than 50 transactions until 2019. Impact Investments are those investments that seek a positive social and/or environmental impact together with a financial return. Given this characteristic, they tend to be more scalable than philanthropic initiatives. This expertise led to a publication *Investimento de Impacto na Amazônia: Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável* which provides a framework for thinking (2). In parallel, SITAWI developed a platform for collective loans from individuals (starting from 1,000 BRL) for impact businesses selected by SITAWI. People become co-financiers of businesses originated, evaluated and monitored by SITAWI. In March 2020, the platform held a round focused on the Amazon region, with five businesses seeking around 3.2 million BRL in financing, of which approximately 30% were made available to individuals seeking to combine their investments with their beliefs.

State where it operates (UF): SP, RJ, AM

Target groups: financial companies and institutions, organizations and impact businesses whether non-profit or otherwise

SDG: 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17

SOS Amazônia (sosamazonia.org.br) is a non governmental organization with the mission to promote the conservation of biodiversity and the growth of environmental awareness in the Amazon.

States where it operates: AC, AM

The Nature Conservancy (TNC) (tnc.org.br) operates in Brazil since 1988 with the mission of protecting the lands and waters on which life depends. Starting from a vision supported by science and that integrates conservation of natural resources with social and economic development, TNC articulates actors from the public and private sectors and local communities to develop and implement innovative and effective public policies and market solutions.

In the Amazon, which continues to face pressure to expand the agricultural frontier and make the use of its abundant natural resources more flexible, TNC develops solutions to curb deforestation, protect and foster the sustainable use of natural resources. In partnership with Coiab, it promoted the training of young indigenous leaders and contributed to the creation of the National Policy for Indigenous Territorial Management, strengthening the role of these peoples in forest conservation. Together with local communities and companies, TNC articulates income generation initiatives through sustainable practices for small farmers, cattle breeders and indigenous communities. One

indígenas. Uma das iniciativas é o Cacau Floresta, que recupera áreas degradadas, com sistemas agroflorestais, aumentando a renda para cacauicultores, que agora vendem para processadores de cacau e empresas de chocolate—foram mais de 400 toneladas em 2019. Outra frente de ação agregou transparência e compromisso ambiental às cadeias de soja e carne. Finalmente, desde 2019 a TNC vem apoiando o governo do estado do Pará no desenvolvimento de sua política climática.

Parcerias que envolvem comunidades locais, cadeias de valor, governos e a sociedade civil têm mostrado que é possível promover uma economia sustentável. A TNC trabalha atualmente para dar escala e ampliar o impacto desses esforços que vão garantir a conservação da Amazônia e contribuir para o alcance dos ODS, o Acordo de Paris, entre outros compromissos internacionais e para o bem-estar de todo o planeta.

Estados onde opera: AM, PA

Territórios principais: Tapajós, Sudeste do Pará

of the initiatives is Cocoa Forest, which recovers degraded areas with agro forestry systems, increasing income for cocoa farmers, who now sell to cocoa processors and chocolate companies – there were more than 400 tons in 2019. Another action front added transparency and environmental commitment to the soy and meat chains. Finally, since 2019, the TNC has been supporting the government of the state of Pará in developing its climate policy.

Partnerships involving local communities, value chains, governments and civil society have shown that it is possible to promote a sustainable economy. TNC is currently working to scale and expand the impact of these efforts that will guarantee the conservation of the Amazon and contribute to the achievement of the SDGs, the Paris agreement among other international commitments and to the well-being of the whole planet.

State where it operates (UF): AM, PA

Main territories: Tapajós, Southeastern Pará

WRI Brasil (wribrasil.org.br/pt) é um instituto de pesquisa que transforma grandes ideias em ações para promover a proteção do meio ambiente, oportunidades econômicas e bem-estar humano. Atua no desenvolvimento de estudos e implementação de soluções sustentáveis em clima, florestas e cidades. Alia excelência técnica à articulação política, e trabalha em parceria com governos, empresas, academia e sociedade civil. O WRI Brasil faz parte do World Resources Institute (WRI), instituição global de pesquisa com atuação em mais de 50 países. O WRI conta com o conhecimento de aproximadamente mil profissionais em escritórios no Brasil, China, Estados Unidos, Europa, México, Índia, Indonésia e África. No Brasil, tem escritórios em São Paulo e Porto Alegre, e atua através de parcerias em todas as regiões do país. O Programa de Clima do WRI Brasil tem como objetivo ajudar a acelerar e escalar a transição do país para uma economia de baixo carbono garantindo o bem-estar dos brasileiros. Para alcançar essa meta, o programa se divide em três áreas de ação: Economia & Clima, Qualidade do Ar e Governança. Esta última foca em mecanismos e ferramentas que podem auxiliar governos e setor privado a medirem o sucesso de seus esforços rumo a uma economia menos dependente em tecnologias altamente poluentes. O Programa Florestas do WRI Brasil gera e dissemina conhecimento e ferramentas, promove articulação e o engajamento dos atores interessados na restauração da paisagem, contribuindo para melhoria do ambiente de negócios, políticas públicas, mobilização de recursos públicos e privados e monitoramento dos resultados para dar escala à restauração florestal e reduzir o risco de desmatamento. Com esse trabalho, espera criar condições para o uso eficiente do solo brasileiro, conciliando a preservação e manutenção de serviços ambientais, com o desenvolvimento de uma vibrante economia de produtos da floresta e agricultura de baixo carbono. Tem atuado com parceiros do setor privado no apoio a negócios florestais e agroflorestais. O Programa de Cidades do WRI Brasil atua desde 2005 em parceria com a sociedade civil e os setores público e privado. Desenvolve pesquisas e intervenções robustas sobre a realidade brasileira, nos temas de desenvolvimento urbano, mobilidade urbana sustentável e mobilidade ativa, propondo soluções para alguns dos principais desafios urbanos enfrentados hoje, como mobilidade sustentável e planejamento urbano. Atua diretamente ou através de parceiros em municípios de todo o país.

WRI Brazil (wribrasil.org.br/pt) is a research institute that turns great ideas into actions to promote the protection of the environment, economic opportunities and human well-being. It operates in the development of studies and in the implementation of sustainable solutions in climate, forests and cities. It combines technical excellence with political articulation and works in partnership with governments, companies, academia and civil society. WRI Brazil is part of the World Resources Institute (WRI), a global research institution with operations in more than 50 countries. WRI has the knowledge of approximately 1000 professionals in offices in Brazil, China, the United States, Europe, Mexico, India, Indonesia and Africa. In Brazil, it has offices in São Paulo and Porto Alegre, and operates through partnerships in all regions of the country. WRI Brazil's Climate program aims to help accelerate and scale the country's transition to a low-carbon economy ensuring the well-being of Brazilians. To achieve this goal, the program is divided into three areas of action: Economy & Climate, Air Quality and Governance. The latter focuses on mechanisms and tools that can help governments and the private sector to measure the success of their efforts towards an economy less dependent on highly polluting technologies. The WRI Brazil's Forests program generates and disseminates knowledge and tools, promotes articulation and engagement of actors interested in landscape restoration, contributing to improving the business environment, public policies, mobilizing public and private resources and monitoring results to scale up the forest restoration and reduce the risk of deforestation. With this work, it hopes to create conditions for the efficient use of Brazilian soil, combining the preservation and maintenance of environmental services with the development of a vibrant economy of forest products and low carbon agriculture. It has worked with partners in the private sector to support forestry and agro forestry businesses. The WRI Brazil's Cities Program has been operating since 2005 in partnership with civil society and the public and private sectors. It develops robust research and interventions on the Brazilian reality, in the themes of urban development, sustainable urban mobility, active mobility, proposing solutions to some of the main urban challenges faced today, such as sustainable mobility and urban planning. It acts directly or through partners in municipalities throughout the country.

Estados onde opera: SP, RS

Públicos prioritários: Governos e setor privado

ODS: 2, 11, 13, 15

WWF-Brasil (wwf.org.br) é uma organização não governamental que promove o desenvolvimento sustentável, estimula o uso responsável dos ecossistemas terrestres e a gestão adequada das florestas, dos oceanos e dos recursos marinhos. Por meio de seus projetos e de suas atividades, ajuda a deter a degradação da Terra e a reverter a perda de biodiversidade.

Dentro da agenda 2030 das Nações Unidas, trabalha para diversos projetos e ações tendo por foco os seguintes Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS): 2 – Fome zero e agricultura sustentável, 5 – Igualdade de gênero, 6 – Água potável e saneamento, 7 – Energia limpa e acessível, 8 – Trabalho decente e crescimento econômico, 10 – Redução das desigualdades, 11 – Cidades e comunidades sustentáveis, 12 – Consumo e produção responsáveis, 13 – Ação contra a mudança global do clima, 14 – Vida na água, 15 – Vida terrestre, 16 – Paz, justiça e instituições eficazes, e 17 – Parcerias e meios de implementação.

O WWF-Brasil trabalha há mais de 20 anos na Amazônia, pela conservação da natureza e pela manutenção dos recursos naturais da região. As linhas de atuação incluem a conservação e restauração de ecossistemas, a promoção de uma agenda de direitos e justiça socioambiental, o incentivo a uma economia de baixo carbono e o engajamento da sociedade em estilos de vida sustentáveis.

Alguns animais-símbolo da Amazônia são alvo de projetos específicos, como o boto e a onça pintada. Em 2019, o WWF-Brasil executou uma ampla iniciativa de combate às queimadas e de suporte a quase duas dezenas de instituições que se dedicaram a minimizar os prejuízos do fogo por todo o bioma. O WWF-Brasil conta com cinco escritórios – Rio Branco (AC), Manaus (AM), Brasília (DF), Campo Grande (MS) e São Paulo (SP) e faz uso da expertise da Rede WWF, que atua há quase 60 anos na implementação de grandes projetos de conservação da natureza por todo o globo.

Onde opera: Amazônia Legal

Territórios principais: Amazônia, Pantanal, Mata Atlântica

Públicos prioritários: Comunidades locais e indígenas, organizações não-governamentais, setor privado

ODS: 2, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

States where it operates (UF): SP, RS

Target groups: Governments and the private sector

SDG: 2, 11, 13, 15.

WWF-Brazil (wwf.org.br) is a non-governmental organization that promotes sustainable development, encourages the responsible use of terrestrial ecosystems and the proper management of forests, oceans and marine resources. Through its projects and activities, it helps to stop the degradation of the Earth and to reverse the loss of biodiversity.

Within the United Nations 2030 agenda, it works with several projects and actions focusing on the following Sustainable Development Goals (SDGs): 2 Zero hunger and sustainable agriculture, 5 Gender equality, 6 Clean water and sanitation, 7 Clean and accessible energy, 8 Decent work and economic growth, 10 Reducing inequalities, 11 Sustainable cities and communities, 12 Responsible consumption and production, 13 Action against global climate change, 14 Life in water, 15 Earth life, 16 Peace, justice and effective institutions, 17 Partnerships and means of implementation.

WWF-Brazil has been working in the Amazon for more than 20 years for the conservation of nature and the maintenance of the region's natural resources. The lines of action include the conservation and restoration of ecosystems, the promotion of an agenda of social and environmental rights and justice, the encouragement of a low carbon economy and the engagement of the society in sustainable lifestyles.

Some symbol animals of the Amazon are the target of specific projects, such as the river dolphin and the spotted jaguar. In 2019, WWF-Brazil carried out a wide-ranging initiative to combat fires and support nearly twenty institutions that were dedicated to minimizing fire damage throughout the biome. WWF-Brazil has five offices – Rio Branco (AC), Manaus (AM), Brasília (DF), Campo Grande (MS) and São Paulo (SP) and makes use of the expertise of the WWF Network, which has been operating for almost 60 years in the implementation of major nature conservation projects throughout the globe.

Where it operates: Legal Amazon

Main territories: Amazon, Pantanal, Atlantic Forest

Target groups: Local and indigenous communities, non-governmental organizations, private sector

SDG: 2, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17



PARAGOMINAS,

UM EXEMPLO DE GESTÃO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA

Silvia Finguerut¹

FGV

Na primeira metade da década de 2010, o então prefeito de Paragominas, município localizado a 300 km da capital Belém, Adnan Demachki resolveu reverter de forma exemplar o papel do município no desmatamento. Com o apoio da Câmara Municipal e do Sindicato dos Produtores Rurais do município, além de órgãos federais, Paragominas tornou-se paradigma de proteção à floresta amazônica.

Paragominas nasceu antes das obras da Belém-Brasília, já com vocação para a produção rural. Com a chegada de diversos camponeses de outras regiões do país, a cidade teve grandes disputas pela posse de terras e teve sua economia apoiada no desmatamento, seguido do plantio da soja e da criação de gado, com baixa produtividade.

“Os primeiros sinais de crise começaram a surgir em 2007 com a moratória da soja em que grandes empresas fizeram um boicote à compra de grãos oriundos de áreas desmatadas na Amazônia. Depois, o governo federal editou uma série de medidas decisivas para o combate ao desmatamento na região.”² Foi editado um decreto³ que propôs ações de proteção de áreas ameaçadas de degradação e à racionalização do uso do solo, de forma a prevenir, monitorar e controlar o desmatamento ilegal e responsabilizando os municípios pelo cadastramento das propriedades rurais desmatadas de forma a reduzir o desmatamento ilegal.

PARAGOMINAS, AN EXAMPLE OF SUSTAINABLE MANAGEMENT IN AMAZON

In the first half of the 2010s, Adnan Demachki, then mayor of Paragominas, located 300 kilometers from the capital Belém, decided to reverse the municipality's role in deforestation in an exemplary manner. With the support of the City Council and the local Rural Producers Union, in addition to federal agencies, the city has become a paradigm of protection of the Amazon forest.

Paragominas was established before the construction of the Belém-Brasília highway, already with a vocation for rural production. With the arrival of several peasants from other regions of the country, the city had major disputes over land ownership and had its economy based, followed by soybean planting and cattle raising, with low productivity.

“The first signs of crisis began to emerge in 2007 with the soy moratorium in which large companies boycotted the purchase of grain originating from deforested areas in the Amazon. Afterwards, the federal government issued a series of decisive measures to combat deforestation in the region.”² A decree³ was issued that proposed actions to protect areas threatened with degradation and to rationalize the use of the soil, in order to prevent, monitor and control illegal deforestation and making municipalities responsible for registering deforested rural properties to reduce illegal deforestation.

O Ministério do Meio Ambiente passou a divulgar, periodicamente, uma lista dos municípios infratores gerando uma série de consequências para a economia local e para a produção agropecuária, causando queda significativa na arrecadação das prefeituras porque os donos das terras, os produtores rurais -sofreram queda significativa na produção e venda. Eles não podiam pedir empréstimos nem vender a produção. O gado era proibido de deixar a fazenda, em vista de um embargo pelo Ministério Público à carne do Pará. Grandes redes de varejo deixaram de comprar de frigoríficos da região. Paragominas teve que buscar outros caminhos.

Hoje com mais de 100 mil habitantes, Paragominas é um Município Verde, considerado um exemplo de desenvolvimento sustentável para outras cidades da Amazônia. O livro *Municípios Verdes: caminhos para a sustentabilidade* (2011), de autoria de Jayne Guimarães, Adalberto Veríssimo e Paulo Amaral do Imazon e Adnan Demachki ainda é uma obra de referência para a transformação do problema na direção de boas práticas ambientais e de conservação do bioma Amazônico.

Para conquistar esse resultado, o envolvimento das organizações socioambientais foi fundamental para o sucesso. O município firmou parceria com a TNC – *The Nature Conservancy*, que instalou-se no Sindicato dos Produtores Rurais, trazendo inovação numa região marcada por conflitos agrários e embates entre ambientalistas e ruralistas, já que ao integrar a lista negra dos municípios amazônicos, os produtores ficaram impedidos de acessar linhas de crédito.

Essa parceria com a TNC “assegurou a execução do Cadastro Ambiental Rural (CAR) de quase todas as propriedades da cidade, uma ferramenta legal com informações sobre o perímetro e um mapeamento de vegetação nativa e áreas abertas de cada fazenda.”⁴ Em 2010, começaram a ser colhidos os resultados.

Em todo o Brasil, segundo o Serviço Florestal Brasileiro, até 2020, existiam 7,02 milhões de imóveis rurais, dos quais 468.061 no estado do Pará somando mais de 73 milhões de hectares de área cadastrada, ou seja, cerca de 58,5% do estado está cadastrada. Paragominas foi o primeiro município a sair da lista do desmatamento na Amazônia, já que

The Ministry of the Environment periodically released a blacklist of offending municipalities, generating a series of consequences for the local economy and for agricultural and livestock production, causing a significant decline of municipal revenue because the owners of the land –the rural producers – suffered a significant drop in production and sales. They could neither borrow nor sell their production. Cattle were prohibited to leave the farms, due to an embargo by the Public Ministry on meat from Pará. Large retail chains stopped buying from slaughterhouses in the region. Paragominas had to look for other paths.

Today with more than 100,000 inhabitants, Paragominas is a Green Municipality, considered an example of sustainable development for other cities in the Amazon. The book *Green Municipalities: paths to sustainability* (2011), by Jayne Guimarães, Adalberto Veríssimo and Paulo Amaral, from Imazon, and Adnan Demachki, is still a reference work for the transformation of the problem towards good environmental practices and conservation of the Amazon biome.

To achieve this result, the engagement of socio-environmental organizations was essential for success. The municipality has settled a partnership with TNC – *The Nature Conservancy*, working within the premises of the Rural Producers Union, bringing innovation to a region marked by agrarian conflicts and clashes between environmentalists and ruralists since, by being on the blacklist of Amazonian municipalities, producers were prevented from accessing credit lines.

This partnership with TNC “ensured the execution of the Rural Environmental Registry (CAR) of almost all properties in the city, a legal tool with information on the perimeter and a mapping of native vegetation and open areas of each farm.”⁴ In 2010, the results began to be collected.

According to the Brazilian Forestry Service, throughout Brazil, until 2020, there were 7.02 million rural properties, of which 468,061 in the state of Pará, summing up more than 73 million hectares of registered area. That is to say that approximately 58.5% of the state is registered. Paragominas was the first municipality to come off the list of deforestation in

80% das propriedades rurais estavam cadastradas, principalmente devido à articulação entre prefeito e produtores rurais, com o apoio das organizações socioambientais TNC e Imazon, que fez o monitoramento por satélite.

As elevadas taxas de desmatamento tornaram a Amazônia uma região preferencial para expansão da pecuária, que deu origem ao Projeto Pecuária Verde, iniciado em 2011 também em Paragominas, por iniciativa do já referido Sindicato de Produtores Rurais de Paragominas. O projeto “visa a melhorar o desempenho das fazendas considerando quatro aspectos: i) aumentar a rentabilidade das fazendas por meio do aumento da produtividade; ii) melhorar o bem-estar dos animais, que afeta a produtividade, e a segurança e bem-estar dos funcionários; iii) melhorar o desempenho ambiental, planejando o uso do solo com base no potencial agropecuário e realizando a restauração de áreas desmatadas ilegalmente ou que não têm aptidão agropecuária e iv) capacitar e valorizar os trabalhadores.”⁵

Uma das ações exemplares de reflorestamento é a iniciativa da Mineração Paragominas, que é parte do grupo empresarial Hydro, e que desde 2009

“investe na reabilitação de áreas mineradas para devolver à sociedade um meio ambiente semelhante ou melhor ao existente antes do início de suas atividades. Na recuperação dessas áreas, a paisagem original é reproduzida e, então, o solo superficial é adicionado. Em seguida, o terreno é preparado para receber as mudas, que crescem, criando uma vegetação similar à mata nativa daquela área.

As mudas são provenientes de sementes e de outras mudas coletadas na área florestal da Mineração Paragominas e seus arredores. Em média, são produzidas entre 150 mil e 200 mil mudas de espécies nativas por ano, mas a produção pode aumentar com o avanço do reflorestamento na região.”⁶

Em 2020 a mineradora reflorestou 206 hectares, que representam um acréscimo de 52% maior em relação ao ano anterior, num total de quase 2.500

the Amazon, as 80% of rural properties were registered, mainly due to the articulation between the local government and rural producers, with the support of socio-environmental organizations TNC and Imazon, which carried out the satellite monitoring.

Amazon high rates of deforestation have made the biome a preferred region for the expansion of livestock farming, which boosted the Green Livestock Project, which started in 2011 also in Paragominas, at the initiative of the aforementioned Rural Producers Union of Paragominas. The project “aims to improve farms’ performance considering four aspects: i) increase the profitability of the farm by increasing productivity; ii) improve animal welfare, which affects productivity, and the safety and welfare of employees; iii) improve environmental performance, planning land use based on agricultural potential and carrying out the restoration of areas that have been illegally deforested or that are not suitable for agriculture and iv) training and valuing workers.”⁵

As for reforestation actions, a very well succeeded action is being developed by Paragominas Mining, part of the Norwegian entrepreneurial group Hydra, which since 2009

“invests in the rehabilitation of mined areas to return to society an environment similar or better than the one existing before the beginning of its activities. In the recovery of these areas, the original landscape is reproduced and then topsoil is added. Then, the land is prepared to receive the seedlings, which grow, creating vegetation similar to the native forest area.

The seedlings come from seeds and other seedlings collected in the forest area of Paragominas mining and its surroundings. On average, between 150,000 and 200,000 seedlings of native species are produced per year, but production may increase with the advance of reforestation in the region.”⁵

In 2020, the mining company reforested 206 hectares, which represents an increase of 52% higher than in the previous year summing up to 2,500 (6,177 acres) reforested hectares. This reforestation program is the result of the Biodiversity Research

hectares reflorestados. Esse programa de reflorestamento é fruto do Consórcio de Pesquisa em Biodiversidade Brasil-Noruega que reúne pesquisadores da Universidade Federal do Pará, da Universidade Rural da Amazônia, do Museu Paraense Emílio Goeldi, da Universidade de Oslo, e de profissionais da empresa de mineração.

“Quando o município saiu da categoria de desmatador, a taxa de área verde, no final de 2011, era de 10,3 m² por habitante. Hoje a cidade conta com 66,45% de todo seu território com floresta nativa considerada área protegida, além de 11 mil hectares que foram reservados para a criação do Parque Ambiental Municipal de Paragominas.”⁷

A experiência de Paragominas recebeu o reconhecimento internacional apresentando o trabalho na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Mais de cem cidades paraenses já aderiram ao programa Município Verde e buscam sair da lista negra do Ministério do Meio Ambiente.

Consortium Brazil-Norway that gathers researchers from the Federal University of Pará, the Rural University of Amazônia, Emílio Goeldi Museum of Pará, the University of Oslo, and professionals from the mining company.

“When the municipality came out of the deforestation category, the green area rate, at the end of 2011, was 10.3 m² per inhabitant. Today the city has 66.45% of its entire territory with native forest considered a protected area, in addition to 11 thousand hectares that were set aside for the creation of the Paragominas Municipal Environmental Park.”⁷

Paragominas’ experience received international recognition by presenting the work at the United Nations Conference on Sustainable Development, Rio+20. More than one hundred cities in Pará have already joined the Municipality Green program and are seeking to leave the Ministry of Environment’s blacklist.

Notas

1 Sílvia Finguerut é arquiteta, especialista em preservação do patrimônio histórico pela Universidade Sapienza de Roma/Itália, coordenadora de projetos de cultura e urbanismo da FGV desde 2010. É professora de gestão de projetos em diversos cursos de MBA e responsável coordenação de projetos editoriais da FGV Conhecimento.

2 Ortiz, Fabiola in <https://www.oeco.org.br/reportagens/28764-a-historia-do-municipio-que-saiu-da-lista-negra-dos-maiores-desmatadores/>

3 Decreto Federal nº 6.321, de 21 de dezembro de 2007.

4 <https://amazon.org.br/imprensa/paragominas-o-ponto-de-virada/>

5 http://www.fundovale.org/wp-content/uploads/2016/03/imazon_lucratividade_Pecuarria_Verde.pdf

6 <https://www.hydro.com/pt-BR/sobre-a-hydro/a-hydro-no-mundo/north-america/brasil/paragominas/mineracao-paragominas/boas-praticas-socioambientais/>

7 Ortiz, Fabiola in <https://www.oeco.org.br/reportagens/28764-a-historia-do-municipio-que-saiu-da-lista-negra-dos-maiores-desmatadores/>

Notes

1 Sílvia Finguerut is an architect, hold a specialist degree in the preservation of historical heritage from the University La Sapienza, Rome/Italy; coordinator of cultural and urbanism projects at FGV since 2010. She teaches project management in several MBA courses and is responsible for coordinating editorial projects at FGV Conhecimento.

2 Ortiz, Fabiola in <https://www.oeco.org.br/reportagens/28764-a-historia-do-municipio-que-saiu-da-lista-negra-dos-maiores-desmatadores/>

3 Federal decree 6.321, December, 21, 2007.

4 <https://amazon.org.br/imprensa/paragominas-o-ponto-de-virada/>

5 http://www.fundovale.org/wp-content/uploads/2016/03/imazon_lucratividade_Pecuarria_Verde.pdf

6 <https://www.hydro.com/pt-BR/sobre-a-hydro/a-hydro-no-mundo/north-america/brasil/paragominas/mineracao-paragominas/boas-praticas-socioambientais/>

7 ORTIZ, Fabiola in <https://www.oeco.org.br/reportagens/28764-a-historia-do-municipio-que-saiu-da-lista-negra-dos-maiores-desmatadores/>





DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NA AMAZÔNIA

Daniela de Fátima Ferraro Nunes¹

UEMA

Vera Lúcia Jacob Chaves²

UFPA

Na década de 1970, a escolarização que visava à assimilação e integração dos povos indígenas à comunidade nacional não era apenas discurso ideológico, mas também prática das ações político-institucionais de implementação das escolas indígenas no Brasil. Foi também nesse período que a luta dos indígenas e a consequente organização desses em movimentos sociais foram ficando cada vez mais evidenciada no cenário político brasileiro. Dentre suas principais bandeiras de reivindicação, estava a defesa de direitos às políticas públicas que atendessem a necessidades específicas desses povos, dentre as quais o direito à escolarização que contemplasse as diversidades culturais, étnicas e linguísticas dos povos indígenas.

Em termos populacionais, o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³ aponta que cerca de 0,4% da população brasileira era formada por indígenas, com um total de 896 mil vivendo no país. Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), existem 274 línguas indígenas faladas por indivíduos pertencentes a 305 etnias, além dos povos que vivem em locais isolados e que ainda não foram contatados. O governo reconhece 690 territórios indígenas, que abrangem mais de 13% do território brasileiro. A maior parte dessas terras e da diversidade de povos indígenas se encontra na

CHALLENGES OF INDIGENOUS EDUCATION IN THE AMAZON

In the 1970s, schooling aimed at assimilating and integrating indigenous peoples into the national communion was not just an ideological discourse, but also the practice of political-institutional actions for the implementation of indigenous schools in Brazil. It was also during this period that the indigenous people struggle and their consequent organization in social movements became increasingly evident in the Brazilian political scene. Among their main claims was the defense of rights to public policies that met the specific needs of these peoples, including the right to schooling that included the cultural, ethnic, and linguistic diversity of indigenous peoples.

In population terms, the 2010 Census of the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³ points out that about 0.4% of the Brazilian population was made up of indigenous peoples, with a total of 896 thousand living in the country. According to the Fundação Nacional do Índio (Funai), there are 274 indigenous languages spoken by individuals belonging to 305 ethnic groups, in addition to the people who live in isolated places and who have not yet been contacted. The government recognizes 690 indigenous territories, which cover more than 13% of the Brazilian territory.

Região Norte (onde localiza-se a maior área da Amazônia Legal no Brasil)⁴ e, em termos populacionais, de acordo com dados do IBGE (2010), isso corresponde a quase 37,4%, da população indígena do país, sendo que, em números absolutos, a maior concentração populacional indígena reside no estado do Amazonas, no total de 20,6%. A expressividade populacional dos povos indígenas na Amazônia brasileira também se reflete na forma como essas populações foram se organizando ao longo dos anos, constituindo importantes redes de articulação sociopolítica.

É justamente dessa região que surgem três entidades indígenas fundamentais, que também despontam no cenário nacional: a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e o Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (Meiam). Essas entidades foram criadas nos anos 1980 e reivindicavam, dentre outras questões, um processo de escolarização voltado às necessidades indígenas, assim como a implantação de núcleos escolares em aldeias que demandavam escolarização, mas não tinham essas solicitações atendidas. Reivindicavam, ainda, a contratação e formação de indígenas para serem os professores das escolas de suas aldeias e o ensino na língua nativa nas escolas, além de material didático específico e diferenciado.

As mudanças na educação escolar reivindicadas pelos movimentos indígenas efetivaram-se, em parte, na Constituição Federal de 1988, que instituiu um marco teórico, político e institucional na forma como o Estado brasileiro passaria a tratar a educação escolar indígena. Após a aprovação da Carta Constitucional de 1988, foram elaboradas políticas educacionais que tinham como principais diretrizes a especificidade, diferenciação, interculturalidade e o bilinguismo/multilinguismo. A principal reivindicação feita pelos movimentos indígenas era a garantia de um processo de escolarização que respeitasse os diferentes contextos socioculturais nos quais os indígenas estavam inseridos.

Contudo, desde a elaboração dessas políticas, qual a realidade do processo de escolarização dos

Most of these lands and the diversity of indigenous peoples are found in the North Region (where the largest area of the Legal Amazon is located in Brazil)⁴ and, in population terms, according to data from IBGE (2010), this corresponds to almost 37.4% of the country's indigenous population, with the highest concentration of indigenous populations in absolute numbers in the state of Amazonas, with a total of 20.6%. The indigenous peoples' population expressiveness in the Brazilian Amazon is also reflected in the way these populations have been organized over the years, constituting important networks of socio-political articulation.

It is precisely from this region that three fundamental indigenous entities emerge, also making their way into national scene: the Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), the Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) and the Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (Meiam). These entities were created in the 1980s and claimed, among other issues, for a schooling process focused on the indigenous needs, as well as the implementation of school centers in villages that required schooling, but had not had these demands met. They also demanded the hiring and training of indigenous people to teach their villages' schools, teaching in their native language, as well as providing specific and differentiated didactic material..

The changes in school education claimed by the indigenous movements partly made effective, in the Federal Constitution of 1988, which instituted a theoretical, political, and institutional framework in the way the Brazilian State would start to treat indigenous school education. After the approval of the Constitutional Charter of 1988, educational policies that had as their main guidelines were specificity, differentiation, interculturality, and bilingualism/multilingualism were elaborated. The main claim made by the indigenous movements was to guarantee a schooling process that respected the different socio-cultural contexts in which the indigenous people were inserted.

However, since the elaboration of these policies, what is the reality of the schooling process of indigenous peoples in the Amazon region and what would be the main challenges faced by these schools today, in terms of implementing specific, differentiated,



povos indígenas na região amazônica e quais seriam os principais desafios enfrentados por essas escolas na atualidade, no sentido de implementação da educação escolar específica, diferenciada, intercultural e bilíngue? Primordialmente, para que esses princípios sejam, de fato, colocados em prática, é necessário ter em perspectiva que todos os processos que envolvem a escolarização nas comunidades devem ser apropriados pelos próprios indígenas, especificamente no que se refere à gestão e docência.

É nesse sentido que a discussão aqui proposta trata de refletir sobre o atual cenário educacional nas escolas indígenas, especificamente as que estão na região amazônica, a partir de dados divulgados pelo Censo Escolar da Educação Básica de 2018 (MEC, 2019).

A nossa reflexão parte primordialmente da perspectiva de que toda a relação construída entre os

intercultural and bilingual school education? Primarily, for these principles to be put into practice, it is necessary to keep in perspective that indigenous people must take ownership of all the processes involving schooling in the communities, specificity in what refers to the management and teaching.

It is in this sense that the discussion proposed here seeks to reflect on the current educational scenario in indigenous schools, specifically those in the Amazon region, based on data released by the 2018 Basic Education School Census (MEC, 2019).

Our reflection starts mainly from the perspective that the entire relationship built between indigenous peoples and the State, be it the Portuguese colonizer or the Brazilian State, was marked by a process that culminated in actions of domination, integration, and assimilation. In such a process, schooling, used as the main instrument of domination, was present at

povos indígenas e o Estado, seja ele o colonizador português ou o Estado brasileiro propriamente dito, foi marcada por um processo que culminou em ações de dominação, integração e assimilação. Nesse processo, a escolarização, utilizada como principal instrumento de dominação, esteve presente em diferentes momentos, seja na perspectiva religiosa/missionária, civilizatória, integradora ou assimilacionista, até culminar no modelo de escola para povos indígenas que atualmente se caracteriza por específica e diferenciada.

Assim, é possível afirmar que a escolarização não é um movimento estranho no contato que se estabelece entre o Estado e os povos indígenas, particularmente entre as distintas realidades dos povos indígenas que vivem na região amazônica. No entanto, a forma como esse processo de escolarização foi sendo implementado é marcada pelo contexto histórico e político em que esses povos estavam inseridos.

Consideramos que o marco constitucional de 1988 foi fundamental para modificar o modo como o Estado concebe e implementa as políticas de educação indígena, visto que as diretrizes que as balizam estão alicerçadas nos princípios do bilinguismo/multilinguismo, da interculturalidade, especificidade e diferenciação. Assim, com a CF/88, ocorre um rompimento com os ideais integracionistas e assimilacionistas expressos na forma anterior como o Estado brasileiro concebia a educação a ser ofertada aos povos indígenas.

A ideia de transitoriedade – ou mesmo desaparecimento – do discurso fortalecido e amplamente recorrente nas décadas de 1950 a 1970 e que marcava as ações do Estado para com os indígenas no Brasil cede lugar ao respeito à cultura e à etnicidade. Dessa maneira, os indígenas passam a ser reconhecidos como povos distintos em suas características culturais, sociais e linguísticas. Para tanto, a escola deve desenvolver o papel de disseminadora de uma educação de afirmação da autonomia, bem como da preservação do conhecimento e das memórias históricas dos povos indígenas, de suas línguas maternas, assim como promover as inter-relações entre identidade/escola/sociedade, em consenso com as especificidades étnicas de cada povo indígena.

different times, whether in the religious/missionary, civilizing, integrating or assimilationist perspective, until culminating in the model of school for indigenous peoples that is currently characterized for being specific and differentiated.

Thus, it is possible to affirm that schooling is not a strange movement in the contact that is established between the State and indigenous peoples, particularly among the different realities of indigenous peoples living in the Amazon region. However, the way this schooling process has been implemented is marked by the historical and political context in which these peoples were inserted.

We consider that the constitutional framework of 1988 was fundamental to change the way the State conceives and implements indigenous education policies, since their guidelines are based on the principles of bilingualism/multilingualism, interculturality, specificity, and differentiation. Thus, with the Federal Constitution of 1988, there is a rupture with the integrationist and assimilationist ideals expressed in the previous way the Brazilian State conceived the education to be offered to indigenous peoples.

The idea of transience – or even disappearance – of the strengthened and widely recurring discourse from the 1950s to the 1970s that marked the State's actions towards the indigenous peoples in Brazil gives way to respect for culture and ethnicity. In this way, indigenous people come to be recognized as distinct peoples in their cultural, social, and linguistic characteristics. For this purpose, the school must develop the role of disseminating an education for affirming autonomy, as well as preserving the knowledge and historical memories of indigenous peoples, their mother tongues, as well as promoting the interrelationships between identity/school/society, in agreement with the ethnic specificities of each indigenous people.

But when we think of a mosaic of ethnic cultural, linguistic, and territorial diversity, such as what we find in the Amazon, how does school education correspond to the reality of these peoples? How has school education been thought and implemented and how has it contributed to the maintenance of the social and political articulation networks of these peoples?

Mas, efetivamente, quando pensamos um mosaico de diversidade étnico cultural, linguística e territorial, como o que encontramos na Amazônia, como a educação escolar corresponde à realidade desses povos? Como a educação escolar tem sido realmente pensada e implementada e como ela tem contribuído para a manutenção das redes de articulação social e política desses povos?

Para responder a esses questionamentos, iniciaremos apresentando um diagnóstico da educação escolar dos povos indígenas, com ênfase para a região amazônica; em seguida, será feita uma análise sobre as principais políticas adotadas pelo Estado brasileiro em relação à educação indígena; ao final, apontaremos os principais desafios para a implementação dessas políticas na região amazônica, com destaque para a formação de professores indígenas, a implantação dos territórios etnoeducacionais e a necessidade de garantir a oferta e execução de ações voltadas para a preservação das culturas indígenas, que possibilitem a esses povos o exercício pleno da cidadania.

Diagnóstico da situação educacional dos povos indígenas que vivem na região amazônica

Em 1999, como resultado do primeiro Censo Educacional realizado pelo MEC sobre os povos indígenas, o cenário nacional apresentava um total de 1.392 escolas indígenas, onde lecionavam 3.998 professores para 93.037 alunos, numa realidade populacional que, na época, era estimada entre 500 mil índios vivendo em terras indígenas. Desse contingente, em termos de distribuição geográfica, 51,7% dos estudantes indígenas se encontravam na região Norte, que tinha 82,7% de indígenas compondo o quadro de professores, ministrando aulas nas escolas de suas comunidades. Desse contingente, identificou-se que apenas 1,6% dos professores dessas escolas possuía ensino superior. Já naquele ano, o Censo apontava uma necessidade urgente na formação de professores indígenas.

Quando o Censo Educacional Indígena foi divulgado, em 1999, a situação das escolas indígenas, de forma geral, era precária: majoritariamente não havia prédios escolares próprios; havia dificuldade

To answer these questions, we will start by presenting a diagnosis of school education for indigenous peoples, with an emphasis on the Amazon region; then, an analysis will be made of the main policies adopted by the Brazilian State concerning indigenous education; in the end, we will point out the main challenges for the implementation of these policies in the Amazon region, highlighting the training of indigenous teachers, the implantation of ethno-educational territories and the need to guarantee the offering and the execution of actions aimed at indigenous cultures preservation, enabling these peoples to fully exercise their citizenship.

Diagnosis of the educational situation of indigenous peoples living in the Amazon region

In 1999, as a result of the first Educational Census carried out by MEC on indigenous peoples, the national scene had a total of 1,392 indigenous schools, where 3,998 teachers taught to 93,037 students, in a demographic reality that, at that time, was estimated at 500 thousand indigenous peoples living on native reserves. From such contingent, in terms of geographic distribution, 51.7% of indigenous students were in the Northern Region, which had 82.7% of indigenous people composing the group of teachers teaching classes in schools in their communities. From such contingent, it was found that only 1.6% of teachers in these schools had higher education. Already that year, the Census pointed to an urgent need to train indigenous teachers.

When the Indigenous Educational Census was released in 1999, the situation of indigenous schools, in general, was precarious: mostly there were no school buildings of their own; there was difficulty in transporting students to schools, particularly when the students needed to move from their village to the schools; in many cases, this transportation was irregular, harming the students' teaching time; the majority of indigenous teachers were layperson, as they had no specific training; the didactic material used was not contextualized to the socio-cultural and linguistic characteristics of each people.

In the data from the last Basic Education School Census released by MEC in 2018, we have identified that the scenario of schooling in indigenous lands in Brazil



no transporte de alunos às escolas, particularmente quando o aluno precisava se deslocar de sua aldeia para as escolas, em muitos casos chegando esse transporte a ser irregular, prejudicando o tempo letivo dos alunos; os professores indígenas, em sua maioria, eram leigos, pois não tinham formação específica; o material didático utilizado não era contextualizado às características socioculturais e linguísticas de cada povo.

Nos dados do último Censo Escolar da Educação Básica, divulgado pelo MEC no ano de 2018, identificamos que o cenário da escolarização em terras indígenas no Brasil foi ampliado, com a presença de 3.345 escolas indígenas. São 255.888 matrículas de estudantes e 22.590 professores em todo o Brasil. Comparando-se o ano de 1999 (Primeiro Censo Educacional Indígena) a 2018, tivemos um aumento de mais de 50% do número de estabelecimentos escolares, assim como também um aumento considerável no número de matrículas e de professores indígenas atuando nas escolas das aldeias.

has been expanded, with the presence of 3,345 indigenous schools. There are 255,888 student enrollments and 22,590 teachers all over Brazil. Comparing the year 1999 (First Indigenous Educational Census) to 2018, we had an increase of more than 50% in the number of schools, as well as a considerable increase in the number of enrollments and indigenous teachers working in schools in the villages.

This increase reflects the population growth of indigenous peoples, which, according to official data from the last Census (IBGE, 2010), estimated the number of more than 305 indigenous peoples, totaling 896,917 people, of whom 305,873 are in the northern region of Brazil (Rondônia, Acre, Amapá, Amazonia, Roraima, Pará).

In 2018, 163,773 indigenous students were attending at indigenous schools in the country. 51.77% are enrolled in municipal schools, 47.64% in state schools, and 0.59% in private schools. Following the data referring to the number of schools and the indigenous population, it is in the Northern region and in the

Esse aumento reflete o crescimento populacional dos povos indígenas, que, segundo dados oficiais do último Censo (IBGE, 2010), estimou um quantitativo de mais de 305 povos indígenas, somando 896.917 pessoas, das quais 305.873 estão na Região Norte do Brasil (Rondônia, Acre, Amapá, Amazônia, Roraima e Pará).

No ano de 2018, estudavam nas escolas indígenas do país 163.773 estudantes indígenas. Destes, 51,77% estão matriculados em escolas municipais, 47,64% em escolas estaduais e 0,59% em escolas particulares. Acompanhando os dados referentes à quantidade de escolas e de população indígena, é na Região Norte e nos estados que pertencem à Amazônia Legal que se encontra a maior parte das escolas, dos estudantes e dos professores indígenas, concentrando cerca de 60% do total dos alunos indígenas. Nesse cenário, o estado do Amazonas, por exemplo, se destaca dos demais por possuir o maior quantitativo de estudantes: 49.139, o que equivale a 30,02% dos alunos indígenas brasileiros.

Com relação aos docentes, majoritariamente o vínculo de trabalho é mantido por meio de contratos temporários com os estados: a maior parte dos professores indígenas, mais de 70%, atua no ensino fundamental, da 1ª à 8ª série. Ressalta-se que uma outra parcela significativa desses professores, cerca de 15%, atua na pré-escola e em creches. Nas escolas indígenas, situadas na região da Amazônia Legal, os professores majoritariamente têm atuado com o ensino na língua materna, tendo o português como segunda língua, mas há a necessidade de destacar que o bilinguismo possui nuances diferenciadas em determinados estados.

O Amazonas, por exemplo, que se destaca pelo maior quantitativo de terras indígenas, assim como também de povos e escolas, possui um percentual de aproximadamente 70% das escolas indígenas em que o ensino ocorre na língua nativa, tendo o português como segunda língua, e 30% das escolas em que o ensino tem ocorrido com o português como primeira língua. No Pará, 65% das escolas adotam o ensino ministrado na língua indígena como primeira língua e o português como segunda língua. Já em Rondônia, o ensino majoritariamente ocorre na língua

states comprising the Legal Amazon that most of the schools, students, and indigenous teachers are located, concentrating about 60% of the indigenous students. In this scenario, the State of Amazonas, for example, stands out from the others for having the largest number of students: 49,139, which is equivalent to 30.02% of Brazilian indigenous students.

Concerning teachers, the employment relationship is mostly through temporary contracts with the states: most of the indigenous teachers, more than 70%, work in elementary school, from the 1st to the 8th grades. It should be noted that another significant portion of these teachers, around 15%, work in pre-school and daycare centers. In the indigenous schools in the Legal Amazon region, teachers have mostly worked with teaching in their mother tongue, with Portuguese as a second language, but there is a need to highlight that bilingualism has different nuances in certain states.

Amazonas, for example, which stands out for the greater number of indigenous lands, as well as peoples and schools, has a percentage of approximately 70% of indigenous schools where teaching takes place in the native language, with Portuguese as a second language, and 30% of schools where teaching Portuguese has been taught as a first language. In Pará, 65% of schools embrace teaching in the indigenous language as a first language and Portuguese as a second language. In Rondônia, teaching mostly takes place in the mother tongue in more than 90% of indigenous schools. In Maranhão, it is estimated that 77% of schools embrace teaching in the mother tongue as their first language, as opposed to 23% of schools, where Portuguese is the first language. In Roraima, 65% of schools have Portuguese as their first language, as opposed to 35% of schools, where the mother tongue prevails as the first language.

It should be noted that, when it comes to indigenous peoples living in territorial areas in the region of the Legal Amazon, we are talking about a universe of 209 indigenous peoples who speak languages belonging to different branches and linguistic families, including Tupi and Macro-Jê. In the state of Amazonas alone, for example, we have a reality of indigenous peoples who speak more than twenty languages, which end up expressing the multiethnic

materna em mais de 90% das escolas indígenas. No Maranhão, estima-se que 77% das escolas adotam o ensino na língua materna como primeira língua, em contraposição a 23% das escolas, em que o português é a primeira língua. Já em Roraima, 65% das escolas têm o português como primeira língua, em contraposição a 35% das escolas, em que a língua materna prevalece como primeira língua.

Ressalte-se que, quando se trata dos povos indígenas que vivem em áreas territoriais na região da Amazônia Legal, estamos falando de um universo de 209 povos indígenas falantes de línguas pertencentes a diversos troncos e famílias linguísticas, dentre as quais Tupi e Macro-Jê. Só no estado do Amazonas, por exemplo, temos uma realidade de povos indígenas falantes de mais de vinte línguas, que acabam por expressar a diversidade pluriétnica e linguística que deve estar refletida nas escolas que estão inseridas nessas comunidades.

A língua indígena deve fazer parte do cotidiano das escolas, presente no currículo escolar, assim como também nas várias etapas do processo de ensino-aprendizagem, especificamente no material didático. De acordo com os dados do Censo Escolar de 2018, 46% do total de escolas indígenas (1.546) não utilizam material didático específico (o que significa material didático produzido na língua materna, respeitando o contexto sociocultural e linguístico de um determinado povo indígena). Ressalte-se que a produção de material didático está atrelada às ações que envolvem a formação de professores indígenas, que devem ser os elaboradores de seus conteúdos.

Esses dados indicam a necessidade do estabelecimento de políticas públicas, por parte do Estado brasileiro, que possibilitem a superação das dificuldades na oferta de uma educação que esteja voltada à valorização da cultura dos povos indígenas e que lhes garanta o direito à cidadania.

As diretrizes das políticas de educação indígena em curso no país

A relação entre Estado e povos indígenas no Brasil sempre foi conflituosa e mediada por políticas que, somente a partir da Constituição de 1988, foram reconfiguradas para um discurso de respeito

and linguistic diversity that must be reflected in the schools that are inserted in these communities.

The indigenous language must be part of the daily life of schools, present in the curriculum, as well as in the various stages of the teaching-learning process, specifically in the didactic material. According to data from the 2018 School Census, 1,546 (46%) of the total number of indigenous schools do not use specific didactic material (which means didactic material produced in their mother tongue, respecting the sociocultural and linguistic context of a specific indigenous people). It should be noted that the production of didactic material is linked to actions that involve the training of indigenous teachers, who must be the creators of its content.

These data indicate the need for the Brazilian State to establish public policies that enable overcoming the difficulties in offering an education geared towards valuing the culture of indigenous peoples and that guarantees them the right to citizenship.

The Indigenous Education Policy Guidelines in force in the country

The relationship between the State and indigenous peoples in Brazil has always been conflicted and mediated by policies that, only after the 1988 Constitution, were reconfigured for a discourse of respect for the specificity and ethnic differentiation of indigenous peoples, including recognizing their originality,⁵ specifically concerning territoriality, being, therefore, a landmark in the constitution of indigenous rights.

Among these rights, we highlight policies aimed at the areas of health, education, and territorial protection. Ideologically, although the discourse has been reconfigured to prioritize the agenda of diversity and specificity of indigenous peoples, there is a considerable gap between what is stated in the legislation and what is, in fact, executed.

In the area of education, specifically in the Amazon region, where the largest concentration of indigenous people in Brazil lives, the constitutional and legal guarantee of specific rights does not assure the effectiveness of educational policies.

The 1988 Constitution, in paragraph 2 of Art. 210, establishes that "Regular elementary education will

à especificidade e à diferenciação étnica dos povos indígenas, reconhecendo, inclusive, sua originalidade,⁵ especificamente no tocante à territorialidade, sendo, portanto, um marco na constituição dos direitos indígenas.

Dentre esses direitos, destacamos políticas voltadas às áreas da saúde, da educação e da proteção territorial. Ideologicamente, embora o discurso tenha se reconfigurado no sentido de priorizar a pauta da diversidade e especificidade dos povos indígenas, há uma distância considerável entre o que está posto na legislação e o que é, de fato, executado.

Na área da educação, especificamente na região amazônica, onde vive a maior concentração de indígenas do Brasil, a garantia constitucional e legal de direitos específicos não assegura a efetividade das políticas educacionais.

A Constituição de 1988, no parágrafo 2º do Art. 210, estabelece que “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. Com isso, observa-se que a Carta Magna lança o primeiro desafio ao Estado brasileiro: o reaparelhamento das instituições governamentais em diferentes esferas, no sentido de garantir a implementação das políticas de educação específicas e diferenciadas. Dessa forma, a partir da CF/88, alguns dos principais documentos que balizam as políticas de educação para povos indígenas são:

– As Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (MEC, 1993), que tratam primordialmente dos princípios que nortearão o processo de escolarização nas aldeias e que se baseiam na especificidade, diferenciação, interculturalidade e no bilinguismo, além de definir que as escolas indígenas devem surgir como demandas das comunidades, e não como imposição do Estado. As Diretrizes também reforçam a importância de os processos educativos serem assumidos pelos próprios indígenas, sendo estes professores em suas escolas e elaboradores, em processos de formação docente, de material didático específico à realidade sociocultural do próprio povo;



be taught in Portuguese, ensuring indigenous communities also the use of their mother tongues and their learning processes”. Hence, it is observed that the Constitution poses the first challenge to the Brazilian State: the re-equipping of government institutions in different spheres, to assure the implementation of specific and differentiated education policies. Therefore, as of the 1988 Constitution, some of the main documents that guide education policies for indigenous peoples are:

– The Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (MEC, 1993), which deal primarily with the principles that will guide the schooling process in the villages and which are based on specificity, differentiation, interculturality, and bilingualism, in addition to defining that indigenous schools must arise as vindications of the communities, and not as an

**HHSĀ WĪMARĀ BUERĀ AHAÑAWĪ
 KHARĀ PEHKASĀ YĒ, PŌTERIKHARĀ YĒ
 MERĀ WAMEYĒ BUESĒ NĪ.**

Português
De 1ª a 4ª séries

Luciane 3ª série



– O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI – MEC, 2011), instituído a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/1996), com o objetivo principal de desenvolver os princípios apontados nas Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (1993), além de aproximar as políticas de educação indígenas às orientações ressaltadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais;

– Os Referenciais para Formação de Professores Indígenas (2002), visando a uma valorização maior da difusão de conhecimentos tradicionais, com fins às suas continuidade e reprodução cultural (Brasil, 2002, pp. 20-21);

– O Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009, que dispõe sobre a educação escolar indígena, além de definir sua organização em territórios etnoeducacionais

imposition of the State. The Guidelines also reinforce the importance of the educational processes being assumed by the indigenous themselves, as teachers in their schools and elaborators, in the processes of teacher training, of didactic material specific to the sociocultural reality of their people;

– The Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI – MEC, 2011), established by the Law of Directives and Bases of Education (LDB/1996), with the main objective of developing the principles outlined in the Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (1993), in addition to bringing indigenous education policies closer to the guidelines highlighted in the National Curricular Guidelines;

– The Referenciais para Formação de Professores Indígenas (2002), aiming at a greater appreciation of

e implementar uma discussão acerca da etnicidade dos povos indígenas e a ligação com sua territorialidade, que, muitas vezes, ultrapassa as fronteiras delimitadas pela demarcação das terras que ocupam.

Esse conjunto de instrumentos normativos é resultado da ação dos movimentos organizados em defesa dos povos indígenas; no entanto, é importante ressaltar que, entre a norma estabelecida e a sua implementação real, a distância é muito grande e os desafios são permanentes na luta pela consecução dos direitos por parte do Estado.

Os desafios para a educação indígena na Amazônia brasileira

A educação dos povos indígenas possui alguns desafios que acabam por ser recorrentes na região amazônica e que estão na base da discussão da garantia desse direito. Neste texto, destacamos dois grandes desafios: a necessidade da formação emergencial de professores indígenas, que consigam atender à demanda educacional de suas comunidades, e a viabilização da instituição dos territórios etnoeducacionais que possibilitem que as ações educacionais no Brasil, especificamente na região amazônica, atendam aos povos indígenas a partir de sua territorialidade.

Na região amazônica, temos povos indígenas que vivem em territórios que transcendem as fronteiras de estados, mas que veem suas demandas educacionais sendo restritas a um determinado agente político estadual, limitando ações na área.

A formação de professores indígenas na região amazônica

A formação do professor indígena é o elemento-chave para a implementação da escola indígena. Sem esse profissional, não há como construir a educação específica, diferenciada, intercultural e bilíngue. Tal como estabelecido nos Referenciais para Formação de Professores Indígenas (2002), eles próprios são convocados para serem os responsáveis por uma “valorização maior da difusão de conhecimentos tradicionais, com fins a sua continuidade e reprodução cultural” (Brasil, 2002, p. 20-21).

É nesse sentido que o professor indígena se torna o principal protagonista desse processo, por ser

the diffusion of traditional knowledge, with the purpose of its continuity and cultural reproduction (Brazil, 2002, pp. 20-21);

– Decree No. 6.861, of May 27, 2009, which provides for indigenous school education, in addition to defining its organization in ethno-educational territories and implementing a discussion about the ethnicity of indigenous peoples and the connection with their territoriality, which, many times, goes beyond the boundaries delimited by the demarcation of the lands they occupy.

This set of normative instruments is the result of the action of movements organized in defense of indigenous peoples. Yet, it is important to emphasize that, between the established norm and its actual implementation, the distance is very great and the challenges are permanent in the struggle for the assurance of rights on the part of the State.

The Challenges for Indigenous Education in the Brazilian Amazon

The education of indigenous peoples has some challenges that are recurring in the Amazon region and which are the basis for the discussion of guaranteeing such right. In this paper, we highlight two major challenges: the need for the emergency training of indigenous teachers who can meet their communities educational demand, and the viability of the institution of ethno-educational territories allowing educational actions in Brazil, specifically in the Amazon region, to serve the indigenous peoples based on their territoriality.

In the Amazon region, we have indigenous peoples living in territories that transcend state borders, but they have seen their educational demands being restricted by a specific state political agent, limiting actions in the area.

The training of indigenous teachers in the Amazon region

The training of the indigenous teacher is the key element for the implementation of the indigenous school. Without this professional, there is no way to build a specific, differentiated, intercultural, and bilingual education. As established in the Referenciais

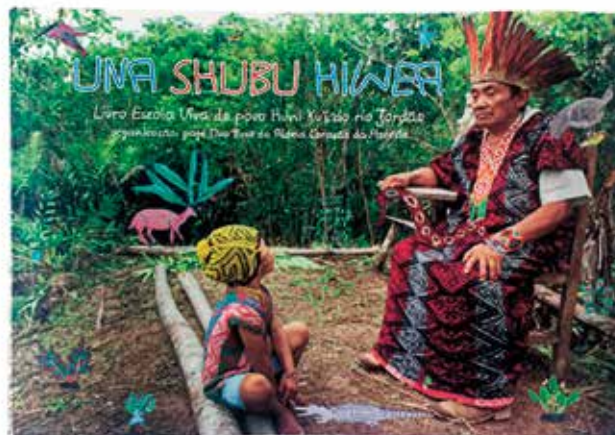
considerado o conhecedor de sua própria cultura, sendo responsável pela transmissão do etnoconhecimento, assim como também dos saberes tradicionais de seu povo. Ele é considerado o mediador intercultural entre o conhecimento tradicional e a ciência ocidental. O professor indígena também deve ser o gestor de sua escola, produtor e elaborador de seus materiais didáticos, bem como pesquisador. No entanto, isso só é possível se houver investimentos na formação individual desse professor, além de estímulos à participação da comunidade indígena, que deve estar mais presente no processo das discussões e da prática da escola.

Assim como a formação, outro desafio para os professores indígenas está na sua profissionalização, tal qual preconiza a Resolução nº 05 do MEC/CEB, de 22 de junho de 2012, que, em seu Art. 21, afirma ser esse um compromisso ético e político do Estado brasileiro, e que a categoria de professor indígena seja reconhecida como categoria profissional, sendo atrelada a um processo contínuo de formação.

Nesse sentido, dois aspectos merecem destaque: as políticas de educação para povos indígenas estabelecem como fundamental que o Estado crie condições para que haja a formação do indígena no sentido de assumir a escolarização em seus diversos níveis e modalidades; no entanto, a formação tem sido um dos principais desafios da implementação das políticas de educação indígena. É necessário que o Estado crie mecanismos de contratação de professores que se adequem à realidade sociocultural dos povos indígenas.

Entre as décadas de 1990 e 2000, as iniciativas de formação de professores indígenas se deram basicamente com a oferta de cursos de formação de professores em nível de magistério (nível médio), geralmente ofertados pelas secretarias estaduais de Educação, objetivando qualificar o maior número possível de indígenas. Essas iniciativas de formação, desenvolvidas por iniciativas estaduais, foram implementadas em todos os estados da região da Amazônia Legal.

A minuta do Plano Nacional de Educação Escolar Indígena⁶ (2019) destaca:



para Formação de Professores Indígenas (2002), the indigenous teachers themselves are convened to be responsible for a “greater appreciation of the dissemination of traditional knowledge, for its continuity and reproduction” (Brasil, 2002, p. 20-21).

In this sense the indigenous teachers become the main protagonists in this process, since they are the knower their own culture, being responsible for the transmission of ethno-knowledge, as well as the traditional knowledge of their people. They are considered the intercultural mediator between traditional knowledge and Western science. Indigenous teachers must also be the managers of their schools, producers, and creators of their teaching materials, as well as researchers. However, this is only possible if investments are made in the individual training of these teachers, in addition to encouraging the participation of the indigenous community, which should be more present in the discussion process and school practice.

As well as training, another challenge for indigenous teachers is their professionalization, as advocated by MEC/CEB Resolution No. 05, of June 22, 2012, which, in Art. 21, states that this is an ethical and political commitment of the Brazilian State and that the indigenous teacher career be recognized as a professional category, being tied to a continuous training process.

In this sense, two aspects deserve to be highlighted: the education policies for indigenous peoples establish as fundamental that the State creates the conditions for the indigenous people's training so they can assume schooling in its various levels and modalities.

(...) a inexistência da carreira de professor indígena nas redes públicas de ensino e a oferta insuficiente de formação inicial e continuada de professores indígenas conforme estabelecem, respectivamente o Art. 21 e o Art. 20 da Resolução nº 5/2012 e a Resolução nº 1/2015, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em cursos de Educação Superior e de Ensino Médio. Foram definidas como causas críticas desses dois problemas: a falta de regulamentação da Resolução nº 5/2012 e da Resolução nº 1/2015 nos Conselhos de Educação e a baixa capacidade de atendimento pelas Instituições de Ensino Superior (IES) para formação de professores indígenas.

Apesar de o documento do Plano identificar os problemas existentes em relação à profissionalização e à formação do professor indígena, observa-se que essas questões ainda não foram assumidas pelos governos estaduais e municipais, no sentido de implantar uma carreira docente para esses profissionais, sob a alegação da falta de regulamentação por parte dos Conselhos de Educação.

É importante ressaltar que ações na área de formação de professores indígenas são essenciais no sentido do empoderamento desses para a construção de uma escola indígena autônoma, que atenda às necessidades específicas do contexto sociocultural, histórico e político em que estão inseridos.

Nesse sentido, é relevante destacar que, na região da Amazônia Legal, existem iniciativas de formação específica de docentes indígenas capitaneadas por instituições de ensino superior que estão ofertando cursos de Licenciatura Intercultural Indígena, como a Universidade Federal do Amapá (Unifap), Universidade Estadual do Pará (Uepa), Universidade Estadual do Maranhão (Uema), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat), Universidade Federal do Acre (Ufac) e Universidade Federal de Rondônia (Ufro).

Essas formações, embora fundamentais aos professores indígenas, ainda não conseguem atender

Nonetheless, training has been one of the main challenges in implementing indigenous education policies. The State must create mechanisms for hiring teachers that conform to the socio-cultural reality of indigenous peoples.

Between the 1990s and the 2000s, indigenous teacher training initiatives took place basically with the provision of teacher training courses at the teaching level (high school level), usually offered by the State Education Departments, aiming to qualify as many indigenous people as possible. Such training initiatives, developed by state initiatives, were implemented in all the states of the Legal Amazon region.

The draft of the Plano Nacional de Educação Escolar Indígena⁶ (2019) points out:

(...) the inexistence of the career of indigenous teacher in public education systems and the insufficient offer of initial and continued training of indigenous teachers as established, respectively, by Art. 21 and Art. 20 of Resolution No. 5/2012 and by Resolution No. 1/2015, which institutes the National Curricular Guidelines for the Training of Indigenous Teachers in Higher Education and High School courses. The critical causes of these two problems were defined as: the lack of regulation of Resolution No. 5/2012 and Resolution No. 1/2015 in the Education Councils and the poor capacity of service by Higher Education Institutions (HEIs) for the training of indigenous teachers.

Despite the Plan document identifying the existing problems concerning the professionalization and training of indigenous teachers, it is observed that this situation has not yet been assumed by state and municipal governments, in the sense of implementing a teaching career for these professionals, under the allegation of the lack of regulation by the Education Councils.

It is important to note that actions in the area of training indigenous teachers are essential in the sense of empowering the indigenous peoples to build an autonomous school for themselves, which meets the specific needs of the socio-cultural, historical, and political context in which they are inserted.



à demanda por qualificação docente em nível superior. Tendo como base o Censo Escolar 2018, dos 22.590 professores indígenas atuando em todo o Brasil, apenas 1.961 são formados em licenciaturas. Embora os números sejam ainda pouco expressivos, deve-se salientar as diversas iniciativas de formação em licenciatura em nível de magistério indígena desenvolvidas por muitos estados e municípios, especificamente na região da Amazônia Legal, dentre as quais destacamos o projeto Pirayawara, desenvolvido pela Secretaria de Educação do Governo do Amazonas, que, em 2019, formou 288 professores em nível de magistério indígena (MENDES, 2019). Apesar dessas iniciativas, destaca-se que as formações em magistério ofertadas pelas secretarias estaduais de Educação são insuficientes – em alguns estados são demoradas e descontinuadas. Isso reflete em outro aspecto, que é a contratação precarizada dos professores indígenas, que têm de se submeter a contratos de trabalho temporários por falta de uma carreira docente específica.

No que tange ao ensino superior, é imprescindível a ampliação de vagas, na área da Educação, para a formação qualificada do indígena que já atua como professor ou mesmo que pretende atuar nas escolas indígenas. Contudo, a ampliação das ofertas de

In this sense, it is important to highlight that, in the Legal Amazon region, there are specific training initiatives for indigenous teachers led by Higher Education Institutions that are offering Indigenous Intercultural Degree Courses, such as the Universidade Federal do Amapá (Unifap), Universidade Estadual do Pará (Uepa), Universidade Estadual do Maranhão (Uema), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat), Universidade Federal do Acre (Ufac), and the Universidade Federal de Rondônia (Ufro).

These training courses, although fundamental to indigenous teachers, still fail to meet the demand for teacher training at a higher level. Based on the 2018 School Census, of the 22,590 indigenous teachers working throughout Brazil, only 1,961 are graduated in licentiate degrees. Although the numbers are still not very expressive, it is necessary to highlight the various initiatives for training in indigenous teacher education developed by many states and municipalities, specifically in the Legal Amazon region, among which we highlight the Pirayawara project, developed by the Secretariat of Education of the Government of Amazonas, which, in 2019, trained 288 teachers at the level of indigenous teaching (MENDES, 2019).

vagas deve estar acompanhada de políticas de acesso e permanência que possibilitem condições estruturais para a manutenção do indígena no processo de formação, visto que as formações geralmente ocorrem em locais em relação aos quais são imprescindíveis deslocamento e estadia dos indígenas, que ficam longos períodos distantes de suas realidades socioculturais.

Os territórios etnoeducacionais na região amazônica

A implantação dos territórios etnoeducacionais acentua-se a partir da discussão implementada com o Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009, que dispõe sobre a educação escolar indígena, além de definir sua organização em territórios etnoeducacionais:

Parágrafo único. Cada território etnoeducacional compreenderá, independentemente da divisão político-administrativa do País, as terras indígenas, mesmo que descontínuas, ocupadas por povos indígenas que mantêm relações intersocietárias caracterizadas por raízes sociais e históricas, relações políticas e econômicas, filiações linguísticas, valores e práticas culturais compartilhados. (BRASIL, Decreto nº 6.861, 2009)

A instituição dos territórios etnoeducacionais implementa uma discussão acerca da etnicidade dos povos indígenas e a ligação com sua territorialidade, que, muitas vezes, ultrapassa as fronteiras delimitadas pela demarcação das terras que ocupam. Assim, com a implantação desse modelo de gestão, passa-se a considerar a forma como os povos indígenas se organizam territorialmente, permitindo atuar em territórios compostos por terras de um povo ou de vários povos, mesmo que estes se encontrem em diferentes estados ou municípios.

Baniwa (2010) discute a importância da definição de territórios etnoeducacionais nas políticas de educação escolar para povos indígenas, reconhecendo que os territórios ocupados por povos indígenas são resultados de um processo histórico de luta e resistência, além de demarcador de sua etnicidade.

Despite these initiatives, it is noteworthy that the training in teaching offered by the state departments of education is insufficient – in some states, they are slow and discontinued. This reflects in another aspect, which is the precarious hiring of indigenous teachers, who have to submit to temporary labor contracts due to the lack of a specific teaching career.

Concerning higher education, it is essential the expansion of places, in the area of education, for the qualified training of indigenous people who already act as teachers or even intend to work in indigenous schools. However, the expansion places offered, must be accompanied by access and permanence policies allowing structural conditions for keeping indigenous in the training process, since the training generally occur in places that require the displacement and permanence of the indigenous people, who stay for long periods away from their socio-cultural realities.

Ethno-educational territories in the Amazon region

The implementation of ethno-educational territories accentuated after the discussion established with Decree No. 6.861, of May 27, 2009, providing for indigenous school education, in addition to defining its organization in ethno-educational territories:

Sole paragraph. Each ethno-educational territory will comprise, regardless of the country's political-administrative division, indigenous lands, even if discontinuous, occupied by indigenous peoples who maintain inter-corporate relationships characterized by social and historical roots, political and economic relations, linguistic affiliations, and shared cultural values and practices. (BRAZIL, Decree No. 6.861, 2009)

The implementation of ethno-educational territories establishes a discussion on the ethnicity of indigenous peoples and the connection with their territoriality, which often goes beyond the borders delimited by the demarcation of the lands they occupy. Therefore, with the implementation of this management model, we begin to consider the way indigenous peoples are organized territorially, allowing them to act in territories composed of lands belonging to one people or several peoples, even if they are in different states or municipalities.

A ideia de etnoterritório balizando políticas públicas voltadas aos povos indígenas é uma grande revolução histórica conceitual, na medida em que pode e deve mexer e mudar, sobretudo as estruturas de pensamento dos atores, dirigentes, gestores e técnicos. Por isso mesmo, seu alcance em termos de impactos e resultados é de médio e longo prazo, pois sabemos a morosidade com que pensamentos e culturas enraizadas mudam. Além disso, exige desconstrução de modelos e formas de fazer e organizar políticas, quase sempre autoritárias, descentralizadas e etnocêntricas do ponto de vista das sociedades dominantes neo-europeias. (BANIWA, 2010, p. 5)

A grande dificuldade de implantação dos territórios etnoeducacionais está justamente na superação das fronteiras estipuladas pelas ações públicas, ou seja, um determinado povo indígena que tem seu território de ocupação para além dos limites fronteiriços de um determinado estado ou município. Os territórios etnoeducacionais devem assegurar que a política de educação escolar indígena passe a atender às populações segundo a área geográfica que ocupam, não mais por município ou unidade da Federação. Isso implicará uma redefinição dos cálculos para o estabelecimento dos recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) que são redistribuídos aos estados e municípios, uma vez que a realidade da região amazônica envolve territórios indígenas que ultrapassam as fronteiras de estados, mas que veem suas demandas educacionais sendo restritas a um determinado agente político estadual, o que acaba por limitar e dificultar ações de implementação e execução educacional na área.

Outra questão que também dificulta a implantação dos territórios etnoeducacionais envolve os constantes conflitos territoriais que estão no bojo da relação entre povos indígenas e sociedade envolvente, o que demanda do Estado medidas protetivas que garantam a permanência e a segurança desses povos em seus territórios. Os constantes conflitos em terras indígenas localizadas na

Baniwa (2010) discusses the importance of defining ethno-educational territories in school education policies for indigenous peoples, acknowledging that the territories occupied by indigenous peoples are the result of a historic process of struggle and resistance, besides being their ethnicity marker.

The idea of ethno-territory guiding public policies aimed at indigenous peoples is a great conceptual historical revolution, as they as it can and should stir and change, especially the thinking structures of actors, leaders, authorities, and technicians. That is why its reach in terms of impacts and results is in the medium and long run, given the slowness through which rooted thoughts and cultures change. Moreover, it requires the deconstruction of the models and ways of making and organizing policies, almost always authoritarian, decentralized, and ethnocentric for neo-European dominant societies. (BANIWA, 2010, p. 5)

The great difficulty in implementing ethno-educational territories lies precisely in overcoming the boundaries stipulated by public actions, that is, a certain indigenous people who have their territory of occupation beyond the border limits of a given state or municipality. Ethno-educational territories must ensure that the indigenous school education policy starts to serve populations according to the geographic area they occupy, no longer by municipality or unit of the Federation. This will imply a redefinition of the calculations for establishing the resources of the Fund for the Maintenance and Development of Basic Education (Fundeb) that are redistributed to states and municipalities, since the reality of the Amazon region involves indigenous territories that cross state borders, but have seen their educational demands being restricted to a certain state political agent, which ultimately limit and hinder the implementation of actions and educational performance in the area.

Another issue that also hinders the implantation of ethno-educational territories involves the constant territorial conflicts that are at the heart of the relationship between indigenous peoples and the surrounding society, which demands from the State protective

Amazônia Legal levam instabilidade e insegurança a diversos povos, assim como representam, de fato, situações de extrema violência.

Conclusão

A educação escolar para povos indígenas na região da Amazônia Legal possui avanços no sentido do próprio processo de consolidação da escolarização. No entanto, são muitos os desafios enfrentados nas comunidades indígenas, no sentido de garantir a oferta e execução de ações que permitam o pleno desenvolvimento de atividades educativas que valorizem a cultura desses povos e assegurem a sua inclusão social.

Um dos desafios começa na própria construção da escola indígena na região amazônica, que deve ser específica, diferenciada, intercultural e bilíngue/multilíngue. É importante, também, garantir a infraestrutura dos prédios escolares e a consecução de material didático específico e diferenciado. Além disso, é preciso implementar ações em parceria com as universidades públicas, que assegurem a formação apropriada de professores indígenas em cursos de licenciatura plena, e que seja estabelecida uma carreira para esses profissionais, que valorize seu trabalho no âmbito das comunidades indígenas.

O atual cenário de instabilidade política e econômica indica que não haverá a execução das políticas públicas necessárias aos povos indígenas, na perspectiva aqui apontada. Existem dificuldades na aplicabilidade de ações em diversas áreas que envolvem o atendimento à saúde, educação e proteção territorial, de forma a garantir o direito ao exercício da cidadania plena desses povos, como estabelece a Constituição Federal de 1988.

measures that guarantee the permanence and security of these peoples in their territories. The constant conflicts in indigenous lands located in the Legal Amazon bring instability and insecurity to different peoples and represent situations of extreme violence.

Conclusion

School education for indigenous peoples in the legal Amazon region has made progress towards the process of consolidating schooling. However, there are many challenges faced, in indigenous communities, to guarantee the offer and execution of actions allowing the full development of educational activities that value the culture of these peoples and ensure their social inclusion.

One of the challenges begins with the construction of the indigenous school in the Amazon region, which must be specific, differentiated, intercultural, and bilingual/multilingual. It is also important to guarantee the infrastructure of school buildings and the elaboration of specific and differentiated teaching material. Moreover, it is necessary to implement actions in partnership with public universities, which ensure the appropriate training of indigenous teachers in Full Licenciateship courses, and that a career is established for these professionals, which values their work within the scope of indigenous communities.

The current scenario of political and economic instability indicates that there will be no implementation of public policies necessary for indigenous peoples, in the perspective outlined here. There are difficulties in the applicability of actions in several areas involving health care, education, and territorial protection, to guarantee the right of these peoples to exercise full citizenship, as established by the Federal Constitution of 1988.

Referências bibliográficas

BANIWA, G. S. L. *Territórios etnoeducacionais: um novo paradigma na política educacional brasileira*. Comunicação apresentada na Conferência Nacional de Educação – CONAE, 2010. Brasília: CINEP, 2010.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Básica 2019: notas estatísticas*. Brasília, 2020.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Diretrizes para a política nacional de educação escolar indígena*. Brasília, MEC/SEF, 1993.

_____, Ministério da Educação e Cultura. *Diretrizes para a Implementação de Programas de Formação de Professores Indígenas nos Sistemas Estaduais de Ensino*. Brasília, MEC/SEF, 2002.

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2001.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. *Referenciais para formação de professores indígenas*. Brasília, 2002.

_____, Presidência da República, Casa Civil. *Decreto Presidencial nº 6.681, de 27 de maio de 2009*. Brasília, 2009.

_____, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012*: define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Brasília, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. *Minuta do Plano Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEEI) – versão para debate*. Disponível em: <http://www.mprj.mp.br/documents/20184/1347392/Plano_Nacional_de_Educacao_Escolar_Indigena_versao_5.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

MENDES, Edleise. *Educação escolar indígena no Brasil: multilinguismo e interculturalidade em foco*. Cienc. Cult., São Paulo, 2019.v. 71, n. 4, pp. 43-49. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252019000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2020. SOUZA, Ilma Regina Castro Saramago de; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. *Políticas de educação no contexto indígena: discursos e práticas*. Revista Educação e Políticas em Debate: Minas Gerais, 2013. v. 2, n. 1, jan./jul.

Notas

1 Daniela de Fátima Ferraro Nunes é mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Pará e professora da Universidade Estadual do Maranhão. Tem experiência na área de Antropologia e Sociologia, desenvolvendo trabalhos em Estudos de Impacto Ambiental e Socioeconomia, bem como na área indigenista.

2 Vera Lúcia Jacob Chaves é doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005), professora titular da Universidade Federal do Pará, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA, pesquisadora da Rede Universitas/Br e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Superior da UFPA (GEPES). Bolsista produtividade do CNPq.

3 O Censo de 2010 do IBGE apresenta os últimos dados oficiais sobre a população indígena no Brasil.

4 A região amazônica no Brasil corresponde ao que é definido oficialmente pelo IBGE como Amazônia Legal, que corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam),

delimitada no Art. 2º da Lei Complementar nº 124, de 03 de janeiro de 2007. A região é composta pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e Mato Grosso, bem como pelos municípios do estado do Maranhão situados a oeste do Meridiano 44º. Possui uma superfície aproximada de 5.217.423 km², correspondente a cerca de 61% do território brasileiro. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/geologia/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>>.

5 A originalidade está posta no Art. 231 da Constituição Federal de 1988. O direito original remete ao fato de que, antes da constituição do Estado brasileiro e antes da chegada dos primeiros colonizadores, os índios já ocupavam suas terras, remetendo a uma questão de legitimidade de posse. Embora a Constituição brasileira não reconheça a nacionalidade dos povos indígenas, o que seria contraditório em relação à prerrogativa institucional de nação brasileira, o Estado reconhece e garante o direito de os indígenas falarem suas línguas nativas e vivenciarem suas características culturais próprias, com a livre manifestação de suas culturas.

6 A minuta do Plano Nacional de Educação Escolar Indígena foi discutida em audiências públicas realizadas em vários estados no ano de 2019; contudo, ainda não foi aprovada a sua versão definitiva pelo Governo Federal. Utilizamos como fonte a minuta do Plano (2019), disponível em <http://www.mprj.mp.br/documents/20184/1347392/Plano_Nacional_de_Educacao_Escolar_Indigena_versao_5.pdf>. Acesso em: 28/03/2020.

Bibliographic References

BANIWA, G. S. L. *Territórios etnoeducacionais: um novo paradigma na política educacional brasileira*. Communication presented at the Conferência Nacional de Educação – CONAE, 2010. Brasília: CINEP, 2010.

BRAZIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Básica 2019: notas estatísticas*. Brasília, 2020.

BRAZIL, Ministério da Educação e Cultura. *Diretrizes para a política nacional de educação escolar indígena*. Brasília, MEC/SEF, 1993.

_____. Ministério da Educação e Cultura. *Diretrizes para a Implementação de Programas de Formação de Professores Indígenas nos Sistemas Estaduais de Ensino*. Brasília, MEC/SEF, 2002.

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2001.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. *Referenciais para formação de professores indígenas*. Brasília, 2002.

_____. Presidência da República, Casa Civil. *Presidential Decree No. 6.681, of May 27, 2009*. Brasília, 2009.

_____. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. *Resolution No. 5, of June 22, 2012*: defines National Curriculum Guidelines for Indigenous School Education in Basic Education. Brasília, 2012.

BRAZIL, Ministério da Educação. *Minuta do Plano Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEEI) – debate version*. Available at: <http://www.mprj.mp.br/documents/20184/1347392/Plano_Nacional_de_Educacao_Escolar_Indigena_versao_5.pdf>. Access on: Mar. 28, 2020.

MENDES, Edleise. *Educação escolar indígena no Brasil: multilinguismo e interculturalidade em foco*. Cienc. Cult., São Paulo, 2019.v. 71, n. 4, pp. 43-49. Available at: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252019000400013&lng=en&nrm=iso>. Access on: Mar. 29, 2020.

SOUZA, Ilma Regina Castro Saramago de; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. *Políticas de educação no contexto indígena: discursos e práticas*. Revista Educação e Políticas em Debate: Minas Gerais, 2013. v. 2, n. 1, jan./jul.

Notes

1 Daniela de Fátima Ferraro Nunes has a Master Degree in Social Sciences from the Universidade Federal do Maranhão. Doctoral candidate in Education at the Universidade Federal do Pará. Professor at the Universidade Estadual do Maranhão. She has experience in the field of Anthropology and Sociology, developing works in Environmental Impact Studies and Socioeconomics, as well as in the indigenous field.

2 Vera Lúcia Jacob Chaves is PhD in Education from the Universidade Federal de Minas Gerais (2005). Full Professor at the Universidade Federal do Pará. Professor of the Graduate Program in Education at UFPA. Researcher at Rede Universitas/Br and coordinator of the UFPA Higher Education Studies and Research Group (GEPES). Productivity researcher at CNPq.

3 The 2010 IBGE Census presents the latest official data on the indigenous population in Brazil.

4 The Amazon region in Brazil corresponds to what is officially defined by the IBGE as Legal Amazon, which corresponds to the area of operation of the Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), defined

in Art. 2 of Complementary Law No. 124, of January 3, 2007. The region is composed of the states of Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins and Mato Grosso, as well as the municipalities in the state of Maranhão located west of the 44th Meridian. It has an approximate area of 5,217,423 square kilometers, corresponding to about 61% of the Brazilian territory. Available at: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/geologia/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>>.

5 The originality is set in Art. 231 of the 1988 Federal Constitution. The original right refers to the fact that, before the constitution of the Brazilian State and before the arrival of the first colonizers, the Indians already occupied their lands, referring to a question of legitimacy of possession. Although the Brazilian Constitution does not recognize the nationality of indigenous peoples, which would be contradictory in relation to the institutional prerogative of a Brazilian nation, the State recognizes and guarantees the right of indigenous people to speak their native languages and to experience their own cultural characteristics, with the free expression of their cultures.

6 The draft of the Plano Nacional de Educação Escolar Indígena was discussed at public hearings held in several states in 2019; however, the final version has not yet been approved by the federal government. We have used as a source the draft of the Plan (2019), available at <http://www.mprj.mp.br/documents/20184/1347392/Plano_Nacional_de_Educacao_Escolar_Indigena_versao_5.pdf>. Access on: 3/28/2020



A ARTE DA AMAZÔNIA

NO SÉCULO XXI

Paulo Herkenhoff

CONSULTOR DA FGV

A Amazônia trava o embate paradoxal entre pujança expressiva e crise simbólica de sobrevivência. Vicente Cecim expôs uma chave para nossa leitura: “minha História amazônica só será realidade quando meu imaginário amazônico se apossar dela”.¹ Assim, um panorama da *Amazônia* não prescinde da arte da região. Breves textos sobre artistas se espalham pelo livro e formam um dossiê da arte atual da Amazônia. A arte é um dispositivo para pensar sobre a diversidade cultural de mais de 60 etnias indígenas, mestiços ribeirinhos na borda dos rios, comunidades quilombolas formadas por descendentes de escravizados, povoados e metrópoles, tradições, tecnologias digitais, expressão dos sujeitos, os corpos amazônicos. Heterocronias e heterotopias são estruturadas de forma complexa na Amazônia,² com ecologia, povos indígenas, conflitos sociais. Os artistas não se furtam de abordar questões que mobilizam o mundo. A arte da Amazônia tem um compromisso ético com a sobrevivência da Terra.

Hoje persistem questões ligadas à *Visualidade Amazônica* (Dina Oliveira, Elza Lima, Emanuel Franco, Emmanuel Nassar, Jair Jacquemont, Jorge Eiró José Simões, Luiz Braga, Marcone Moreira, Margalho, Marinaldo, Octavio Cardoso, P. P. Conduru e Sergio Vieira Cardoso). A força plástica do vernáculo marca a arte (Nassar, Armando Queiroz, Jair Junior, Marinaldo Santos e Marcone Moreira) e pintores autodidatas (Domingos Nunes e Paulo Sampaio, o Soldado da Borracha). A continuidade dos meios tradicionais inclui o desenho de Carla Marinho e Carla Antunes (Macapá), Jacquemont e Kerolayne Kemblin

AMAZONIAN ART IN THE 21ST CENTURY

The Amazon fights the paradoxical clash between expressive strength and symbolic survival crisis. Vicente Cecim has presented a key to our reading: “My Amazonian History will only be a reality when my Amazonian imaginary takes possession of it.”¹ Thus, a panorama of the Amazon does not dispense with the art of the region. Brief texts about artists are scattered throughout the book and form a dossier of current Amazonian art. Art is a device for thinking about the cultural diversity of more than 60 indigenous ethnic groups, mestizos living along riverbanks, quilombola communities formed by descendants of the enslaved, villages and metropolises, traditions, digital technologies, the expression of subjects, the Amazonian bodies. Heterochronies and heterotopias are complexly structured in the Amazon,² with ecology, indigenous peoples, and social conflicts. The artists do not shy away from addressing issues that mobilize the world. Amazonian art has an ethical commitment to the survival of the Earth.

Today, issues related to the *Amazonian Visuality* persist (Dina Oliveira, Elza Lima, Emanuel Franco, Emmanuel Nassar, Jair Jacquemont, Jorge Eiró José Simões, Luiz Braga, Marcone Moreira, Margalho, Marinaldo, Octavio Cardoso, PPConduru and Sergio Vieira Cardoso). The plastic force of the vernacular marks art (Nassar, Armando Queiroz, Jair Junior, Marinaldo Santos and Marcone Moreira) and self-taught painters (Domingos Nunes and Paulo Sampaio, the Soldado da Borracha [Rubber Soldier]). The continuity of traditional media includes the drawings of Carla Marinho and Carla Antunes (Macapá), Jacquemont and Kerolayne



(Manaus) e Egon Pacheco, Lise Lobato e Pablo Mufarrej, com suas instalações conceituais (Belém); a pintura com Nassar e Dina Oliveira, Armando Sobral, Éder Oliveira (um pintor de história), Nina Matos e Ruma (Pará), Fernando Mendonça e Thiago Martins de Mello (Maranhão), Uelinton Santana (Acre) e muitos pintores indígenas. Note-se a gravura de Armando Sobral, Elaine Arruda, Jocatós e Tutyia. Citem-se os escultores Emanuel Franco (sob o viés da antropologia da beira de estradas), Geraldo Teixeira, Klinger Carvalho, Marçal Athayde, Marccone Moreira, Osvaldo Gaia e Vitória Barros. Vejam-se Amanda Leite (Palmas), Maria Cristina e Nayara Jinknss (Pará), a obra antropológica de Rogério Assis e de Vieira Cardoso na fotografia.

A força da arte indígena está hoje na expressão de povos originários como os Huni Kuin, Ashaninka, Desana, Gamella, Makuxi, Maxacali, Tukano, Waiãpi e muitos outros. O biólogo Emerson Munduruku criou a *queer* Uýra Sodoma, a árvore que anda, como crítica às políticas públicas ambientais na Amazônia. Outros nomes são Isaac Pinhanta Ashaninka, Moisés Piyãko. Yermollay Caripoune, Daiara Tukano, Jaider Esbell e Carmezia Emiliano.

Na produção radical de artistas negros da Amazônia, devem ser citados nomes como Rafael Bqueer, Marccone Moreira, Maurício Igor, Kerolayne Kemblin, Thiago Martins de Mello e Joelington Rios e muitos outros. P.V. Dias publicou *Artistas pretxs que protagonizam a arte contemporânea no Pará*,³ citando Elton Galdino, Rodrigo Leão, Thays Chaves, Jean Petra, Marcelly Gomes, Fierce, Bqueer, Cafeína, Nayara Jinknss, Carolynne Matos e Vitória Leona. Segundo ele, o Pará carrega, em sua *essência*, a expressividade artística “na fotografia, na pintura ou em outras linguagens artísticas. As cidades, as pessoas e os espaços do Estado são palcos para as mais diversas possibilidades estéticas”. P.V. Dias aduz: “não existe arte contemporânea paraense negra ou indígena sem a presença dos que praticam e pensam suas próprias existências e subjetividades”. O léxico de Klinger e Osvaldo Gaia remete a técnicas indígenas e à pesca artesanal. Klinger arma estruturas com cipós e galhos trançados e nós da cestaria, que se assemelham a objetos utilitários



Kemblin (Manaus) and Egon Pacheco, Lise Lobato and Pablo Mufarrej, with his conceptual installations (Belém); painting with Nassar and Dina Oliveira, Armando Sobral, Éder Oliveira (a history painter), Nina Matos and Ruma (Pará), Fernando Mendonça and Thiago Martins de Mello (Maranhão), Uelinton Santana (Acre) and many indigenous painters. Note the engraving by Armando Sobral, Elaine Arruda, Jocatós and Tutyia. The sculptors Emanuel Franco (from the perspective of roadside anthropology), Geraldo Teixeira, Klinger Carvalho, Marçal Athayde, Marccone Moreira, Osvaldo Gaia and Vitória Barros are mentioned. See Amanda Leite (Palmas), Maria Cristina and Nayara Jinknss (Pará), the anthropological work of Rogério Assis and Vieira Cardoso in photography.

A photograph of a doorway set into a light-colored wall. The doorway is framed by a white border. Above the doorway, there are two small, dark rectangular openings. The floor is made of dark wood with light-colored stripes. The text "EU CHOREI RIOS" is superimposed in the center of the doorway, glowing with a bright green light. The text is in a simple, sans-serif font. The overall scene is dimly lit, with the primary light source being the glowing text.

EU CHOREI RIOS

indígenas como armadilhas. Gaia compõe delicadas *máquinas* com fios, madeira finamente tratadas e tecidos. Sua lógica construtiva remete às traquitanas de Nassar, pelo equilíbrio sutil e precário das partes; a aparência náutica alude à estética das montarias ribeirinhas.

Os testemunhos da imigração japonesa na arte do Pará são o xilógrafo Junior Tutyia, Miguel Chikaoka (com *Hagakure*, uma obra prima da arte nipo-brasileira), a fotógrafa Elza Lima e a produtora cultural Makiko Akao da galeria Kamara Kó, cujo nome significa “amigos verdadeiros” em Waiãpi.

A arte amazônica agencia ideias críticas, como a “violentação da violência” (Alberto Bittar, Armando Queiroz, o polissêmico Bené Fonteles, Berna Reale, Éder Oliveira, a combativa Lucia Gomes e Thiago Martins de Mello), a ecologia e a sustentabilidade (Gabriel Bicho, Ronaldo Moraes Rego, Luciana Magno, Otoni Mesquita, Patrick Pardini, Paula Sampaio, Rodrigo Braga, a plataforma Labverde de Manaus) e muitas dimensões de gênero (como LGBTQIAP+) com Edilene Yaka Huni Kuin, Emerson Munduruku (Uyra Sodoma), Manaura Clandestina, Rafael Bqueer, Rodrigo Leão, Orlando Maneschy, Sinval Garcia, Keyla Sobral, Rafa Matheus Moreira, Allyster Fagundes, Henrique Montagne. Na moda, destacam-se Maria Oiticica, criadora de biojoias, o estilista tropicalista André Lima e Elieni Tenório, intérprete da segunda pele ou da relação entre roupa e corpo feminino.

A fotografia ecumênica de Guy Veloso resultou numa rapsódia das religiões do Brasil. O imaginário de Orlando Maneschy expõe vivências do sagrado. O ritual alucinógeno da ayahuasca atravessa a obra de Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Jaider Esbell e Pablo Cesar Amaringo Shuna (Peru). Nas religiões afro-amazônicas, destaca-se a *performer* ritualística Edivânia Câmara Yiatundê, filha de Iemanjá, do terreiro Ile Aşê Aga Aro Níle, do pai Valmir Fernandes do candomblé Ketu. Seu cargo é Ajebonan, aquela que passa os ensinamentos para os *yawos* na iniciação na tradição Yorubá. Filho de Ogum de frente e também tendo Iemanjá e Obulaiê, Thiago Martins de Mello fez a iniciação no terreiro de Pai Haroldo, mas não fez o bori. Seus amigos espirituais, linhas e orixás aparecem diretamente em sua obra desde 2010. Em São

The strength of indigenous art is today in the expression of native peoples such as the Huni Kuin, Ashaninka, Desana, Gamella, Makuxi, Maxacali, Tukano, Waiãpi and many others. Biologist Emerson Munduruku has created the *queer* Uyra Sodoma, the walking tree, as a critique of public environmental policies in the Amazon. Other names are Isaac Pinhanta Ashaninka, Moysés Piyãko, Yermollay Caripoune, Daiara Tukano, Jaider Esbell and Carmezia Emiliano.

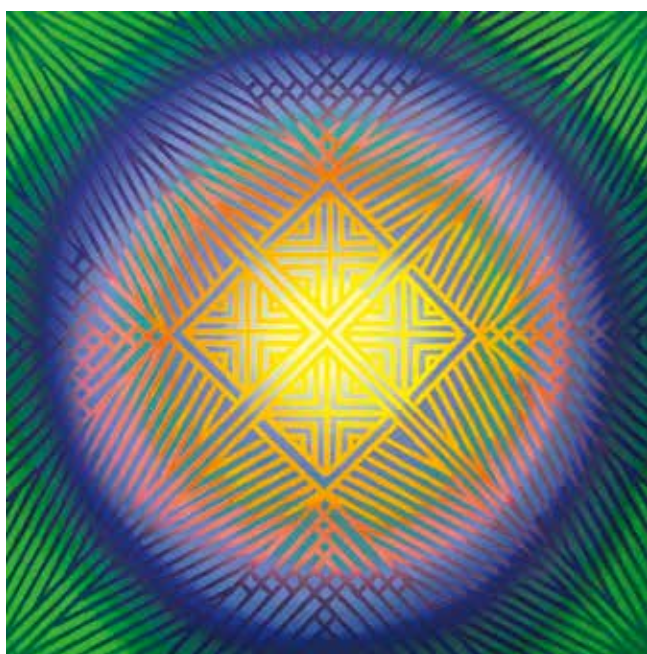
In the radical production of black artists from the Amazon, names such as Rafael Bqueer, Marcone Moreira, Maurício Igor, Kerolayne Kemblin, Thiago Martins de Mello and Joelington Rios and many others should be mentioned. P.V. Dias published *Artistas pretxs que protagonizam a arte contemporânea no Pará*,³ citing Elton Galdino, Rodrigo Leão, Thays Chaves, Jean Petra, Marcely Gomes, Fierce, Bqueer, Cafeína, Nayara Jinkss, Carolynne Matos and Vitória Leona. According to him, Pará carries, in its essence, artistic expressiveness “in photography, painting or other artistic languages. The cities, people and spaces of the State are stages for the most diverse aesthetic possibilities.” P.V. Dias adds: “there is no contemporary black or indigenous art from Pará without the presence of those who practice and think about their own existence and subjectivities.” Klinger and Osvaldo Gaia’s lexicon refers to indigenous techniques and artisanal fishing. Klinger sets up structures with braided vines and branches and basket weaving knots, which resemble indigenous utilitarian objects such as traps. Gaia composes delicate machines with threads, finely treated wood and fabrics. His constructive logic is reminiscent of Nassar’s traquitanas, due to the subtle and precarious balance of the parts; the nautical appearance alludes to the aesthetics of the riverside dugout canoes.

Witnesses to Japanese immigration in the art of Pará are the woodcutter Junior Tutyia, Miguel Chikaoka (with *Hagakure*, a masterpiece of Japanese-Brazilian art), photographer Elza Lima, and cultural producer Makiko Akao of the Kamara Kó gallery, whose name means “true friends” in Waiãpi language.

Amazonian art promotes critical ideas, such as the “violence of violence” (Alberto Bittar, Armando

Luís, a *performer* transdisciplinar Tieta Macau juxtapõe corpo e imagem. É filha da serpente, “criadora de macumbarias afro-diaspóricas” do tambor de crioula. O pintor-historiador Ariei Wagner imbrica cultos judaicos e selva amazônica, rabinos e araras.

A Amazônia é uma zona experimental da arte. Arthur Leandro simboliza a rebeldia criativa. A diversidade dos meios tecnológicos está no cinema (Alberto Bittar, Camila Maiorana, Jorane Castro, Martins de Melo, Val Sampaio), em vídeo (Armando Queiroz, Berna Reale, Emmanuel Nassar Guy Veloso, Luciana Magno, Orlando Manesch, Otoni Mesquita, Juliana Notari, Roberto Evangelista, Rodrigo Braga e a série Vídeo nas Aldeias), instalações (Alexandre Sequeira, Orlando Manesch, Val Sampaio), realidade aumentada (Roberta Carvalho), pós-produção (Denilson Baniwa, Nailana Thiely, PV Dias e Rafael Bqueer), performance (Armando Queiroz, Berna, Lucia Gomes, Rafael Bqueer, Victor de la Rocque no Pará; Ana Cristina Nogueira no Amapá; Layo Bulhão no Maranhão; Marina Boaventura em Tocantins), o livro-de-artista (Roberto Evangelista, Emmanuel Nassar, Walda Marques e Claudio Assunção), a arte conceitual e multimeios (Bené Fonteles, Val Sampaio, Danielle Fonseca, Keyla Sobral, Alberto Saraiva e Rodrigo Braga), a fricção natureza x tecnologia



Daiara Tukano | Hori, 2018 | Acrílica sobre tela [*Acrylic on canvas*], 70 x 70 cm

Queiroz, the polysemic Bené Fonteles, Berna Reale, Éder Oliveira, the combative Lucia Gomes and Thiago Martins de Mello), ecology and sustainability (Gabriel Bicho, Ronaldo Moraes Rego, Luciana Magno, Otoni Mesquita, Patrick Pardini, Paula Sampaio, Rodrigo Braga, the Labverde platform in Manaus) and many gender dimensions (such as LGBTQIAP+) with Edilene Yaka Huni Kuin, Emerson Munduruku (Uyra Sodoma), Manaura Clandestina, Keyla Sobral, Rafael Bqueer, Rodrigo Leão, Orlando Manesch, Sinval Garcia, Keyla Sobral, Rafa Matheus Moreira, Allyster Fagundes, Henrique Montagne. In fashion, the highlights are Maria Oiticica, creator of bio-jewelry, the tropicalist fashion designer André Lima, and Elieni Tenório, interpreter of the second skin, or the relationship between clothing and the female body.

Guy Veloso's ecumenical photography has resulted in a rhapsody of the Brazilian religions. Orlando Manesch's imaginary displays experiences of the sacred. The hallucinogenic ayahuasca ritual runs through the work of Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Jaider Esbell and Pablo Cesar Amaringo Shuna (Peru). In the Afro-Amazonian religions, it stands out ritualistic performer Edivânia Câmara Yiatundê, daughter of Iemanjá, from the Ile Ile Aşé Aga Aro Níle terreiro, of father Valmir Fernandes from the Ketu candomblé. Her title is Ajebonan, the one who passes on the teachings to the yawos at the initiation in the Yoruba tradition. Son of Ogum and also having Iemanjá and Obulaiê, Thiago Martins de Mello was initiated in Father Haroldo's terreiro, but did not do the *bori*. His spiritual friends, lines and orixás appear directly in his work since 2010. In São Luís, transdisciplinary performer Tieta Macau juxtaposes body and image. She is the daughter of the serpent, the “creator of Afro-Diasporic macumbarias” of the Creole drum. Painter-historian Ariei Wagner fuses Jewish cults and the Amazon jungle, rabbis and macaws.

The Amazon is an experimental zone for art. Arthur Leandro symbolizes creative rebellion. The diversity of technological means is in cinema (Alberto Bittar, Camila Maiorana, Jorane Castro, Martins de Melo, Val Sampaio), video (Armando Queiroz, Berna Reale, Emmanuel Nassar, Guy Veloso, Luciana Magno, Orlando Manesch, Otoni Mesquita, Roberto Evangelista, Juliana Notari, Roberto Evangelista, Rodrigo Braga,



(Chikaoka, Roberta Carvalho e Melissa Barbery com *Low Tech Garden*). Acácio Sobral foi um prolífico engenheiro experimental da materialidade do signo da arte, enquanto Danielle Fonseca transita do surf à literatura de Virginia Woolf.

O caráter gregário dos artistas na Amazônia se dá por coletivos e organizações como o MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin), no Acre, o Grupo Madereiro, o Urucum no Amapá, o Labverde, Programa de Imersão Artística na Amazônia, em Manaus, Grupo A9 (João Cirilo, Flávio Araújo, Glauce Santos, Ailson Farias, Fernando D'Padua e outros) e a FotoAtiva, no Pará, entre outros. Na cena do Maranhão, Layo Bulhão conjuga natureza, fotografia e performance e atua como mentor de muitos jovens; Cláudio Vasconcelos produz desenhos, objetos, instalações, com pigmentos naturais; o polivalente Gê Viana, do *ativismo*, arte urbana, integra contexto, diálogo acessível; a obra de Márcio Vasconcelos é memória do patrimônio cultural maranhense. Macapá tem uma forte rede de grafite urbano: grupo 100ID, Rogério Araújo, Anyelson da Silva Barboza, Samir Brito Ferreira, Moara Bandeira Negreiros, Deborah Ashley Moura Soares, Bruno Barbosa Ribeiro, Éder Pimenta. Gabriel Bicho e Franciney Wasconcelos surgiram no ambiente urbano de Boa Vista. No entanto, a geografia cultural amazônica também se atém às cidades do interior.

the series *Vídeo nas Aldeias* [Video in the Villages]), installations (Alexandre Sequeira, Orlando Maneschy, Val Sampaio), augmented reality (Roberta Carvalho), post-production (Denilson Baniwa, Nailana Thiely, PV Dias and Rafael Bqueer), performance (Armando Queiroz, Berna Reale, Lucia Gomes, Rafael Bqueer, Víctor de la Rocque in Pará; Ana Cristina Nogueira in Amapá; Layo Bulhão in Maranhão; Marina Boaventura in Tocantins), the artist-book (Roberto Evangelista, Emmanuel Nassar, Walda Marques, and Claudio Assunção), conceptual art and multimedia (Bené Fonteles, Val Sampaio, Danielle Fonseca, Keyla Sobral, Alberto Saraiva, and Rodrigo Braga), the nature x technology friction (Miguel Chikaoka, Roberta Carvalho, and Melissa Barbery with *Low Tech Garden*). Acácio Sobral was a prolific experimental engineer of the materiality of the sign of art, while Danielle Fonseca transits from surfing to Virginia Woolf's literature.

The gregarious character of the artists in the Amazon is given by collectives and organizations such as MAHKU (Huni Kuin Artists Movement), in Acre, the Madereiro Group, the Urucum, in Amapá, the Labverde, Program of Artistic Immersion in the Amazon, in Manaus, A9 Group (João Cirilo, Flávio Araújo, Glauce Santos, Ailson Farias, Fernando D'Padua and others) and FotoAtiva, in Pará, among others. In Maranhão's scene, Layo Bulhão combines nature, photography and performance and acts as a mentor to many young people; Cláudio Vasconcelos produces drawings, objects, installations, with natural pigments; the versatile Gê Viana, from activism, urban art, integrates context, accessible dialogue; Márcio Vasconcelos' work is a memory of Maranhão's cultural heritage. Macapá has a strong urban graffiti network: 100ID group, Rogério Araújo, Anyelson da Silva Barboza, Samir Brito Ferreira, Moara Bandeira Negreiros, Deborah Ashley Moura Soares, Bruno Barbosa Ribeiro, Éder Pimenta. Gabriel Bicho and Franciney Wasconcelos emerged in the urban environment of Boa Vista. However, the Amazonian cultural geography is also tied to rural towns.

Belém catches the eye with Alberto Bittar, Alexandre Sequeira, Dirceu Maués, Guy Veloso, Ionaldo Rodrigues, Mariano Klautau Filho with *Sincronicidades*, Orlando Maneschy, Roberta Carvalho, Val Sampaio,

Belém comove olhares com Alberto Bittar, Alexandre Sequeira, Dirceu Maués, Guy Veloso, Ionaldo Rodrigues, Mariano Klautau Filho com *Sincronicidades*, Orlando Manesch, Roberta Carvalho, Val Sampaio, Walda Marques. A cidade de Santarém, na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, é um polo da arte do Pará, com destaque para Cláudio Assunção, Elciclei Araújo (escultor que trabalha com cuias de origens indígenas) e a fotógrafa, curadora e ativista cultural Tamara Habib Saré. Duas lideranças se distinguem no florescimento da arte de Marabá (Pará): o falecido Augusto Morbach (na formação dos primeiros artistas) e Marcone Moreira, um articulador, sobretudo através do GAM (Galpão de Arte de Marabá). A escultora e galerista Vitória Barros promove a divulgação dos artistas do lugar. No século XXI, surgiram nomes como Antonio Botelho, Antonio e Pedro Morbach, Domingos Nunes, Dona Ezita, Gabriel Reis, Genison Oliveira, Jonas Milhomem, Rildo Brasil, Teresa Bandeira e Walney Oliveira. O Festival do Boi de Parintins consiste na disputa com toadas e dança entre os grupos Boi Garantido e Boi Caprichoso. A grandiosidade da festa surgiu da influência do carnaval do Rio, agora retroalimentado por escultores de Parintins, como Rossi Amoedo, Juarez Lima e Karú Carvalho.

A multiplicidade de projetos converte a arte da diversidade da Amazônia num polvo desmesurado: a complexidade linguística, a diversidade e o compósito léxico incidentes na região elucidam a existência de uma cartografia cultural e do inconsciente amazônico a atravessar a fantasmática coletiva.

Walda Marques. The city of Santarém, at the confluence of the Tapajós and Amazon rivers, is an art pole in Pará, with highlights such as Cláudio Assunção, Elciclei Araújo (a sculptor who works with gourds of indigenous origin) and the photographer, curator and cultural activist Tamara Habib Saré. Two leaders stand out in the flourishing of Marabá art (Pará): the late Augusto Morbach (in the formation of the first artists) and Marcone Moreira, an articulator, mainly through the GAM (Galpão de Arte de Marabá [Marabá Art Shed]). The sculptor and gallery owner Vitória Barros promotes the publicizing of local artists. In the 21st century, names like Antonio Botelho, Antonio and Pedro Morbach, Domingos Nunes, Dona Ezita, Gabriel Reis, Genison Oliveira, Jonas Milhomem, Rildo Brasil, Teresa Bandeira, and Walney Oliveira have emerged. The Parintins Bull Festival consists of a dance and music competition between the Boi Garantido and Boi Caprichoso groups. The grandiosity of the party came from the influence of Rio's carnival, now fed back by sculptors from Parintins, such as Rossi Amoedo, Juarez Lima, and Karú Carvalho.

The multiplicity of projects converts the art of Amazonian diversity into a disproportionate octopus: the linguistic complexity, the diversity, and the lexical composite incident in the region elucidate the existence of a cultural cartography and of the Amazonian unconscious running through the collective phantasmatic.



Notas

- 1 CECIN, Vicente. "O colonialismo na Amazônia" in *As artes visuais na Amazônia* [...]. Paulo Herkenhoff (org.). Belém, SMEC, 1985, p. 17.
- 2 FOUCAULT, Michel. *De Outros Espaços* (1967). Trad. Pedro Moura.
- 3 <https://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/592864/artistas-pretxs-que-protagonizam-a-arte-contemporanea-no-para>.

Notes

- 1 CECIN, Vicente. "O colonialismo na Amazônia" in *As artes visuais na Amazônia* [...]. Paulo Herkenhoff (org.). Belém, SMEC, 1985, p. 17.
- 2 FOUCAULT, Michel. *De Outros Espaços* (1967). Trad. Pedro Moura.
- 3 <https://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/592864/artistas-pretxs-que-protagonizam-a-arte-contemporanea-no-para>.

(i m p e r m a n ê n c i a)



José Mateus Itsairu

Aldeia Bom Jesus

Os cinco tempos do povo morcego [*The five times of the bat people*], 2020

Acrílica sobre tecido [*Acrylic on canvas*], 160 × 150 cm

Os Huni Kuin: a história do povo morcego

“A cultura é nossa maior proteção”, proclama o pajé Agostinho Manduca Mateus Īka Muru a Anna Dantes, a principal conexão pela institucionalização da arte dos Huni Kuin no Brasil. Orientados com saber e encanto pela jiboia, os Kaxinawá não guardam mágoas, não acusam nem alegam coisas ruins, pois confiam na beleza e na própria cultura. Segundo a antropóloga Elsjie Lagrou, “em função de uma aguda preocupação com a predação e a possível retaliação implicadas em todos os atos criadores de vida e comunidade, esses povos escolheram neutralizar as expressões imanentes de violência envolvida nas atividades produtivas”.¹

Os relatos dos cinco tempos dos Kaxinawá (povo morcego) ou Huni Kuin (povo verdadeiro) – cobre um século de sua história. A simbologia do morcego para os Kaxinawá surge por ele ter sido seu brinquedo nos tempos imemoriais. Ademais, ele poliniza a sumaúma (*Ceiba pentandra*), onde vivem os espíritos. Aqueles cinco tempos do povo morcego são: (1) *O tempo das malocas*, anterior ao contato com os brancos. Os indígenas viviam nus, falavam a mesma linguagem dos animais e das plantas e viviam em malocas.² O professor José Mateus Itsairu, da aldeia Kaxinawá de São Joaquim, representou o mundo

edênico original na pintura *O tempo das malocas* (2020). (2) *No tempo das correrias*, os Kaxinawá se perderam nas matas no começo do século XX, quando suas terras no Acre foram invadidas por seringueiros, com pólvora e gritos, doenças de branco, e queimaram suas malocas. Os Huni Kuin foram reduzidos a cerca de 300 pessoas; no (3) *tempo do cativo*,³ foram reféns dos seringalistas, que implementaram o sistema escravagista dos barracões, sob o qual nasceram Agostinho e o pajé Dua Busê, da aldeia Coração da Floresta.

(4) *No tempo dos direitos*, a partir da década de 1970, os Kaxinawá contaram com os antropólogos Terri de Aquino e Marcelo Piedrafita na abertura de cooperativas e delimitação dos territórios. Em visita aos Ashaninka, o Īka Muru teve uma epifania num ritual de ayahuasca, em que ouviu do chefe: “Você só fica falando em português sobre os padrões, a luta do seu povo. Cadê a sua história?”, conta o pajé Ibã Sales, no livro *Nixi pae – o espírito da floresta*. Desde então, o pajé Agostinho – que de cativo passara a seringueiro, e daí a líder político – mergulhou nos segredos das florestas, donde emergiu como pajé. A arte Kaxinawá se tornou exímia narradora da história de seu povo: os mais velhos contam histórias para que os mais jovens as representem. Esse

The Huni Kuin: the history of the bat people

“Culture is our greatest protection”, proclaims the shaman Agostinho Manduca Mateus Īka Muru to Anna Dantes, the main connection for the institutionalization of the art of the Huni Kuin in Brazil. Guided by the boa constrictor with knowledge and enchantment, the Kaxinawá do not hold sorrows, do not accuse or proclaim bad things, as they trust in beauty and in their own culture. According to the anthropologist Elsjie Lagrou, “out of an acute concern for the predation and possible retaliation implied in all life-and community-creating acts, these peoples have chosen to neutralize the immanent expressions of violence involved in productive activities”.¹

The reports of the five periods of the Kaxinawá (bat people) or Huni Kuin (true people) covers a century of their history. The symbolism of the bat arises because the animal was a toy for them in ancient times. In addition, it pollinates the sumaúma (*Ceiba pentandra*), the tree where the spirits live. *The five times of the bat people* are outlined as: (1) *O tempo das malocas* [The time of the huts], before contact with the white man. The Indians lived naked, spoke the same language as the animals and plants, and lived in huts.² Professor José Mateus Itsairu, from the Kaxinawá village of São Joaquim,



método historiográfico reforça o sentido coletivo da arte dos Huni Kuin com o narrador, o escriba e o artista. O tenaz pajé Dua Busê é coautor de pinturas com os jovens, unindo sua sabedoria de xamã a narrativas da cosmogonia, medicina e educação. A mais inclusiva autodefinição para um Kaxinawá é *nukun yuda*, que significa “nosso mesmo corpo”: um corpo que é produzido coletivamente por pessoas que vivem na mesma aldeia e que compartilham a mesma comida, ensina Lagrou.

Analisando a crise da ideia de história, afirma Gianni Vattimo que “filósofos do Iluminismo, Hegel, Marx, positivistas, historicistas de todo tipo pensavam, mais ou menos todos eles do mesmo modo, que o sentido da história era a realização da civilização, quer dizer, da forma do homem europeu moderno”.⁴ A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha problematizou a questão da história indígena, contrapondo-a às posições de negação de sua existência.⁵

Ao implementar o tempo dos direitos, o pajé Agostinho Manduca Mateus İka Muru instituiu a história Kaxinawá tal como ela se desenvolve abundantemente hoje. (5) O Xiña Bena (*novo tempo*) se anunciou com o pajé Agostinho ao debater, em outras aldeias, sobre a noção de cooperativa e o direito à demarcação das terras e ao valor de cuidar da educação e da saúde indígenas. Foi discutir em Brasília, e seu clímax foi a demarcação de 45% das terras acreas reservados aos povos indígenas. Hoje, o pajé Dua Busê devota seu esforço para preservar a língua Huni Kuin e transmitir as tradições às próximas gerações (e aos não indígenas) para construir o Xiña Bena. A pintura *O trabalho do pajé* (2019) de José Mateus Itsairu celebra a obra do xamãs na recuperação das tradições e saberes dos Huni Kuin. O eixo aldeia e centro urbano municipal foi foco de José Domingos Huni Kuin no *Mapa do município do Jordão*, onde indica o bairro de seus irmãos indígenas como índice da diáspora

Txana Shane

Escola Viva [Live school]

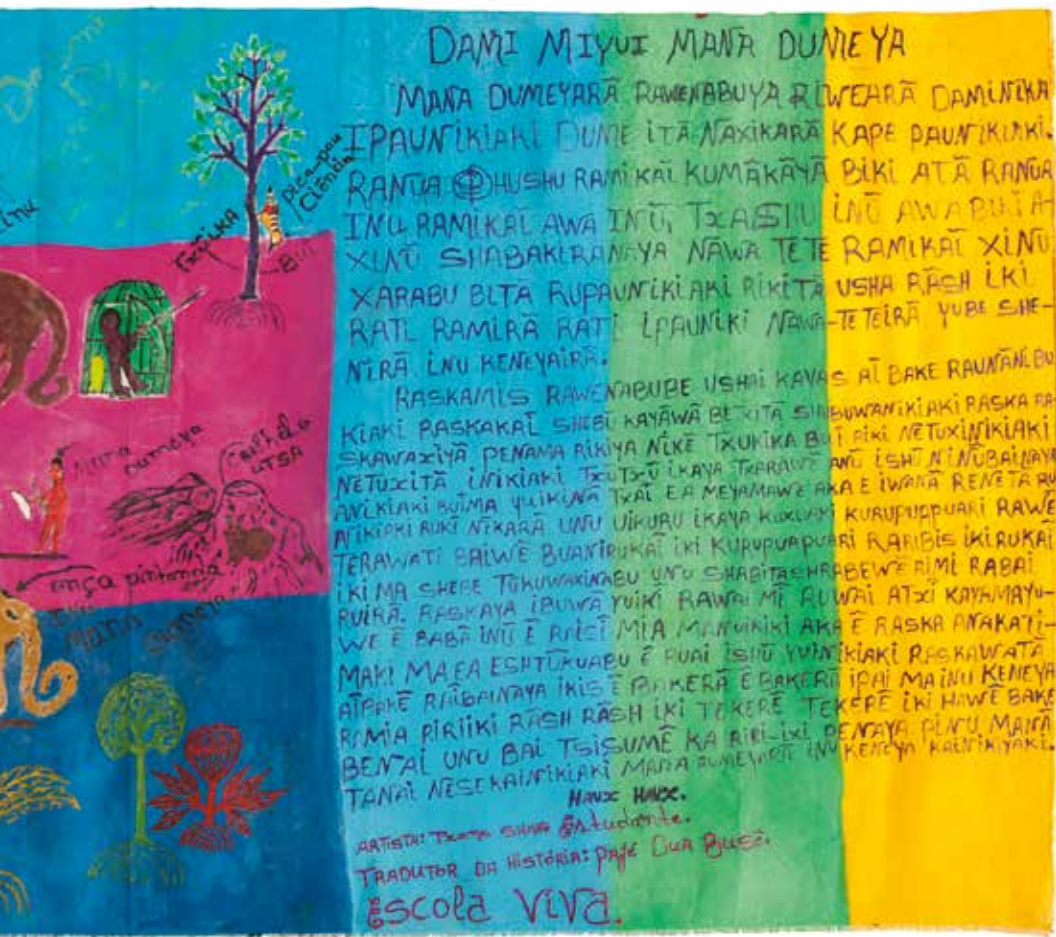
Dami Miyui Mana Dumeya (história do rapé),

narrada por Dua Busê

[Dami Miyui Mana Dumeya (*snuff history*),

narrated by Dua Busê], 2020

Acrílica sobre tecido [Acrylic on canvas], 70 × 205 cm



represented the original edenic world in the painting *O tempo das malocas* (2020) [Indigenous huts time] (2) In the *tempo das correrias* [time of running], the Kaxinawá got lost in the woods at the beginning of the 20th century, when their lands in Acre were invaded by rubber tappers, with gunpowder and screams, the diseases of the white man, and their huts were burned. The Huni Kuin have been reduced to about 300 people; (3) *tempo do cativo* [time of captivity],³ they were hostages by rubber tappers, who implemented the slave system of barracks, under which Agostinho and the shaman Dua Busê, from the Coração da Floresta [Heart of the Forest] village, were born. (4) In the *tempo dos direitos* [time of rights], from the 1970s onwards, the Kaxinawá relied on anthropologists Terri de Aquino and Marcelo Piedrafita to establish cooperative societies and delimit their territories. On a visit to the Ashaninka, İka Muru had an epiphany in an ayahuasca ritual, in which he heard from the chief: “You just keep

talking in Portuguese about the bosses, the struggle of your people. Where is your history?,” tells the shaman Ibã Sales, in the book *Nixi pae – o espírito da floresta*. Since then, the shaman Agostinho – who went from captive to rubber tapper, and from there to political leader – immersed himself in the secrets of the forests, from where he emerged as a shaman. Kaxinawá art has become an excellent storyteller of the history of its people: the elders tell stories so that the youngsters can act them out. Such a historiographical method reinforces the Huni Kuin’s collective sense of art with the narrator, the scribe, and the artist. The tenacious shaman Dua Busê co-authors paintings with the youngsters, combining his shamanic wisdom with narratives from cosmogony, medicine, and education. The most inclusive self-definition for a Kaxinawá is *nukun yuda*, which means “our same body”: a body that is produced collectively by people living in the same village and sharing the same food, teaches Lagrou.

Analyzing the crisis of the idea of history, Gianni Vattimo states that “philosophers of the Enlightenment, Hegel, Marx, positivists, historicists of all kinds thought, more or less all of them in the same way, that the meaning of history was the realization of civilization, i.e., in the form of the modern European man.”⁴ Anthropologist Manuela Carneiro da Cunha has problematized the issue of indigenous history, contrasting it with the positions of denial of their existence.⁵ By implementing the time of rights, the shaman Agostinho Manduca Mateus İka Muru instituted the Kaxinawá history as it is abundantly developed today. (5) The *Xiña Bena* (*new time*) announced itself with the shaman Agostinho by discussing, in other villages, of cooperative and the right to land demarcation and the value of taking care of indigenous education and health. He went to discuss in Brasília, and his climax was the demarcation of 45% of Acre’s lands reserved for indigenous peoples. Today, the shaman Dua Busê devotes his effort to preserving the Huni Kuin language and transmitting the traditions to future generations (and non-indigenous people) to build the *Xiña Bena*. The axis of village and municipal urban center was the focus of José Domingos Huni Kuin in the *Map of the municipality of Jordão*, where he indicates the neighborhood of his indigenous brothers as an index of the diaspora of the true people. Several Kaxinawá women paint. Rita Sales Huni Kuin builds figural scenes that, to non-indigenous eyes, would be *abstract*, but they are structures that warp geometric meshes, that interweave graphic patterns, parts of living animals in the production of structures with symbols, warnings, and omens from the Kaxinawá cosmogony. Her work *Barnê purú kenê bēni* (*The emergence of graphism*) is metalinguistic, it discusses itself. The spider has the sense of weaving and the boa constrictor brought the *kenê*, graphism. The canvas *Netê Bēkun* by her sister Edilene Yaka Huni Kuin registers *A mulher que se transformou em medicina* [The woman who became medicine]. The obstetrician Maspā Huni Kuin has painted childbirth – rituals, spiritual measures, protection from the



do povo verdadeiro. Várias mulheres Kaxinawá pintam. Rita Sales Huni Kuin constrói cenas figurais que, aos olhos não indígenas, seriam *abstratas*, mas são estruturas que urdem malhas geométricas, que entrelaçam padrões gráficos, partes de animais vivos na produção de estruturas com símbolos, advertências e augúrios oriundos da cosmogonia Kaxinawá. Sua obra *Barnê purú kenê bēni* (*O surgimento do grafismo*) é metalinguística, ela se autodiscute. A aranha tem o sentido de tecer e a jiboia trouxe o *kenê*, o grafismo. A tela *Neté Bêkun* de sua irmã Edilene Yaka Huni Kuin registra *A mulher que se transformou em medicina*. A obstetrix Maspã Huni Kuin pintou o parto – rituais, medidas espirituais, proteção dos seres da floresta, remédios, profilaxia e cuidados com a parturiente e o recém-nascido. Com o pajé, só a parteira domina a medicina na aldeia, pois o parto é função exclusiva das mulheres.⁶ O imaginário da procriação tinha presença na arte ocidental com Leonardo, Brancusi, Bill Viola e Adriana Varejão; agora tem Maspã na Amazônia, com a visão da “construção do corpo indígena”.⁷

Elsje Lagrou avaliou o dualismo Kaxinawá na chave do perspectivismo ameríndio. O dualismo é um valor globalizador (e não taxonomias classificatórias sobre identidade) que opera numa chave contextual dinâmica. “O problema da semelhança e da diferença na ontologia Kaxinawá parece encontrar solução na afirmação de uma continuidade entre os termos opostos, em vez de em sua mútua exclusão”, diz Lagrou, porque, apesar de expressar, na mitologia, posições reversíveis entre presa e predador, a oposição ontologicamente fundante para os Kaxinawá divide o mundo de modo diferente. O tema central é a relação entre o eu e o outro, entre *huni* (nós, propriamente humanos) e *nawa* (o outro, inimigo potencial). Para entender a raiz ancestral da arte Huni Kuin, cumpre saber que tal relação não envolve reversibilidade de posições em que o sujeito signifique agência e objeto, passividade, mas uma intersubjetividade em que ambas as posições expõem qualidades de agência e de subjetividade. “A ideia central do *perspectivismo* é de que diferentes seres podem ter perspectivas

não correspondentes sobre a natureza de suas interações. Assim, um determinado animal se percebe a si mesmo como pessoa, enquanto o caçador o percebe como caça, o mesmo podendo ocorrer com o ser humano ao se encontrar com um ser sobrenatural que o considera sua presa”, argumenta Lagrou. Ela defende que a alteridade Kaxinawá não é falta de humanidade – subjetividade, mas ininteligibilidade, e diferenças de percepção das coisas, implicando o relacional e não o essencial e o substancial. Os deuses canibais Inka, os brancos e os inimigos não são vistos enquanto intrinsecamente canibais incontroláveis; eles se comportam assim não em função de uma qualidade inerente, mas em virtude de determinados tipos de relação de excesso de alteridade, mais do que um eu poderia suportar.

Os Huni Kuin firmaram um contrato social da arte. Em geral, sua arte não surge para o mercado, mas visa registrar saberes, sustentar a continuidade do povo, educar os jovens, preservar relatos da cosmogênese e a história de luta pela liberdade, pensar sobre o território como



< **Maspã Huni Kuin**

Aldeia São Joaquim [São Joaquim Village]

História do parto [History of birth], 2020

Acrílica sobre tecido [Acrylic on canvas], 76 × 146 cm

> **José Domingos Itsairu**

Aldeia Belomonte [Belomonte Village]

Mapa do município do Jordão [Jordão citymap], 2020

Acrílica sobre tecido [Acrylic on canvas], 154 × 190 cm

beings of the forest, remedies, prophylaxis, and care for the parturient woman and the newborn. With the shaman, only the midwife dominates medicine in the village, since parturition is an exclusive function of women.⁶ The imagery of procreation had a presence in Western art with Leonardo, Brancusi, Bill Viola, and Adriana Varejão; now you have Maspã in the Amazon, with the vision of the “construction of the indigenous body.”⁷

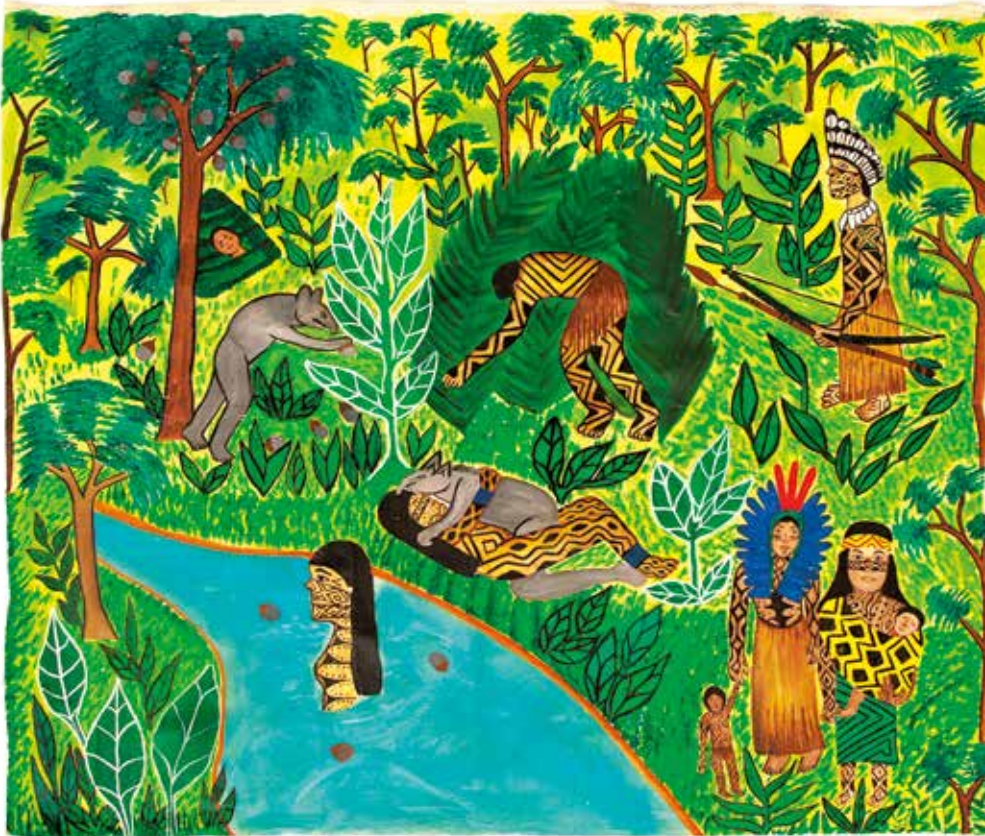
Elsje Lagrou has assessed the Kaxinawá dualism in the key of Amerindian perspectivism. Dualism is a globalizing value (and not classificatory taxonomies on identity) that operates in a dynamic contextual key. “The problem of similarity and difference in the Kaxinawá ontology seems to find a solution in the affirmation of a continuity between the opposite terms, rather than in their mutual exclusion”, says Lagrou, because, despite expressing, in mythology, reversible

positions between prey and predator, the ontologically founding opposition for the Kaxinawá divides the world in a different way. The central theme is the relationship between the self and the other, between the *huni* (we, properly humans) and the *nawa* (the other, the potential enemy). To understand the ancestral roots of Huni Kuin art, it is necessary to know that such relationship does not involve reversibility of positions in which the subject means agency and object, passivity, but an intersubjectivity in which both positions expose qualities of agency and subjectivity. “The central idea of *perspectivism* is that different beings can have mismatched perspectives on the nature of their interactions. Thus, a certain animal perceives itself as a person, while the hunter perceives it as a game, and the same can happen with a human being when he meets a supernatural being who considers him his prey,” argues

Lagrou. She argues that Kaxinawá alterity is not lack of humanity – subjectivity, but unintelligibility, and differences in the perception of things, implying the relational and not the essential and the substantial. The Inka cannibal gods, the whites, and the enemies are not seen as intrinsically uncontrollable cannibals; they behave this way not as a function of an inherent quality, but because of certain kinds of relationship of excess of otherness, more than a self could bear.

The Huni Kuin have established a social contract of art. In general, their art is not made for the market, but rather to register knowledge, to sustain the continuity of the people, to educate the youngsters, to preserve stories of cosmogenesis and the history of the struggle for freedom, to think about territory as a condition for the collective survival. However, the object of the covenant varies between villages, with two basic patterns. One model of a social contract is that of Ibã Huni Kuin, who proposes to use the market to the benefit of his group, especially to apply the resources obtained in favor of the main objective of buying land for the retaking of indigenous lands expropriated in the past. The initial model, on the other hand, was generated by the shaman Agostinho, who sealed an alliance with the shaman Dua Busê, with the objective of preserving the archetype of the boa constrictor through the nexus of the ancestral cosmovision in harmony with the changes of the contemporary world, spreading medicine and education, as in *Una Shubu Hiwea*, Livro Escola Viva [Living School Book]. For example, Menegildo Isaka’s imaginary is dedicated to the boa constrictor that teaches the application of eye drops.

After the *Una Shubu Hiwea* exhibition (Itaú Cultural, São Paulo, 2017),⁸ the shaman Dua Busê and some Huni Kuin visited the Museu de Arte do Rio [Rio Art Museum] (MAR) to assess the fate of 14 paintings and 500 drawings and objects



< **Ibã Sales e Coletivo Makhu**

Yube inu yube Shanghai (Mito de surgimento da bebida sagrada). [*Myth of emergence sacred drink*], 2020
Acrílica sobre tecido [*Acrylic on canvas*], 86 × 96 cm

> **Acelino Sales Tuí Huni Kuin**

Aldeia Bom Jesus
Kape Tawa Pukeni (História do Jacaré) [*Alligator story*], 2020
Acrílica sobre tecido [*Acrylic on canvas*], 86 × 96 cm
Coleção [Collection] Charles Cosac, Rio de Janeiro



condição de sobrevivência coletiva. No entanto, o objeto do pacto varia entre as aldeias, com dois padrões básicos. Um modelo de contrato social é de Ibã Huni Kuin, que se propõe a usar o mercado em prol de seu grupo, sobretudo para aplicar os recursos apurados em favor do objetivo-mor de comprar glebas para a retomada de terras indígenas expropriadas no passado. Já o modelo inicial foi gerado pelo pajé Agostinho, que selou uma aliança com o pajé Dua Busê, com o objetivo de preservar o arquétipo da jiboia por nexos da cosmovisão ancestral em harmonia com as mudanças do mundo contemporâneo, difundir a medicina e a educação, como no *Una Shubu Hiwea, Livro Escola Viva*. Por exemplo, o imaginário de Menegildo Isaka se dedica à jiboia que ensina a aplicação de colírio.

Depois da mostra *Una Shubu Hiwea* (Itaú Cultural, São Paulo, 2017),⁸ o pajé Dua Busê e alguns Huni Kuin visitaram o Museu de Arte do Rio (MAR) para avaliar o destino

de 14 pinturas e 500 desenhos e objetos que foram expostos. Por tradição, escreve Lagrou, os Huni Kuin “não estocam suas produções artísticas,” pois eles tomam o saber como algo incorporado. Essa concepção do conhecimento a fez entender que, para eles, “a preocupação dos brancos com o armazenamento de conhecimento em objetos fora dos seus corpos fez com que seus corpos parassem de conhecer.” Portanto, os desenhos e as pinturas Kaxinawá ocupam esse lugar fora do corpo, pois os saberes permanecem com os humanos. Ademais, se os trabalhos sobre papel ficassem na aldeia, eles se estragariam com a umidade da floresta. Os Huni Kuin escolheram o MAR para abrigar seu tesouro visual. Por isso, o quinto tempo do povo morcego é representado pelo edifício do MAR no relato histórico de Itsairu, pois ali se guarda a memória simbólica de sua gente. “O desenho é a língua dos espíritos”, contou uma Huni Kuin semicega a Elsje Lagrou. (Paulo Herkenhoff)

that were exhibited. By tradition, writes Lagrou, the Huni Kuin “do not stockpile their artistic productions,” for they take knowledge as something incorporated. This conception of knowledge made her understand that, for them, “the white people’s preoccupation with storing knowledge in objects outside their bodies caused their bodies to stop knowing.” Therefore, Kaxinawá drawings and paintings occupy this place outside the body, as knowledge remains with humans. Furthermore, if the works on paper were left in the village, they would be spoiled by the humidity of the forest. The Huni Kuin chose the MAR to house their visual treasure. For this reason, the fifth period of the bat people is represented by the building of MAR in the historical account of Itsairu, since the symbolic memory of his people is kept there. “Drawing is the language of spirits,” a half-blind Huni Kuin told Elsje Lagrou. (Paulo Herkenhoff)

Emmanuel Nassar, o Ser no precário e a má consciência

Emmanuel Nassar é figura de proa da *Visualidade Amazônica*, movimento que eclodiu em Belém na década de 1980.⁹ As chaves de sua obra são a cultura vernacular e a rosa dos ventos dissonante, signo da entropia da Amazônia. Seu projeto estético se singulariza com a série *Receptcor* (1981), com traquitanas, máquinas disfuncionais, organizadas à moda de circuitos mecânicos, e referência à energia solar e à transmissão de força (*Pesos e medidas*, 1982). “Eu tinha tudo meio espalhado como um quebra-cabeças rodando na minha mente”, revela Nassar. O *Receptcor* será “um aparelho através do qual eu viria a receber todos os outros que vieram depois”.

O artista Emmanuel Nassar sempre operou a partir da simplicidade e inventividade tomadas em construções sintáticas originais, cruas, diretas, sob a crença na força expressiva da marca tosca, da matéria *povera*, da desierarquização das fontes e das referências do Pará. Há décadas, um *estilema* identifica o *corpus* de Emmanuel Nassar: suas iniciais *E* e *N* em maiúscula à guisa de assinatura. “Estilema” é a unidade ou o traço invariante de estilo (Luiz Costa Lima). Este *graphein* amazônico, inserido em suas obras, indica os pontos cardeais Este e Norte como falsos opostos simétricos. O artista abraça contradições.

A deturpação cartográfica desorienta o território político como uma rosa dos ventos ardilosa ou uma bússola em pane. Mapas, bandeiras e emblemas ficam em desalinho, enquanto suas estruturas, máquinas e construções ameaçam a lógica da *physis*.

Céu azul (2010) enrevesa o volume do globo central da bandeira brasileira ao retirar a faixa com o lema positivista *Ordem e Progresso*, que representa o céu na cidade do Rio de Janeiro em 15 de novembro de 1889, dia da Proclamação da República. A inversão em escuridão do globo em *Céu azul* é uma paródia ao desenho aforístico *Nuestro nuerte es el Sur* (1943), de Joaquín Torres-García, pois o Brasil é um território circular enlutado pelo colonialismo interno e pela morte das culturas indígenas, extinção de espécies vivas e o desmatamento. A aflição política e a estética de sobrevivência são bases éticas da arte de Nassar.

Na feira da praça Navona, em Roma, Georges Didi-Huberman encontrou objetos inclassificáveis que se misturavam em massa visual – *confine au sublime d'un poikilon* (prefixo grego para *irregular*). Nesse reino estridente do anacronismo, o filósofo se delicia em vertigem com anjos de Rafael e “monstros saídos do último

Walt Disney”,¹⁰ bem como se indaga sobre essa bagunça: “a própria história da arte não aparece como uma massa variada de coisas e eventos, de estados e de alterações, de circulações e de rumores? Mas como, nesta massa, olhar o devir das formas?”. Belém é a Roma de Nassar, o mercado do Ver-o-Peso, sua Piazza Navona. Seu *poikilon* é a arquitetura dos furos de Belém, os anúncios populares com pintura intuitiva, o *kitsch* nas lojas do comércio no centro da cidade, os símbolos das fabriquetas de açaí, as coisas em fórmica (*Nova fórmica*, 2001) e folha de flandres (as *Chapas* e a tela *Funilaria*, 2000, em que se torna visível o fator trabalho produtivo na formação do valor de troca dos bens), as barracas das ervaíras, a pintura dos barcos de madeira produzidos em estaleiros pelos rios, a *féerie* do arraial de Nazaré com suas gambiarras e os brinquedos sazonais de miriti dos artesãos de Abaetetuba – eis o referencial do Pop ribeirinho de Nassar. A tela *Torcida* (1990) é um monumento Pop brasileiro: uma bandeira rubro-negra do Flamengo, o mais popular time de futebol do Brasil, encimada pelo logo da Coca-Cola, um ícone negativo na América Latina (ver Cildo Meireles, *Yankees go home*), e a cabeça do Che Guevara, o mártir da utopia socialista na região.¹¹ Na chapa *Arraial* (1984), surgem as primeiras lâmpadas pintadas do artista; a pintura *Gambiarras* (1988) expõe a gênese da estética da gambiarra. Emmanuel Nassar é o insuperável intérprete do Brasil encoberto, do país submerso,¹² do *Brasil profundo*.

Desde a epifania romana, Didi-Huberman conceituou *phasme* (do grego *phasma*), que designa aparição, visão e presságio – é um animal “estranho” que desconhecia.¹³



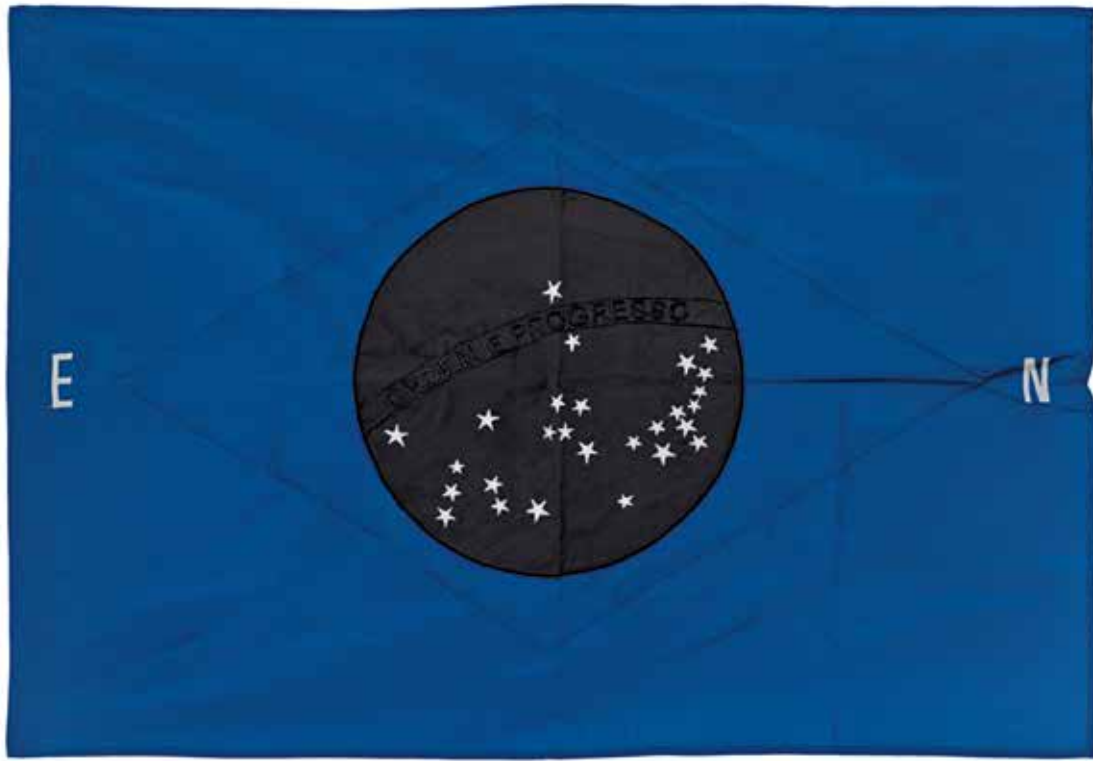
Emmanuel Nassar

< Receptcor, 1981

Esmalte sintético sobre madeira e chapa de metal [Synthetic enamel on wood and metal], 31,5 × 42 × 11,5 cm

> Céu azul [Blue sky], 2010

Bandeira em tecido [Flag on fabric], 90 × 130 cm



Emmanuel Nassar, *the Being in the precarious and the bad conscience*

Emmanuel Nassar is a leading figure in Visualidade Amazônica [Amazon Visuality], a movement that erupted in Belém in the 1980s.⁹ The keys to his work are vernacular culture and the dissonant compass rose, a sign of Amazonian entropy. His aesthetic project is singled out with the series *Receptor* (1981), with rattletraps, dysfunctional machines, organized in the fashion of mechanical circuits, and references to solar energy and the transmission of force (*Pesos e medidas* [Weights and measures], 1982). “I had it all sort of spread out like a jigsaw puzzle running through my mind,” reveals Nassar. The *Receptor* will be “a device through which I would come to receive all the others that came later.”

The artist Emmanuel Nassar has always operated from the simplicity and inventiveness taken in original, raw, direct syntactic constructions, under the belief in the expressive force of the crude brand, the *Povera Art* material, the de-hierarchization of sources and references from Pará. For decades, a *style element* has identified the *corpus* of Emmanuel Nassar: his initials *E* and *N* capitalized as a signature. “Style element” is the unit or invariant feature of

style (Luiz Costa Lima). This Amazonian *graphein*, inserted in his works, indicates the cardinal points East and North, as they were false symmetrical opposites. The artist embraces contradictions. Cartographic distortion disorients political territory like an elusive wind rose or a broken compass. Maps, flags, and emblems are in disarray, while their structures, machines, and buildings threaten the logic of *physis*.

Céu Azul [Blue Sky] (2010) inverts the volume of the central globe of the Brazilian flag by removing the banner with the positivist motto *Order and Progress*, which represents the sky in the city of Rio de Janeiro on November 15, 1889, the day of the Proclamation of the Republic. The inversion of the darkness of the globe in *Céu Azul* is a parody of the aphoristic drawing *Nuestro nuerte es el Sur* (1943), by Joaquín Torres-García, since Brazil is a circular territory mourning internal colonialism and the death of indigenous cultures, extinction of living species and deforestation. Political distress and survival aesthetics are the ethical foundations of Nassar’s art.

At the fair in Rome’s Navona Square, Georges Didi-Huberman found unclassifiable objects that blended into visual mass – *confine au sublime d’un poikilon*

(Greek prefix for *irregular*). In this strident realm of anachronism, the philosopher delights in vertigo with Raphael’s angels and “monsters out of the last Walt Disney,”¹⁰ as well as wonders about this mess: “does not the history of art itself appear as a varied mass of things and events, of states and changes, of circulations and rumors? But how, in this mass, to look at the becoming of forms?” Belém is Nassar’s Rome, the Ver-o-Peso market, his Piazza Navona. His *poikilon* is the architecture of Belém’s holes, the popular advertisements with intuitive painting, the *kitsch* in the downtown stores, the symbols of the açai facilities, the things in Formica (*Nova fórmica*, [New Formica] 2001) and tinfoil (as *Chapas* [Tinfoil] and the canvas *Funilaria* [Tinsmith’s], 2000, in which the factor of productive work becomes visible in the formation of the exchange value of goods), the herb medicine women shacks, the painting of the wooden boats produced in shipyards along the rivers, the *feérie* of the arraial of Nazaré with their *gambiarras* [ill-done electrical installation] and the seasonal moriche palm tree wood toys made by the artisans of Abaetetuba – such are the references of Nassar’s pop riverine. The canvas *Torcida* [Crowd] (1990) is a



Brazilian Pop monument: a red-black flag of Flamengo, the most popular soccer team in Brazil, topped by the logo of Coca-Cola, a negative icon in Latin America (see Cildo Meireles, *Yankees go home*), and the head of Che Guevara, the martyr of the socialist utopia in the region.¹¹ In the plate *Arraial* [Country Festivity] (1984), the artist's first painted lamps appear; the painting *Gambiarra* [Ill-Done Electrical Installations] (1988) exposes the genesis of the gambiarra aesthetic. Emmanuel Nassar is the unsurpassable interpreter of the hidden Brazil, of the submerged country,¹² of the *Deep Brazil*.

Since the Roman epiphany, Didi-Huberman has conceptualized *phasme* (from the Greek *phasma*), which designates apparition, vision and omen – it is a “strange” animal that he did not know.¹³ *Phasma* (stick insect, insect of the *Phasmatodea* order) mimics sticks. The philosopher sees phantasms in *phasma*, a matter of Nietzsche, Freud, and Warburg as *Nachleben*, “survival of forms” (p. 39). For J. L. Laplanche and J-B. Pontalis, the psychoanalytic concept of phantasm fluctuates between the German *Phantasie* (imagination) and the French *fantaisie* (productions with originality; phantasm and phantasmatic evoke the opposition between

imagination and reality – perception).¹⁴ In Nassar's phasmic topology, the figures are apparitions at odds with modernity as they burst out of the monochromatic field (see *Braço armado*, [Armed Arm] 1988).

Nassar's list of references is varied and complex. His vernacular mixes echoes of the visual culture of the riverside caboclos, the taste of the residents in the Belém invasions,¹⁵ the graphics of native and Afro-descendant populations, the torrid palette, rites and parties, all articulated in a game of alterities. Nassar's material lexicon (the industrial paint, the Formica, rebar, the incandescent light bulbs in their mouthpieces) was taken from practice at the margins of Amazon's urban bourgeois taste. At this point, the triangle formed by Michel Foucault, Félix Guattari, and Stuart Hall fits the conceptual analysis of Emmanuel Nassar's production. From indigenous people in contact with white society to the urban worker in post-modern Belém, Nassar operates with a decentered, open, contradictory, unfinished, fragmented identity.¹⁶

The *Instabile* canvas (1993, MNBA collection) is the allegory of the existence of Being in the precarious, of balance in the adverse life of most Brazilians. The heterotopia in Nassar's art is clarified

by Foucault's analytical apparatus. If the heterotopia is from the field of human geography, Nassar denounces problems: burning, land grabbing, chainsaws, mining and poisoning of rivers in the destruction of the environment, which precipitate the Anthropocene through climate change, dealt with in *Brasil* [Brazil] (1996) and in *Círculo em chamas* [Burning Circle] (1989, col. MAM-RJ), in which the flat background evokes the territorial vastness and its emptiness; the darkness symbolizes necropolitics. Against the praise of deforestation in *Derrubador brasileiro* [Brazilian Feller] (1879), by Almeida Junior, and *Os Falquejadores* [Person who rough-hews or squares timber] (1905), by Benedito Calixto, Nassar paints *Serra e trave* [Saw and Beam] (col. MEP) and *Serra EM* [EM Saw] (1990) with sharp blades and voracious teeth ready to decimate the jungle. Before the final solution of fire, they will mercilessly cut down centuries-old trees in the lung of the Earth, in a phallic competition between the feller and the log. Nassar denounces morbid hecatomb with civic rage, denounces the silent killing of life in the ob-scene of *silva terribilis*. *Sad tropics*, wrote Claude Lévi-Strauss. “We live, yes, in a series of relationships that delineate places that are decidedly irreducible to one another and not superimposable on one another”, says Foucault, “spaces that intertwine with each other, yet contradict all the others.”¹⁷

The negativity of Emmanuel Nassar is counterbalanced by his creative dissidence in adherence to Guattari's “perspective of an ethical-political election of diversity,” with social ecology and mental ecology (p. 23). It is the paradigm of the Amazonian artist with an acute *bad conscience*, with its ecosophical art. Its polysemic power stirs up Freudian malaise of civilization, as in *Brasil em chamas* [Brazil on Fire] (1999), a map made with lighted wax candles. The essay *As três ecologias*, by Félix Guattari,¹⁸ gives cohesion to Emmanuel Nassar's *corpus* whose semantic, socially productive intention is enunciated with transparency. The artist invents the much with the little to convert the limit into power. (Paulo Herkenhoff)

Emmanuel Nassar

< *Círculo em chamas* [Burning Circle], 1989

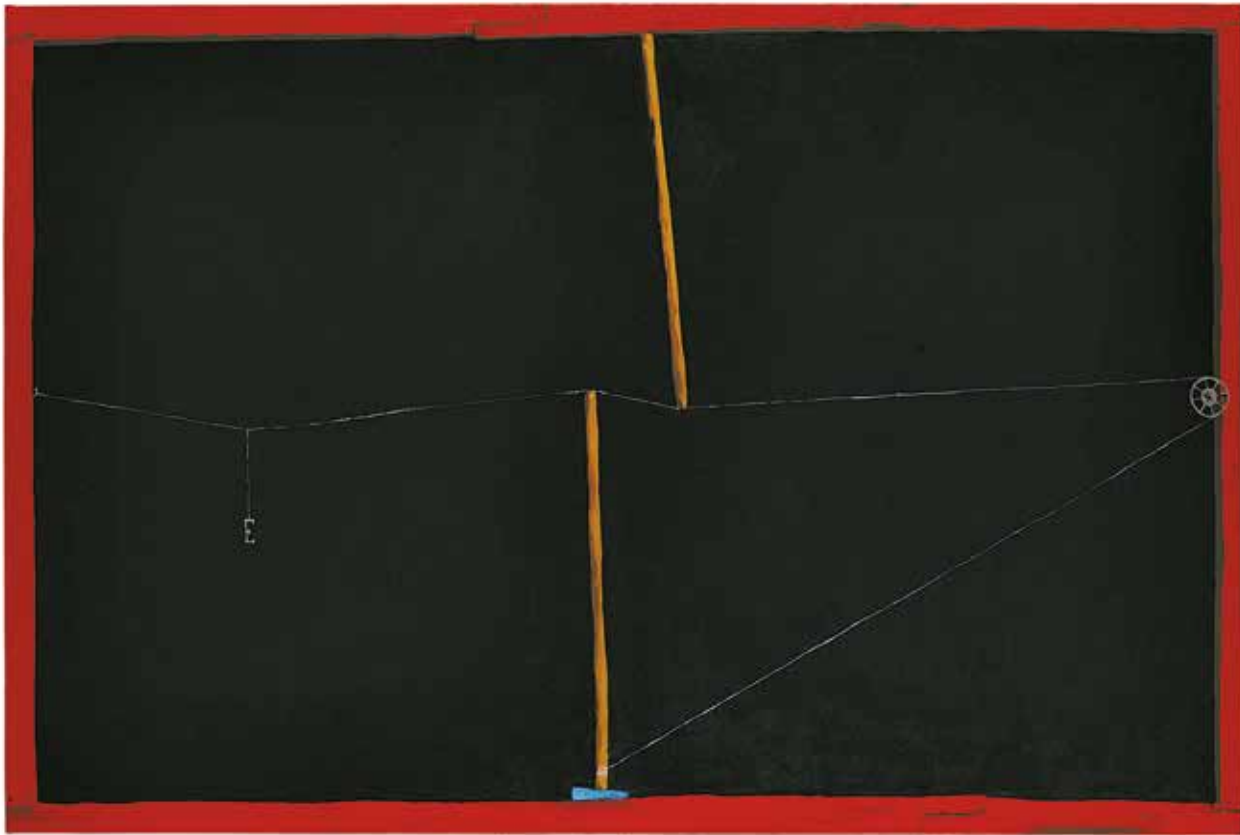
Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas], 150 × 150 cm

Coleção [Collection] Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM-RJ

> *Instabile*, 1993

Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas], 132 × 200 cm

Coleção [Collection] Museu Nacional de Belas Artes – MNBA



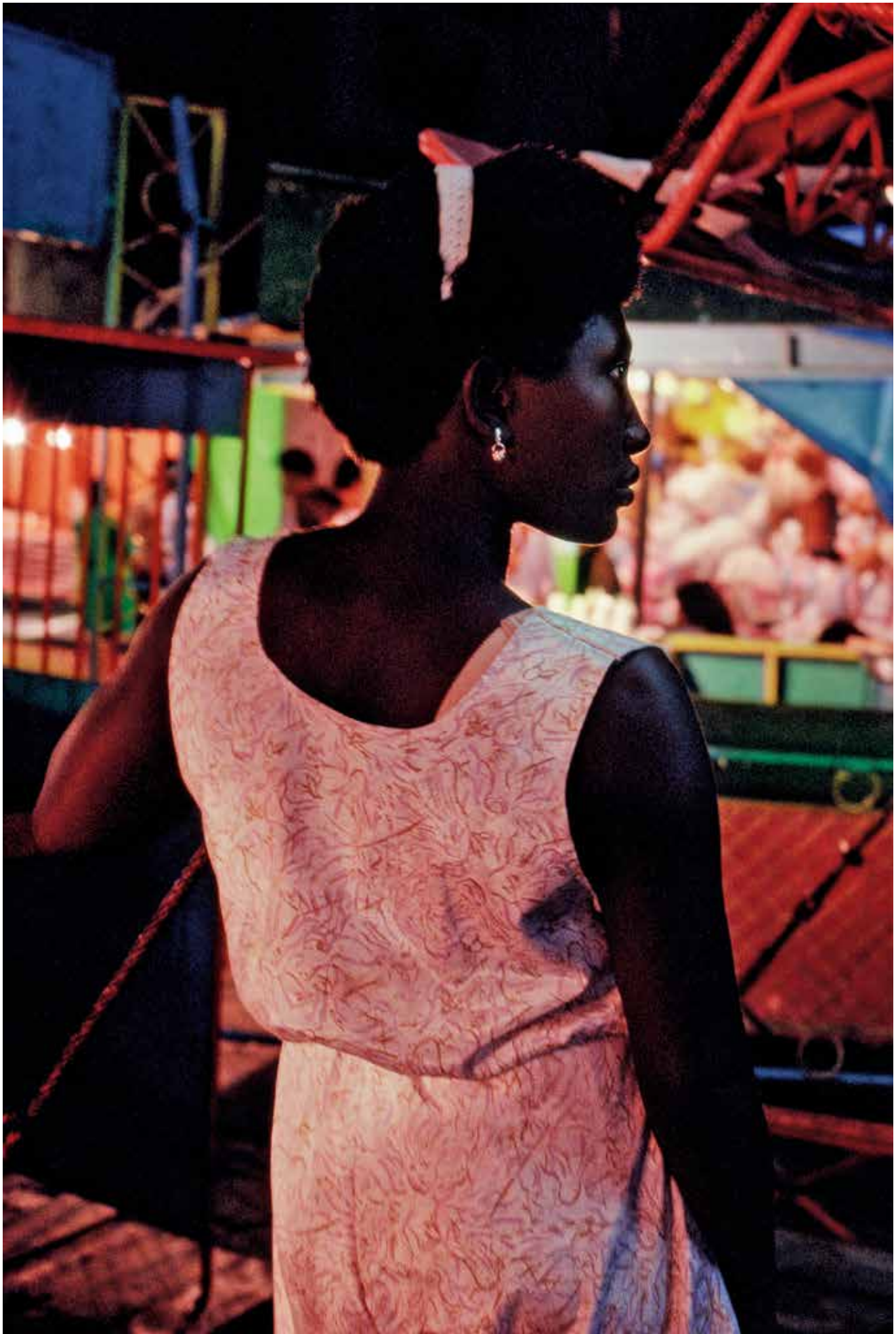
Phasma (bicho-pau, inseto da ordem *Phasmatodea*) mimetiza gravetos. O filósofo vê fantasmas em *phasma*, questão de Nietzsche, Freud e Warburg como *Nachleben*, “sobrevivência das formas” (p. 39). Para J. L. Laplanche e J-B. Pontalis, o conceito psicanalítico de fantasma flutua entre o alemão *Phantasie* (imaginação) e o francês *fantaisie* (produções com originalidade; fantasma e fantasmática evocam a oposição entre imaginação e realidade – percepção).¹⁴ Na topologia fásmica de Nassar, as figuras são aparições em incômodo com a modernidade ao irromperem do campo monocromático (ver *Braço armado*, 1988).

O rol de referências de Nassar é variado e complexo. Seu vernáculo mescla ecos da cultura visual dos caboclos ribeirinhos, o gosto dos moradores nas invasões de Belém,¹⁵ o grafismo das populações originárias e afrodescendentes, a paleta tórrida, ritos e festas, tudo articulado no jogo de alteridades. O léxico material de Nassar (a tinta industrial, a fórmica, vergalhões, as lâmpadas incandescentes em seus bocais) foi retirado da prática à margem do gosto burguês urbano da Amazônia. Nesse ponto, o triângulo formado por Michel Foucault, Félix

Guattari e Stuart Hall acode a análise conceitual da produção de Emmanuel Nassar. De indígenas em contato com a sociedade branca ao operário urbano da Belém pós-moderna, Nassar opera com identidade descentrada, aberta, contraditória, inacabada, fragmentada.¹⁶ A tela *Instabile* (1993, col. MNBA) é a alegoria da existência do Ser no precário, do equilíbrio na vida adversa da maioria dos brasileiros. A heterotopia na arte de Nassar se esclarece pelo aparato analítico de Foucault. Se a heterotopia é do campo da geografia humana, Nassar denuncia problemas: queimadas, grilagem, motosserras, garimpo e envenenamento dos rios na destruição do ambiente, que precipitam o Antropoceno pelas mudanças climáticas, tratadas em *Brasil* (1996) e em *Círculo em chamas* (1989, col. MAM-RJ), em que o fundo chapado evoca a vastidão territorial e seu vazio; a escuridão simboliza a necropolítica. Contra o elogio das derrubadas em *Derrubador brasileiro* (1879), de Almeida Junior, e *Os falquejadores* (1905), de Benedito Calixto, Nassar pinta *Serra e trave* (col. MEP) e *Serra EM* (1990) com lâminas afiadas com dentes vorazes prontos para dizimar a selva. Antes da solução final do fogo, elas abaterão impiedosamente árvores

centenárias no pulmão da Terra, numa competição fálica entre o derrubador e o tronco. Nassar denuncia hecatombe mórbida com ira cívica, denota a matança silenciosa da vida na ob-cena da *silva terribilis*. *Tristes trópicos*, escreveu Claude Lévi-Strauss. “Vivemos, sim, numa série de relações que delineiam sítios decididamente irreduzíveis uns aos outros e que não se podem sobreimpôr”, afirma Foucault, “espaços que se encadeiam uns nos outros, entretanto contradizem todos os outros.”¹⁷

A negatividade de Emmanuel Nassar se contrabalança por sua dissidência criadora em adesão ao Guattari da “perspectiva de uma eleição ético-política da diversidade”, com a ecologia social e a ecologia mental (p.23). Ela é o paradigma do artista da Amazônia dotado de aguda *má consciência*, com sua arte ecosófica. Sua potência polissêmica agencia o mal-estar da civilização freudiano, como em *Brasil em chamas* (1999), um mapa feito com velas de cera acesas. O ensaio *As três ecologias*, de Félix Guattari,¹⁸ confere coesão ao *corpus* de Emmanuel Nassar, cuja intenção semântica, socialmente produtiva, enuncia-se com transparência. O artista inventa o muito com o pouco para converter o limite em potência. (Paulo Herkenhoff)





*No acender da última lâmpada, a estranha luz*¹⁹

A produção de Luiz Braga faz parte de um imaginário amazônico, que há décadas vem observando com olhar cuidadoso, a registrar as pessoas que vivem na região e sua estética. Tive o prazer de assistir, ainda jovem, a sua segunda exposição, *Portfolio 80*, em uma matinê na Signo's Clube. Retratos e cenas da cidade, que revelavam uma visão diferenciada e que me impactaram, somando-se às fotografias colecionadas nas páginas do tabloide *Zeppelin*. Ali, o artista já estava presente. Desde aquele momento primal, passaria a seguir seu trabalho, que, a cada momento, sinalizava um mergulho na vida das pessoas desse território tão multifacetado, atento à visualidade popular e aos modos de vida dos seus habitantes.

Em 1982, Braga desenvolve o Projeto Visualidade Popular na Amazônia, associado ao Programa Visualidade

Brasileira, do Instituto Nacional de Artes Plásticas (Inap), da Fundação Nacional de Arte (Funarte). Com esse percurso, Braga aprofunda o seu olhar sobre as manifestações da cultura popular, tão presentes no cotidiano do povo amazônida. Elementos em suas cores são captados em detalhes, interpretados em construções precisas, que revelam, em objetos do dia a dia, uma transcendência ao comum. Daí, emerge *No olho da rua* (1984), sendo muito bem recebida por pesquisadores e críticos da fotografia, como Arlindo Machado e Stefania Bril.

Também é marcante sua criação seguinte, que resultaria na mostra em preto e branco *À margem do olhar* (1987), que traz os personagens da cidade e do interior em retratos, nos quais a dignidade e simplicidade evidenciavam a gente da Amazônia em seus pequenos gestos, em pormenores que romperam com estereótipos. Luz e texturas refinadas exprimem sinais e vestígios. Há intimidade e um fascínio em olhar nos olhos do outro e pedir licença. Sem exotismos, há um respeito a este que vive à margem e

Luiz Braga

< Rosa no arraial [*Rosa at the camp*], 1990

Fotografia [*Photograph*]

Coleção [*Collection*] Museu de Arte do Rio – MAR/
Doação do artista [*Artist's donation*]

> Tajás, 1988

Fotografia [*Photograph*]

que precisava, e ainda necessita, ser visto, enxergado. Com esse fruto, Braga recebe um dos prêmios mais importantes da fotografia brasileira: o Marc Ferrez.

Crítico, em um desafio constante de questionar-se sobre processos e linguagens, sobre como a luz e a cor se manifestam, em que luminosidades distintas pintam cenas em mesclas cromáticas entre o natural e artificial, o artista fotografou o universo ribeirinho no limiar do dia, na agudeza do tempo que se esvai e das luzes que se acendem. Lâmpada de mercúrio e luminescência fluorescente misturaram-se ao calor do final da tarde, explorando a cor e sua temperatura ao seu limite, capturadas em um período de tempo exíguo, desenvolvendo uma pesquisa imensa, na qual grande parte de seus personagens surge em situações que transcendem a imagem. A ideia de “certo” ou de “errado” fotográfico é contrafeita em sua fotografia. Braga subverte a técnica.

Desse momento da experimentação, em que recebe o Prêmio Leopold Godowsky Color Photography Award, da Universidade de Boston, EUA (1991), nasce a exposição *Anos-Luz*, ao revelar seu sofisticado olhar. De lá para cá, em uma trajetória que coleciona premiações, como a Bolsa Vitae de Fotografia (1996) e a participação na 53ª Bienal de Veneza (2009), Braga vem consolidando uma obra densa, na qual a técnica é insurgida

continuamente no exercício da linguagem. Assim foi com suas *Nightvisions*, em que a alteração de um recurso técnico particular lhe propicia um novo mergulho no universo regional por meio da captação do infravermelho.

Algumas dessas experiências reunimos aqui nesta edição, que convida o leitor a adentrar o ambiente do artista, como quem entra em seu *arraial da luz*, com o vigor, com a dedicação que suas imagens nos conclamam. Tecemos um caminho, apresentamos personagens, lugares, particularidades de uma Amazônia possível, que os olhos de Braga traduzem no encontro com homens e mulheres que constroem saberes nesses locais de sua tão vivida *periferia ribeirinha*, onde o artista traça seu *mapa do Éden*, em uma grande homenagem à *retumbante natureza humanizada*. Aqui, sujeitos e atmosferas que compõem o seu território mesclam-se.

O olhar nos convida a atravessar essas ambiências-imagens e a receber os olhares de volta dessa gente que está aqui e que constitui, a cada minuto, suas vidas. Juntamos tempos distintos para estranhar nesse universo, em uma Amazônia que está viva, em cada feira, beira de rio ou rua das diversas cidades da região, e encontrar, no trajeto de Braga, um grande tributo ao humano e ao próprio luminoso presente no fulgurante piscar da última lâmpada. (Orlando Maneschy)

*When the last lamp comes on, the strange light*¹⁹

Luiz Braga's production is part of an Amazonian imaginary, which for decades has been watching with careful eyes, registering the people who live in the region and their aesthetics. I had the pleasure of attending, as a young man, his second exhibition, *Portfolio 80*, at a matinée at Signo's Club. Portraits and scenes of the city, which revealed a different vision and which impacted me, adding to the photographs collected on the pages of the *Zeppelin* tabloid. There the artist was already present. From that primal moment on, I would continue to follow his work, which, at each moment, signaled a plunge in the lives of the people of this very multifaceted territory, attentive to the popular visuality and the ways of life of its inhabitants.

In 1982, Braga developed the *Visualidade Popular na Amazônia* [Popular Visuality in the Amazon] project, associated with the *Visualidade Brasileira* [Brazilian Visuality] program, from the Instituto Nacional de Artes Plásticas [National Institute of Plastic Arts] (Inap), of the Fundação Nacional de Arte [National Art Foundation] (Funarte). With this trajectory, Braga deepens his gaze on the manifestations of popular culture, so present in the daily life of the Amazonian people. Elements in his colors are captured in detail, interpreted in precise constructions that reveal, in everyday objects, a transcendence to the ordinary – hence it emerges in the *No Olho da Rua* [In the eye of the street] (1984), being very well received by researchers and critics of photography, such as Arlindo Machado and Stefania Bril.

Also remarkable is his next creation, which would result in the black and white exhibition *À Margem do Olhar* [On the Fringe of Looking] (1987), featuring characters from the city and the countryside in portraits in which dignity and simplicity showed the Amazon people in their small gestures, in details that broke with stereotypes. Refined textures and light

Luiz Braga

< *Busca de Dagom*, da série *Mapa do Éden* [*Dagom search, from the series Eden's map*], 2019
Fotografia [Photograph]

> *Fé em Deus*, da série *Nightvisions* [*Faith in god, from the Nightvisions series*], 2013
Fotografia [Photograph]





express signs and traces. There is intimacy and a fascination in looking into the other person's eyes and asking for permission. Without exoticism, there is a respect for this person who lives on the margins and who needed, and still needs, to be looked at and seen. With this outcome, Braga receives one of the most important awards in Brazilian photography: the Marc Ferrez.

Critical, in a constant challenge to question himself about processes and languages, about how light and color manifest themselves, in which different luminosities paint scenes in chromatic mixtures between the natural and the artificial, the artist photographed the riverside universe on the threshold of the day, in the sharpness of the time that vanishes and the lights that come on. Mercury lamp, fluorescent luminescence mixed with the heat of the late afternoon, exploring the color and its temperature to its limit, captured in a short period of time, developing an immense research, in which most of his characters appear in situations that transcend the image.

The idea of photographic "right" or "wrong" is counterfeited in his photography. Braga subverts the technique.

From that moment of experimentation in which he received the Leopold Godowsky Color Photography Award, from Boston University, USA (1991), the exhibition *Anos-Luz* [Light Years] was born, revealing his sophisticated gaze. Since then, in a trajectory that has been collecting awards, such as the *Bolsa Vitae de Fotografia* [Vitae Photography Fellowship] (1996) and participation in the 53rd Venice Biennale (2009), Braga has been consolidating a dense work, in which the technique is continually engaged in the exercise of language. So it was with his *Night Visions*, in which the alteration of a particular technical resource gives him a new dive into the regional universe through the capture of infrared.

We have gathered some of these experiences here in this issue, which invites the reader to enter the artist's environment, like someone who enters his *arraial da luz*

[camp of light], with the vigor and the dedication that his images call out to us. We weave a path, we present characters, places, particularities of a possible Amazon, which Braga's eyes translate into an encounter with men and women who build knowledge in these places of his long lived riverside periphery, where he draws his map of Eden, in a great tribute to the resounding humanized nature. Here, subjects and atmospheres that make up his territory are blend together.

The gaze invites us to go through these ambiance-images and to receive back the glance from these people who are here and who, at every minute, constitute their lives. We have combined different times to become part of this universe, in an Amazon that is alive at every fair, riverbank or street of the different cities in the region, and to find, in Braga's path, a great tribute to the human and to the very luminous present in the dazzling flash of the last lamp. (Orlando Maneschy)



Walda Marques, o corpo feminino em comunhão com a natureza amazônica

Walda Marques é uma apaixonada retratista da mulher de Belém em estado de autoestima. Ao longo de mais de três décadas, ela pensa no contrato social da fotografia com a beleza espontânea de seus modelos, captura a delicada comunhão do corpo com a vegetação da selva, esmera-se na construção psicológica do porquê de deixar-se ser representação para ser uma forma de individuação da modelo.

É precisa no comedido registro do saudável narcisismo necessário ao equilíbrio de cada sujeito, busca reter traços étnicos indígenas ancestrais e afrodescendentes, constrói síntese ecológica do sujeito com o mundo amazônico, aproxima-se do desejo com delicada leveza, revela as paixões e vela as armas de sedução.

Na série etnobotânica espiritual de Walda Marques, *Faz querer quem não me quer* (2005), há retratos-emblemas das mulheres, do Mercado Ver-o-Peso, das vendedoras de ervas para conseguir o amor. Comércio reservado às mulheres – cada erveira foi maquiada por estudantes em curso de beleza e escolheu fotografar-se com a planta que mais lhe dá prazer vender. Uma delas escolheu a comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*), uma planta venenosa da família *Araceae* que protege a casa, pois é capaz de absorver as energias ruins dirigidas ao lar, além de escudar contra o olho-gordo, a inveja e o azar. Traz paz, tranquilidade e amor.

A etnobotânica poética de Walda Marques instrumentaliza a *fotografia construída* ou *encenada* (*stage photography*)



para montar a série em cores *Corpo fértil* (2017). Há imagens de *Corpo fértil* com arruda, comigo-ninguém-pode e avenca, cujo nome científico *Adiantum capillus-veneris* denota um sutil erotismo venusiano. Na umbanda, a avenca é planta de Oxóssi, o orixá de caça, das florestas, dos animais, da fartura, do sustento, e que ainda traz equilíbrio, paz e direção. Vânia Leal descreve essas obras. Agora surge o “corpo que tudo nasce. Essas ervas passam a fazer parte do corpo de quem faz uso dessa crença, no qual o vermelho mostra a transformação do sentimento, a satisfação que as ervas causam se misturando com a própria natureza humana.”²⁰ O que antes, na construção do modelo, era maquiagem industrial moderna, agora tem Marques recorrendo a um importante valor espiritual e material cromático da pintura corporal dos indígenas do Brasil: o vermelho vivo e sensual do urucum (*Bixa orellana*) em contraste matisseano com o verde da avenca.

Entre grupos indígenas do Maranhão, o urucum é visto como “índice de

Walda Marques

< Faz querer quem não me quer

[It makes someone want who doesn't want me], 2005

Fotografia [Photograph], 100 × 80 cm

> Corpo fértil [Fertile Body], 2017

Fotografia [Photograph]

Walda Marques, the female body in communion with the Amazonian nature

Walda Marques is a passionate portraitist of the Belém woman in a state of self-esteem. Throughout more than three decades, she has thought about the social contract of photography with the spontaneous beauty of her models, captured the delicate communion of the body with the jungle vegetation, worked with care in the psychological construction of why she lets herself be a representation in order to be a form of individuation of the model. She is precise in the measured register of the healthy narcissism necessary to the balance of each subject, sought to retain ancestral indigenous and afro-descendant ethnic traits, built an ecological synthesis of the subject with the Amazonian world, approached desire with a delicate lightness, revealed the passions and displays the weapons of seduction.

In Walda Marques' spiritual ethnobotanical series, *It makes someone want who doesn't want me* (2005), there are emblematic portraits of women, of the Ver-o-Peso market, of the sellers of love potion herbs in order to get love. Trade reserved for women – each herbalist was made up by students in a beauty course and chose to photograph herself with the plant that gives her the most pleasure to sell. One of them chose a dumb cane (*Dieffenbachia amoena*), a poisonous plant from the Araceae family that protects the house, because it is capable of absorbing the bad energies directed at the home, in addition to shielding against the evil eye, envy and bad luck. It brings peace, tranquility, and love.

Walda Marques' poetic ethnobotany instrumentalizes *constructed or staged photography* to assemble the series in colors

Corpo fértil [Fertile Body] (2017). There are *Corpo fértil* images with rue, dumb cane e maidenhair fern, whose scientific *Adiantum capillus-veneris* denotes a subtle Venusian eroticism. In Umbanda, the maidenhair fern is the plant of Oxóssi, the orixá of hunting, forests, animals, abundance, and sustenance, and that also brings balance, peace, and direction. Vânia Leal describes these works – now comes the “body that gives birth to everything. These herbs become part of the body of those who make use of this belief, in which the red shows the transformation of the feeling, the satisfaction that the herbs cause by mingling with human nature.”²⁰ What used to be modern industrial make-up in the construction of the model, now has Marques drawing on an important spiritual and material chromatic value of the body painting of the indigenous people of Brazil: the bright and sensual red of the annatto (*Bixa orellana*) in Matissean contrast with the green of the maidenhair fern.

Among indigenous groups in Maranhão, the annatto is seen as an “index of humanity and beauty,” recorded Curt Nimuendajú,²¹ and that “the red color of the annatto is considered embellishment, not dirt.” It has already been seen that Walda Marques converges on the *beautiful* in the human. Anthropologist André Demarchi compared some peoples of Central Brazil, such as the Kayapó, Canela and Apinajé, in their practices of body painting: therapeutic, prophylactic and protective of the body. In the Jê groups, the *conhecedoras* (connoisseurs women) are experts in the healing (shamanic)

powers, as in situations of pregnancy, childbirth and period of convalescence, as well as illness and grief. Demarchi concludes that such a praxiological approach, focusing on painting and not on representation, ensured his understanding of body painting as an art of healing.”²²

In *Faz querer quem não me quer* [It makes someone want who doesn't want me] and in *Corpo fértil*, Walda Marques organizes the scene. In addition to being a photographer, she acts as a *factotum* for almost every stage of the setting up of her optical regime: she is a director, a set and costume designer, a makeup artist in her process of “building realities.”²³ Her inventive leap in *Corpo fértil* is the arch that articulates the aesthetic concept of *constructed photography* of Zdenek Felix, Andreas Vowinckel, and Michael Kohler²⁴ to the anthropological thesis of the *manufacturing of the indigenous body* by Anthony Seeger, Roberto da Matta, and Eduardo Viveiros de Casto.²⁵ For the Apinajé, says Demarchi, the annatto is a symbol of birth, marriage and death, fundamental stages of this manufacturing of the indigenous body, that for Marques, is the female body.

Painting the other with annatto, still according to Demarchi, is a sign of a healthy body. A Krahô, when he/she wants to say that a person is beautiful and healthy, says that he/she is “the color of the annatto”. Against all prejudices and ethnocentrism, *Corpo fértil* is Walda Marques's homage to indigenous, cabocla, riverside dwellers, afro-indigenous beauty, as an evocation of Reynaldo Jardim's praise verses: “(...) What is hated in the Indian/ is the pure animal that dwells in him/ her, is his/ her architected bronze color”. (*Paulo Herkenhoff*)



humanidade e beleza,” registrou Curt Nimuendajú,²¹ e que “a cor vermelha do urucum é considerada embelezamento e não sujeira”. Já se viu que Walda Marques converge para o belo no humano. O antropólogo André Demarchi comparou alguns povos do Brasil Central, como os Kayapó, os Canela e os Apinajé, nas práticas da pintura corporal – terapêutica, profilática e protetora do corpo. Nos grupos Jè, as conhecedoras (pois são mulheres, na maioria) são especialistas nos poderes curativos (xamânicos), como nas situações de gestação, parto e resguardo, e, ainda, doença e luto. Demarchi conclui que tal abordagem praxiológica, foco na pintura e não na representação, assegurou-lhe compreender a pintura corporal como arte da cura.²²

Em *Faz querer quem não me quer* e em *Corpo fértil*, Walda Marques organiza a cena. Além de fotógrafa, atua como um *factotum* de quase todas as etapas da montagem de seu regime ótico: é diretora, designer de cenário e vestuário, maquiadora em seu processo

de “construir realidades”.²³ Seu salto inventivo em *Corpo fértil* é o arco que articula o conceito estético de fotografia construída de Zdenek Felix, Andreas Vowinckel e Michael Kohler²⁴ à tese antropológica da *fabricação do corpo indígena*, de Anthony Seeger, Roberto da Matta e Eduardo Viveiros de Casto.²⁵ Para os Apinajé, diz Demarchi, o urucum é símbolo do nascimento, casamento e morte, etapas fundamentais dessa fabricação do corpo indígena, que para Marques é o da mulher.

Pintar o outro com urucum, ainda conforme Demarchi, é sinal de um corpo saudável. Um Krahô, quando quer dizer que uma pessoa está bela e saudável, diz que está “da cor do urucum”. Contra todos os preconceitos e o etnocentrismo, *Corpo fértil* é a homenagem de Walda Marques à beleza indígena, cabocla, ribeirinha, afroindígena, como uma evocação dos versos de elogio de Reynaldo Jardim: “(...) O que se odeia no índio/ é o puro animal que nele habita, é a sua cor em bronze arquitetada.” (*Paulo Herkenhoff*)

Walda Marques

Faz querer quem não me quer

[*It makes someone want who doesn't want me*], 2005

Fotografia [*Photograph*], 100 × 80 cm

Elza Lima: a cartógrafa das distâncias e o relativismo ameríndio

A fotografia de Elza Lima expõe múltiplos olhares sobre a Amazônia. Mestre do preto e branco, ela armou uma fenomenologia amazônica com sombras, luzes e o rigor dos cinzas – a solaridade equatorial define o ordenamento do mundo. Contra o registro cientificista dos corpos amazônicos reduzidos ao folclore, ao primitivismo, à rapinagem de valores do Outro, ao exótico, ao *styling* turístico, cabe indagar: as identidades justapostas asseguram que o Pará tenha uma alma coletiva na diversidade? O inconsciente amazônico de Elza Lima encadeia espaços entre-seres e a *humanimalidade*.²⁶ Seus cliques ordenam o espaço em planos como posição relacional dos atores em *Vigia* (1989) e *O encantado* (1991). A câmera é o teodolito, caro à metrologia das distâncias significantes entre subjetividades ribeirinhas, que articula códigos de limbos, lonjuras alongadas e proximidades entre os humanos e os não humanos.

O periscópio de Elza Lima urde teias de cidades, vilas e aldeias de Santarém a Carajás, no Pará, de Santa Inês no Maranhão a Itacoatiara no Amazonas. Capta o universo popular: a procissão do Círio de Nazaré, casas, retratos psicológicos, solidão, melancolia, desamparo, despojamento e autoestima (*Abaetetuba*, 1983). Esse *corpus* fotográfico se molda em camadas de identidades culturais interligadas de caboclos ribeirinhos, mestiços, quilombolas, população periférica urbana, indígenas, cabanos revividos em seus descendentes. Paisagem humana e contrato social da fotografia não se apartam na poética dos lugares, dos espaços com história e do contributo memorial dos sujeitos. No entanto, o contrato social da fotografia

proposto por Elza Lima é atravessado (1) pela inversão da aclamação positivista do poder sob relatos dominantes convertidos em história sob a ótica dos vencidos, como sugere Walter Benjamin,²⁷ e (2) pela virada dos compromissos do geógrafo no Terceiro Mundo cobrados por Milton Santos.²⁸ Qual é a tarefa política da arte ao tornar visível a experiência humana no vazio amazônico? Como evitar a subalternização do modelo ao poder de representação da câmera? Quantos planos fotográficos constroem a topologia dos sujeitos numa foto de Elza Lima? Ela é incansável no montar do baralho de diferenças pela fotografia. Com a antropóloga Carmem Afonso, Lima visitou seis etnias indígenas, entre elas os Araweté, que Eduardo Viveiros de Castro tratou em *Araweté: os deuses canibais* (1986). O *constructo* paisagístico de Lima se funda no variado modo de viver ancestral, olvidado, ainda hoje vivo. Não existe Brasil sem Japão; para Lima, não existe Pará sem Japão com a colônia de Tomé-açu, onde capturou sujeitos nipo-amazônicos às margens do Acará-mirim em alegorias do encontro Oriente, com gueixas nos pimenterais. Milton Santos pergunta: “até que ponto a nossa descrição de um fenômeno deixa de ser uma interpretação para tornar-se uma reprodução fotográfica?”. O regime ótico de Elza Lima chacoalha a percepção política das diferenças ao desafiar o poder simbólico hegemônico de sua tecnologia.

Mais que espaço físico, Elza Lima demarca sítios afetivos de recolhimento, como se as *distâncias-entre* definissem a potência do contato entre os seres em vez de distanciamento como proteção e impossibilidade. Parte dessa distância

Elza Lima: the cartographer of distances and the Amerindian relativism

Elza Lima's photography exposes multiple perspectives on the Amazon. A master of black and white, she has set up an Amazonian phenomenology with shadows, lights, and the rigor of grays – the equatorial solarly defines the ordering of the world. Against the scientificist record of Amazonian bodies reduced to folklore, primitivism, the preying of values from the Other, the exotic, tourist *styling*, it is worth asking: do the Pará juxtaposed identities ensure that Pará has a collective soul in diversity? Elza Lima's Amazonian unconscious links spaces between beings and *humanimality*.²⁶ Her clicks order space in planes as the relational position of the actors in *Vigia* [Watchman] (1989) and *O encantado* [The Enchanted] (1991). The camera is the theodolite, dear to the metrology of significant distances between riverside subjectivities, which articulates codes of borders, elongated distances and proximity between humans and non-humans.

Elza Lima's periscope weaves webs of cities, towns and villages from Santarém to Carajás, in Pará, from Santa Inês in Maranhão to Itacoatiara in Amazonas. It captures the popular universe: the procession of the Círio de Nazaré, houses, psychological portraits, loneliness, melancholy, helplessness, detachment and self-esteem (*Abaetetuba*, 1983). This photographic *corpus* is molded in layers of interconnected cultural identities of riverine caboclos, mestizos, quilombolas, urban peripheral population, indigenous peoples, cabanos revived in their descendants. Human landscape and social contract of photography are not separated



Elza Lima

Sem título [Untitled], 2003

Fotografia [Photograph]

in the poetics of places, spaces with history and the memorial contribution of subjects. However, the social contract of photography proposed by Elza Lima is crossed (1) by the inversion of the positivist claim of power under dominant stories converted into history from the perspective of the vanquished, as Walter Benjamin²⁷ suggests, and (2) by the turning point of the commitments of Third World geographer charged by Milton Santos.²⁸

What is the political task of art in making human experience visible in the Amazon void? How to avoid subordinating the model to the camera's power of representation? How many photographic plans build the topology of subjects in a photo by Elza Lima? She is tireless in assembling the deck of differences through photography. With the anthropologist Carmem Afonso, Lima visited six indigenous ethnic groups, including the Araweté, which Eduardo Viveiros de Castro dealt with in *Araweté: os deuses canibais* [Araweté: the cannibal gods] (1986). Lima's landscape construct is founded on the varied, forgotten, yet still living ancestral way of life. There is no Brazil without Japan; for Lima, there is no Pará without Japan with the colony of Tomé-açu, where she captured Japanese-Amazon subjects on the banks of the Acará-mirim in allegories of the Oriente/ encounter, with geishas in the pepper groves. Milton Santos asks: "to what extent does our description of a phenomenon stop being an interpretation and become a photographic reproduction?" The optical regime of Elza Lima shakes the political perception of differences by challenging the hegemonic symbolic power of its technology.



More than physical space, Elza Lima demarcates affective sites of recollection, as if the *distances-between* defined the power of contact between beings instead of distance as protection and impossibility. Part of this distance comes from bodily and spiritual intimacy. Physical touch or visual contact between humans and non-humans are tests of *humanimity* (the irreducible animality of man) in the Amazon, as in the identification of indigenous people with inanimate things and living beings of the Earth – an ethic now transferred to the caboclos (*Rio das lavadeiras*, 1993). Lima is the artist of the distances between the camera and the object of her gaze, between the spectator and the image, between Belém and towns and villages, between human and non-human subjects, like animals and stones. The interval between two beings is composed of time and connective relationships, like their style elements, and their unity of style. The utopist Elza Lima longs for a topical demarcation of possible

harmony in the Amazon. Carlo Ginzburg notes that the *perspective* “is good because it emphasizes subjectivity; but it’s also bad because it emphasizes intellectual distance rather than emotional proximity (or identification)”, arguing that, if the tension between subjective point of view and verifiable truths “is kept open, the notion of perspective will no longer be an obstacle among scientists” to become a place of encounter.²⁹ Ginzburg explains the significant perspective in the *Vigia* image and Elza Lima’s safe journey between perspectives.

Elza Lima’s way of thinking about indigenous peoples and riverside dwellers brings her closer to the *Amerindian perspectivism* of Viveiros de Castro³⁰ and Philippe Descola.³¹ In given cosmologies, the world is populated by species of beings (including non-human beings, endowed with consciousness) and each sees itself as human; the others are non-human. There are Amerindian peoples formed under the

multinatural logic that share spirituality (culture/essence) and distinguish nature and biology in their bodies. Ontological differences of degree, and not of nature, arise between water, plants, and animals (endowed with *wakan*, soul), with bonds of reciprocity among all of them. For perspectivism, science is no longer the privileged terrain of knowledge. To understand Amerindian societies, it is urgent to think like an Amerindian, with categories operated by them, according to their cosmology. The artist rescues residues of Amerindian ethics persistent among the caboclos. Blaise Cendrars’ voice echoes through Lima’s production: what is the Amazonian flow of language? “The river tells man what he must do,” that seems to replicate above-mentioned Thiago de Mello in *Mormaço da Floresta*. The river, the forest, the Amazonian beings tell Elza Lima what she should photograph. And she follows them. (*Paulo Herkenhoff*)



advém da intimidade corpórea e espiritual. O toque físico ou o contato visual entre humanos e não humanos são ensaios da *humanimalidade* (a irredutível animalidade do homem) na Amazônia, como na identificação dos indígenas com coisas inanimadas e seres vivos da Terra – uma ética hoje transferida aos caboclos (*Rio das lavadeiras*, 1993). Lima é a artista das distâncias entre a câmera e o objeto de seu olhar, entre o espectador e a imagem, entre Belém e vilas e aldeias, entre sujeitos humanos e não humanos, como animais e pedras. O intervalo entre dois seres são tempo e relações conectivas, como seu estilema, sua unidade de estilo. A utopista Elza Lima almeja uma tópica demarcatória da harmonia possível na Amazônia. Carlo Ginzburg nota que a *perspectiva* “é boa porque salienta a subjetividade; mas também é ruim porque ressalta a distância intelectual, em vez de proximidade (ou identificação) emotiva”, aduzindo que, se a tensão entre ponto de vista subjetivo

e verdades verificáveis “for mantida em aberto, a noção de perspectiva deixará de constituir um obstáculo entre cientistas” para se tornar um lugar de encontro.²⁹ Ginzburg nos explica a perspectiva signifiicante na imagem *Vigia* e a segura viagem de Elza Lima entre perspectivas.

O modo de Elza Lima pensar sobre os indígenas e ribeirinhos aproxima-a do *perspectivismo ameríndio* de Viveiros de Castro³⁰ e Philippe Descola.³¹ Em dadas cosmologias, o mundo é povoado por espécies de seres (inclusive não humanos, dotados de consciência) e cada uma se vê como humana; as demais são não humanas. Há povos ameríndios formados sob a lógica multinatural que partilham espiritualidade (cultura/essência) e distinguem natureza e biologia em seus corpos. Surgem diferenças ontológicas de grau, e não de natureza, entre água, plantas e animais (dotados de *wakan*, alma), com laços de reciprocidade entre todos. Para o *perspectivismo*, a ciência

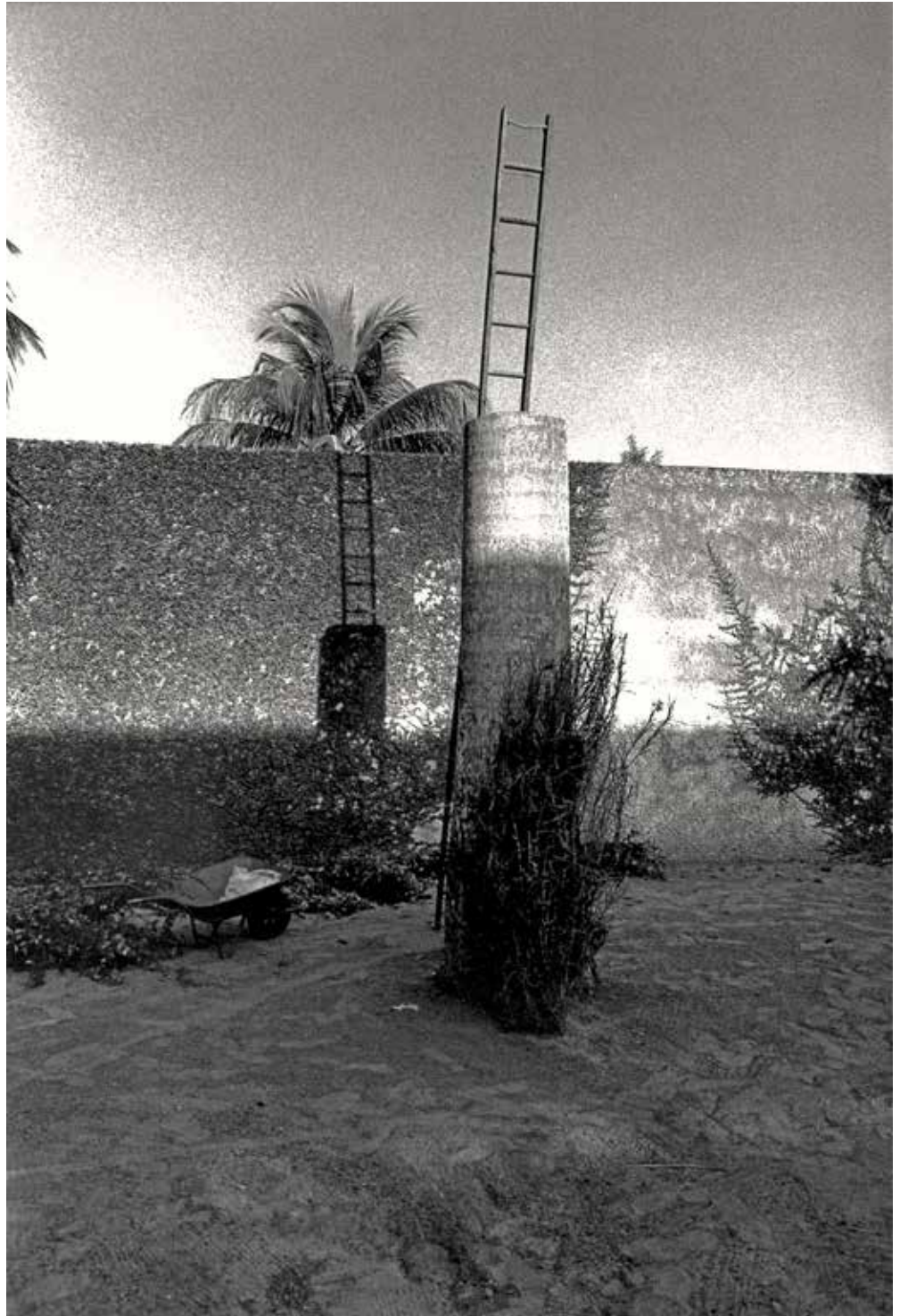
não mais é o terreno privilegiado de conhecimento. Para entender as sociedades ameríndias, urge pensar como um ameríndio, com categorias por ele operadas, segundo sua cosmologia. A artista resgata resíduos da ética ameríndia persistentes entre os caboclos. A voz de Blaise Cendrars ecoa pela produção de Lima: o que é o caudal amazônico da linguagem? “O rio diz para o homem o que ele deve fazer”, parece replicar o já citado Thiago de Mello em *Mormaço da floresta*. O rio, a floresta, os seres amazônicos dizem a Elza Lima o que ela deve fotografar. E ela os segue. (Paulo Herkenhoff)

Elza Lima
< *Vigia*, 1989
> Rio Trombetas, 2000
Fotografia [*Photograph*]

Patrick Pardini, *Arborescência e fotografia ecosófica*

O olhar ecosófico de Patrick Pardini se finca no Antropoceno. O projeto pendular de sua câmera infiltra denúncia e esperança nas cenas, a dupla estética que justapõe vegetação torturada à fotografia *florestada*. Seu *corpus* botânico lida com florestação, florestabilidade, florestania. No plano mais minaz, há conceitos como savanização. Este texto usa dados da Amazônia desde 1997, quando Pardini esboça o projeto de florestabilidade fotográfica e a Embrapa emite a Circular 16 sobre *Abate de Árvores em Floresta Tropical*, que ensina a técnica para derrubar árvores frondosas e o valor de auxiliar a regeneração natural. Em 1997, Roberto Guimarães foi enfático: o desenvolvimento sustentável da florestania requer uma nova ética.³² Para Anailton Salgado, florestania implica sustentabilidade ambiental, redução das desigualdades e desafio à cidadania no contexto pós-colonial.³³ Pardini ajusta sua arte ao eixo da ética de Guimarães e da cidadania de Salgado. Ele leu os *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio* (2000) aprovados pela ONU, como “respeito ao meio ambiente” (ODM 7). Relatos de 2007 apontam as implicações dos ODM sobre a Amazônia, como a capacidade de sustentação dos ecossistemas face à intervenção humana,³⁴ e apontam o desmatamento de 17% da Floresta Amazônica e as extensas áreas naturais degradadas – fatos atualizados no site do Ipen.

Arborescência – fisionomia do vegetal na paisagem amazônica (1999-2003) expõe aflições de árvores em Belém, matas pintadas nos muros, estranhezas vegetais (Freud) formadas pelo ângulo fotográfico e projeção conjectural sobre as imagens (Caillois). Uma árvore de Pardini pode ser



Patrick Pardini

Da série *Arborescência* [*From the Arborescence series*], 1999-2003

Fotografia (negativo 35mm digitalizado)

[*Photograph, 35mm scanned negative*]

Patrick Pardini, Arborecence and ecosophical photography

Patrick Pardini's ecosophical gaze is set into the anthropocene. The pendular project of his camera infiltrates the scenes with denunciation and hope, the double aesthetic that juxtaposes tortured vegetation with *forested* photography. His botanical *corpus* deals with forestation, forestry, afforestation. At the most threatening plane, there are concepts like savannization. This text uses data from the Amazon since 1997, when Pardini drafted the photographic forestry project and Embrapa issued Circular Letter #16 on *Tree Felling in Tropical Forest*, which teaches the technique for felling leafy trees and the value of aiding natural regeneration. In 1997, Roberto Guimarães was emphatic: the sustainable development of *afforestation* requires a new

ethic.³² For Anailton Salgado, *afforestation* implies environmental sustainability, reduction of inequalities, and a challenge to citizenship in the post-colonial context.³³ Pardini adjusts his art to the axis of Guimarães' ethics and Salgado's citizenship. He read the *Millennium Development Goals* (2000) approved by the UN, such as "respect for the environment" (MDG 7). Reports from 2007 point out the implications of the MDGs on the Amazon, such as the ability of ecosystems to sustain themselves in the face of human intervention,³⁴ and point to the deforestation of 17% of the Amazon Forest and extensive degraded natural areas – facts updated on Ipen's website.

Arborescência – fisionomia do vegetal na paisagem amazônica [Arborescence – forest shape in the Amazonian landscape] (1999-2003) exposes tree afflictions in

Belém, forests painted on the walls, plant strangeness (Freud) formed by the photographic angle and conjectural projection on the images (Caillois). A Pardini tree can be *kitsch* (Moles), inexplicable ghosts (Warburg), the terrible sublime (Longino), suffocating weeds (Pollan), the revolt of *Physis*. They are twisted trunks, without tops, rolled up by *led* lamps, wound by rubber tappers. Pardini says that the homogeneous/heterogeneous, cultivated/spontaneous dualities make up his plant landscape.³⁵ Without seductive greens, his forest is strict – in black and white. The artist explored areas of Amapá, fusing optical regime and aesthetic values to be face to face with the plants, opting for the frontal point of view, which puts them as *subject* endowed with *physiognomy* and



o *kitsch* (Moles), fantasmas inexplicáveis (Warburg), o sublime terrível (Longino), daninhas sufocantes (Pollan), a revolta da *Physis*. São troncos retorcidos, sem copa, enrolados por lâmpadas de *led*, feridos por seringueiros. Pardini diz que as dualidades homogêneo/heterogêneo, cultivado/espontâneo compõem sua paisagem vegetal.³⁵ Sem verdes sedutores, sua mata é severa – em preto e branco. O artista explorou áreas do Amapá, fundiu regime ótico e valores estéticos para estar face a face com as plantas, optando pelo ponto de vista frontal, que as põe como *sujeito* dotado de *fisionomia* e *subjetividade*. Via textos antropológicos e discursos de lideranças indígenas, Pardini armou um modelo teórico de floresta. Para Eduardo Viveiros de Castro, “as relações entre uma sociedade indígena e os componentes de seu ambiente são pensadas e vividas como relações sociais”, pois os humanos não têm o monopólio da posição de agente e sujeito; o mundo é habitado por pessoas, humanas e não humanas.³⁶ Essas são bases do inconsciente amazônico de Pardini: arte é florestação, como uma *floresta de signos*³⁷ – sua virada ecológica opera alegorias e sinédoque (uma árvore vale por toda a floresta). Tal inconsciente

politiza a vastidão ameaçada da floresta, molda-se na visão cosmogônica dos povos originários e na antropologia. Nessa cena *vazia*, ele reencontra a presença humana em índices (o tronco riscado da seringueira). Pardini não está só nesse deserto de homens, mas na companhia de *sujeitos vegetais* – daí surge o que chama de *fenomenologia da paisagem*.

A Amazônia não é mais só vastidão espacial. O inconsciente amazônico de Pardini enfrenta espaços como *mata originária* e *relação de reciprocidade* entre sujeitos humanos e não humanos. O dossel florestal, estruturas de sombreamento, viveiros de mudas, floresta antropogênica e mata cultural – “manejada pelos humanos durante milênios, a Floresta Amazônica se tornou *antropogênica*”, diz o artista, “a um só tempo cultural e natural”. Em suma, Pardini aprendeu que a ética dos povos indígenas da Amazônia confere dignidade de pessoa aos não humanos. Ele resume que, nas sociedades indígenas da Amazônica, não vige a relação sujeito-objeto de poder antropocêntrico e dominação. Na axiologia de Pardini, essa alteridade indígena tem valor de tesouro e sabedoria. (Paulo Herkenhoff)

subjectivity. Via anthropological texts and speeches by indigenous leaders, Pardini set up a theoretical model of the forest. For Eduardo Viveiros de Castro, “the relationships between an indigenous society and the components of its environment are thought of and experienced as social relationships”, because humans do not have a monopoly on the position of agent and subject; the world is inhabited by human and non-human people.³⁶ These are the bases of Pardini’s Amazonian unconscious: art is forestation, like a *forest of signs*³⁷ – his ecological turn operates allegories and synecdoche (one tree signifies the entire forest). Such an unconscious politicizes the threatened vastness of the forest and is modeled on the cosmogonic vision of the original peoples and on anthropology. In this *empty* scene, he rediscovers the human presence in indexes (the scratched trunk of the rubber tree). Pardini is not alone in this desert of men, but in the company of *plant subjects* – from there comes what he calls the *phenomenology of landscape*.

Amazonia is no longer just spatial vastness. Pardini’s Amazonian unconscious confronts spaces such as the *original forest* and the *reciprocal relationship* between human and non-human subjects. The forest canopy, shade structures, seedling nurseries, anthropogenic forest and cultural forest – “managed by humans for millennia, the Amazon Forest has become *anthropogenic*,” says the artist, “at once cultural and natural.” In short, Pardini has learned that the ethics of the indigenous peoples of the Amazon confers human dignity on non-humans. He sums up that, in Amazonian indigenous societies, the subject-object relationship of anthropocentric power and domination does not prevail. In Pardini’s axiology, this indigenous otherness has the value of treasure and wisdom. (Paulo Herkenhoff)



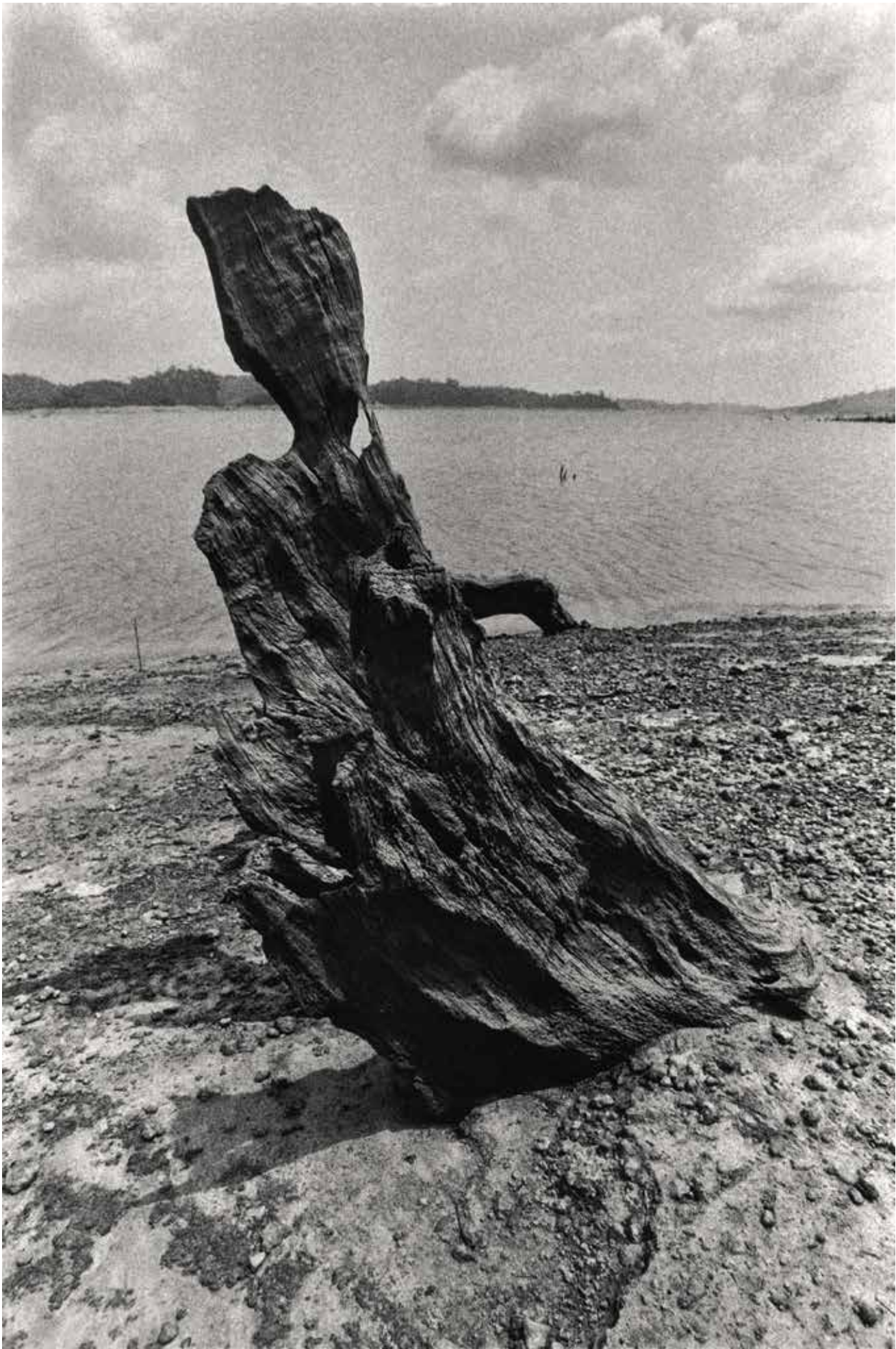
Patrick Pardini

Da série *Arborescência* [From the *Arborescence series*], 1999-2003

Fotografia (negativo 35mm digitalizado)

[Photograph, 35mm scanned negative]







Paula Sampaio: *o Angelus Novus do Antropoceno*

Paula Sampaio é o *Angelus Novus* da história ambiental e cultural da Amazônia. No desenho *Angelus Novus* (1920), de Paul Klee, um anjo parece afastar-se daquilo que encara com olhos escancarados, boca dilatada e asas abertas: “o anjo da história deve ter esse aspecto,” cogita o filósofo Walter Benjamin:

“seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu.”³⁸

Paula Sampaio nos ensina que cada questão histórica traumática e profunda demanda seu *Angelus Novus* próprio.

Sua arte é a epifania admoestadora de um possível fim trágico: a previsível savanização da Amazônia. Quando o lago da hidrelétrica de Tucuruí começou a ser preenchido (1974), 2,5 milhões de metros cúbicos de madeira em tora foram submersos.³⁹ Quando as águas de Tucuruí baixam, na estação seca, Sampaio fotografa aquelas toras em formas de troncos, ainda fincados ao solo, alguns tomando uma forma conjectural de zumbis e seres clamando em desespero — *O lago do esquecimento*.

Enquanto, no século XIX e no início do século XX, o abate das florestas era celebrado em telas como *O derrubador brasileiro* (1875), de Almeida Junior, *A derrubada* (1897), de Pedro Weingartner, e *Os falquejadores* (1904), de Benedito Calixto, como o elogio da devastação da

natureza em louvor do progresso e da expansão heroica do espaço econômico, a segunda metade do século XX testemunhou surgir outra consciência de mundo na arte. Paula Sampaio se inscreve numa genealogia da relação entre arte e ecologia, atravessada pela produção de Frans Krajcberg (ver filme de Walter Salles) e de Emmanuel Nassar, no Pará.

Um virologista afirmou que, depois do preenchimento dos lagos, a malária explodiu, de 251 casos (1975) para 10 mil casos, quando a Usina de Tucuruí foi inaugurada, em 1984. O material submerso passou a se decompor e a liberar dióxido de carbono e metano, causas do efeito estufa. Tal eutrofização aumenta os nutrientes na água e estimula a proliferação de plantas aquáticas, paraíso para os mosquitos. A obra de Paula Sampaio não é alheia a essa propagação de doenças, como aponta seu trabalho de percorrer a Transamazônica e escutar a narrativa de

Paula Sampaio: the Angelus Novus of the Anthropocene

Paula Sampaio is the *Angelus Novus* of the environmental and cultural history of the Amazon. In Paul Klee's *Angelus Novus* (1920) drawing, an angel seems to move away from what he faces with wide-open eyes, wide mouth and open wings: "the angel of history must have such an appearance," ponders the philosopher Walter Benjamin,

"His face is turned towards the past.

Where a chain of events appears before us, he sees one single catastrophe which keeps piling wreckage upon wreckage and hurls it at his feet. The angel would like to stay, awaken the dead, and make whole what has been smashed. But a storm is blowing from Paradise and has got caught in his wings; it is so strong that the angel can no longer close them. This storm drives him irresistibly into the future, to which his back is turned, while the pile of debris before him grows toward the sky."³⁸

Paula Sampaio teaches us that every traumatic and profound historical issue demands its own *Angelus Novus*.

Her art is an admonishing epiphany of a possible tragic end: the predictable savanization of the Amazon. When the Tucuruí hydroelectric lake began to be filled (1974), 2.5 million square meters of roundwood were submerged.³⁹ When the waters of Tucuruí recede in the dry season, Sampaio photographs those logs in the form of trunks of trees, still stuck into the ground, some taking the conjectural form of zombies and beings crying out in despair – *O lago do esquecimento* [The Lake of Oblivion].

While in the 19th and early 20th centuries, the felling of the forests was celebrated in paintings such as Almeida Junior's

O derrubador brasileiro [The Brazilian Hitter (1875), Pedro Weingartner's *A derrubada* [The Falling of Trees] (1897), and Benedito Calixto's *Os falquejadores* [The Squarer] (1904), as the eulogy of nature's devastation in praise of progress and the heroic expansion of economic space, the second half of the 20th century witnessed the emergence of another world consciousness in art. Paula Sampaio is inscribed in a genealogy of the relationship between art and ecology crossed by the production of Frans Krajcberg (see Walter Salles movie) and Emmanuel Nassar, in Pará.

One virologist said that after the lakes were filled, malaria exploded from 251 cases (1975) to 10,000 cases by the time the plant opened in 1984. The submerged material began to decompose and release carbon dioxide and methane, causes of the greenhouse effect. Such eutrophication increases the nutrients in the water and stimulates the proliferation of aquatic plants, a paradise for mosquitoes. Paula Sampaio's work is not unrelated to this spread of disease, as her work traversing the Transamazon Highway and listening to the life narrative of its residents points out. The end of the forest, changes in the water regime, and the loss of biodiversity and exotic species pose acute health risks. The Tucuruí lake has attracted mosquitoes that until then did not have favorable conditions for breeding in the region. Sampaio's camera is a weapon in revolt, managed by her ecological guerrilla gaze. She works on the following axis: (a) making visible; (b) exposing the social contract between human society and nature weakened by the Anthropocene. As a tactic, she takes angles and points of view. Her visual essays operate the rhetoric

of the end of the world announced, aiming to engage the Other by astonishment, indignation, and willingness to react. The more direct her speech, the closer the Amazon Armageddon and its final battle seems to appear.

In the Tucuruí deforestation, exposed in a crude way by Paula Sampaio and other artists and scientists, 23 enzootic viruses were isolated, with closed cycles between vectors (hematophagous insects and vertebrates) in equilibrium, in general not affecting humans, until an accident happens. Human infection tends to be a biological accident. With the presence of miners, loggers, cattle, and dams – let's remember that Tucuruí produces this *O lago do esquecimento* – the animals, the natural hosts, flee or become extinct (doesn't the silence and emptiness captured by Sampaio already announce this favorable pre-pandemic stage?), and, thus, the virus obeys the imperative of its perpetuation, jumping to a new species able to harbor it. *Spillover* is the event of a pathogen *jumping* from an animal to its first human host. The virus jumps when the forest starts to be cut down. *O lago do esquecimento* is the argumentative stage of the primal scene of the possible *spillover*. Given the current human action in the Amazon, the biome is a privileged laboratory on Earth for the success of biological accidents, say the scientists. "I work all the time with this time bomb (...) We don't know what they can cause," says biomedical expert Jannifer Chiang. The effort of art, like that of Paula Sampaio, and of science, is to try to at least slow down the time bomb, until a new collective responsibility to the world builds the protection of the Amazon. (Paulo Herkenhoff)

Paula Sampaio

Projeto *O lago do esquecimento*

[*The Lake of Oblivion*], Tucuruí/PA, 2011/2013

Fotografia [*Photograph*]



vida de seus moradores. O fim da floresta, as mudanças no regime da água e a perda de biodiversidade e espécies exóticas trazem riscos sanitários agudos. O Lago de Tucuruí atraiu mosquitos que até então não tinham condições favoráveis para reprodução na região. A câmera de Sampaio é uma arma em revolta, agenciada por seu olhar de guerrilha ecológica. Ela trabalha no seguinte eixo: (a) tornar visível; (b) expor o contrato social entre a sociedade humana e a natureza fragilizada pelo Antropoceno. Como tática, ela toma ângulos e pontos de vista. Seus ensaios visuais operam a retórica do fim do mundo anunciado, com o objetivo de envolver o outro por espanto, indignação e vontade de reagir. Quanto mais direto seu discurso, mais próximo parecem surgir o Armagedom amazônico e a sua batalha final.

No desmatamento de Tucuruí, exposto de forma crua por Paula Sampaio e outros artistas e cientistas, foram isolados 23 vírus enzoóticos, com ciclos fechados entre os vetores (insetos hematófagos e vertebrados) em equilíbrio, em geral não acometendo humanos, até que aconteça um acidente. A infecção humana tende a ser um acidente biológico. Com a presença de garimpeiros, madeireiros, gado e barragens – relembremos que Tucuruí produz esse *O lago do esquecimento* –, os animais, hospedeiros naturais, fogem ou são extintos (o silêncio e o vazio capturados por Sampaio já não anunciam esse estágio favorável pré-pandêmico?), e, assim, o vírus obedece ao imperativo da sua perpetuação, saltando para uma nova espécie apta a abrigá-lo.

Transbordamento é o evento do patógeno que salta de um animal para seu primeiro hospedeiro humano. O vírus salta quando a floresta começa a ser derrubada. *O lago do esquecimento* é o palco argumentativo da cena primal do transbordamento possível. Dada a atual ação humana na Amazônia, o bioma é um laboratório privilegiado da Terra para o sucesso de acidentes biológicos, dizem os cientistas. “Trabalho o tempo todo com essa bomba-relógio (...) A gente não sabe o que eles podem provocar”, diz a biomédica Jannifer Chiang. O esforço da arte, como a de Paula Sampaio, e da ciência, é tentar ao menos retardar a bomba-relógio, até que uma nova responsabilidade coletiva com o mundo construa a proteção da Amazônia. (Paulo Herkenhoff)

Miguel Chikaoka: a fotografia zen na Amazônia

Embora nascido em Registro (SP, 1950), o nisei Miguel Chikaoka se mudou para Belém em 1980, engajando-se inicialmente no registro de movimentos populares, defesa dos direitos humanos, conflitos de terra, lutas indígenas por seus territórios. De certo modo, ele simboliza o fluxo de emigração japonesa para a Amazônia na década de 1920, que se instalou em Tomé-Açu. Foi o terceiro maior contingente de nipônicos vindos para o Brasil, inclusive o do jovem Flávio Shiró Tanaka, futuro pintor. A presença de Miguel Chikaoka em Belém foi decisiva para a constituição da Escola Paraense de Fotografia no bojo da Visualidade Amazônica, nos anos 1980. “Minha formação é nipo-brasileira. Não importa onde estivesse, os valores, a postura e a prática têm que ser os mesmos”, afirma Chikaoka.⁴⁰ Além de professor, Miguel Chikaoka também é um ativista cultural, criando excursões fotográficas coletivas (similares às *Excursions daguerriennes* de Paul Legrand à Rússia, em 1841), a experiência no espaço público Foto-Varal (mostras informais de fotografias penduradas em varais, iniciadas em 1982, na Praça da República, no coração de Belém) e a Fotoativa, um centro de debates e formação em fotografia criado em 1984. “Acabo entrando cada vez mais nesse campo da educação, pensando que o que importa acima de tudo não é a formação do fotógrafo, mas a formação do ser humano. É o ser humano que sustenta o fotógrafo. (...) Quando por exemplo eu furo a imagem do olho no *Hagakure*, lá está plantada toda essa referência a um código de conduta, aos escritos dos samurais e de certa maneira remete ao culto à morte...”⁴¹

Hagakure (2003, fotografia-objeto, coleção MAR) é uma das obras-primas de Miguel Chikaoka, que consiste num negativo ampliado de um olho do artista, com a pupila furada por

um espinho de pupunheira, preciso e certo. Segundo a percepção do artista, “mais informação não quer dizer mais conhecimento. Processar e organizar a informação de forma ponderada e sensível seria o caminho para constituir um conhecimento crítico? (...) Imagem-luz-pensamento-luz-imagem.”⁴²

A obra *Hagakure*, de Miguel Chikaoka, se refere ao livro *Hagakure* (1716), escrito a partir de manuscritos das conversas do Samurai Yamamoto Tsunetomo com Tsuratomo Tashiro, um de seus discípulos, trata desde a cerimônia do chá (aliás, a família Chikaoka se dedicou ao plantio do chá em Registro) até as relações com o *bushido* (o caminho do guerreiro) e o zen budismo.⁴³ A obra de Tsuramoto não é um breviário de moral – apenas elenca alguns valores da vida de um samurai, como neste aforismo: “O aspecto espiritual da bravura é evidenciado pela compostura – a presença calma da mente. Tranquilidade é coragem em repouso?”

“Em meio à cegueira causada pelo excesso, não seria fundamental a experiência da cegueira? Olho – espinho – escuridão. Cegar para ver com o sensível. Olho – Pinhole – Luz” (Chikaoka, 2009). O artista nisei continua aí, enumerando qualidades que busca na vida e em seu trabalho: “disciplina, persistência,

Miguel Chikaoka: *Zen photography in the Amazon*

Although born in Registro (SP, 1950), the Nisei Miguel Chikaoka moved to Belém in 1980, initially engaging in recording popular movements, the defense of human rights, land conflicts, and indigenous struggles for their territories. In a way, he symbolizes the flow of Japanese emigration to the Amazon in the 1920s, which was settled in Tomé-Açu. It was the third largest contingent of Japanese people coming to Brazil, including the young Flávio Shiró Tanaka, the future painter. Miguel Chikaoka's presence in Belém was decisive for the establishment of the Pará School of Photography in the wake of the Amazon Visuality in the 1980s. “My background is Japanese-Brazilian. No matter where you are, the values, the posture and the practice must be the same,” says Chikaoka.⁴⁰

Besides being a teacher, Miguel Chikaoka is also a cultural activist, creating collective photographic excursions (similar to Paul Legrand's *Excursions daguerriennes* to Russia in 1841), the experiment in public space Foto-Varal [Photo-Line] (informal exhibitions of photographs hung on clotheslines, started in 1982 at Praça da República, in the heart of Belém) and Fotoativa, a center for debates and training in photography created in 1984. “I end up getting more and more into this field of education, thinking that what matters above all is not the training of the photographer, but the training of the human being. It is the human being who sustains the photographer. (...) When, for instance, I pierce the image of the eye in the *Hagakure*, there is all this reference to a code of conduct, to the writings of the samurai and in a way it refers to the cult of death...”⁴¹ *Hagakure* (2003, object-photography, MAR collection) is one of Miguel Chikaoka's masterpieces, which consists of an enlarged negative of the artist's eye, with the pupil pierced by a precise and accurate peach palm thorn. According to the artist's understanding, “more information does not mean more knowledge. Would processing and organizing information in a thoughtful



Palmeira tucumã

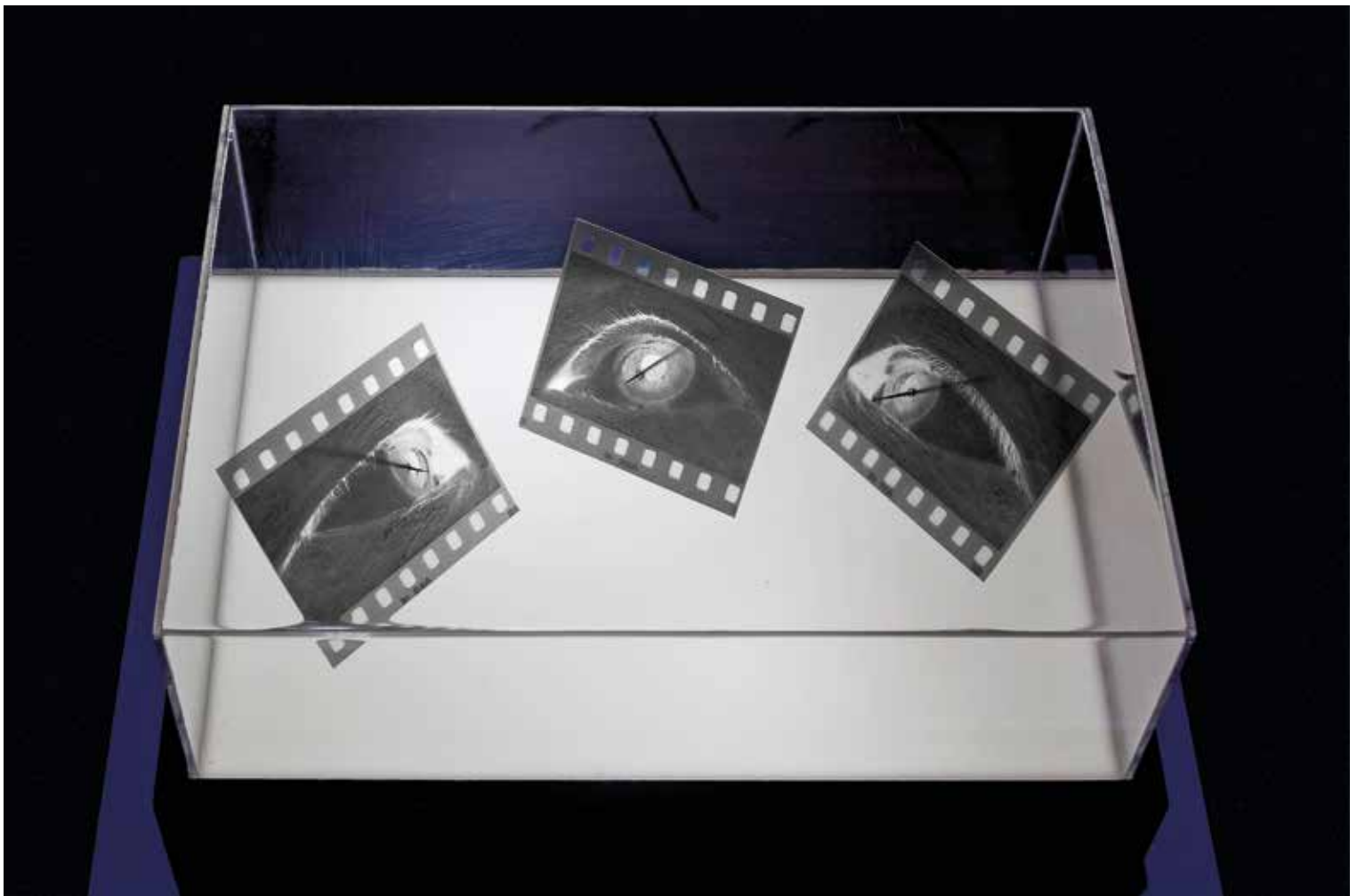
Miguel Chikaoka

Hagakure, 2003

Fotografia-objeto [Photograph-object], 35 × 45 × 25 cm

Negativos perfurados com espinho de tucumã

[Negatives punctured with tucumã spines]



and sensitive way be the way to constitute critical knowledge? (...) Image-light-thought-light-image”.⁴²

Miguel Chikaoka’s *Hagakure* refers to the book *Hagakure* (1716), written from the manuscripts of the Samurai Yamamoto Tsunetomo’s conversations with Tsuratomo Tashiro, one of his disciples, and it deals with everything from the tea ceremony (indeed, the Chikaoka family was dedicated to tea planting in Registro) to relations with bushido (the way of the warrior) and Zen Buddhism.⁴³ Tsuramoto’s work is not a moral breviary – it only lists some values of a samurai’s life, as in this aphorism: “The spiritual aspect of bravery is evidenced by countenance – the calm presence of mind. Tranquility is courage at rest.”

“Amidst the blindness caused by excess, wouldn’t the experience of blindness be fundamental? Eye–thorn – darkness. Blinding to see with the sensitive. Olho–Pinhole–Luz” (Chikaoka, 2009). The Nisei artist is still there, listing qualities he seeks in life and in his work: “discipline, persistence, concentration,

economy of means, lightness. When I thought about the hole of the mini pinhole camera with a peach palm thorn, I was looking for the ritualistic meaning of each step of the whole movement. In the interior-exterior direction of the hole, the essence of the act. Zen focuses on the search for the essence of the moment, the act, the thing that at its maximum is nothingness, emptiness, the absence of the thing”. Such data supports an axiological system for his photography, at the same time as his imaginary experiences the invention of the language of the photographic medium.

Alongside José Oiticica Filho, Cláudia Andujar, Miguel Rio Branco, Arthur Omar, Alexandre Sequeira, Berna Reale, among others, Chikaoka is one of the greatest thinkers of the aesthetics of photography in Brazil. He converts his optical regime into a Japanese-Amazonian ethos of the gaze. Due to his stoic discipline in image production, Miguel Chikaoka deserves the apt epithet of “the Amazonian samurai of photography”. (Paulo Herkenhoff)

concentração, economia de meios, leveza. Quando pensei o furo da mini-câmara *pinhole* com um espinho de pupunheira, buscava o sentido ritualístico de cada passo de todo o movimento. No sentido interior-exterior do furo, a essência do ato. O Zen incide na busca pela essência do momento, do ato, da coisa que no seu máximo é o nada, o vazio, a ausência da coisa”. Esses dados sustentam um sistema axiológico para sua fotografia, ao mesmo tempo em que seu imaginário experimenta a invenção da linguagem do meio fotográfico.

Ao lado de José Oiticica Filho, Cláudia Andujar, Miguel Rio Branco, Arthur Omar, Alexandre Sequeira, Berna Reale, entre outros, Chikaoka é um dos maiores pensadores da estética da fotografia no Brasil. Ele converte seu regime ótico num *ethos* nipo-amazônico do olhar. Por conta de sua disciplina estóica na produção de imagens, Miguel Chikaoka merece o justo epíteto de “o samurai amazonense da fotografia”. (Paulo Herkenhoff)

Luciana Magno, um corpo movente na Amazônia⁴⁴

Na obra de Luciana Magno destacamos dois projetos de significativa importância, cujos processos ocorrem como fruto de contato com as circunstâncias com as quais se depara, e com o outro a se relacionar, seja para acessar determinado espaço no qual deseja atuar, seja para interagir a partir de procedimentos estabelecidos em algum de seus projetos. Isso a leva a adentrar em temas sobre a região amazônica, sejam estes naturais, sejam interferências realizadas pelo homem como os diversos planos pensados para a região.

A artista, ao percorrer a Amazônia, discute o corpo em relação à paisagem,⁴⁵ em percursos de enfrentamento e de busca de *mimesis* com o ambiente, terminando por ativar relações que, por vezes, reverberam situações políticas – como, por exemplo, ao entrar em uma floresta onde a madeira é retirada de forma ilegal, ou como em *Orgânicos*, quando a artista passou por situações de tensão e negociação ao chegar perto de uma área de mineração ilegal na rodovia Transamazônica. Neste projeto, que vem se estendendo ao longo de seis anos, a artista, por vezes, busca a delicadeza da metamorfose, em quase um processo de desaparecimento na paisagem. Há uma espécie de desejo de integração, de

diálogo, de profunda troca física com a natureza na qual seu corpo habita naquele momento. Em algumas fotografias e vídeos seu corpo está tão unificado, que parece que levamos um tempo para percebê-lo.

Como aponta Marisa Mokarzel no catálogo da mostra *Orgânicos*:

*Ao despir-se e despojar-se de todos os artifícios para vivenciar a relação corpo e paisagem, Luciana Magno utiliza o corpo, ele mesmo, como elemento da natureza. Destece fronteiras, integra-se a um todo modificado pelo tempo, ocupa um espaço que, delimitado pela ação, torna-se lugar.*⁴⁶

Já em *Telefone sem fio* (2013), faz-se de viajante contemporânea e cruza as cinco regiões brasileiras em um estúdio móvel, por aproximadamente 6.037 km, do Oiapoque, do extremo norte do país, percorrendo cidades entre os estados do Amapá, Pará, Maranhão, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, findando sua rota na cidade Chuí, ao extremo sul brasileiro. No formato de expedição, cruzando o Brasil, objetiva “a pesquisa como proposta de discussão e documentação dos possíveis imaginários

e identidades culturais nas regiões do Brasil”, como esclarece no texto do projeto submetido à Fundação Nacional de Arte – Funarte:

*A obra acontece durante o deslocamento e as cidades são as bases fixas do projeto móvel, as ligações telefônicas tornam-se o lugar do encontro desses rastros delírios, testemunhos com o real. Através da fotografia, do vídeo e da voz, a prova do acontecido se faz presente, documentada. Esses fragmentos (depoimentos, fotos, vídeos) tentam, em sua relação intrínseca, propor a criação de um não-espaço, um encontro entre o ficcional, a memória e o real: contrastar imaginários, identidades e diversidades dos vários “Brais”.*⁴⁷

Magno ativa um conjunto de processos em seu trabalho, que faz com que seu estar na vida misture-se profundamente aos fluxos vivenciais-artísticos. Nesse movimento, na delicadeza dos gestos, no desaparecer na paisagem, articula sobre tempo e história, discursa sobre o diminuto da temporalidade da vida humana e daquilo que podemos constituir enquanto passageiros na Terra. (Orlando Maneschy)



Luciana Magno
< Belterra, 2014
Vídeo [Video]

> Série *Orgânicos* [Organics Series], 2015
Performance orientada para fotografia
[Oriented performance for photograph]



*Luciana Magno, a moving body in the Amazon*⁴⁴

Within Luciana Magno's work, we highlight, in this article, some projects of significant importance within her way of working, in which her own processes (which is reflected in her work) occur as a result of the contact with the circumstances she faces and with the other with whom she relates, either to access a certain space in which she wishes to act, or to interact based on procedures established in some of her projects. This leads her to get into issues of the Amazon region, be they natural ones, or from the various projects designed for the region.

The artist, while traveling through the Amazon, discusses the body in relation to the landscape,⁴⁵ in processes of coping and searching for mimesis with the environment, which ends up activating relationships that sometimes make political situations reverberate – as, for instance, when she enters an environment where there is illegally harvested wood. In *Orgânicos* [Organics], the artist went through several situations of tension and negotiation, as well as when she came close to an illegal mining area on the Transamazônica Highway. In this project, which has been extending over six

years, the artist, at times, pursues the delicacy of metamorphosis in an almost disappearance process into the landscape. There is a sort of disintegration desire, for dialogue, for deep physical exchange with the nature which her body inhabits at that moment. In some photographs and videos, her body is so unified that it seems that it takes us a while to perceive it.

As the curator Marisa Mokarzel, who accompanies the artist's process, points out in the catalog of the exhibition *Orgânicos*:

*By stripping herself of all artifices to experience the relationship between body and landscape, Luciana Magno uses the body as an element of nature. She dissipates borders, integrates into a whole modified by time, taking possession of a space that, delimited by action, becomes a place.*⁴⁶

In *Telefone sem fio* [Cordless Phone], she acts as a contemporary traveler and crosses the five Brazilian regions in a mobile studio, for approximately 6,037 kilometers, from Oiapoque, in the extreme north of the country, through cities in the states of Amapá, Pará, Maranhão, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, and Rio Grande do Sul, ending her route

in the city of Chuí, in the extreme south of Brazil.(...) She carried out *Telefone sem fio* as an expedition, crossing Brazil, aiming at "research as a proposal for discussion and documentation of possible imaginaries and cultural identities in the regions of Brazil," as explained in the text of the project submitted to the Fundação Nacional de Arte [National Art Foundation] (Funarte):

*The work takes place during the journey and the cities are the fixed bases of the mobile project, the phone calls become the meeting place for these delirious traces, testimonies with the real. Through photography, video, and voice, the proof of what happened is present, documented. These fragments (testimonials, photos, videos) try, in their intrinsic relationship, to propose the creation of a non-space, an encounter between the fictional, the memory and the real: to contrast the imaginaries, the identities and the diversities of the many "Brazils."*⁴⁷

They are flows and pathways designed in an organic way by the artist, who not only looks, but blends into the place, establishing sensitive and dense relationships. (Orlando Maneschy)

Arieh Wagner ou diferença amazônica da Diáspora

O pintor Arieh Wagner (Wagner Lins Bentes) nasceu em Belém, em 1975. Pelo lado materno, descende de uma das inúmeras famílias judaico-marroquinas que imigraram para a região amazônica desde as primeiras décadas do século XIX. O estado do Pará abriga a mais antiga comunidade judaica do Brasil, em termos de tempo ininterrupto desde a chegada dos primeiros israelitas em 1810. A diáspora pessoal de Arieh Wagner se move por uma memória atávica da Amazônia que acolhe o Marrocos, que convoca o Nordeste, que encontra São Paulo, que partilha com Israel a necessidade de ter um ponto de acolhida na Terra Prometida.

Antes de se dedicar exclusivamente à arte, o sefaradita Arieh Wagner, graduado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, desenvolveu pesquisa de doutorado pelo Programa de Língua Hebraica da Universidade de São Paulo em convênio com a Universidade Hebraica de Jerusalém. Um de seus importantes textos é *A mão e a luva. Judeus marroquinos em Israel e na Amazônia*, no qual compara a identidade judaico-marroquina preservada durante dois séculos de imigração para a Amazônia à identidade dos judeus marroquinos no Estado de Israel.

Depois de selecionado pela segunda vez para a Bienal de Arte Naïf do Sesc Piracicaba (2016) com a obra *Êxodo: o nosso eterno caminhar*, Arieh abandonou a vida acadêmica para se tornar o mais importante intérprete da vida simbólica dos judeus na Amazônia brasileira, embora alguns artistas tenham surgido em Belém, como o arquiteto modernista Judah Levy e Abraão Bemerguy, e os Morbach (Pedro e Antonio), em Marabá, no sudeste do Pará. O fato é que a presença judaica na Amazônia se tornou um dos principais eixos temáticos na produção artística de Arieh Wagner. Sergio Zalis, fotógrafo judeu argentino, que hoje vive no Rio de Janeiro, realizou ensaio com imagens dos vestígios da presença judaica no vale do Amazonas, de Belém a Manaus, incluindo Santarém e pequenos cemitérios às margens do grande rio (coleções do Museu de Jerusalém e do Museu de Arte do Rio). São singelos com seu conjunto de pedras tumulares (*matseivá*) e alguns com cômodos em que o Chevra Kadisha prepara o corpo para o sepultamento.

No ano de 2020, Arieh foi convidado para ilustrar o Calendário Hebraico do ano

Arieh Wagner or the Amazonian difference of the diaspora

The painter Arieh Wagner (Wagner Lins Bentes) was born in Belém, in 1975. On his mother's side, he descends from one of the innumerable Jewish-Moroccan families that have immigrated to the Amazon region since the first decades of the 19th century. The state of Pará is home to the oldest Jewish community in Brazil in terms of uninterrupted time since the arrival of the first Israelites in 1810. Arieh Wagner's personal diaspora moves through an atavistic memory of the Amazon that welcomes Morocco, which summons the Northeast, which encounters São Paulo, which shares with Israel the need to have a point of welcome in the Promised Land.

Before dedicating himself exclusively to art, the Sephardic Arieh Wagner, graduated in Anthropology from the Federal University of Pará, developed a doctoral research at the Hebrew Language Program at the University of São Paulo in partnership with the Hebrew University of Jerusalem. One of his important texts is "A mão e a Luva: Judeus Marroquinos em Israel e na Amazônia [The hand and the glove: Moroccan Jews in Israel and the Amazon]", in which he compares the Jewish-Moroccan identity preserved during two centuries of immigration to the Amazon to the identity of Moroccan Jews in the State of Israel.

After being selected for the second time for the Naïf Art Biennial of SESC Piracicaba (2016) with the work *Êxodo: o nosso eterno caminhar* [Exodus: our eternal journey], Arieh abandoned his academic life to become the most important interpreter of the symbolic life of Jews in the Brazilian Amazon, although some artists appeared in Belém, such as the modernist architect Judah Levy and Abraão Bemerguy, and the Morbachs (Pedro and Antonio), in Marabá, in the southeast of Pará. The fact is that the Jewish presence in the Amazon has become one of the main themes in Arieh Wagner's artistic production. Sergio Zalis, an Argentine Jewish photographer, who now lives in Rio de Janeiro, made an essay with images of the traces of the Jewish

presence in the Amazon valley, from Belém to Manaus, including Santarém and small cemeteries on the banks of the great river (collections of the Jerusalem Museum and the Museum of Art of Rio). They are simple with their set of tombstones (*matseivá*) and some with rooms in which the Chevra Kadisha prepares the body for burial.

In the year 2020, Arieh was invited to illustrate the Hebrew Calendar for the year 5781/2020 of the Centro Israelita do Pará [Israelite Center of Pará], as well as the commemorative Calendar for the 10 years of the Portal Amazônia Judaica [Jewish Amazon Portal] and the 210 years of Jewish-Moroccan immigration to the Amazon. Born in Manaus, the writer Márcio [Gonçalves Bentes de] Souza developed a rhapsodic literature on life in the region, with renowned books, such as *Galvez, o Imperador do Acre, Mad Maria, A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi e Entre Moisés e Macunaíma*, in collaboration with the writer Moacyr Scliar, in a text that brought together two intellectuals from the North and the South of Brazil, 3,133 kilometers away from each other – which, in itself, is already a sign of the diaspora and the unity in the differences of the Jewish people.

In 2020, Arieh Wagner was one of the winners of the project to paint murals in the building of the Jewish Museum of São Paulo, built in the old Beth-El Synagogue (1927-1932), designed by Samuel Roder. His winning project has a dense symbolism on the history of the Jews in the constitution of Brazil. The exodus is represented in the fashion of the northeastern migrants who migrate to the south of Brazil to escape poverty. His literary references are to be found somewhere between *Vidas Secas* by Graciliano Ramos, from Alagoas, and *Morte e Vida Severina* by João Cabral de Melo Neto, from Pernambuco. The characters of the exodus, in Arieh Wagner's vision, are represented in a line, in the manner of the northeastern migrants in the rough-cut woodcut illustrations, such as the hard life of the disinherited, from the northeastern Cordel literature. Jews and northeasterners live their bare lives under the state of exception outlined in Giorgio



de 5781/2020 do Centro Israelita do Pará, bem como o Calendário Comemorativo dos 10 anos do Portal Amazônia Judaica e dos 210 anos da imigração judaico-marroquina para a Amazônia. Nascido em Manaus, o escritor Márcio [Gonçalves Bentes de] Souza desenvolveu uma literatura rapsódica sobre a vida na região, com livros consagrados, como *Galvez, o Imperador do Acre*, *Mad Maria*, *A resistível ascensão do boto Tucuxi* e *Entre Moisés e Macunaíma*, em colaboração com o escritor Moacyr Scliar, num texto que reunia dois intelectuais do norte e do sul do Brasil, a 3.133 quilômetros de distância – o que, por si, já é um signo da diáspora e da unidade nas diferenças do povo judaico.

Em 2020, Arieh Wagner foi um dos vencedores do projeto para pintar murais no edifício do Museu Judaico de São Paulo, construído na antiga Sinagoga Beth-El (1927-1932), projetada por Samuel Roder. Seu projeto vencedor tem um denso simbolismo sobre a história dos judeus na constituição do Brasil. O êxodo é representado à moda dos retirantes nordestinos que migram para o sul do Brasil em fuga da miséria. Seus referentes literários estão entre *Vidas secas*, do alagoano Graciliano Ramos, e *Morte e vida severina*, do pernambucano João Cabral de Melo Neto. Os personagens do êxodo, na visão de Arieh Wagner, estão representados em fila, à maneira dos retirantes nas ilustrações xilográficas de um corte tosco,

como a vida dura dos deserdados, da literatura de cordel nordestina. **Judeus e nordestinos vivem a vida nua sob o estado de exceção trabalhado na filosofia de Giorgio Agamben. O nexa seguinte é que a primeira sinagoga das Américas foi construída em Recife, no século XVII, e grande parte dos flagelados dessa região acabam migrando para São Paulo. O programa moral do painel épico de Arieh Wagner deve ser referido ao livro *Humanismo do outro homem*, do filósofo Emmanuel Lévinas diante da Shoa, entendendo o humanismo como um lugar ético da transcendência e uma responsabilidade intempestiva do homem.**

A pintura amazoniana de Arieh Wagner se funda na surpreendente revelação na selva dos índices da Diáspora. Em sua paleta judaico-amazônica, o verde da hileia constitui a base e o fundo da natureza sobre os quais o pintor lança as cores vibrantes das aves ou o azul e branco simbólico dos filhos de Israel. Assim, uma arara voa espavorida com o som do *shofar* que faz ecoar na floresta o som sagrado do Rosh Hashaná. Um Moisés amazônico ergue as Tábuas da Lei entre árvores. Um antigo batelão, que funcionava como uma loja flutuante de comerciantes judeus, ressurgiu em viagem pelo Rio Amazonas e seus afluentes, aportando num vilarejo ribeirinho em busca de seus clientes. Tudo é o Brasil profundo judaico no imaginário visual de Arieh Wagner. (Paulo Herkenhoff. Dedicado à memória de Evelyn Ioschpe.)

Agamben's philosophy. The next nexus is that the first synagogue in the Americas was built in Recife, in the 17th century, and a large part of the afflicted from this region end up migrating to São Paulo. The moral program of Arieh Wagner's epic panel must be referred to the book *Humanism of the Other*, by the philosopher Emmanuel Lévinas before Shoa, understanding humanism as an ethical place of transcendence and an untimely responsibility of man.

Arieh Wagner's Amazonian painting is founded on the surprising revelation in the jungle of the Diaspora indexes. In his Judeo-Amazonian palette, the green of hileia forms the basis and the bottom of nature on which the painter casts the vibrant colors of birds or the symbolic blue and white of the children of Israel. Thus, a macaw flies in terror at the sound of the *shofar* that echoes the sacred sound of Rosh Hashanah in the forest. An Amazonian Moses holds up the Tables of the Law among the trees. An old barge, which functioned as a floating store for Jewish merchants, reappears on a journey down the Amazon River and its tributaries, arriving in a riverside village in search of its customers. Everything is the deep Jewish Brazil in the visual imagery of Arieh Wagner. (Paulo Herkenhoff. Dedicated to the memory of Evelyn Ioschpe.)

Denilson Baniwa, sobre a condição de artista indígena contemporâneo



A pintura *Nheengaitá (Protagonismo e a nossa voz precisa ser escutada)*, 2018, resume o brado programático de Denilson Baniwa pelas causas indígenas. Seu discurso estético tem a potência retórica de uma liderança indígena em defesa dos povos originários, na resistência contra toda sorte de escabrosidade violenta que eles sofrem em pleno século XXI. A obra *Tempo de usurpação* (2017) aborda as invasões de terras por garimpos e fazendeiros, bem como as queimadas das florestas e os agrotóxicos na agricultura. Numa série de retratos de 2017, Denilson não se cala diante do assassinato de lideranças indígenas e tenta conter o ódio pela denúncia, como em *Marça Tupã'y* (“Sou uma pessoa marcada para morrer”). Ele também canta a vida, o saber dos povos indígenas e o futuro de seus jovens, com direito à educação e às novas tecnologias, além de lutar pela conservação ambiental e a descolonização na sociedade brasileira.

Denilson Baniwa nasceu em 1984, na comunidade Trovão, no Rio Itu, pertencente à aldeia Dari, em Barcelos, no Rio Negro. “Tenho um nome em baniwa, mas, por conta das regras, eu não posso contar para um público sem antes fazer um ritual de proteção”, diz ele.⁴⁸ “Quando eu nasci, meus pais tinham acabado de sair do regime de semiescravidão nos seringais e na pesca de peixes ornamentais.” A seguir, transcrevemos excertos de sua entrevista com esse autor.

“Não tive educação indígena, nem Baniwa, somente a educação do dia a dia. Minha educação foi em colégios de brancos, um ensino que sempre foi uma forma de matar nossa cultura, porque diziam que a gente não prestava, a língua indígena não prestava, que nossa cultura era do demônio. Decidi deixar a aldeia quando tive acesso a informações sobre o mundo e o desejo de ir à faculdade aprender para ajudar o meu povo. Fui para Manaus, onde trabalhei no Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira).”

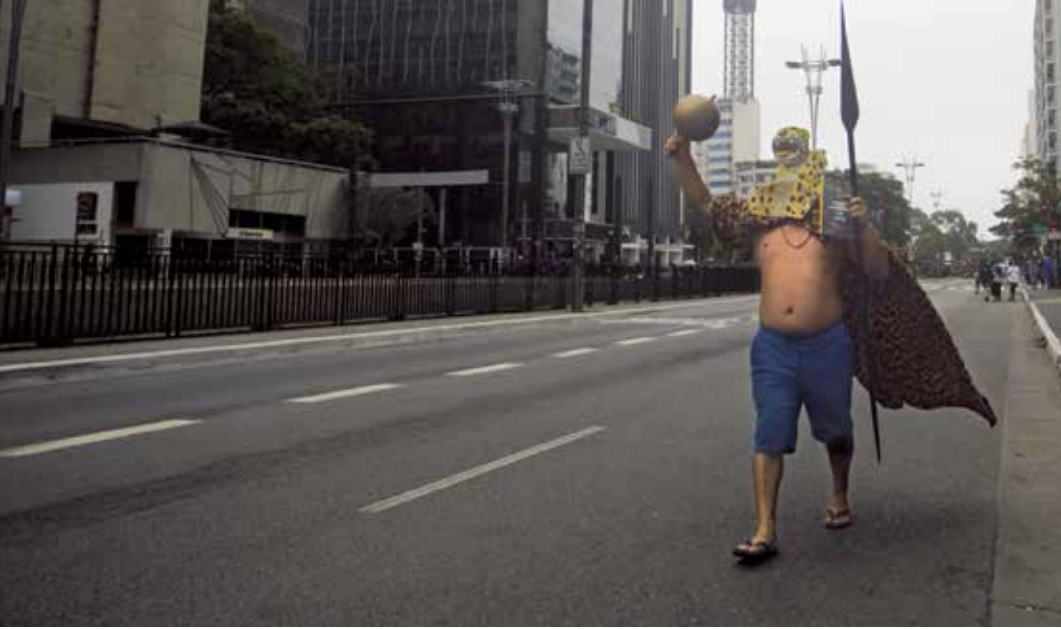
“Acho que sempre fiz arte, mas eu não tinha noção do que era arte na cultura ocidental ou sobre um estatuto social de artista. O que eu sabia sobre arte era o que aprendia nos livros da escola. Só mais tarde, já na universidade, fui conhecer um pouco mais sobre arte e entender a política da arte. Elegi alguns artistas que achava interessantes, como Jean Michel Basquiat, pela postura de levante e inventividade. Feliciano Lana e Gabriel Gentil me inspiraram a fazer arte a partir da nossa cultura. (...) Hoje minha vida gira em torno da arte. Eu não busco uma galeria para cuidar dos meus trabalhos, até porque o meu trabalho não busca uma carreira enquanto artista. Meu trabalho tem um caráter político de juntar mais indígenas, de construir um movimento de produção indígena e de ensinar e contribuir com a formação de novos jovens indígenas.”

Denilson Baniwa
Pajé-onça hackeando a 33ª Bienal de São Paulo
[*Jaguar-Shaman Hacking at the 33rd São Paulo Biennial*], 2018
Performance registrada em vídeo
[*Performance registered in video*], 15'

Denilson Baniwa on the condition of the contemporary indigenous artist

The painting *Nheengaitá (Protagonismo e a nossa voz precisa ser escutada* [Protagonism and our voice needs to be heard]), 2018, summarizes Denilson Baniwa’s programmatic call for indigenous causes. Its aesthetic discourse has the rhetorical power of an indigenous leadership in defense of the original peoples in resisting all sorts of violent harshness that they have been suffering in the midst of the 21st century. The work *Tempo de usurpação* [Usurpation time] (2017) addresses land invasions by miners and farmers, as well as forest fires and pesticides in agriculture. In a series of portraits of 2017, Denilson does not remain silent in the face of the murder of indigenous leaders and tries to contain his hatred for the denunciation, as in *Marça Tupã'y* (“I am a person marked for dying”). He also sings the life, the knowledge of indigenous peoples and the future of their youngsters regarding the right to education and the new technologies, in addition to fighting for environmental conservation and decolonization in Brazilian society.

Denilson Baniwa was born in 1984, in the Trovão community, at the Itu River, belonging to the Dari village, in Barcelos, at the Rio Negro. “I have a name in Baniwa, but due to the rules, I cannot tell it to an audience before performing a protection



Denilson Baniwa

Pajé-onça caçando na Avenida Paulista
[Jaguar-Shaman Hunting on Paulista Avenue], 2018
 Performance registrada em vídeo
[Performance registered in video], 16'

ritual,” he says.⁴⁸ “When I was born, my parents had just left the semi-slavery regime in the rubber plantations and in the fishing of ornamental fish.” The following are excerpts from the interview with this author.

“I had no indigenous education, no Baniwa education, just day-to-day education. My education was in white schools, an education that has always been a way of killing our culture, because they’ve said that we were no good, the indigenous language was no good, that our culture belonged to the devil. I decided to leave the village when I had access to information about the world and the desire to go to college to learn to help my people. I went to Manaus, where I worked at Coiab (Coordination of Indigenous Organizations in the Brazilian Amazon).”

“I think I’ve always done art, but I had no idea what art was like in Western culture or about an artist’s social status. What I knew about art was what I’ve learned from school books. Only later, at university, did I learn a little more about art and understand the politics of art. I’ve chosen some artists that I’ve found interesting, such as Jean Michel Basquiat, due to his uprising and inventiveness. Feliciano Lana, and Gabriel Gentil have inspired me to make art from our culture. (...) Today my life revolves around art. I do not look for an art gallery for curating my works, not least because my

work isn’t searching for an artistic career path. My work has a political character to bring together more indigenous people, to build an indigenous production movement and to teach and contribute to the formation of new indigenous youngsters.”

“Culture is not static – it depends on several factors, including identity; so, I understand that Niterói, where I live, has the culture of Niterói, the culture of Rio, the culture of this place that I try to understand that is different from the indigenous culture, that is different from the Baniwa culture, but, at the same time, I try to understand this world that is not Baniwa, to move with ease or with less embarrassment. Being a Baniwa and living in the metropolitan region of Rio is a challenge.”

“Many of my works come from dreams. I am always open to that other world where my ancestors and the spirits of my people live. I dream in Baniwa, in Portuguese. I dream a lot about being a Baniwa. My work has a strong influence from dreams, from the indigenous cosmogony and cosmology that many say is legend and myth,⁴⁹ but, for my people, it’s real – the creation of the world, the navel of the world, the place where the Baniwa have been born, where the Baniwa territory has been chosen, all of this is part of a world-creating universe in which I believe with my people.”

“I like to write about how art is important and influences the indigenous struggle, just

“A cultura não é estática – depende de vários fatores, inclusive de identidade; então, entendo que Niterói, onde moro, tem a cultura de Niterói, a cultura carioca, a cultura desse lugar que eu tento compreender que é diferente da cultura indígena, que é diferente da cultura Baniwa, mas, ao mesmo tempo, tento compreender esse mundo que não é Baniwa, para transitar com certa facilidade ou com menos constrangimento. Ser Baniwa e viver na região metropolitana do Rio é um desafio.”

“Muitos dos meus trabalhos vêm através dos sonhos. Estou sempre aberto a esse outro mundo onde meus antepassados e os espíritos do meu povo vivem. Eu sonho em baniwa, em português. Sonho muito com a questão de ser Baniwa. Minha obra tem forte influência dos sonhos, da cosmogonia e cosmologia indígenas que muitos falam que é lenda e mito,⁴⁹ mas, para o meu povo, é real – a criação do mundo, o umbigo do mundo, o lugar onde os Baniwa nasceram, onde o território Baniwa foi escolhido, tudo isso faz parte de um universo de criação do mundo em que eu acredito com meu povo.”

“Gosto de escrever sobre como a arte é importante e influencia a luta indígena, assim como, por exemplo, a arte é importante na luta zapatista. Ela pode ser muito importante na luta dos povos indígenas desse lugar, sobretudo como a arte pode ajudar a luta indígena no Brasil. Aprendi muito com outros povos indígenas. Eu recorro muito à questão da floresta, das plantas e da biologia para o meu trabalho – muitas das coisas que eu uso, por exemplo, vêm da defesa de uma outra humanidade, de uma humanidade na qual cabem outros seres além dos seres humanos, em que árvore é gente, em que bicho é gente, em que a pedra é gente. Eu me coloco nesse lugar de uma certa tradução dessas vozes para o mundo que não compreende esses seres como gente. Eu trabalho muito com novas tecnologias, com processos – inclusive isso me difere muito de outros artistas indígenas que trabalham com outros recursos. Eu gosto de tecnologia e entendo-a como uma ferramenta, um processo importante de entendimento do



Denilson Baniwa
Tatá, 2018
Infogravura [digital print]
Tamanhos variáveis [Variable sizes]

mundo e de transmissão de conhecimento. Acredito que o conhecimento tem que ser público e gratuito; a arte tem que ser pública e gratuita. O conhecimento é poder para o povo, e o meu povo precisa entender a tecnologia e as novas mídias como um recurso importante para a defesa do nosso território, da nossa cultura e da nossa vida” (março de 2021).

Em resumo, Denilson Baniwa investe na poética indígena crítica contra os mitos da cultura modernista brasileira e opera a consciência dos signos da tecnologia da indústria digital. Um indígena que atua na instância necessária à transformação democrática da sociedade brasileira. Com a performance *Pajé-onça hackeando a 33ª Bienal de São Paulo* (2018), ele interveio nessa bienal. Diante da fotografia etnográfica de indígenas Selk’nam, desfolhou o livro *Breve história da arte*, de Susie Hodge, enquanto questionava a própria instituição da arte: “*Breve história da arte*. Tão breve, mas tão breve, que não vejo a arte indígena.” Denilson Baniwa é um artista de que a sociedade brasileira precisava para reimaginar sua formação. (Paulo Herkenhoff)



Denilson Baniwa
Nheengaitá – Protagonismo e a nossa voz precisa ser escutada [Nheengaitá – Protagonism and our voice needs to be heard], 2018
Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas], 160 × 200 cm

as, for example, art is important in the Zapatista struggle. It can be very important in the struggle of the indigenous peoples in this place, especially since art can be useful to the indigenous struggle in Brazil. I’ve learned a lot from other indigenous peoples. I resort a lot to the issue of the forest, plants, and biology for my work— many of the things I use, for example, come from the defense of another humanity, a humanity in which there are other beings besides human beings, in which trees are people, animals are people, and stones are people. I put myself in the place of a certain translation of all these voices to the world that does not understand such beings as people. I work a lot with new technologies, with processes – and this differentiates me from other indigenous artists who work with other resources. I like technology and understand it as a tool, an important process for understanding the world and transmitting knowledge. I believe that knowledge has to be public and free; art has to be public and free. Knowledge is power for the people, and my people needs to understand technology and new media as an important resource for the defense of our territory, our culture and our life” (March 2021).

In short, Denilson Baniwa invests in critical indigenous poetics against the myths of Brazilian modernist culture and operates the awareness of the signs of technology in the digital industry. An indigenous person who acts in the instance required for the democratic transformation of Brazilian society. With the performance *Pajé-Onça Hackeando a 33ª Bienal de São Paulo* [Jaguar-Shaman Hacking at the 33rd São Paulo Art Biennial] (2018), he took part in that biennial. Faced with the ethnographic photography of indigenous people, Selk’nam passed the pages of Susie Hodge’s book *The Short Story of Art*, while questioning the very institution of art: “*The Short Story of Art*. So brief, but so brief, that I don’t see indigenous art.” Denilson Baniwa is an artist that Brazilian society needed to reimagine its formation. (Paulo Herkenhoff)



Denilson Baniwa

Re-Antropofagia, 2018

Técnica mista [*Mixed media*], 100 × 120 cm

Obra em comodato com a Pinacoteca de São Paulo

[*Work in loan at São Paulo's Pinacoteca*]



Alexandre Sequeira: diagramas de alteridade em Nazaré do Mocajuba

“Por estrada de terra que serpenteia pela mata no nordeste do Pará, chega-se à vila de Nazaré do Mocajuba. Meu interesse era observar cenas e costumes, como índices de geografia humana. Certo dia, uma moradora pediu-me para tirar um retrato para sua carteira de identidade. Estendi minha estadia na vila para cumprir a missão de retratista. Ao visitar as casas, fui atraído pelos lençóis, redes, mosquiteiros. Propus trocar tais objetos por novos; neles imprimi a imagem do dono. Voltei à vila e pendurei os objetos na casa de cada retratado”, narra Alexandre Sequeira.⁵⁰ Foi a mostra de arte primal de Nazaré do Mocajuba. Sequeira moldou seu *diagrama de alteridade* ao volver para consultar o povoado sobre o uso do produto da venda das peças. Escolheram comprar remédios e instrumentos para a banda musical, cuidar do corpo e da expressão.

A arte para Alexandre Sequeira é campo experimental da solidariedade, em que surgem *diagramas de alteridade*, ou a práxis de trocas justas entre o artista e indivíduos em estado de vulnerabilidade social. São ações incidentes no plano da economia simbólica, com retorno positivo real para as pessoas. A etimologia grega de diagrama compõe *diagraphēin* (*dia* = através e *graphein* = escrever). *Diagrama* define uma representação esquemática de estruturas ou operação em ciência ou arte, como faz Sequeira; *alteridade* é foco na outridade social (ou Mikhail Bakhtin na Amazônia). Os diagramas de alteridade diferem da arte engajada da Guerra Fria, pois são experimentos micropolíticos para uma sociedade solidária.

Trágicos ou provedores (Alexandre Sequeira), os diagramas de alteridade inovam nas relações de produção de arte para que o ser precário seja o autor do discurso artístico e o titular de direitos materiais sobre a obra. Um novo padrão axiológico valoriza pessoas em estado social subalterno. Os diagramas de alteridade não são

engenharia social ou tecnologia social; eles incidem no plano do indivíduo como apoio tático à construção da subjetividade. Seu arco das preocupações envolve adolescentes em situação de risco, falta de escuta, a impossibilidade de planejar um futuro emancipado, situações de risco e fome. Os artistas envolvidos cuidam da população de rua, idosos, moradores de favelas, menores em conflito com a lei, ribeirinhos da Amazônia (Sequeira) e do sertão baiano (Bené Fonteles), drogados (Raphael Escobar) entre segmentos marginalizados na vida nua (Giorgio Agamben). Nesse padrão de ações de alteridade, se a arte não muda o mundo, ela poderá alterar o modo de pensar sobre ele, o que, conforme Richard Rorty, já é transformador, como no caso de Nazaré do Mocajuba.

Pioneiro dos diagramas de alteridade, Geraldo de Barros atuou na fábrica de móveis Unilabor (1954-1967), sob gestão coletiva pelos operários e pela distribuição de lucro entre eles. Na lógica Unilabor, o ateliê de Eduardo Frota foi uma oficina antifordista ao admitir mais marceneiros do que precisava (1994). A estratégia era transferir a renda de projetos financiados por empresas através do gasto excessivo com os salários. O *ethos* de diagramas de alteridade, inclusive para Alexandre Sequeira, se anuncia em *Mineirinho* (1962), de Clarice Lispector, que aborda o encargo do artista e o lugar da arte na emancipação social: “é preciso cuidar do terreno antes de construir a casa”. *Mineirinho* tensiona a execução de um bandido pela Polícia com 13 tiros – “o décimo-terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro”, deplora Lispector. Depois dela, surgiu Cláudia Andujar, cujas fotos dos Yanomâmis resultaram-lhes benefícios materiais. A seguir, Celeida Tostes criou mutirões no Chapéu Mangueira no Rio para bater tijolos de adobe para construir casas.

Alexandre Sequeira: alterity diagrams in Nazaré do Mocajuba

“By a dirt road winding through the forest in the northeast of Pará, you reach the village of Nazaré do Mocajuba. My interest was to observe scenes and customs, as human geography indexes. One day a resident asked me to take a picture for her identity card. I extended my stay in the village to fulfill the mission as a portraitist. When visiting the houses, I was attracted by the sheets, hammocks, mosquito nets. I proposed to exchange such objects for new ones; I printed on them the image of the owner. I went back to the village and hung the objects in the house of each person portrayed”, says Alexandre Sequeira.⁵⁰ It was Nazaré do Mocajuba’s primal art exhibition. Sequeira shaped his *alterity diagram* by returning to consult the village about the use of the proceeds from the sale of the pieces. They chose to buy medicine and instruments for the musical band, to take care of their bodies and expression.

For Alexandre Sequeira, art is an experimental field of solidarity, in which *alterity diagrams* emerge, or the praxis of fair exchanges between the artist and individuals in a state of social vulnerability. These actions are incidents on the plane of symbolic economy with real positive result for the people. The Greek etymology of diagram comes from *diagraphēin* (*dia* = through and *graphein* = write). Diagram defines a schematic representation of structures or operation in science or art, as Sequeira does; alterity is focused on the social otherness (or Mikhail Bakhtin on

Alexandre Sequeira
Adriane, da série Nazaré do Mocajuba
[Adriane, from Nazareth of Mocajuba series], 2004
Serigrafia sobre objeto pessoal (lençol e mosquiteiro) [Screen print on personal object (sheet and mosquito net)]

Amazon). The alterity diagrams differ from Cold War engaged art in that they are micropolitical experiments for a solidary society.

Tragic or providers (Alexandre Sequeira), the alterity diagrams innovate in art production relations so that the precarious being is the author of the artistic discourse and the holder of material rights over the work. A new axiological standard values people in a subordinate social state. Alterity diagrams are not social engineering or social technology; they focus on the individual's level as a tactical support for the construction of subjectivity. His arc of concerns involves at-risk teenagers, lack of listening, the impossibility of planning an emancipated future, risky situations and hunger. The artists involved take care of the homeless population, the elderly, slum dwellers, minors in conflict with the law, riverside dwellers in the Amazon (Sequeira), and the hinterland of Bahia (Bené Fonteles), drug addicts (Raphael Escobar), among marginalized segments in bare life (Giorgio Agamben). In this pattern of alterity actions, if art does not change the world, it can change the way of thinking about it, which, according to Richard Rorty, is already transforming, as in the case of Nazaré do Mocajuba.

A pioneer in alterity diagrams, Geraldo de Barros worked at the Unilabor furniture factory (1954-1967), under collective management by the workers and the distribution of profit among them. In the Unilabor logic, Eduardo Frota's workshop was an anti-Fordist workshop

by admitting more joiners than it needed (1994). The strategy was to transfer income from corporate-financed projects by overspending on wages. The *ethos* of alterity diagrams, even for Alexandre Sequeira, is announced in *Mineirinho* (1962), by Clarice Lispector, which addresses the artist's burden and the place of art in social emancipation: "it is necessary to take care of the land before building the house." *Mineirinho* stresses the execution of a criminal by the Police with 13 shots – "the thirteenth shot kills me – because I am the other", regrets Lispector. After her came Cláudia Andujar, whose photos of the Yanomami brought them material benefits. Next, Celeida Tostes created community work groups in Chapéu Mangueira in Rio to make adobe bricks to build houses.

Three alterity diagrams stand out in the 1990s. *Devotionalia* (1995), by Maurício Dias & Walter Riedweg, renewed the art of presentifying hands and footprints of dozens of street children in Rio. Dias says after ten years, many had died violently. After *Meninos de rua* [Street Boys] (1993), the *Meninos do Morrinho* [Boys from the Hill] (2004) project, by Paula Trope, started from the game played by the boys from the Morro do Pereirão (Rio): each one of them reinvents a favela in Rio in a scale model, staging everyday life and trafficking war. Trope portrayed each one, who in turn recorded a view of their hill. She fixed, by contract, the fair value for the work added to the exchange value of the photographs sold. The equitable value was divided into three thirds: the boy, the artist, and the gallery. I call this the *Trope model*, which,

d'après Mario Pedrosa, is the experimental exercise of equality. Alexandre Sequeira acted in this historic landmark. In *Roupa de marca* [Branded Clothing] (2000), Rosana Palazyan involved the fantasy of consumption of minors in conflict with the law collected in the so-called re-educational institutions. Being denied the remuneration for each institutionalized young person, the amount collected was spent on objects for collective use, such as a sewing machine or soccer equipment.

In the 21st century, Brazil's art has rebuilt its ties with society through diagrams of symbolic dealings, economic inclusion, promotion of self-esteem; Armando Queiroz, Igor Vidor, Mônica Nador, Lucia Koch, Lotes Vagos, Sandra Cinto and Antonio Dias. Rosangela Rennó, Walda Marques, Rivane Neuenschwander, and Hilal Sami Hilal create a listening ear for the neglected. Xadalu Tupã Jekupé's return to Guarani villages includes building hot water toilets and reforestation with Kurupy for handicraft production. Alterity diagrams announce the artists' willingness to take strategic risks in the agency of collective or individual symbolic capital in search of helpless concrete bodies. In a materialist perspective, Alexandre Sequeira and the aforementioned artists know that the moral key of alterity diagrams is the refusal to expropriate surplus value in the agency of the cultural values of the vulnerable other. This is a new relief of the social contract of art in Brazil, which goes through the Amazon. (*Paulo Herkenhoff*)

Alexandre Sequeira

Branca (da série Nazaré do Mocajuba)

[Branca, from Nazareth of Mocajuba series], 2004

Serigrafia sobre objeto pessoal (toalha de mesa)

[Screen print on personal object (table cloth)]

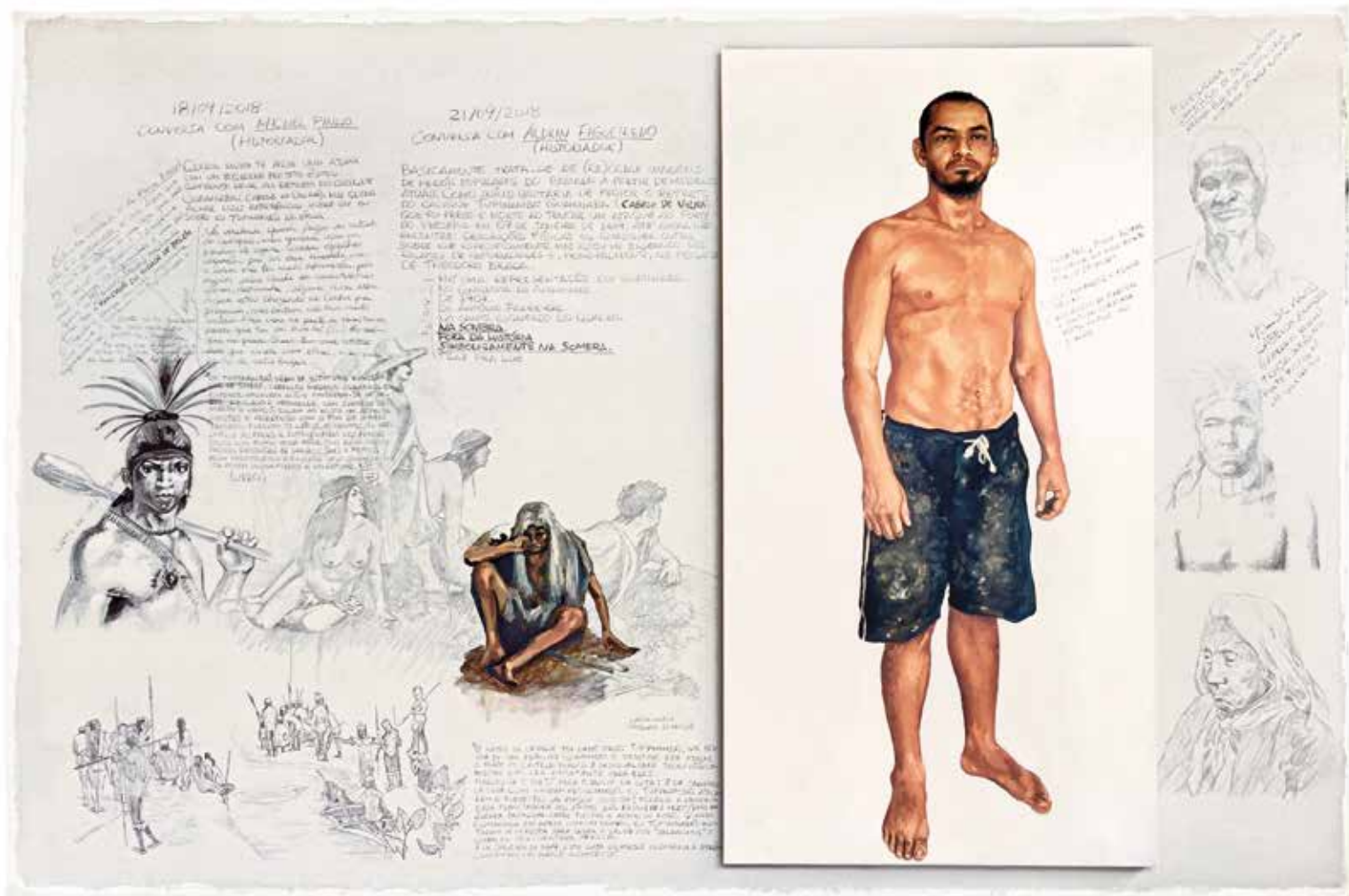


Três diagramas de alteridade se realçam na década de 1990. *Devotionalia* (1995), de Maurício Dias & Walter Riedweg, renovou a arte ao presentificar mãos e marcas dos pés de dezenas de crianças de rua do Rio. Dias diz que, após dez anos, muitas haviam morrido violentamente. Depois de *Meninos de rua* (1993), o projeto *Meninos do Morrinho* (2004), de Paula Trope, partiu do jogo dos garotos do morro do Pereirão (Rio): cada um deles reinventa uma favela carioca em maquete, encenando o cotidiano e a guerra de tráfico. Trope retratou cada um, que, por sua vez, registrou uma vista de seu morro. Ela fixou, por contrato, o justo valor para o trabalho agregado ao valor de troca das fotografias vendidas. O valor equânime se dividia em três terços: o menino, a artista e a galeria. Isso denomino *modelo*

Trope, que, d'après Mario Pedrosa, é o exercício experimental da igualdade. Alexandre Sequeira atuou neste marco histórico. Em *Roupa de marca* (2000), Rosana Palazyan envolveu a fantasia de consumo de menores em conflito com a lei recolhidos em instituições ditas *reeducativas*. Sendo negado remunerar cada jovem recolhido, o valor apurado era então gasto em objetos de uso coletivo, como uma máquina de costura ou material de futebol.

No século XXI, a arte do Brasil refundiu seus laços com a sociedade por diagramas de tratos simbólicos, inclusão econômica, fomento da autoestima; Armando Queiroz, Igor Vidor, Mônica Nador, Lucia Koch, Lotes Vagos, Sandra Cinto e Antonio Dias. Rosângela Rennó, Walda Marques,

Rivane Neuenschwander e Hilal Sami Hilal criam escuta para os olvidados. O retorno de Xadalu Tupã Jekupé para as aldeias Guarani inclui construir banheiros com água quente e reflorestar com Kurupy para a produção de artesanato. Os diagramas de alteridade anunciam a disposição dos artistas para assumir riscos estratégicos no agenciamento do capital simbólico coletivo ou individual em busca de corpos concretos desamparados. Em viés materialista, Alexandre Sequeira e os artistas ora citados sabem que a chave moral dos diagramas de alteridade é a recusa da expropriação da mais-valia no agenciamento dos valores culturais do outro vulnerável. Esse é um novo relevo do contrato social da arte no Brasil, que passa pela Amazônia. (Paulo Herkenhoff)



Éder Oliveira, a construção estética conceitual da identidade⁵¹

Acompanho o trabalho do artista Éder Oliveira desde seu tempo de estudante na Faculdade de Artes Visuais e pude observar como questões acerca da ideia de identidade norteiam sua produção desde os primeiros trabalhos. Ali, o rosto do artista em uma fotografia 3x4, retirado de um documento, foi empregado como elemento para a construção estética e conceitual. Impressa em papel artesanal feita pelo próprio, a obra é composta por três imagens aparentemente iguais, mas trazendo diferenças sutis, já apontando para um debate que avançou por sua produção: o retrato como índice de poder ou segregação; “desde ali já havia uma busca de um autorretrato da exclusão”, como sinaliza o artista em uma conversa informal.

De lá para cá, a obra de Oliveira ganhou espaço na cena artística. Em 2007 recebeu um Grande Prêmio no Salão Arte Pará,

com *Sem título* (2007); ação em espaço público com afixação de cartazes “lambe-lambe” – intervenção urbana com origem na propaganda popular, nos antigos anúncios exibidos em muros –, tipo de experiência que o artista trouxe, ainda, de sua vida em Timboteua para ocupar as ruas da Cidade Velha de Belém.

Nesse projeto para o Arte Pará, rostos estampados em alto contraste sobre papel-jornal e páginas impressas, com faces imprecisas, na instabilidade de pertencimento, pairam acoitados pelas estruturas de poder, na luta da ativação de um corpo vivo no mundo, colocando em xeque estigmas e marginalização.

O sujeito amazônico, sob continuada discriminação étnica, povoa as imagens de Oliveira. O homem mestiço, o negro, o caboclo são os sujeitos para os quais o artista direciona o olhar.

Éder Oliveira

< Estudo para retrato de Cacique Guaimiaba (Cabelo de velha) [Study for the portrait of Guaimiaba tribal chief (Old woman's hair)], 2019

Grafite e óleo sobre tela [Graphite and oil on canvas]
Coleção [Collection] Amazoniana de Arte da UFPA

> Sem título [Untitled], 2012

Intervenção na [Intervention at] Rua da
Marinha, 250, Belém

Coleção [Collection] Amazoniana de Arte da UFPA

*Éder Oliveira, the conceptual aesthetic construction of identity*⁵¹

I have followed the work of the artist Éder Oliveira since his student days at the Faculty of Visual Arts, and I have been able to observe how questions about the idea of identity have guided him since his first works, in which the artist's face, from a 3×4 photograph, withdrawn from his identity document, was used as an element for the aesthetic and conceptual construction. Printed on handmade paper made by himself, the work is composed of three apparently identical images, but bringing subtle differences, already pointing to a debate that advances in his production: the portrait as an index of power or segregation; "Since then, there was already a search for a self-portrait of exclusion", as the artist points out in an informal conversation.

From then on, Oliveira's work has gained space on the art scene. Receiving, already in 2007, a Second Grand Prize at the *Salão Arte Pará* [Pará Art Salon], with *Untitled* (2007), action in public space with display of "lambe-lambe" posters – urban intervention originating from popular propaganda, from the old advertisements displayed on walls –, type of experience that the artist brought from his life in Timboteua.

At the *Arte Pará* project, faces printed in high contrast on newsprint paper and

printed pages, imprecise faces, in the instability of belonging, harassed by the structures of power, in the struggle to activate a living body in the world, putting stigmas and marginalization in check.

Such an Amazonian subject, under continued ethnic discrimination, populates Oliveira's images. The mestizo man, the black man, the caboclo are the subjects to which the artist directs his gaze.

*There I have found the marginalized man, feared, but many times considered innocent by his condition, trying to assert himself before the daily challenges that life impels him, in which luck usually already predisposes him to failure in the life required by the current system. Predatory images, photographs taken close to the model with a front-firing flash producing empty portraits of frightened people, many similar to the 3×4 pasted on ID cards, which do not necessarily show the bearer's identity.*⁵² (Oliveira, 2014, p. 346).

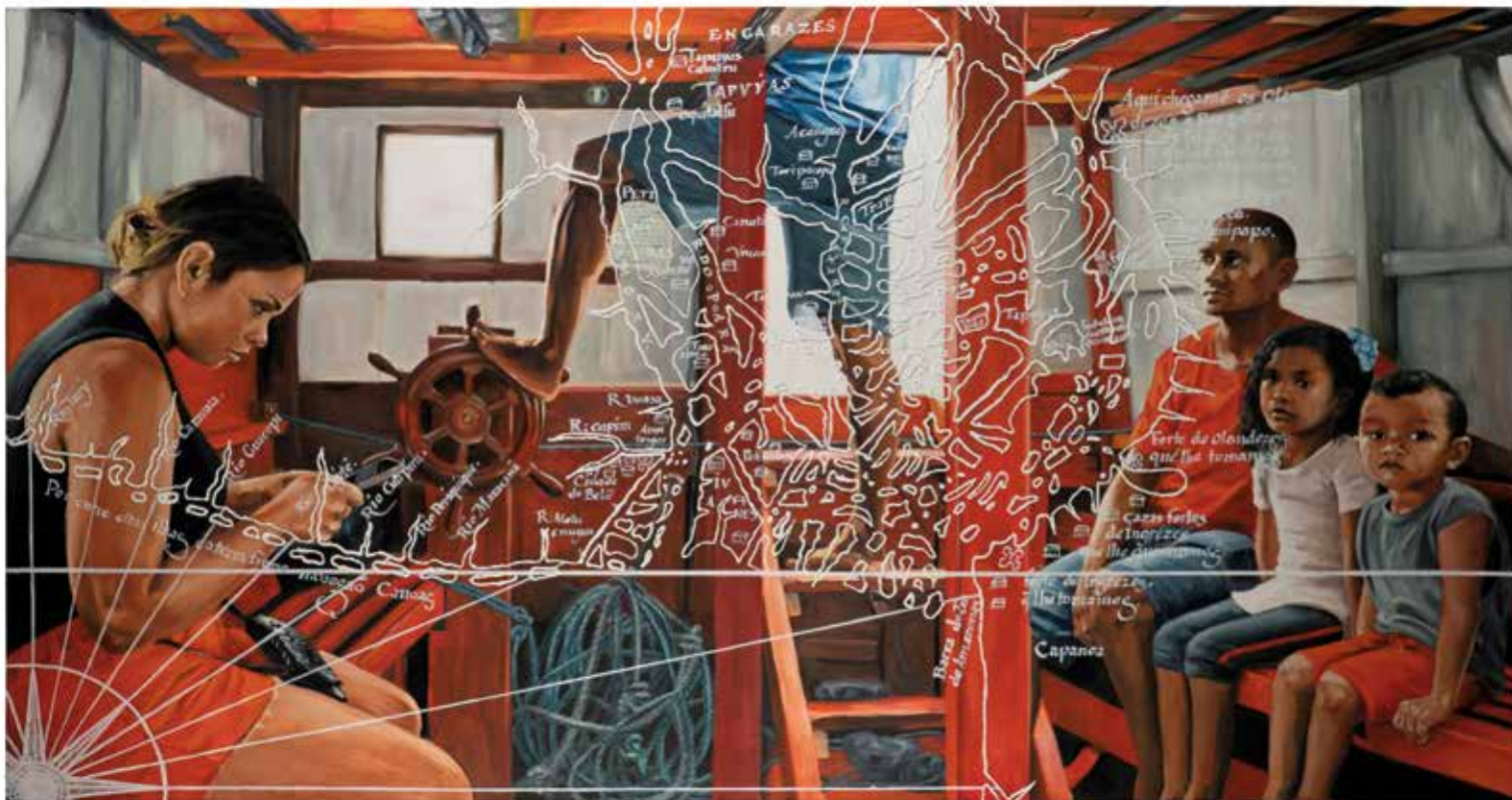
The artist, in his text entitled *Self-Portrait*, provides us with clues to the universe he has chosen to embrace. The identity of the body represented by the image collected, in great part, in the crime pages brings to light a thickness of the photograph, which, by subverting the modernist precept of authorship, in a post-modern perspective, leads the image

to the possibility of resignification, of reproduction, of appropriation, reaching a reference role, twisting its initial function of the photographic object, but without completely distancing itself from it. There is an interruption present in the subjects' gaze, a time suspension clearly characteristic of the photographic. This capture, the fruit of the desire for permanence, creates the discomfort of the kidnapped photography, by the photographers of the police pages. Oliveira reveals this indisposition in the subjects' faces, which he reactivates through painting, on murals and oil paintings, giving them a new meaning.

Oliveira's *Self-Portrait* is text, a word that constitutes a territory in which the artist understands himself, as a subject that perceives the world and is affected (in the perspective of Gilles Deleuze and Félix Guattari) by it, but it is also through the hand, through the painting, that the artist transfers his thought to the physical plane, reifying what his perception presents him with.

Éder Oliveira is not unaware of the world that surrounds him; attentive, he clearly understands the operations that manifest themselves in everyday life, whether the prejudices that hover in a seemingly subtle way, or the violations of rights that occur more acutely. (*Orlando Maneschy*)





Ali encontrei o homem marginalizado, temido, mas muitas vezes tido como inocente por sua condição, tentando se afirmar perante os desafios cotidianos que a vida o impele, em que normalmente a sorte já o predispõe ao fracasso na vida exigida pelo sistema vigente. Imagens predatórias, fotografias retiradas próximas ao modelo com flash disparado frontalmente gerando retratos vazios de pessoas acuadas, muitos semelhantes aos 3 x 4 colados no RG, que não necessariamente mostram a identidade do portador.⁵² (Oliveira, 2014, p. 346).

O artista, no texto intitulado Autorretrato, apresenta-nos pistas do universo que optou por abarcar. A identidade do corpo representado pela imagem coletada, em grande parte, nas páginas policiais, traz à tona uma espessura da fotografia, que, ao subverter o preceito modernista de autoria, em uma perspectiva pós-moderna, conduz a imagem para a possibilidade de ressignificação, de reprodução, de apropriação como empoderamento, atingindo papel de referência, torcendo sua função inicial do objeto fotográfico, mas sem distanciar-se completamente dele. Há uma interrupção presente no

olhar dos sujeitos, uma suspensão de tempo nitidamente característica do fotográfico. Essa captura, fruto do desejo de permanência, de valorização da existência do sujeito interdito, evidencia o incômodo presente na fotografia sequestrada pelos fotógrafos das páginas policiais. Oliveira revela essa indisposição no rosto dos sujeitos, que reativa pela pintura, em murais e telas a óleo, ressignificando-os.

O Autorretrato de Oliveira é texto, palavra que constitui um território no qual o artista se compreende, enquanto sujeito que percebe o mundo e é *afectado* por este (na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari), mas é também pela mão, pela pintura que o artista transfere seu pensamento para o plano físico, reificando aquilo que sua percepção lhe apresenta, dando forma àquilo que lhe afeta.

Éder Oliveira não passa incólume ao mundo que o rodeia; atento, compreende claramente as operações que se manifestam no cotidiano, sejam os preconceitos que rondam de forma aparentemente sutil, sejam as violências aos direitos que ocorrem de maneira mais aguda. Sua obra, atenta e crítica, olha para a história e visibiliza o povo amazônida, afirmando sua dignidade. (Orlando Maneschy)

Éder Oliveira

Perpasse, 2020

Óleo sobre tela [Oil on canvas], 135 x 190 cm

Coleção particular [Private collection],

Rio de Janeiro

Franciney Vasconcelos e Gabriel Bicho, do esforço de invenção de um lugar e da invenção do Brasil a partir de Rondônia

Rondônia é o estado da Região Norte com a mais rala cena de arte. A etnolinguística, mais que a arte indígena atual, é a disciplina acadêmica mais expandida, por nomes como Ana Suelly Câmara Cabral, Kaman Kalapalo e Ariel Couto e Silva. As línguas masaká, pano, aruá, gavião, suruí, wayurú e outras são mais estudadas que o desenho e a pintura desses povos. Em Porto Velho, Franciney Vasconcelos surge no século XXI. Nascido no Pará, fixou-se na capital de Rondônia em 1998. Autodidata, ele opera com pintura, desenho, xilogravura (*Cheiro da mata*), objetos, instalações, além de pintar placas de propaganda. Para João Zoghbi, Vasconcelos evoca as “vivências de infância simples e tranquila da vida ribeirinha” em “retrato da ‘vida beradera’”,⁵³ expressão rondoniense para ribeirinho, o homem comum que vive à margem dos rios da Hileia. Sua mostra *Cheiro da mata* (2019) exibiu a instalação *O pescador e o lixo*, justapondo uma tela sobre a labuta do homem ribeirinho à *assemblage* de *objets trouvés* (pneus, sapatos etc.), lixo denunciativo da doença entrópica do meio ambiente. Vasconcelos afoga nomes da história da arte (Leonardo, van Gogh e Salvador Dalí) no universo aquoso amazônico, como na tela *O Abaparu de Tarsila frente a frente com o Cururu*. É seu esforço desafio para inventar um lugar que se chamasse Rondônia na cena da arte brasileira, para além do regionalismo.

O artista Gabriel Bicho se propõe ao oposto: quer demonstrar que um artista rondoniense também pode interpretar o Brasil. “Nasci em Porto Velho, capital de Rondônia, em 1989”, afirma Gabriel Bicho, mas “atualmente moro do outro lado do Brasil, no Rio Grande do Sul”.⁵⁴ Tem antepassados portugueses e espanhóis, mas tem os avós pescadores ribeirinhos nas cercanias do Jamari, de possível origem indígena. Agora vivendo em Pelotas, Bicho abre seu leque de questões nacionais, desde as amazônicas até as gaúchas. Viajando

pelo Brasil, para trabalhar, o artista esclarece que seu processo “costuma se dar pelos lugares por onde vou, e de um certo estranhamento, inicialmente de observação”,⁵⁵ colocando-se em situação de deriva de um *flâneur* contemporâneo. O processo de deambulação de Gabriel Bicho remete ao texto *O pintor da vida moderna* (1863). Aí o poeta Charles Baudelaire analisa o *flâneur* como aquele que pode “estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados”.

Gabriel Bicho se projeta pelo país em busca da expansão de sua agenda sobre a diversidade cultural do Brasil. A devastadora enchente do rio Madeira, de 2014, resultou no projeto *Nem só de ba[R]ragens vive o homem*, tal qual a obra *O lago do esquecimento*, de Paula Sampaio, demonstra a crise da hidroelétrica de Tucuruí (ver págs. 250-253). A principal

Franciney Vasconcelos and Gabriel Bicho, the effort to invent a place and the invention of Brazil from Rondônia

Rondônia is the state in the North region with the most sparse art scene. Ethnolinguistics, more than current indigenous art, is the academic discipline most expanded by names such as Ana Suelly Câmara Cabral, Kaman Kalapalo, and Ariel Couto e Silva. The languages masaká, pano, aruá, gavião, suruí, wayurú and others are studied more than the drawing and painting of these peoples. In Porto Velho, Franciney Vasconcelos appears in the 21st century. Born in Pará, he settled in the capital of Rondônia in 1998. Self-taught, he works with painting, drawing, woodcut (*Cheiro da mata* [Scent of the Woods]), objects, installations, in addition to painting advertising signs. For João Zoghbi, Vasconcelos evokes the “simple and peaceful childhood experiences of riverside life in “retrato da ‘vida beradera’ [portrait of ‘beradera life’]”,⁵³ a rondoniense expression for riverside dwellers, the



Franciney Vasconcelos

O pescador e o lixo [*The Fisherman and the Garbage*], 2019

Instalação no | Exhibition view Centro Cultural Ivan Marrocos, Porto Velho



common man who lives on the banks of the Hileia rivers. His exhibition *Cheiro da Mata* (2019) displayed the installation *O Pescador e o Lixo* [The Fisherman and the Garbage], juxtaposing a canvas about the toil of the riverside man to the assemblage of *objets trouvés* (tires, shoes, etc.), garbage denouncing the entropic disease of the environment. Vasconcelos drowns names in art history (Leonardo, van Gogh and Salvador Dalí) in the watery Amazonian universe, as on canvas *O Abaparu de Tarsila frente a frente com o Cururu* [Tarsila's Abaparu face to face with the Cururu]. It is his endeavor to invent a place called Rondônia on the Brazilian art scene, beyond regionalism.

The artist Gabriel Bicho proposes the opposite: he wants to demonstrate that an artist from Rondônia can also interpret Brazil. "I was born in Porto Velho, capital of Rondônia, in 1989", says Gabriel Bicho, but "I currently live on the other side of Brazil, in Rio Grande do Sul."⁵⁴ He has Portuguese and Spanish ancestors, but also riverside fishing grandparents on the outskirts of Jamari River, of possible indigenous origin. Now living in Pelotas, Bicho opens his spectrum of national issues, from the

Amazon to Rio Grande do Sul. Traveling throughout Brazil to work, the artist explains that his process "is usually given by the places where I go, and of a certain strangeness, initially of observation,"⁵⁵ placing himself in the drifting situation of a contemporary *flâneur*. Gabriel Bicho's wandering process refers to the text "*O pintor da vida moderna* ["The Painter of Modern Life]" (1863), in which the poet Charles Baudelaire analyzes the *flâneur* as someone who can "be out of the home, and yet feel at home wherever he is; seeing the world, being at the center of the world and remaining hidden from the world, these are some of the small pleasures of these independent, passionate spirits."

Gabriel Bicho is projecting himself around the country in search of expanding his agenda on Brazil's cultural diversity. The devastating flooding of the Madeira River in 2014 resulted in the project *Nem só de ba[R]ragens vive o homem* [Not only of ba[R]rages does man live, just like the work *O lago do esquecimento* [The Lake of Oblivion], by Paula Sampaio, depicts the Tucuruí hydroelectric plant crisis (see pages 250-253). The main specificity of this work by Gabriel Bicho is to indicate the existence

of other values in addition to material progress, such as health and coexistence in communion with nature. According to João Moreira Salles, "of the varied catalog of social, economic, and environmental disruption caused by the project, in terms of public health the most serious effect of the construction of Tucuruí was what Coppe described as 'an explosive growth of malaria' in the municipality."⁵⁶ Therefore, Gabriel Bicho joins the voices of indigenous leaders, anthropologists, virologists, environmentalists, artists, and others in condemning dams in the Amazon. In this effort, the artist produces aphoristic and clamoring works, such as *Lute como uma sumaúma* [Fight like a sumaúma], in allusion to the largest tree in the Amazon, the *Ceiba pentandra*, also known by the natives as "mother of trees" and "ladder of life." Bicho appropriates the feminist slogan "fight like a girl!"

After being in Rondônia, Gabriel Bicho arrives in Pará. "In Belém, people are more ardent, more affectionate, touching happens in a different way."⁵⁷ In Porto do Sal area, he developed several "Transitional Actions of Observations" (ATO) based on the interaction and

Gabriel Bicho

Que sua luta seja como a da floresta
[*May your battle be like the forest*], 2019
Instalação em [Installation at] Porto Velho,
Rondônia

listening of workers in that area of Belém. As is often the case, he used the word as a mobilizing concept for the artist and his audience. Popcorn bags distributed carried various phrases that problematized the concept of material wealth and money, such as “The rich are not free”. The craving for Brazil leads Gabriel Bicho to Bahia and to the African matrix of our social formation. In his essay project *Pralém da morte, há vidas muitas* [Beyond death, there are many lives] (2020), the artist from Rondonia approached the feast of Our Lady of the Good Death in Cachoeira, in Bahia’s region of Recôncavo. A work that denotes his experience with the artistic environment of Rio Grande do Sul is the intervention with the motto *Every museum is an indigenous territory* (2020). 2.707 kilometers from Porto Velho, Gabriel Bicho finds in Porto Alegre a productive dialogue with the work *Área Indígena* [Indigenous Area] (2015), by the Guarani artist Xadalu Tupã Jakupé.⁵⁸ Bicho finds on the walls of the Gaucho capital the same problem that afflicted the indigenous people of Rondônia: the right to land – just like him, the artist from Porto Velho claimed the right to think Brazil culturally. (Paulo Herkenhoff)

especificidade desta obra de Gabriel Bicho é indicar a existência de outros valores para além do progresso material, como a saúde e a convivência em comunhão com a natureza. Segundo João Moreira Salles, “do variado catálogo de transtornos sociais, econômicos e ambientais causados pela obra, no âmbito da saúde pública o efeito mais grave da construção de Tucuruí foi o que a Coppe descreveu como ‘um crescimento explosivo da malária’ no município.”⁵⁶ Portanto, Gabriel Bicho se junta a vozes de lideranças indígenas, antropólogos, virologistas, ambientalistas, artistas e outros na condenação das barragens da Amazônia. Nesse afã, o artista produz obras aforísticas e concludatórias, como *Lute como uma sumaúma*, em alusão à maior árvore da Amazônia, a *Ceiba pentandra*, também conhecida pelos indígenas como “mãe das árvores” e “escada da vida”. Bicho opera a apropriação do slogan feminista “lute como uma garota”.

Depois de ter estado em Rondônia, Gabriel Bicho aporta no Pará. “Em Belém, as pessoas são mais ardentes, mais afetuosas, o toque se dá de outra maneira.”⁵⁷ Na área do Porto do Sal, ele desenvolveu diversas Ações Transitórias de Observações (ATO) a partir do convívio e da escuta dos

trabalhadores dessa área de Belém. Como ocorre frequentemente, ele usou a palavra como conceito mobilizador do imaginário do artista e de sua audiência. Saquinhos de pipocas distribuídos portavam frases diversas que problematizavam o conceito de riqueza material e do dinheiro, como “Os ricos não são livres”. A vontade de Brasil conduz Gabriel Bicho à Bahia e à matriz africana de nossa formação social. Em seu projeto ensaístico *Pralém da morte, há vidas muitas* (2019), o artista rondoniense abordou a festa de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira, no Recôncavo baiano. Um trabalho que denota sua experiência com o ambiente artístico do Rio Grande do Sul é a intervenção com o lema *Todo museu é um território indígena* (2020). A 2.707 quilômetros de Porto Velho, Gabriel Bicho encontra em Porto Alegre um diálogo produtivo com a obra *Área indígena* (2015), do artista guarani Xadalu Tupã Jakupé.⁵⁸ Bicho encontra nos muros da capital gaúcha o mesmo problema que afligia os povos indígenas de Rondônia: o direito à terra – assim como ele, o artista porto-velhense reivindicava o direito de pensar culturalmente o Brasil. (Paulo Herkenhoff)



Gustavo Caboco – o assombroso triângulo Roraima/Paraná/ Rio de Janeiro/Roraima

A artista Lucilene Wapichana saiu forçadamente de sua aldeia, na infância, em 1968, aos 10 anos de idade, porque foi dada por seus pais a uma família de Boa Vista. De Roraima, foi parar em Manaus e, de lá, fixou-se em Curitiba, onde nasceu seu filho Gustavo. “Quando jovem, foi dito ao tio Casimiro que sua língua wapichana era feia. ‘Língua do mato.’ ‘Língua de caboco’”, escreveu Gustavo Caboco no livro *Baaraz Kawau*:⁵⁹ “encontrei no desenho, no texto, na escuta, no bordado, no som, formas de dialogar com as atualidades indígenas e minha identidade”.

A arte de Gustavo Caboco está entre os projetos de arte indígena mais singulares do século XXI. Caboco se põe ao lado de alguns projetos desenvolvidos na Amazônia. O primeiro é a ação com pintura e desenho sobre a ancestralidade, narrativas, memória, saberes e educação do povo Huni Kuin sob a liderança dos pajés Agostinho Manduca Mateus İka Muru e Dua Busē (ver págs. 222-239). O segundo é a complexa arte política do polissêmico Denilson Baniwa sobre assuntos candentes da contemporaneidade relacionados a poder, dominação e emancipação dos indígenas (ver págs. 260-263). O terceiro é Ailton Krenak. O quarto é o guarani Xadalu Tupã Jekupé, em Porto Alegre. Embora haja outros artistas indígenas igualmente significativos, esses são os que integramos nesta comparação. Esses exemplos nos conduzem às indagações: o que é ou quem é um(a) artista indígena? O que faz um(a) indígena ou um(a) artista ser um(a) artista indígena?

Gustavo Caboco não resumiu sua arte à pintura num contexto contaminado e oscilante entre arte indígena e arte ocidental, ou à criação de estilemas que lhe garantam um *signature work* no contexto do *styling* e da comodificação da dita arte indígena contemporânea. Suas narrativas expandem a condição simbólica dos



valores espirituais e da história sobre os quais trabalha. Ele se apresenta como artista plástico e designer gráfico, uma combinação que funda sua linguagem própria, inconfundível.

“O que se deve reconhecer na arte de Gustavo Caboco é eficácia simbólica de suas imagens e seu trânsito pelo tempo fantasmal das sobrevivências”, nos termos da interpretação de Georges Didi-Huberman dos conceitos de *Nachleben* e *Pathosformel* desenvolvidos pelo historiador da arte Aby Warburg.⁶⁰ Interessa menos aqui a relação exata de Warburg com a antropologia e bem mais as operações de Gustavo Caboco com a história e com as imagens, e, sobretudo, como ele tece antropologia, história, imaginário e autobiografia em suas narrativas.

Um exemplo é seu livro-de-artista *Baaraz Kawau*,⁶¹ uma joia gráfica em vermelhão, como a cor do título da primeira edição de *Macunaíma* (1928), de Mario de Andrade. Em várias páginas de *Baaraz Kawau*, Gustavo Caboco intermeia palavra e desenho para intercalar emoções, os Wapichana como objeto do conhecimento antropológico no Museu Nacional, sua família, quase coincidência de datas, o incêndio e as perdas nessa instituição: “Levei um choque ao ver uma borduna Wapichana, em julho de 2018, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.”

“Ocorreu literalmente um curto-circuito ao ver o objeto, pois a idade da borduna me lembrou meu tio Casimiro Cadete, de nome indígena Cassun: o peixe-elétrico. Nosso tio Casimiro nasceu em 1921, em Roraima. Lá no Museu, no Rio, a data da borduna era de 1924.”

“O choque-elétrico que tive no Museu Nacional do Rio de Janeiro foi ver uma peça com a idade muito próxima deste parente. Alguns meses depois o museu se tornou cinzas. Pensei na borduna Wapichana em chamas.”

“Lamento muito essa perda histórica. É a queima da primeira instituição científica do país, a maior biblioteca de antropologia da América Latina, o primeiro programa de pós-graduação em antropologia, a Borduna Wapichana, assim como tantas outras peças importantes para a história do mundo e para a história indígena.”

Por fim, *Baaraz Kawau* oferece uma palavra de esperança à reconstrução possível do Museu Nacional, da qual ele quer participar:

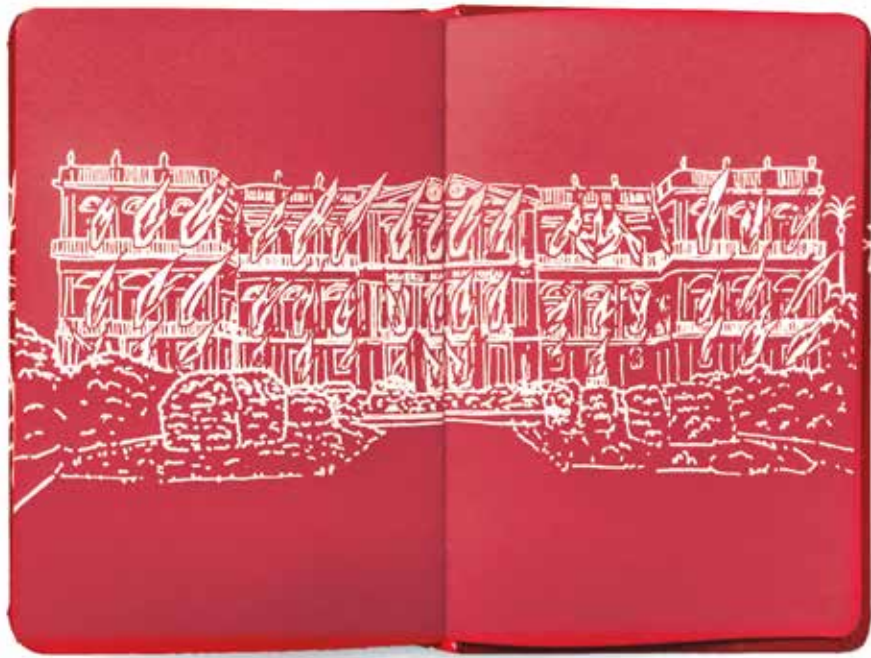
“A repatriação é cinza. Cassun, Casimiro, faleceu aos 93 anos. A borduna, com 94 anos, no incêndio em setembro de 2018./ Evoco aqui as palavras Wapichana ‘Baaraz Kawau’, que assinam o nome desta publicação e significam ‘o campo após o fogo.’/O campo queimado abre a porta para um novo campo, cheio de verde, de caça e oportunidade.” (Paulo Herkenhoff)

**Gustavo Caboco – the amazing
Roraima / Paraná / Rio de Janeiro /
Roraima triangle**

The artist Lucilene Wapichana was forced to leave her village as a child in 1968, at the age of 10, because she was given by her parents to a family from Boa Vista. From Roraima, she went to Manaus, and from there she settled in Curitiba, where her son Gustavo was born. “As a young man, Uncle Casimiro was told that his Wapichana language was ugly. ‘Language of the woods’. ‘Caboclo language’”, wrote Gustavo Caboco in his book *Baaz Kawau*.⁵⁹ “I have found in drawing, in text, in listening, in embroidery, in sound, ways to dialogue with indigenous current events and my identity.”

Gustavo Caboco’s art is among the most unique indigenous art projects of the 21st century. Caboco stands alongside two projects developed in the Amazon. The first is an action with painting and drawing about the ancestry, narratives, memory, knowledge, and education of the Huni Kuin people under the leadership of the shamans Agostinho Manduca Mateus İka Muru and Dua Busê (see pages 222-229). The second is polysemic Denilson Baniwa’s complex political art on burning contemporary issues related to indigenous power, domination, and emancipation (see pages 260-263). The third is Ailton Krenak. The fourth is the Guarani Xadalu Tupã Jekupé in Porto Alegre. Although there are other indigenous artists who are equally significant, these are the ones we have included in this comparison. These five examples lead us to the questions: what or who is an indigenous artist? What makes an indigenous person or an artist an indigenous artist?

Gustavo Caboco did not summarize his art to painting in a contaminated and oscillating context between indigenous art and western art, or to the creation of an emblematic writing style that guarantee him a signature work in the context of styling and commodification of the said contemporary indigenous art. His narratives expand the symbolic status of the spiritual values and the history on which he works. He presents himself as a visual artist and



graphic designer, a combination that founds his own, unmistakable language.

“What should be recognized in Gustavo Caboco’s art is the symbolic effectiveness of his images and his transit through the phantasmal time of survivals”, in terms of Georges Didi-Huberman’s interpretation of the concepts of *Nachleben* and *Pathosformel* developed by art historian Aby Warburg.⁶⁰ Of less interest here is Warburg’s exact relationship to anthropology and far more Gustavo Caboco’s operations with history and images, and especially how he weaves anthropology, history, imagery, and autobiography into his narratives.

An example is his artist book *Baaz Kawau*,⁶¹ a graphic jewel in vermilion, like the title color of the first edition of *Macunaíma* (1928) by Mario de Andrade. In several pages of *Baaz Kawau*, Gustavo Caboco intermingles words and drawings to interweave emotions, the Wapichana as an object of anthropological knowledge in the National Museum, his family, the quasi-coincidence of dates, the fire, and the losses in this institution:

“I was shocked to see a Wapichana mace, in July 2018, at the National Museum of Rio de Janeiro.”

“There was literally a short circuit when I saw the object, because the age of the mace

reminded me of my uncle Casimiro Cadete, whose name is Cassun: the electric fish. Our uncle Casimiro was born in 1921, in Roraima. There at the Museum, in Rio, the date of the mace was 1924.”

“The electric shock I had at the National Museum in Rio de Janeiro was seeing a piece with the age very close to this relative. A few months later the museum turned into ashes. I thought of the burning Wapichana mace.”

“I am very sorry for this historic loss. It is the burning of the first scientific institution in the country, the largest anthropology library in Latin America, the first postgraduate program in anthropology, the Wapichana mace, as well as so many other important pieces for world history and indigenous history.”

Finally, *Baaz Kawau* offers a word of hope for the possible reconstruction of the National Museum, in which he wants to participate:

“Repatriation is gray. Cassun, Casimiro, died at the age of 93. The mace, aged 94, in the fire in September 2018./I mention here the Wapichana words ‘Baaz Kawau’, which sign the name of this publication and mean ‘the field after the fire’./The burnt field opens the door to a new field, full of green, of hunting and opportunity.”
(*Paulo Herkenhoff*)

Gustavo Caboco

Baaz Kawau, 2018

Livro de artista [Artist book]

Coleção [Collection] Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Joelington Rios, a arte de fotografar sua parteira num quilombo do Maranhão⁶²

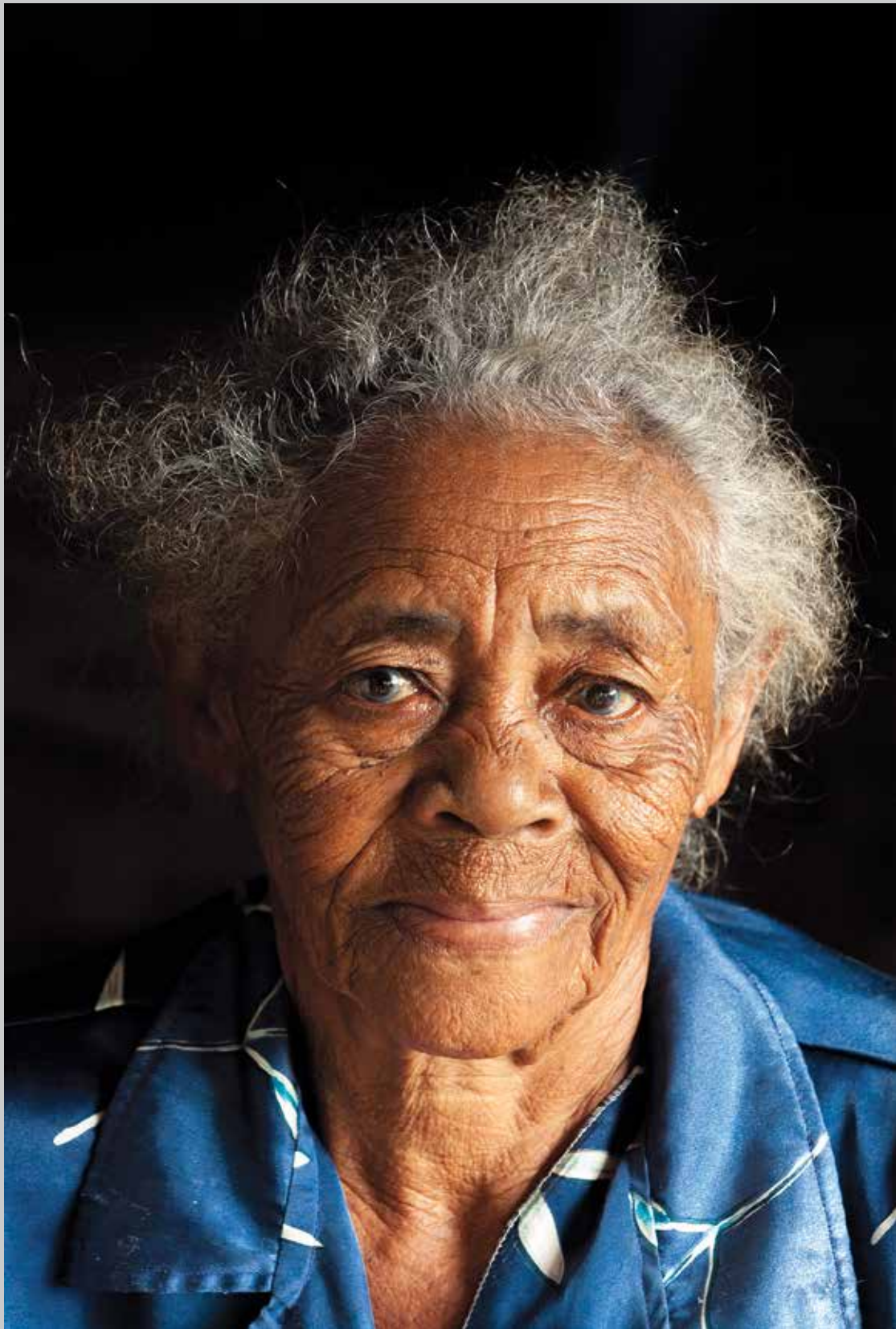
A caminho do aeroporto, eu vi uma pomba branca. Eu sigo em silêncio dentro do carro, observando e me permitindo ser atravessado, antes de voar, pelas energias que existem no Maranhão. Essa viagem para o Maranhão, para o quilombo, para casa... Eu pude compreender o meu lugar no mundo, missão? Nesses últimos dias, eu fui atravessado por algumas pessoas que me fizeram repensar os significados de vida, magia, humano. A natureza, ela é viva, grande, e está presente em tudo e em todos. Tudo é natureza; os quilombolas – eles são mata, terra, sol, chuva, noite, dia. As crianças do meu quilombo, com suas faces de pureza, sensibilidade, ancestralidade e memória. Elas são a vida das comunidades quilombolas; sem elas, não há brilho, não há pureza. A minha mãe, eu a avistei de longe. A minha família estava ali, um novo significado surge, e eu me sinto a pessoa mais feliz e privilegiada do mundo. Isso é gigante, não havia uma expressão de tristeza, a alegria reinava. Mamãe parecia feliz: de seus dez filhos, nove estavam presentes naquele dia de seu aniversário de 63 anos. Como Deus/universo foi sensível e generoso com a minha mãe e eu, no cuidado com o nosso encontro com a nossa parteira. Digo para mim mesmo: como eu tenho sorte, que incrível ter nascido de uma mulher quilombola e ser recebido/apresentado no/para o mundo através das mãos da Dona Maria, a minha parteira, uma das mulheres mais fortes que conheço. Quando estamos juntos, algo mágico desperta, o meu corpo se mexe. Passei na casa da minha parteira Dona Maria; estava deitada em sua rede, na sala da casa, vendo TV. Um facão, remédios e objetos faziam parte do cenário. “Nossa, que abraço gostoso”, ela deu um sorriso e chorou. “Mãe velha, a senhora deixaria eu fotografar a senhora?” Ela deu um sorriso e disse “Sim”. A Dona Maria é das pessoas que eu mais amo. Eu me sinto bem no ato de fotografar; ela me deixa à vontade de uma forma muito única. Mãe velha e eu fomos até a casa de tia Paula,

minha primeira professora no quilombo. Quando parei para fazer as fotos, Mãe velha já não era a mesma; ela me encarava em cada clique como nunca antes: seu olhar era forte, carinhoso e respeitoso. A forma como ela me permitia deixar fotografá-la expressa que ela me via não só como filho, como o menino de quem ela havia feito o parto, mas como um artista, fotógrafo – me via com orgulho. Não era apenas uma fotografia, era um registro de relação de confiança e carinho estabelecida não só durante aquele dia, mas em outros que passaram. Fomos até a casa da Dona Sena, vizinha da Dona Maria. Quando as duas se encontram, foi a cena mais linda de se ver: ali estavam duas mulheres quilombolas, duas matriarcas, duas griôs. Dona Sena perguntou quem era que estava tirando retrato dela. Nesse momento, eu dei um sorriso e falei: “sou eu, pretinho”. Nós nos abraçamos forte por alguns momentos. (Joelington Rios)

Joelington Rios, the art of photographing his midwife in a quilombo in Maranhão⁶²

On the way to the airport, I saw a white dove. I follow in silence inside the car, observing and allowing myself to be traversed, before flying, by the energies that exist in Maranhão. This trip to Maranhão, to the *quilombo*, back home... Have I been able to understand my place in the world, my mission? In these last few days, I have been traversed by some people who made me rethink the meanings of life, magic, and the human. Nature, it is alive, great, and it is present in everything and everyone. Everything is nature; the *quilombolas* – they are woods, the land, the sun, the rain, the night, the day. The children of my *quilombo*, with their faces of pureness, sensitiveness, ancestry, and memory. They are the life of *quilombola* communities; without

them, there is no brightness, there is no pureness. My mother, I spotted her from afar. My family was there, a new meaning emerges, and I feel like the happiest and most privileged person in the world. This is gigantic, there was no expression of sadness, joy reigned. Mom seemed happy: of her ten children, nine were present on that day of her 63rd birthday. How God/the universe was sensitive and generous towards my mother and I in taking care of our meeting with our midwife! I say to myself: how lucky I am, how incredible it is to be born from a *quilombola* woman and to be received/presented in/to the world through the hands of Dona Maria, my midwife, one of the strongest women I've known. When we are together, something magical awakens, my body moves. I stopped by my midwife Dona Maria's house; she was lying in her hammock, in the living room, watching TV. A machete, medicine, and objects were part of the scenario. “Wow, what a nice hug”, she smiled and wept. “Old mother, would you let me photograph you?” She smiled and said “Yes”. Mrs. Maria is one of the people I love the most. I feel good in the act of photographing; she puts me at ease in a very unique way. Old mother and I went to the house of Mrs. Paula, my first teacher in the *quilombo*. When I stopped to take the photos, the old mother was no longer the same; she stared at me at each click like never before: her look was strong, loving, and respectful. The way she let me photograph her expresses that she saw me not only as her son, as the boy she had delivered, but as an artist, a photographer – she looked at me with pride. It was not just a photograph, it was a record of a relationship of trust and affection established not only during that day, but in others that have passed. We went to the house of Mrs. Sena, Mrs. Maria's neighbor. When the two met, it was the most beautiful scene to see: there were two *quilombola* women, two matriarchs, two griots. Ms. Sena asked who was taking her picture. At that moment, I smiled and said: “It's me, *pretinho*.” We held each other tight for a few moments. (Joelington Rios)



Dona Maria, minha parteira
Dona Maria, my midwife

Thiago Martins de Melo, o povo Gamella e distopias amazônicas

Nascido no Maranhão, Thiago Martins de Melo enfrenta as distopias resultantes da violência amplamente praticada na Amazônia e no Brasil como um todo. Dedicado à defesa do patrimônio natural da selva e à proteção dos povos indígenas, da população ribeirinha e dos quilombolas e outros despojados, Martins de Melo se envolveu num trabalho visual e político com o povo Akroá-Gamella, para o qual toda ação deve ser coletivamente decidida. Kum'tum Akroá-Gamella, da Teia do Maranhão, explicita que “um levante, só é possível quando a gente se junta. E a Teia, eu penso nessa experiência de união de povos que estão se levantando, que estão levantados”. O povo Akroá-Gamella resulta de uma complexa formação social que reúne indígenas de várias etnias, quilombolas, ribeirinhos, oriundos da mestiçagem e até brancos espoliados. É um caso especial de existência de uma cultura certificada pela Fundação Nacional do Índio em sua heterogeneidade étnica, mas unida pelo direito ao território, que fora garantido por um documento do século XIX, depositado na Biblioteca Nacional.



Povo Akroá-Gamella

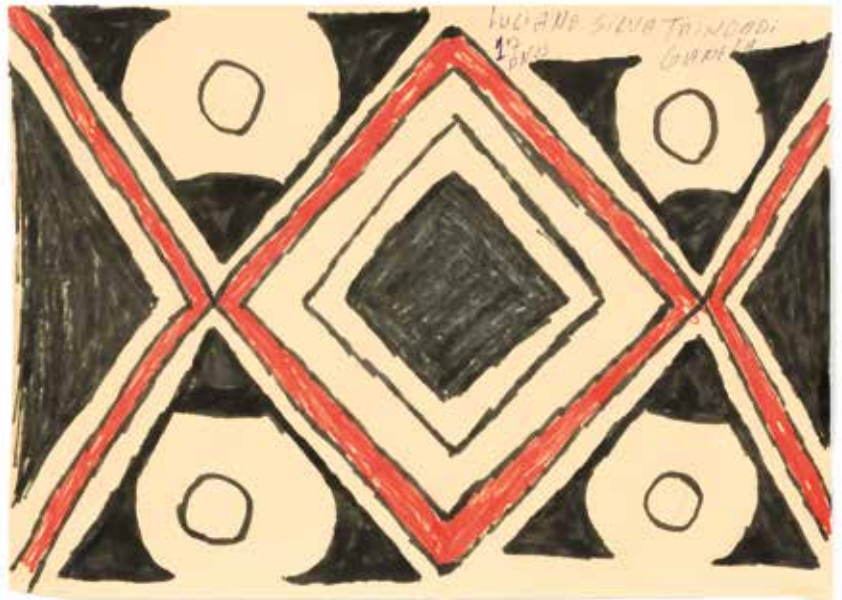
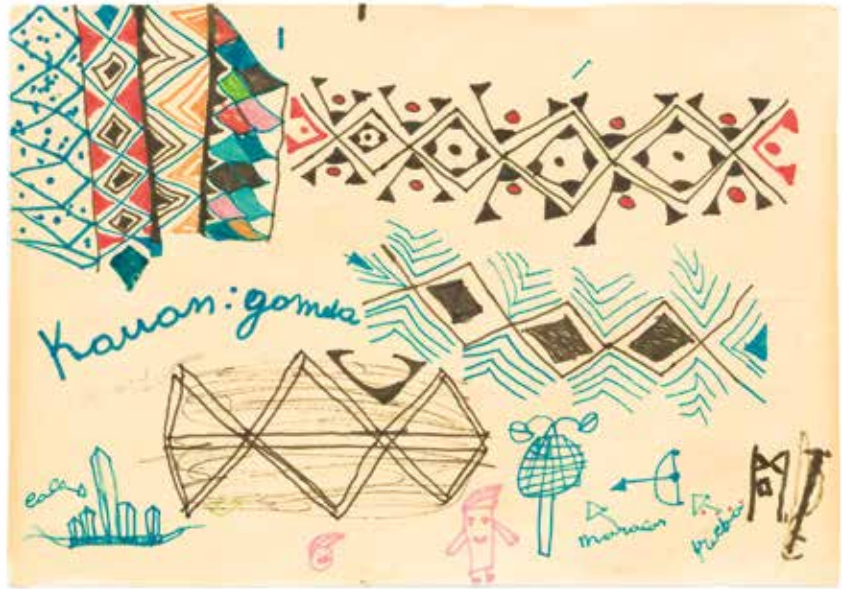
Nossa escritura são nossos pés – território Gamella

[Our feet are our indenture – Gamella's territory]

Desenho sobre papel, produzido no projeto Gamella Sumak Kawsay [Drawing on paper, made at Gamella Sumak Kawsay project], 2016

Thiago Martins de Melo, the Gamella people and Amazonian dystopias

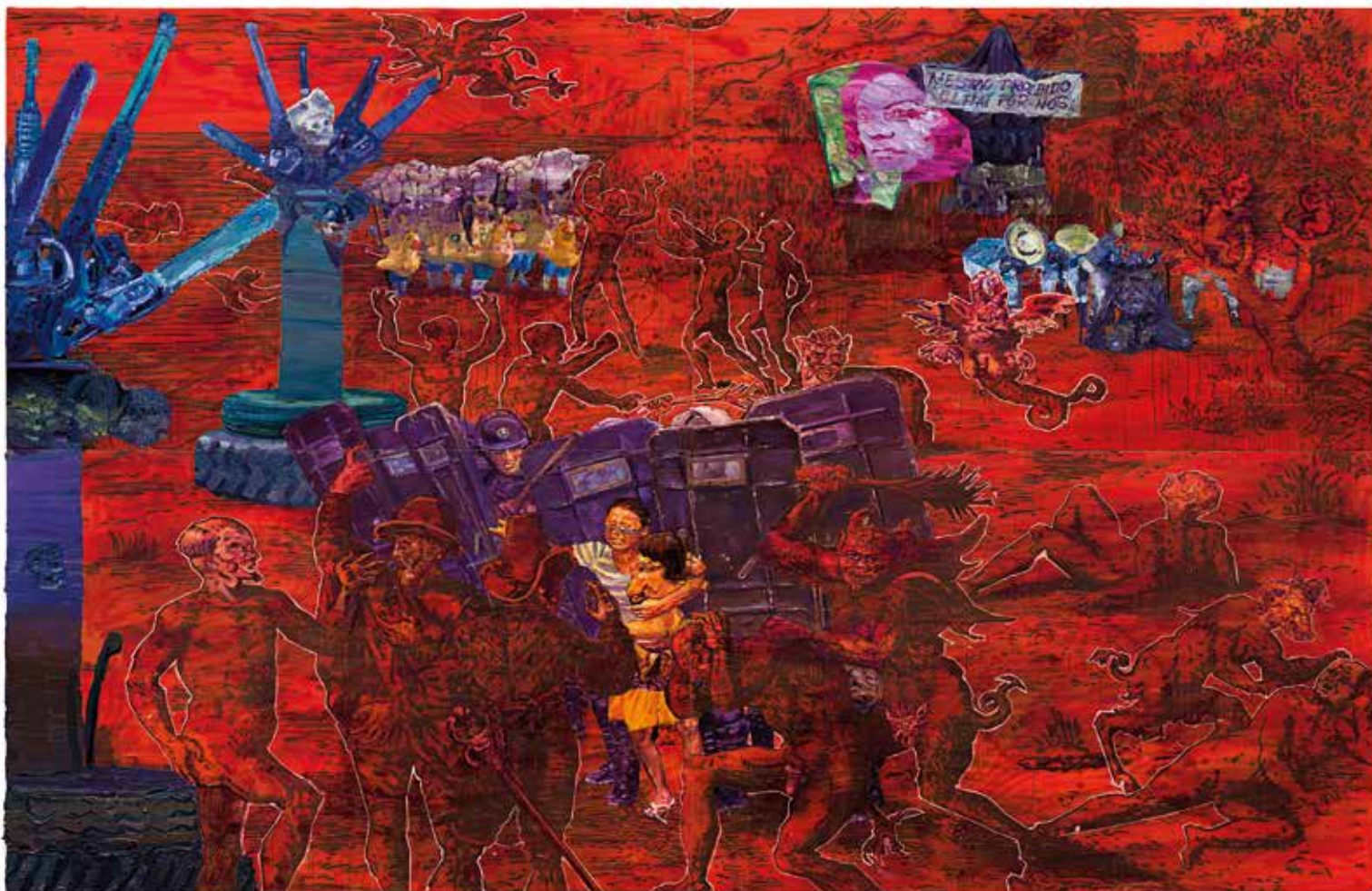
Born in Maranhão, Thiago Martins de Melo faces the dystopias resulting from the violence widely practiced in the Amazon and in Brazil as a whole. Dedicated to the defense of the natural heritage of the jungle and the protection of indigenous peoples, the riverside population and the quilombolas and other dispossessed people, Martins de Melo was involved in visual and political work with the Akroá-Gamella people, for which every action should be collectively decided. Kum'tum Akroá-Gamella, from Teia do Maranhão, explains that "an uprising is only possible when we get together. And Teia, I think about this experience of uniting peoples who are rising up, who rose up." The Akroá-Gamella people are the result of a complex social formation that brings together indigenous peoples of various ethnicities, quilombolas, riverside dwellers, mestizos and even dispossessed white people. It is a special case of the existence of a culture certified by the National Indian Foundation in its ethnic heterogeneity, but united by the right to territory, which was guaranteed by a 19th century document deposited in the National Library.



A partir da direita [From the right]:
Kakoth Akroá Gamella, Caw Creh Akroá
Gamella, Thiago Martins de Melo
e [and] Jaldo Akroá Gamella

Povo Akroá-Gamella

Desenhos sobre papel, produzido no projeto
Gamella Sumak Kawsay [Drawings on paper,
made at Gamella Sumak Kawsay project], 2016



Nas franjas maranhenses da Amazônia, Thiago Martins de Melo é ativista iracundo, ambientalista feroz, antropoêmico da dominação colonial, vomitando até a última gota da bílis da raiva social, gritador contra grileiro, investidor no mercado de fracassos da ética do capitalismo, cirurgião das vísceras expostas do canibalismo social brasileiro, negro de alma negra e do inconsciente moldado na negritude, afrodescendente de sangue fluente desde o *trato dos viventes* sequestrados, descolonizador na marra, utopista sem romantismo, tocador do tambor nagô de mina e de guitarra e baixo no ritmo do *riddim* do *reggae*; sendo “aquele que vem do calcanhar”, mira certeiro no calcanhar de Aquiles do poder, cafuzo por dentro e por fora, desafiador do silêncio do indizível, estrategista da linguagem pictórica, agenciador de

forças de levantes, esgrimista dos pincéis com cerdas de rastafári, fagocitador colérico da Ordem do Pai, vomitador de sapos históricos, caçador do *Homo homini lupus*, compositor da *Rapsódia Brasileira das Perversões e Perversidades* da história, em movimento sufocantemente prestíssimo nos filmes animados por mais de cinco mil desenhos, *animal symbolicum* enfurecido, transformador crítico do modo de ver o mundo, devastador do signo material da arte através de sua regência pelo materialismo histórico, destoador do coro dos contentes da direita, dialético a torto e à direita, paradoxal porque não veio amansar as contradições do mundo, élan vital da luta pela sobrevivência dos danados da Terra, armador de armadilhas aporéticas para os donos da verdade, argueiro ardente no olhar das boas almas. (Paulo Herkenhoff)

Thiago Martins de Melo

< Invasão de demônios a Pindorama, após Jean de Léry, Joãozinho Trinta, Tuiuti e Mangueira [The Demons Invade Pindorama, after Jean de Léry, Joãozinho Trinta, Tuiuti and Mangueira], 2019
Óleo sobre tela [Oil on canvas], 260 x 360 cm

> Moiras do Rio Preguiças [The Fates of Preguiças River], 2019

Óleo e tinta spray sobre tela, resina de poliéster e poliuretano [Oil and spray paint on canvas, polyester and polyurethane resin], 241 x 160 x 22,5 cm

On the fringes of the Amazon in Maranhão, Thiago Martins de Melo is an irate activist, a fierce environmentalist, an anthropoemic of colonial domination, spewing up to the last drop of the bile of social anger, a screamer against land grabbers, an investor in the market of failures of the ethics of capitalism, a surgeon of the exposed entrails of Brazilian social cannibalism, a black with a black soul and the unconscious molded in blackness, an Afro-descendant of fluent blood since the *tract of the kidnapped living*, a decolonizer by force, an utopian without romanticism, a player of the *Nagô* drum and of guitar and bass in the rhythm of the *riddim of reggae*; being “the one who comes from the heel,” he aims right at the Achilles’ heel of power, *cafuzo* inside and out, a defiant of the silence of the unspeakable, an strategist of pictorial language, an agent of uprising forces, a fencer from brushes with Rastafari bristles, a choleric phagocytator of the Order of the Father, a vomiter of historical frogs, a hunter of *Homo homini lupus*, composer of the *Brazilian Rhapsody of the Perversions and Perversities* of history, suffocatingly in fast motion of films animated by more than five thousand drawings, an enraged *animal symbolicum*, a critical transformer of the way we see the world, a destroyer of the material sign of art through its government by historical materialism, in discordance right-wing chorus of the contentment, dialectic left and right, paradoxical because he did not come to tame the contradictions of the world, the vital impulse in the fight for survival of the wretched of the Earth, a setter of aporetic traps for the owners of the truth, a burning mote in the eyes of good souls. (Paulo Herkenhoff)

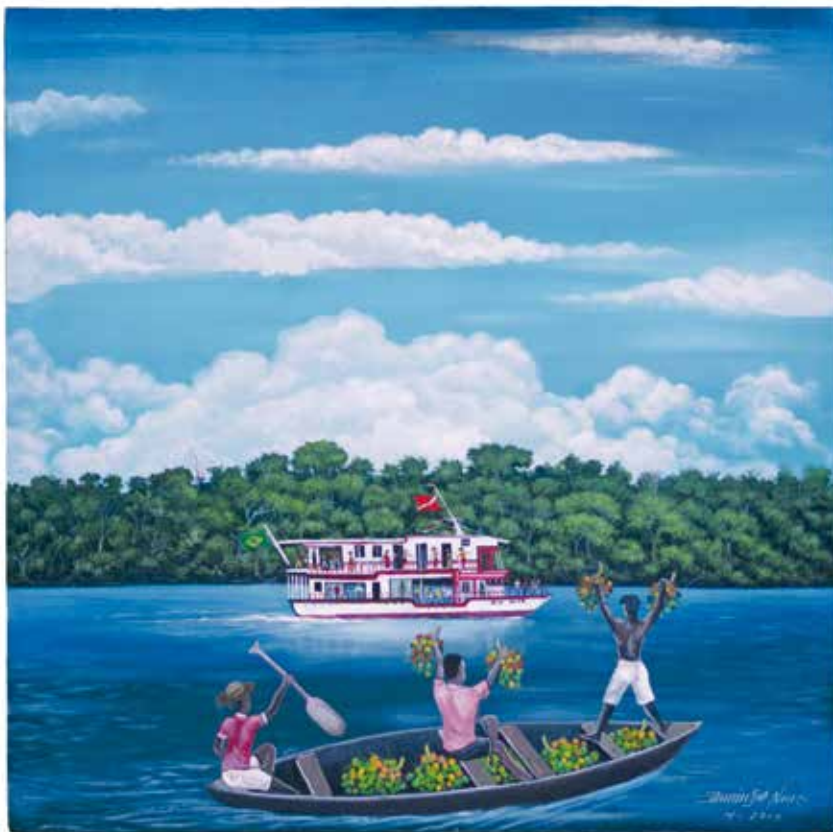


Domingos Nunes, eu sou um e sou muitos

Domingos Nunes (Marabá, 1950) é um artista praticamente autodidata da cor amazônica vernacular e do imaginário de Marabá, cidade no Pará situada no encontro dos rios Tocantins e Itacaiaúnas, afluentes do Amazonas, embora tenha tido uma breve passagem pelo ateliê de Pedro Morbach, um artista de recursos estéticos medianos, mas que tinha aguda consciência da história da região, do ponto de vista do materialismo histórico.

O extrativismo da região de Marabá, então dormente, foi violentamente sacudido na década de 1970 pela descoberta das grandes jazidas de minério de ferro na Serra dos Carajás (com 18 bilhões de toneladas de minério lavrável, constituindo-se na maior reserva do mundo em 2013). Também na região, há grandes depósitos de outros minerais. Natural de Marabá, Domingos Nunes assistiu a essas transformações econômicas da região e da cidade, mas pouco foi beneficiado pela economia predatória da natureza. Segundo historiadores, o crescimento desequilibrado e a frustração das expectativas resultaram numa cidade violenta. Marabá foi considerado o 22º município com maiores taxas de homicídio do Brasil.

Assim, orientado por Morbach, “seu” Domingos se tornou o cronista da economia coletora silvestre, do universo ribeirinho e urbano de Marabá. Em suma, Nunes é o artista da expressão simbólica da imemorial economia de subsistência, construída por um



desenho e pela cor ínsita do ponto de vista dos dominados e marginalizados na distribuição social da riqueza. Em sua arte, persiste o *modus vivendi* anterior, alheio ao progresso material da região. Em seu *corpus*, aparecem paisagens econômicas, como a da mulher ribeirinha a cuidar das criações de porcos, patos e galinhas (*Aqui na roça*) ou dos vendedores de frutas em barcos que oferecem seus produtos aos passageiros das gaiolas, nome dado às embarcações de passageiros populares na bacia do Amazonas, como na tela *Rio Mar*. Pintou os ditos “tipos” amazônicos, mas, na verdade, são emblemas do fator “trabalho” da região, como o castanheiro, o *Garimpeiro de diamante*, o seringueiro, o *Feirante* (como *A Feira*, de Tarsila do Amaral do período Pau-Brasil, representa frutas endógenas e exógenas da Amazônia e ingredientes da cozinha da região, como as garrafas de tucupi necessário ao tacacá), pescador, a *Quebradeira de babaçu*. Eu sou um, sou pintor, diz Domingos Nunes; eu sou o retratista da gente simples da Amazônia. (Paulo Herkenhoff)

Domingos Nunes
Rio Mar [*River sea*], 2020
Acrílico sobre tela [*Acrylic on canvas*],
50 × 70 cm

Domingos Nunes, I am one and I am many

Domingos Nunes (Marabá, 1950) is a practically self-taught artist of the vernacular Amazonian color and the imagery of Marabá, city in Pará situated at the confluence of the Tocantins and Itacaiúnas rivers, tributaries of the Amazon, although he had a brief period in Pedro Morbach's studio, an artist of ordinary aesthetic resources, but who was acutely aware of the history of the region from the point of view of historical materialism.

The then dormant extractivism of the Marabá region was violently shaken in the 1970s by the discovery of the large deposits of iron ore in the Serra dos Carajás (with 18 billion tons of minable ore, making it the largest reserve in the world in 2013). There are also large mineral deposits. A native of Marabá, Domingos Nunes witnessed these economic transformations in the region and in the city, but he benefited little from the predatory economy of nature. According to historians, unbalanced growth and frustrated expectations have resulted in a violent city. Marabá was considered the 22nd municipality with the highest homicide rates in Brazil.

Thus, guided by Morbach, "seu" Domingos became the chronicler of the wild collecting economy, of Marabá's riverside and urban universe. In short, Nunes is the artist of the symbolic expression of the immemorial subsistence economy, built by a design and by the inherent color from the point of view of the dominated and marginalized in the social distribution of wealth. In his art, the previous *modus vivendi* persists, oblivious to the region's material progress. In his *corpus*, economic landscapes appear, such as that of the riverside women taking care of the pig, duck, and chicken in a farm (*Aqui na roça* [Here in the countryside]) or of the fruit sellers on boats offering their products to passengers in the *gaiolas* [cages], the name given to the popular passenger boats in the Amazon basin, as in the *Rio Mar* [River sea] canvas. He painted the so-called "types" of the Amazon, but, in fact, they are emblems of the "work" factor of the region, such as the Brazilian tree, the



Garimpeiro de diamante [Diamond miner], the rubber tapper, the *Feirante* [Marketer] (such as Tarsila do Amaral's *A Feira* [The fair] from the *Pau-Brasil* period, represents endogenous and exogenous Amazonian fruits and ingredients from the region's cuisine, such as the bottles of *tucupi* needed for *tacacá*, the fisherman, the *Quebradeira de babaçu* [Babassu breaker]. I am one, I am a painter, says Domingos Nunes; I am the portraitist of the simple people of the Amazon. (Paulo Herkenhoff)

Domingos Nunes

Feirante [Marketer], 2020

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas], 70 x 100 cm
Coleção particular [Private collection], Rio de Janeiro

Aqui na roça [Here in the countryside], 2014

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas], 70 x 100 cm

Otoni Mesquita, *oferenda da floresta*⁶³

Como a própria floresta, que revela seus mistérios a poucos, a aparente simplicidade da obra de Otoni Mesquita esconde a profundidade de sua concepção. As diversas sementes (316, ao todo) são organizadas em 13 arcos em torno de uma semente de seringueira. Rebatidos num espelho, esses arcos formam uma espécie de mandala, visualmente deslumbrante – até por conta das pinturas e dos douramentos aplicados em muitas das sementes, o que acrescenta uma delicada harmonia de cores e texturas aos contrastes entre formatos naturais. A mandala, contudo, só existe como reflexo. Sua simetria sedutora é produto da avidez de nossos olhares. Vidrados na ilusão, deixamos de enxergar o verdadeiro tesouro à nossa frente. Nisso, reproduzimos o comportamento dos aventureiros que adentraram a Amazônia à procura do Eldorado e não tiveram olhos para enxergar a natureza que pisoteavam em sua sanha de extrair riquezas.

Não por acaso, *Oferenda da floresta* se segue, na obra de Otoni Mesquita, a uma série intitulada *Em busca do El Dorado* (2003-2013), que mistura técnicas de gravura, impressão e pintura com a incrustação de elementos como folhas, caramujos e fragmentos de pedra e metal. Segundo o relato do próprio artista, ele seguia “como um naturalista deslumbrado que vai coletando quase tudo que encontra no caminho e compulsivamente monta coleções de um mundo em risco” e acabou por se tornar “um Midas, dourando muitas coisas que encontrava”. Faz tempo que Otoni Mesquita exerce esse duplo ofício de colecionador e Midas. Em obra tão singular quanto vasta,

abrangendo três décadas de produção em variadas mídias e técnicas, o traço unificador é a atenção quase arqueológica aos fragmentos catados, classificados e transformados em arte por uma habilidade de manipulação que remete, metaforicamente, ao toque mágico do mítico rei da Frígia.

Tal qual o mito de Midas, a obra *Oferenda da floresta* encerra uma lição sobre o limite entre desejo e saciedade. O rei Midas, cabe lembrar, deleitou-se de início com o poder (dado pelo deus Dionísio) de transformar em ouro tudo o que tocava. Foi somente quando descobriu que a comida e a bebida também viravam ouro antes que pudessem saciar sua fome e sua sede que se arrependeu de ter pedido esse dom. Praticamente morrendo, rezou para que Dionísio o salvasse. O deus generoso consentiu e mandou que ele se lavasse em determinado rio, o qual absorveu o toque de ouro. A natureza, como a arte, está pronta para reabsorver o que extraímos dela e nos absolver de nossos devaneios, se apenas soubermos chegar com um olhar que reconheça o sentido verdadeiro de sua oferenda. (Rafael Cardoso)⁶⁴

*Otoni Mesquita, offering of the forest*⁶³

Like the forest itself, which reveals its mysteries to few, the apparent simplicity of Otoni Mesquita's work hides the depth of his conception. The various seeds (316, in all) are organized in 13 arches around a rubber tree seed. Reflected in a mirror, these arches form a kind of mandala, visually stunning – even on account of the paintings and gildings applied to many of the seeds, which adds a delicate harmony of colors and textures to the contrasts between natural shapes. However, the mandala exists only as a reflection. Its seductive symmetry is a product of the avidity of our gaze. Fascinated by the illusion, we fail to see the real treasure in front of us. In this, we reproduce the behavior of the adventurers who entered into the Amazon in search of the Eldorado and had no eyes to see the nature they were trampling on in their eagerness to extract resources.

It is not by chance that *Oferenda da floresta* [Offering of the forest], in Otoni Mesquita's work, follows a series entitled *Em busca do El Dorado* [In search of the El Dorado] (2003-2013), which mixes engraving, printing, and painting techniques with the inlay of elements such as leaves, snails and fragments of stone and metal. According to the artist's own account, he followed “like a dazzled



naturalist who goes about collecting almost everything he finds on the way and compulsively assembles collections of a world at risk” and eventually became “a Midas, gilding many things he found.” Otoni Mesquita has been practicing this double profession as a collector and a Midas for some time. In a work as singular as it is vast, spanning three decades of production in a variety of media and techniques, the unifying trait is an almost archaeological attention to the fragments collected, classified, and transformed into art by a skillful manipulation that refers, metaphorically, to the magic touch of the mythical king of Phrygia.

Like the myth of Midas, the work *Oferenda da floresta* contains a lesson about

the limit between desire and satiation. King Midas, it must be remembered, was delighted at first with the power (given by the god Dionysus) to turn everything he touched into gold. It was only when he discovered that food and drink also turned into gold before he could appease his hunger and quench his thirst that he regretted having asked for this gift. Practically dying, he prayed to Dionysus to save him. The generous god consented and ordered him to bathe himself in a certain river, which absorbed the touch of gold. Nature, like art, is ready to reabsorb what we extract from it and absolve us from our reveries if we only know how to reach out with a gaze that recognizes the true meaning of its offering. (Rafael Cardoso)⁶⁴

Otoni Mesquita

Oferenda da floresta [Offering of the forest], 2014
Instalação com objetos naturais (sementes),
pintura e douramento, dimensões variáveis
[Installation with natural objects (seeds), painting
and gilding, variable sizes]





Marcone Moreira: *Dádivas, natureza e mais valia*

A obra *Dádivas* (2017-2018), de Marcone Moreira, demonstra certa complexidade semântica desse objeto singular, pois se trata de uma lata de querosene de 900 mililitros da marca *Dragão*,⁶⁵ na qual são guardados cerca de 200 objetos individuais esculpidos (cada um, em média, com cinco centímetros de comprimento) na forma de amêndoas de babaçu. O babaçu é oleaginoso e comestível, do qual se extrai um óleo empregado na culinária, em remédios e cosméticos, bem como lubrificante, e hoje é pesquisado para o fabrico de biocombustíveis.

A primeira carga semântica é um traço biográfico do artista imbricado com a fitogeografia amazônica. Nascido na cidade de Pio XII, no Maranhão, (1982), Marcone Moreira vive em Marabá, no sudeste do estado do Pará, há muitos anos. *Dádivas* conecta a migração de sua família na Amazônia com a fitogeografia, já que a principal área de ocorrência da palmeira do babaçu é nas faixas de transição limítrofes da floresta latifoliada

equatorial, sendo encontrada sobretudo na Mata dos Cocais, no Maranhão e no Piauí, e no Pará.

O étimo *babaçu* provém do tupi *ywá-wasú* ou *wasá'su*. O babaçu (*Attalea speciosa* e outras espécies), fruto entalhado por Marcone Moreira, tem muitos nomes, como coco-de-palmeira, coco-naiá, coco-de-macaco, gebara-uçu, e pertence à família das palmeiras (*Arecaceae*). A pluralidade de seus nomes científicos – *Orbignya phalerata*, *Attalea speciosa*, *O. speciosa*, *O. martiana* e outros – causa problemas desde sua descrição inicial por Carl F. P. von Martius. Marcelo Mattos Cavallari e Marcos Miranda Toledo estudaram a confusão e optaram pelo nome *Attalea speciosa Mart. ex Spreng* para organizar a taxonomia do babaçu.⁶⁶ Marcone Moreira também opera com uma multiplicidade de signos materiais em *Dádivas*. Ele lavra as amêndoas de babaçu em várias madeiras da Amazônia: acapu (*Vouacapoua americana* Aubl.), angelim pedra (*Dinizia excelsa* Ducke), angelim vermelho (*Dinizia excelsa*), maçaranduba (*Manilkara bidentata*,



roxinho (*Peltogyne angustiflora*), tatajuba (*Bagassa guianensis* Aubl.) e jatobá (*Hymenaea courbaril*). As sementes sem qualquer retoque na superfície viram uma paleta de madeiras em variações cromáticas. Cada fruto se individualiza. Moreira é escultor da madeira e designer de móveis, sempre explorando ora a origem natural, ora a proveniência de tábuas descartadas depois de longo uso.

A gênese de Marcone Moreira sobre as possibilidades expressivas da madeira em estado natural (*Dádivas*) leva ao Frans Krajcberg dos troncos das queimadas e dos manguezais e a seu grito pela natureza. As velhas tábuas com vestígios da história de Minas Gerais arcaica nos relevos de Celso Renato antecedem Marcone Moreira, que regatava madeiras “moribundas”, exaustas pelo uso na Amazônia, como os restos de barcos (*Margem*, 2006) e de carroceria decorada de caminhões (*Fêmea*, 2005), os dois meios de transporte mais populares na Amazônia. Essa madeira, de Krajcberg a Moreira, é uma espécie de *Nachleben* da arte do Brasil, uma sobrevivência produtiva da forma antiga na história no modelo historiográfico de Aby Warburg.⁶⁷ Enquanto em Krajcberg está a natureza sofrente e em Celso Renato, a memória social, Marcone Moreira convoca os fantasmas dos vestígios do labor humano investidos em sua matéria da arte.

Dádivas já se aproxima agora do fator de produção trabalho. Para extrair e abrir o babaçu, as “quebradeiras de coco” usam machado e um porrete de madeira – a profissão é feminina. Em *Tipos e aspectos do Brasil* (IBGE, 1938), Percy Lau desenhou a prancha *Babaçuais*, que demonstra o trabalho das mulheres.⁶⁸ Ao adotar a





Marcone Moreira: *Dádivas* [Gifts], nature, and surplus value

The work *Dádivas* (2017-2018), by Marcone Moreira, demonstrates a certain semantic complexity of this singular object, since it is a 900 ml can of kerosene from the *Dragão*⁶⁵ brand, where about 200 individual sculpted objects (each, on average, five centimeters long) are kept in the form of babassu almonds. The babassu is oleaginous and edible, from which an oil is extracted that is used in cooking, in medicines and cosmetics, as well as a lubricant, and is now being researched for the production of biofuels.

The first semantic charge is a biographical trace of the artist imbricated with the Amazon phytogeography. Born in the city of Pio XII, Maranhão, (1982), Marcone Moreira has lived in Marabá, in the southeast of the state of Pará, for many years. *Dádivas* connects the migration of his family in the Amazon with phytogeography,

since the main area of occurrence of the babassu palm is in the transition zones bordering the equatorial broadleaf forest, being found mostly in the Mata dos Cocais in Maranhão and Piauí, and in Pará.

The etymology of the word *babassu* comes from the Tupi *ywá-wasú* or *wasá'su*. The babassu (*Attalea speciosa* and other species), the fruit carved by Marcone Moreira, has many names, such as coco-de-palmeira, coco-naiá, coco-de-macaco, gebara-uçu, and it belongs to the palm family (*Arecaceae*). The plurality of their scientific names – *Orbignya phalerata*, *Attalea speciosa*, *O. speciosa*, *O. martiana* and others – causes problems since their initial description by Carl F. P. von Martius. Marcelo Mattos Cavallari and Marcos Miranda Toledo studied the confusion and chose the name *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng to organize babassu taxonomy.⁶⁶ Marcone Moreira also operates with a multiplicity of material

signs in *Dádivas*. He carves the babassu almonds out of various Amazonian woods: acapu (*Vouacapoua americana* Aubl.), angelim pedra (*Dinizia excelsa* Ducke), angelim vermelho (*Dinizia excelsa*), maçaranduba (*Manilkara bidentata*), roxinho (*Peltogyne angustiflora*), tatajuba (*Bagassa guianensis* Aubl.) and jatobá (*Hymenaea courbaril*). The seeds without any surface refinement turn into a palette of woods in chromatic variations. Each fruit is individualized. Moreira is a wood sculptor and furniture designer, always exploring at times the natural origins, at other times the provenance of discarded boards after long use.

The genesis of Marcone Moreira on the expressive possibilities of wood in its natural state (*Dádivas*) leads to the Frans Krajcberg of the logs from the burnings and mangroves and his cry for nature. The old boards with traces of the history

Marcone Moreira

Dádivas, 2017/2018

Madeira esculpida e lata de metal

[Wood sculpted and metal can], 21 × 50 × 50 cm



Marccone Moreira

Série Cruzamentos, 2020

Madeira de carroceria e parafuso, 125 × 125 cm

of archaic Minas Gerais in Celso Renato's reliefs precede Marccone Moreira, who rescued "dying" wood, exhausted by use in the Amazon, such as the remains of boats (*Margem* [Riverside], 2006) and decorated truck bodies (*Fêmea* [Female], 2005), the two most popular means of transportation in the Amazon. This wood, from Krajcberg to Moreira, is a kind of *Nachleben* of Brazilian art, a productive survival of the ancient form in history in Aby Warburg's historiographical model.⁶⁷ While in Krajcberg there is a suffering nature and in Celso Renato, a social memory, Marccone Moreira summons the ghosts of the vestiges of human labor invested in the matter of his art.

Dádivas has now come close to the labor factor of production. To extract and open the babassu, the "babassu breakers" use an axe and a wooden club – it is a profession for women. In *Tipos e aspectos do Brasil* (IBGE, 1938), Percy Lau designed the board *Babaçuais*, which shows the labor of women.⁶⁸ By adopting Michelangelo's position of seeking the form within the block to be sculpted, Marccone Moreira transgresses the gendered division of labor. Each babassu almond that he "opens" results in a singular sculpture, which brings us back to philosophical questions from Deleuze's axis of repetition and difference. Neither could we evaluate them as small sculptures. It is simply necessary to consider them made in exact dimensions, since there is a

fairness with the natural size of the almonds. The two hundred hyper-real objects are kept in a receptacle of effective current and customary use.

Careful of the authenticity of the material sign of its production, the rusted can of *Dádivas* was acquired from a breaker because it is the metrological instrument for calculating the quantity of broken almonds and defining its value. The material in this can has a pop like a fragment of a sculpture by Edward Kienholz or a painting by Antonio Berni. In the *Juanito Laguna* series, Berni nails crushed cans to address the abyss between poverty and conspicuous consumer society. In this rudimentary trade in the interior of the Amazon and in the semiarid region of the Northeast, primitive capitalism is, consequently, the bare life.⁶⁹ The measurement of broken almonds is made through these cans for payment for labour under a quasi-slavery regime. If, in the market, the exchange value never announces the parcel of labor in its formation through a strategy of concealment of surplus value, Marccone Moreira leaves it in plain view with *Dádivas*. The term "Gift" then becomes ambivalent, as it indicates the gift of nature and the surplus value of the labor of the breaker appropriated by the middleman in the market. This is the main ethical point of this work by Marccone Moreira. (Paulo Herkenhoff)

posição de Michelangelo de buscar a forma no interior do bloco a esculpir, Marccone Moreira transpassa a divisão do trabalho por gênero. Cada amêndoa de babaçu por ele aberta resulta numa escultura singular, que nos remete a questões filosóficas do eixo de repetição e diferença de Deleuze. Tampouco poderíamos avaliá-las como pequenas esculturas. Simplesmente há que se considerá-las realizadas em dimensões exatas, posto que existe justeza com o tamanho natural das amêndoas. Os duzentos objetos hiper-reais são guardados num receptáculo de efetivo uso corrente e costumeiro.

Cioso da autenticidade do signo material de sua produção, a lata enferrujada de *Dádivas* foi adquirida de uma quebradeira porque é o instrumento metroológico para calcular a quantidade de amêndoas quebradas e definir seu valor. A matéria dessa lata tem uma presença *pop* como um fragmento de uma escultura de Edward Kienholz ou de uma pintura de Antonio Berni. Na série *Juanito Laguna*, Berni prega latas amassadas para tratar do abismo entre pobreza e sociedade de consumo conspícuo. Nesse comércio rudimentar no interior da Amazônia e no semiárido do Nordeste, o capitalismo primitivo é, conseqüentemente, a vida nua.⁶⁹ A medição das amêndoas quebradas é feita através dessas latas para pagamento pelo trabalho sob regime de quase escravidão. Se, no mercado, o valor de troca nunca anuncia a parcela do trabalho em sua formação por estratégia de escamoteamento da mais-valia, Marccone Moreira o deixa à vista com *Dádivas*. "Dádiva" torna-se, então, um termo ambivalente, pois indica o dom da natureza e a mais-valia do trabalho da quebradeira apropriada pelo atravessador no mercado. Esse é o principal ponto ético dessa obra de Marccone Moreira. (Paulo Herkenhoff)

Labverde e o programa internacional de arte, ciência e ecologia em Manaus



Envolvendo arte, ciência e ecologia, o Labverde, Programa de Imersão Artística na Amazônia, realiza a experiência em diferentes escalas e perspectivas da floresta tropical. O projeto ocorre perto de Manaus, explorando reservas ecológicas e visitando zonas florestais impactadas para reconhecer e narrar a natureza, na tentativa de criar novas formas de existir e interagir com o ambiente natural, além de especular sobre possíveis futuros.⁷⁰ O Labverde promove imersões na floresta para artistas produzirem conteúdos culturais sobre o meio ambiente; possui uma estação experimental flutuante, num barco com infraestrutura para pesquisa e acesso às comunidades ribeirinhas e aos ecossistemas aquáticos; e promove o encontro com os pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.⁷¹

Lilian Fraiji do Labverde afirmou que a floresta mudou drasticamente nos últimos anos, mas tem esperança nas possibilidades da arte de regenerar os igarapés poluídos de Manaus: “comecei a me perguntar: como eu poderia trabalhar as questões ambientais de uma cidade que está imersa na maior floresta tropical do mundo?”. Fraiji agrega que “os projetos são inspirados pela teoria e pela prática; pela razão e emoção”, pois “a imersão e troca de energias com formas de vida não humanas pode ser uma parte importante do processo artístico”, explicou. Desde 2013, já foram realizadas oito edições do Labverde, com 105 artistas de 36 países. (Paulo Herkenhoff)

Labverde and the international art, science and ecology program in Manaus

Involving art, science and ecology, Labverde, the Amazonian Artistic Immersion Program, carries out the experience in different scales and perspectives of the tropical forest. The project takes place near Manaus, exploring ecological reserves and visiting impacted forest areas to recognize and narrate nature, in an attempt to create new ways of existing and interacting with the natural environment, as well as speculating about possible futures.⁷⁰ Labverde promotes immersions in the forest for artists to produce cultural content about the environment; it has a floating experimental station, on a boat with infrastructure for research and access to riverside communities

and aquatic ecosystems; and promotes the meeting with researchers from the Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia [National Institute for Research in the Amazon].⁷¹

Lilian Fraiji from Labverde stated that the forest has changed drastically in recent years, but she is hopeful about the possibilities of art to regenerate the polluted streams of Manaus: “I have started to ask myself: how could I work on the environmental issues of a city that is immersed in the largest tropical forest in the world?”. Fraiji adds that “the projects are inspired by theory and practice; by reason and emotion”, because “immersion and exchange of energies with non-human life forms can be an important part of the artistic process”, she explained. Since 2013, eight editions of Labverde have been held, with 105 artists from 36 countries. (Paulo Herkenhoff)

Claudia Tavares

Redes para aranhas, folhas e afins

[Spider nets, leaves and stuff]

Linha de algodão entre troncos e galhos de árvores

[Cotton thread between tree trunks and branches]

Residência LabVerde [LabVerde Residence], 2018

Guy Veloso – o religamento amazônico da religiosidade plural no Brasil

A câmera orante de Guy Veloso constitui uma grande angular periscópica sobre a geografia das religiões do Brasil. Seu foco histórico ainda em expansão, depois de três décadas em busca do sagrado, constituiu uma fotografia hierofânica, a seu modo um instrumento da “revelação”.⁷² Ele começou a fotografar no final da década de 1980 com uma câmera analógica, portanto cabe aqui correlacionar revelar (o filme) com a *revelação* do mistério salvífico de Deus. A mente de Guy Veloso é religiosa sincrética. Possui ascendência tanto portuguesa católica quanto judaica de origem sefardita.⁷³ Sua lente é fervorosamente envolvida com o Círio de Nazaré, em Belém, segue diversos grupos de Penitentes no Nordeste, frequenta os terreiros afro-amazônicos dos caboclos oriundos da grande floresta, investiga a Doutrina do Vale do Amanhecer. Ela captura os mesmos átimos transitórios do transe de um evangélico ou de um umbandista; a vela, o halo, o fogaréu, o fervor de qualquer fé, pois o trabalho de Guy Veloso não tem função catequética, não busca ação persuasiva nem opera por proselitismo. No entanto, sua arte não é religião, no sentido de que pode ser a administração codificada do sagrado. Veloso compreende que seu olhar se debruça sobre o Princípio Uno, o Absoluto Ser, a Causa sem Causa e o Incognoscível, modos como Deus é considerado por H. P. Blavatsky.⁷⁴ Nesse ponto, cabe saber que Jacques Derrida discutiu duas hipóteses de fontes semânticas do termo *religio* no latim. A primeira é *relegere, legere* (*cueillir, rassembler*, em francês, *colher* ou *reunir*, em português), na tradição segundo Cícero, que subsiste até Benveniste. A segunda é a mais conhecida *religare* ou *ligar, religar*.⁷⁵ Ainda para Derrida, é possível orar sem precisar compreender a língua.⁷⁶



Guy Veloso é um artista ecumênico. Sabe que cada manifestação do sagrado pede uma aproximação singular e respeitosa, com as devidas autorizações. Independentemente de uma posição interior pessoal sobre o divino, seu olhar não é teológico nem defende a verdade de uma religião sobre as demais, não sendo, por exemplo, cristocêntrico.

Em termos sintéticos, o imaginário de Guy Veloso está ancorado em duas vertentes. No campo da filosofia das religiões, sua arte opera nos paradigmas de *O sagrado e o profano*, de Mircea Eliade,⁷⁷ e de *O homem e o sagrado*, de Roger Caillois.⁷⁸ No âmbito da cultura modernista brasileira, Veloso presta atenção no *Manifesto da poesia pau-brasil* (1924), de Oswald de Andrade: “O Carnaval do Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica”.

Na adesão ao acontecimento religioso da raça, Guy Veloso é adepto fervoroso, sócio e fotógrafo incansável da escola de samba Portela, agremiação que desfilou pela primeira vez no Carnaval de 1924,⁷⁹ ano em que Oswald de Andrade e Tarsila vieram assistir ao “Carnaval do Rio”. Ela pintou a tela *Carnaval em Madureira* (1924), nas cercanias do subúrbio de Oswaldo Cruz e da Estrada do Portela.

Como na Santa Teresa de Bernini, na igreja de Santa Maria della Vittoria, em Roma, o alvo maior de Guy Veloso – o êxtase – está na umbanda, nas romarias, no culto pentecostal, no Carnaval, nos Penitentes, na procissão do Círio de Nazaré, como um traço em comum em estados de excitação extrema. Em seu imaginário, o profano e o sagrado se contagiam profusamente.

Cogite-se da hipótese de que a *oeuvre* de Guy Veloso se constitua numa teosofia própria, que marcou tantos artistas na

Guy Veloso

Terreiro de Mina Rei Sebastião e Toya Jarina, Belém – PA
e Praça Serzedelo Correia, Rio de Janeiro – RJ

[Umbanda meeting place of King Sebastian na Toya Jarina,
Belém – PA and Serzedelo Correia Square, Rio de Janeiro – RJ], 2011

Fotografia [Photograph]



Guy Veloso – the Amazonian reconnection of plural religiosity in Brazil

Guy Veloso's praying camera provides a periscopic wide-angle view of the geography of religions in Brazil. Its still expanding historical focus, after three decades in search of the sacred, has provided a hierophantic photograph, in its own way an instrument of Revelation.⁷² He began photographing in the late 1980s with an analog camera, so it is appropriate here to correlate *developing* (the film) with the *Revelation* of the salvific mystery of God. Guy Veloso's mind is religiously syncretic. He is of both Portuguese Catholic and Jewish Sephardic descent.⁷³ His lens is fervently involved with the Cirio de Nazaré in Belém, he follows several groups of Penitents in the Northeast, frequents the Afro-Amazonian terreiros of the caboclos from the great forest, investigates the Vale do Amanhecer [Dawn Valley] Doctrine. It captures the same transitory moments of the trance of an evangelical or of an umbandist; the candle, the halo, the fire, the fervor of any faith; since Guy Veloso's work has no catechetical function, it does not seek persuasive

action, nor does it operate for proselytism. However, his art is not religion, in the sense that it may be the codified administration of the sacred. Veloso understands that his gaze focuses on the *Princípio Uno* [One Principle], the *Absoluto Ser* [Absolute Being], the *Causa sem Causa* [Uncaused Cause], and the *Incognosável* [Unknowable], ways in which God is understood by H. P. Blavatsky.⁷⁴ At this point it is worth knowing that Jacques Derrida discussed two hypothetical semantic sources of the Latin term *religio*. The first is *relegere, legere* (cueillir, rassembler in French, *colher* [collect] or *reunir* [reunite] in Portuguese), in the tradition according to Cicero, which remains until Benveniste. The second is the more widely known *religare* or *to connect, to reconnect*.⁷⁵ Still for Derrida, "one can pray without understanding the words."⁷⁶

Guy Veloso is an ecumenical artist. Guy Veloso knows that each manifestation of the sacred calls for a singular and respectful approach, with the required authorization. Regardless of a personal inner position on the divine, his gaze is neither theological nor does it defend the truth of one religion over the others, not being, for instance, Christocentric.

In synthetic terms, Guy Veloso's imagery is anchored in two strands. In the field of the philosophy of religions, his art operates on the paradigms of Mircea Eliade's⁷⁷ *The Sacred and Profane* and Roger Caillois' *Man and the Sacred*.⁷⁸ In the context of Brazilian modernist culture, Veloso pays attention to Oswald de Andrade's *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* [Manifesto of the Pau-Brasil Poetry] (1924): "The Rio Carnival is the religious event of the race. Pau-Brasil. Wagner submerges in front of the carnival revellers of Botafogo. Barbaric and our own. The rich ethnic formation". In adhering to the religious event of the race, Guy Veloso is a fervent supporter, partner and tireless photographer of the Portela samba school, a group that first paraded in the carnival of 1924,⁷⁹ the year that Oswald de Andrade and Tarsila came to watch the "Rio carnival". She painted the canvas *Carnaval em Madureira* [Carnival in Madureira] (1924), in the vicinity of the suburb of Oswaldo Cruz and Estrada do Portela.

Like Bernini's Santa Teresa in the church of Santa Maria della Vittoria in Rome, Guy Veloso's major target – ecstasy – is in Umbanda, in the pilgrimages, in the Pentecostal cult, in the carnival, in the Penitents, in the Cirio de Nazaré procession as a common trait in states of extreme excitement. In his imagery, the profane and the sacred are deeply interwoven.

It is hypothesized that Guy Veloso's *oeuvre* constitutes a theosophy of its own, which has marked so many artists in modern times, from Wassily Kandinsky, Kasimir Malevitch, Michael Matyushin, and Piet Mondrian in Europe to the Amazonian Manoel Santiago in Brazil. However, D. G. Kononov worked on the extreme ecstasies in *Religionsny eksatz* (1908).⁸⁰ Throughout the book *Concerning the Spiritual in Art and Painting in Particular* (1908), Kandinsky takes into consideration many principles and ideas from Theosophy. Veloso read *The Esoteric Character of the Gospels*, the Theosophist Helena Blavatsky and Alan Kardec, the codifier of spiritism. His interest in the



modernidade, de Wassily Kandinsky, Kasimir Malevitch, Michael Matyushin e Piet Mondrian, na Europa, ao amazonense Manoel Santiago, no Brasil. No entanto, D. G. Konovalov trabalhou sobre os êxtases extremos em *Religosnyi eksatz* (1908).⁸⁰ Ao longo do livro *Do espiritual na arte – e na pintura em particular* (1908), Kandinsky cogita muitos princípios e ideias da Teosofia. Veloso leu *Evangelhos apócrifos*, a teosofista Helena Blavatsky e Allan Kardec, o doutrinador do Espiritismo. Seu interesse nos Penitentes nordestinos remete a seus similares, os Flagelantes, que a antropologia e o governo russos haviam “sepultado” no século XIX.

O Vale do Amanhecer é o complexo arquitetônico de uma religião espiritualista cristã, que inclui ainda elementos do hinduísmo, judaísmo, elementos da religião inca e do Egito antigo. Foi instituída em 1969, pela médium clarividente Tia Neiva durante a construção de Brasília e logo atraiu uma multidão de migrantes esperançosos por uma vida melhor. O olhar de Guy Veloso conduz o espectador pelos cultos (caracterizados pelas roupas usadas nos rituais, que seguem funções e hierarquias) e pelas cerimônias entre as edificações delirantes, que alguns classificam como *kitsch* com certo gosto vernacular. Veloso desnuda o quão distintas são da arquitetura oficial, moderna, purista e sensual de Oscar

Niemeyer. Os valores espirituais estão reunidos na Doutrina do Amanhecer que bem combina com o lema *Brasília, capital da esperança*, como se consagrou no governo social-democrata de Juscelino Kubitschek.

Guy Veloso documentou o Santo Daime, a cerimônia com a ayahuasca, originária dos indígenas da Floresta Amazônica, que propicia experiências extáticas das mirações. O Tambor de Mina, praticado no Maranhão, é a religião de origem africana mais disseminada na região, estendendo-se ao Piauí, Pará e Amazonas. Segundo Veloso, encantaram-se algumas entidades como Cobra Norato, Dona Mariana e Rei Dom Sebastião de Portugal, sobre o qual ele fez um ensaio. O trânsito de Guy Veloso em visita ou a trabalho pelos terreiros é intenso, sendo cerca de 15 em Belém e na zona metropolitana, como o Ile Aşé Aga Aro Níle, de Pai Walmir da Luz Fernandes, frequentado pela artista Edivânia Câmara Iyatundé. Ativista político, ele empresta suas lentes em prol do respeito inter-religioso.⁸¹ Sua investigação nesse campo começou em 2010, com a dança dos Orixás. Ele diz que seguiu a emoção dos borrões e cores multissaturadas, que interpretavam o transe. Muito desse olhar íntimo com as entidades está na captura do transe dos Exus no dia de Bartolomeu na Casa de Mãe Linda, em Belém, quando sete melancias foram jogadas no chão como prenúncio de prosperidade. O olhar afro de Guy se firma

na linhagem de Rubem Valentim e de Mario Cravo Neto. Como Valentim, o programa ético de Veloso se recusa a tomar as religiões afro-brasileiras como curandeirismo, superstição, folclore, curiosidade ou exotismo. Ambos afirmam uma axiologia afro-brasileira, como as demais religiões.

O diapasão do *corpus* cosmogênico de Guy Veloso ocupa territórios como paisagem e biomas sob a égide da origem cosmológica. Ele entende das disjunções entre religião e ciência, das contradições advindas da diversidade entre e intra-religiões, pois, como aponta um resumo ético de Mary Evelyn Tucker e John A. Grim sobre essas questões, na ecologia sagrada, a humanidade não é a vanguarda.⁸² A aproximação metodológica polissêmica de Guy Veloso orienta uma incansável busca pelo sagrado, cujo processo se desenrola como um cortejo de estados e experiências: ações simbióticas, catarse coletiva, consagração, epifania, expiação, êxtase, hierofania, iluminação, incorporações, miração, partilha, possessão mística, procissão, recebimento dos orixás, redenção, revelação, sacrifício, sacudimento, sincretização, transe, transverberação... Toda manifestação vital tem lugar graças à fecundidade da Terra, afirma Eliade; logo, a tarefa de Guy Veloso é buscar o lugar das religiões pensadas como “solidariedade cosmiobiológica”.⁸³ (Paulo Herkenhoff)

northeastern Penitents harks back to their counterparts, the Flagellants, whom Russian anthropology and government had “buried” in the 19th century.

Vale do Amanhecer is the architectural complex of a Christian spiritualist religion, which also includes elements of Hinduism, Judaism, Inca culture, and ancient Egypt. It was established in 1969 by the clairvoyant medium Tia Neiva during the construction of Brasília and soon attracted a crowd of migrants hoping for a better life. Guy Veloso’s gaze leads the viewer through the cults (characterized by ritual clothing, which follow functions and hierarchies) and the ceremonies among the delirious buildings, which some classify as *kitsch* with a certain vernacular taste. Veloso lays bare how distinct they are from Oscar Niemeyer’s official, modern, purist, and sensual architecture. The spiritual values are brought together in the Dawn Doctrine that is well combined with the motto *Brasília, capital of hope*, as enshrined in the social-democratic government of Juscelino Kubitschek.

Guy Veloso photographed the Santo Daime, the ceremony with ayahuasca, originally from the indigenous people of the Amazon rainforest, which provides

ecstatic experiences of mirages. The Tambor de Mina, practiced in Maranhão, is the most widespread religion of African origin in the region, extending to Piauí, Pará, and Amazonas. According to Veloso, some entities such as Cobra Norato, Dona Marina and King Dom Sebastião of Portugal were charmed, about which he made an essay. Guy Veloso’s transit through the *terreiros* is intense, with around 15 in Belém and in the metropolitan area, such as the Ile Açé Aga Aro Níle, belonging to Pai Walmir da Luz Fernandes, often visited by the artist Edivânia Câmara Iyatundé. Political activist, he lends his lenses in favor of inter-religious respect.⁸¹ His investigation in this field began in 2010, with the dance of the Orixás. He says he followed the emotion of blurs and multi-saturated colors that interpreted trance. Much of this intimate look with the entities is in the capture of the Exus trance on the day of São Bartolomeu, in Belém, when seven watermelons were thrown on the ground as a harbinger of prosperity. Guy’s afro gaze is based on the lineage of Rubem Valentim and Mario Cravo Neto. Like Valentim, Veloso’s ethical program refuses to take Afro-Brazilian religions

as charlatanism, superstition, folklore, curiosity or exoticism. They both claim an Afro-Brazilian axiology, like all the other religions.

The tuning fork of Guy Veloso’s cosmogenic *corpus* occupies territories such as landscape and biomes under the aegis of cosmological origin. He understands the disjunctions between religion and science, the contradictions arising from diversity between and within religions, for, as Mary Evelyn Tucker and John A. Grim’s ethical summary of these issues points out, in sacred ecology, humanity is not the vanguard.⁸² Guy Veloso’s polysemic methodological approach guides a relentless search for the sacred, whose process unfolds as a procession of states and experiences: symbiotic actions, collective catharsis, consecration, epiphany, expiation, ecstasy, hierophany, enlightenment, incorporations, mirages, sharing, mystical possession, procession, receiving the orixás, redemption, revelation, sacrifice, shaking, syncretization, trance, transverberation... Every vital manifestation takes place thanks to the fecundity of the Earth, states Eliade; hence, Guy Veloso’s task is to seek the place of religions thought of as “cosmobiological solidarity.”⁸³ (Paulo Herkenhoff)



Guy Veloso

< Cordão de Penitentes “Detrás da Banca”, Juazeiro, Bahia
[Cord of Penitents “Behind the Stand”, Juazeiro – BA], 2005

> Vale do Amanhecer, Goiás [Dawn Valley – GO], 2015

>> Círio de Nossa Senhora de Nazaré, Belém, Pará
[Círio [candle] of Our Lady of Nazareth, Belém – PA], 2004

Fotografia [Photograph]

Dirceu Maués: trânsito e transe da luz da Amazônia a Paris



Dirceu Maués agencia a fotografia como cartografia de lugares em trânsito: porto, mercado, rua, água de Belém a cidades europeias. Para produzir o vídeo *...feito poeira ao vento...* (2006) no mercado Ver-o-Peso, em Belém, usou 991 negativos em câmeras *pinhole*. A cada tomada, ele moveu o olhar para um lado, até perfazer o giro de 360 graus.⁸⁴ O olhar se esculpe em plasticidade do *tempo em círculo* por montagem e síncope. Tal tempo circular surge por vocação analemática.⁸⁵ A dimensão do sol encontra vínculos com o cotidiano. Imóvel, o círculo parece girar em torno do olho do espectador no curso do tempo construído (ao perceber a órbita do sol e do giro de seu olho-câmera), que é contínuo, sequencial e fraturado, como num filme semelhante à *imaginação do aparelho* tratada por Vilém Flusser na *Filosofia da caixa-preta*.

O acesso ao *hardware* da fotografia não está interdito a Maués – construir sua câmera abre possibilidades, diz ele. Todo salto ou interrupção é convertido, por táticas antinômicas, em fluência. O foco na série *Extremo horizonte* (2011) é o espaço urbano, não lugares específicos. Brasília o instigou pela vastidão urbana.⁸⁶ Maués ainda fotografou o Rio, São Paulo, Belém, Salvador, Recife, Goiânia, Fortaleza, Paris e cidades holandesas. Seu *ethos* extrai potência da limitação ótica da câmera *pinhole*, da Lomo (*toy cameras*) e de outros dispositivos tecnologicamente

ultrapassados para a construção da poética do precário. Maués diminuiu o tamanho da janela interna de captação da imagem, a qual se projeta internamente sobre uma fenda de 0,5 cm. Ao abrir o obturador (protetor do furo de agulha contra a entrada de luz na câmera), a imagem vai se projetando sobre o filme, ele vai passando o filme e movendo a câmera lateralmente, de modo lento, intuitivo. A sincronização dos movimentos determina o *quantum* de luz a que o filme se expõe, sob a ação da luz solar (dias nublados pedem mais lentidão; ensolarados, mais rapidez). Projetando-se sobre o filme, a imagem *varre* o horizonte, como um escaneamento. A magia das cidades de Dirceu Maués advém da dinâmica da vida, da vertigem de seus movimentos, do alargamento e da compressão do lugar, do transe da luz. (Paulo Herkenhoff)

Dirceu Maués

< ...feito poeira ao vento...

[...like dust in the wind...], 2006

Vídeo com sequência de imagens fotográficas captadas com câmeras *pinhole* artesanais, feitas de caixas de fósforo [Video with photographic images taken with *pinhole* cameras made of matchboxes], 3' 30"

> Série *Extremo horizonte* [Far horizon]

(Belém, Rio de Janeiro, Paris), 2012-2013

Fotografia *pinhole* [Pinhole photograph]



Dirceu Maués: transit and trance of light from the Amazon to Paris

Dirceu Maués manages photography as a cartography of places in transit: port, market, street, water from Belém to European cities. To produce the video *...feito poeira ao vento...* [like dust in the wind] (2006) in the Ver-o-Peso market, in Belém, he used 991 negatives on *pinhole* cameras. At each take, he moved his look to one side, until he made a 360-degree turn.⁸⁴ The look is sculpted in the plasticity of *time in a circle* by montage and syncope. Such circular time arises by analemmatic vocation.⁸⁵ The sun dimension finds links to everyday life. Unmoving, the circle seems to rotate around the spectator's eye in the course of constructed time (by perceiving the sun's orbit and the rotation of his camera-eye),

which is continuous, sequential, and fractured, as in a film similar to the *imagination of the apparatus* dealt with by Vilém Flusser in the *Philosophy of the Black Box*.

Access to the *hardware* of photography is not interdicted to Maués—making his own camera opens up possibilities, he says. Every jump or interruption is converted, by antinomic tactics, into fluency. The focus in the *Extremo Horizonte* [Extreme Horizon] (2011) series is the urban space, not specific places. Brasília instigated him because of its urban vastness.⁸⁶ Maués also photographed Rio, São Paulo, Belém, Salvador, Recife, Goiânia, Fortaleza, Paris and Dutch cities. His *ethos* draws power from the optical limitation of the *pinhole* camera, the Lomo (*toy cameras*) and other technologically outdated devices to construct the poetics of

the precarious. Maués reduced the size of the internal image capture window, which projects internally over a 0.5 cm slit. As he opens the shutter (the needle-hole protector against light entering the camera), the image is projected onto the film, he passes the film and moves the camera sideways, slowly, intuitively. The synchronization of the movements determines the *quantum* of light to which the film is exposed, under the action of sunlight (cloudy days call for slower; sunny ones, faster). Projecting itself onto the film, the image *sweeps* the horizon, like a scan. The magic of Dirceu Maués' cities comes from the dynamics of life, the vertigo of its movements, the widening and compression of place, the trance of light. (*Paulo Herkenhoff*)

Berna Reale: a Amazônia como ponto de vista privilegiado para observar o mundo

Berna Reale
Palomo, 2012
Video [Video], 3'03"

A obra de Berna Reale é um implacável jogo linguístico em que o signo material resvala da polissemia e da ambivalência para que a contundência visual da arte fixe sua significação frente ao *momentum* das fricções do mundo, de Abu Ghraib aos BRICS em *Precisa-se do presente*. Para todo grande artista contemporâneo, a geografia humana é palco da violência e cena da resistência moral. Performances, instalações, fotografias e vídeos de Reale articulam a semântica e rupturas da sintaxe com raro cálculo estratégico. Com destemida *vontade de potência* nietzscheana, ela expõe a sina do *homo sacer* no mundo para operar contra sua invisibilidade social. Sua série BRICS (o grupo dos cinco grandes países emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – juntos representam 42% da população e 23% do PIB mundial) é uma obra-chave para a história econômica na arte. Ao ativar seu inconsciente amazônico, Berna Reale sempre historiciza sua pauta, pois ali, a história é construída do ponto de vista dos vencidos.⁸⁷ Cada BRICS tem sua leitura própria, que ora é tragicômica ora é denúncia sub-reptícia. A sutileza de Reale é operar a conscientização com ações invisíveis.⁸⁸ O título da série *Precisa-se do presente* responde à premência temporal espremida entre o passado e o futuro, que é sempre o presente atual com todas as suas incongruências, sem glórias do passado e sem promessas.

B de Brasil. A obra de Berna Reale sobre o Brasil expõe o embate entre forças sociais. Em *Palomo*, ela protagoniza um policial na biomecânica da força do aparelho de Estado em portentosa pose sobre o cavalo encarnado. Sua implacável ética sabe, com Mário Pedrosa, que a arte

é uma força potente contra a *entropia do mundo*. Este aforisma sustém a esperança depositada na arte. Ao canibalismo social contemporâneo, Berna Reale responde com o agenciamento *antropoêmico* da arte,⁸⁹ que vomita, qual o caudal do Amazonas, tudo que repugna em seu tempo.

R de Rússia. No século XXI, o maior país do mundo, dá prosseguimento a uma história de poder anti-democrático que envolve o império czarista, o regime soviético coroado pelos excessos de Stálin ao continuísmo da chefia do Estado que ressuscita o monocratismo. O jogo populista da demagogia é causticado por Berna em sua foto no opulento metrô de Moscou. As estações subterrâneas da capital testemunham a farsante projeção dos “ideais” do Estado soviético. Vestida com uma fralda de bebê e segurando o ursinho Misha, mascote dos Jogos Olímpicos de Moscou em 2008, Berna Reale finge ingenuidade para enunciar a história da subalternidade da cidadania em *Russo subterrâneo*.

I de Índia. O país com a segunda maior população do mundo, a Índia tem cerca de 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. O crescimento demográfico é popularmente atribuído às crianças e às mulheres gerando altas taxas de infanticídio e feminicídio por temor da explosão populacional. Atenta à defesa das mulheres, Berna Reale cria alegorias do necessário empoderamento das mulheres no protesto contra a explosão de estupros de em ônibus. Em *Luto*, a imponente figura da mulher solitária no enorme espaço vazio de um ônibus



Berna Reale: the Amazon as a privileged point of view to look at the world

Berna Reale's work is an unrelenting linguistic game in which the material sign slips away from polysemy and ambivalence so that the visual force of art fixes its meaning against the world's frictions *momentum*, From Abu Ghraib to the BRICS in *The Need of the Present*. For every great contemporary artist, human geography is the stage of violence and the scene of moral resistance. Reale's performances, installations, photographs and videos articulate *semantics* and ruptures in syntax with rare strategic calculation. With fearless Nietzschean *will to power*, she exposes the fate of the *homo sacer* in the world to operate against his or her social invisibility. Her BRICS series (the group of five large emerging countries: Brazil, Russia, India, China and South Africa – together they represent 42% of the population and 23% of the

world GDP) is a key work for economic history in art. In the activation of her Amazonian unconscious, Berna Reale always historicizes her agenda, for there, history is constructed from the point of view of the vanquished.⁸⁷ Each BRICS has its own reading, which is sometimes tragicomic and sometimes surreptitious denunciation. Reale's subtlety is to operate awareness with invisible actions.⁸⁸ The title of the series *The Need of the Present* responds to the temporal urgency squeezed between the past and the future, which is always the current present with all its incongruities, without past glories and promises.

B from Brazil. Berna Reale's work on Brazil exposes the clash between social forces. In *Palomo*, she stars as a police officer in the biomechanics of the force of the State apparatus in a portentous pose on a red horse. Her relentless ethics knows, with Mário Pedrosa, that art is a powerful force against the entropy of the world. This

aphorism sustains the hope placed in art. Berna Reale responds to contemporary social cannibalism with the *anthropoemic* agency of art,⁸⁹ that vomits, like the Amazon river flow, everything that repulses in its time.

R from Russia. In the 21st century, the largest country in the world continues a history of undemocratic power that involves the Tzarist empire, the Soviet regime crowned by the excesses of Stalin to the continuity of the state leadership that resurrects monocratism. The populist game of demagoguery is etched by Berna in her photo in the opulent Moscow subway. The capital's underground stations testify to the farcical projection of the "ideals" of the Soviet state. Dressed in a baby diaper and holding Misha the bear, mascot of the 2008 Moscow Olympic Games, Berna Reale feigns ingenuity to spell out the history of citizenship's subalternity in *Underground Russian*.

urbano não é imagem de desamparo mas a transformação de cada espectador em testemunha que atesta a cena do crime.

C de China. O mais populoso país do mundo é um termômetro da economia global. Em 2014, quando Berna Reale trabalhou na República Popular da China, o crescimento anual do PIB do país era de 7,3%. Os sucessores de Mao Tse Tung, de Deng Xiaoping (com socialismo com características chinesas) a Xi Jinping, o atual presidente do país, promoveram programas econômicos de “reforma e abertura” ao dito capitalismo de Estado de hoje. A economia liberalizada propiciou o ressurgimento do setor privado. Alguns se perguntam se ainda cabe chamar a China de país comunista. A China nunca chegou a ser comunista (Richard Wolff) nem é um país totalmente capitalista (Tiago N; Appel). Ela está hoje mais perto do capitalismo do que do comunismo (Kelsey Broderick), mas a Organização Mundial do Comércio não a reconhece como uma economia de mercado. Enquanto isso, virou uma sociedade de consumo que convive com a mão invisível do Partido Comunista da China (Veronica Smink). Berna Reale deu visibilidade ao militarismo chinês, fotografando-se entre guardas ou vestida como soldada na muralha da China a zelar pela integridade econômico-política do país.

S de South Africa (África do Sul). O jovem Nelson Mandela morou na favela de Alexandra, onde abundavam a pobreza, o crime e a poluição, perto de Johannesburg. Ali estudou e passou para a escola de direito. Aludimos a escolha de Berna Reale em encenar em Alex ao herói, à sua superação da miséria e luta pela igualdade. No pós-apartheid racializador, uma irreconhecível mulher (seria uma zulu? ou do clã Madiba do povo Tembu como Mandela?) cruza Alex com uma sacola de compras ilustrada por animais em extinção. Tem uma venda nos olhos, caminha com seu fardo na escuridão, sem ver o horizonte como metáfora da imobilidade social nos BRICS e na pobreza estrutural. Desesperançada, mas firme, seus



passos pela subsistência é a crença na vida em *Alexandra*. “Através da performance consigo chegar mais rápido até as pessoas,” afirma Reale.⁹⁰ Por revitalizações permanentes, sem reivindicar rancor para a oposição ao genocídio neocolonial, a artista ativa o luto coletivo, expressa a ira e endereça-se ao trauma. O campo de Berna Reale é o que socialmente impossível de ser obliterado ou esquecido. (Paulo Herkenhoff)

Berna Reale

< Precisa-se do presente / Russo subterrâneo
[The Need of the Present / Russian underground], 2015

< Precisa-se do presente / Luto
[The Need of the Present / Grief], 2015

> Precisa-se do presente / Comunistas #1
[The Need of the Present / Communists #1], 2015

> Precisa-se do presente / BRICS
[The Need of the Present / BRICS], 2015

I from India. The country with the second largest population in the world, India has around 1.3 billion people. Population growth is popularly attributed to children and women, generating high rates of infanticide and femicide for fear of population explosion. Attentive to the defense of women, Berna Reale creates allegories of the necessary empowerment of women in protest against the explosion of rapes on buses. In *India*, the imposing figure of the lone woman in the enormous empty space of an urban bus is not an image of helplessness, but the transformation of each spectator into a witness who attests to the scene of the crime.



C from China. The most populous country in the world is a thermometer of the global economy. In 2014, when Berna Reale worked in the People's Republic of China, the country's annual GDP growth was at 7.3%. Mao Zedong's successors, from Deng Xiaoping (with socialism with Chinese characteristics) to Xi Jinping, the country's current president, have promoted economic programs of "reform and opening up" to today's so-called state capitalism. The liberalized economy has led to a resurgence of the private sector. Some wonder if it is still possible to call China a communist country. China has never been communist (Richard Wolff) nor is it a fully capitalist country (Tiago N; Appel). It is now closer to capitalism than to communism" (Kelsey Broderick), but the World Trade Organization does not recognize it as a market economy. Meanwhile, it has become a consumer society that lives with the invisible hand of the Communist Party of China (Veronica Smink). Berna Reale has given visibility to Chinese militarism, photographing herself among guards or dressed as a soldier on the Chinese wall guarding the country's economic-political integrity.



S from South Africa. The young Nelson Mandela has lived in the Alexandra slum, where poverty, crime, and pollution abounded near Johannesburg. There he studied and went on to law school. We allude to Berna Reale's choice to stage in Alex the hero, his

overcoming of misery and struggle for equality. In the racializing post-apartheid, an unrecognizable woman (is she a Zulu? or from the Madiba clan of the Tembu people like Mandela?) crosses Alex with a shopping bag illustrated by endangered animals. She has a blindfold on her eyes, she walks with her burden in darkness, not seeing the horizon as a metaphor for social immobility in the BRICS and structural poverty.

Hopeless, but firm, her steps for subsistence is the belief in life in *Alexandra*. "Through performance, I can get to people faster," says Reale.⁹⁰ Through permanent revitalization, without claiming resentment for the opposition to neocolonial genocide, the artist activates collective mourning, expresses anger and addresses trauma. Berna Reale's field is that which is socially impossible to obliterate or forget. (Paulo Herkenhoff)

Octavio Cardoso, o inconsciente amazônico líquido

“O que é o azul? O azul é o invisível se tornando visível... O azul não tem dimensões. Ele fica para além das dimensões compartilhadas por outras cores.” Yves Klein.

“A Terra é azul!” exclamou o astronauta Yuri Gagarin. O Inferno Verde é azul na fotografia de Octavio Cardoso.⁹¹ Esse fotógrafo participou do movimento Visualidade Amazônica há 40 anos. Malgrado sua forte trajetória estética em preto e branco, optou-se, aqui, por pensar sua série *Azul*. Para Cardoso, a fotografia contemporânea é feita em técnica digital e circula pela internet. Assim, por que não dispensar a versão impressa em papel de suas imagens?⁹² Seu modo adventício é expor certas fotos em tela de vídeo para pasmar olhares com a luminosidade eletrônica, sem muita traquitana de *hardware*, *feedback* ótico, vídeo *feedback*, *games*, interface ecossistêmica, o Watson Conversation Service da IBM, consciência cibernética, algoritmos cibernéticos do supercomputador Cray XC40, enfim, a *Machina Speculatrix* do neurocientista W. Grey Water.⁹³ Octavio Cardoso não se opõe aos avanços tecnológicos, mas sua poética comedita não corteja o demônio do progresso em arte com sua retórica de “glamour extremista” das máquinas e os conceitos “avançados”, como desaprova Wyndham Lewis.⁹⁴ É inescapável citar Zygmunt Bauman para analisar aquela série *Azul*, não por causa da floresta úmida, mas pela noção de “mundo líquido” do filósofo: “o mundo que chamo de *líquido*, porque como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção.”⁹⁵ Cardoso parece comparar a arte da tecnologia avançada ao último grito da moda, tal

como Bauman: o salto técnico será o objeto do desejo e da vaidade de hoje para se tornar obsoleto amanhã.

Diante das fotografias azuis de Octavio Cardoso, a indagação de Blaise Cendrars ecoa: o que é o caudal amazônico da linguagem? “O rio diz para o homem o que ele deve fazer. E o homem segue a ordem do rio”, escreveu Thiago de Mello em *Mormaço da Floresta*. Sem dúvida que o inconsciente amazônico de Cardoso é aquoso. É como nos versos do poeta Thiago de Mello: “A lei do rio não cansa nunca de impor-se sobre a vida dos homens. É o império da água...” A fotografia, escreveu Octavio Cardoso, foi a maneira que encontrou ao tentar organizar seu mundo, para criar um lugar calmo, silencioso, quase perfeito: “cheguei à conclusão de que sempre estive atrás de criar refúgios, pequenos refúgios onde eu pudesse me proteger, talvez descansar da realidade.” A série *Azul* não é paisagem melancólica como o sentimento de *estar azul* (*being blue*) em inglês;⁹⁶ sua situação psíquica é o estado de vigília.

Quanto mais Octavio Cardoso se fixa no monocromo azul, mais ele reduz a paleta, mais desabita o lugar, mais cala a pororoca, mais sua fotografia captura rumores quase mudos na vontade de silêncio. Eva Heller elencou 111 tons de azul, que se podem ampliar para 112 com o azul amazônico de Octavio Cardoso.⁹⁷ Heller sumarizou significados do azul: harmonia, distância, infinitude, fantasia, anseio, entre muitos; e, ademais, o azul, como as águas boas e calmas, segundo Gaston Bachelard,⁹⁸ é feminino. Em resumo, a fenomenologia do azul de Cardoso é polissêmica. Esses *loci* azuis imaginários situam-se entre a calma infiltrada na linguagem e a iminência de cumprir uma tarefa simbolizadora não da Amazônia, mas do inefável nela que nos captura para nos situar no paraíso terrenal azul. (*Paulo Herkenhoff*)

Octavio Cardoso, the liquid Amazonian unconscious

“What is blue? Blue is the invisible becoming visible... Blue has no dimensions. It is beyond the dimensions of which other colors partake.” Yves Klein

“The Earth is blue!” said cosmonaut Yuri Gagarin. The Green Hell is blue in Octavio Cardoso’s photograph.⁹¹ This photographer participated in the Visualidade Amazônica [Amazonian Visuality] movement 40 years ago. In spite of his strong aesthetic trajectory in black and white, we have chosen, here, to think about his Blue series. For Cardoso, contemporary photography is done in digital technique and circulates through the internet. So why not dispense with the printed version of his images?⁹² His adventitious mode is to expose certain photos on a video screen to astonish the eye with the electronic luminosity, without a lot of hardware gimmicks, optical *feedback*, video *feedback*, *games*, ecosystemic interface, IBM’s Watson Conversation Service, cybernetic consciousness, cybernetic algorithms of the Cray XC40 supercomputer, finally, the *Machina Speculatrix* of neuroscientist W. Gray Water.⁹³ Octavio Cardoso is not opposed to technological advances, but his measured poetics do not court the demon of progress in art with its rhetoric of “extreme glamour” of machines and “advanced” concepts, as Wyndham Lewis disapproves.⁹⁴ It is inescapable to quote Zygmunt Bauman to analyze that *Blue* series, not because



of the rainforest, but because of the philosopher's notion of "liquid world": "the world I call *liquid*, because like all liquids, it never remains still or retains its shape for long. Everything or almost everything in our world is always changing: the trends we follow and the objects that attract our attention."⁹⁵ Cardoso seems to compare the art of advanced technology to the latest fashion, just like Bauman: the technical leap will be the object of desire and vanity today only to become obsolete tomorrow.

In the face of Octavio Cardoso's blue photographs, Blaise Cendrars' question echoes: what is the Amazonian flow of language? "The river tells man what he should do. And man follows the order of the river," wrote Thiago de Mello

in *Mormaço da Floresta*. Undoubtedly Cardoso's Amazonian unconscious is watery. It is like in the verses of the poet Thiago de Mello: "The law of the river is never tired of imposing itself on the lives of men. It is the empire of water..." Photography, wrote Octavio Cardoso, was the way he found when trying to organize his world, to create a calm, silent, almost perfect place: "I came to the conclusion that I was always looking to create refuges, small refuges where I could protect myself, maybe rest from reality". The *Blue* is not a melancholy landscape like the feeling of *being blue* in English;⁹⁶ its psychic situation is the waking state.

The more Octavio Cardoso fixates on the blue monochrome, the more he reduces his palette, the more the place

is uninhabited, the more the *pororoca* is silent, the more his photography captures almost mute rumors in the desire for silence. Eva Heller listed 111 shades of blue, which can be expanded to 112 with Octavio Cardoso's Amazonian blue.⁹⁷ Heller summarized the meanings of blue: harmony, distance, infinitude, fantasy, yearning, among many; and, furthermore, blue, like the good and calm waters, according to Gaston Bachelard,⁹⁸ is feminine. In short, Cardoso's phenomenology of blue is polysemic. These imaginary blue *loci* lie between the calmness seeping into the language and the imminence of fulfilling a symbolic task not of the Amazon, but of the ineffable in it that captures us to place us in the blue earthly paradise. (Paulo Herkenhoff)

Octavio Cardoso

Lugares imaginários [Sites of Imagination], 2009

Fotografia [Photograph], 50 × 75 cm







Armando Queiroz: a dicção dos sujeitos invisíveis na Amazônia⁹⁹

Na capela colonial do atual Museu do Estado do Pará, *Tupambaé (Parte de Deus)*, (2010), vozes de crianças guaranis, coletadas na internet, ecoavam no ambiente alvo e vazio. São canções utilizadas pelas crianças quando os curumins pedem esmolhas. Em *Cântico Guarani* (2010), obra apresentada no 29º Salão Arte Pará, Armando Queiroz monta um espaço escuro, com luz difusa. É necessário penetrar no terreno para perceber o drama. Redes pretas indígenas pendem do teto para remontar à autoviolência que alguns jovens guaranis usam para o suicídio diante da falta de perspectivas sociopolíticas de vida na aldeia. Complementando o ambiente, um forte odor de flores e vinagre, que aludem ao cheiro de coroas de flores em homenagens póstumas. São “os vestígios de uma cultura indígena de histórias interrompidas, (...) o guarani não mais reconhece o outro, não mais se reconhece. Em ato de profunda tristeza, impõe a si mesmo o eterno silêncio. A voz é calada, se cala... para sempre.”¹⁰⁰ O som delicado das vozes inocentes se embate com a infância negada e o futuro incerto.

Armando Queiroz lança um olhar atento por meio de fotografias, vídeos e instalações, como *Tupambaé*, que refletem,

de forma velada, os diversos processos brutais ocorridos ao longo da história da Amazônia. A arte de Queiroz tem o foco na história e no sentido social de seu discurso, na melancolia e no aguçamento da sensibilidade em prol de mudanças éticas. Dar voz aos sujeitos “invisíveis” no seio da sociedade nacional. No vídeo *Ymá Nhandehetama – Antigamente fomos muitos* (2009), o guarani Almiros Martins pronuncia um lúcido depoimento sobre os processos de extermínio impostos aos ameríndios, ao longo de séculos de abusos. Queiroz convida Almiros a realizar uma ação para a câmera, cedendo o espaço da fala ao Outro, de quem é cúmplice. No final da fala, em silêncio, o Guarani cobre seu rosto de tinta negra e desaparece na escuridão. Toda aquela consciência e engajamento também se sujeitam ao apagamento. No catálogo *O fio da ameaça* (2011), Queiroz declara como articula memória e história: “São fios condutores do mesmo drama. A gravidade está em considerar que esta violência latente e desmesurada está a quilômetros de nós, não nos diz respeito. A invisibilidade impingida aos povos da floresta é ignorante e criminosa.”¹⁰¹

Com o vídeo *Midas* (2009), Queiroz lança seu olhar sobre o garimpo na Amazônia, com especial atenção à Serra Pelada, que ganhou a mídia internacional nos anos 1980 por constituir um dos maiores garimpos do Brasil, nos quais milhares de pessoas lançaram-se numa corrida moderna do ouro, no desejo de enriquecimento rápido. A potente metáfora em diálogo com o mito de Midas expõe a aspereza e o embrutecimento que assolaram os recônditos profundos da Amazônia: “Miséria, hanseníase e abandono espreitam Serra Pelada quase trinta anos depois do início da febre do ouro. Restaram casebres abandonados, pessoas perambulando, qual mortos-vivos numa cidade fantasma, ao redor de um grande lago contaminado de mercúrio, o oco. Restaram velhos aposentados, mulheres e a prostituição infantil. O índice de HIV é altíssimo. O gigante ameaçador, percebido no clima tenso do local, está presente a todo o momento.”¹⁰²

Em *Midas*, dezenas de besouros são inseridos na boca do artista, que tem a pele dourada. É a metáfora da grande cratera de Serra Pelada, que “devorou”

Armando Queiroz
Ymá Nhandehetama
(Antigamente fomos muitos), 2009
[Ymá Nhandehetama
(We were many in the past)]
Vídeo [Video], 8'21"

cerca de nove mil pessoas, que se lançaram na mineração, com seus sonhos de enriquecimento, entregues a toda sorte de doença e violência. O artista engole os insetos, é picado por eles, em alusão aos processos de desagregação, danação e exclusão vividos pelos mineiros que buscaram o ouro ilusório. Um dentista do garimpo lhe forneceu moldes de arcadas dentárias de mineradores. Com elas, Armando Queiroz elaborou esculturas em metal, banhando a tinta dourada. Nascia aí o trabalho *Ouro de tolo* (2010). Armando Queiroz é o artista dos processos excludentes que infligem apagamento ao sujeito para revelar a “violentação da violência” na Amazônia.¹⁰³ Percebemos que Queiroz lança um olhar agudo e pungente sobre a segregação e a ferocidade social que se estabelecem na região Amazônica. Sua disposição ética é desnudar, por meio da arte, a história, tudo que encobre aquilo que não desejamos ver, porque nos fere. Para Armando Queiroz, a arte é deflagradora de novas perspectivas sobre nossos papéis, para além dos exotismos, das histórias de atritos, de descontinuidades e de abandono. (Orlando Maneschy)

*Armando Queiroz: the diction of invisible subjects in the Amazon*⁹⁹

In the colonial chapel of the current Museum of the State of Pará, *Tupambaé* (*Parte de Deus* [Part of God]) (2010), the voices of Guarani children, collected on the internet, echoed in the white and empty environment. These are songs used by children when the *curumins* [young boys] beg for alms. In *Cântico Guarani* [Guarani Canticle] (2010), a work presented at the 29th Salão Arte Pará [Pará Art Exhibition], Armando Queiroz assembles a dark space, with diffused light. It is necessary to enter the site to understand the drama. Indigenous black nets hang from the ceiling to trace back to the self-violence that some Guarani youngsters use for suicide due to the lack of sociopolitical prospects for life in the village. Complementing the atmosphere is a strong odor of flowers and vinegar, alluding to the smell of wreaths at posthumous tributes. They are “the vestiges of an indigenous culture of interrupted histories, (...) the Guarani no longer recognize the other, they no longer recognize themselves. In an act of deep sadness, he imposes eternal silence on himself. The voice is silenced, it is silent... forever.”¹⁰⁰ The delicate sound of innocent voices clashes with denied childhood and an uncertain future.

Armando Queiroz casts a careful eye through photographs, videos, and installations, such as *Tupambaé*, that reflect, in a veiled way, the various brutal processes that have occurred throughout the history of the Amazon. Queiroz’s art focuses on history and the social meaning of his discourse, on melancholy and the sharpening of sensitivity for ethical change. To give voice to the “invisible” subjects within the national society. In the video *Ymá Nhandehetama – We were many in the past* (2009), the Guarani Almiros Martins makes a lucid statement about the extermination processes imposed on the Amerindians over centuries of abuse. Queiroz invites Almiros to perform an action for the camera, giving the space of speech to the Other, of whom he is an accomplice. At the end of the speech, in silence, the Guarani covers his face with black paint and disappears into the darkness. All that awareness and engagement is also subject to erasure. In the catalog *O fio da ameaça* [The Threat Thread] (2011), Queiroz states how he articulates memory and history: “They are the threads of the same drama. The gravity lies in considering that this latent and

immeasurable violence is miles away from us, it does not concern us. The invisibility imposed on forest peoples is ignorant and criminal.”¹⁰¹

With the video *Midas* (2009), Queiroz takes a look at mining in the Amazon, with special attention to Serra Pelada, which won the international media in the 1980s for constituting one of the largest mining operations in Brazil, in which thousands of people went in a modern gold rush, in the desire to get rich quick. The potent metaphor in dialogue with the Midas myth exposes the harshness and brutality that devastated the deepest reaches of the Amazon: “Misery, leprosy and abandonment lurk in Serra Pelada almost thirty years after the start of the gold rush. There remained abandoned shacks, people wandering, like the living dead in a ghost town, around a large lake contaminated with mercury, the hollow. There remained old retirees, women, and child prostitution. The HIV rate is very high. The menacing giant, perceived in the tense atmosphere of the place, is present at all times.”¹⁰²

In *Midas*, dozens of beetles are inserted into the artist’s mouth, which has a golden skin. It is the metaphor of the great crater of Serra Pelada, which “devoured” around 9,000 people, who launched themselves into mining, with their dreams of enrichment, given over to all sorts of disease and violence. The artist swallows the insects, is bitten by them, alluding to the processes of disintegration, damage and exclusion experienced by miners who sought the illusory gold. A dentist at the mine provided him with molds of miners’ dental arches. With them, Armando Queiroz made sculptures in metal, bathed in gold paint. The work *Ouro de tolo* [Fool’s Gold] (2009) was born there.

Armando Queiroz is the artist of the exclusionary processes that inflict erasure on the subject to reveal the “violence of the violence” in the Amazon.¹⁰³ We realize that Queiroz is casting a sharp and poignant look at the segregation and social ferocity that are established in the Amazon region. His ethical disposition is to expose, through art, history, everything that covers what we don’t want to see, because it hurts us. For Armando Queiroz, art is the trigger for new perspectives on our roles, beyond the exotic, the stories of friction, discontinuities and abandonment. (Orlando Maneschy)



Roberta Carvalho: tecnologia, encantaria e o Olimpo amazônico

Em 2007, Roberta Carvalho lançou o projeto *Symbiosis*, que suscita questões identitárias com a projeção *Renascer* (2007). Faces de ribeirinhos se lançavam sobre árvores em Belém ou nas comunidades onde vivem. “A imagem projetada se relaciona de forma muito particular com o local da projeção, trazendo resultados que somente a própria experimentação revelará, ou seja, na relação entre a imagem e seu anteparo”. O termo “simbiose” no campo da ecologia designa a integração entre organismos de espécies diferentes, sem perdas, mas com ganhos para todos. Em *Symbiosis*, de Carvalho, “a imagem projetada e a natureza ao redor, as pessoas e seu ambiente, a tecnologia e a floresta, resultando em grandes esculturas de luz, onde imagem projetada ganha materialidade, textura de folhas, galhos, coloração e o seu anteparo ganha olhos, boca, movimento, novos contornos desenhados pela imagem ali projetada”.¹⁰⁴ Um homem em posição fetal se aninha na copa da árvore, qual útero a guardar

o corpo nu. O rumor das folhas traz movimentos suaves, e tudo integra como um ente vivo no *locus* natural e cultural em equilíbrio homeostático.

Para a artista, a ideia de *Amazônia aumentada* (2019) amplia o olhar sobre determinado lugar, com o acento em dados do real. A realidade expandia os sentidos da realidade física e revelava discursos, ações, imagens, camadas não visíveis num objeto físico. Para ela, foi a afirmação de uma possibilidade artística com o uso das tecnologias da informação e da nossa sociedade sumamente conectada e midiaticizada. O filósofo João Jesus Paes Loureiro denomina “encantarias amazônicas” a zona transcendente que há no fundo dos rios. Qual no Olimpo grego, ali vivem divindades encantadas da teogonia amazônica com os seres-visagem. *Transborda* (2020), de Roberta Carvalho, alude à relação mítica entre a cidade e a força das águas e dos rios. (Paulo Herkenhoff)

Roberta Carvalho

< *Symbiosis* – arte e natureza na Amazônia nº1, 2011

Projeção de imagem sobre a vegetação da Ilha do Combú (Belém-PA) e registro fotográfico

Coleção [Collection] Amazoniana de Arte da UFPA

> Cinema Líquido, 2015

Projeção de imagem sobre o rio na Ilha do Combú

(Belém-PA) e registro fotográfico



**Roberta Carvalho:
technology, enchantment and
the Amazonian Olympus**

In 2007, Roberta Carvalho launched the project *Symbiosis*, which raises identity issues with the *Renascer* (2007) projection. The faces of riverine people were cast on trees in Belém or in the communities where they live. “The projected image is related in a very particular way with the projection site, bringing results that only the experimentation itself will reveal, that is, in the relationship between the image and its screen.” The term “symbiosis” in the field of ecology designates the integration between organisms of different species, without losses, but with gains for all. In *Symbiosis*, by Carvalho, “the projected

image and the surrounding nature, people and their environment, technology and the forest, result in large sculptures of light, where the projected image gains materiality, leaf texture, branches, coloring, and its screen gains eyes, mouth, movement, new contours drawn by the image projected there.”¹⁰⁴ A man in a fetal position nestles in the top of the tree, like a uterus guarding his naked body. The rustle of the leaves brings smooth movements, and everything integrates like a living being in the natural and cultural *locus* in homeostatic balance.

For the artist, the idea of *Amazônia aumentada* [Augmented Amazon] (2019) broadens the gaze at a given place, with an emphasis on real data. Reality expanded

the senses of physical reality and revealed discourses, actions, images, unseen layers in a physical object. For her, it was the affirmation of an artistic possibility with the use of information technologies and our highly connected and mediatized society. The philosopher João Jesus Paes Loureiro calls the transcendental zone at the bottom of the rivers “Amazonian enchantments.” Like in the Greek Olympus, there live the enchanted deities of the Amazon theogony with the visible beings. *Transborda* [Overflows] (2020), by Roberta Carvalho, alludes to the mythical relationship between the city and the power of waters and rivers. (Paulo Herkenhoff)

Notas

1 LAGROU, Elsje Maria. “O que nos diz a arte Kaxinawá sobre a relação entre identidade e alteridade?”. In: *Mana*, vol. 8(1), pp. 29-61, 2002.

2 As informações sobre *Cinco tempos do povo morcego* foram oferecidas por Anna Dantes, organizadora com Ailton Krenak da plataforma *Selvagem*; sua Dantes Editora publica obras do pajé Dua Busê e de outros. Ver: <<https://dantes.com.br/projetos/una-shubu-hiwea/>>.

3 O cativo indígena também é dito escravidão vermelha. Ver MORAES FILHO, Mello. *A escravidão vermelha*. Rio de Janeiro: Faro & Lino, c. 1880. Roberto Simonsen legitimou a escravidão indígena pelos colonizadores dados os “imperativos de ordem econômica que a justificavam” em *História Econômica do Brasil 1500-1820* (1937). Brasília: Senado Federal, 2005, p. 401.

4 VATTIMO, Gianni et al. Postmodernidad: Una Sociedad Transparente?. In: *En Torno a la Postmodernidad*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1991, p. 11.

5 CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Índios no Brasil – história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2020.

6 São poucas as mulheres que exercem a função de pajé dentre as sociedades indígenas no Brasil.

7 Ver SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, UFRJ, 1979, n. 32, pp. 2-19.

8 Com a colaboração de Anna Dantes e Ernesto Neto.

9 Participaram do movimento no Pará, os fotógrafos Luiz Braga, Miguel Chikaoka, Elza Lima, Octávio Cardoso, Walda Marques, os pintores Emmanuel Nassar, Osmar Pinheiro e Dina Oliveira, e o ceramista Ruy Meira, com o apoio teórico de Benedito Nunes e João de Jesus Paes Loureiro; em Manaus, Roberto Evangelista, Rita Loureiro, Jair Jacquemont, Otoni Mesquita e Sergio Vieira Cardoso; no Acre, Hélio Melo.

10 DIDI-HUBERMAN, Georges. *Phasmes, essays sur l'apparition*. Paris, Les éditions de minuit. 1998, pp. 35-38. Michel Foucault, op. cit. (nota 17) infra, associa certas heterotopias a cronicidades, festas com suas feiras, barraquinhas com “objetos heteróclitos” e shows.

11 Ver HERKENHOFF, Paulo. The Incomplete Glossary of Sources of Latin American Art. In: *Cartographies*. Winnipeg: Winnipeg Art Gallery, 1993, passim.

12 HERKENHOFF, Paulo. As latitudes de Emmanuel Nassar. In: *Emmanuel Nassar, a poesia da gambiarra*. Denise Mattar (org.). Rio de Janeiro: CCB, 2003, p. 4.

13 Ibidem, p. 11.

14 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988, p. 228.

15 Em Belém, invasões são “ocupações juridicamente irregulares de terra em áreas urbanas periféricas da região metropolitana (...) sobretudo entre meados da década de 1980 e a primeira metade dos anos 1990”, conforme PINHEIRO, Andréa de Cássia et alii. *Assentamentos precários na região metropolitana de Belém: baixadas e ocupações*. 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9614/1/Assentamentos%20prec%C3%A1rios.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

16 Na rota de HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2005.

17 FOUCAULT, Michel. *De Outros Espaços*. Pedro Moura (trad. Conferência no Cercle d'Études Architecturales, Paris, 14 mar. 1967). Disponível em: <https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

18 GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

19 Texto adaptado do originalmente publicado na *Revista Arteriais* | v.6 | n. 9 | dez. 2019 – PPGArtes/UFGA

20 LEAL, Vânia. *Corpo que tudo nasce*. Belém: Arte Pará, 2017. No prelo.

21 NIMUENAJÚ, Curt. *The Eastern Timbira*. Berkeley: University of California Press, 1946, p. 51.

22 DEMARCHI, André. Artes da cura: pinturas corporais em alguns grupos Jê. In: *Revista de antropologia da USCAR*, n. 11 (2), jul./dez. 2019, pp. 142-166. Disponível em: <<http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/06/6.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

23 FELIX, Zdenek; VOWINCKEL, Andreas; KOHLER, Michael. *Constructed Realities: The Art of Staged Photography*. Zurique: Edition Stemmler, 1995, passim.

24 Ibidem.

25 Ver SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “A construção

da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. Rio de Janeiro. Boletim do Museu Nacional / UFRJ, 1979, n. 32, p. 2 – 19. Disponível no site: http://www.ppgasmn-ufrj.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim_do_museu_nacional_32.pdf em 10 de abril de 2021.

26 SURYA, Michel. *Humanimalité: l'inéliminable animalité de l'homme*. Éditions du Néant, 2001.

27 BENJAMIN, Walter. On the concept of history. Trad. Harry Zohn. In: *Walter Benjamin: Selected writings*. The Belknap Press, 2003, vol. 4, p. 389.

28 SANTOS, Milton. *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. Trad. Sandra Lecioni. Edusp, 2009, p. 9.

29 GUINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira – nove reflexões sobre a distância*. Trad. Eduardo Brandão. Companhia das Letras: 2001, p. 197.

30 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. In: *Mana*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, pp. 115-144, out. 1996.

31 DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. In: *Mana*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, abr. 1998.

32 GUIMARÃES, Roberto Pereira. Desenvolvimento sustentável: da retórica à formulação de políticas públicas. In: BECKER, Bertha K.; MIRANDA, Mariana (org.). *A geografia política do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 18.

33 SALGADO, Anailton Guimarães. *Florestania: um desafio de cidadania no contexto pós-colonial*. Coimbra, 2011. Disponível em: <<https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n6/documentos/02-AnailtonSalgado.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

34 CELESTINO, Danielle; VERÍSSIMO, Beto. *A Amazônia e os Objetivos do Milênio*. Belém, PA: Imazon, 2007, pp. 31-32.

35 PARDINI, Patrick. *Patrick Pardini – exposição e oficina de fotografia no Museu da UFPA*. Disponível em: <<http://holofotevirtual.blogspot.com/2009/02/patrick-pardini-exposicao-e-oficina-de.html>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

36 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O perspectivismo ameríndio ou a natureza em pessoa.” 2005. In: *Ciência & Ambiente*, 2005, vol. 31, passim.

37 Termo apropriado de GREENSTEIN, Madeleine et alii. In: *A forest of signs – Art in the crisis of representation*. Cambridge: MIT Press, 1989.

38 BENJAMIN, Walter. *Teses Sobre o Conceito de História*. In: *Obras Escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política*. Trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 226.

- 39** SALLES, João Moreira. Que doenças a floresta esconde? In: *Piauí*, Rio de Janeiro, outubro de 2020, n. 169. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-elefante-negro/>>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- “Ninguém sabe o número de vírus na Amazônia”, diz o virologista Pedro Vasconcelos. Todos os dados e citações sobre as doenças e seus vetores na Amazônia foram extraídos desse artigo de Moreira Salles.
- 40** Miguel Chikaoka em entrevista a Paulo Herkenhoff em 13 de julho de 2008. In *Laços do olhar: roteiros entre o Brasil e o Japão*. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake, 2009.
- 41** “Nessa experiência do *Hagakure* aprendi, e tento exercitar, que tenho o lugar da morte como uma coisa mais inspiradora, que trago para um campo espiritual e poético. A vida toda tentamos aprender a viver. Temos que aprender a morrer, valorizar a morte como algo belo e bonito. Que bom que você vai morrer um dia. É doloroso, mas não há como evitar,” afirmou Miguel Chikaoka em entrevista a Maria Hirzsmann. “Em entrevista para ZUM, Miguel Chikaoka fala sobre sua formação e trajetória fotográfica”. ZUM, 9 de março de 2015; Disponível no site <https://revistazum.com.br/radar/entrevista-chikaoka/> em 20 de fevereiro de 2021.
- 42** CHIKAOKA, Miguel. “Notas sobre o caminho.” HERKENHOFF, Paulo (org.). *Pororoca, a Amazônia no Mar*. Rio de Janeiro, MAR / Museu de Arte do Rio, 2014, p. 475.
- 43** TSUNETOMO, Yamamoto. *Hagakure: o livro do samurai*. Trad. Sérgio Codespot. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2004.
- 44** Texto adaptado do original publicado na *Revista Croma, Estudos Artísticos*. ISSN 2182-8547, e-ISSN 2182-8717. 5, (10), julho-dezembro de 2017. 20-27)..
- 45** Ver mais em: MANESCHY, Orlando; MOKARZEL, Marisa. Fora do centro, dentro da Amazônia – Fluxo de Arte e lugares na estética da existência. In: *Amazônia: ciclos de modernidade*. São Paulo: Zureta, 2012.
- 46** MOKARZEL, Marisa. Série Orgânicos e os prolongamentos de si. In: MAGNO, Luciana. *Orgânicos* (catálogo). Belém: Banco da Amazônia, 2016.
- 47** MAGNO, Luciana. *Telefone sem Fio – do Diapoque ao Chuí* (projeto). Fortaleza, 2013, p.2.
- 48** Denilson Baniwa em resposta a Paulo Herkenhoff, em e-mail de 28 de março de 2021. Exceto quando indicado, todas as citações do artista foram extraídas dessa mensagem.
- 49** A respeito do uso do termo “mito”, afirma Ailton Krenak, que, “no caso dos povos indígenas, a memória continuada tem que visitar um lugar que insistem em chamar de mito, porque querem esvaziar ela de sentido histórico, e portanto, chamam de mito”. In: Ailton Krenak, “A potência do sujeito coletivo” (parte II), entrevista a Jailson de Souza e Silva, disponível em: <<http://revistaperiferias.org/materia/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/?pdf=160>>.
- 50** Texto de Alexandre Sequeira condensado pelo autor.
- 51** Texto adaptado do original: MANESCHY, Orlando Franco. Éder Oliveira, a Amazônia não é para os fracos. *Revista: Estúdio, artistas sobre outras obras*. v. 9, n. 23, julho – setembro de 2018. ISSN 1647 – 6158 | e-ISSN 1647-7316, p. 150-159.
- 52** OLIVEIRA, Éder. *Autorretrato*. In: *Pororoca – a Amazônia no MAR*. Rio de Janeiro: MAR/ Editora Circuito, 2014. ISBN: 978-85-64022-60-7, p. 346
- 53** ZOGHBY, João. “Amazônia cheia de vida e esperança para toda a humanidade” (2019). Disponível em: <<https://www.diariodaamazonia.com.br/talentos-franciney-wasconcelos/>>. Acesso em: 30 jan. 2021.
- 54** Gabriel Bicho em e-mail a Paulo Herkenhoff, em 15 de março de 2021.
- 55** Idem.
- 56** MOREIRA SALLES, João. “Que doenças a floresta esconde?” *Piauí*, Rio de Janeiro, outubro de 2020, n. 169, disponível no site <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-elefante-negro/> em 10 de março de 2021.
- 57** Gabriel Bicho. Citação em “Gabriel Bicho exhibe trabalho no Porto do Sal” (2016) no site <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/12/gabriel-bicho-mostra-obras-ineditas-no-porto-do-sal.html>, consultado em 26 de março de 2020. ;
- 58** Em 2018, Xadalu participou da mostra *RS XXI, – Rio Grande do Sul Experimental* no Santander Cultural. Na ocasião ele instalou um painel verde com letras amarelas com o declaração de posse ÁREA INDÍGENA, em processo de intervenção pública iniciada em 2015. Para o vernissage, Xadalu trouxe um grupo de cerca de 40 jovens guaranis que gritavam “O museu é terra indígena!”. Gabriel Bicho opera, portanto, uma apropriação citacionista do projeto de intervenção urbana de Xadalu.
- 59** GUSTAVO. *Baaraz Kawau*. Gustavo e Daniel Barbosa (ed.). Curitiba: Picada Impressões Indígenas, 2020, n/n. (O artista prefere assinar como Gustavo.)
- 60** DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contratempo e Museu de Arte do Rio, 2013, pp. 40 a 44. (Nachleben e Pathosformel.)
- 61** GUSTAVO. *Baaraz Kawau*. Gustavo e Daniel Barbosa (ed.). Curitiba: Picada Impressões Indígenas, 2020, n/n.
- 62** Este é um condensado do texto do artista escrito em 2021, quando voltou a visitar sua família no quilombo do Jamary dos Pretos no Maranhão, depois de dois anos vivendo no Rio de Janeiro. Quilombos é a denominação das vilas ancestrais habitadas por descendentes de escravizados.
- 63** Texto originalmente publicado no livro *Pororoca – a Amazônia no MAR*. Rio de Janeiro: Editora Circuito/Museu de Arte do Rio – MAR, 2014
- 64** Rafael Cardoso é historiador da arte e escritor. É membro do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Instituto de Artes) e pesquisador associado à Freie Universität Berlin (Lateinamerika-Institut).
- 65** O babaçu, predominante no estado do Maranhão, tem diferente método de extração da castanha do Pará, informa o artista em mensagem ao autor por WhatsApp, em 26 de março de 2021.
- 66** CAVALLARI, Marcelo Mattos; TOLEDO, Marcos Miranda. What is the name of the babassu? A note on the confusing use of scientific names for this important palm tree. In: *Rodriguésia*. 2016, v. 67, n. 2, pp. 533-538. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-78602016000200533&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 21 fev. 2021.
- 67** *Nachleben*, a forma sobrevivente da Antiguidade ou sua pós-vida, é um conceito de Aby Warburg, que, muitas vezes, perguntou-se “que significa a sobrevivência do antigo?”. Georges Didi-Huberman escrutinou o conceito em *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contratempo e Museu de Arte do Rio, 2013.
- 68** Ver SALGUEIRO, Heliana Angotti. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 13. n. 2. pp. 21-72. jul.-dez. 2005.

- 69** Ver VEBLEN, Thorstein Bunde. *A Teoria da Classe Ociosa* (1899). Trad. Olívia Krähnenbühl. São Paulo: Ática, 1974.
- 70** Disponível em: <<https://serrapilheira.org/projetos/labverde-manifesta-arte-e-cultura/>>. Acesso em: 9 jun. 2021.
- 71** Disponível em: <<http://hipermedula.org/2016/04/labverde-imersao-artistica-na-amazonia/>>. Acesso em: 9 jun. 2021.
- 72** Ver HERKENHOFF, Paulo. In: *Pororoca, a Amazônia no MAR*. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio – MAR, 2014, p. 130.
- 73** Sobre judeus na Amazônia, consultar a bibliografia de Wagner Lins (Arieh Wagner), inclusive sua tese de doutorado na USP: “A mão e a luva: judeus marroquinos em Israel e na Amazônia. Similaridade e diferença na construção das identidades étnicas”.
- 74** BLAVATSKY, Helena. *A doutrina secreta – síntese da ciência, da religião e da filosofia*. Trad. Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2018, vol. I, passim.
- 75** DERRIDA, Jacques. “Foi et savoir”. In DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gianni. *La religion*. Paris: Éditions du Seuil, 1996, pp. 47-48.
- 76** DERRIDA, Jacques; SHAPIRO, David; SHKAPICH, Kim. *Body of Prayer: Written Words, Voices*. Nova York: The Irwin S Chanin School of Architecture, 2001, p. 59. Refere-se ao trecho “one can pray without understanding the words”.
- 77** ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.
- 78** CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Trad. Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1988.
- 79** A Portela foi fundada como um bloco carnavalesco, o Conjunto *Oswaldo Cruz*, em 11 de abril de 1923, no bairro de Oswaldo Cruz.
- 80** Apud DOUGLAS, Charlotte. Beyond reason: Malevich, Mathiushin, and their Circles. In: TUCHMAN, Maurice (org.). *The spiritual in art: abstract painting 1890-1985*. Los Angeles: Los Angeles County Museum of Art, 1986, p. 187.
- 81** Ver SANTOS, Daniela Cordovil Corrêa dos. *Religiões de matriz africana no Pará: entre a política e o ritual* (2012). Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/206/200>>. Acesso em: 2 abr. 2021.
- 82** TUCKER, Mary Evelyn; GRIM, John A. Introduction: the emerging alliance of world religions and ecology. In: *Daedalus*. Cambridge: The American Academy of Arts and Sciences, outono de 2001, v. 130, n. 4, passim.
- 83** ELIADE, Mircea. *Traité de l'Histoire des Religions* (1946). Paris: Payot, 1970, p. 220.
- 84** Ver HERKENHOFF, Paulo. “... feito poeira ao vento...”. In: *Pororoca, a Amazônia no Mar*. Rio de Janeiro: MAR/Museu de Arte do Rio, 2014, p. 327.
- 85** *Analema* é termo astronômico que indica um grafo curvo (em forma de 8) da posição de um corpo celeste no céu em dado lugar, registrado na mesma hora, em dias sucessivos, ao longo de um ano. Se essa ação fotográfica se repetisse em períodos de 24 horas, produziria uma imagem analemática do sol.
- 86** As informações sobre *Extremo Horizonte* são de Dirceu Maués em e-mail a Paulo Herkenhoff, em 2 de junho de 2021.
- 87** Fredric Jameson. *The political unconscious: narrative as a socially symbolic act*, 1981. Walter Benjamin. *Sobre o conceito de história*, 1940.
- 88** O projeto dos *Precisa-se do presente* foi financiado pelo programa Rumos, do Instituto Itaú Cultural, em 2015.
- 89** *Antropoemia* é composto pelos termos gregos *anthropos* (homem) e *emein* (vômito), que designa rejeitar as diferenças do Outro (Claude Lévi-Strauss, *O pensamento selvagem*).
- 90** Em email ao autor em 28 de julho de 2013.
- 91** “Inferno Verde” é a descrição dada à Amazônia por Alberto Rangel em *Inferno verde (scenas e cenários do Amazonas)*, de 1908. O prevaiente foto-monocromo azul nesta série de Octávio Cardoso abre exceções para verdes da mata e solaridade do poente.
- 92** Na exposição *Pororoca, a Amazônia no MAR* (2014), no Museu de Arte do Rio, Cardoso exibiu um conjunto de fotografias da série *Azul* em lento *slideshow* em monitores de vídeo.
- 93** Ver CUZZIOL, Marcos et al. *Consciência cibernética [?]*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018, passim. Essa corajosa exposição foi um marco histórico de seu tema, com profundo vínculo com a academia e distância do mercado de arte.
- 94** LEWIS, Wyndham. Londres: Methuen, 1954, passim, especialmente o capítulo VI.
- 95** BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Trad; Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 20011, p. 7.
- 96** GASS, William. *On being blue, a philosophical inquiry*. Boston: David R. Godine, 2007.
- 97** HELLER, Eva. *A psicologia das cores*. Trad. Maria Lucia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, p. 22.
- 98** BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos* (1942). Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp 15-16.
- 99** Texto adaptado do original: MANESCHY, Orlando Franco. Armando Queiroz: olhar sobre a violência na Amazônia – Brasil. *Revista Cromá, Estudos Artísticos*. ISSN 2182-8547. Vol. 1 (1), 2013, pp. 31-37.
- 100** MOKARZEL, Marisa. Armando Queiroz: Cântico dos corpos. In: MACHADO, Vânia Leal (Org.); MANESCHY, Orlando (Curadoria geral e org.); MOKARZEL, Marisa (Curadoria especial Armando Queiroz). *29ª Arte Pará*. Belém: Fundação Romulo Maiorana, ISBN 978-85-62494-04-8, 2011, p.60.
- 101** QUEIROZ, Armando. *O fio da ameaça*. Belém: Fundação Romulo Maiorana. ISBN: 978-85-6249-03-1, 2011, p. 14.
- 102** QUEIROZ, Armando. Queiroz, Armando. *Video Midas e Ouro de Tolo (Arcadas)*. Belém, 2009, p. 1. Resumo.
- 103** HERKENHOFF, Paulo. Armando Queiroz – Paulo Herkenhoff entrevista Armando Queiroz. *Armando Queiroz* (catálogo). Brasília: Prêmio Marcantônio Vilaça – CNI, 2009, p.3.
- 104** Email da artista ao autor em email de 28 de junho de 2021.

Notes

- 1** LAGROU, Elsje Maria. "O que nos diz a arte Kaxinawá sobre a relação entre identidade e alteridade?". In: *Mana*, vol. 8(1), pp. 29-61, 2002.
- 2** Information about *Cinco tempos do povo morcego* was provided by Anna Dantes, organizer with Ailton Krenak of the *Selvagem* platform; her publishing house Dantes Editora publishes works by the shaman Dua Busê and others. See: <<https://dantes.com.br/projetos/una-shubuhiwea/>>.
- 3** Indigenous captivity is also called red slavery. See MORAES FILHO, Mello. *A escravidão vermelha*. Rio de Janeiro: Faro & Lino, c. 1880. Roberto Simonsen legitimized indigenous enslavement by colonizers given the "economic imperatives that justified it" in *História Econômica do Brasil 1500-1820* (1937). Brasília: Senado Federal, 2005, p. 401.
- 4** VATTIMO, Gianni et al. Postmodernidad: Una Sociedad Transparente?. In: *En Torno a la Postmodernidad*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1991, p. 11.
- 5** CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Índios no Brasil – história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2020.
- 6** There are few women who exercise the function of shaman among the indigenous societies in Brazil.
- 7** See SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, UFRJ, 1979, n. 32, pp. 2-19.
- 8** With the collaboration of Anna Dantes and Ernesto Neto.
- 9** Participating in the movement in Pará were photographers Luiz Braga, Miguel Chikaoka, Elza Lima, Octávio Cardoso, Walda Marques, painters Emmanuel Nassar, Osmar Pinheiro and Dina Oliveira, and ceramist Ruy Meira, with theoretical support from Benedito Nunes and João de Jesus Paes Loureiro; in Manaus, Roberto Evangelista, Rita Loureiro, Jair Jacquemont, Otoni Mesquita, and Sergio Vieira Cardoso; in Acre, Hélio Melo.
- 10** DIDI-HUBERMAN, Georges. *Phasmes, essays sur l'apparition*. Paris, Les éditions de minuit. 1998, pp. 35-38. Michel Foucault, op. cit. note 17 infra, associates certain heterotopias to chronicities, parties with their fairs, stalls with "heteroclitic objects" and shows.
- 11** See HERKENHOFF, Paulo. The Incomplete Glossary of Sources of Latin American Art. In: *Cartographies*. Winnipeg: Winnipeg Art Gallery, 1993, passim.
- 12** HERKENHOFF, Paulo. As latitudes de Emmanuel Nassar. In: *Emmanuel Nassar, a poesia da gambiarra*. Denise Mattar (org.). Rio de Janeiro: CCB, 2003, p. 4.
- 13** Ibidem, p. 11.
- 14** LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. Transl. Pedro Tamen. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988, p. 228.
- 15** In Belém, *invasions* are "legally irregular occupations of land in peripheral urban areas of the metropolitan region (...) especially between the mid-1980s and the first half of the 1990s", according to PINHEIRO, Andréa de Cássia et alii. *Assentamentos precários na região metropolitana de Belém: baixadas e ocupações*. 2016. Available at: <<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9614/1/Assentamentos%20prec%C3%A1rios.pdf>>. Access on: Mar. 9, 2021.
- 16** Following the path of HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Transl. Tomaz T. da Silva and Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2005.
- 17** FOUCAULT, Michel. *De Outros Espaços*. Pedro Moura (transl. Conferência no Cercle d'Études Architecturales, Paris, Mar 14, 1967). Available at: <https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf>. Access on: Feb. 2, 2021.
- 18** GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Transl. Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- 19** Texto adaptado do originalmente publicado na Revista *Arteriais* | v.6 | n. 9 | dez. 2019 – PPGArtes/UFGA.
- 20** LEAL, Vânia. *Corpo que tudo nasce*. Belém: Arte Pará, 2017. In press.
- 21** NIMUENDAJÚ, Curt. *The Eastern Timbira*. Berkeley: University of California Press, 1946, p. 51.
- 22** DEMARCHI, André. Artes da cura: pinturas corporais em alguns grupos Jê. In: *Revista de antropologia da USCAR*, n. 11 (2), Jul./Dec. 2019, pp. 142-166. Available at: <<http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/06/6.pdf>>. Access on: Mar. 9, 2021.
- 23** FELIX, Zdenek; VOWINCKEL, Andreas; KOHLER, Michael. *Constructed Realities: The Art of Staged Photography*. Zurich: Edition Stemmler, 1995, passim.
- 24** Ibidem.
- 25** See SEEGER, Anthony, DA MATTA, Roberto and VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo.
- "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras". Rio de Janeiro. Boletim do Museu Nacional / UFRJ, 1979, n. 32, p. 2 – 19. Available at: http://www.ppgasmn-ufrj.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim_do_museu_nacional_32.pdf on April 10, 2021.
- 26** SURYA, Michel. *Humanimalité: l'inéliminable animalité de l'homme*. Éditions du Néant, 2001.
- 27** BENJAMIN, Walter. On the concept of history. Transl. Harry Zohn. In: *Walter Benjamin: Selected writings*. The Belknap Press, 2003, vol. 4, p. 389.
- 28** SANTOS, Milton. *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. Transl. Sandra Lecioni. Edusp, 2009, p. 9.
- 29** GUINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira – nove reflexões sobre a distância*. Transl. Eduardo Brandão. Companhia das Letras: 2001, p. 197.
- 30** VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. In: *Mana*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, pp. 115-144, Oct. 1996.
- 31** DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. In: *Mana*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, Apr. 1998.
- 32** GUIMARÃES, Roberto Pereira. Desenvolvimento sustentável: da retórica à formulação de políticas públicas. In: BECKER, Bertha K.; MIRANDA, Mariana (org.). *A geografia política do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 18.
- 33** SALGADO, Anailton Guimarães. *Florestania: um desafio de cidadania no contexto pós-colonial*. Coimbra, 2011. Available at: <<https://cabodostabalhos.ces.uc.pt/n6/documentos/02-AnailtonSalgado.pdf>>. Access on: Mar. 23, 2021.
- 34** CELESTINO, Danielle; VERÍSSIMO, Beto. *A Amazônia e os Objetivos do Milênio*. Belém, PA: Imazon, 2007, pp. 31-32.
- 35** PARDINI, Patrick. *Patrick Pardini – exposição e oficina de fotografia no Museu da UFPA*. Available at: <<http://holofotevirtual.blogspot.com/2009/02/patrick-pardini-exposicao-e-oficina-de.html>>. Access on: Apr 24, 2021.
- 36** VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "O perspectivismo ameríndio ou a natureza em pessoa." 2005. In: *Ciência & Ambiente*, 2005, vol. 31, passim.
- 37** Term taken from GREENSTEIN, Madeleine et alii. In: *A forest of signs – Art in the crisis of representation*. Cambridge: MIT Press, 1989.

- 38** BENJAMIN, Walter. Teses Sobre o Conceito de História. In: *Obras Escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política*. Transl. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 226.
- 39** SALLES, João Moreira. Que doenças a floresta esconde? In: *Piauí*, Rio de Janeiro, October 2020, n. 169. Available at: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-elefante-negro/>>. Access on: Mar. 10, 2021. "Nobody knows the number of viruses in the Amazon," says virologist Pedro Vasconcelos. All the data and quotes about the diseases and their vectors in the Amazon were extracted from this article by Moreira Salles.
- 40** Miguel Chikaoka in an interview with Paulo Herkenhoff on July 13, 2008. In *Laços do olhar: roteiros entre o Brasil e o Japão*. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake, 2009.
- 41** "In that experience of the *Hagakure* I've learned, and I try to exercise, that I have the place of death as something more inspiring, that I bring to a spiritual and poetic field. All our lives we try to learn how to live. We must learn to die, to value death as something wonderful and beautiful. It's good that you're going to die one day. It's painful, but there's no way to avoid it," said Miguel Chikaoka in an interview with Maria Hirzsmann. "Em entrevista para ZUM, Miguel Chikaoka fala sobre sua formação e trajetória fotográfica". *ZUM*, March 9, 2015; Available at <https://revistazum.com.br/radar/entrevista-chikaoka/> on February 20, 2021.
- 42** CHIKAOKA, Miguel. "Notas sobre o caminho." HERKENHOFF, Paulo (org.). *Pororoca, a Amazônia no Mar*. Rio de Janeiro, MAR / Museu de Arte do Rio, 2014, p. 475.
- 43** TSUNETOMO, Yamamoto. *Hagakure: o livro do samurai*. Transl. Sérgio Codespot. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2004.
- 44** Text adapted from the original published in the Journal *Croma, Artistic Studies*. ISSN 2182-8547, e-ISSN 2182-8717. 5, (10), July-December 2017, 20-27).
- 45** See MANESCHY, Orlando; MOKARZEL, Marisa. Fora do centro, dentro da Amazônia – Fluxo de Arte e lugares na estética da existência. In: *Amazônia: ciclos de modernidade*. São Paulo: Zureta, 2012.
- 46** MOKARZEL, Marisa. Série Orgânicos e os prolongamentos de si. In: MAGNO, Luciana. *Orgânicos* (catalogue). Belém: Banco da Amazônia, 2016.
- 47** MAGNO, Luciana. *Telefone sem Fio – do Oiapoque ao Chuí* (project). Fortaleza, 2013, p.2.
- 48** Denilson Baniwa in response to Paulo Herkenhoff, in an email of March 28, 2021.
- Except where otherwise noted, all quotes from the artist were taken from that message.
- 49** Regarding the use of the term "myth," Ailton Krenak states that, "in the case of indigenous peoples, the continued memory has to visit a place that they insist on calling it a myth, because they want to empty it of historical meaning, and therefore, they call it a myth." In: Ailton Krenak, "A Potência do Sujeito Coletivo [The Power of the Collective Subject]" (Part II), interview with Jailson de Souza e Silva, available at: <<http://revistaperiferias.org/materia/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/?pdf=160>>.
- 50** Alexandre Sequeira's text condensed by this author.
- 51** Text adapted from the original: MANESCHY, Orlando Franco. Éder Oliveira, a Amazônia não é para os fracacos. *Magazine Estúdio, artistas sobre outras obras*. v. 9, n. 23, July – September 2018. ISSN 1647 – 6158 | e-ISSN 1647-7316, p. 150-159.
- 52** OLIVEIRA, Éder. *Autorretrato* [Self-Portrait] In: *Pororoca – a Amazônia no MAR*. Rio de Janeiro: MAR/ Editora Circuito, 2014. ISBN: 978-85-64022-60-7, p. 346
- 53** ZOGHBY, João. "Amazônia cheia de vida e esperança para toda a humanidade" (2019). Available at: <<https://www.diariodaamazonia.com.br/talentos-franciney-wasconcelos/>>. Access on: Jan. 30, 2021.
- 54** Gabriel Bicho in an email to Paulo Herkenhoff, on March 15, 2021.
- 55** Idem.
- 56** MOREIRA SALLES, João. "Que doenças a floresta esconde?" *Piauí*, Rio de Janeiro, October 2020, n. 169, available on the website <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-elefante-negro/> on March 10, 2021.
- 57** Gabriel Bicho. Quote in "Gabriel Bicho exhibe trabalho no Porto do Sal" (2016) on the website <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/12/gabriel-bicho-mostra-obras-ineditas-no-porto-do-sal.html>, accessed on March 26, 2020.
- 58** In 2018, Xadalu participated in the exhibition *RS XXI – Rio Grande do Sul Experimental* at Santander Cultural. On that occasion, he installed a green panel with yellow letters with the INDIGENOUS AREA ownership declaration, in the process of public intervention started in 2015. For the vernissage, Xadalu brought a group of about 40 Guarani youngsters who shouted, "The museum is indigenous land!" Gabriel Bicho operates, therefore, a citational appropriation of Xadalu's urban intervention project.
- 59** GUSTAVO. *Baaraz Kawau*. Gustavo e Daniel Barbosa (ed.). Curitiba: Picada Impressões Indígenas, 2020, n/n. (The artist prefers to sign as Gustavo.)
- 60** DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Transl. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contratempo e Museu de Arte do Rio, 2013, pp. 40 to 44. (Nachleben and Pathosformel.)
- 61** GUSTAVO. *Baaraz Kawau*. Gustavo e Daniel Barbosa (ed.). Curitiba: Picada Impressões Indígenas, 2020, n/n.
- 62** This is a condensation of the artist's text written in 2021, when he returned to visit his family in the *quilombo* of Jmary dos Pretos, in Maranhão, after two years living in Rio de Janeiro. "*Quilombos*" is the denomination of the ancestral villages inhabited by descendants of enslaved people.
- 63** Text originally published in Pororoca – a Amazônia no MAR, Rio de Janeiro – edited by Circuito/Museu de Arte do Rio – MAR, 2014
- 64** Rafael Cardoso is an art historian and writer. He is a member of the Post Graduate Program in Art History at the State University of Rio de Janeiro (Institute of Arts) and a associated researcher at the Freie Universität Berlin (Lateinamerika-Institut).
- 65** The babassu, predominant in the state of Maranhão, has a different extraction method than the Brazil nut, informs the artist in a WhatsApp message to the author on March 26, 2021.
- 66** CAVALLARI, Marcelo Mattos; TOLEDO, Marcos Miranda. What is the name of the babassu? A note on the confusing use of scientific names for this important palm tree. In: *Rodriguésia*. 2016, v. 67, n. 2, pp. 533-538. Available at: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-78602016000200533&lng=en&tlng=en>. Access on: Feb. 21, 2021.
- 67** *Nachleben*, the surviving form of Antiquity or its afterlife, is a concept by Aby Warburg, who has often asked himself "what does the survival of the ancient mean?" Georges Didi-Huberman scrutinized the concept in *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Transl. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contratempo e Museu de Arte do Rio, 2013.
- 68** See SALGUEIRO, Heliana Angotti. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas"

do Brasil moderno. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. v. 13. n. 2. pp. 21-72. Jul-Dec. 2005.

69 See VEBLEN, Thorstein Bunde. *A Teoria da Classe Ociosa* (1899). Transl. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Ática, 1974.

70 Available at: <<https://serrapilheira.org/projetos/labverde-manifesta-arte-e-cultura/>>. Access on: Jun 09, 2021.

71 Available at: <<http://hipermedula.org/2016/04/labverde-imersao-artistica-na-amazonia/>>. Access on: Jun 09, 2021.

72 See HERKENHOFF, Paulo. In: *Pororoca, a Amazônia no MAR*. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio – MAR, 2014. p 130.

73 On Jews in the Amazon, see the bibliography by Wagner Lins (Arieh Wagner), including his doctoral thesis at USP: “A mão e a luva”: judeus marroquinos em Israel e na Amazônia. Similaridade e diferença na construção das identidades étnicas”.

74 BLAVATSKY, Helena. *A doutrina secreta – síntese da ciência, da religião e da filosofia*. Transl. Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2018, vol. I, passim.

75 DERRIDA, Jacques. “Foi et savoir”. In DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gianni. *La religion*. Paris: Éditions du Seuil, 1996, pp. 47-48.

76 DERRIDA, Jacques; SHAPIRO, David; SHKAPICH, Kim. *Body of Prayer: Written Words, Voices*. New York: The Irwin S Chanin School of Architecture, 2001, p. 59. It refers to the excerpt “one can pray without understanding the words”.

77 ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

78 CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Transl. Geminiano Cascais Franco. Lisbon: Edições 70, 1988.

79 Portela was founded as a carnival block, Conjunto *Oswaldo Cruz*, on April 11, 1923, in the Oswaldo Cruz neighborhood.

80 Apud DOUGLAS, Charlotte. Beyond reason: Malevich, Mathiushin, and their Circles. In: TUCHMAN, Maurice (org.). *The spiritual in art: abstract painting 1890-1985*. Los Angeles: Los Angeles County Museum of Art, 1986, p. 187.

81 See SANTOS, Daniela Cordovil Corrêa dos. *Religiões de matriz africana no Pará: entre a política e o ritual* (2012). Available at: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/206/200>>. Access on: Apr 2, 2021.

82 TUCKER, Mary Evelyn; GRIM, John A. Introduction: the emerging alliance of world religions and ecology. In: *Daedalus*. Cambridge: The American Academy of Arts and Sciences, fall of 2001, v. 130, n. 4, passim.

83 ELIADE, Mircea. *Traité de l'Histoire des Religions* (1946). Paris: Payot, 1970, p. 220.

84 See HERKENHOFF, Paulo. “... feito poeira ao vento...”. In: *Pororoca, a Amazônia no Mar*. Rio de Janeiro: MAR/Museu de Arte do Rio, 2014, p. 327.

85 *Analemma* is an astronomical term that indicates a curved graph (in the shape of an 8) of the position of a celestial body in the sky in a given place, recorded at the same time, on successive days, over the course of a year. If this photographic action were repeated in periods of 24 hours, it would produce an analemmatic image of the sun.

86 Information about *Extremo Horizonte* is from Dirceu Maués in an e-mail to Paulo Herkenhoff, on June 2, 2021.

87 JAMESON, Fredric. *The political unconscious: narrative as a socially symbolic act*, 1981. Walter Benjamin. *Sobre o conceito de história*, 1940.

88 *The Need of the Present* project was funded by the Rumos program of the Instituto Itaú Cultural in 2015.

89 *Anthropoemy* is composed of the Greek terms *anthropos* (man) and *emein* (vomit) which designates rejecting the differences of the Other (Claude Lévi-Strauss, *O pensamento selvagem*).

90 In an email to the author on July 28, 2013.

91 “Green Hell” is the description given to the Amazon by Alberto Rangel in *Inferno verde (scenas e cenários do Amazonas)*, from 1908. The prevailing blue monochrome photo in this series by Octavio Cardoso makes exceptions for forest greens and sunset sunlight..

92 In the exhibition *Pororoca, a Amazônia no MAR* [Pororoca, the Amazon at MAR] (2014), at the Museu de Arte do Rio [Rio Museum of Art], Cardoso exhibited a set of photographs from the *Blue* series in a slow *slideshow* on video monitors.

93 See CUZZIOL, Marcos et al. *Consciência cibernética [?]*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018, passim. This courageous exhibition was a milestone of its subject, with deep ties to academia and distance from the art market.

94 LEWIS, Wyndham. London: Methuen, 1954, passim, especially chapter VI.

95 BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Transl; Vera Pereira Rio de Janeiro: Zahar, 20011, p. 7.

96 GASS, William. *On being blue, a philosophical inquiry*. Boston: David R. Godine, 2007.

97 HELLER, Eva. *A psicologia das cores*. Transl. Maria Lucia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, p. 22.

98 BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos* (1942). Transl. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp 15-16.

99 Text adapted from the original: MANESCHY, Orlando Franco. Armando Queiroz: olhar sobre a violência na Amazônia – Brasil. *Magazine Croma, Estudos Artísticos*. ISSN 2182-8547. Vol. 1 (1), 2013, pp. 31-37.

100 MOKARZEL, Marisa. Armando Queiroz: Cântico dos corpos. In: MACHADO, Vânia Leal (Org.); MANESCHY, Orlando (Curatorship and org.); MOKARZEL, Marisa (Special curator Armando Queiroz). *29ª Arte Pará*. Belém: Fundação Romulo Maiorana, ISBN 978-85-62494-04-8, 2011, p.60.

101 QUEIROZ, Armando. *O fio da ameaça*. Belém: Fundação Romulo Maiorana. ISBN: 978-85-6249-03-1, 2011, p. 14.

102 QUEIROZ, Armando. Queiroz, Armando. *Video Midas and Ouro de Tolo (Arcadas)*. Belém, 2009, p. 1.

103 HERKENHOFF, Paulo. Armando Queiroz – Paulo Herkenhoff interview Armando Queiroz. *Armando Queiroz* (catalogue). Brasília: Prêmio Marcantônio Vilaça – CNI, 2009, p.3.

104 In an Email from artist to author dated June 28, 2021.

ORGANIZADORES | ORGANIZATION

Paulo Herkenhoff
Silvia Finguerut

COORDENAÇÃO GERAL | GENERAL COORDINATION

Silvia Finguerut

DIREÇÃO DE ARTE | ART DIRECTION

Paulo Herkenhoff

DESIGN GRÁFICO E PRODUÇÃO DE ARTE

GRAPHIC DESIGN AND ART PRODUCTION

Fernando Leite/Verbo Arte Design

COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL

INSTITUTIONAL COORDINATION

Patricia Werner

REVISÃO | PROOFREADING

Débora Moreira Giunti
Isabel Ferreira Maciel
Maria Cristina Sampaio Lopes
Regina Protasio

TRADUÇÃO | TRANSLATION

Follow-up Traduções

GRÁFICA | PRINTING

BMF Gráfica

FOTOGRAFIAS DE OBRAS DE ARTE

ARTWORK PHOTOGRAPHS

Alexandre Sequeira p. 264, 267
Arieh Wagner p. 259
Bruno Leão p. 278, 279, 280, 281
Claudia Tavares p. 291
Daiane Mendonça p. 271
Daniel Jabra p. 218
Ding Musa p. 290
Éder Oliveira p. 268, 269
Fernando Leite p. 222, 224-225, 226, 227, 228, 229, 274, 275
Filipe Berndt p. 212
Isabella Matheus p. 263
Jaime Acioly p. 221, 255
Marcone Moreira p. 219, 288
Mariana Botelho p. 282, 283
Miguel Rio Branco p. 215
Octávio Cardoso p. 214, 216, 270, 289
Otoni Mesquita p. 285, 286-287
Thiéle Elissa p. 272, 273
Valentino Fialdini p. 231
Vicente de Mello p. 56, 57, 233

AGRADECIMENTOS | ACKNOWLEDGMENTS

Acelino Sales Tuí Huni Kuin
Adriana Varejão
Ailton Krenak
Alexandre Sequeira
André Millan
Andréa Zabrieszsch Santos
Anna Dantes
Arieh Wagner
Armando Queiroz
Bené Fonteles
Berna Reale
Bruno Leão
Bruno Reis Ribeiro
Caw Creh Akroá Gamella
Charles Cosac
Claudia Tavares
Daiane Mendonça
Daiara Tukano
Danielle Ribeiro
Denilson Baniwa
Dirceu Maués
Dina Oliveira
Domingos Nunes
Éder Oliveira
Emmanuel Nassar
Everton Ballardin
Fabio Pena
Frances Reynolds
Franciney Vasconcelos
Gabriel Bicho
Gustavo Caboco
Guy Veloso
Ibã Sales e Coletivo Makhu
Isabella Matheus
Jaider Eisbell
Jaldo Akroá Gamella
Joaquim Marçal
Joelington Rios
José Domingos Itsairu
José Mateus Itsairu
Jussara Derenji
Kakoth Akroá Gamella
Keyla Sobral
Klinger Carvalho
Kum'tum Akroá Gamella
Laís Furtado
Marcia Mello
Marcone Moreira
Mariana Botelho
Mariana Veluk
Maspã Huni Kuin
Miguel Chikaoka
Milton Guran
Mônica Carneiro Alves
Nataraj Trinta
Nelson Sanjad

Otoni Mesquita
Orlando Maneschy
Pajé Dua Busê
Patrick Pardini
Rafael Cardoso
Rafaela Campos Alves
Roberta Carvalho
Roberta Maiorana
Tereza Paixão Bandeira
Thiago Martins de Melo
Thiéle Elissa
Txana Shane
Suzana Primo dos Santos Karipuna
Vânia Leal

Galeria Bergamin & Gomide
Museu de Arte do Rio – MAR
Museu de Arte de Belém – MABE/
FUMBEL/PMB
Fundação Biblioteca Nacional – FBN
Instituto Moreira Sales – IMS
Galeria Millan
Povo Akroá-Gamella
Povo Huni Kuin
Pinacoteca do Estado de São Paulo

A localização das diversas pessoas retratadas nas imagens que constam nesse livro não é possível em vista da ausência de qualquer informação objetiva. Desta forma, agradecemos a todos aqueles aqui retratados a oportunidade de usar suas imagens.

The location of the various people portrayed in the images contained in this book is not possible due to the absence of any objective information. For this reason, we thank all those portrayed here for the opportunity to use their images.